

ADRIANA ABREU MAGALHÃES DIAS

**OS ANACRONAUTAS DO TEUTONISMO VIRTUAL:
Uma etnografia do neonazismo na Internet**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Campinas
2007**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

D543a **Dias, Adriana Abreu Magalhães**
 Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do
 neonazismo na Internet / Adriana Abreu Magalhães Dias.
 - - Campinas, SP : [s. n.], 2007.

Orientador: Suely Kofes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Levi-Strauss, Claude, 1908-. 2. Antropologia.
3. Etnografia. 4. Neonazismo. 5. Identidade. 6. Estruturalismo.
7. Ciberespaço. I. Kofes, Suely II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(cn/ifch)

**Título em inglês: Anachronauts of the virtual teutonicism: an ethnography of
the neo-nazism in Internet**

Palavras chaves em inglês (keywords) :

Anthropology
Ethnography
Neo-nazism
Identity
Struturalism
Cyberspace

Área de Concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora: Suely Kofes, Mauro William Barbosa de Almeida,
Vanessa Rosemary Lea, Fernando Antônio Lourenço

Data da defesa: 06-11-2007

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

ADRIANA ABREU MAGALHÃES DIAS

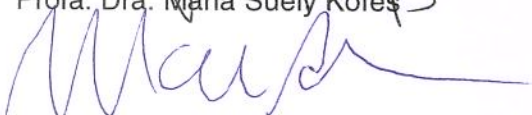
**Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: Uma etnografia do
neonazismo na Internet.**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Maria Suely Kofes.

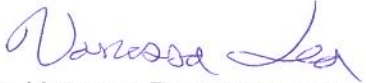
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 06 de novembro de 2007.

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Maria Suely Kofes


Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida

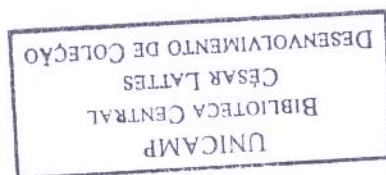

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço


Profa. Dra. Vanessa Rosemary Lea

Prof. Dr. John Manuel Monteiro - Suplente

Prof. Dr. Thomas Patrick Dwyer - Suplente

**Campinas
Novembro 2007**



**Para Jampio, Cristina e Marcelo,
com amor.**

AGRADECIMENTOS

*Ninguém rebaixe a lágrima ou censure
Esta declaração da maestria
De Deus, que com magnífica ironia
Deu-me a um só tempo os livros e a noite.
Jorge Luís Borges, "Poema dos dons"¹*

Foram muitos os livros e imensas as noites. Nelas, eles por companhia, na tentativa de decifrar sentidos, nos caminhos desta jornada pela Internet, sentidos que me fugiam e revelavam o ocaso da minha compreensão: a “magnífica ironia” estava dada. A noite e os livros não me bastaram e a jornada tomou forma de labirinto e se bifurcou, múltiplas vezes, cruzando outros caminhos, outras experiências e outras pessoas. A todas elas sou muito grata. Sem estas pessoas a noite seria infinita e os livros absolutamente insuficientes.

Agradeço, em primeiro lugar, à Professora Dra. Suely Kofes. Agradeço por ter aceitado a proposta de me orientar, por me incentivar, continuamente a não desistir diante das bifurcações que a pesquisa me impunha, por seus comentários, por me presentear com seu exemplo, com seu conhecimento antropológico, com suas aulas mais que maravilhosas. A amizade construída nestes anos, verdadeira partilha de inquietações intelectuais, se revelou uma experiência riquíssima e estimuladora, e nela me inspiro como antropóloga e como pessoa humana. Pensando na relação com Suely, recordo-me de uma aula, de Cláudio Ulpiano, em 1989 em que ele apresentou uma belíssima introdução ao conceito de perfeição: nela me sustento para introduzir este agradecimento: “o que estiver sob o efeito do tempo é necessariamente inacabado: o que está no tempo está em passagem, está em mutação. [...] Aquilo que está no tempo é e não-é ao mesmo tempo. Porque é, está deixando de ser aquilo que é. O que faz uma clara distinção entre a idéia de perfeição e aquilo que está no tempo. [...] Então, há uma diferença entre as coisas que estão no tempo e a idéia de perfeição².” Neste sentido, Suely, é que desejo que nossa relação permaneça eternamente “necessariamente inacabada”, para que os estímulos e alegrias que se fizeram sempre presentes possam ter espaço e tempo para se ampliarem ainda mais.

Agradeço também a todos os professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Campinas, em especial ao Professor Dr. Mauro William Barbosa de Almeida, à Professora Dra. Vanessa Rosemary Lea que integraram a banca de qualificação, e que me ofertaram, generosamente, uma leitura atenta e rigorosa de meu texto, apontando limites e potencialidades, por meio de críticas e sugestões que articularam novos luminares para a minha discussão, muitas das quais

¹ No original: “Nadie rebaje a lágrima o reproche / Esta declaración de la maestría / De Dios, que con magnífica ironía / Me dio a la vez los libros y la noche. (BORGES, 1984, p. 49-50).

² Fonte: (Acessado em 02 de junho de 2005.) Comunidade Cláudio Ulpiano, Disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=418205>.

incorporei ao presente texto. Ao Professor Thomaz Dwyer, ao Prof. John Monteiro e ao Professor Fernando Lourenço, pelo estímulo, pela amizade, pelas contribuições diversas.

É preciso agradecer, sempre, e com particular ternura, a Neide, a Maria José e a Irene, funcionárias do Instituto, por seu apoio, cuidado e amizade.

Aos colegas de mestrado, em especial a Iracema e a Daniela, pela parceria e pelo partilhar intelectual e afetivo.

Ao professor Victor Karady por, nas respostas a meus e-mails ter estimulado a minha busca e apontados novas fontes para a mesma. Ao Procurador Geral do Ministério Público, e Coordenador do Grupo de Combate a Crimes Cibernéticos, Sérgio Gardenghi Suiama, exemplo de luta na defesa dos direitos humanos no Brasil, por ter recebido as minhas denúncias contra os sites racistas. Aos meus entrevistados, militantes do movimento anti-racista, judeus sobreviventes de campos de concentração e aos internautas que se dispuseram a discutir minha pesquisa e minhas indagações.

Ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, em especial à Quarta Vara Cível, meu local de trabalho, e aos colegas José Felipe, Marisa, Carmem, Eliane, Cláudio e Sandro, pelo estímulo constante. Pelo mesmo motivo, não posso deixar de citar Karen, Nilzely, Natália, Benedita, Márcia, e Natália.

Aos muito amados Alexandre, Ana, Aline e Adriana, meu irmão, cunhada, e sobrinhas, que suportam a distância imposta pela pesquisa, minha gratidão e meu amor. A Miriam, minha prima querida, a Ezechias, a Francisco, Pedro e André pelo acolhimento festivo e pelo incentivo de anos, ao Marcelo Paris pelos debates marcados pelo humor, também sou muito grata. A Terezinha de Fátima e a Patrícia, porque permitem, com seu cuidado afetoso, que eu tenha tempo e disposição para estudar.

Ao meu pai, o sacerdote João Pedro Baresi, pai, amigo, disposto a tudo para facilitar o processo. Ao meu companheiro, Marcelo, pelo amor e disponibilidade de dividir seu tempo comigo e com meu Mestrado. A Cristina, por ser Cris e Tina e ambas me acolherem tão maravilhosamente. A essas três pessoas especialíssimas dedico este trabalho, certa de que recebi muito mais do que fui capaz de retribuir em encorajamento, ternura, disponibilidade e amor.

“Um rizoma não começa e nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duras margens e adquire velocidade no meio...”

(DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37)

RESUMO

Esta pesquisa busca apreender o universo simbólico das URLs racistas, revisionistas e neonazistas na Internet. O propósito da investigação é, por meio da observação etnográfica das práticas e representações discursivas expostas em sites, portais, comunidades, fóruns, chats e listas de discussão, que abordam este tema, compreender que tipo de relação se constrói entre o espaço digital e a defesa da idéia de "raça ariana", realizada por meus "nativos". Como foco privilegiei os aspectos simbólicos que melhor evidenciam a interface entre estas duas dimensões, por meio da pesquisa empírica e do exercício teórico. A partir deste recorte, emergiram algumas perspectivas relevantes na construção identitária que o racista desenvolve para si e para o outro, tais como as marcas genômicas e mitológicas evidentes em seu discurso, as redefinições da fronteira entre digitalidade e realidade e a luta política "dos arianos", na WEB. O argumento central resultante da pesquisa é de que o neonazismo interpreta simbolicamente o mundo contemporâneo, nos sites analisados, articulando mitos, narrativas e rituais. Neste processo, evidencia-se a elaboração de uma forma específica de identidade: o "teutonismo".

Palavras Chaves: Antropologia. Etnografia. Estruturalismo. Neonazismo. Identidade, Ciberespaço.

ABSTRACT

This research attempts to apprehend the symbolic universe of racist, revisionist and neonazi pages in the Internet. The aim of the investigation is to understand what kind of relationship is built between the digital space and the defense of the idea of an "Aryan race" attempted by my 'natives'. This is done by means of ethnographic observation of practices and discursive representations posted at sites, forums, communities, chats and discussion lists. I focus on those symbolics aspects that highlight best the interface between digital space and racism, by means of both empirical research and theoretical exercise. From this vantage point, some features of the identitary construction developed by racists for themselves and for others were made visible, namely, the genomic and mythic marks of their discourse, the redefinition of the frontiers between digital world and reality, and the "aryan" political struggle in the WEB. The main argument resulting from this research is that the neonazism interprets symbolically the contemporary world by articulating myths, narratives e rituals. Along this process, a specific way of identity is manifested: the "teutonicism".

Keywords: Anthropology. Ethnography. Struturalism. Identity. Neo-nazism. Cyberspace.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Livres na Internet (V88)	38
FIGURA 2	Presentes na Internet (NON)	38
FIGURA 3	Presentes na Internet (NON)	39
FIGURA 4	Mapa das Comunidades On-line	57
FIGURA 5	A primeira ilha – O site Revisão Histórica	112
FIGURA 6	Site Atual do National Alliance	115
FIGURA 7	Primeira página disponível do National Alliance	115
FIGURA 8	A Runa Algiz abre a Exposição Nazista Das Wunder des Lebens	116
FIGURA 9	Detalhe da Runa “protegendo” a “vida ariana”	117
FIGURA 10	O site Valhalla 88	120
FIGURA 11	Cartaz do Valhalla88 de incitação ao homicídio	123
FIGURA 12	Cartaz validando a ciência médica como “branca”	124
FIGURA 13	Home atual do site da WAU	130
FIGURA 14	Home da WAU em 18.02.2005	130
FIGURA 15	Imagem do Corvo no site da WAU, na chamada da publicação Morrigan Rising	132
FIGURA 16	Corvo na capa do Panfleto vendido na WAU	133
FIGURA 17	A deusa Psiqué e a Mitologia Grega no Portal WAU	135
FIGURA 18	Uma Valquiria no Portal WAU	135
FIGURA 19	A Entrada do diretório acerca de Richard Wagner no site Nueva Orden	136
FIGURA 20	Eduardo Del Segue preso em Curitiba	142
FIGURA 21	Fotos disponibilizadas em Portal da Agência Paranaense de Notícias	143
FIGURA 22	Post em Tópico na Comunidade do Orkut “Eu quero ter 4 filhos loiros”	167
FIGURA 23	Cartaz com o deus Thor	175

FIGURA 24	A Suástica	176
FIGURA 25	Símbolos Rúnicos	184
FIGURA 26	Rotas do Mito Proto-Nórdico	198
FIGURA 27	Aparição do deus Donner na tetralogia do Anel dos Nibelungos	209

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Tamanho (número de URLs e bytes), densidade (links e multimídias por página) e profundidade (em diretórios) dos sites racistas	92
TABELA 2	Tamanho (número de URLs e bytes), densidade (links e multimídias por página) e profundidade (em diretórios) dos blogs racistas	93
TABELA 3	Médias dos dados de tamanho (número de URLs), densidade (links e multimídias por página) e profundidade (em diretórios) dos sites e blogs racistas	93
TABELA 4	Quantos sites há um num site racista?	96
TABELA 5	Disputas e vitórias no mito de Thor	203
TABELA 6	Armas e inimigos no mito de Thor	203
TABELA 7	Monstros e desfechos no mito de Thor	205

LISTA DE ABREVIATURAS DOS SITES ANALISADOS

SIGLA	SITE
AHP	ADOLF HITLER PLATZ
Ait	AITHGENA (WAU PORTUGAL)
ARG	ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS AMADORES DE RECITAIS DE GUERRA E HOLOCAUSTO
ARM	AFRIKANER RESISTANCE MOVEMENT
BC8	BLOG CORSERPENTIS88
BCb	BLOG COMBATE
BFR	BLOG FASCISMO EM REDE
BHL	BLOG HOMEM LOBO
BHS	BLOOD AND HONOUR SP
CNc	CAUSA NACIONAL
DIR	DIRLIP
FLN	FORUM LIBERTARIAN NATIONAL
FLS	LIBERTARIAN NATIONAL SOCIALIST
FRV	FÓRUM REVISIONISTA
HEr	HIJAS DE EUROPA
HRV	HISTORICAL REVISIONISM!
KK2	KKK NET (DISSIDENTE)
KKK	KKK
LEA	SITE PESSOAL DO LEANDRO
MCr	CREATIVITY MOVEMENT - MOVIMIENTO CRIADOR
NA	NATIONAL ALLIANCE
NAr	NAÇÕES ARIANAS
NLK	NAZI LAUCK NSDAP/AO
NON	NUEVORDEN
Rll	REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL
Rln	SITE DA REVISTA INSTINCT
RTB	RETALIAÇÃO BRUTAL
RTH	CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY
RVS	EDITORA REVISÃO MIRROR
SBM	BENITO MUSSOLINI
SGC	COSMOTHEISM
SGn	SOLAR GENERAL
SKN	SKINHEADS.NET!!!
SSE	SS ENTERPRISES
STO	STORMFRONT
V88	VALHALLA
WAR	W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE
WAU	WAU
WPS	WHITE POWER SP
ZYK	LOJA ZYKLONB

LISTA DOS SITES PESQUISADOS³

NOME	TIPO	CLASSE	SEDE	LINGUA
ADOLF HITLER PLATZ	Blog	Neonazista	Brasil	Português
AFRIKANER RESISTANCE MOVEMENT	Site	Racista	África do Sul	Inglês
AITHGENA (WAU PORTUGAL)	Site	Neonazista	Portugal	Português
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS AMADORES DE RECITAIS DE GUERRA E HOLOCAUSTO	Site	Revisionista	EUA	Português
BENITO MUSSOLINI	Site	Revisionista	Itália	Inglês
BLOG COMBATE	Blog	Racista	Portugal	Português
BLOG CORSERPENTIS88	Blog	Neonazista	Portugal	Português
BLOG FASCISMO EM REDE	Blog	Neonazista	Portugal	Português
BLOG HOMEM LOBO	Blog	Neonazista	Portugal	Português
BLOOD AND HONOUR SP	Site	Neonazista	Brasil	Português
CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY	Site	Revisionista	EUA	Inglês
CAUSA NACIONAL	Site	Neonazista	Portugal	Português
COSMOTHEISM	Site	Racista	EUA	Inglês
CREATIVITY MOVEMENT - MOVIMIENTO CRIADOR	Site	Racista	Portugal	Inglês
DIRLIP	Site	Revisionista	Portugal	Português
EDITORA REVISÃO MIRROR	Loja	Racista	Portugal	Português
FORUM LIBERTARIAN NATIONAL	Fórum	Neonazista	EUA	Inglês
FÓRUM REVISIONISTA	Fórum	Revisionista	EUA	Português
HIJAS DE EUROPA	Site	Neonazista	Espanha	Espanhol
HISTORICAL REVISIONISM!	Site	Revisionista	EUA	Inglês
KKK	Site	Racista	EUA	Inglês
KKK NET (DISSIDENTE)	Site	Racista	EUA	Inglês
LIBERTARIAN NATIONAL SOCIALIST	Fórum	Neonazista	EUA	Inglês
LOJA ZYKLONB	Loja	Neonazista	Brasil	Português
NAÇÕES ARIANAS	Site	Racista	EUA	Inglês
NATIONAL ALLIANCE	Site	Racista	EUA	Inglês
NAZI LAUCK NSDAP/AO	Site	Neonazista	EUA	Inglês
NUEVORDEN	Site	Neonazista	EUA	Espanhol
RETALIAÇÃO BRUTAL	Blog	Racista	Portugal	Português
REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL	Site	Revisionista	EUA	Português
SITE DA REVISTA INSTINCT	Site	Neonazista	EUA	Inglês
SITE PESSOAL DO LEANDRO	Site	Neonazista	Brasil	Português
SKINHEADS.NET!!!	Fórum	Neonazista	EUA	Inglês
SOLAR GENERAL	Site	Racista	EUA	Inglês
SS ENTERPRISES	Site	Neonazista	EUA	Inglês
STORMFRONT	Fórum	Racista	EUA	Inglês
VALHALLA	Site	Neonazista	Brasil	Português
W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE	Site	Neonazista	EUA	Inglês
WAU	Site	Neonazista	EUA	Inglês
WHITE POWER SP	Site	Neonazista	Brasil	Português

³ Todos os sites estão em pdf no cd que acompanha a presente dissertação.

URLS DOS SITES PESQUISADOS

NOME	URL
ADOLF HITLER PLATZ	http://hitler.blig.ig.com.br/
AFRIKANER RESISTANCE MOVEMENT	http://www.awb.co.za/english.htm
AITHGENA (WAU PORTUGAL)	http://aithgena.blogspot.com/
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS AMADORES DE RECITAIS DE GUERRA E HOLOCAUSTO	http://www.vho.org/aaargh/port/port.html
BENITO MUSSOLINI	http://www.ilduce.net/
BLOG COMBATE	http://www.valenteeimortal.blogspot.com/
BLOG CORSERPENTIS88	http://www.corserpentis88.blogspot.com
BLOG FASCISMO EM REDE	http://fascismoemrede.blogspot.com
BLOG HOMEM LOBO	http://www.homemlobo.blogspot.com/
BLOOD AND HONOUR SP	http://www.bloodandhonoursp.com/
CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY	http://www.revisionisthistory.org
CAUSA NACIONAL	http://www.causanacional.net
COSMOTHEISM	http://www.solargeneral.com/mirrors/cosmotheism/
CREATIVITY MOVEMENT - MOVIMIENTO CRIADOR	http://www.geocities.com/pepinosmith/portuguese.htm
DIRLIP	http://www.grupodirlip.org/
EDITORA REVISÃO MIRROR	http://revisao.grupodirlip.org/
FORUM LIBERTARIAN NATIONAL	http://www.nazi.org/community/forum
FÓRUM REVISIONISTA	http://forum.codoh.info/index.php
HIJAS DE EUROPA	http://www.hijasdeeuropa.tk/
HISTORICAL REVISIONISM!	http://vho.org/index2.html
KKK	http://www.kkk.bz
KKK NET (DISSIDENTE)	http://kkkk.net/page1.htm
LIBERTARIAN NATIONAL SOCIALIST	http://www.nazi.org/forum
LOJA ZYKLONB	http://www.zyklonbwear.com/loja/
NAÇÕES ARIANAS	http://www.aryannations.org/index.html
NATIONAL ALLIANCE	http://www.natvan.com
NAZI LAUCK NSDAP/AO	http://www.nazi-lauck-nsdapao.com
NUEVORDEN	http://www.nuevorden.net/
RETALIAÇÃO BRUTAL	http://retaliacaobrutal.blogspot.com/
REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL	http://rhistorico.tripod.com
SITE DA REVISTA INSTINCT	http://www.rac-usa.org/wau/instinct.html
SITE PESSOAL DO LEANDRO	http://www.geocities.com/leandrotr_net
SKINHEADS.NET!!!	http://skinheads.net/forums/index.php
SOLAR GENERAL	http://www.solargeneral.com/
SS ENTERPRISES	http://www.ssenderprises.com
STORMFRONT	http://www.stormfront.org/forum
VALHALLA	http://valhalla88.com/
W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE	http://www.resist.com/
WAU	http://www.rac-usa.org/wau/
WHITE POWER SP	http://www.whitepowersp.org/

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
2	NOTAS DE VIAGEM	33
3	UM NOVO MAR	55
3.1	Antropologia e Internet: novas ilhas, muitas questões	58
3.2	A separação entre águas e terra: Cibernética, Wiener, o ser humano e a nova sociedade de comunicação	60
3.3	E o espírito humano vagueia acima das águas: um olhar antropológico sobre a sociedade .informacional	64
3.4	O que é este mar? Alguns elementos teóricos para problematizar a questão da Internet	71
3.5	Como o mar produz barcos e marinheiros: sociedade em rede, cibercultura, comunicação e sociabilidade: uma leitura de Castells	74
3.6	O mar é imenso? Por uma teoria da Internet como espaço: a contribuição de Margaret Wertheim e Nicolas Bonnal	77
3.7	Os tempos do mar: nas cibertemporalidades, o tempo se fez byte	81
3.8	Lançando redes no mar: da cibernétrica ao Alexa, construindo e escolhendo ferramentas de análise	90
4	AS ILHAS E OS ILHÉUS	99
4.1	Da primeira praia às costas longínquas: navegando por sites racistas	111
4.2	Um ilhéu é preso no continente: lendo um crime de racismo em Curitiba	140
5	LA PENSÉE NAZISTE	151
5.1	Sentidos do “sangue” nos sites neonazísticos, relações e representações a partir de uma lógica da “substância”?	153
5.2	O Mito de Thor: como o mito se pensa no racista?	188
5.2.1	TH1	191
5.2.2	TH2	193
5.2.3	TH3	194

5.2.4	TH4	196
5.3	Os mitos germânicos e Vikings, um primeiro mapeamento	197
6	CONCLUINDO, COM INDAGAÇÕES	215
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	231
8	ANEXOS	255
	Legislação	255
	Links entre os Sites	259
	Mapa U.S. Census - Origem	265
	Mapa U.S. Census – Idioma Falado	267
	Dados U.S. Census	268
	Dados Fórum STO	269
	“Textos Fundadores”	271
	- 88 Preceitos (em duas versões, diferentes entre si)	271
	- Leis do Lobo Solitário	290
	- Direitos Brancos	291
	-Catorze Porquês	293
	Suásticas	295
	Resumo da Tetralogia do Anel	297
	- Autorização para Utilização	329

1. INTRODUÇÃO

“Compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez.”

Pierre Bourdieu (2005, p. 40)

“O universal é o horizonte de entendimento entre dos particulares; talvez não seja atingido jamais, mas, apesar disso, é preciso postulá-lo para tornar inteligíveis os particulares existentes.”

Tzvetan Todorov (1993, p. 31)

Meu objetivo no presente texto se centra numa descrição etnográfica do racismo⁴, do revisionismo⁵ e do neonazismo⁶ na Internet. Há muito material racista na rede, como: as abordagens das religiões vinculadas a “uma origem africana⁷”, discutidas por algumas denominações pentecostais, em seus discursos de “evangelização”, apresentam várias configurações racistas; a maneira como “ciganos”, “imigrantes”, “índios”, “nordestinos” são discutidos em portais, fóruns, blogs e canais de notícias, de domínio brasileiro, é exemplo de racismo, ou ainda, o modo de ler a “invasão imigrante”, por muitos portais de comunicação europeus e estadunidenses e o modo como são tratados os ilhéus da Polinésia, por vários portais da Austrália e Nova Zelândia, também aponta para o preconceito racial. Isso para citar apenas uma pequena parte da questão e explicitar a impossibilidade de abarcar a totalidade do fenômeno racista registrado na Internet.

⁴ O termo racista no texto que ora se inicia abarca as duas concepções de racismo discutidas por Kwame Apiah: o racismo extrínseco e o racismo intrínseco. O primeiro advoga a existência de “distinções morais entre os membros das diferentes raças”. Portanto, nesta concepção “a essência racial implica certas qualidades moralmente relevantes”. Irrefutável a qualquer prova da inexistência destas distinções, nenhum racismo é unicamente extrínseco. Complementa-o o racismo intrínseco, demarcado por “pessoas que estabelecem diferenças morais entre os membros das diferentes raças”, pois para as mesmas, “cada raça tem um status moral diferente, independentemente das características partilhadas por seus membros”. (APIAH, 1997)

⁵ No presente texto, revisionismo identifica o discurso direcionado para invalidar a veracidade histórica do Holocausto, seu número de mortos, a perseguição e morte dos judeus, enfim, que pretende uma revisão da história, a partir dos agentes nazistas. Muitos teóricos o denominam negacionismo. Preferi o primeiro termo, porque é o utilizado por meus informantes, nos sites. Acerca do tema uma boa introdução é desenvolvida por Luis Milman (2000), em *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*.

⁶ No presente texto, designo como neonazismo a evocação do nacional-socialismo como ideologia para justificar atos contra os “inimigos” do mesmo, a mitificação de antigos líderes do mesmo como “heróis da raça” e a releitura de símbolos para balizar um discurso de ódio com fins políticos de hegemonia.

⁷ Forma comum, nos sites protestantes, de se referir a Umbanda e ao Candomblé.

Portanto, um recorte se fez necessário: ao recortar meu objeto de análise, pretendi dar conta do racismo, na WEB⁸, associado ao neonazismo e ao revisionismo. Em minha opinião, é esta associação que detêm o racismo em sua radicalidade máxima: a associada ao que Michael Foucault denominou de “racismo de Estado”, ou seja, a uma forma extremada de pensar raça: ela deve determinar uma decisão política de reunir e proteger sua “raça”, e manter distante, inclusive por meios de exterminação, se necessário, os “inimigos desta raça”. Para tanto, estes racistas, nazistas e revisionistas, constroem e atualizam mitos, inscrevendo na palavra raça uma relação simbólica, polissêmica, complexificada, enraizada numa ideologia saturada de anacronismo, contradições, ódio e insegurança, ideologia esta que os pretende heróis⁹, e daí nasceu a minha ironia: são os Anacronautas¹⁰. Anacrônicos, se mitificam heróis de um tempo imemorial e intencionam resgatar a “sua Germânia”. Esta, virtualmente construída nos sentidos por eles inscritos em “sangue”, “povo branco”, “pátria branca”, associam-se a sua definição específica de raça para validar a reconstrução de um teutonismo, a partir do “sangue de seus inimigos” ou “com o pó de seus ossos” (STO)¹¹. Meu principal objetivo, ao apreender seu universo simbólico, é compreender que tipo de operações este universo valida para, no espaço digital, defender a idéia de uma “raça ariana”, ao mesmo tempo ameaçada e superior e investigar como essas estruturas se relacionam com sua luta política para construir este “Teutonismo Virtual”. E para compreender este fenômeno, assumi a responsabilidade de tentar apreender “o campo¹² com o qual e contra o qual” o neonazismo “se faz” na WEB.

Resta, ainda, indicar quais sites. Em língua inglesa, portuguesa e espanhola¹³, há cerca de 12.600¹⁴ sites racistas, revisionistas e neonazistas, na Internet¹⁵, entre sites¹⁶, pessoais¹⁷ e

⁸ Termo que pode ser traduzido como rede de alcance mundial, o sistema WWW se refere à veiculação de documentos interligados em hipermídia, operacionalizados pela Internet, interpretados e descarregados nas máquinas dos usuários por meio de um aplicativo, um navegador (denominado de web browser ou simplesmente browser). Entre os navegadores mais usados do mundo estão o Internet Explorer, o Netscape, o Opera e o Mozilla Firefox.

⁹ O tema do herói, repetido por muitas vezes nos sites pesquisados será analisado posteriormente.

¹⁰ Posteriormente, voltarei aos motivos que me fizeram escolher este termo.

¹¹ STO – Indica uma citação do Site Stormfront. As abreviaturas dos sites estão disponíveis na pág. 18 e constam, entre parênteses após as citações deles retiradas.

¹² Em Bourdieu, a idéia de campo social inscreve a totalização dos recursos decorrentes da experiência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizada, a partir da repartição desigual de um quantum social que determina a posição que cada agente específico ocupa em seu interior. Este quantum é o capital social, valorizado no espaço específico do seu campo de pertencimento e, por sua vez, na sociedade como um todo (BOURDIEU 1989, p. 8).

¹³ Escolhi estas três línguas por minha fluência de leitura.

¹⁴ Os dados coletados durante os dois primeiros anos de pesquisa (de 2002 a 2004), apontavam para cerca de 8.000 sites. Refiz os procedimentos de coleta nos últimos dois meses e constatei o aumento significativo. Isso se dá pela reprodução contínua de sites pela rede. Voltarei a este ponto mais tarde.

institucionais¹⁸, blogs¹⁹, fóruns²⁰ e, e dentre os 800 mais acessados²¹, escolhi os que mais links estabeleciam com outros sites, os que eram mais citados em artigos presentes em outros sites (ainda que não houvesse links no artigo), os que disponibilizavam mais material para análise. Entre os blogs escolhi os mais citados na rede identificada, os com mais material disponibilizado, quer em forma de artigo, quer em forma de gráfico, os que forneciam mais links para outros pontos, ampliando o diâmetro da minha busca. Entre os fóruns escolhi os que possuíam o maior número de participantes e temas mais diversificados. As escolhas acima resultaram num conjunto de 40 URLs²². Posteriormente voltarei à análise deste conjunto.

Dar conta, etnograficamente, destes racistas, nazistas e revisionistas, se revelou, nestes últimos cinco anos, um desafio intelectual e uma reafirmação de minha postura política: por um lado era preciso explicá-los, por outro era preciso denunciar os crimes que cometiam. Foi necessário pouco tempo de pesquisa para perceber que o terreno era perigoso: o discurso incitava não apenas ao racismo, mas também à prática do assassinato, e às diversas outras iniciativas contra a vida, contra os direitos humanos, contra valores, defendidos por mim como essenciais para a convivência humana. Particularmente, se mostrou especialmente doloroso observar que grupos humanos investiam, exaustivamente, na tentativa de desacreditar o valor da vida humana como universal, e que deveria ser restringido aos que eles denominavam de “parasitas sociais”, negros e judeus, animalizados no discurso como “baratas e ratos” ou “baratas e piolhos”.

¹⁵ Mais de 75% dos sites analisados apresentam versões para estas três línguas e mais de 40% oferecem fóruns ou textos em alemão. Outras línguas são também utilizadas em muitos deles (o italiano em 35% e o francês em cerca de 30% deles merecem destaque), e no geral (80%) dos sites construídos apresentam versões em outras línguas.

¹⁶ Conjuntos de informações disponibilizadas num determinado local na WEB, por meio de um registro em um servidor, no qual o criador do site insere conteúdo.

¹⁷ Sites criados por internautas para dispor conteúdo de interesse particular. Não permitem interatividade com outros internautas e são, geralmente, muito estáticos.

¹⁸ Sites construídos por organizações, para disponibilizar informações acerca de idéias, produtos ou serviços.

¹⁹ Sites criados por internautas para dispor conteúdo diversificado, no formato de um diário. Os blogs permitem grande interatividade com outros usuários por meio dos comentários que podem ser digitados para o autor ou autores do texto disponibilizado pelo blog (esses textos são os posts).

²⁰ Fóruns são comunidades virtuais, que podem ou não exigir registro dos participantes (há fóruns que permitem anonimato), para discutir idéias acerca dos mais variados assuntos.

²¹ Dados pesquisados pelos mecanismos do Alexa (www.alexa.com). Todos os dados de acesso foram obtidos de uma combinação entre os dados do Alexa e do Google.

²² Uma URL é um endereço mantido na rede, por meio de um servidor (que aloja o conteúdo) e um domínio, que marca sua “localização”. Assim a URL da primeira página (HOME) da Universidade Estadual de Campinas está num servidor da Universidade, e no endereço www.unicamp.br, que indica um domínio brasileiro. Cada página do portal Unicamp (o conjunto de URLs classificado em unidades de ensino e atribuições, por exemplo) tem a sua própria URL. As URLs são registradas na rede por um protocolo, o número de IP. Uma URL pode ter muitas laudas. Nos sites de minha pesquisa há URLs com mais de cem laudas.

Pensar, etnograficamente, este universo significou, também, investigar a própria experiência etnográfica e como esta se dá no espaço digital: na medida em que eu acompanhava os sites, os links, os textos, músicas e vídeos disponibilizados por eles, e que estudei acerca da Internet, das ferramentas que ela mesma me daria para discutir meu objeto, surgiu a necessidade de acompanhar e conhecer, mais profundamente, os elementos que apareciam nestas narrativas, mas também problematizar como a rede, um fato técnico, se relaciona com as noções de pessoa, espaço e tempo. Nesta análise, a minha inquietação principal era entender como a rede era utilizada por este movimento social subversivo, o cyber-racismo, e como a WEB se constrói como espaço preferencial para a divulgação de suas idéias.

Na perspectiva que adotei no presente texto, para tratar da questão etnográfica na Internet, concordo com Mauro Guimarães Jr., que um esforço se faz para olhar estas relações não como inéditas, mas imersas em “uma reformulação e uma ressemantização” (GUIMARÃES, 2007) dos procedimentos conhecidos de sociabilidade, dinamizadas e reestruturadas a partir da realidade virtual e, portanto eficazes para relatar a complexidade das sociedades complexas. Nesta direção, identifico um discurso racista complexificador, que complementa, potencializa e amplia o discurso racista não-digital, que utiliza o espaço virtual como um locus para seu “sistema de signos distintivos” (BOURDIEU, 1979, p. 188-190) Na presente etnografia ele não será “considerado em si mesmo e por si mesmo” (BOURDIEU, 1998, p. 129), mas também no universo de condições sociais de sua produção. É preciso ver, portanto, a dimensão rizomática do cyber-racismo e como ele se vale das mais variadas formas midiáticas, espalhando-se pela rede, valendo-se do link para arranja suas camadas, seus platôs. É na Internet, a interface humana do campo digital, que este “microcosmo dotado de leis próprias” (BOURDIEU, 2004, p. 19-20), o cyber-racismo, demarca seu “estilo de vida” e, por fim, sistematiza a afinidade destes signos e práticas, implantando-os em esquemas discursivos para garantir a perpetuação de seu mito racial e a comunicação dos mitos que o compõe, fixando-os em seus rituais, de forma a amalgamar, definitivamente, seu “opus operatum”²³ a seu “modus operandi”²⁴. O espaço digital configura-se

²³ A idéia expressa por Bourdieu, aqui se relaciona com a perpetuada pela teologia católica escolástica, na qual *opus operatum* é toda ação sagrada eficaz pela realização do próprio rito, independentemente dos méritos daquele que a efetua.

²⁴ Ou seja, a maneira de agir. Integra-se aqui o ato e o agente. Esta percepção confere a devida historicidade à cultura, pois são os atores sociais que elaboram as estruturas da história e não o contrário. O autor interroga a dinâmica das relações humanas e nesta a cultura se revela como estrutura estruturada/estruturante pelo e para o agente que a redefine no contínuo, nas disputas pelo monopólio da busca do sentido, como afirma Miceli (1999).

como um terreno fértil para que o habitus²⁵ racista assoalhe as suas disposições, como um mediador das tramas que o definem e dos agentes nelas inseridos. Mais tarde retomarei esta discussão.

Além da pesquisa da WEB, consultei vasta bibliografia acerca da Segunda Guerra Mundial e, em particular, a respeito do Nacional-socialismo, tanto a produzida por meus informantes, como a que eles denominam como “oficial”, pesquisei os sobreviventes dos campos de concentração, nas capitais de São Paulo e Curitiba, os entrevistei, assisti filmes cujas temáticas se relacionavam ao nazismo e a seus sobreviventes, entrei em contato com o movimento negro e o movimento da memória do Holocausto, me aprofundi na história do judaísmo, imergi na literatura acerca de raça, entrei em contato com procuradores, promotores e juízes que lidaram com o crime de racismo, inclusive o mediado por computadores, acessei ações públicas a respeito dos crimes que se deram em território nacional e/ou que foram cometidos por brasileiros. Busquei dados a respeito dos crimes de ódio nos Estados Unidos, na Espanha e em Portugal, me correspondi com dezenas de pessoas, a quem sou, particularmente, muito grata. Participei, também, de comunidades anti-racismo no Orkut e, nestas e em outras comunidades em que nada, explicitamente, se relacionaria com o tema, falei tanto do mesmo, que, muitas vezes, fui

²⁵ O termo *hexis* aristotélico foi traduzido por Tomás de Aquino como *habitus*. Na abordagem escolástica o conceito de *habitus* abrange três dimensões: a primeira se refere a ser possuído por um estado, como em “entre a privação e o hábito não há intermédio possível”. A segunda se relaciona com a idéia de “costume”, como afirmou Aristóteles em *Retórica*: “se faz por hábito o que repetidamente se fez”. A terceira se refere a uma “disposição constante ou relativamente constante para atuar de certo modo” ou, ainda, “o hábito se difere da potência, porque não nos capacita a fazer algo, mas torna-nos hábeis ou inábeis para atuar bem ou mal” no sentido que lhe dá Tomás de Aquino em *Summa contra Gentiles*. Neste trecho, que comenta diretamente a noção de *habitus* aristotélica em seu Comentário ao Livro V da *Ética* a Nicômaco, se apoiou Pierre Bourdieu para construir a noção de *habitus* por ele defendida. O comentário de Aquino, que introduz o conceito escolástico de *habitus* é “Respondeo dicendum quod, sicut supra dictum est, habitus non diversificantur nisi ex hoc quod variat speciem actus, omnes enim actus unius speciei ad eundem habitum pertinent. Cum autem species actus ex obiecto sumatur secundum formalem rationem ipsius, necesse est quod idem specie sit actus qui fertur in rationem obiecti, et qui fertur in obiectum sub tali ratione, sicut est eadem specie visio qua videtur lumen, et qua videtur color secundum luminis rationem”. “Respondo dizendo que, como foi dito acima, os hábitos não se diversificam a não ser que mude o tipo de ação, de fato, todas as ações da mesma espécie pertencem ao mesmo hábito. Sendo que a espécie da ação deriva do objeto segundo sua razão formal, é necessário que a ação seja da mesma espécie que se liga à razão do objeto e que se ligue ao objeto sob tal razão, como é da mesma espécie a vista pela qual se vê a luz e pela qual se vê a cor dependendo da razão da luz.” (Tradução, a meu pedido, realizada pelo teólogo João Pedro Baresi). Estas “ações da mesma espécie” compõem a *aches* descrita por Aristóteles como uma “disposição prática”, permanente e costumeira, automática, e muito provavelmente desapercibida, pertencente a um plano ontogenético. Acerca da disposição argumentada por Aristóteles, (2002, p. 135). Bourdieu localiza no conceito de *habitus* o “primado da razão prática”, “uma disposição incorporada, quase postural [...] o lado ativo do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo com a teoria do reflexo tinha abandonado” (BOURDIEU, p. 61). Em *A Dominação masculina*, a construção do *habitus* é explicada por Bourdieu da seguinte forma: o “produto de um trabalho social de nominação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas 'linhas de demarcação mística', conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada” (BOURDIEU, P, 2003, p. 64).

estereotipada por esta pesquisa, inclusive nas comunidades em que faço parte na WEB²⁶. Isto também aconteceu na minha vida pessoal e acadêmica. Fui convidada algumas vezes para falar de minha pesquisa, enfim, o tema ocupou lugar central na minha vida.

Neste processo, delicado e povoado de interconexões, constatei que, em todas as vezes que falei do assunto, um elemento assustava as pessoas e grupos com quem estabeleci interlocução: o tamanho do movimento racista, revisionista e neonazista. Perguntavam-me se sentia medo. Claro que senti algumas vezes²⁷, mas este não foi o principal sentimento com que tive de lutar durante o processo. O que mais se constituiu como difícil para mim era controlar a minha indignação diante dos meus informantes e, diante disso, tomei uma decisão moral: como se tratava de crime, denunciei-o sempre aos órgãos devidos²⁸.

Bem, toda esta apresentação inicial indica, espero, como meu percurso neste terreno etnográfico foi árduo. E posicionar-se nele como antropóloga e se manter neste lugar, também foi um desafio que me impus. O presente texto jamais pretendeu esgotar todo o assunto. É absolutamente impossível executar tal tarefa, mas pretendo dar conta da trajetória até aqui construída. Está “necessariamente inacabado”, como afirmaria Cláudio Ulpiano, portanto, aberto, sempre, à interlocução. No entanto, também me impus escolhas, recortes ao definir os capítulos para o presente texto, e estou ciente de que seria possível fazê-los de distintas formas. As que aqui estão são fruto da minha reflexão e do meu olhar, e de como percebi, anotei e apreendi o tema.

Após esboçar meu contato etnográfico com o grupo que escolhi observar, em NOTAS DE VIAGEM, detalho no segundo capítulo, UM NOVO MAR, minha discussão acerca das questões que me importaram para pensar a relação entre Antropologia e Internet, centrando a discussão, principalmente, na atualização que esta relação exige, de forma singular, a apreensão de lugar e tempo. Faço uma revisão bibliográfica do discutido acerca desta relação e da discussão contemporânea²⁹.

²⁶ Você é a “menina” que estuda os nazis na Internet? Acho que respondi esta pergunta pelo menos umas dez mil vezes no último ano. Claro que contribui para isto com o meu próprio perfil na Rede Social do Orkut, no qual, me descrevendo, acrescentei “Estou etnografando discursos racistas e anti-racistas na NET.” Isto rendeu chuvas de e-mails.

²⁷ Por exemplo, quando fui agredida por uma neonazista numa lista de psicanálise.

²⁸ Em particular, ao Ministério Público Federal. Três sites brasileiros foram retirados do ar nos últimos três, por conta de ações judiciais: o Valhalla88, o White Power SP e a Loja ZyklonB.

²⁹ Principalmente a estabelecida no último Congresso Observatorio para a CiberSociedade, *Conhecimento Aberto, Sociedade Livr.*, organizado pela Fundación Observatorio para la Sociedad de la Información de Cataluña no qual

No terceiro capítulo, AS ILHAS E OS ILHÉUS, acompanho a dupla dimensão que o discurso toma na rede, validando-se como científico e mítico, ao mesmo tempo, e acrescento a esta análise uma discussão sob a ótica de Bakhtin (1926) e sua filosofia do ato centralizada no episódio que culminou na prisão e no processo de militantes racistas em Curitiba. Busco, na reflexão, demonstrar como independente das disputas internas, os “habitantes destas ilhas”, os sites racistas associados ao revisionismo e ao nazismo, formam uma rede observável, emoldurado por uma totalidade, que só pode ser apreendida pela conexão de suas múltiplas partes.

No quarto capítulo, LA PENSÉE NAZISTE, dialogo com o estruturalismo para problematizar duas direções de sustentação da tentativa de construir uma “germanidade”, um “teutonismo”: por um lado os sites se fundamentam em uma discussão acerca “do sangue”, por outro, recuperam mitos, atualizando-os. Por fim discuto minhas conclusões e apresento novas interrogações ao tema.

2. NOTAS DE VIAGEM

“Como explicar aquilo? O retrato encerrava o segredo e contava a história do original. Ensinara-o a prezar a sua beleza. Pretenderia ensiná-lo a detestar sua alma? E ele viria a ter ânimo de encará-lo ainda outra vez?”

Oscar Wilde (1890, p. 98³⁰)

“[...] a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade, [...] e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles.”

Claude Lévi-Strauss (1949, p. 364)

Ao contrário do retrato de Dorian Gray³¹, as abjetas imagens herdadas da política de destruição concebida pelo nacional-socialismo não foram encobertas por um biombo, numa biblioteca interditada. Estas imagens se revelaram ao mundo, quer durante a guerra, quer posteriormente, no relato dos sobreviventes³², nos filmes e imagens que abalaram a imagem de civilizado que o europeu do pós-guerra a si creditava. Nestes relatos se pôde observar, em detalhes, a outra face da incansável e obsessiva busca pelo ideal estético ariano, que Peter Cohen,

³⁰ No imortal livro de Oscar Wilde, uma “horrível simpatia” ligava Dorian a seu retrato: enquanto o primeiro preservava toda a sua beleza, seu retrato envelhecia e revelava, ainda, “toda a sua alma”. “O retrato carregaria o fardo da sua abjeção”, (1890, p. 112) enquanto o jovem permanecia intocado pelo tempo. Durante metade do romance, o quadro permanece na biblioteca, encoberto por um biombo. A beleza, um dos temas centrais de *O Retrato de Dorian Gray*, recebe sete referências, apenas nas dez primeiras linhas do prefácio de Wilde e outras dezenas de vezes no decurso do romance. A idéia desta relação, entre o belo e a abjeção, presente no livro de Wilde e na construção do Nacional-socialismo, chegou-me durante a terceira leitura de *Uma trajetória em Narrativas*, escrito por minha orientadora, Suely Kofes, quando de sua relação entre o sujeito de sua pesquisa, Consuelo Caiado e as “damas de Duby” (KOFES, 2001, p. 11). Durante esta releitura, a obra de Wilde me veio a mente e as analogias que se farão presentes no decorrer deste texto foram nascendo, sendo que esta primeira se refere à busca da perfeição estética dos neonazis, contraposta às imagens de dor e violência que deixam em seus “inimigos”. Para Dorian permanecer eternamente jovem, o retrato cuida de envelhecer e de manchar, inclusive de sangue. As citações de Wilde, se referem à versão da Biblioteca da Folha. Cf. Wilde, Oscar, *O retrato de Dorian Gay*, Coleção Biblioteca Folha, tradução de Marina Guaspari, Rio de Janeiro: Ediouro, 1998 (original de 1890).

³¹ O primeiro período deste texto é uma referência direta da obra, já citada, de Suely Kofes. Aproveito o momento para reconhecer a imensa influência intelectual, com a qual fui presenteada durante toda a sua orientação.

³² Para compor este trabalho também li alguns relatos de sobreviventes, que serão citados durante o texto e entrevistei o atual presidente da *Sherit Hapleitá*, a Sociedade Brasileira de Sobreviventes do Holocausto, Ben Abraham. Diante de seu trabalho e quinze livros relacionados ao Holocausto, o jornalista recebeu inúmeras homenagens das quais se destacam a *Chave de Ouro* do Instituto Yad Vashem, de Jerusalém, concedida pelo Museu do Holocausto e a Medalha de Honra ao Mérito da Universidade de São Paulo.

no seu precioso filme, denominou de *Arquitetura da Destruição*³³. Como o retrato de Dorian Gray, esta outra face, horrenda, relata os muitos crimes cometidos em nome do nazismo. Pareceria provável, para muitos, o desejo de sepultar em absoluto estes acontecimentos e de buscar que não se repetissem. No entanto, cinquenta anos depois, os movimentos que evocam a possibilidade de se reconstruir o ideal ariano se revestem de uma força renovadora: avaliações estimam em cerca de quatrocentas e cinquenta mil o número de pessoas que lêem literatura produzida pelo movimento racista, revisionista e neonazista, apenas nos Estados Unidos³⁴. O que significa esse quase meio milhão de habitantes que acessam esta literatura específica num país de 300 milhões de habitantes³⁵, na qual há, segundo estimativas dos órgãos oficiais³⁶, 288.378.137 brancos³⁷? Deste montante cerca de vinte e cinco mil, em 1995, eram considerados “membros militantes radicais”, observados por órgãos governamentais por práticas de ódio racial. Os crimes que envolvem ódio racial, nos Estados Unidos, crescem em cerca de 8.000 casos por ano³⁸.

Na Espanha, os especialistas da Guarda Civil estimam em pelo menos dez mil os jovens cadastrados em grupos ultradireitistas e neonazis, sendo que, apenas a organização *Sangre y Honor*, uma das mais radicais, afirma possuir mais de cinquenta mil simpatizantes. Bandas neonazis ilegais, como *Hammerskin*, *Blood and Honour* y *Volksfront* (também denominada *Frente Popular*) atraem multidões de jovens em seus shows, nos quais postulam a supremacia da raça branca, a veneração a Adolf Hitler e o ódio explícito aos imigrantes, judeus e negros³⁹ e também a imigrantes e homossexuais. As principais zonas de atuação dos neonazis espanhóis são

³³ Neste documentário (*Undergågens Arkitektur*, SUE – 1992), o cineasta sueco Peter Cohen privilegia uma dissecação da trajetória hitlerista e nazista, pelo viés estético da política implantada pelo ditador.

³⁴ Os dados estadunidenses são fornecidos em parte pelo Center for Democratic Renewal. Fundado em 1979 como Anti-Klan Network, esta instituição se descreve como uma “organização multirracial defensora de uma sociedade estruturada por uma visão social avançada e democrática, livre de racismo e intolerância” que computa dados acerca deste tema e participa efetivamente de políticas públicas que promovam a igualdade e a justiça. As informações utilizadas ao longo do texto foram recolhidas de seu site na Internet (disponível em <http://www.thecdr.org/>, acessado em 10/02/2006), ou por contato via e-mail. Tomei conhecimento desta organização pelo trabalho de Raphael Ezekiel (1995), que retratou em “The Racist Mind” os Neonazis e membros da Klan, nos Estados Unidos. Uma outra parte dos dados referentes a estes grupos foi, portanto compilada de seu texto.

³⁵ A estimativa é de 302.842.397 habitantes para o dia de 11/09/2007. O Censo americano possui uma espécie de relógio que se altera a cada 4 horas, oferecendo as estimativas populacionais oficiais. Está Disponível em <http://www.census.gov/main/www/popclock.html>. Acessado em 11/09/207, às 10.36hs (horário de Brasília).

³⁶ Os dados do Censo estadunidense estão disponíveis na Web em <http://factfinder.census.gov>. Acessado em 11/09/2007.

³⁷ Segundo o Censo Americano na categoria “raça branca” há pessoas de origem europeia, do Oriente Médio e do Norte da África. Fonte: Federal Register. Disponível em <http://www.doi.gov/diversity/doc/racedata.htm>

³⁸ A análise destes dados será retomada posteriormente, bem como as que se referem aos sites em língua espanhola e portuguesa.

³⁹ No site do Centro Europeu de Monitoramento do Racismo e da Xenofobia há farto material acerca de crimes de ódio e do quadro atual do anti-semitismo, do racismo e da islamofobia. Disponível em http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1

Madrid, Cataluña, Castellón, Valencia, Zaragoza e alguns bairros de Castilla e Leon e, atualmente, estas organizações neonazis discutem a possibilidade de formarem um partido político⁴⁰. O site NuevOrdeN, o primeiro, o maior e o mais acessado em língua espanhola, chega a alcançar mais de dois milhões de Pages views⁴¹ diários.

No Brasil, crimes de ódio racial ainda são precariamente condensados em dados específicos, muitas vezes caracterizados apenas como lesão corporal, injúria ou até homicídio e não destacados como crimes de racismo, embora a Constituição Brasileira de 1988 o preveja como imprescritível e inafiançável. Ainda assim, as estatísticas dos movimentos anti-racistas apontam para o fato de que pelo menos noventa mil pessoas estejam diretamente envolvidas em grupos neonazistas, cerca de metade disto apenas no Estado de Santa Catarina⁴². O maior site neonazista brasileiro, o Valhalla tem sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas diárias antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007⁴³.

Esses movimentos de ultradireita, quer no Brasil, quer na Espanha, quer nos Estados Unidos, quer em outros países⁴⁴, se valem do Revisionismo Histórico⁴⁵, definem a experiência dos campos como mentira, tratando como ficção os relatos de sobreviventes. É preciso esquecer, senão, pelo menos, desmentir⁴⁶. Aliada a uma concepção racializada e racista de mundo para

⁴⁰ Os dados referentes ao neonazismo na Espanha são oriundos de duas fontes principais: a Guardia Civil (<http://www.guardiacivil.es>) e o livro *Diário De Um Skinhead* Um Infiltrado No Movimento Neonazista, de Antonio Salas.

⁴¹ Indicador que dimensiona nos servidores Web a visibilidade de um site ou portal na Web. Um maior número de page views (acessos) indica, portanto, uma maior visibilidade na Internet. Para alargar a visibilidade de um site, uma estratégia é valer-se de metadados que são acrescentados no conteúdo codificado da página. Para diminuir a visibilidade é possível acrescentar expressões obscuras nestes metadados. Esta estratégia é muito utilizada pelos sites pesquisados, tanto para aparecer como para desaparecer em mecanismos de busca. Estas palavras assim inseridas orientarão, ou desorientarão, os mecanismos de busca, como o Google, o Alta Vista, ou ainda o Lycos e outros similares.

⁴² Grande parte dos dados acerca do neonazismo no Brasil se refere a dados citados na Web pelo Sociólogo Túlio Kahn, Pesquisador do ILANUD - Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (<http://www.ilanud.org.br/>), órgão das Nações Unidas voltado para o combate a criminalidade na América Latina.

⁴³ A relação entre o estado sulista e o neonazismo no Brasil será retomada posteriormente.

⁴⁴ O neonazismo cresce, de maneira preocupante segundo a ONU, no Leste Europeu, no Japão e na África do Sul. Acerca de seu crescimento no Leste Europeu há o trabalho de Paul Hockenos (1995), *Livres para Odiar*. A respeito dos outros lugares não temos conhecimento de livros editados, embora haja muita informação disponível na Web.

⁴⁵ Denominado de Negacionismo pelos críticos.

⁴⁶ Como afirmou Suely Kofes (2001, p. 12) em *Uma trajetória em Narrativas*, é na “memória que se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável”. Abolir a memória, inscrevendo-a como ficção é uma tentativa diante da experiência vivida pelos sobreviventes, que afirmam unanimemente que a lembrança dos campos é impossível de ser apagada. A leitura de um precioso livro, *Lete: arte e crítica do esquecimento*, escrito por Harald Weinrich (2001), elucidou-me como a memória de Auschwitz (metonímia do autor para descrever a dolorosa experiência do Holocausto) é vista pelos sobreviventes e pelos familiares das vítimas, como um dado absolutamente impossível de esquecimento. Em seu texto, a freqüente citação do livro *A noite*, de Elie Wiesel, demarca o texto pela repetição da jaculatória “não (se)

viabilizar sua plataforma de lutas, a uma busca política que privilegie a supremacia branca, à memória dos comandantes da SS e do partido Nazi e à veneração a Adolf Hitler, esta proposta constitui, enfim, estes grupos como racistas, revisionistas e neonazistas. É preciso situar, ainda, que, durante meu percurso, separei as URLs pesquisadas na WEB, em dois grandes grupos: no primeiro estão os sites, fóruns⁴⁷ e blogs, criados por indivíduos ou grupos necessariamente para expor seus ideais racistas e no outro as comunidades⁴⁸ do Orkut⁴⁹ ligadas ao tema. O primeiro motivo desta divisão vem do fato de que os sites e blogs expõem-se como racistas, muitas vezes se pretendendo “não estar sob o controle das leis brasileiras”, por, em geral, se alojarem em domínios estrangeiros⁵⁰, enquanto que as comunidades, para fugir das comunidades de denúncia do Orkut⁵¹, normalmente postam em seu perfil “Esta não é uma comunidade com fins racistas”. Um segundo motivo é o fato de que é possível mapear estatisticamente os acessos aos sites e

esquecer, jamais”. Presente nos textos de Primo Levi e Jorge Semprun, esta impossibilidade se retrata na máxima do segundo: jamais se sai de um campo de concentração. Para Weinrich, o esquecimento não tem espaço ou sentido e veste-se do lembrar o imperativo tornado palavra de ordem pelos sobreviventes e de seus descendentes.

⁴⁷ Nos fóruns a participação dos usuários é muito dinâmica, discussões acentuam diferenças, preferências são expostas.

⁴⁸ Grupos de interesse nos quais os internautas participam.

⁴⁹ Orkut é uma rede social virtual, na qual os participantes aderem por convite de outros membros e que possibilita a discussão dos mais variados temas, relacionados a inúmeras áreas de interesse. Seu criador, Orkut Büyükkökten (nascido em Konya, em 6 de fevereiro de 1977), um engenheiro de software, desenvolveu a rede social Orkut como um projeto independente enquanto estudava na Universidade de Stanford. Formou-se em 1997 e adquiriu seu PHD em 2002, em Computer Science e trabalha no Google. Em 19 de Janeiro de 2004, a comunidade virtual foi lançada, objetivando ampliar “o diâmetro social” de seus membros, como afirma em sua página de acesso e para fazer parte dela é preciso receber o convite de um membro já cadastrado. Ao efetivar este cadastro, o novo membro é convidado a preencher um perfil, dividido em três partes, social, profissional e pessoal, a fazer upload de fotos, enfim, a operacionalizar uma página que descreva sua aparência física, suas preferências afetivas, artísticas e intelectuais, seus interesses e a se conectar com seus amigos já membros do Orkut, ou convidados por ele. Este sistema é inspirado na teoria de Stanley Milgram, na qual se arquitetou que cada um de nós está a somente seis graus de separação de outro grupo de pessoas. Para alguns pesquisadores de redes sociais e redes digitais, o Orkut seria uma prova definitiva desta teoria. Milgram concebeu este dado por meio de uma experiência realizada com 160 pessoas, moradores de Boston e Omaha (Nebraska), nos EUA. Cada um dos participantes recebeu de Milgram as instruções para que a mesma chegasse a uma pessoa-alvo, nativa de Sharon, Massachussets, mas que morava e trabalhava em Boston. Não era permitido enviar a correspondência diretamente à pessoa-alvo, mas apenas por meio de amigos e conhecidos que facilitassem o contato com ela. O nome de cada participante era inscrito na correspondência de modo a viabilizar o monitoramento do caminho percorrido até o seu destino final. Este método ficou conhecido como small-world. Ao término da experiência, Milgram calculou o número médio de seis intermediários entre os participantes. Conhecida como “Seis Graus de Separação”, o experimento de Milgram demonstrou como se operacionalizam as redes sociais. Os “seis graus de separação” representariam 10 elevado a 6º potência, resultando em um milhão de contatos, exponenciando o poder das redes sociais. Fontes: O site pessoal do engenheiro turco Orkut está disponível em <http://www.stanford.edu/~orkut/self.html> e seu perfil no Orkut é <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=325082930226142255>. Há outros perfis falsos (denominados de fakes, no Orkut) que afirmam pertencer a ele. (NEWMAN, 2001; WATTS, 1999).

⁵⁰ Isto não é verdadeiro, porque crimes cometidos por brasileiros são punidos por leis brasileiras, conforme o sétimo artigo do código penal brasileiro (crime cometido por brasileiro, no exterior, por estar o brasileiro em território nacional - seria aplicável também se este morasse no exterior e entrasse em território nacional). Ver o anexo 1.

⁵¹ No Orkut há várias comunidades que disponibilizam acesso direto à entidades especializadas no controle do crime cibernético.

estes dados foram utilizados em minha análise, mas o Orkut é visto pelos medidores como um todo, como uma grande comunidade virtual. Um terceiro motivo se deve ao fato de que os sites são mais contínuos e mesmos retirados do ar se reproduzem em mirrors⁵² e as comunidades mais efêmeras, por conta da grande quantidade de denúncias que recebem. Os materiais disponibilizados também são diferentes, porque nos sites há artigos, livros inteiros para download, vídeos e as comunidades funcionam como um espaço de debate mais ágil e dinâmico. No geral, os sites desaconselham que seus participantes se vinculem às comunidades do Orkut a respeito ao tema, um fator também importante para esta divisão, pois o ativismo veiculado nas comunidades é visto pelos sites como “imaturo” ou “inferior” e também como “um perigo constante” para o verdadeiro ativismo. A recomendação do Valhalla88 é a seguinte:

ORKUT- PERIGO CONSTANTE!

Atenção!!! Muitos militantes, desde os novos até os mais experimentados tem caído em armadilhas com pseudo-ns's que, como fruto do modismo atual, pululam pela Internet. Muitos podem se tratar apenas de crianças querendo autopromoção, muitos podem ser imbecis que pensam que nossa luta é apenas uma brincadeira, mas muitos podem ser agentes infiltrando-se e buscando informações ou mesmo bodes expiatórios. Um dos maiores exemplos é o propalado Orkut que, além de apresentar todo tipo de energúmeno se intitulando NS, ainda é facilmente rastreável.

Mas, ainda que a rede seja utilizada pelos sites para divulgação de suas idéias, a Internet é, ainda, *locus* ideal, por um paradoxo próprio à rede: o formato da rede garante anonimato, enquanto que a extensão permite alcançar milhares de pessoas ao mesmo tempo, num tempo muito menor do que o necessário por outro veículo, o que exponencializa esta forma de sociabilização. Muitos sites, ligados a estes movimentos, destacam o banner “Proibidos em todos os lugares. Livres na Internet⁵³”, em várias versões (a espanhol substitui o “Livres” pelo “Presentes”, acrescentando depois da logomarca da URL o epígrafe “Um website para a Liberdade”), das quais apresento, a seguir, três exemplos:

⁵² Na Internet, mirror designa um site construído como uma cópia exata de um conjunto de dados dado por outro site para viabilizar o oferecimento de fontes múltiplas da mesma informação. É uma forma escolhida pelos sites racistas para ampliar seu poder de divulgação e diminuir o efeito da retirada de um dos sites pela Justiça. Como há mirrors diversos, a informação permanece na Web, ainda que o site principal seja retirado do ar.

⁵³ O cartaz está disponível para download, em http://www.nuevorden.net/prop_nuevorden.html

Figura Um

*Livres na Internet (V88)*⁵⁴

PROIBIDOS·EM·TODOS·
OS·LUGARES¶



LIVRES·NA·
INTERNET!!!¶

www.valhalla88.com¶

Figura Dois

*Presentes na Internet (NON)*⁵⁵

PROHIBIDOS
EN TODAS PARTES
PRESENTES
EN LA RED



<http://www.nuevorden.net>

NUEVORDEN¶
Un website para la Libertad

⁵⁴ O cartaz está disponível para download, em <http://www.valhalla88.com/ativismo/valhalla.zip>

⁵⁵ Os cartazes (figura Dois e Três) estão disponíveis para download, em http://www.nuevorden.net/prop_nuevorden.html. O cartaz apresentado na figura dois está disponível em cores e também em preto e branco.

Figura Três
Presentes na Internet (NON)



Estes cartazes servem para elucidar este ponto⁵⁶: para eles, a WEB representa um espaço livre⁵⁷ para divulgar e discutir seus ideais, ampliando, consolidando e capilarizando sua rede de participantes. Na Internet, o discurso de ódio é produzido, legitimado e reproduzido à exaustão⁵⁸, cada site retirado do ar, por denúncia, recebe, em média, três novos mirrors⁵⁹. Comunidades do orkut se proliferam e mal são denunciadas, escolhem nomes próximos às extintas para continuarem o debate.

Observemos a seguinte discussão:

— Vamos acabar com essa palhaçada e nos organizarmos. Precisamos criar um movimento de preservacionismo já, motivado por um código de honra⁶⁰ e

⁵⁶ Acerca dos símbolos e imagens, inclusive da cruz celta presente nas duas logomarcas, que surgem nestes cartazes, discutiremos posteriormente.

⁵⁷ Esta relação entre o movimento racista e a Internet será retomada adiante.

⁵⁸ Toda esta discussão será retomada mais tarde. Acerca dos termos racistas, revisionistas e neonazistas e de sua configuração na rede em sites dos movimentos, nosso trabalho anterior poderia configurar-se como uma introdução (DIAS, 2005). Há, ainda, um resumo do mesmo em um artigo que pode interessar em Dias, Adriana *Links de Ódio – o racismo, o revisionismo e o neonazismo na Internet* [on-line] In: OS URBANITAS - Revista de Antropologia Urbana Ano 3, vol.4, julho de 2006. Disponível em <http://www.aguaforte.com/osurbanitas4/AdrianaDias2006.html> Capturado em 21/03/2007

⁵⁹ Sites que reproduzem outros sites.

⁶⁰ No termo honra, há dois aspectos que merecem destaque: o primeiro, é o aspecto mitológico, associado ao ato heróico, muito invocado pelos sites que pesquisei. O segundo é o que inscreve na palavra honra um código que capaz de atribuir ao herói um conjunto de direitos e deveres, mapeando suas possibilidades e limites. A honra do

conduta que nos faça lembrarmos que somos brancos toda a hora e todos os dias... devemos respeitar os negros e índios e exigirmos respeito deles... se não quisermos nos relacionar com eles, não vamos nos relacionar... se quisermos, tudo bem, desde que saibamos os limites. Temos que juntar os preservacionistas em uma grande comunidade aqui no orkut, fundarmos uma espécie de organização para mantermos vivas nossas tradições e a nossa herança étnica e genética já! Devemos fundar uma instituição que não se baseie em crimes de violência (apenas para fins defensivos, se for necessária). Essa organização deveria unir, além de tudo, os brancos de todos os tipos, independente de serem latinos (ibéricos e mais Itália) germânicos (Europa ocidental) ou eslavos (Europa oriental).

— Precisamos largar o estigma de unir orgulho branco com nazi-fascismo tb... precisamos sair do âmbito político e nos focar no étnico...

— Política é uma coisa... preservação étnica é outra.

— Concordo

— concordo

— como podemos nos unir ? o que sugere ?

— Posso trabalhar em cima de um código de conduta e ética em todos os âmbitos da vida... como estudo científico, estudo filosófico, deveres enquanto cidadão, enquanto ao tratamento com as pessoas, enquanto ao profissionalismo... posso escrever em alguns poucos dias... discutimos sobre o tema, acrescentamos idéias... fazemos uma bandeira que simbolize a nossa idéia... e começamos a agir e a angariar pessoas pro crescimento desse movimento de orgulho branco.

— Uma bandeira.... Poderia ser a Celt Cross, porém com outros dizeres nela, já que os dizeres que existem, muitos associam com outras 'coisas'

— A cruz celta é meio batida... precisamos de uma nova simbologia...

— Outra porra louca que eu vejo e que deveríamos fazer é manter uma boa convivência com a comunidade judaica... parar com essa putaria de culpar judeus por tudo que acontece de errado... não to dizendo que temos que ser amiguinhos deles e tal... to dizendo que devemos respeitar eles da mesma maneira que respeitamos os japoneses... deixamos eles na pátria deles, Israel e a gente fica na nossa, Alemanha... entenderam? [...] Vamos parar com esses clichês hitleristas... precisamos reformular o orgulho branco para podermos sobreviver.

— (...)deixamos eles na pátria deles, Israel e a gente fica na nossa, Alemanha... entenderam?(...)” Isso sim é uma utopia e tu sabes. Quando eles ganharam Israel em 48 quantos deles tu achas que saíram da Europa ou mesmo dos EUA e foram pra lá?! Estude sobre isso e fique PASMO.

— [...] a minha idéia é justamente essa... pela 1ª vez estou vendo alguém querendo separar a ideologia política nazi-fascista genocida do orgulho branco... é a única maneira que temos de montar um movimento de orgulho branco que possa ir pra frente... o nosso movimento tem que ser muito mais filosófico do que político... mostrar que ter orgulho de ser branco não é ser nazista exclusivamente... é viver como branco, falar línguas européias, trabalhar

herói, que compreendia tanto sua linhagem como seus “feitos heróicos”, envolve o discurso racista na idéia de que “o ariano” herda ao nascer um certo estatuto de direitos colocando-o em condição de superioridade em relação às “outras raças”. Segundo Castor Bartolomé Ruiz, a honra era, ainda, o símbolo em torno do qual se organizava a ordem hierárquica e estamental das sociedades pré-modernas (Ruiz, 2003, p. 121-129). Voltaremos a esta discussão posteriormente.

e estudar como brancos, respeitar (nem que seja na base do silêncio) as outras raças, dar uma base étnica para os filhos...

— Ressuscitar as lendas brancas⁶¹, contar pros filhos a história da Europa imparcialmente... dar direitos e deveres para os brancos, que sirvam em pequenos atos no dia a dia... ex: Um branco do nosso movimento tem o dever de comer uma comida européia em detrimento de uma comida que não tenha essa origem quando tiver escolha...

— [...] não concordou? Cai fora! Ninguém aqui está te pedindo para fazer parte de nosso movimento. [...] explicou várias vezes que o movimento não terá ideologia nazi-facista e você continua a criticar? Afinal, você não está do lado da união dos brancos?

— não é o nome, é a ideologia que não deve ser politizada! o nazismo foi o orgulho branco politizado, mas em vez de fazer algo como aquilo, façam uma coisa menos política e sim mais moral, entenderam?

— Acho a política essencial, afinal através desta, teríamos um código de honra, apenas para aqueles que estivessem totalmente comprometido com a Causa e que causa seria esta? Nossos direitos, Nosso Orgulho, Nosso Futuro, Nosso Presente!!! Será que esses pensamentos não excluem pessoas de outras Etnias? Ou seja Índios/asiáticos/negros e mais concordam com a política desse partido mas não irão os eleger porque somente os direitos, orgulho, futuro e presente do branco em geral estará em prioridade! 14/88

— Política não é prioridade... Primeiro temos que aprender a não sermos um bando de revoltados que querem apedrejar todo mundo e temos que convencer o maior numero possível de brancos a casarem entre si, mostrar os benefícios disso...⁶²

O pequeno trecho do debate acima se insere no sentido do movimento proposto pela maior parte das comunidades: como a raça branca está em extinção, é preciso organizar um código preservacionista para garantir a sobrevivência da mesma, apontando o fim do casamento inter-racial como quesito urgente e necessário a este fim. Incluem-se a discussão de um código de honra e conduta, o respeito, devido à “tradição e heranças étnica e genética”, uma sumária discussão acerca da violência apenas para fins defensivos e alguns termos que se repetiram no presente texto que mostram diversas facetas da mensagem analisada, entre os quais podemos incluir “brancos de todos os tipos”, “orgulho branco”, vinculando-se ou não ao nazi-fascismo, há quem defenda ser possível estar focado no étnico e não no âmbito político (política é uma coisa... preservação étnica é outra). Nota-se, ainda, uma presença quase onipresente em todos os fóruns, da importância da simbologia: fala-se da bandeira (sem a cruz celta, meio batida), da necessidade

⁶¹ Sempre presente, esta idéia anacrônica de ressuscitar as lendas e mitos da Europa, de limpar as versões oficiais é um marco do discurso neonazista na rede.

⁶² Trecho do Fórum “Vamos acabar com essa palhaçada e nos organizarmos”, criado na Comunidade do Orkut “Orgulho Branco”, em 18 de março de 2007. A comunidade foi deletada por denúncias de racismo. Como a comunidade foi extinta, não exporei os nomes dos participantes, pois deixaram de estar públicos.

de buscar novos símbolos que representem o movimento e seus ideais. No debate acima ainda aparecem outros temas como a possibilidade ou não de boa convivência com a comunidade judaica, alguns defendendo o fim dos clichês hitleristas, a reformulação do orgulho branco para viabilizar a sobrevivência, uma idealização da “pátria Germânia”, a necessidade para alguns de separar a ideologia política nazi-fascista genocida do orgulho branco, de gerar um movimento mais filosófico que político. Defender um movimento branco “preservacionista”, para alguns dos participantes do fórum “Vamos acabar com essa palhaçada e nos organizarmos”, criado na Comunidade do Orkut “Orgulho Branco⁶³”, em 18 de março de 2007, implicaria numa coexistência entre as “raças (como a branca)”, devidamente separadas em “nações (como a Germânia)”, que coexistiriam, na medida do possível, pacificamente (“violência apenas defensiva”).

Outros membros, vistos pelos seus pares como “mais radicais ou fundamentalistas”, ou “cabeças mais quentes”, percebem a política como essencial, indispensável “à Causa -Nossos direitos, Nosso Orgulho, Nosso Futuro, Nosso Presente” e observam que a coexistência das raças seria uma ilusão, pois não se pode falar de “orgulho branco sem querer afirmar Supremacia Branca”. Isso impediria a convivência com os judeus e sua “odiosa raça e religião”, afinal, advogam eles, “não existe a menor possibilidade de convivência com judeu” e, ainda, “existem coisas impossíveis de serem realizadas, unir brancos (verdadeiros brancos e orgulhosos de suas origem) aos Judeus com certeza é uma delas”.

Colocado neste ponto de vista, de dentro do debate, a “questão da preservação branca” revela sua dimensão mais contraditória: há os que esperam que a solução seja apolítica, fundamentada em “aspectos exclusivamente culturais” (viver como branco seria “falar línguas européias, trabalhar e estudar como brancos, respeitar - nem que seja na base do silêncio - as outras raças, dar uma base étnica para os filhos, ressuscitar as lendas brancas, contar aos filhos a história da Europa imparcialmente, dar direitos e deveres para os brancos, que sirvam em pequenos atos no cotidiano, comer uma comida européia em detrimento de uma comida que não tenha essa origem quando tiver escolha”), sua proposta é de uma ideologia desassociada da política, pois “o nazismo foi o orgulho branco politizado” e a idéia mais adequada seria no lugar

⁶³ A comunidade estava disponível em <http://www.orkut.com/ObjectDeleted.aspx?cmm=23787210>. Último acesso em 19 de março de 2007. Foi excluída pelas denúncias de racismo. O fórum em questão contou com 125 posts, produzidos por 13 participantes da comunidade. O criador do fórum permanece ativo no orkut.

“de fazer algo como aquilo, optar por algo “mais moral”, “política não é prioridade”. Seria, portanto, possível defender o orgulho branco sem ser “exclusivamente” nazista.

Há, por outro lado os que não acreditam na preservação sem um “movimento ultra-direitista” e neste a política ocuparia um *locus* essencial: o verdadeiro “ideal branco” seria defendido apenas pelo nacional-socialismo. Pois somente nesta moldura se inscreveria o medo necessário para que “outras raças não se atrevessem a prejudicar o ideal ariano”. Um dos defensores desta concepção, cita Himmler:

Não importa onde estamos lutando; não importa contra quem estamos lutando. Mataremos quem tivermos que matar no interesse de nosso país e tirar a vida de um homem não significará mais que tirar a vida de um boi... Só com esta filosofia poderemos trilhar com confiança o caminho da vitória.

E acrescenta, ainda, outra afirmação atribuída ao oficial da SS, “em uma palestra para a Divisão de Negócios Exteriores da SS”: “A melhor arma política é a arma do terror. A crueldade gera respeito. Podem odiar-nos, se quiserem. Não queremos que nos amem. Queremos que nos temam.” Este vínculo entre política, medo e violência aparece, sempre vinculado à tradição hitlerista: um dos debatedores vê na “previsão de Hitler acerca do futuro”, certeza outra: “podem tentar destruir o povo alemão mais ele sempre ressurgirá como alemães, porque somos fortes.”. A saída política seria a arma do povo alemão para se defender “morrendo e matando pela raça”. Neste contexto, fazer política é, sobretudo, “reverenciar o líder nazi”.

Mas, se nos colocarmos em outro lugar de observação, por algum tempo e ao invés de buscarmos entender o sentido de política neste discurso e a divisão que ele tensiona no mesmo, procurarmos extrair o que estes pontos de vistas elegem como unânime, o que acharíamos? Identificaríamos, em primeiro lugar a existência das “raças”, e destas, nascem os conceitos de “raça branca” e “outras raças”. Localizaríamos, ainda, que a primeira está ameaçada, corre grande perigo: “Extinção dos brancos. Daqui a mais ou menos 300 anos no Brasil, devido à mistura racial, não existirá mais pessoas de olhos claros, nem cabelo liso”. Todos também acreditam que esta ameaça faz parte de uma conspiração judaica para transformar o mundo inteiro “em uma raça só e então dominá-la”. Um debatedor esclarece este ponto:

E foi exatamente assim que os judeus invadiram a vida européia, através desse amaldiçoado cristianismo, ou na realidade, cópia de judaísmo, para enfraquecer os REAIS valores do homem branco. Todo cuidado é pouco, seja com o judaísmo, seja com o cristianismo. Para entender melhor, recomendo a leitura

de O Anticristo, de Nietzsche, para entender o porque do homem branco correr risco de extinção seguindo o tal cristo⁶⁴.

Se, por um lado, há dúvidas em abarcar no movimento uma posição mais política, e, na concepção de política que eles descrevem, mais violenta, não há dúvidas de que há uma “raça branca” e que ela está sob “ameaça de extinção”. A solução, alicerçada em uma organização institucionalizada dos interesses (direitos, orgulho, futuro, presente) e para esta, é preciso criar “uma nova bandeira”, “uma nova simbologia”. Neste ponto, salta aos olhos uma nova divisão: haveria, de fato, uma nova bandeira, uma nova simbologia, um novo racismo e uma velha bandeira, uma velha simbologia, um velho racismo?

Busquemos: em um outro lugar na Internet, se encontra um portal, em inglês, mas com algumas páginas traduzidas para vários idiomas⁶⁵, cujo epígrafe é : “Toward a New Consciousness; a New Order; a New People”. Consultando o Google, se chega à informação de que este epígrafe se repetiria por toda a WEB, em inglês, vinte e nove vezes. Os resultados aparecem associados, principalmente, a três grandes portais: o “National Alliance”, o “Stormfront” e o “National Vanguard”. As outras chamadas são de artigos copiados destes sites, que compartilham o fato de serem produzidos em solo estadunidense, por movimentos de extrema direita branca, de orientação racista, revisionista e neonazista. Ao analisar profundamente estes sites e seus diversos artigos, nota-se que o epígrafe se repete mais vezes: ao total são cento e trinta e duas, mas algumas vezes demarcados com mais de um espaço (duplo ou triplo) entre duas palavras, o que inviabiliza a exatidão da busca pelo Google. A proposta é de caminhar rumo “a uma nova consciência, uma nova ordem, um novo povo”. Nos sites e nas comunidades aparece a idéia de que “a raça branca” estaria ameaçada de “extinção”, resultado de uma grande “conspiração judia para destruir o belo”, vinculando definitivamente, portanto, a beleza ao “padrão racial ariano”. Neles, a idéia da política como arma de violência para garantir a preservação vital da raça ariana é uníssona e ainda assim um novo slogan (a uma nova consciência, uma nova ordem, um novo povo) divide espaço com o antigo (um só povo, uma só nação, um só líder), nestes sites em que a figura de Hitler é permanentemente idolatrada e analisada como caluniada pela “mídia judaica”. Associada a estas discussões os sites pretendem

⁶⁴ A alusão da obra de Nietzsche ignora toda a discussão de *Para Além de Bem e Mal*, anterior ao Anticristo, livro no qual o autor alemão se posiciona contra o nacionalismo ("essa neurose") e contra o anti-semitismo, um dos fatores que, inclusive, o predispôs a romper, posteriormente, com Richard Wagner: "Wagner condescende a tudo que desprezo, até o anti-semitismo". (NIETZSCHE, 1886)

⁶⁵ No momento em que escrevo o presente texto, há traduções de partes dos sites para os idiomas: alemão, espanhol, francês, italiano, húngaro, holandês, norueguês, polonês, português, russo, sérvio, esloveno, finlandês e ucraniano.

elaborar “como a mídia arquiteta seu plano de destruição” e que resposta precisa ser dada a este plano para garantir que a criança ariana, símbolo máximo das polissemias truncadas deste discurso, tenha seu lugar, no futuro, garantido. “We must secure the existence of our people and a future for White children” é o slogan, produzido por David Lane, que evidencia esta proposta. Por toda Internet, nestes sites, ou em URLs que a eles fazem referência, ou, ainda, pelos Links neles registrados, há cerca de vinte mil citações deste texto, em suas versões em inglês, espanhol, italiano, francês, alemão ou português. Um exemplo disso, o post abaixo, retirado do mesmo debate, tenta explicar porque algumas mensagens são demarcadas pela “senha” 14/88:

Esclarecimentos... Esclarecimentos... O 14 representa as 14 palavras de uma frase que se tornou um slogan do movimento da supremacia branca: **"We must secure the existence of our people and a future for White children."** Tradução: "Nós devemos assegurar a existência de nosso povo e o futuro das crianças brancas". O 88 representa a saudação nazista Heil Hitler, usada para reverenciar o líder nazi. O H é a oitava letra do alfabeto, assim, os Hs da expressão são trocados pelo número. 14/88

Para viabilizar a existência “desta criança” e, portanto, de seu futuro, os sites compartilham com os debatedores do Orkut a opinião de que o casamento inter-racial deve ser extinto: apenas nos “casamentos intra-raciais”, conforme informa um membro do debate do Orkut, haveria a garantia da sobrevivência da raça. Foi no dia 14 de julho de 1935, que se promulga a lei de esterilização, com fins eugênicos: a “Lei para a prevenção contra uma descendência hereditariamente doente” (Gesetz zur Verhütung erbkranken Nachwuchses), que estabelece uma ligação estreita entre médicos e magistrados através de um “tribunal de saúde hereditária” (Erbgesundheitsgericht). Em 14 de julho, portanto, pretende o Nazismo quebrar sua bastilha: a impureza racial seria combatida. 14 palavras. 14: um novo símbolo?

É evidente, nos posts, ainda, que mesmo entre os que se distanciam de uma postura mais política e a pretendem “mais ideológica” (o discurso distancia os termos), esta impureza seria impensável: “a pessoa terá de optar se quer fazer parte do movimento ou seguir a vida com um casamento inter-racial”. Concordam todos que “uma norma que deveria ser feita prioritariamente é o casamento intra-racial e a manutenção e o zelo com os filhos pela manutenção dos ideais do movimento⁶⁶”. O casamento inter-racial também se refere à expressão “essa palhaçada” do título do debate. Um participante chega a postar inclusive a “Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães de 15 de setembro de 1935”, que declarava “proibidos os casamentos entre judeus e

⁶⁶ Este é um tema recorrente, como se analisará nos próximos capítulos.

cidadãos de sangue alemão”, assim como as relações extra-conjugais entre eles. No “National Alliance”, ao casamento inter-racial é atribuído o valor de “pior que assassinato”. Neste site, vasto material racista é oferecido, inclusive livros infantis para colorir. Neles se contam a história dos povos arianos, a mesma que os debatedores do Orkut pensam em oferecer aos filhos como “nutrição cultural”. Neste grande portal racista, há uma nova bandeira. Não é a suástica que emoldura o site, mas a figura da Runa Algiz, também denominada de Eolh. A cruz celta “meio batida” como afirmaram os internautas do Fórum citado, dá lugar a uma letra celta.

Seria esta “uma nova simbologia”? E porque esta que se pretende “nova” divide com a “antiga” o lugar, a mística e a época de origem? Neste ponto recordo que a grande exposição nazista *Milagre da Vida*⁶⁷, que objetivava preparar o caminho para a destruição em massa de crianças com defeito congênito (sancionada posteriormente pelo Ato T-4), aberta em março de 1935, em Berlim, tinha como símbolo a Runa Algiz/Eolh. Um novo símbolo? Por que esta Runa? Por que Runas⁶⁸?

Em mais de oito mil sites na Internet e em cerca de duas centenas de comunidades do Orkut, estes temas são recorrentes e, se em alguns países são considerados criminosos e retirados do ar, logo são repostos por uma rede que os mantém praticamente intactos. A grande maioria dessas URLs são cópias de cerca de quinhentas principais. Movidas pelo ódio explícito, principalmente dirigido a judeus e a negros, ou pelo medo de que o futuro seja absolutamente “não branco”, esta rede se conecta a meio milhão de pessoas, que fazem da Internet um grande veículo de divulgação, comunicação, transmissão de arquivos, venda de produtos, enfim, uma grande estrutura para este movimento.

No Brasil, um dos sites mais acessados da América Latina, o Valhalla88, já atingiu duzentos e cinquenta mil internautas e casos de crime de racismo no Orkut vem rendendo processos nos Tribunais de Justiça. Crimes que também acontecem mais distantes da vida digital, como por exemplo, na Nona Vara Criminal do Tribunal de Justiça do Paraná se recebeu, por distribuição, em quatro de novembro de 2005, ação penal, referente a uma infração de homicídio indiciando onze réus. O réu principal, o professor de jiu-jitsu Eduardo Toniolo Del Segue, que se autodenomina “Brasil”, é líder de um grupo extremista branco local. Dentre os réus restantes, está a esposa do réu, que secretariava um escritório de advogados. A primeira tentativa de habeas corpus é indeferida e no despacho deste indeferimento, o M.M. Juiz de Direito Fábio Haick Dalla

⁶⁷ *Die Wunder des Lebens*, Milagre, maravilha ou prodígio da vida.

⁶⁸ O simbolismo rúnico será retomado mais adiante, bem como sua utilização pelos sites e comunidades.

Vecchia se pronuncia: “o crime apurado é de lesões corporais graves ou homicídio tentado - ainda não há denúncia⁶⁹, havido contra vítima homossexual, por grupo de chamados ‘skinheads’, que pregam a intolerância racial e a homofobia. Com os pacientes⁷⁰, foram apreendidos materiais de propaganda nazista e de cunho racial, tendo sido reconhecidos pela vítima como os autores dos fatos. Eles são acusados de tentar matar dois homossexuais a facadas e de divulgar adesivos e cartazes⁷¹ com mensagens preconceituosas e racistas por Curitiba, em setembro⁷²”.

Antes do decreto de sua prisão preventiva (posteriormente, outro pedido de liberdade provisória foi apreciado e o jovem neonazista responde ao processo em liberdade), como seria a vida do jovem casal militante? Li atentamente as notícias referentes à sua prisão (quando tomei conhecimento de suas existências), observei suas fotos e as tatuagens de suásticas que a imprensa mostrou com presteza, participei de fóruns que discutiram estes fatos, acompanhei (e acompanho), pela Internet, o desenvolvimento processual no qual estão envolvidos. O filho do casal, diante de uma foto de Adolf Hitler, faz a saudação nazista e o chama de “vovô”, afirmam os jornalistas e o Ministério Público do Estado do Paraná informa em sua página na Internet⁷³:

Na casa dos acusados, o Cope⁷⁴ apreendeu farto material de apologia ao nazismo, como bandeiras, livros – entre eles o Mein Kampf de Adolf Hitler – camisetas, fitas de vídeo, fotos do casal com outros skinheads e até de crianças fazendo a saudação nazista. Também foi recolhido um boneco representando uma caveira branca “enforcando” um boneco menor negro, três computadores, coturnos, uniformes e algumas armas, além dos CDs e do material de divulgação de uma banda de rock supostamente nazista.

Transcrevendo parte do depoimento da ré Franciele, o site do MP narra:

Francis, que diz ser descendente de alemães por parte de pai e mãe, recusa o rótulo de racista. “Sou ‘racialista’”. Defendo que, da mesma forma que os negros pregam o orgulho negro, nós também tenhamos o direito de ter orgulho de ser branco”. Ela também diz se opor à violência e à discriminação racial. “Não tenho nada contra os negros, só não gostaria de me casar com um deles”, comentou.

⁶⁹ A denúncia foi recebida em 23 de novembro de 2005, dias depois desta primeira decisão pelo indeferimento do habeas corpus.

⁷⁰ Aos destinatários da proteção do habeas corpus se denomina pacientes. (ALVES JR., 2006).

⁷¹ Acessados em sites racistas. Conforme depoimento dos réus.

⁷² Muitos sites de notícias trataram do fato, alguns são: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u114891.shtml>, <http://www.ainfos.ca/02/sep/ainfos00351.html>, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u114576.shtml>, <http://celepar7cta.pr.gov.br/mppr/noticiamp.nsf/9401e882a180c9bc03256d790046d022/3c8dfe74b302e465832570a7004a56b7?OpenDocument>, entre outras. O teor integral do despacho está Disponível em <http://www.tj.pr.gov.br/consultas/judwin/ListaTextoProcesso.asp?Linha=4&Processo=709809&Texto=Despacho>

⁷³ <http://celepar7cta.pr.gov.br/mppr/noticiamp.nsf/9401e882a180c9bc03256d790046d022/f7d649915a3b6d91832570a70049a409?OpenDocument>

⁷⁴ Centro de Operações Policiais Especiais (Cope) da Polícia Civil

Mãe de uma filha de 9 anos e de um filho de 2, que aparecem em fotos fazendo a saudação nazista, Francis confirma a atuação de grupos de skinheads na capital e a relação deles com grupos de outros estados. "Existe sim um grupo bem organizado. Hoje em Curitiba são cerca de 50 skinheads ativos, violentos e que querem carnificina", revelou.

O site do Ministério Público também narra uma entrevista com o delegado-chefe do Cope⁷⁵, Marcus Vinícius Michelotto, que contesta totalmente a versão oferecida por Franciele, cujo nome oficial é Francis Barroso:

Não existe a palavra dela contra a nossa. O que existe são as provas e o testemunho do rapaz agredido e de outros três ex-integrantes do grupo, que os denunciaram. Segundo ele, Francis seria a única mulher da facção autorizada a partir para a briga, tal a sua força e habilidade em artes marciais. "É uma mulher transtornada, que desafia a tudo e a todos e que deve ter aprendido muito com o seu marido, que é professor de jiu-jitsu", comentou. "Tem distúrbios muito sérios, ensinou o filho pequeno a chamar (Adolf) Hitler de avô e por tudo isso merece ser retirada de circulação." O delegado reconhece que o grupo pode ser muito maior, **com ramificações em estados como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo e contatos frequentes via Internet, inclusive com grupos neonazistas europeus.** "Eles são muito articulados e se comunicam com frequência pela Internet e em comunidades no site de relacionamentos orkut", observou, lembrando que outros dez mandados de busca e apreensão foram expedidos e que as investigações continuam. [negrito e sublinhado meus].

Na rede descobri, ainda, que este não é seu primeiro processo penal por agressão física ou tentativa de assassinato. Esta última ação penal se referia a uma agressão a facadas, contra um homossexual negro de Curitiba, a quem o grupo primeiramente espancou. Membros da ONG Dignidade denunciaram que os integrantes do grupo foram vistos colando adesivos contra gays, negros e judeus em orelhões, postes e fachadas de prédios.

Desejo, num primeiro momento, adiantar que retomarei este acontecimento à luz de *Uma Filosofia do Ato*, de Bakhtin (1926) para analisá-lo dos quatro pontos de vista propostos por ele, a saber, a arquitetônica do mundo vivido, o ato estético como agir ético, a ética da política e a ética da religião e ler neste dado um “evento”. Mas, por ora, desejo pensar a relação entre este dado, este crime, as entrevistas e matérias que o expuseram na imprensa, as informações coletadas no

⁷⁵ O racismo é crime tipificado pela Lei 7.716/89 — com alterações da Lei 9.459/97. O texto proíbe discriminação de raça, cor, etnia, religião e procedência nacional e pune os infratores com pena de um a três anos de reclusão e multa. Quando o crime é cometido por meio de órgãos de comunicação social, a pena sobe para período variando entre dois e cinco anos. O texto integral da Lei está no anexo 1.

Tribunal de Justiça do Paraná e a rede racista, revisionista e neonazista digitalizada, representada pelo debate dos internautas no Orkut e pela citações dos sites enumerados.

Em primeiro lugar, reconheço: sei muito pouco a respeito de Eduardo e Franciele/Francis, sua esposa. Nunca os vi, nem conversei com eles, apenas observo uma parte de suas trajetórias pela Internet. E, ainda assim, posso imaginá-los nas madrugadas em Curitiba. Vejo-os no bairro de Santa Felicidade, local em que residem, caminhando pelas ruas: um jovem casal de mãos dadas, conversando em tom baixo. O silêncio dos restaurantes italianos fechados os acolhe e, pouco a pouco, telefones públicos, portas de banheiros, postes de iluminação e muros (preferencialmente de empresas de rádio e TV, sedes de partidos, ONG's e jornais) se transformam em murais nos quais eles colam seus cartazes. Como eles, milhares de outros jovens utilizam a madrugada para colar seus adesivos, normalmente dez a trinta panfletos por noite, em locais com intensa circulação diurna garantida. Mas, como me atrevo a imaginá-los nas ruas de Santa Felicidade, escondendo-se para mostrar suas convicções ideológicas?

Neste trabalho etnográfico⁷⁶, tomo como grupo humano dotado de uma “particularidade” (Lévi-Strauss, 1949) os membros ativistas dos sites que divulgam o racismo, o revisionismo e o neonazismo na Internet. São estes meus informantes. Anoto suas atualizações, caminho por seus enlaces internos e externos, mapeio a rede no qual se inserem, visito os perfis de seus usuários postados na rede, digiro seu discurso, observo suas fotos e vídeos, realizo download de material por eles fornecido, escuto suas músicas em mp3, leio e releio “Minha Luta⁷⁷”, “O Diário de Turner”, “Os Protocolos dos Sábios de Sião” e outras dezenas de livros disponibilizados por eles, observo como eles se dirigem uns aos outros nos debates e como falam de seus objetos de ódio (em particular, judeus e negros), como idealizam seus heróis, como tecem seus mitos. Foram dezenas de milhares de páginas lidas, organizadas, codificadas e impressas, e, a partir delas, dois

⁷⁶ Há mais de quatro anos e meio desenvolvo o exercício etnográfico em sites racistas, neonazistas e revisionistas. Em meu trabalho anterior, relato como me aproximei do tema, mas para situar-me posso resumir que eles se apresentaram a mim, ainda durante a graduação, numa pesquisa acerca do Revisionismo Histórico. Desde então, leio e releio tudo o que está inserido em mais de cinquenta sites e dezenas de comunidades do Orkut (demarcadas no presente texto pela sigla CORKUT, seguida pelo nome da Comunidade), e conteúdo racista, neonazista e revisionista. Dentre estes “informantes” há sites, fóruns, blogs, diretórios, arquivos e comunidades em espanhol, inglês, francês, italiano e português (de Portugal e do Brasil). Os sites foram catalogados em banco de dados para o meu primeiro trabalho e para o presente texto, transformados em pdf, e, quando possível, impressos. Há um banco de dados sendo produzido para esta etnografia e também me utilizei o software N*VIVO. Voltarei a discutir esta metodologia posteriormente.

⁷⁷ Todas as referências de minha luta são da versão eletrônica, disponível pelo programa E-mule. Como isso não corresponde a um endereço eletrônico específico, mas a uma versão compartilhada em pdf, pela rede do software citado, na bibliografia apresentei a versão correspondente em Língua Portuguesa. Os trechos de Minha Luta serão marcados como (ML).

bancos de dados desenvolvidos, um para dar conta dos sites, outro para organizar os posts e fóruns das comunidades⁷⁸. Posteriormente, há cerca de um ano e meio inclui na análise, por um lado, como o anti-racismo se relaciona com esta primeira rede, como a denuncia, como a debate, analisa e como a responde; e, por outro, como o tema do racismo é incorporado e discutido em comunidades do Orkut sem relação com o mesmo. E, se depois deste esforço, me permito imaginar Eduardo e Franciele/Francis pelas ruas de Curitiba, é nos sites que busco a liberdade para este ato, pois neles este tipo específico de ativismo é sugerido e incitado, visto como uma espécie de iniciação: a grande maioria dos sites disponibiliza adesivos e pôsteres para serem impressos e utilizados:

A execução do ativismo político é simples, sendo necessário apenas que cada pessoa faça o download dos cartazes e panfletos disponíveis no site, imprima algumas cópias destes e os distribua/cole em locais onde serão lidos pelo maior número de pessoas possível. O Horário ideal para a colagem de cartazes é no período noturno, preferencialmente entre 23:00 e 04:00 horas, porém dependendo do local escolhido podem ser seguramente executadas fora deste horário. Os panfletos podem ser colocados em caixas de correio, bibliotecas, espalhados em mesas de lanchonetes, prateleiras de supermercados, livrarias, etc. Sejam criativos e sempre cautelosos. (V88)

Fáciles de reproducir con impresora o fotocopidora, para colocar en las calles, asientos de transportes públicos, para buzonear; o en color para los locales de reunión. El carteleo no debe molestar a la población por su naturaleza o cantidad. Respetar escrupulosamente las indicaciones concernientes a los emplazamientos reservados a la fijación de carteles de los comerciantes privados. Pegar correctamente buscando un aspecto externo de calidad. Los lugares de pegada: pegar en lugares estratégicos, llamativos y frecuentes (enlaces del metro, estaciones, terminales de autobús, cerca de comercios, cerca de medios de comunicación, centros escolares, cybercafes. (NON)

Concordas connosco? Então estás à espera de quê para divulgar a Causa Identitária?! Faz o download, imprime, fotocopia e distribui a Voz Dissidente (folha de agitação da Causa Identitária) e os nossos panfletos. Passa a palavra! (CId)

A distribuição da propaganda alcança o Povo Branco por duas maneiras: diretamente (através do próprio material) e indiretamente (pela resultante cobertura da mídia)... Frequentemente, mesmo uma pequena, mas bem direcionada, distribuição conduzida por um astuto ativista resulta em primeiras-páginas de jornais e cobertura televisiva. Este ativismo construtivo é vitalmente importante, além, é claro, de ser muito divertido e altamente satisfatório! A primeira regra é a de sempre nos recordarmos do nosso real objetivo: Nós devemos persuadir nossos(as) Irmãos(ãs) Brancos(as) a apoiar nossa causa! Nesse sentido, nós devemos fazer com que saibam da nossa existência e que promovam o Poder Branco! Nós devemos nos empenhar de modo a impressionar favoravelmente possíveis simpatizantes Brancos... não simplesmente importunar nossos inimigos (assim sendo, pedimos a você que aja com

⁷⁸ Para viabilizar esta pesquisa, utilizei, ainda, um software de Pesquisa Qualitativa, o N*VIVO. Disponível em http://www.qsrinternational.com/products/productoverview/NVivo_7.htm Último acesso em 15 de janeiro de 2006.

maturidade, resistindo à tentação de desperdiçar nossos preciosos materiais contra inimigos sub-humanos! (V88)

Se me permito pensar os perfis dos debatedores como “reais” (retomarei a discussão teórica deste termo posteriormente), é porque tomo também como real a Franciele que a Francis constrói para si como neonazista. Tomo como real o seu ódio, tomo como real a leitura de “loucura” nele lida pelo delegado encarregado do caso, tomo como real sua vontade de que Hitler seja o avô de seu filho, tomo como real que o material apreendido esteja disponível na Internet exatamente para este fim, tomo como real seu medo da extinção da raça branca, tomo como real seu ódio por judeus, negros e homossexuais, tomo como real a dor dos que foram feridos pelo grupo, tomo como real a rede que os sustenta, alimenta e exorta a atos de violência, tomo como real as mensagens de conforto que estes réus receberam em blogs neonazistas portugueses, tomo como real o desejo do grupo racista de defender “seu povo, sua nação e seu líder”, tomo como real que eles leiam como “povo” esta unidade que denominam como “raça” e que abarca um padrão físico e um padrão espiritual, tomo como real que nação para eles se configure como o “espaço que esta raça terá para se desenvolver”, ou seja como eles “imaginam esta comunidade” (ANDERSON, 1991), tomo como real que eles atualizem a liderança de Hitler constantemente, quer alegando que seu suicídio foi forjado pela imprensa e pela política judia, quer defendendo seus escritos, suas idéias e sua cidadania alemã, tomo como real que este ato de violência deseja repetir outros atos de violência, repetidos como rituais que garantiram a “nova consciência, a nova ordem, o novo povo”. E quando aqui afirmo que tomo como real todos esses dados, afirmo estar levando estes nativos a sério, embora discorde radicalmente de suas idéias, de sua postura política, de seu racismo e de seu projeto. E quando penso neste levar a sério, volto-me para um texto de Eduardo Viveiros de Castro:

Levar a sério é, para começar, não neutralizar. É, por exemplo, pôr entre parênteses a questão de saber se e como tal pensamento ilustra universais cognitivos da espécie humana, explica-se por certos modos de transmissão social do conhecimento, exprime uma visão de mundo culturalmente particular, valida funcionalmente a distribuição do poder político e outras tantas formas de neutralização do pensamento alheio. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002)

Parodiando Evans-Pritchard: eu particularmente nunca me interessei pela “sobrevivência da raça branca”, isto nunca foi para mim uma questão, mas para meus informantes esta questão é

crucial, “de forma que tive de me deixar guiar por eles”⁷⁹ e exatamente porque não os neutralizei, escolhi denunciá-los sempre. Esta questão inaugurou meu estranhamento e construiu para mim o meu “longe de casa”⁸⁰ e antecipava a diferença que estaria implícita e explícita em suas diversas formas de manifestação Internet afora, a diferença que eu perceberia como uma “totalidade”⁸¹. Quanto mais navegava pelas milhares de páginas de fóruns, perfis, anotações, enlaces, depoimentos, comentários, discursos, relatórios de reuniões, discussões de ex-membros, manifestações de proselitismo para com novos integrantes e grandes ofensas aos “desertores”, quanto mais lia seus livros, ouvia suas músicas, via seus vídeos, mais me pareciam uma totalidade particular, “um fato social total” como o definiu Mauss e que me interrogava como uma esfinge. Era preciso decifrar seus códigos, entender seus motivos, dentro de um parecer compreensivo que, no entanto, nunca teve como proposta justificá-los. Nestes anos, seu ódio (aos inimigos, judeus e negros em primeiro lugar, mas evidentemente também direcionado aos homossexuais e a determinados grupos de imigrantes) e seu medo (da extinção de sua “bela raça” V88), detalhavam uma totalidade movida por paixões que eu nunca compartilhei e que considero indefensável. Como escreveu Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo*, “compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes” nem tão pouco “explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades”, para obter um desligamento do “impacto da realidade e o choque da experiência”. Compartilhando com ela sua concepção de compreensão, diante deste fenômeno, o racismo associado ao revisionismo e o neonazismo na Internet, escolhi “examinar e suportar conscientemente o fardo” deste tentame etnográfico específico, esforçando-me para “sem negar sua existência, nem vergar humildemente a seu peso”, olhar a realidade que me era apresentada pelos site, as ilhas digitais nas quais me deparei com meus “nativos”, suas narrativas, mitos, rituais e discursos. Diante destes, procurei, todo este tempo, sustentar a possibilidade de encarar o universo que me era exposto, da forma mais total possível, “atentamente” (ARENDT, 1979, p. 21).

⁷⁹ Refiro-me à constatação de Evans-Pritchard: “Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra zande, mas os Azande tinham, de forma que tive de me deixar guiar por eles” (EVANS-PRITCHARD, 1937, p.300).

⁸⁰ Refiro-me à discussão de Marisa Peirano, em *A favor da etnografia*: “o processo de descoberta antropológica: uma descoberta que é um ‘diálogo’, não entre indivíduos -- pesquisador e nativo -- mas, sim, entre a teoria acumulada da disciplina e o confronto com uma realidade que traz novos desafios para ser entendida e interpretada; um exercício de ‘estranhamento’ existencial e teórico, que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana. Este estranhamento o antropólogo aprendeu a reconhecer, no início, longe de casa.” (PEIRANO, 1992)

⁸¹ Evans-Pritchard advogou que, no trabalho de campo as diferenças não seriam apreendidas em seus particulares, formatadas em “traços” diversos, “mas que elas surgem como totalidades”. (PEIRANO, 1992)

Isto posto, explicito que convivi nas comunidades do Orkut em que me apresentei como etnógrafa que buscava analisar o racismo, o revisionismo e o neonazismo na Internet e também, no último ano e meio, nas comunidades anti-racistas, com pessoas que manifestaram opiniões semelhantes e totalmente opostas às minhas, acho necessário explicitar que durante todo o tempo desta pesquisa, que não me senti estudando uma aldeia, mas numa aldeia (como enfatizou Geertz), na qual os racistas vivem ritos de iniciação, as manifestações públicas de ódio e se protegem atacando as aldeias inimigas (os sites anti-racistas são muitas vezes explicitados como inimigos, como também os sites acerca do judaísmo, em fóruns é comum postagens responderem a questões provocadas em outros fóruns de outras comunidades), que “imaginam” sua nação como sua raça, raça que os permite partilhar mitos.

Decidi, ainda, pôr três outras observações como necessárias: a primeira se refere ao fato de que tomo o discurso dos sites como comportamento e o comportamento dos membros das comunidades (invadindo fóruns inimigos, registrando vídeos de suas ações de ódio e no acompanhamento que fiz pela WEB dos processos judiciais impostos aos membros mais radicais) como parte de seu discurso, inserido em toda uma prática: como estruturam os sites, como constroem a ideia de uma “germanidade”. Minha pretensão é observar como, nos sites, fóruns, blogs, a prática e o discurso se relacionam⁸². A segunda se refere a uma percepção: não concebo meus informantes e seu contexto digital como uma mera mimética da sociedade e de suas manifestações de ódio públicas no mundo não digital, inclusive porque suas experiências neste dois espaços se afetam mutuamente⁸³.

A terceira questão surgiu de minha tentativa de compreender o uso particular que meus nativos fazem da História, incluindo o que assumem como história, em particular toda a discussão que elaboram da “verdadeira História da Segunda Guerra Mundial” (NLK, V88, CORKUT “Holocausto: verdades e Mitos”, NON, por exemplo) e a “história contada pelos vencedores”. Há duas histórias, portanto, para estes informantes; a oficial e a verdadeira. Pretendo situar este impasse dado pelos sites, contextualizando-o tanto no debate teórico acerca da relação entre História e Antropologia, como no que se detém na relação entre narrativas e memória. Para lidar com estas duas histórias, este trabalho me exigiu um grande mergulho numa

⁸² Neste ponto me foi importantíssima a leitura do valioso texto de Emerson Giumbelli. GIUMBELLI, Emerson. *Besides the "fieldwork": supposedly Malinowski reflections*. Rev. Bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 17, n. 48, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Abr 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-69092002000100007

⁸³ Retomarei este ponto no momento propício.

extensa bibliografia acerca da Segunda Grande Guerra, passando por biografias de seus líderes, relatos e entrevistas com sobreviventes, monografias diversas a respeito do nazismo, do fascismo e da resistência francesa e alemã. Assisti a filmes, li livros, artigos, depoimentos, matérias de revistas e jornais, consultei Atlas, enciclopédias, mas não estive na Alemanha, naquela época. Conheço a Alemanha de todos os meus informantes apenas por seus múltiplos relatos. E pretendo discutir como eles criam e recriam esta Alemanha. Como recriam Adolf Hitler, como recriam seus símbolos, sua bandeira, sua fé no nacional-socialismo. E, nesta tentativa de recriação eu estive. E porque para meus informantes esta tentativa construiu um lugar e um tempo, ela se tornou para mim um lugar e um tempo e nesta “viagem” a este lugar e a este tempo que fiz meu trabalho de campo, o qual apresento a seguir.

3. UM NOVO MAR

“Pode-se perdoar a um homem a criação de uma coisa útil, contanto que ele não a admire.”

Oscar Wilde (1890, p.8)

“Num determinado sentido, revelamos com o ciberespaço uma espécie de espaço eletrônico da mente. [...] Quando estou online, a questão de “onde” estou não pode ser plenamente respondida em termos físicos. [...] o ciberespaço está sendo especificamente promovido como um novo reino para o ‘eu’.”

Margareth Wertheim (1999, p.30)

No interessante site *Deja Vu*, que se propõe a rememorar a história da Internet, há um browser⁸⁴ emulador, ou seja, um simulador on-line dos principais navegadores que existiram durante a formação da WEB⁸⁵. Nele, um rapaz vestido em trajes de banho, sobre uma prancha de surf, nos oferece os links para visualizar de nosso computador pessoal como seria acessar a rede pelos mais diversos navegadores: desde o modelo mais antigo, que permitia ver a WEB apenas em formato texto (como ela era até então), até os modelos mais modernos, que permitem acesso a vários tipos de mídia. É bom lembrar que a WEB cresceu, também, na medida em que a capacidade de seus navegadores permitiu⁸⁶ e a transformação do antigo modo texto, por exemplo, para o Mosaic (primeiro navegador que permitia objetos gráficos) permitiu uma modificação importante na produção de conteúdo para a Internet, que atinge seu auge com a possibilidade de se inserir som, animações e diversos formatos de arquivos, todos eles lidos por qualquer dos navegadores mais usados, quer seja o Internet Explorer, da Microsoft, que ocupa 85,5% dos microprocessadores do mundo, o Mozilla Firefox (9,57% das máquinas o têm instalado), o Safari, usado por 3,07% dos internautas; o Netscape Navigator preferido por 1,24% deles; e o Opera, com taxa de uso de 0.55%⁸⁷.

Mas, voltemos ao gráfico dos navegadores. Por que um rapaz em trajes de surf? Apenas em língua portuguesa há 304 mil citações da expressão “navegar na Internet”, localizadas pelo Google na própria rede e outras 44 mil para a expressão “surfear na Internet”. Artigos associam a

⁸⁴ Software que habilita o acesso de dados na rede.

⁸⁵ Disponível em <http://www.dejavu.org/>.

⁸⁶ para uma história dos navegadores consulte <http://www.blooberry.com/indexdot/history/browsers.htm>. Acessado em 11/09/2007.

⁸⁷ Fonte: Net Applications Disponível em <http://www.netapplications.com/> Acessado em 10/09/2007.

navegabilidade WEB a versos como “Navegar é preciso” de Fernando Pessoa⁸⁸, inclusive usando termos como mar digital, ondas, barcos, tanto em texto como em desenhos e gráficos. O mesmo acontece pelo mundo afora, a Internet foi significada como um mar, desde a sua concepção como WWW. Este novo mar configura um espaço para novas viagens e quando me propus a pensar no porquê desta simbologia fiquei imaginando como o mar sempre foi o grande desafio do ser humano moderno: atravessá-lo seria acessar outros mundos, talvez até o Éden, perdido e sempre buscado. Talvez esteja nisso o sentido imposto como mar ao ciberespaço: a idéia que moveu os navegantes modernos, de que é preciso atravessar o mar, resgatar o que ele separa. Neste sentido, a imagem do mar, também traduz o universo simbólico que Margaret Wertheim constata ter sido projetado sobre a rede: nela se representou uma concepção quase religiosa, na qual o ciberespaço é traduzido pela autora como um especial “sonho tecno-religioso”, envolvido em diáfanos “termos espirituais” (WERTHEIM, 1999, p.15). Como a rede resgataria a possibilidade da idéia de Paraíso, um novo mundo, que desafia, assusta e como “como uma força tecno-utópica” serve como *locus* de novas conquistas humanas⁸⁹?

Neste outro mar, há grandes continentes, os grandes portais e pequenas ilhas, distantes, em redes que a formatam como mares de ilhas. Uma interessantíssima ilustração encontrada no Site XKCD, um site de humor, que aborda muito a cibercultura traduz todo este imaginário simbólico deste mar, em uma imagem de mapa-múndi, ou como eu a denominaria, de web-mundi. Nele, o desenhista Randal Munroe, formado em física e anteriormente projetista de robôs no NASA Langley Research Center, expressa as comunidades online mais numerosas do mundo virtual como se fossem localizações geográficas, grafando-as como continentes e ilhas. O mapa está disponível na figura a seguir.

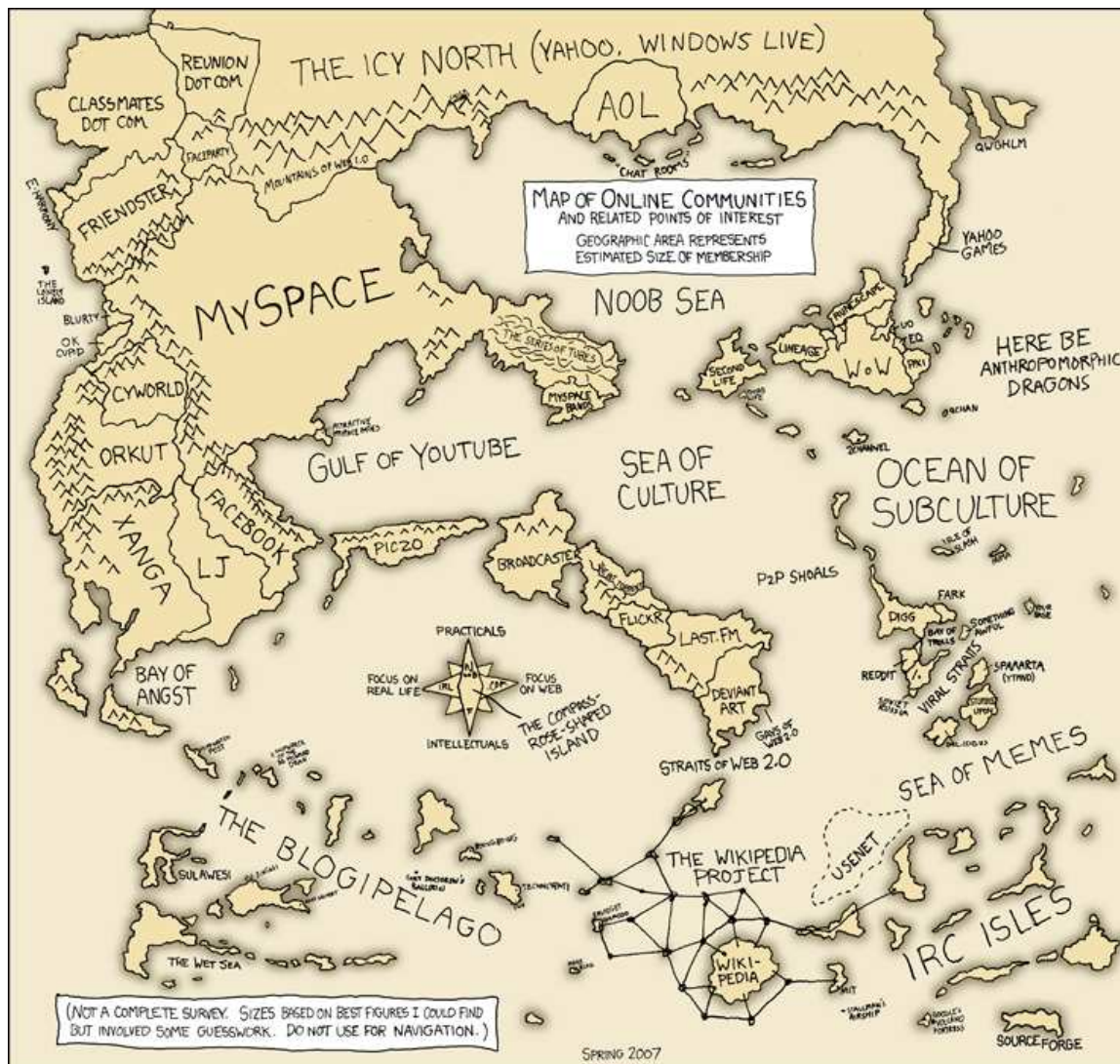
Neste prisma, acredito que o universo simbólico da Internet se apropriou do mar por vários motivos: ele permite outros tempos, outros espaços, outras aventuras, outros mundos a

⁸⁸ Como exemplos há três interessantes, dos milhares que existem, disponíveis em http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/131_abr00/html/navegar.htm, <http://web.letas.up.pt/asaraujo/navegar.html> e <http://rochester.wordpress.com/2007/02/08/navegar-e-preciso-navegabilidade/>

⁸⁹ Nesta configuração, antigas ressonâncias são reformatadas, o colonialismo mostra o seu interesse em ilhas distantes, literalmente: ilhas como Toquelau (ou Tokelau), da Polinésia oferecem-se para registrar domínios gratuitamente. O registro.tk é na rede, sinônimo de ambição: muitos internautas se oferecem para obter para empresas registros internacionais (.tk), pela “módica” quantia de 600 dólares anuais! Isso para registrar um domínio gratuito, transformado em “internacional”. O domínio tk também é utilizado por hackers e Web masters de sites de pedofilia, de racismo, de vírus e pirataria. O registro gratuito, o fato do domínio não sofrer nenhuma parte de controle e se denominar “internacional”, é um convite ao crime. Outras ilhas polinésias e de outros mares distantes também oferecem registros de domínio gratuito e até anônimo. Milhões de sites são hospedados nestes domínios.

descobrir: o *mouse* vira o timoneiro e “por águas muito navegadas”, navegar é possível. E preciso.

Figura Quatro
Mapa das Comunidades Online⁹⁰



⁹⁰ Disponível em http://imgs.xkcd.com/comics/online_communities.png Acessado em 08/09/2007

3.1 Antropologia e Internet: novas ilhas, muitas questões

“... nos últimos catorze anos, assistimos a um crescimento explosivo da Internet e da world wide web (rede mundial de computadores). Elas se tornaram a tecnologia dominante na vida moderna”.

Freeman Dyson (2001, p. 640)

Um analista da relação entre Internet e cultura, o geógrafo Rob Kitchen, em seu livro *Cyberspace: The World in the Wires*, em 1998, problematizou suas questões em torno de três grandes eixos analíticos: o primeiro é elaborado a partir de uma discussão acerca de como a rede modifica nossa concepção de tempo e espaço, o segundo aponta para a necessidade de aprofundar o debate quanto a que forma e em que extensões as formas de comunicação e sociabilidade reagiram às inovações impostas pelas novas tecnologias, e, por fim, como todo este processo dinamizou e complexificou os temas expressos por pares conceituais que nos interrogam há muito tempo: como analisar, diante das inovações a que estamos expostos, as relações expressas entre real e virtual, verdade e ficção, autêntico e produzido, tecnologia e natureza e representação e realidade? No livro, em que Kitchen traça um panorama geral, histórico e teórico, sob o ponto de vista das ciências sociais, da contribuição imposta pelas novas tecnologias à tentativa de compreender o momento cultural, econômico e político contemporâneo, estes três temas antecipariam toda uma produção teórica que emergiria posteriormente.

Tangenciando o primeiro tema, por exemplo, está a discussão de Laymert Garcia e de Margaret Wertheim: para o primeiro autor, um debate acerca das novas temporalidades impostas pela rede se faz prioritário; para a segunda autora, a dimensão espacial da rede, inclusive sacralizada, revela particularidades importantes, que devem ser submetidas à rigorosa análise por parte das ciências humanas. Diante do segundo tema, Manuel Castells é exemplar na discussão dada pelas humanidades às transformações permitidas e produzidas pela Internet em termos de comunicação e sociabilidade e suas diversas implicações. No âmbito do terceiro eixo temático, proposto por Kitchen, toda uma discussão se desenvolveu, agregando pensadores como Jean Baudrillard e Jacques Derrida, que se debruçaram diante da relação entre ser humano e máquina e seu impacto sobre a percepção de outras significações como real, imaginário, ficcional, simulacro, material, virtual. Todos estes temas, no entanto, atravessam, em algum momento um questionamento: as novas tecnologias são boas ou más? Para responder esta crucial interrogação,

surgem os defensores extasiados da mesma, como Pierre Lévy, e seus críticos ferozes, como Paul Virilio. Um outro autor, no entanto, apontou um caminho diverso nesta análise: o filósofo Gordon Graham.

Lastreado na análise de que a intermediação dada pela rede é mergulhar não numa “realidade radicalmente nova”, como recorda Graham, mas numa realidade transformada por uma “alteração, tanto dos parâmetros das trocas humanas, como das percepções dos indivíduos” (GRAHAM, 1989, p. 39), Graham investe em uma abordagem de como outras grandes invenções, como o rádio, o automóvel e a televisão impactaram o mundo humano apontando, portanto, para a necessidade de se criticar, inclusive a significação da Internet dentro do discurso comum que lhe significa como “radicalmente novo”, por incluir-se num rol de artefatos culturais transformadores, mas sem esquecer-se da sua peculiar capacidade de se formatar como “uma rede através do mundo”. Neste sentido, a rede implicou num seguro aumento da capacidade, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos, como recorda o autor, de satisfazer as “perenes necessidades humanas e seu impacto sobre as formas de vida política e social”, por permitir uma postura muito menos passiva do que a permitida pela televisão, por exemplo (GRAHAM, 1989, p. 46).

Para Graham a leitura da Internet, distante dos radicalismos que tentam classificá-la como negativa ou positiva, deve focar a idéia de que a rede “internacionaliza”, de forma peculiar, a comunidade humana, tornando as fronteiras de comunicação e sociabilidade, as fronteiras do poder do Estado, muito mais frágeis, o que permitiria, para ele, uma reorganização das comunidades humanas. A respeito desta questão penso que a rede, mais que “internacionalizar”, “transnacionaliza”, pois o link, o elemento constitutivo da rede, demarcado pelos códigos no hipertexto, é um elemento que viabiliza muito mais a idéia de trânsito, de fugas, de conexão e desconexão do que de intersecção. Vem do link a emanção do caráter “Sherazade” da rede, tecido por fios de uma extensa e artificiosa ligação de suas narrativas diversas, na qual dados se multiplicam oferecendo outros links, outros fios, outras narrativas. Há mil e uns links na rede, todos disponíveis a manter o rei Xeriar em nós comprometido em navegar por entre eles. O mar digital convida sempre e nele inúmeros navegantes vão buscar sonhos, ideais, desejos, poderes, relatos, contatos, aliados. Entre estes tantos, um grupo chamou-me a atenção, creditam à rede a liberdade necessária à sua luta, o anonimato seguro que protege a demanda da mesma, o alcance transnacional que desejam para sua causa. Depois de observar este grupo, todos estes anos, em suas tantas ilhas no mar digital, os sites por eles construídos, fui percebendo que, para eles, estas

ilhas são muito menos um grupo de ilhas num mar distante e muito mais um mar de ilhas⁹¹. Neles, seus habitantes se descrevem como heróis que estão diante de uma grande guerra, a maior de todas, a única que importa, uma guerra por sua sobrevivência, orientada por seus deuses e deusas. Como os companheiros de Jasão, estão dispostos a morrer, se necessário e matar, se possível, para conquistar seus objetivos. São os Anacronautas do ciberracismo e antes de apresentá-los é preciso discutir, um pouco, o oceano em que navegam.

3.2 A separação entre águas e terras: Cibernética, Wiener, o ser humano e a nova sociedade de comunicação

“A hora é muito tardia, e a opção entre o bem e o mal nos bate à porta.”

Wiener (1954, p. 183)

Phillipe Breton, em *A Utopia da comunicação*, recorda que as contemporâneas teorias da comunicação surgiram em 1942, ano em que o conflito mundial em curso definitivamente se direcionaria “rumo à barbárie”. Para ele, portanto, “qualquer pesquisa que venha a ser feita sobre a matéria” deveria pretender pensar “esta aparente coincidência”, expressa por um contexto no qual “o vínculo social foi ameaçado em tal profundidade” (BRETON, 1995, p. 49).

Enumerando os vestígios do vínculo entre a Segunda Grande Guerra, a “escalada das técnicas de comunicação” e a construção de uma abordagem utópica para a comunicação, Breton se preocupa em analisar a configuração que Nobert Wiener trouxe para a questão, quando insistia numa espécie de naufrágio a espreitar o mundo social: tanto a bomba atômica quanto os campos de concentração nazistas pareceriam a Wiener indícios de que o mundo viveria uma espécie de colapso, uma recordação acerca da entropia: o caminho apontara para o caos. A única saída possível seria, segundo a leitura de Breton, uma nova utopia: uma comunicação ideal, que ressoe globalmente na construção de uma outra definição antropológica de homem, de uma sociedade ideal e da promoção da comunicação como um valor (BRETON, 1955, p. 50).

Na obra de Wiener, em particular em *Cibernética e Sociedade*, há a defesa de que a nova comunicação parta da idéia de um universo contingente, explicável, para ele, pelas teorias de

⁹¹ Esta idéia é oriunda da discussão dada pelo antropólogo Epeli Hau’ofa, que compreende a visão de mundo dos ilhéus de Papua Nova Guiné, por meio desta bela construção. Conheci o trabalho de Hau’ofa no artigo de Marshall Sahlins, O “*Pessimismo Sentimental*” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. A construção de Hau’ofa parte do contraponto de dois pontos de vista diferentes: o dos colonizadores que vêem os habitantes muito distantes, como moradores de ilhas e inscritos num mundo “muito pequeno”, num ar longínquo; enquanto os ilhéus se veriam como habitantes de um mar de ilhas e olhariam a si mesmos por meio de uma cosmologia que os admite muito maiores.

Boltzmann e Gibbs,⁹² daria conta da complexidade enorme que o mundo revelava à ciência naqueles tempos (WIENER, 1950, p.10). Neste espírito de época Wiener reconhece “um elemento de determinismo incompleto, de quase irracionalidade no mundo é de certo modo, análogo à admissão freudiana de um profundo componente irracional na conduta e no pensamento humano”, o que levaria à confusão política e intelectual de reunir a nova teoria física, a teoria freudiana e a nova teoria das probabilidades em uma única tendência. Ainda que Wiener reconheça o quanto distante estão a nova física e o método quase discursivo e particularmente indutivo de Freud, percebe a ambos próximos de uma outra tessitura analítica: a tradição agostiniana, que inscreve na casualidade, no acaso, este princípio orgânico inacabado, ou mais precisamente, incompleto, como mal. Agostinho defendera a idéia de que o mal negativo se veria expresso nesta incompletude, opondo-o, portanto à idéia do mal positivo e absoluto dos maniqueus. Mas, a esta incompletude poderia se tecer uma resposta que impedisse a perda da nitidez que gera o mal?

Wiener acredita que sim. Espera pensar “como deveríamos reagir” (WIENER, 1950, p. 14) diante da seta imposta pela entropia, que tende a crescer à medida que aumenta a idade do universo, definindo um futuro desordenado. Para tanto caberia a Cibernética combater a entropia⁹³.

A noção de entropia “dá um sentido único ao tempo.”, como escreveu Mauro William Barbosa de Almeida (1992). A entropia, lembra Almeida, garante que o tempo flua “no sentido da perda da estrutura, da perda de informação, da perda de beleza⁹⁴”. Para Gibbs, afirmou Wiener, a ordem é o menos provável e o caos o possível, na condição de deterioração propiciada pelo tempo. Para Wiener, reagir à condição imposta pela entropia e neutralizar seu efeito sobre a

⁹² A interpretação estatística da foi iniciada por Boltzmann em 1872 que a relacionou com o número de estados microscópicos acessíveis e foi generalizada por Gibbs em 1902.

⁹³ Mauro William Barbosa de Almeida recorda em *Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura de Lévi-Strauss* o “clima intelectual” específico, que abarca esta discussão de Wiener. Este “clima intelectual” se demarca pela caracterização da diferença entre modelos mecânicos e modelos estatísticos, tão importante no pensamento lévi-straussiano e retirada diretamente do livro *Cibernética*, do matemático Norbert Wiener, no qual a Cibernética era fundada como ciência, bem como a distinção entre história estacionária e história cumulativa: ambos os contrastes (que aparecem em obras dos anos 50 como os capítulos metodológicos de *Antropologia estrutural* e em *Raça e História*) equivalem à oposição traçada por Wiener entre a mecânica newtoniana e a mecânica de Gibbs e de Boltzmann ALMEIDA, Mauro W. B. de. *Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura de Lévi-Strauss*. Rev. Antropol., São Paulo, v. 42, n. 1-2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011999000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Sep 2007.

⁹⁴ Cf. “Para todo o sistema isolado, o futuro é a direção na qual a entropia aumenta” (Prigogine & Stengers, 1984:96).

sociedade é a premissa e o cerne da *Cibernética*⁹⁵, que se valeria da compreensão da comunicação para compreender a sociedade que a disponibiliza. Defendendo, ainda, que a integridade dos canais de comunicação, garantia de bem-estar social, depende do controle adequado “humano” dos seres humanos, Wiener remodela o sentido platônico de kubernêtes para quem o vocábulo expressaria a idéia de timoneiro, definindo o ato de direcionar e, simbolicamente, a arte de dirigir os seres humanos.

Wiener vincula o termo cibernética à teoria da regulação e da comunicação, artificial ou natural⁹⁶. Nasceria o programa wieneriano, que para Breton se definiria na utopia de “bem fazer com o bem uso do homem” (BRETON, 1995, p. 50), balizada por uma comunicação efetiva e no sentido que lhe dá Wiener, “transparente”, que permitiria ver o novo mundo como uma grande “casa de vidro”, idealmente. O homem wieneriano “ não reside na materialidade do qual ele se compõe”, mas da informação que o constitui. Para ele o humano é um ser comunicativo, participante “de uma corrente contínua de influências providas do mundo exterior e de atos que agem sobre ele” (WIENER, 1950, p. 143). Nesta descrição, a comunicação é um contínuo ato humano, mas note-se, na fórmula proposta por Nobert Wiener, é um ser sem interior, que interpreta estes fluxos, perfazendo-se como ser comunicativo. Seu interior é totalmente exterior a ele, as mensagens que o atravessam provêm de seu ambiente, como definira Gregory Bateson, ele “reagiria por reação”. Estaria, portanto, nas interações sociais, o espaço do homem de Wiener.

Este aspecto relacional é entendido na proposta original de Gregory Bateson como uma epistemologia da forma, que busca destacar os padrões de interação no lugar de atos individuais e privilegia os inter-relacionamentos em vez da causalidade unilateral. Para compreender este novo proposta para o humano, é preciso estar atento ao entre, pois é neste entre que o homem wieneriano encontra o seu lugar: é neste entre que emana a possibilidade de uma interação conversacional contínua, que gera este humano comunicativo, por expressar um fato cultural, uma instituição e um sistema social. É na comunicação que nasce o que Breton denominou de “homem novo” de Nobert Wiener, conforme o dos escombros da barbárie do século XX,

⁹⁵ Não que ele tenha cunhado o termo: já fora empregado cerca de oitenta anos antes pelo físico Inglês Maxwell para determinar os estudos dos mecanismos de repetição. No entanto, não é de Maxwell o neologismo «cibernética». Francês Ampère se valera do termo muitos anos antes de Maxwell. Para o físico definiria não a automação, porém a ciência dos meios de governo afirmando aos cidadãos a probabilidade de desfrutar inteiramente as sinecuras deste mundo.

⁹⁶ Ele parte, para tanto, de várias disciplinas científicas, como da análise fisiológica de L. Pavlov; a teoria da informação criada por Wiener e Shannon, apoiando-se em parte nas idéias do matemático soviético A Kolmogorov que versava acerca da teoria das probabilidades; a teoria dos jogos de John Von Neumann, a lingüística de Jacobson, a psicanálise de Freud.

conectado, principalmente, à “sua capacidade de coletar, tratar e analisar a informação da qual ele tem necessidade para viver” (BRETON, 1995, p. 51). É o homem que se expressa na “estrutura que conecta”, como escreveu Bateson do senso de informação, que “organiza o pensamento, o aprendizado” e permite toda comunicação (BATESON, 1984, p. 5-16), balizado pela mente que agrega suas partes com os componentes com os quais interage, o que coloca a experiência da totalidade vinculada à idéia de interações combinadas⁹⁷. Para Wiener, este novo homem é profundamente racional, pois, distinguindo-se da projeção pavloniana, não apenas reage aos estímulos sociais, mas concretiza os processos mentais, balizados no cálculo e tornando-os, portanto, transparentes. Breton recorda que, sob a ótica wieneriana, a ação comunicativa é um ato de cálculo e por isto pode se valer tanto de atributos biológicos, como de dispositivos, ferramentas naturais ou artificiais. Desta forma, as máquinas serviriam ao novo homem⁹⁸, facilitando e ampliando seu poder comunicativo (WIENER, 1950, p. 223) e estas seriam paralelos da própria capacidade humana de se comunicar:

[...] esse elemento contribuirá para a aceitação geral de uma ampliação da idéia de comunicação às máquinas, [...] Sustento que o funcionamento do indivíduo vivo e o das máquinas mais recentes de transmissão são paralelos; [...] esse complexo comportamental é ignorado pelo homem médio e, particularmente, não joga o papel que deveria em nossa análise habitual da sociedade (WIENNER, 1950, p. 28).

Nesta nova sociedade, Wiener imaginou que a comunicação desempenharia o lugar de fenômeno central, que transformaria a visão política, pois desempenharia a função de uma utopia sem inimigo. O laço social passaria a desempenhar seu papel apenas com base na razão e no seu cálculo, modelos que formatariam o computador, o que permitiria o jogo social se metamorfosear em um jogo inteiramente informacional.

⁹⁷ Para Bateson a cibernética se preocuparia, portanto, com o controle e registro da informação, vendo nesta última qualquer forma de comunicação e gerando diferença.

⁹⁸ É interessante pensar como as máquinas servem aos neonazistas para amplificar suas “metralhadoras de ódio” e inverteriam em sua concepção racista, a única entropia que lhes é interessante ver revertida: a rede é o lugar no qual a comunicação das verdades raciais pode salvar o mundo ariano da extinção.

3.3 E o espírito humano vagueia acima das águas: um olhar antropológico sobre a sociedade informacional

“Hay algo esencialmente imposible de controlar en Internet?”

Gordon Graham (1999, p. 109)

Cerca de 60 anos depois, durante o III Congreso Online del Observatorio para la Cibersociedad⁹⁹, evento internacional mediado por computadores realizado entre os dias 20 de novembro e 03 de dezembro de 2006, no qual se realizaram diversas palestras, na sede do evento, a apresentada por Christine Hine¹⁰⁰, autora do livro *Etnografia Virtual*, que ministrou uma palestra homônima, transmitida pela WEB, no dia 28 de novembro de 2006¹⁰¹ merece destaque. Nesta conferência, Hine traçou uma rápida recapitulação dos pensadores¹⁰² que se detiveram na relação entre Antropologia e Internet e apontou para as grandes discussões que o tema emerge. Entre elas, como problematizar, partindo do estudo da Antropologia, a sociedade informacional?

No debate, durante todo o Congresso, acerca desta questão, algumas indagações eram, com grande insistência, reproduzidas¹⁰³: como repensar (é necessário?) o método clássico da antropologia, validada na convivência direta em longos períodos de tempo com seus observados, denominada e definida por Malinowski como "observação participante", se na realidade virtual, os agentes podem aparecer, desaparecer, reaparecer do objeto de estudo¹⁰⁴? Quais as novas ferramentas que podem ser utilizadas no levantamento de dados? Como sistematizar esta nova forma de apreender imaginários? Como definir um “território virtual”? Como se aproximar desta realidade? De que forma a relação digital reformata os fundamentos epistemológicos da etnografia? Como a experiência do investigador e a sua relação com o objeto de estudo afetam os agentes analisados? Que tecnologias ele deve conhecer e utilizar? Quais premissas metodológicas devem conduzir um estudo do digital? Qual a relação entre o estudo dos fenômenos mediados

⁹⁹ O tema do congresso, *Conocimiento Abierto, Sociedad Libre*, envolveu uma interdisciplinar reflexão, partilhada por acadêmicos de várias partes do mundo, acerca da relação da “nova sociedade tecnológica”. A direção temática deste congresso, elaborada por um Comitê Científico, centralizou-se no que se denominou cibersocial. A proposta era discutir a “natureza do conhecimento na Era da Informação, a possibilidade deste ser livre e aberto nesta Era e discutir este tema no próprio ciberespaço.”

¹⁰⁰ A professora da Universidade de Surrey é uma das mais reconhecidas investigadoras da relação entre etnografia e Internet. Informações adicionais estão disponíveis em <http://www.soc.surrey.ac.uk/staff/chine/>

¹⁰¹ A palestra está disponível em <http://www.cibersocietat.net/congres2006/uned/contenidos.php?opcion=0>

¹⁰² Voltarei a esta revisão mais adiante.

¹⁰³ Estas questões foram propostas por participantes e organizadores do Congresso em fóruns e debates on-line.

¹⁰⁴ Um comentário da Professora Vanessa Rosemary Lea, durante a qualificação, a respeito desta questão me foi muito produtivo: pensar na observação participante na realidade virtual a partir da experiência etnográfica acerca do xamanismo. Infelizmente não foi possível levantar uma discussão teórica acerca desta relação, que ficará para um momento outro.

pelas tecnologias digitais e a sua materialidade? Esta deve ser discutida? De que forma? Como a observação participante ocorre no meio digital? Como deve ser o contato entre pesquisador e objetos de estudo?

Para responder a estas perguntas, além de revisitar os autores citados pelo trabalho de Hine acrescento outros, que foram importantes para minha etnografia. Para olhar antropológicamente a Internet também busquei dialogar com o “novo homem” como o pensou Wiener, Bateson e Breton, do entre, do fluxo, um homem balizado pelo comunicativo. Também é preciso centrar este debate no fato de que, ao longo do desenvolvimento das novas tecnologias de informação, novos olhares filosóficos, grandes discussões críticas e significativas inovações alcançaram as Ciências Sociais. Dentre estas, Dwyer (2004) enumerou sete metodologias informacionais, as quais impactam de alguma forma os paradigmas das ciências sociais:

- (a) publicação, divulgação e ensino por meio da Internet;
- (b) disponibilidade de bases de dados, bibliotecas virtuais e outras fontes de investigação em formato digital;
- (c) programas de análise estatística;
- (d) programas de análise qualitativa;
- (e) programas de geoprocessamento;
- (f) programas de inteligência artificial;
- (g) laboratórios sociais virtuais¹⁰⁵.

Também cresce, no mundo inteiro, a quantidade de pesquisa que faz de objetos virtuais, ou da relação com estes, o tema de dissertações e teses¹⁰⁶. Neste novo desafio metodológico e conceitual, um novo campo se apresenta à etnografia: as ilhas digitais, dos cibermares. Como pensar o método de Bronislaw Malinowski, teorizado por ele no formato de “observação participante”, para este novo objeto? Malinowski advoga que é tarefa do etnógrafo “a integração de todos os detalhes observados, bem como a síntese sociológica dos diversos indícios

¹⁰⁵ São muitas as URLs que versam sobre a Antropologia. No Brasil, além das páginas das Associações, há revistas, listas de discussão, cursos de Educação a Distância, sites de Congressos e afins e no mundo todo isto indica uma tendência que se amplia todos os dias. Há as bibliotecas virtuais que agregam dados, links e artigos para pesquisa científica, programas para pesquisa quantitativa e qualitativa se desenvolvem e se comercializam pela WEB, como é o caso do N*Vivo, utilizado para esta etnografia.

¹⁰⁶ O trabalho de Cristine Hine, de 2001, *Virtual Etnografia* o de Raffaele Boiano, *Hackntropology*, de 2000, o de Richard Adrian, *InInfobahn Blues*, de 1997, o de Sherry Turkle, *A vida na tela*, de 1989, de Mentor Gray, *Cyborg citizen*, de 1996, o de Francisco Coelho dos Santos, em *Chips de carne e Osso*, de 2001 são apenas alguns dos preciosos exemplos disto.

importantes¹⁰⁷” (MALINOWSKI, 1922, p. 72), pois o nativo, imerso em suas experiências pessoais, não seria capaz de dar conta de descrever esta totalidade e ao etnógrafo caberia, defendeu Malinowski, “construir o quadro total” (MALINOWSKI, 1922, p. 72), descrever a “organização social que fundamenta a todos” (MALINOWSKI, 1922, p. 62), o etnógrafo deve “ser um caçador ativo” e seguir sua caça até “a toca de mais difícil acesso”, deve ao mesmo tempo “conhecer bem a teoria científica e estar a par das suas últimas descobertas” e ser capaz de “mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência” (MALINOWSKI, 1922, p. 22). É na capacidade de problematizar questões e fundamentá-los teoricamente que residiria a maior virtude de um cientista e para o etnógrafo, o campo seria a possibilidade de aplicar esta condição ao “estabelecimento do contorno firme e claro da constituição tribal” enquanto se delineiam as “leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os dos fatos irrelevantes”. Todos estes fenômenos devem ser minuciosamente ponderados pelo etnógrafo, de modo “sério e moderado”, “sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros”. Seu objetivo maior deve ser “perscrutar a cultura nativa *na totalidade de seus aspectos*” (MALINOWSKI 1922, p. 24).

O presente texto é uma tentativa de dar conta do racismo, associado ao neonazismo e ao revisionismo, nos cibermares, dialogando com este, observando todos estes fatores e priorizando, na presente pesquisa, uma totalidade de sites e comunidades. Tentei, na medida em que me foi possível, aproximar-me do que Malinowski denominou de “todas as leis e regularidades”, “tudo que é permanente ou fixo”, ainda que como ele preciosamente alerta, “não se encontram formulados em lugar nenhum” (MALINOWSKI, 1922, p. 24). Interessou-me, em particular, o não explicitado no discurso, mas expresso por regularidades presentes nos sites e comunidades, por meio de dados coletados enquanto os observava produzindo seus discursos, reagindo a outros racistas e se defendendo do que denominam a “perseguição da mídia sionista”. Como escreveu Malinowski, nunca se tratou de perguntar “como são tratados” os temas de interesse, mas

¹⁰⁷ Esta etnografia da totalidade, que me parece impossível diante do meu objeto deu origem a uma utilização do método malinowskiano em muitos aspectos, como (a) a utilização de mapas e estatísticas e a análise sociológica dos mesmos (b) charts (mitos fundadores, leis, regras); (c) os eventos que acompanhei durante estes cinco anos nos chats e comunidades, aliados ao meu diário de campo que registrou o equivalente, em horas a um ano de observação. (d) a leitura e releitura de um *corpus inscriptionum* (no caso, as URLs dos sites em formato PDF e os diálogos online dos fóruns). Mas, procurei me ater, a uma abordagem menos funcionalista que nele, o que espero ter deixado evidente na análise do sangue. Esta observação me foi dada pelo professor Mauro William Barbosa de Almeida a quem agradeço.

percebendo como reagem a fatos, acontecimentos, posturas, interlocuções diversas, como expressam seus medos, desejos e aspirações. Isso exigiu de mim um treinamento, que não imagino completo, mas do qual resulta a presente análise.

Um exemplo, recente, se deu quando a imprensa noticiou o episódio de furto de gravatas pelo então Presidente da Congregação Israelita Paulista, Henri Sobel¹⁰⁸, numa loja estadunidense, os sites e comunidades foram abundantes em comentar o episódio, quer por meio de textos ou de imagens. Foram criadas mais de dez comunidades sobre o tema, em questão de horas, algumas com centenas de participações instantâneas, nas quais a relação entre o furto das gravatas e o judaísmo do rabino eram deflagradoras da precisão com que o racismo constrói identidades. Este episódio serve bastante para ilustrar como me preocupei em manter sob a forma de um quadro geral o resultado de minhas observações, buscando sempre o maior número possível de manifestações concretas para cada eixo analisado.

Na tentativa de “preencher o esqueleto vazio das construções abstratas” (MALINOWSKI, 1922, p. 29) privilegiei a rotina de ativismo dos participantes dos sites, o cuidado e a reflexão que fazem acerca de seus corpos, a descrição que apresentam em seus perfis, as fotos e marcas imagéticas que escolhem para os representar, o que consideram sua cultura, sua história, seu passado, seus valores, determinados por sua herança genética, “seus laços de amizade e hostilidade, suas simpatias e aversões momentâneas” (MALINOWSKI, 1922, p. 29). Preocupe-me em entender o que meus nativos consideram normal e preocupante, como seus estados mentais revelam um “certo timbre” e tentei observar a possibilidade de seus “modos de pensar e sentir típicos” buscando entender estes modos com a maior exatidão que me foi possível, ainda bastante distante da real, porque não sou racista, a fim de esboçar o “contorno verbal de seu pensamento” (MALINOWSKI, 1922, p. 33).

Detive-me na descrição do método de Malinowski, apresentado por ele na introdução de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, porque durante este trabalho de campo foi uma de minhas maiores referências¹⁰⁹. Procurei, como ele sugere deixar muitas vezes as “imagens fotográficas, o lápis e o papel de lado” e simplesmente me deixei levar pelos links, rumo a meus nativos, seus interesses, discursos, paixões. Esta observação, direta, dos sites e comunidades, foi meu modo de aproximar-me de seu ponto de vista, para tentar apreender, partindo deste, sua visão de mundo.

¹⁰⁸ Henri Sobel foi detido acusado de furtar 4 gravatas de luxo em lojas da Giorgio Armani e da Louis Vuitton, em Palm Beach, Flórida.

¹⁰⁹ Muitas vezes experimentei a sensação de estar atônita diante dos sites, como na fórmula malinowskiana, eu era, diante deles, uma “principiante, sem experiência anterior, sem nada que o oriente e ninguém para ajudá-lo”.

Pondero também que o status de observador gera um lócus de observação privilegiado: muitas vezes me vali da própria Internet para me conduzir anônima em minha observação, ainda que em algumas vezes e no meu próprio perfil no Orkut esclareça meus objetivos de pesquisadora. Para meus nativos o anonimato é essencial, paradoxalmente, para expor-se. Este mesmo anonimato me serviu para observá-los, expondo-me a eles de menor forma.

Etnografar no virtual é observar uma densa interconexão simbólica, e para tanto é preciso problematizar a tradição etnográfica fundamentada no trabalho de campo que se ergue fundamentada sobre o vínculo entre povo e lugar, nos moldes do funcionalismo malinowskiano: o desafio dos sites explicita, ainda, a necessidade de observar conexões, paralelismos e contrastes aparente inmensuráveis. Era preciso pensar uma metodologia que se adaptasse a “elasticidade” dos links para os quais os sites apontassem, e para as conexões que suas estratégias revelavam. Para atender a esta contínua circulação entre contextos, fluxos e situações, como as apresentadas pelos sites neonazísticos, uma direção interessante é a proposta por George Marcus: uma etnografia multi-situada. Como afirmou Marcus o “objetivo é acompanhar conexões, associações e relações nos locais mais inesperados” para alcançar, nesta pluralidade “traduções e aproximações” entre eles. (MARCUS, 1998, p. 80). Para tanto, segui os meus “informantes”, seus links, suas metáforas, seus mitos, suas histórias, seus argumentos, seus interesses musicais, segui a biografia de seus heróis, acompanhando suas trajetórias na rede. Pensar “o campo etnográfico” numa abordagem antropológica na rede envolve problematizar “o campo” marcado pelo hipertexto¹¹⁰, constituído por referências internas e externas múltiplas, demarcado o que denomino de *hyper-trajetórias*. Esta constituição específica do “campo etnográfico” no virtual foi denominada por Bella Dicks e Bruce Mason (1998) de “ethnographic hypermedia environment” (EHE), ou seja um “ambiente etnográfico hipermediado”. Fruto, segundo os autores de um questionamento do paradigma “do campo” etnográfico, e da crítica da inscrição nesta expressão de uma “entidade limitada que pudessem ser entradas e retirado, e que existisse como um ‘lugar objetivo’ com seus próprios tempo e caráter social/cultural (FABIAN, 1983)” a idéia de “um ambiente etnográfico hipermediado” se relaciona a idéia da “da análise multi-local”, mais adequada à pesquisa etnográfica na Internet que a fundamentada nas “relações da

¹¹⁰ CF. “Hypertexts are non-linear. Several writing spaces can appear on the screen simultaneously.... In a hypertext, the reader is always offered multiple pathways through the information, and the reading will be different depending on which pathways are chosen and what is read and not read”. (TITON, 1995, p. 441)

fixidez e da ‘moradia’ (CLIFFORD, 1997)”. Foi necessário em tal contexto, portanto, pensar “meus informantes” “no fluxo de eventos históricos” (MARCUS; FISCHER, 1986, p. 44).

Pensadora da relação entre tecnologia e Ciências Sociais, Donna Haraway, insistiu no fato de que a história da ciência se demarcou pelo militarismo, pelo colonialismo e pelo machismo. Esta se valeu da força de um poder absoluto (HARAWAY, 1991, p. 111) para traduzir cartesianamente o mundo em observadores e observados. Entendo que dentro do colonialismo há racismo, esta “hierarquização sistemática buscada impiedosamente” (FANON, 1956, p. 30) em todo seu vigor¹¹¹ e por isto considero o olhar etnográfico do presente texto um olhar sobre o dominador. O discurso dos sites e comunidades é profundamente demarcado pelo militarismo, pelo colonialismo e pelo machismo e por isso talvez ele incomode tanto: rememora a “origem” de todo o pensamento científico, inclusive da própria disciplina antropológica, o discurso colonial.

Este exercício etnográfico implicou em problematizar, continuamente, o apartamento dos pontos de vista dos dois sujeitos construídos pela disciplina: o do etnógrafo (o civilizado) e o do nativo por ele observado e as que ainda considerados “intercambiáveis analiticamente”, como escreveu José Jorge de Carvalho (2001, p. 107) e “ao mesmo tempo existencialmente incomensuráveis”, porque, nos sites, os nativos se constroem, inclusive, como os últimos exemplares desta “cultura européia”, os “últimos civilizados” (BHS, CNc, HER, V88, CORKUT “Orgulho Branco, NA, NAr), herdeiros ameaçados deste mundo que nos concebeu cientistas. Raphael Ezechiel defendeu, em *Racist Mind*, que o discurso racista alcança esta proporção porque interage com padrões inconscientes de nós ocidentais, porque nos vemos como eurodescendentes. Haraway nos recorda que a própria concepção de “colonização ciborguiana” como ela denomina o investimento do orçamento militar na idéia de “uma política ciborgue” (em especial no processo que envolveria C³I – comando-controle-comunicação-inteligência), faz do termo ciborgue “uma ontologia”, buscando estruturar qualquer possibilidade de transformação histórica: todas as demarcações desde as que constroem o “capitalismo racista” até as que determinaram a “apropriação da natureza como matéria pra a produção da cultura”, expressariam na “relação entre organismo e máquina uma guerra de fronteiras”. Em jogo, segundo a autora de *Antropologia do Ciborgue*, estão “a produção, a reprodução e a imaginação”. (HARAWAY, 1991, p. 43).

¹¹¹ Como escreveu Boaventura de Souza Santos: “a negação da diversidade é inerente ao colonialismo” (SANTOS; 2005, p. 6)

É dentro desta inscrição que observei meus informantes, para os quais o racismo também emoldura uma forte estrutura epistemológica, garantindo a profundidade, a sutileza e a complexidade do colonialismo como relação social. Nesse sentido, o meu trabalho é também um exercício de compreensão do dualismo cartesiano, do enfrentamento da micro e da macroinstrumentalização, discutida por Victor Turner, entre outros autores e um enfrentamento da questão, como proposta pela afirmação de Jacques Derrida, acerca do olhar etnográfico, como resultado do descentramento sucedido no cerne da visão de mundo ocidental, num momento posterior ao do retorno da era clássica, "no momento em que a cultura européia foi deslocada, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência" (DERRIDA, 1971, p. 234).

Nos sites e comunidades este discurso se expressa em uma luta, em seus “modos de pensar e sentir”, na medida em que esses modos se confundem com o próprio momento histórico que gerou a tecnologia utilizada por eles para expressar-se. Nesse sentido, nunca houve qualquer tentativa de hierarquia entre racismo e Internet na pesquisa, pois de um modo muito peculiar ambos se inscreviam um no outro, na tessitura etnográfica, revelando facetas e detalhes preciosos das “grandes narrativas” (LYOTARD, 1984) na qual se inseriram: o racismo, assim como a cibercultura são artefatos culturais de uma lógica, capazes de produzir cultura, emoldurando os padrões mentais dos que neles estão envolvidos. O olhar antropológico do presente texto pretendeu, como escreveu Descola, “prestar atenção” nisto. Para tanto, problematizar algumas questões se fizeram imprescindíveis: era preciso situar a análise diante de toda uma teoria que se construiu, nos últimos anos, a respeito da cibercultura: era necessário pensar a Internet como espaço e pensar, ainda, a relação entre Internet e temporalidade. Também era preciso, por fim, escolher metodologias e ferramentas de análise. Cada um destes quatro quesitos será explorado a seguir.

3.4 O que é este mar? Alguns elementos teóricos para problematizar a questão da Internet

"Navigare necesse; vivere non est necesse."

*Pompeu, cf. Plutarco, in Vidas Paralelas IV
volume; Pompeu (106-48 a.C.)*

O percurso filosófico acerca da técnica, deve a Ernst Kapp¹¹² a sua primeira elaboração sistematizada, no livro, publicado em 1877, *Fundamentos de uma Filosofia da Técnica*¹¹³, no qual defendia a idéia de que a história formula-se no esforço humano de enfrentar desafios do meio, enquanto por meio da técnica, superaria sua dependência da natureza. Neste sentido, buscava organizar o idealismo hegeliano, traduzindo-o em termos materialistas, para discutir, sob um recorte histórico, a própria dialética e o estudo geográfico. Neste esforço intelectual, Krapp entende os artefatos como projeções (na maior parte das vezes, de forma inconsciente) como projeção dos órgãos naturais do ser humano. A técnica seria portanto, toda a tentativa humana de superar os desafios da Natureza, amplificando os potenciais dos órgãos humanos: o telégrafo seria uma extensão do sistema nervoso; a ferrovia, extensão da circulação sanguínea; o prato, como extensão do oco da mão; a linguagem como projeção da vida mental; e o Estado, por fim, extensão da natureza humana¹¹⁴. Para Kapp, é preciso que ações humanas sofram imposição de limites, extensivos às máquinas¹¹⁵.

Cento e trinta anos depois de Kapp, a reflexão acerca da tecnologia se centra, principalmente, no que se referencia às denominadas tecnologias da informação, que ocuparam, nas últimas décadas, o epicentro deste debate, que incluiu de Nobert Wiener a Donna Haraway toda uma multiplicidade de pensadores de todas as vertentes possíveis, como Pierre Lévy,

¹¹² Era professor de geografia de Dusseldorf e hegeliano de esquerda.

¹¹³ *Grundlinien einer Philosophie der Technik*, no original alemão

¹¹⁴ É interessante recordar a proposição de McLuhan (1999, p. 99): "Qualquer nova técnica, idéia ou ferramenta, enquanto que permite novas possibilidades de ação pelo usuário, coloca de lado os modos antigos de fazer coisas." Ou, ainda, "Our laws of media are intended to provide ready means of identifying the properties of and actions exerted upon ourselves by our technologies and media and artefacts. They do not rest on any concept or theory, but are empirical, and form a practical means of perceiving the actions and effects of ordinary human tools and services. They apply to all human artefacts, wheter hardware or software, whether bulldozers or buttons, or poetic styles or philosophical systems" (MCLUHAN, 1988, p. 98). "Nossas leis de mídia intencionam prover meios para identificar propriedades e ações enxertadas em nós mesmos por tecnologias, mídias e artefatos. Elas não se apóiam em nenhum conceito ou teoria, mas são empíricas e formam recursos práticos para a percepção de ações e efeitos das ordinárias ferramentas e serviços humanos. Elas se aplicam a todos os artefatos humanos, quer sejam hardware ou software, quer sejam tratores ou botões, ou estilos poéticos ou sistemas filosóficos. (tradução nossa)"

¹¹⁵ Alguns anos mais tarde, Franz Reuleaux publicou, em 1884, uma dissertação intitulada *Cultur und Technik*¹¹⁵, na qual discute as relações entre técnica e civilização e para quem os sistemas complexos derivavam das necessidades econômicas da sociedade. Para ele é na dominação das forças naturais que reside o desenvolvimento da tecnologia e defendia que a análise acerca da técnica deveria se deter nos mecanismos das máquinas (análise de concepção).

Manuel Castells, André Kroker e Weinstein, Gordon Graham e Paul Virilio, para citar apenas alguns. Num movimento pendular, alguns autores analisam, como Lévy, toda a transformação técnica de nosso tempo, em particular a desenvolvida pela cibercultura, com um otimismo que parece muitas vezes ignorar as formas de dominação presentes na própria constituição da mesma, enquanto que para outros autores, como Virilio e Kurzweil, as novas tecnologias representam perigo iminente de destruição e de dominação do ser humano. Muitos analistas do tema dividem tais extremos de análise, classificando seus defensores em prometéicos e fáusticos, valendo-se da tradição mitológica literária ocidental¹¹⁶. A cibercultura, que pauta e é pautada pelos mais diversos ambientes humanos da contemporaneidade, tem grandes defensores e grandes críticos e cada vez mais vinculada aos processos de comunicação. Neste panorama destaca-se a Internet, que segundo Cristine Hine poderia ser definida “de forma elementar como uma forma de transmitir dados ou bits de informação de um ordenador a outro ou a outros” (HINE, 2000, p. 2). Na Internet, engloba-se o correio eletrônico¹¹⁷, a World Wide WEB, grupos de notícias¹¹⁸, chats¹¹⁹ (como os canais de IRC), MUD¹²⁰s e muitas outras aplicações¹²¹. Segundo Paul Ceruzzi, a Internet teve início na necessidade de troca de conhecimento, principalmente demandada por engenheiros e acadêmicos (CERUZZI, 1998, p. 319) a partir dos protocolos da ARPANET¹²², incorporando a idéia de rede de arquitetura aberta, ou seja, escolhida livremente pelo provedor¹²³. O primeiro a discutir a possibilidade de introduzir as redes de arquitetura aberta na ARPANET foi Kahn em 1972 e para ele era imprescindível que cada rede distinta se constituiria independente e que mudanças internas não poderiam ser requisitos para conexão, preconizando, ainda, que não haveria controle global no nível operacional. O crescimento exponencial da rede

¹¹⁶ Acerca desta divisão é possível ler os excelentes livros de SPLENGLER, 1931, LECOURT, 2000 e RÜDIGER, 2004

¹¹⁷ Também denominado de e-mail, o correio eletrônico é um método que engloba a possibilidade de construir, enviar e receber mensagens mediadas por computadores, por meio da Internet, baseando-se no protocolo SMTP ou em intranets. Denomina-se protocolo o padrão que especifica o formato de dados e as regras a serem seguidas por uma página ou aplicativo.

¹¹⁸ Listas de discussão, nas quais internautas se inscrevem para receber mensagens acerca do tema. Entre as mais utilizadas estão o Yahoo Groups e o Google Groups. Normalmente nestas listas há espaço para arquivos de usos comuns, tabelas de dados, enquetes e uma série de outras funcionalidades. Algumas universidades construíram suas próprias listas de grupos, com funcionalidades mais adequadas para Ambientes de Educação à Distância, como é o caso do TELEDUC da UNICAMP. On-line <http://teleduc.nied.unicamp.br/pagina/> Último acesso em 21/05/2007.

¹¹⁹ Internet Relay Chat (IRC) é um protocolo de comunicação para bate-papo (Chat) e troca de arquivos, permitindo a conversa em grupo ou privada.

¹²⁰ Jogos de RPG para multiusuários, executado em uma BBS ou em um servidor na Internet.

¹²¹ Esta noção é uma reprodução, a mais usual. Cf. KOLLOCH, SMITH, 1999 e CERUZZI, 1998.

¹²² Criada pela ARPA (Advanced Research and Projects Agency) em 1969, objetivando conectar os departamentos de pesquisa.

¹²³ O primeiro a discutir a possibilidade de introduzir as redes de arquitetura aberta na ARPANET foi Kahn em 1972.

fez dela um dos grandes fenômenos de pesquisa para as Ciências Sociais, como aponta Tom Dwyer (2004). Discutindo acerca da questão Daniel Miller alerta para o fato de que discutir Internet é discutir um processo cultural, mas também um produtor de cultura e identidades. Para o pesquisador, que etnografou em cybercafés no Trinidad e Tobago, é preciso uma farta reflexão a respeito da “complexa relação entre pesquisa on-line e off-line, ao invés de incitá-lo a começar de uma posição presumida e dogmática sobre o tema” (MILLER, 2004, p. 47). Concordo particularmente com as afirmações de Miller, principalmente porque objetivei durante a pesquisa entender como um fenômeno complexo, como a Internet, relacionava-se com uma cultura complexa (o pensamento racista), processo cultural que envolve experiências on e off-line e exige um olhar para “uma enorme diversidade de usos, objetos e relacionamentos sociais” (MILLER, 2004, p. 49).

A escolha do objeto da presente dissertação, o racismo, o revisionismo e o neonazismo na Internet, foi interessante especialmente por esta retroalimentação de interlocuções: como pensar o racismo diante da ascensão das novas tecnologias e o uso que aquele faz destas? Como pensar as novas tecnologias, diante, por exemplo, do otimismo de Pierre Lévy, que imagina o ciberespaço como o lócus que torna possível que o novo ser humano surja “autoconsciente, acumulável” e guie “seu movimento de forma que venha a tornar suas potencialidades mais positivas” (LÉVY, 1995, p. 118), quando militantes do Valhalla88 usam a rede para distribuir cartazes que incitam aos crimes de ódio racial? Por outro lado, é na própria rede que o racismo encontra um freio, imposto por leis, denúncias, entidades que cuidam dos direitos humanos na WEB (como a SaferNet¹²⁴, que recentemente fez convênio com o Ministério Público Federal), o que também contradiz as fantasias aterradoras de Kroker, Virilio e Weinstein, oriundas de uma profunda tecnofobia. Em comum com Lévy, estes pensadores também pensam numa espécie de “determinismo tecnológico” (RÜDIGER, 2004, p. 73), que parece excluir a possibilidade de

¹²⁴ A SaferNet é uma organização que procura facilitar as denúncias de crime cibernéticos. No site institucional se apresenta como “A uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos e econômicos, de duração ilimitada e ilimitado número de membros, sem vinculação político partidária, fundada em 20 de Dezembro de 2005 por um grupo formado por cientistas da computação, professores, pesquisadores e bacharéis em Direito, reunidos com o objetivo de materializar as diretrizes e linhas de ação empreendidas ao longo dos anos de 2004 e 2005, quando estiveram diretamente envolvidos na realização de pesquisas e no desenvolvimento de projetos sociais relacionados ao combate a pornografia infantil (pedofilia) na Internet no Brasil.” Posteriormente, foram acrescidos à luta desta organização combate a outros crimes que atentam contra os direitos humanos: “A SaferNet Brasil consolidou-se como entidade referência no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet no Brasil e tem se fortalecido institucionalmente no plano nacional e internacional pela sua capacidade de mobilização e articulação, produção de conteúdos e tecnologias de enfrentamento aos crimes cibernéticos no Brasil e pelos acordos de cooperação firmados com instituições governamentais, a exemplo do Ministério Público Federal.” Disponível em <http://www.denunciar.org.br/twiki/bin/view/SaferNet/QuemSomos> Acessado em 18 e agosto de 2007.

escolha diante da máquina, pelo ser humano. Nela estaria sua salvação ou seu apocalipse, sem escolhas ou alterações.

Em propostas bem distantes desta, motivadas pelo determinismo, outros pensadores se propuseram a refletir acerca do processo da cibercultura. Neste grupo incluímos Manuel Castells, Cornelius Castoriadis e Gordon Graham. Este último sustentou em *Internet, uma Investigação Filosófica* uma postura lúcida e bastante crítica às adotadas pelos idealistas (como Lévy) e pelos apocalípticos (como Virilio): seria preciso, prioritariamente, enfrentar a questão da moderna tecnologia sem avaliá-las como tão somente negativas, por expressarem uma “ideologia tecnológica”, mas também sem adotar a idéia de “um novo mundo feliz”. Para Graham a “doutrina da neutralidade” deveria fundamentar esta exploração.

Nos escritos destes últimos autores estão, a meu ver, as grandes contribuições que podem servir a uma discussão antropológica acerca da rede, sob a perspectiva etnográfica escolhida para o presente trabalho e, a seguir, considero alguns aspectos dos mesmos.

3.5 Como o mar produz barcos e marinheiros: sociedade em rede, cibercultura, comunicação e sociabilidade, uma leitura de Castells

“A criação e o desenvolvimento da Internet nas três últimas décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural.”

Manuel Castells (1999a, p. 82)

A trilogia acerca da Era da Informação, de Manuel Castells, leitura obrigatória para todos que desejam enveredar-se por uma análise sociológica da Internet, discute em seu primeiro volume como o advento da Internet preenche uma sociedade que está modificando sua forma de poder, de configuração, de produção do conhecimento: nasce a sociedade em rede. Com uma extensa pesquisa empírica, Castells aponta para o fato de que a ascensão da sociedade em rede, determinada por fluxos, virtualidade e centrada na comunicação e na informação, modificou profundamente, ao longo das últimas três décadas, as configurações sociais, econômicas e culturais do mundo em que vivemos. A rede cria impactos “sobre a intimidade física e a sociabilidade”, “pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica”, “permite a criação de laços

fracos com desconhecidos, num modelo igualitário” (CASTELLS, 2003, p. 445). Para o autor, a comunicação via rede permite formatos de discussão mais sinceros, ainda que passíveis de desconexão, o que viabiliza uma sociedade na qual todos poderiam se expressar de maneira mais intensa e transparente. Castells advoga a idéia de que a rede permite a diversidade cultural em sua magnitude, permitindo que usuários se conectem em torno de interesses comuns, criando horários e portais de interesses específicos (CASTELLS, 2003, p. 457).

Além disso, Castells observa que na rede se formam duas classes de usuários, os meramente receptores e os que interagem com as possibilidades oferecidas e defende, ainda, que a comunicação pela rede, integrando todos os tipos de mensagens num sistema comum, induziria a uma “integração de todas as mensagens em um padrão cognitivo comum” (CASTELLS, 2003, p. 458). A virtualidade seria, na ótica do autor, a nova realidade humana, permitindo a expressão de toda a nossa diversidade cultural. A lógica da nova sociedade em rede não seria da acumulação, mas da circulação (da informação). Esta nossa forma de produzir e partilhar conhecimento, a infovia, é para o autor, "a linha de conhecimento mais inovadora" responsável por assegurar um "novo modelo de comunicação" e de "uma nova cultura" relaciona-se a várias dimensões: a conexão dos *media* e processos anteriores num desenho híbrido de expressão; a interatividade que permite ao internauta intervir e satisfazer suas necessidades de relações pessoais; a imersão do usuário no ambiente; a criação de inusitadas narrativas, novas estratégias e formas que, baseadas nas antigas, exploram a não linearidade (CASTELLS, 1999b, p. 135). Nesta condução da discussão o pesquisador espanhol aponta para o fato de que estaria emergindo um "verdadeiro sistema interativo, digitalmente comunicado e eletronicamente controlado, dentro do qual todas as peças soltas da expressão cultural passada, presente e futura, em todas as suas manifestações, poderiam existir e recombina-se" (CASTELLS, 1999b, p. 238). Concordando com Castells, Christine Hine defende a idéia de que urge trazer esta discussão para a Antropologia, convencida de que a sociedade, o pensamento e a cultura de cada época se refletem na sua técnica (HINE, 2000, p. 19), fato também apontado por Manuel Castells (2003, p. 13), para quem a Internet é profundamente maleável, “susceptível de ser modificada profundamente pela prática social” , pelo simples fatos de que “sistemas tecnológicos são socialmente produzidos” (CASTELLS, 1999b, p. 34).

Esta discussão mais recente de Castells (2003) em *A Galáxia da Internet*, o autor caracteriza a cultura da Internet em quatro camadas: há a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. Juntas elas defenderiam o que ele

denominou “ideologia da liberdade”. A tecnoelite estaria enraizada na academia e na ciência e projeta sobre a produção tecnológica a moldura de bem supremo. A cultura hacker interage na WEB disseminando a cultura da tecnoelite, de forma mais aberta e criativa, por meio de um sistema comunitário, baseado na integração ativa. São os responsáveis pela democratização da informação e pela ascensão do software livre. Fazem parte desta cultura os detentores das linguagens de programação. Mas, não apenas os participantes da construção tecnológica estão presentes na Internet. Os usuários envolvidos nas comunidades virtuais existem desde que listas temáticas discutiam poesia, ficção científica ou matemática, desde a ARPANET. Para Castells, enquanto “a cultura hacker forneceu os fundamentos tecnológicos da Internet, a cultura comunitária moldou suas formas sociais, processos e usos” (CASTELLS, 1999b, p. 47). Para o autor nestas comunidades a comunicação se dá de maneira horizontal, livre, assentando novas bases para ação coletiva e construções de sentido. Por fim, ainda há a cultura empresarial, que vê a rede como uma forma de capitalizar recursos, vender produtos, conhecer consumidores, a ponto de produzir o que se imagina “uma nova economia”. É importante salientar que embora esta divisão oferecida por Castells seja interessante para compreender a rede, na análise de um objeto as fronteiras são menos definidas: o racismo na WEB, por exemplo, estaria dentro da classe comunitária, mas também constrói sites “empresariais” para capitalizar recursos para gerar a manutenção financeira do movimento”; há os racistas da comunidade hacker e os que pertencem a tecnoelite, do contrário não seria possível construir sites com tecnologia de ponta, como o Nueva Ordem e o National Alliance. Há, e isto é evidenciado pelos sites, os que financiam (muitas URLs disponibilizam inúmeras contas bancárias para tanto), há os que constroem, valendo-se de estratégias de programação próprias ao mundo hacker, como esconder-se dos canais de busca em alguns momentos ou neles obter os primeiros lugares, por meio de linhas de código, há setores invisíveis por sua disposição em diretórios dentro de diretórios, entre outros fatores que retomaremos quando na discussão do método de pesquisa¹²⁵.

¹²⁵ Como se valer de determinados códigos para aparecer ou desaparecer em buscadores, para inserir programas que contaminam com vírus as máquinas dos usuários não registrados, etc.

3.6 O mar é imenso? Por uma teoria da Internet como espaço: a contribuição de Margaret Wertheim e Nicolas Bonnal

“Ao contemplar estas questões, somos inevitavelmente conduzidos ao dilema que o segundo elemento da palavra ‘ciberespaço’ suscita. Afinal, que significa falar de ‘espaço’?”

Margaret Wertheim (1999, p. 22)

O precioso livro *Uma História do Espaço, de Dante a Internet*, de Margaret Wertheim, se inicia na constatação pela autora de que a rede tem sido significada por uma concepção quase religiosa e que o ciberespaço é encarado por muitas pessoas dentro do que ela denomina “sonho tecno-religioso”, determinando que ele seja representado, muitas vezes, em “termos espirituais” (WERTHEIM, 1999, p. 15). Mapeando estas representações ela discute como o imaginário contemporâneo resgatando a idéia de Paraíso, como a inscrita na obra de Dante Alighieri e que demarcou toda uma concepção medieval e colonial de “cidade de Deus”. Para tanto, ela se vale da discussão proposta por pesquisadores da realidade virtual do Human Interface Technology Laboratory da Universidade de Washington, que expressou, em seu discurso acerca das tecnologias para facilitar a interação do homem e da máquina, a idéia de que “as luvas de dados” permitiriam que nos tornássemos criaturas de luz colorida “como anjos” e o ciberespaço, enfim, “pareceria o Paraíso”.

Esta “imaginação científica” como escreveu Mary Midgley em *Science as Salvation*, projeta a imaginação cibernética “como uma força tecno-utópica” que não pode ser esquecida. As visões cristãs se revestem de um formato tecnológico e acho interessante pensar esta analogia diante do fato que foi em meio à crise da *pax romana* que estas visões ganharam corpo e poder, principalmente agora que a *pax estadunidense* está continuamente questionada e criticada, afirma a autora, citando como fonte o pesquisador Umberto Eco (WERTHEIM, 1999, p. 16). Situando, portanto, um momento político ideal para a proliferação destas visões religiosas a cerca do ciberespaço, a pensadora da cibercultura, aponta para o fato de que, como o céu cristão, a Internet tem um potencial profundamente democrático, sempre potencialmente aberto para todos.

Dentro desta visão utópica se nega o fato de que poucos têm acesso à rede, imersos em analfabetismo e abandono social. O que interessa aos produtores da utopia é a idéia de que está aberta e, para os que de fato tem acesso à rede, a invisibilidade garantida pelo anonimato protege de tudo que não está de acordo com o formato imposto pela dominação: basta encobrir a

obesidade, a calvície, a velhice, ou qualquer outro “pecado estético” sob um nick ou avatar (um desenho que lhe represente) e a comunicação com o mundo estaria garantida. (WERTHEIM, 1999, p. 19). O livro de Margaret Wertheim revisa, então, a noção física de espaço para pensar, enfim, o mesmo como representação. Esta representação da rede como lugar, pode ser “boa para pensar” a explosão do ciberespaço como “uma força exponencial de seu próprio big bang” (WERTHEIM, 1999, p. 163).

Um outro universo se expande diante de nós: apenas em 2005, surgiram 19 milhões de sites, superando o recorde de 2000, conhecido como período da bolha, com 16 milhões de sites. Em 1995, havia 18,9 milhões de sites. Criam-se cem mil blogs por dia, no mundo, em 2006, entraram no ar mais de 26 milhões de sites, como afirma a pesquisa da firma que monitora a Internet, Netcraft¹²⁶. Ainda segundo seus dados, no primeiro dia de maio de 2007, havia 118.023.363 sites. São bilhões de páginas, muito maior do que aquela ao alcance dos buscadores, estima-se que apenas 11% de toda rede possa ser achada por sites de busca convencionais, segundo a School of Information Systems, Technology and Management da Universidade de Sydney, Austrália, que vêm desenvolvendo toda uma pesquisa de mensuração de dados analíticos para a WEB, as Cybermetrics. Da denominada WEB invisível, fazem parte sites excluídos pelos provedores de busca, bases alfanuméricas, catálogos de artigos diversos, páginas órfãs (sem links), arquivos não textuais, como multimídias, sites que exigem registro, páginas ativadas por códigos, enfim, uma tonelada de dados que se esconde de quem navega, intencionalmente ou não.

Em termos de computadores conectados, os números também revelam grande crescimento: no mundo inteiro, em 1995 eram mil computadores e agora são quase cinquenta milhões, afirma a Netcraft. Como cada um destes micros é, potencialmente, produtor de conteúdo, as taxas de crescimento tende a ampliar sua curva. Cada vez mais utilizado para interação social, o ciberespaço inclui, como afirma Wertheim, “a criação de uma profusão de mundos de fantasia on-line em que as pessoas assumem elaborados *alter egos*”. Como exemplos deste uso há, desde os nicks em salas de IRC e Bate Papo, muitas vezes compostos apenas por um nome que identificam os usuários até os elaborados avatares do *Yahoo*, no qual os usuários são convidados a montar um desenho que os representem, escolhendo a forma física (formato de rosto, cor da pele, olhos, cabelos), corte de cabelo, roupas, uma versão menor do *Second Life*,

¹²⁶ Todos os dados podem ser encontrados no site da empresa, Disponível em <http://news.netcraft.com/>. Último acesso em 02/05/2007.

comunidade virtual que, em troca de uma mensalidade, possibilita a criação de um avatar animado que se move, compra, frequenta hotéis, parques, restaurantes, interage com outros. Há também os perfis disponibilizados nas comunidades. Enfim, na rede, você pode ser quem você quiser, inclusive vários ao mesmo tempo. Mundos artificiais são criados para permitir interação como o *Second Life*, outros MUDs (nome que se dá a estes ambientes, sigla de Multi-user dungeon, dimension, ou por vezes domain, ou seja Dimensão ou domínio de muit-usuários) proliferam na rede. Sherry Turkle, professora de sociologia no Massachusetts Institut of Technology (MIT) e doutora, por Harvard, em Psicologia da Personalidade, pesquisou a interação nos MUDs e escreveu acerca do tema o livro *Life on the Screen: identity in the age on the Internet*. Para ela “as comunidades virtuais podem ser como bares, bistrôs, cafês. Não possuem a intimidade da família nem o anonimato da rua. Posicionam-se entre o público e o privado¹²⁷.” Nesta fronteira, “tornaram-se um laboratório social para a experimentação com as construções e reconstruções do eu que caracterizam a vida pós-moderna” (TURKLE, 1995, p. 180). Como afirma a pesquisadora, nos MUDs, internautas de todo o mundo, compõem um coletivo conectado, realidades sociais virtuais, nas quais se agregam centenas de milhares de pessoas. [...]:

Decir que estos juegos enganchan es quedarse corto. «Esto es más real que mi vida real», dice un personaje que resulta ser un hombre haciendo el papel de mujer que se finge hombre. Dado que los MUD son creados por sus usuarios, constituyen una nueva forma de literatura de creación colectiva, que tiene mucho en común con la performance, el teatro de calle e improvisativo, la commedia dell'arte y la escritura de guiones. Pero los MUD son algo más que eso. Al participar en ellos, los jugadores no sólo se convierten en autores de un texto, sino en autores de sí mismos, construyendo sus personalidades mediante la interacción social.

Para a autora, os MUDs desempenham, ainda, um importante papel terapêutico e em seu livro ela disserta como muitos de seus informantes utilizaram seu papel na rede para apreender novas formas de lidar com problemas psicológicos que os atormentavam. Para ela, a experiência desenvolvida pelos internautas nos Muds poderia balizar uma espécie de experimento, de exercício para viabilizar estreitamentos em relacionamentos pessoais na vida não digital. Este comentário de Turkle é relacionado por Wertheim a uma forma de terapia, o Psicodrama. Desenvolvido por Moreno, se valia da representação do site para favorecer a *ab-reativa*¹²⁸ e a

¹²⁷ Entrevista dada a Federico Casalegno. Disponível em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/11/sherry.pdf>. Último acesso em 02/05/07.

¹²⁸ Na psicanálise um reviver da experiência do trauma que provoca um elaborar da questão, e conseqüentemente sua cura.

elaboração do mesmo. Compara ainda os excessos vividos por alguns participantes com os abusos do álcool e das drogas, “mais convenientes e baratos” que eles. Concordando com Turkle, por fim, Wertheim reafirma que o ciberespaço permitiria a possibilidade de uma “cisão do eu numa multiplicidade radical”. Os argumentos da autora são muito interessantes, principalmente se olharmos as comunidades do Orkut analisadas como um MUD. Nela os participantes se comunicam, criam comunidades de interesse, descrevem seu perfil como desejarem, atribuem a si mesmos descrições físicas, idades e locais de nascimento e morada, descrições estas que podem ser “atualizadas” a qualquer momento. Além disso, a idéia de que a rede funcionaria como um espaço “espiritual” e iniciático também é validada pelos sites pesquisados, para quem a Internet significa um espaço de liberdade, de encontro com a verdade e de aprendizado dos “verdadeiros ideais da raça branca” (V88).

Nicolas Bonnal, por sua vez, em *Internet, a Nova Via Iniciática*, discute os aspectos religiosos da rede, em especial como esta se configurou de modo a validar a conexão como obrigatória, no que ele define como “renascimento imaterial do Mundo”. Concordando com a obra de Wertheim, Bonnal demonstra como a rede se demarca no “remate do projeto tecnológico ocidental” (BONNAL, 2000, p. 7). “Local de encontro da alta tecnologia com o irracional mais puro”, a Internet mobiliza o imaginário humano: não sabemos com quem e com quantos de fato nos relacionamos, “herdeira das grandes viagens míticas”, a navegação na WEB simula experiências: os mouses são os novos navios e seus utilizadores, novos argonautas. Na defesa da pertinência entre a viagem espiritual e a viagem no ciberespaço, Bonnal recorre à análise de diversas simbologias, da Cabala as apocalípticas, para tecer analogias entre a rede e a experiência mítica, as duas sempre se valendo da tessitura textual, seja na forma de livro sagrado ou de blog mais acessado. O cibermisticismo e a tecnognose são para Bonnal produtos do atual mundo globalizado, que vê na possibilidade emergente da rede um espaço para a experiência mercantil, vinculado a um culto à máquina levado ao extremo. Clicar é um ato iniciático e comprar também. Na análise do autor francês, a iniciação se torna e-niciação na rede e os novos capitalistas dependem de mercados, cada vez mais digitalizados para nascer ou morrer. Uma característica comum nos processos de iniciação é a idéia de que o iniciado muda de estado, que renasce sob outra forma de vida. Para Bonnal, a rede propicia este renascimento continuamente, a própria linguagem Mosaic, que permitiu que a Internet se transformasse da ARPANET, possui inúmeras referências simbólicas da Bíblia e da cabala. Há novos cavaleiros do apocalipse e Bonnal enumera alguns: o hoax, o vírus, a quebra de conexão. Nos sites e nas comunidades do Orkut

pesquisadas se propaga a necessidade de se reconstruir o mundo, de se recuperar não o paraíso perdido, mas a Europa e a vida européia perdidas. Estaria na rede, para eles, os instrumentos necessários para este ativismo reformatado em via iniciática.

3.7 Os tempos do mar: nas cibertemporalidades, o tempo se fez byte

“Quando ninguém me pergunta, eu sei, quando se trata de explicá-lo, já não sei mais. Minha alma queima, queima em saber o que é o tempo.”

Agostinho de Hipona

“Todo ser existe se temporalizando e se temporaliza existindo.”

Heidegger (1927, p. 39)

O astrofísico John Gribbin atribuiu à tentativa de compreender o tempo o surgimento da “primeira ciência” e da “primeira religião organizada da humanidade” (GRIBBIN, 1979, p. 1). Para o autor, tanto a construção de Stonehenge, o imenso monumento megalítico, entre 2600 a.C. e 1700 a.C., para os astrofísicos uma espécie de “computador astronômico”, como as esferas chinesas de bronze, desenvolvidas por volta de 130 d.C., instrumentos similares que serviam para reproduzir as trajetórias do Sol, da Lua, dos cinco planetas conhecidos e das denominadas estrelas fixas, ambos serviram para demarcação de ciclos astronômicos e elaboração da contagem do tempo. A compreensão dos ritmos do tempo, a tentativa de demarcar para estes alguma espécie de previsibilidade, o que garantiria, por exemplo, um melhor ajustamento do trabalho agrícola às estações e posteriormente, melhores safras e a demarcação de um futuro mensurável, antecipadamente revelado pelos estudos destes ciclos, permitiriam aos seres humanos, na ótica de Gribbin, garantir uma “perspectiva de ascensão para a civilização” (GRIBBIN, 1979, p. 10). A tentativa de apreensão de um modelo de tempo e de um modelo de futuro previsível, a necessidade de sintetizar a natureza do tempo, inquietou discussões filosóficas importantes quer na Grécia Clássica, quer na China Antiga. A percepção temporal, conforme asseverou Aristóteles, seria condição essencial para a existência de alternativas para os seres humanos, ainda que, para o filósofo grego, esta percepção se limite àquela eficaz em fixar diversas disposições ou estados de um ente móvel e concomitantemente a essa, à numeração desses dois momentos (expressa no conceito de *cronos*) se valendo do intelecto. Excluindo-se esta competência para fixar e ordenar momentos, todo o tempo pareceria tempo algum e deixariam de existir alternativas e escolhas.

Assim como Aristóteles grande número de pensadores, trataram do tempo, em discussões que percorreram diversas disciplinas e abordagens. Se há multiplicidades de conceitos, é preciso considerar a polissemia abrigada no vocábulo tempo. Sob a ótica sartreana, em particular, a concepção de tempo segue um caminho avesso à aristotélica: se nesta última o tempo é primeiramente analisado do ponto de vista físico e apenas posteriormente como um elemento que interfere nas práticas da ética e políticas, para Sartre o tempo nasce com o homem e seria impossível o analisar de forma absolutamente objetiva e quantitativa, pois é apreendido apenas pelo modo como é especificamente vivenciado por um sujeito determinado. Para Sartre inexistente o tempo "em geral", o tempo "universal": explicar o tempo de um ponto de vista exterior, como elemento objetivo no qual o homem está inserido, é desenvolver uma falsificação do para-si; pois, se o tempo condiciona a realidade humana, o para-si se transforma num em-si e a liberdade sucumbiria ao determinismo. Nasce a noção sartreana de "temporalidade", uma estrutura do próprio para-si, cujas dimensões, o passado, o presente e o futuro, são denominadas por eles como "momentos estruturados de uma síntese original" (SARTRE, 1997, p. 158). Isto aponta, na obra de Sartre, a temporalidade como particularidade original do para-si.

Na mesma direção apontada por Sartre, pensar o tempo, sugeriu Norbert Elias (1998, 8), envolveria pensar a maneira de "idealizar e de experimentar o tempo", não como um dado biológico ou metafísico, mas como uma dimensão social. Sob esta perspectiva, é possível discutir como o tempo se estrutura a partir de uma dimensão simbólica e se torna um adensamento das polissemias do processo civilizador que o inscreve, gerando um mecanismo de controle, que corporificado na forma de *habitus*, expressaria, com exatidão, as condições de desenvolvimento e os processos de aprendizado inscritos nas sociedades que o modelam. Para tanto, necessário se faz validar o fato de que a noção de tempo não é natural, mas um construto social, um tradutor de sentidos.

Inquilinos e colonizados pelo sentido de tempo construído pelo ordenamento social, os agentes sociais viram, ao longo deste processo, o poder de validar a determinação dos sentidos do tempo, no início exclusiva dos sacerdotes, se transferir, continuamente, entre estes e os comandos laicos, para, enfim, passar, nas sociedades capitalistas, a consistir em privilégio exclusivo do Estado. "A autodisciplina em matéria de tempo, a exemplo de outras capacidades sociais, só se desenvolveu muito lentamente ao longo dos séculos e só atingiu sua forma atual ligando-se ao surgimento de exigências sociais específicas", escreveu Elias.

Enquanto o poder de significar o tempo enfrentou este processo, abarcou discussões filosóficas, descobertas científicas, desenvolvimentos tecnológicos, transformações políticas. Com o advento da modernidade o tempo também se comercializou: se na Idade Média era pensado como dom divino, o processo civilizatório impôs ao tempo a noção de remuneração e ungiu o relógio como símbolo de uma forma de pensar o mundo orientada pela quantificação, precisão e standardização. Novas unidades de medir o tempo são criadas, é preciso pensar em partículas de segundo, tornar os processos produtivos cada vez mais exatos, repetitivos e padronizados, o ritmo da vida humana nas sociedades que vivenciam tal processo se determina cada vez mais pelo relógio e a noção de tempo se complexifica e se abstrativa de forma acelerada. Com o advento da informatização e da digitalização, essa noção adquire contornos mais complexos, a tradução temporal dos processos humanos torna-se ainda mais elaborada. Como pensar uma temporalidade digital? O que ela revela acerca do atual estágio do processo civilizador, que conflitos ela abarca, que ciclos ela pretende organizar? Como a noção de tempo digital pode ser utilizada para pensar as relações sociais da contemporaneidade? A primeira parte do presente texto, na qual utilizo o termo cibertemporalidade, pretende discutir estas questões, dialogando com pensadores clássicos acerca do tema do tempo, pretendendo contribuir para a discussão atual a respeito da questão, presente na Antropologia hoje.

Objetivo dialogar, continuamente, com a epígrafe de Heidegger e pensar o ciberespaço como um *locus* de temporalidade, no qual todo ser existe se temporalizando e se temporaliza existindo.

“No princípio... era a linha de comando”¹²⁹. O título do livro de Neal Stephenson se inscreve num conjunto de fórmulas que visam, por meio de construções simbólicas densas, relacionar cosmogêneses e polissemias particulares. “No princípio era o Caos” escreveu Hesíodo e “en arche eimi o logos”, o evangelista João. Em cada princípio, uma metáfora de temporalidade abarca sentidos diversos. Como Norbert Elias esclareceu, a consciência temporal, o modo de conceber e de vivenciar o tempo não é nem um dado biológico, nem um elemento metafísico. Trata-se, antes, de uma dimensão social que se modifica com a sucessão das gerações, de acordo com seus díspares habitus, com as distintas condições de desenvolvimento das

¹²⁹ O livro de Neal Stephenson, no original “In the Beginning... Was the Command Line” pretende contar, de forma romancada, a história dos sistemas operacionais e analisa, sob influência de Mike Davis e Manuel Castells, explicitada pelo próprio autor, a necessidade da sociedade americana de ocultar a complexidade (as linhas imensas de código) por detrás de “belos botões”. Comentando acerca de seu primeiro romance de sucesso, *Cryptonomicon*, a revista *Newsweek* o denominou “the hacker Hemingway”. (STEPHENSON, 1999, p. 21e 22)

sociedades nas quais elas vivem. De acordo com essa interpretação, a capacidade de temporalização resultaria de um longo e difícil processo evolutivo, em escala plurissecular, derivando do concreto se conduzindo ao abstrato. Em outros termos, quanto mais as sociedades se distinguem, mais os conceitos temporais tendem à abstração, a um grau mais elevado de síntese conceitual.

Na metáfora de Stephenson, a linha de comando ocupa o lugar que outrora fora do Caos e, posteriormente, do Logos. A linha de comando, zênite do “repertório de técnicas” (WIENER, 1968, p. 17) desenvolvidas para resolver “o problema do controle e da comunicação em geral”, denuncia o apogeu abstrativo do mundo contemporâneo. Foram as linhas de comando, pelas mãos de seus criadores e programadores que criaram os sistemas operacionais, os softwares e, “no sexto dia¹³⁰” a linguagem de Marcação de Hipertexto, a HTML, que estrutura os códigos fontes de milhares de páginas da WEB. O autor de ficção disserta como “a estranha idéia de vender máquinas de processamento de informação para uso doméstico” se transformou na “ousada e visionária” possibilidade industrial, que permitiu, na mesma época, a Bill Gates e Paul Allen uma idéia ainda “mais estranha e fantasiosa”: a comercialização de sistemas operacionais para o uso nos computadores. Stephenson revisa a história desta “gênesis” contemporânea, “agora que Gates e Allen vendem sistemas operacionais como Gillette vende produtos de higiene”, se perguntando como um homem que entrasse em coma antes da fundação da Microsoft poderia entender que o homem mais rico do mundo construiu sua fortuna sem vender ferrovias, usinas ou petróleo, mas sistemas operacionais. Ampliando sua pergunta ele interroga: há futuro para os que negociam sistemas operacionais, ou estes pertencem ao passado? Para responder, de forma completamente subjetiva, como ele faz questão de deixar bem claro, a estas indagações, Stephenson, um grande conhecedor da linguagem e da técnica de programação, parte de uma premissa: os sistemas operacionais são baseados em metáforas e, portanto, seria “legítimo questionar qualquer coisa com metáforas dentro”.

As metáforas acerca das relações temporais na produção de hipermídias não estão presentes apenas no texto de Stephenson, mas são questões presentes em todas as discussões acerca da cibercultura. Mike Sandbothe (2006), ao discutir o tempo na Internet escreveu acerca da constituição da rede como uma imagem de “onipresença, cuja capacidade de alcance cultural”

¹³⁰ No gênesis, o dia atribuído a criação do homem. Utilizo-me do sexto dia, num sentido metafórico, para lembrar que a WEB, a partir da HTML é considerada pelos pensadores da cibercultura como “o espaço mais humano da Internet”.

se inscreveria em todo o tempo. Para o filósofo alemão, a Internet representaria um novo paradigma temporal, por ser capaz de relativizar a simultaneidade, universalizando a idéia de tempo, conforme discutem Derrida e Heidegger. Na mesma direção Gianni Vattimo (1989, p. 14), pensador pioneiro da vida digital na Itália, pensa que a “intensificação do fenômeno da comunicação e o proeminente incremento da circulação de informação, como se a mesma piscasse” alucinadamente ao redor do mundo, não podem ser considerados apenas como aspectos da modernização da forma de transmitir e acessar dados, mas “o centro e o revelador de todo o sentido deste processo”. Jacques Derrida (1992, p. 93) compartilhou desta hipótese, quando elaborou a idéia de que a pós-modernidade estaria desconstruindo a noção de tempo estabelecida. Richard Rorty (1995, 122) iria um passo além de Derrida, segundo afirmou Sandbothe, quando advogou a tese de que a própria epistemologia estava vivendo seu fim, porque toda o clássico vocabulário acerca da temporalidade se tornara obsoleto diante das novas manifestações midiáticas, como também a própria questão filosófica acerca do tempo. Em seu trabalho, Sandbothe demonstra que as idéias de Derrida e Rorty se elucidam diante da comunicação on-line, pelas novas formas de temporalidade que esta estabeleceria. Dialogando com dois importantes sociólogos, que escreveram livros já considerados clássicos acerca da Internet, Turkle (1995) e Landow (1992), Sandbothe defendeu a idéia de que as novas e possíveis transformações da temporalidade surgem dos pré-requisitos técnicos formais que permitem a Internet “determinar as condições da presença”, articulando, como havia demonstrado Derrida, tempo e espaço. A cibertemporalidade traduz a urgência, a ansiedade, a busca de do tempo presente. Cria uma moldura para as relações digitalizadas, uma moldura que impõe a estas relações uma instantaneidade, que obriga o usuário da comunicação cibernética¹³¹ a lidar com diversos quadros de acesso: novas linguagens (como a denominada “linguagem de Chat”), novas regras de comportamento (a netetiqueta), novas expressões de afetividade, como os emoticons (DIAS, 2005). Para entender o tempo no que se refere a abordagem digital é preciso pensar o tempo como escassez, transformado em custo do acesso à Internet, é preciso pensar um novo

¹³¹ A palavra cibernética deriva do grego *kybernetes* e designa os mecanismos de direção, governo e controle. Embora sua utilização na contemporaneidade tenha sido atribuída ao matemático do MIT, Norbert Wiener, durante e imediatamente após a II Guerra Mundial, ela é usada, anteriormente, por Ampère, para definir “a arte de governar ou a ciência do governo”, retomando a idéia original de Platão. É importante associar a cibernética à lógica de guerra que exigiu o esforço de automação e lembrar, como Paul Virilio observou que “uma cultura de guerra também é uma cultura do delírio - uma cultura em que as ferramentas de percepção ordinárias são sugestiva, ritual, espetacular, tecnológica e quase alucinatoriamente remanejadas”. (VIRILIO, 1999).

ritmo de temporalidade, pensar a velocidade imposta pelos links. Acerca deste novo ritmo temporal, Laymert Garcia escreveu:

Nesse sentido, a relação entre arte e ciência também pode ser muito interessante, se concebermos que os dispositivos tecnológicos podem nos permitir ver o mundo de outra maneira. A arte digital, por exemplo. As tecnologias digitais permitem ver uma coisa que não era permitido. Esse é um aspecto produtivo da relação entre arte e tecnologia. As tecnologias digitais permitem modulações que nos permitem ver, principalmente, o tempo. Isso acontece no cinema. A gente vai ao cinema para ver o tempo passar. Não o tempo da nossa experiência, mas outras temporalidades de outras experiências que se tornam visíveis para nós. No campo das artes plásticas, cada vez mais vemos que o trabalho com as imagens, sejam nas vídeo-artes, nas instalações ou arte digital, a modulação aparece, com importância para captar o tempo e ver o tempo, torná-lo visível. [...] No século XXI o desafio é fato das artes estáticas se relacionarem com as artes do movimento, as artes dinâmicas, que são artes nas quais a gente vê o tempo, que tornam visível o tempo.

Mas, é preciso pensar, ainda, o tempo que se relaciona às tecnologias digitais como um tempo que não se refere semanticamente com a idéia de ordenação, conjunto ordenado – entre dois links não há necessariamente, um ‘anterior’ e um ‘posterior’, o link desconhece o antes e o depois: não há uma ordem sistematizadamente cronológica. Ao contrário, o tempo se formata na digitalidade como um eterno presente, pois enquanto o link estiver lá, o presente estará manifestado. Aristóteles, em *Retórica*, postulava que determinadas emoções se definem apenas num contexto temporal exato¹³², pela possibilidade que este geraria de interrogar estados, objetivos e emoções, o pensador evita em sua obra as nômimas de passado, presente e futuro, preferindo a estas, outras: as noções de anterior-posterior e do agora.

Se o link aponta para uma relação entre tempo de acesso e custo e para uma aceleração da velocidade, como discutiu Laymert Garcia dos Santos, aponta ainda para uma nova caracterização do tempo no ciberespaço que denomino de cibertemporalidade¹³³, a dimensão de um agora, com o qual o anterior e posterior não se relacionam necessariamente: na linguagem produzida pelo hipertexto é possível construir, a cada link um novo caminho, os links apontam

¹³² Sem a percepção temporal de um momento posterior, não seria possível compreender, por exemplo, o medo e a confiança. Aristóteles atribuía à percepção temporal a força dirigente das ações e escolhas humanas: resistindo, por exemplo a um prazer imediato, seria possível instituir um bem maior em tempo oportuno (*kairós*). Esta habilidade, em suas mais diversas modalidades, sistematizaria inclusive, segundo a abordagem aristotélica, processos fisiológicos, nos quais ele inclui as recordações (*mnemai*) e as expectativas (*elpídes*). A idéia de ordenar se reafirma: o anterior, impossível de deliberação pelo humano, é a causa do impulso e este deve ser avaliado em favor de um “bem maior” posterior, avaliação esta desenvolvida no agora aristotélico. Seria cronos servindo a kairós.

¹³³ Suponho estar cunhando o termo, acerca do qual realizei extensa pesquisa, sem encontrar citação. Esta noção se refere ao conceito de “tempo imaginário” elaborado pelo físico Stephen W. Hawking (2006).

para caminhos em que não se poderia esperar rigor, pois “teimosamente se bifurca em outro” (BORGES, 1988). A cibertemporalidade falaria de uma nova maneira de encarar o agora. O tempo de acesso é caro e maiores velocidades de acesso, como as oferecidas via cabo ou via satélite, que exigem tecnologias de maior custo, se tornaram objetos de consumo, desejáveis diante dos arquivos cada vez mais extensos: textos e imagens vão sendo substituídos por animações, documentos, vídeos, músicas. O tempo de acesso é rápido, a informação se processa e se renova segundo a segundo, a cobertura jornalística de eventos políticos, econômicos, culturais se adequa à realidade on-line: a informação urge. O tempo de acesso é agora: o que está disponibilizado no ar agora, pode ser retirado no próximo segundo, há muita informação e toda ela forma uma nova espécie de ansiedade, uma ansiedade para que o agora não termine e os verbos no modo imperativo mobilizam os agentes: acesse, veja, clique, link-se, faça, blogue, poste, participe. Submeter a cibertemporalidade a um olhar antropológico, privilegiando discutir como esta tridimensional abordagem do tempo traduz os sentidos do mundo contemporâneo, é pensar como esta maneira peculiar de dimensionar o tempo elabora manifestos ideológicos e políticos, denuncia ferramentas de controle e dinâmicas de dominação. A sistematização do controle do tempo interferiu e interfere na apreensão humana do mundo que a cerca, como descreve, de maneira poética, Carlos Drummond de Andrade (1945), em seu poema Tempo:

Quem teve a idéia
de cortar o tempo em fatias,
a que se deu o nome de ANO,
foi um indivíduo genial,
industrializou a esperança,
fazendo-a funcionar
no limite da exaustão.

Doze meses dão para qualquer ser humano
se cansar e entregar os pontos.

Aí entra o milagre da renovação
e tudo começa outra vez, com outro número
e outra vontade de acreditar
que daqui por diante vai ser diferente.

A “industrialização da esperança”, gerada pelo ato de “se fatiar o tempo”, se deu sob a pressão das necessidades da modernidade: redes comerciais, instituições jurídicas, periodicidades tributária, de investimento e salarial exigiam das autoridades eclesiais e políticas uma cronologia unitária e ordenada. Com a reforma imposta por Carlos IX, rei francês, em

1563¹³⁴, na qual se transferiu o início do ano, da festa da Páscoa para o dia 1º de janeiro, se iniciara o processo de elaborar uma escala de tempo universal, que se articulasse aos alicerces políticos, econômicos e culturais demarcadores da nova era. A forma de sistematizar e determinar o tempo no Ocidente encontrara seu apogeu, laicalizando-se. Como afirma Johannes Fabian, o Tempo Sagrado da tradição judaico cristã, vinculado a um discurso que seqüenciava eventos específicos a um povo eleito se transformava num Tempo Secular, impresso pela possibilidade de generalização e universalização. Segundo o autor foram estes três elementos, a secularização, a generalização e universalização do tempo que dotaram aos evolucionistas, posteriormente, os alicerces da construção, na Antropologia, de pensar etapas evolutivas, como: selvageria, barbárie e civilização, permitindo o que Fabian (1983, p. 20-33) denomina de “espacialização do tempo”. Para o autor de *Time and Other*, a construção de um “Outro” no discurso etnográfico, se valeu da utilização política do recurso temporal: tempos diferentes expressariam distâncias diferentes, numa estratégia fundamental à construção da disciplina. A “política do tempo”, segundo advogou Fabian (1983 p.73-78), permitiu que a concepção temporal do evolucionismo permanecesse intocável mesmo quando este paradigma teórico já havia sido questionado dentro da discussão antropológica profundamente. Denominou de “esquizogêneses” às diferentes concepções de temporalidade utilizadas pelos antropólogos em seus trabalhos etnográficos, por meio do que ele definiu como “negação da simultaneidade”, a partir da qual se construiu na literatura antropológica uma concepção de “Nós” e “Outros”, validada por um discurso anacrônico; na qual o “Outro” é delimitado por um “outro Tempo” (FABIAN, 1983, p. 143). Para ele, esta relação “petrificada” estivera a serviço da expansão imperial colonialista, opressiva, agressiva e expansiva, que determina um único molde à construção histórica: àquela que tece odes ao progresso, desenvolvimento e modernidade ocidentais. O “outro” era inscrito numa temporalidade que o exilava em uma condição estigmatizada, subdesenvolvida e aprisionada em tradições, para Fabian a geopolítica se comprometia, em seu berço com a cronopolítica.

Mais que uma ferramenta discursiva, sobretudo uma ferramenta política, esta temporalidade demarcada pela distância temporal, impressa numa "negação da coexistência no tempo" ou “negação da simultaneidade” (denial of coevalness), é a operação chave na criação de

¹³⁴ O edito entraria em vigor em 1566, suprimindo 3 meses e treze dias e fazendo dos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, assim denominados pelo lugar em que ocupavam no calendário romano, do nono ao décimo segundo mês do novo ano, respectivamente. Uma bula papal já havia suprimido em 1552 dez dias no mês de outubro de 1552, do dia 4 a 14. Exemplos como este mostram o quanto as autoridades detinham o poder de controlar o tempo. Outros ajustes no calendário aconteceram em outros momentos.

uma linha temporal que permite a construção de elaborações dicotômicas como presente/passado, primitivo/moderno, tradição/modernidade, opondo sociedades por meio de suas traduções temporais e nas quais se reveste de “outro espaço” de “outro tempo”, pensando o sujeito “lá longe” como um sujeito “lá atrás”, redirecionando a diferença, como distância no espaço e no tempo. Na mesma direção de Fabian, Nicholas Thomas (1996, p. 118-121) problematiza que “o privilégio antitemporal” deste discurso, na Antropologia, se valeu de uma lógica cultural para “essencializar uma sociedade ou estrutura fora do tempo”, atribuindo a este lugar de “fora do tempo” do etnógrafo um espaço de estigmas. No discurso digital um processo análogo pode ser apreendido: se você está on-line, não interessa quanto distante você esteja, você está “aqui”, se você está off-line, você não estará “aqui”, não interessa o quão próximo você esteja. Esta “suposta continuidade do eu” (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 202) estampada nas diversas modalidades de comunicação instantânea permite editar uma sensação de proximidade, transformando qualquer distância e tentando borrar a nitidez entre um antes e um depois.

Salienta-se nesta preposição o fato de que o hipertexto apenas torna materialmente visível o processo semântico e hermenêutico de escrever e ler como prática social e cognitiva inscrita na temporalidade que tenta descrever. Neste processo relacional é preciso pensar a própria volatilidade da produção expressa pelo link: ele fixa os significantes fora da temporalidade que os produziu. Em que lugar o tempo se revela no link? Em que tempo o lugar do link revela? Prestar a devida atenção a estas questões é buscar entender não apenas como a temporalidade digital constrói este estado de presença por esta imaginada idéia de um eu preso num agora, mas também anotar as relações que esta identidade continuamente imaginada e imaginadamente contínua estabelece na rede, que surge como uma nova versão de panoptismo e portanto como um elemento da nova anatomia de poder que vem sendo desenvolvida à medida que se faz da digitalidade um lugar privilegiado de sociabilidade.

3.8 Lançando redes no mar: da Ciber métrica ao Alexa, construindo e escolhendo ferramentas de análise

“A antropologia sempre foi uma antropologia do aqui e do agora.”

Marc Auge (1992)

Na construção desta pesquisa, quatro ferramentas foram de particular importância e desejo compartilhar neste momento, os motivos que me levaram a escolhê-las, entre várias outras possíveis, para contribuir, desta forma, com outros pesquisadores que desejem desbravar as muitas ilhas digitais. Refiro-me a alguns índices escolhidos do projeto de *Ciber métrica* da Universidade de Sydney, Austrália, ao portal Alexa, aos bancos de dados que construí para análise dos sites e comunidades e ao programa N*VIVO.

Os pesquisadores da Ciber métrica construíram vários indicadores para mensurar sites: SIZE se referia ao número total de WEB paginas de um website, FILES SIZE ao volume em bytes do total de filas do website, DENSITY HIPERTEXTUAL média numérica de links por pagina, DENSITY MULTIMEDIA média numérica de objetos multimídia por pagina, DEPHT ao número máximo de diretórios¹³⁵ de um site, LUMINOSITY ao número total de links internos e externos¹³⁶ que se dirigem ao site, BROWSEABILITY, a relação entre o número de links internos de um site e seu total de paginas, ENDOGAMY, porcentagem de links internos únicos em relação ao total de links, VALIDITY, porcentagem de links validos em relação ao número total de links, POPULARITY, numero de visitas diferentes num determinado período, CONNECTIVITY, numero total de links únicos recebidos por um site, externamente, VISIBILITY, número total de links externos de um site, IMPACT, relação expressa pela divisão de número total de links externos e número total de páginas de um site. Para viabilizar a utilização destes indicadores, todos os sites foram baixados completamente no formato de pdf. Assim, era possível visualizar os indicadores, para que esta visão de todo apontasse caminhos e esclarecesse as melhores direções.

¹³⁵ Dentro de um site, os diretórios são pastas que organizam e classificam conteúdos. Eles aparecem entre barras antes da parte final do site que indica o arquivo html. Por exemplo na Url <http://www.unicamp.br/prg/dac/> o prg é o diretório que remete a que parte do portal estamos nos dirigindo.

¹³⁶ Links internos são os fornecidos pelo próprio site que apontam pra o mesmo, os denominados links externos são os oriundos de outros sites.

Na tentativa de aproveitar ao máximo as informações fornecidas pelo método de cibernétrica, analisei em separado os sites, fóruns e blogs. Um primeiro fato a considerar é que cada um destes tipos de URLs lida com um tipo de conteúdo diverso, nos sites o material é dezenas, algumas vezes centenas de vezes, mais extenso, muito mais explicativo e também há uma espécie de biblioteca de livros e artigos acerca do tema, nos fóruns o debate se dá entre os milhares de internautas que participam, como nas comunidades do Orkut e por isto preferi sempre pensá-los como um conjunto, nos blogs analisados é sempre um único membro da comunidade racista que posta idéias, gravuras, fotos, sons, slogans, opiniões, comentadas ou não por outros internautas e indicam, portanto, como agentes específicos elaboram o habitus racista. Com a cibernétrica pude pensar melhor como os blogs e sites se apresentam no mar digital. Nas duas tabelas a seguir, alguns dados que auxiliaram minha reflexão:

TABELA 1 – TAMANHO (NÚMERO DE URLS E BYTES), DENSIDADE (LINKS E MULTIMÍDIAS POR PÁGINA) E PROFUNDIDADE (EM DIRETÓRIOS) DOS SITES RACISTAS

NOME DO SITE	SIZE	FILES SIZE ⁽¹⁾	DENSITY HIPERTEXTUAL	DENSITY MULTIMEDIA	DEPHT
NUEVORDEN	7378	36,8	85	15	6
NATIONAL ALLIANCE	5800	60,2	30	50	6
HISTORICAL REVISIONISM!	2872	12,1	100	50	12
CAUSA NACIONAL	1882	7,6	6	2	3
VALHALLA	1562	14,3	50	60	6
L'ASSOCIATION DES ANCIENS AMATEURS DE RÉCITS DE GUERRES ET D'HOLOCAUSTE	864	5,64	100	70	12
DIRLIP	730	5,53	41	100	5
KKK NET (DISSIDENTE)	682	4,2	80	20	5
KKK	481	8,4	30	15	5
SOLAR GENERAL	374	8,1	83	20	6
NAZI LAUCK NSDAP/AO	328	14,3	15	20	2
HIJAS DE EUROPA	307	7,2	20	10	4
WAU	268	5,94	90	10	3
AITHGENA (WAU PORTUGAL)	168	0,5	73	3	2
COSMOTHEISM	122	0,05	33	10	3
SS ENTERPRISES	100	7,7	70	80	5
W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE	98	2,39	62	80	3
REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL	85	2,1	30	5	2
WHITE POWER SP	61	3,24	19	6	2
SITE DA REVISTA INSTINCT	60	0,5	70	10	2
L'AWB - MOVIMENTO DI RESISTENZA AFRIKANER	50	2,1	15	20	3
CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY	40	2,3	30	25	3
BLOOD AND HONOUR SP⁽²⁾	16	0,1	23	30	3
NAÇÕES ARIANAS⁽²⁾	15	0,5	12	6	2
CREATIVITY MOVEMENT - MOVIMIENTO CRIADOR⁽²⁾	10	0,5	11	18	2

(1) Em Megabytes.

(2) Sites muito recentes ou recentemente reformulados.

TABELA 2 – TAMANHO (NÚMERO DE URLS E BYTES), DENSIDADE (LINKS E MULTIMÍDIAS POR PÁGINA) E PROFUNDIDADE (EM DIRETÓRIOS) DOS BLOGS RACISTAS

NOME	SIZE	FILES SIZE	DENSITY HIPERTEXTUAL	DENSITY MULTIMEDIA	DEPHT
RETALIAÇÃO BRUTAL	342	3,5	66	180	3
BLOG CORSERPENTIS 88	43	0,612	32	60	2
BLOG HOMEM LOBO	40	0,5	0	10	2
BLOG FASCISMO EM REDE	17	0,35	24	20	2
ADOLF HITLER PLATZ	13	0,5	10	20	2
BLOG COMBATE	13	0,1	20	2	2

TABELA 3 – MÉDIAS DOS DADOS DE TAMANHO (NÚMERO DE URLS), DENSIDADE (LINKS E MULTIMÍDIAS POR PÁGINA) E PROFUNDIDADE (EM DIRETÓRIOS) DOS SITES E BLOGS RACISTAS*

TIPO DE SITE	MÉDIAS			
TIPO	SIZE	DENSITY HIPERTEXTUAL	DENSITY MULTIMEDIA	DEPHT
BLOG	78	25,4	48,7	2,1
SITE ATIVISTA	904,5	44,4	30,5	4,1

Observo quanto os sites são extensos e muito mais povoados de links que os blogs, pois importa-lhes tecer a rede racista, são também muito mais profundos, para evitar que a maior parte de suas páginas sejam alcançadas pelos motores de busca. Os blogs parecem não temer isto, até porque é muito menos dispendioso criar um outro blog que um outro site e como a extensão de blogs é exponencial, a imensidão da rede facilita o status de ilha secreta para os sites. Há muito mais imagem nos blogs, em média, que nos sites, pois estes últimos privilegiam artigos e textos. O tamanho médio dos sites, muito maior que sites institucionais ou científicos comuns indica, ainda, um aglomerado de sites disponibilizados num mesmo lugar, mais uma forma de fugir da rede, pois amplia a densidade de links internos e não externos, o que torna os links internos menos visíveis aos canais de busca. Neste formato e análise, se tornou possível identificar dados e mensurar os indicadores.

Para facilitar este processo, também me vali do site Alexa, que mede tráfego na rede. O Alexa disponibiliza várias informações úteis na análise, como a posição dos sites quanto ao número de acesso total, na rede e nos três países que mais o visitam. Ainda fornece um resumo de três meses de acesso e informações quanto à velocidade de acesso e contatos do site. O

número de links externos que apontam para os sites é medida pela mesma tecnologia disponibilizada pelo Google e para este indicador eu encontrei grandes problemas. Há sites na rede racista que apontam para vários outros sites da rede, sem terem seus links externos mensurados por esta forma de avaliação. Mas, todos os outros indicadores não apresentaram problemas¹³⁷.

Porque importa um tamanho de site (tanto em número de páginas como em número de bytes)? Importa porque revela a quantidade de informação disponibilizada por seus criadores, mas também por sua relação com a média geral de outros sites. No mundo, a média geral são de 80 páginas por site, numa média de 200 kb por página, o que facilita a maior parte do carregamento. No Brasil a média é maior: na WEB brasileira cada site abriga, em média, 85 páginas, mas este número é um tanto tendencioso, pois no Brasil cerca de 10% dos portais abrigam mais de 80% das páginas da WEB. Esta configuração também é comum no resto do mundo. Desconsiderando estes 10%, a média dos sites cai bastante, não ultrapassando as trinta páginas. Nos sites racistas é comum sites com milhares de páginas, o que revela a tentativa de, mais uma vez, se esconder, no mar digital: a possibilidade de ser achado é menor, todo material está disponível no mesmo lugar e se retirado do ar, basta colocar tudo de novo em um mirror. Os sites racistas são em geral muito densos, tanto em hipertextualidade (há páginas com mais de 500 links e a média é de 42 links), como em multimídias (ícones, vídeos, imagens ocupam dezenas de bytes nos sites, com uma média numérica de trinta e cinco por página). São em geral profundos, com média de quatro diretórios dentro de outros, dificultando, mais uma vez seu encontro por sites de busca.

O número total de links é imenso e tanto a luminosidade quanto a Browseability dos sites é cerca de trinta vezes maior que a média da rede. Mas, estes fatores não facilitam a sua busca, por serem propositadamente detidos pela densidade hipertextual e pela profundidade de diretórios. Mas, isto os torna visíveis para outros sites da rede, o que reforça os vínculos entre eles. Os sites são profundamente endogâmicos, há muito mais links internos do que externos o que confirma a ideia de que na verdade são vários sites em um. Considerando apenas o Valhalla 88, por exemplo, suas mais de mil e quinhentas páginas equivaleriam a dezessete sites médios, se levarmos em conta todos os sites e cerca de cinquenta sites se desconsideramos os grandes

¹³⁷ Para aprofundar esta questão sugiro a leitura do artigo *Classifying Web sites and Web pages the use of metrics and URL characteristics as markers*, de Wallace C. Koehler, Jr. Disponível em <http://lis.sagepub.com/cgi/content/abstract/31/1/21>. Último acesso em 05/05/2007

portais. A rede racista é, portanto, muito expressiva em tamanho: os sites se reproduzem aos milhares e a grande maioria ocupa espaço de dezenas deles. Os sites racistas são bastante acessados como indica seus ranks de tráfego no Alexa, mas sua conectividade e visibilidade são reduzidas na rede como um todo e muito maior (duzentas vezes) se os retratamos na rede racista. Por fim, o impacto de sua presença é grande, porque a grande maioria dos links externos aponta para páginas específicas, ampliando o alcance de determinadas e previamente escolhidas páginas dos sites¹³⁸.

Interessa-me em particular o uso que os sites fazem dos links, em especial os grandes sites de ativismo: o NuevOrdeN, o National Alliance, o Historical Revisionism!, o CAUSA NACIONAL, o Valhalla88, o L'Association des Anciens Amateurs de Récits de Guerres et d'Holocauste, o Dirlip, o KKK, o KKK net (dissidente), o Solar General, o Nazi Lauck NSDAP/AO, o Hijas de Europa, o WAU, todos com mais de 300 URLs¹³⁹. Tomando o dado mundial de média de URLs por sites (incluindo os grandes portais de notícias que abrangem mais de 80% da rede), ou o dado que considera apenas os sites “institucionais” relacionados, como o objeto desta pesquisa a temas específicos, que define a média em 24 URLs por site, é possível estabelecer “quantos sites há num site”, ou seja, quantos sites poderiam ocupar, em média na rede, do espaço em URLs que os sites analisados se valem para carregar. Na tabela a seguir, apresento esta proporção:

¹³⁸ No Anexo 2 há três mapas que podem ser apreciados num conjunto: no primeiro há os sites por localização, no segundo os links percebidos pelo Alexa e no terceiro os links que eu localizei nos próprios sites.

¹³⁹ Os dados constam das Listas que antecedem o presente texto, disponibilizados pelo número de URLs em ordem decrescente.

TABELA 4 – QUANTOS SITES HÁ UM NUM SITE RACISTA?

NOME DO SITE	NÚMERO DE URLS	A(1)	B(2)
NUEVORDEN	7378	92,23	307,42
NATIONAL ALLIANCE	5800	72,50	241,67
HISTORICAL REVISIONISM!	2872	35,90	119,67
CAUSA NACIONAL	1882	23,53	78,42
VALHALLA88	1562	19,53	65,08
L'ASSOCIATION DES ANCIENS AMATEURS DE RÉCITS DE GUERRES ET D'HOLOCAUSTE	864	10,80	36,00
DIRLIP	730	9,13	30,42
KKK NET (DISSIDENTE)	682	8,53	28,42
KKK	481	6,01	20,04
SOLAR GENERAL	374	4,68	15,58
NAZI LAUCK NSDAP/AO	328	4,10	13,67
HIJAS DE EUROPA	307	3,84	12,79
WAU	268	3,35	11,17
TOTAIS	23528	294,1	980,33

(1) Quantidade de sites que poderiam ser carregados no mesmo espaço, pela média mundial.

(2) Quantidade de sites que poderiam ser carregados no mesmo espaço, pela média mundial, excluindo-se os grandes portais da rede.

Observando a tabela, uma nova informação nos convida a pensar: por que estes trezes sites escolheram “se aglomerar” no lugar de ocupar o espaço de quase trezentos ou ainda de quase mil sites? Um dos motivos, evidentemente, é desaparecer dos motores de busca, que enumerarão, por sua lógica algorítmica interna, as páginas mais acessadas e deixarão as outras milhares (e se acrescentamos o fato de que cada URL pode conter dezenas, muitas vezes centenas de laudas, estamos falando em milhões) imersas na denominada “web invisível”. Mas, se pensarmos que em cada uma destas URLs há dezenas de links, apontando para outras páginas do mesmo site, se pudemos olhar cada link como uma relação, uma troca, um processo profundo e essencialmente endogâmico se revelará diante de nossos olhos. Se pudermos observar que os links externos, direcionados a outros sites, são em sua maioria esmagadora vínculos a outros sites do mesmo tipo, aparecem apenas na medida suficiente para gerar e gerir a rede racista, sem contudo ser suficiente, na absoluta maior parte das vezes, como nos revela o fato de que nem o Alexa, nem o Page Rank googleano dão conta de mapeá-los, poderemos perceber que há uma modo de pensar arquitetura destes sites que é peculiar a este grupo¹⁴⁰. Peculiar não apenas a sua

¹⁴⁰ Sites de pedofilia buscam o anonimato, mas não a profundidade e movem-se muito mais (entre os racistas há sites com 10 anos de existência), para escapar da intensa vigilância internacional, sites de bulimia a anorexia na buscam

escolha estética ou temática, mas a própria configuração do código fonte, peculiar na maneira como os links são organizados e portanto, como as relações dos sites entre si e na Internet são escolhidas ou ampliadas e/ou interditadas. Mais ainda, é possível ver no links as relações de troca e as configurações que estas assumem. O que estou afirmando é portanto é que o link revela uma atitude: ele continua ou descontinua um contato e em cada enlace aproximações e distâncias são estabelecidos. Se é no links que está o caráter rizomático, polimorfo, multiplicador do ciberespaço, se é nele que emergem os labirintos de labirintos da informação e da comunicação que constituem a rede (DIAS, 2005) é no link também que se reservam informações preciosas acerca do tipo de relações que os sites estão dispostos a se permitir.

Relacionando-se apenas entre si mesmos, como indica a densidade endogâmica dos sites, produzindo um conteúdo gigantesco, como revela o número de URLs dos mesmos e arquivando este conteúdo em diretórios registrados em diretórios, profundos e inalcançáveis pelos motores de busca atuais, os sites não apenas denunciam sua preocupação em compreender e utilizar para fins muito bem definidos as ferramentas disponibilizadas pela rede, mas também indicam “o contorno de sua forma de pensamento”: eles são grandes (em bytes), levantam grandes construções (milhares de URLs), seus valores estão profundamente enraizados (diretórios dentro de diretórios), não se relacionam com sites estrangeiros (como revela a intensa endogamia dos links), os valores estéticos são claramente definidos e expressados (são intensamente povoados de imagens e outros tipos de mídia), se recusam a utilizar linguagem simples de programação, evitando ao máximo a postura Tableless¹⁴¹ (preferem códigos de programação formais). Os links apontam, reafirmo, um comportamento, contornado por uma opção megalomaniaca, estética, endogâmica, formalista. Se pensarmos a quantidade gigantesca deles como um elemento de agressividade, poderemos visualizar os links deste site como “perfeitos líderes arianos”. E se os links destes sites agem desta forma, é porque os construtores da linguagem, na construção das tag¹⁴²s que os definem foram levados, por predisposições inconscientes, que se movimentam

anonimato, nem profundidade, no geral são blogs individuais de pessoas que simulam uma vida feliz independente da doença, nas comunidades “Ana e mia” as doenças são tratados por apelidos carinhosos e são tidas como “estilo de vida”.

¹⁴¹ Método de desenvolvimento de sites não balizado por tabelas para disposição de conteúdo na página, tornando o código menos formal e mais acessível, inclusive a deficientes. Os sites certificados por este sistema são validados por uma tecnologia, a W3. Nenhum dos sites racistas recebe esta certificação. Informações adicionais acerca desta certidão encontram-se em <http://www.w3.org/2005/11/Translations/Lists/ListLang-pt-br.html>

¹⁴² Marcas no código que determinam programações. Uma tag antecedendo um texto, o inscreveria no código como em negrito e o código só findaria esta formatação no local de inserção da tag . O código dos sites é, geralmente, inscrito entre as tags <html> e </html>.

nestas direções. Nesse sentido, os links não são bons para enlaçar, “mas são bons pra pensar”, no sentido que revelam sentidos e classificações, grupos próximos e distantes. Neste mar, o link é uma canoa feita de bytes, é nele que se processa a seqüência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, no redirecionamento do contato na rede.

É possível pensar, portanto, uma quaternária caracterização do link: como artefato, construído por uma tag, dentro de um código (em geral HTML), como representação de um padrão cultural estrutural, revelando os tipos de alianças permitidos e os interditados, como linguagem, por ser um elemento textual e, finalmente como elemento da narrativa ritual do site, apontando para uma direção, continuada, descontinuada, repetindo, intensificando a narrativa, repetindo-a novamente, entre outras formas de “retorno e paralelismo”, como ressaltou o grande mestre estrutural (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 35). Esta elucidação só foi possível a partir da medição dos links dos sites, pelo Page Rank do Google e pelo Alexa¹⁴³, em sua comparação direta com os links do próprio conteúdo dos sites. Acho importante salientar o quanto estas ferramentas foram viabilizadoras pra esta pesquisa como mapas de viagem, ainda que as ilhas ultrapassem, claro, qualquer mapa.

¹⁴³ Utilizei-me, inclusive das barras para o Internet Explorer oferecidas pelo Alexa e pelo Google, para facilitar a identificação dos indicadores.

4. AS ILHAS E OS ILHÉUS

“Este retrato, alterado ou não converter-se-ia no emblema visível de sua consciência.”

Oscar Wilde (1890, p. 98)

A Internet tem transformado a natureza de comunidade e de identidade dentro dos EUA. Junto com outros grupos, esta nova mídia vem afetando a forma das organizações subversivas. Os indivíduos que propagam ideologias nazistas tradicionalmente operavam isolados, com poucas ligações estruturais maiores. Mas com o advento do correio eletrônico e do acesso às páginas da Internet, esses subversivos estão agora descobrindo meios de propagar suas mensagens além dos limites estreitos de suas ligações pré-estabelecidas.

Susan Zickmund (2000, p. 237)

“Toward a New Consciousness; a New Order; a New People”.

Epígrafe do site National Alliance

Apontei, resumidamente, na introdução ao presente trabalho, as razões que me levaram a escolher os sites aqui pesquisados e analisados: a língua (inglesa, portuguesa e espanhola), o número de acessos (entre os 800 mais acessados), os que mais links estabeleciam com outros sites, os que eram mais citados em artigos presentes em outros sites (ainda que não houvesse links no artigo), os que disponibilizavam mais material para análise. Anunciei, ainda, o que demarcou minha escolha entre os blogs (os mais citados na rede identificada, os com mais material disponibilizado, quer em forma de artigo, quer em forma de gráfico, os que forneciam mais links para outros pontos, ampliando o diâmetro da minha busca) e fóruns (aqueles que possuíam o maior número de participantes e temas mais diversificados). Destas escolhas obtive um universo de análise bastante significativo: 40 URLs, num total de 468 páginas em blogs (0,11%), 24.371 páginas em sites (5,57%), 449 páginas em lojas (0,10%) e 412.037 páginas em fóruns (94,22%), sem contar os mirrors. Embora o volume de páginas seja consideravelmente muito maior que o restante, seu conteúdo é muito repetitivo e a leitura dos posts revela que em mais de 90% eles reproduzem material dos sites, blogs e lojas, quer divulgando a ideologia, quer

discutindo imagens ou charges dos blogs, quer indicando produtos das lojas para outros internautas, um perfeito exemplo de uso da “Cultura Ctrl C + Ctrl V¹⁴⁴”.

Nesta pesquisa escolhi, portanto, em língua espanhola dois sites neonazísticos, num deles, há um fórum (o NuevOrdeN), incorporado ao site, a que não tive acesso, pois exige registro. Em inglês foram 3 fóruns neonazistas, 1 fórum racista, 5 sites neonazísticos, 8 racistas e 2 revisionistas, em português 1 blog revisionista, 2 blogs racistas, 1 fórum revisionista, 1 loja neonazista, 1 loja racista, 7 sites neonazísticos e 2 sites revisionistas. Em termos gerais o neonazismo ocupa cerca de 52% do total de sites pesquisados, o racismo 30% e o revisionismo 18%.

Em *Links de Ódio*, minha argumentação tencionou demonstrar como esses três elementos se entrelaçam. Para tanto identifiquei “núcleos analíticos” nos sites o revisionismo histórico, a estética racista, o casamento inter-racial, a divulgação de livros e outras mídias de conteúdo racista” (DIAS; 2005, p. 10). Estes “se articulam no discurso: o revisionismo sustenta uma nova história que defenda a estética racista, esta é dada como motivo para preservar as “fêmeas brancas” dos casamentos inter-raciais,” na tentativa de tecer uma hegemonia, ainda que as discussões dos fóruns, nas quais há milhares de internautas envolvidos demonstrem não ser tão real: há diferenças e são significativas. Mas, nesse ponto é importante frisar: há interesse numa aparência unificada”, para permitir a satisfação de quatro proposições dos sites: em primeiro lugar, eles argumentam que “preservação da raça branca, ou ariana¹⁴⁵” de um provável “genocídio¹⁴⁶” serve de validação para o discurso racista. Em segundo lugar, as relações de

¹⁴⁴ Em meu trabalho anterior, *Links de Ódio* (2005), defini por este termo a tão comum forma de reproduzir dados pela Web, principal responsável por muito dos conteúdos dos fóruns, blogs e comunidades virtuais mundo afora. Neste prisma é possível pensar esta forma de reprodução Como tradutora de uma “visão de mundo” contemporânea, marcada pela reprodução de cópias, até se perder de vista o que é modelo e cópia. Nesse sentido, a cultura aqui é a do simulacro, uma verdadeira “zona de indescernibilidade” como a que Deleuze (1988; 1986) descreve em *Lógica do sentido* e *Diferença e Repetição*, zona esta que pauta toda a formatação das individualidades do tempo presente e da produção das páginas da Internet e que é preciso levar em conta para pensar o imediato, o lugar, o olhar as relações e, acredito eu, a etnografia. Nesta zona Deleuze recupera a noção de simulacro, desta imagem que não representa o modelo, mas sim a cópia de sua cópia e que revela a própria relação entre cópia e modelo, tendo em vista, que no simulacro e a repetição da reprodução das cópias infinitas gera a sensação no observador de não mais distinguir cópia e modelo.

¹⁴⁵ A idéia da preservação está evidente em um dos textos “mais sagrados” do movimento, os 88 preceitos. Os preceitos 30 e 31 explicitam: “Os instintos para preservação Racial e da espécie é decretado pela Natureza. Instintos são os mecanismos perfeitos da Natureza para a sobrevivência de cada Raça e espécie. A fraqueza humana de justificar situações para autopromoção não deve ser permitida para interferir nesses instintos” (WPS, V88, NA, SGC, SBM, STO, BHL, LEA, NON, FLN, FRV, NAr).

¹⁴⁶ Cunhado após a barbárie nazista a palavra genocídio é utilizada pelos sites não para configurar crimes de ódio, mas vínculos sociais: o casamento, a adoção, as relações homoeróticas e homoafetivas são a causa do “genocídio” a que se referem. Na verdade o genocídio configura “o crime contra a diversidade humana” (CANÊDO, 1999, p. 5).

gênero e parentesco, revelam um universo simbólico de produção e reprodução do discurso e que inscrevem no intercurso do texto, das imagens, da construção dos sites, compondo o ideal “da família branca”: “o herói, a fêmea branca (ou útero branco) e a criança ameaçada. Em terceiro lugar, a análise discursiva revela que a pseudo-historiografia do revisionismo histórico estabelece “regras de direito que fazem funcionar as relações de poder para produzir discursos de verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 24); para inocentar os “heróis nazistas” e culpar as vítimas do holocausto (tratado como “holoconto”). Por fim, há um aspecto mercadológico do tema, no qual se inserem, por exemplo, a venda de livros e a assinatura de revistas para sustentar, em parte, toda a rede construída (DIAS, 2005). Nesse sentido:

os sites racistas se apóiam, principalmente na “ameaça de genocídio” para elaborar sua mensagem, de forma principal ou secundária. Esta “ameaça” se relaciona diretamente com as categorias que surgem no núcleo analítico “relações de parentesco e gênero” e a “propaganda neonazista”, a “solução” desenhada pelos sites etnografados para esta “ameaça”. A “propaganda neonazista”, por sua vez, vincula-se ao “revisionismo histórico” para legitimar-se e inocentar-se. É na análise dos temas secundários dos sites diretamente racistas que a homogeneidade se revela: o neonazismo, sustentado pelo revisionismo, a “ameaça de genocídio” e as “relações de parentesco e gênero” se interligam, de modo a condensar-se na totalidade discursiva observada. (DIAS, 2005, p. 42)

Esta idéia de que o discurso busca uma homogeneidade também é percebida nos inúmeros links que os sites estabelecem entre si. Alguns sites são quase impossíveis de achar no *Google*, mas de posse de outro site se torna muito mais fácil tal tarefa, seja digitando trechos de um site no mecanismos de buscas, seja direcionado pelos links que o primeiro oferece.

Antes de prosseguir na análise dos sites, desejo retomar um outro ponto muito importante: as análises dos números, tantos dos participantes de movimentos racistas nos Estados Unidos, na Espanha e no Brasil, que pesquisei ao longo destes cinco anos, como do números de acessos dos sites analisados. Os dados apontam para cerca meio milhão de leitores de material racista, revisionista e neonazista, apenas nos Estados Unidos (um país de 300 milhões de habitantes, no qual há, segundo estimativas dos órgãos oficiais, 288.378.137 brancos). Também é preciso considerar o número de vinte e cinco mil, que em 1995 eram considerados “membros militantes radicais”, observados por órgãos governamentais por práticas de ódio racial e lembrar que crimes que envolvem ódio racial, nos Estados Unidos, crescem em cerca de 8.000 casos por ano. O site Stormfront, no qual há o maior fórum racista do mundo, há 349.398 páginas, 4.226.919 posts, 115.909 membros (o site não permite postagens anônimas) e 20,519 membros ativos (que

postaram mais de dois posts no último mês)¹⁴⁷. O site já recebeu mais de 14 milhões de visitas diárias e é visitado, principalmente, por internautas dos Estados Unidos (29,5%), da Sérvia e Montenegro (16,4%), da Croácia (7,1%) e do Reino Unido (6,5%)¹⁴⁸, ocupando o 10.999º lugar em tráfego no mundo¹⁴⁹. Segundo dados do Alexa e do Google, haveria 245 sites apontando links para este portal, mas, durante a pesquisa, nos outros sites analisados foram identificado perto de 500 links.

Nos Estados Unidos o fenômeno do movimento racista branco foi bastante pesquisado por Raphael Ezekiel¹⁵⁰, em seu livro *Racist Mind*. No livro, o autor trata tanto de manifestações racistas nos Estados Unidos como da leitura de pequenos grupos urbanos de neo-nazis e ainda, de grandes líderes, a exemplo de Tom Metzger (o violento, cínico e agitador dirigente da Resistência Ariana Branca) e Richard Butler, líder do movimento Identidade Cristã, sempre pronto a informar que apenas os povos brancos de ascendência européia são criações divinas. Acerca do significado dos discursos destes grupos, Ezekiel afirma:

O centro deste discurso - raça identifica uma essencialidade, definindo qualidade e na qual a raça branca é superior – é ao mesmo tempo similar e diferente do que perpassa a mente da maioria dos Americanos brancos. Ele exclui muitos outros caminhos através dos quais as pessoas podem ver uma conexão social ampla: por meio de igrejas, profissões, ocupações, faixa etária, gênero, escolaridade ou classe social. Ele exclui as grandes imagens da comunidade democrática ou das irmandades religiosas que sugerem um futuro além da raça. Ele faz, ao contrário, assemelha a percepção branca majoritária ao denominar raça – uma idéia construída no decorrer do tempo por uma sociedade e tendo significância científica pequena – uma descrição da realidade significativa biologicamente, e, portanto, um caminho fundamental para categorizar pessoas. Ele assemelha mais ainda a percepção majoritária branca tomando como concessão o sentimento de especialidade e entitulação dos americanos europeus desce dentes. (EZEKIEL, 1995, p. XVII¹⁵¹)

A tese principal de Ezekiel aponta para a idéia de que, de alguma forma, a intolerância racial nos Estados Unidos é fundamentada no fato de que a grande maioria da população se vê como descendente européia¹⁵² e, portanto, isto alicerçaria um terreno para a idéia

¹⁴⁷ Dados do site, balizados pelo Alexa.

¹⁴⁸ Seguidos por Holanda, Chile, Bósnia and Herzegovina, Canadá, Espanha, Romênia, Bélgica, Índia, Rússia, Austrália, Polônia, Eslováquia, Republica Tcheca, África do Sul, Grécia, Argentina, México, Peru e Colômbia.

¹⁴⁹ Apenas para servir de ilustração é bom comentar: muito a frente de uma loja virtual brasileira de grande acesso, a Fnac, uma das 300 mais acessadas no Brasil.

¹⁵⁰ O Psicólogo social é aposentado da universidade do departamento do Psychology de Michigan e desenvolveu muitas pesquisas na área de saúde pública.

¹⁵¹ A tradução é minha.

¹⁵² Desta forma, a tese central do autor é que a ideologia radical alimentada nestes grupos são meramente um formulário extremo do racismo que é onipresente em toda a sociedade americana. Nos sites pesquisados a evocação

de que “o povo branco, descendente de europeu” se vê ameaçado em seu país e hegemonia¹⁵³. Esta análise, de certa forma, mira aquilo que foi identificado pelo censo americano realizado no ano 2000: quando inquiridos acerca de sua “ancestralidade” os americanos responderam, em sua maioria, designando para si uma ancestralidade européia: a maior faixa da população que se associa a uma nação, no entanto não se registra como descendente de ingleses (que somam 8,7% dos entrevistados), mas, sim, de origem germânica (15,2%), seguida de perto pela ascendência irlandesa (10,8%). Há em menor quantidade os que se identificam como descendentes de italianos (5,6%), poloneses (3,2%), ou que afirmam origem francesa (3,0%) e escocesa (1,7%), ou escocesa e irlandesa (1,5%). Os estadunidenses que se reportam como descendentes de “nações nórdicas” são significativos: representam 4,6% da população, divididos entre os que se afirmam de origem holandesa (1,6%), norueguesa (1,6%) e sueca (1,4%). Os americanos que assim se traduzem, somados, representam mais da metade da população branca (54,3%). Entre os não-brancos se destacam os que se reportam como afro-descendentes (8,8%), os que se definem como descendentes de mexicanos (6,5%). Havia a possibilidade de se identificar com mais de uma ascendência, ou não reportá-la¹⁵⁴. É interessante observar que os dados acerca da língua falada pelos habitantes estadunidenses¹⁵⁵, não seguem a mesma proporção: apenas 1,4 milhões de habitantes afirmam falar alemão, embora 45 milhões se afirmem descendentes de alemães. Quanto aos que se auto designaram como descendentes de ingleses, irlandeses, italianos,

desse “passado comum europeu” é de fato bastante utilizada, mas acerca da onipresença do racismo sinto-me sem condições de opinar.

¹⁵³ Um outro analista da “crença separatista branca” estadunidense, o professor de religião da Universidade de Estocolmo, Mattias Gardell faz uma leitura da ascensão do neopaganismo e seu vínculo com os movimentos racistas. Identificando três grupos principais de neopagãos, os Odínistas (que veriam na figura de Odin um arquétipo, mas não necessariamente um deus), os Wotanistas que aproximam-se mais das raízes da subcultura ariana, neonazista e os Darkside Asatru, que evocam o “lado negro” das crenças odínistas, mesclando cultos neopagãos originados do nacional socialismo, ao vinculado às sociedades secretas satanistas (para desespero de alguns membros da religião Ásatrú, religião oficialmente reconhecida pelos governos da Islândia (desde 1973), Dinamarca (desde 2003) e Noruega, que tem feito grandes campanhas para se desvincular do movimento racista. Embora o autor afirme ter usado fontes internas ao movimento, vários equívocos já foram apontados nesta monografia (em especial ao papel pequeno que ele dá ao anti-semitismo no grupo ou a dados históricos sobre os movimentos muito equivocados e o fato de que no geral, os grandes movimentos abrigam membros destes e de outros grupos, não estudados pelo autor, como o Identidade Cristã Ariana) e como nos sites usados, em especial nos fóruns, nos quais pudemos observar outras formas de divisões mais interessantes e vínculos entre estes grupos identificados por Gardell em alianças momentâneas para interesses comuns, preferimos nos valer de nossos dados etnográficos para pensar as divisões grupais. Voltaremos a este ponto no quarto capítulo.

¹⁵⁴ No anexo 3 e 4 há dois mapas que esclarecem visualmente as respostas do censo, nos quesitos ancestralidade e línguas faladas além do inglês. No anexo 5 disponibilizo o gráfico fornecido pelo U.S. Census Bureau que serve para a presente análise.

¹⁵⁵ Os dados estão em <http://www.census.gov/prod/2003pubs/c2kbr-29.pdf> No Censo foi pedido aos argüidos se falavam outra língua além do inglês e se sim, qual, além de uma outra questão acerca da qualidade de seu inglês falado.

poloneses, franceses, escoceses, holandeses, noruegueses e suecos, a proporção nunca ultrapassa a de um para quinze (sendo que a média é um em dez), na relação entre os habitantes que se afirmam falantes do idioma e os habitantes que se dizem de ascendência da nacionalidade correspondente a ele.

Os dados do censo de 2000, se comparados aos dados de 1900, indicam um decréscimo do número de cidadãos que se auto-afirmam como descendentes de origem germânica, eles eram 23% da população no censo anterior. Os irlandeses perderam em relação aos dados de 1900 cerca de 5% de seu percentual e os ingleses 4%. Este fato é analisado pelo discurso dos sites racista como uma “grave ameaça à raça branca”, um sinal de sua “extinção em curso”. Esses dados apontam para a mesma direção projetada por Ezekiel, revelando um estadunidense que se credita filho da Europa. É esse elemento, afirma o autor, que catalisa o discurso racial em períodos de desordens econômicas, quando há restrições para novos postos de trabalhos, os líderes dos movimentos nazis se tornam mais atrativos, por apresentarem uma resposta pronta para o que deve ser realizado:

Para estas pessoas, a resposta está na raça: “ Eu sou membro da raça branca. Meu povo construiu esta civilização, construiu esta nação. Nós temos a inteligência e a iniciativa para a tarefa. Nosso sangue é diferente e especial. Nossa tradição nos tem sido confiscada, raças inferiores tem confiscado poder através de sua astúcia. Minha raça está próxima da destruição. A maioria do meu povo está enfraquecido e passivo, seduzido e tranquilizado pelos inimigos. Os inimigos planejam a total destruição do talento da minha raça, seu sangue, através da mistura inter-racial. Por fim, nós ou nossos inimigos serão destruídos. (EZEKIEL, 1995, p. XVII)

Este é o discurso acessado por milhões de pessoas, todos os dias, nos sites pesquisados. Mas, o que representam esses números? O que significa meio milhão de pessoas em quase 290 milhões de brancos? Embora possa parecer pouco em termos absolutos, é bom recordar que um número muito menos expressivo de nazistas foi capaz de tomar toda uma Alemanha e produzir páginas históricas de intensa destruição. Concordo com Ezekiel quando afirma acerca do perigo viral desta ideologia, principalmente entre os brancos mais pobres: sem qualquer formação profissional, sem perspectiva de futuro esses setores mais frágeis, vêm no discurso racial da “grande raça branca”, uma esperança de sentido, algo “glorioso do qual possam fazer, enfim, parte” (EZEKIEL, 1995, p. 159 et passim).

Acerca desta auto-imputação de germanidade dos americanos, é possível observar, ainda, a sua relação com a localização dos sites: dois dos maiores sites nazistas do mundo são

produzidos em Nebraska, estado no qual 38,6% da população se identificou como de origem germânica: o Nazi Lauck NSDAP/AO, que oferece milhares de imagens, livros, fotos, filmes, armas, coleções e uniformes do “Terceiro Reich” (e outros milhares de cartoons, livros, imagens e artigos que caracterizam o judaísmo como seu inimigo) e o NuevOrdeN, que divide sua produção com grupos da Espanha e da América Espanhola. Na Califórnia os que se interpretam como descendentes de europeus não estão na primeira colocação (9,8%), ela é daqueles estados que se afirmam de origem mexicana (22,2%). Neste estado são produzidos os sites que defendem a resistência branca, em particular à frente dos imigrantes; e os sites cujo público alvo são as mulheres arianas, as “fiéis guardiãs da alma e da cultura da raça”. A presença dos americanos que se apresentam como de origem germânica também é forte (está em primeiro lugar) no estado da Flórida (11,8%), que produz o maior site racista do mundo, o Stormfront.com. Mas, este é um fórum e portanto a produção do material é desenvolvida nos locais em que os internautas que o acessam estão, pois são eles que postam, de poemas a trechos de leis raciais nazistas, de fotos a charges que fazem do judeu e do negro objeto de escárnio, enfim, são eles que, espalhados por todo o mundo, produzem o site¹⁵⁶.

O fenômeno neonazista na Espanha que possui segundo as autoridades cerca de dez mil os jovens cadastrados em grupos ultradireitistas e neonazis, dados que se somam aos cinquenta mil simpatizantes da organização *Sangre y Honor*, uma das mais radicais, que alimenta bandas neonazis ilegais, como *Hammerskin*, *Blood and Honour* e *Volksfront* (também denominada *Frente Popular*). Nos shows dessas bandas milhares de jovens saúdam a Hitler como herói e “imperador da raça branca”. Também explicitam nessas maratonas de “orgulho branco” ódio aos imigrantes, judeus e negros e também a homossexuais. Crimes de ódio já foram registrados nas cidades de Madrid, Cataluña, Castellón, Valencia, Zaragoza e alguns bairros de Castilla e Leon e atualmente estas organizações neonazis discutem a possibilidade de formarem um partido político. O site *NuevOrdeN*, com seus mais de dois milhões de Pages Views diários atinge principalmente internautas do Chile, motivados pelas teorias do *Sol Negro*, da Espanha e da Costa Rica. Há ainda escritórios locais na Argentina, no Peru, na Colômbia, no México, além do central na Espanha e um outro que produz o material em português do site, em Lisboa. O site participa e divulga ainda o movimento *World Union of National Socialists*, criado em 06 de

¹⁵⁶ No Anexo 6, há mais dados acerca do acesso deste grande fórum.

setembro de 2006¹⁵⁷, cujo líder, Jeff Schoep promete unificar todos os movimentos que defendem “a grande causa branca”. O líder disponibiliza seu endereço postal, em Minnesota, outro grande estado estadunidense com grande margem de auto-proclamados descendentes de germânicos (36,7%). Espanhóis lutam ao lados dos germânicos na WEB para defender a “causa branca”, para eles “causa primeira” de todos os povos europeus” ameaçados.

No Brasil, os dados fornecidos pelos movimentos anti-racistas indicam cerca de pelo menos noventa mil pessoas diretamente envolvidas em grupos neonazistas, cerca de metade disto apenas no Estado de Santa Catarina. O maior site neonazista brasileiro, o Valhalla tem sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas diárias antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007. Nos fóruns disponibilizados Denominado *A Voz de Odin* e nas comunidades do Orkut em que internautas se identificam com o programa de ódio do Valhalla⁸⁸, a maior parte dos participantes se identifica como de “sangue alemão”, substancializando, portanto a origem nacional: são 60% deles. Destes, 20% são também descendentes de italianos e entre os restantes 5% se afirma de origem sueca, norueguesa, belga, holandesa ou dinamarquesa. Há ainda 15% de de origem “ancestral” italiana, sem se referendar também como “alemão”. Esta auto-garantia de uma origem européia, particularmente teutônica é muito forte, principalmente nos internautas que se identificam como moradores de Santa Catarina, chegando a 48%, o que confirma os dados das ONGs anti-racistas. Um dado importante a ser recordado é que este estado abrigou o maior núcleo de nazistas no Brasil na década de 30, seguido de perto pelo Rio Grande do Sul. Aluizio Batista de Amorim (2000), jurista, em seu livro, *Nazismo em Santa Catarina*, oferece um levantamento de dados, que segundo ele emolduraram as condições históricas circunstanciais que favoreceram o aparecimento e o desenvolvimento do nazismo no estado. Em primeiro lugar o autor aponta para o fato de que, após 1829, quando aconteceu a chegada do primeiro grupo de imigrantes de origem alemã em Santa Catarina¹⁵⁸, surgiram muitas iniciativas, particulares, de empreendimentos escolares, hospitalares e recreativos na região. Demarcados pelo uso da língua alemã, esses empreendimentos teriam fortalecido laços culturais e sociais, elemento que também baliza a imprensa local. Posteriormente, com o surgimento do partido nazista no Rio Grande do Sul e a divisão, em 1933 de sua jurisdição em “círculos”, o Estado de

¹⁵⁷ O site do movimento está disponível em <http://www.nationalsocialist.net/>

¹⁵⁸ Os alicerces da primeira colônia européia em Santa Catarina, foram criados por iniciativa do governo, em São Pedro de Alcântara, em 1829 e era composta por 523 colonos católicos vindos de Bremem (Alemanha). Neste mesmo ano, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo comprou 8 léguas quadradas de terra, para fundar a colônia Dona Francisca. O que em 1870, originou a nova colônia de São Bento do Sul, que mais tarde se desenvolveria na forma da cidade de Joinville. (PIAZZA, 1989; BAYMA, 1919).

Santa Catarina passou a ocupar, sob a direção de Otto Schinke (ou Shünke), o lugar de IV Círculo do Partido Nazista (AMORIM, 2000, p. 41-98). O autor localiza em outros grupos, independentes do partido, em que o vínculo com o nazismo também era forte: a Juventude Teuto-Brasileira (*Deutsche Brasilianischer Jungendring*) era filiada, por exemplo, à Juventude Hitlerista da Alemanha; e grupos femininos, como a Comunhão de Trabalho de Mulheres nacional-socialista, estrutura de menor relevo, era vinculado à Assistência Nacional Socialista, com sede na Alemanha nazista. (AMORIM, 2000, p. 68).

Um estudo antropológico, também aponta nestas instituições sociais (escolas, imprensa, hospitais e outros) e seu vínculo com a preservação do idioma alemão como um elemento importante para permitir a estabilização do nazismo em Santa Catarina na década de 30: segundo Giralda Seyferth, entre 1824 (ano da fundação da primeira colônia alemã no Rio Grande do Sul — São Leopoldo) e 1830 (quando essa imigração foi interrompida por causa da revolução Farroupilha) e, depois, entre 1845 e 1938, o Brasil recebeu imigrantes alemães todos os anos e de todas as grandes demandas imigratórias, foi esta que mais suscitou discussões no âmbito da política imigratória (SEYFERTH, 1988, p. 191).

Num momento anterior, em *Nacionalismo e identidade étnica* declara que "nem a industrialização, a urbanização ou mesmo a campanha de nacionalização, conseguiram descaracterizar o grupo étnico (teuto-brasileiro). Apenas modificaram alguns critérios que eram usualmente empregados como identificadores dessa etnia, resistente à hibridização ou mestiçagem" (SEYFERTH, 1982, p. 219).

Para a autora, a questão crucial se demarcou pela polêmica em torno das dificuldades de assimilação: os imigrantes (em sua maioria, camponeses e membros das classes trabalhadoras em geral), muitos dos quais refugiados políticos eram vistos como dificuldades pelas autoridades brasileiras. Havia um enquistamento, isolamento dos colonos alemães e sua concentração maior nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Demarcada por estratégias de sobrevivência, em particular do lidar com a dupla nacionalidade dos teuto-brasileiros, com o conceito de bom cidadão, que associava o trabalho germânico à construção de uma pátria alemã em solo brasileiro, os imigrantes lutavam para, segundo Seyferth (1988), garantir sua preservação, pela manutenção,

por longo tempo, do uso cotidiano da língua alemã¹⁵⁹ (e de tudo que isto significou), nas escolas, fábricas, igrejas e na mídia impressa, até quando por força de lei, isto foi proibido.

O uso do idioma alemão no dia a dia e em toda a organização comunitária formatou as marcas diferenciadoras do colono alemão, acentuando a vinculação com uma nação alemã concebida enquanto entidade portadora de uma cultura e de um ethos (sem maior referência territorial), nos quais a língua ocupa o *locus* central. Segundo afirma a autora: “a maior notoriedade da imigração alemã, portanto, tem a ver, por um lado, com a concentração espacial em áreas coloniais e urbanas (formação de bairros etnicamente configurados) e suas especificidades culturais - incluindo o uso cotidiano da língua alemã que persistia ainda na década de 1940”. A língua alemã serviria para que os agentes formatassem uma idéia de nação a milhares de quilômetros da antiga pátria, associando-a à preservação das “qualidades do espírito e a individualidade cultural dos alemães” (SEYFERTH, 1988, p. 115). É na língua que o sangue comum se revela e a lealdade a Alemanha natal ou dos antepassados, posteriormente, é medida pelo esforço da conservação da língua. Permanecer alemão é possível em outros territórios: o Brasil seria uma “pedra preciosa e a pátria de alguns alemães” (SEYFERTH, 1988, p. 117), ainda que aqui trabalhem, são todos alemães; o almanaque, seu editor, seus leitores, na linguagem, nas letras, no caráter, no Deus em que acreditam, um Deus alemão, que honra os grandes heróis alemães saudosos da Alemanha, na qual deixaram seus corações no Reno, é preciso “permanecer alemão” para evitar ruína e morte, é preciso temer o incorporar a nova nacionalidade ou o contato com a diversidade, porque quer no Brasil, quer não, são os filhos da “Mutter Germânia” (SEYFERTH, 1988, p.125).

¹⁵⁹ Embora a relação entre o nazismo e a língua alemã não seja o foco desta pesquisa, é importante apontar que Poliakov, questiona o condicionamento das ciências humanas (em particular o da Antropologia, com a formatação da proposição de uma relação de coincidência entre raça e língua, que ajudou a construir as tenebrosas páginas históricas da disciplina durante o Nazismo) aos pressupostos desenvolvidos pela Linguística Histórica, o que desembocou no uso tirânico, alarmante e racista da idéia de tronco lingüístico indo-europeu. Poliakov aponta como, por exemplo, Hegel, face aos desenvolvimentos da lingüística, chegou a comparar: “a descoberta do sânscrito a um novo continente”, pois ela estabelecia, “a seus olhos, ‘os vínculos históricos dos povos germânicos com os povos indianos’”. É interessante recordar que no princípio do século XVIII, o pensamento romântico na Alemanha, numa corrente que se inspirou no evolucionismo darwiniano, (que buscava um paralelo entre a língua e a natureza) tendendo a dimensionar a “evolução lingüística” (que partiria de uma língua nuclear para uma mais complexa e ramificada) como uma obra de “local, paisagem e clima”, como descreve Pedro Paulo Abreu Funari. A “essência” inalterada independente dos “contatos históricos”, pensavam os românticos, se demarcaria como a “expressão individual” de um povo específico, afirma Funari. Um dos exemplos disso é afirmação de Schlegel: “as nobres, flexionadas, de origem espiritual, que permitiam o desenvolvimento da inteligência e o pensamento abstrato e universal, como as línguas indo-européias e as línguas não-flexionadas, de tipo animalesco, como todas as outras” (FUNARI, 1999; POLIAKOV, 1974, p. 243).

A língua alemã garantiria, ainda, a permanência da consciência étnica alemã, a proposta luterana, a noção de comunidade, na qual os serviços religiosos eram totalmente realizados em língua alemã, distante para os católicos da região, amalgamando a identidade étnica e religiosa pela língua (SEYFERTH, 1988, p. 143), ainda que se fale português entre os mais jovens descendentes em contexto urbano, é o alemão que se mantém como ideologia de identidade étnica (SEYFERTH, 1988, p. 211), é a de uso no ambiente familiar, penetrando mais no ambiente rural que urbano (os operários aprendiam com mais frequência o português), é a língua do rádio, da mídia impressa, da filosofia nacionalista (SEYFERTH, 1988, p. 213), desenvolvida desde Lutero até Hitler e evoca a superioridade cultural, de trabalho e de progresso do povo alemão. (SEYFERTH, 1988, p. 219).

No Orkut as comunidades de Orgulho Branco, que se disfarçam sob os mais variados nomes apontam para um número crescente de interessados no tema: há um crescente interesse pelo resgate da cultura alemã, pelo aprendizado da língua, ou pelo menos, do culto aos “heróis” da guerra. Afinal, neles corre “o verdadeiro sangue alemão”, imperecível¹⁶⁰, como afirmam muitos internautas. Nesta concepção de sangue está inscrita, entre outras, uma dimensão cultural: do que esta substância amalgama de sentidos e valores morais. Muito maior que a importância da língua, que aparece ocasionalmente (12% das vezes em fóruns), nunca aparece sozinha como elemento de legitimidade e portanto, não ocupa o lugar central no discurso: o lugar deste fluido corporal é mais destacado: o verdadeiro alemão se reconhece “pelo sangue”. A “cultura” seria, de fato, o “discurso hegemônico¹⁶¹”. É neste elemento que o internauta racista, vinculado ao revisionismo e ao neonazismo se apóia para garantir sua legitimidade como “filho da grande pátria germânica (CORKUT “Orgulho Branco”)", associando-o ou não à utilização do idioma alemão. É que ele que garante o pertencimento à “raça ariana” e, portanto, valida sua nacionalidade: “minha nação é minha raça (V88)” afirmam os nativos.

Como seus antepassados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, os internautas do neonazismo no Brasil são separatistas: a grande maioria dos participantes destas comunidades (82%) também participam da comunidade criada para divulgar o *"Movimento O Sul é Meu País"* que defende a separação dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul do restante

¹⁶⁰ Ainda que nas mulheres contaminável.

¹⁶¹ As análises de STRATHERN (1992) e SCHNEIDER (1968) apontam para o caráter de continuidade destes dos valores historicamente atribuídos ao sangue e à hereditariedade na representação do “parentesco anglo-americano”, cujas bases são eurocêntricas. Para pensar “cultura” na cosmologia moderna, os autores apontam para as idéias de choice (em Strathern) e de order of law (em Schneider) que apresentam uma espécie de continuidade em relação a idéia de “natureza”.

do Brasil, que conta no Orkut, com mais de 17 mil participantes. Estão dispostos à luta armada para atingir seu objetivo (cerca de 30% deles apoiaram hipótese levantada numa enquete da comunidade).

Pensando-se germânicos (como os estadunidenses e brasileiros¹⁶²) ou se atribuindo o lugar de filhos da Europa e portanto, irmãos de sangue dos mesmos (como os espanhóis e portugueses do NuevOrdeN e seus camaradas latino-americanos, nos quais se incluem os brasileiros brancos que não se identificando com a origem alemã, se acham portadores do “sangue ariano”) os internautas que produzem os sites pesquisados os pensam como um lugar privilegiado para sua ideologia. Isto é patente, desde a Home de cada Site. Uma nova casa para os verdadeiros alemães, é isso que se pretendiam os sites. E, sendo eles, todos alemães, como constroem este “teutonismo virtual”?

Observando estes meus peculiares “nativos” em suas ilhas digitais, procurei, ainda, detalhar o caminho dos seus links, ir dando-me conta de como funciona, especificamente este mar de ilhas. Notei que é muito mais freqüente a presença de milhares de links internos e escassa, se pensarmos em proporcionalidade, a busca de ligações anteriores. Endogâmicos os sites evitam apontar matérias, inclusive as disponibilizadas no restante da Internet acerca dos mesmos, preferem antes reproduzi-las em sua totalidade, evitando assim, criar enlaces com “ilhas estrangeiras”. Nesta postura, definida pela configuração dos sites em organizar e classificar seus links há espaço para divulgar outros sites racistas, disponibilizar milhões de bytes: há músicas, vídeos, livros pra download. Diante de cada URL tive a mesma sensação: o material é vasto, a ilha é um universo, o site exige de quem o observa tempo e disposição para percorrê-lo. Cada URL era como um novo país, tinha sua língua oficial e um “terreno diplomático” com diversas páginas em outra ou outras línguas: a mensagem deve atingir transnacionalmente a todos que se interessem pela “causa branca”. Cada URL tem em sua página inicial, a famosa HOME em inglês, símbolos, cores, textos, imagens que visam construir uma identidade para mesma e li, nesta busca, uma tentativa de se imaginar um todo, específico e singular, tentativa construída esteticamente, em cada URL, pelo código HTML¹⁶³. Olhar todos os sites no interior do presente texto seria uma tarefa impensável e impossível: São milhões de páginas, dezenas de sites, centenas de fóruns. Resolvi apresentar, então algumas ilhas, não porque acho que estas possam

¹⁶² Há dois tipos de nacional-socialistas, o primeiro se advoga descendente de povo europeu, o segundo vê esta linhagem mais distante, mas se identifica com o grupo por afirmar-se branco e encontra no “sangue ariano” a confirmação desta identidade. Retornarei à discussão acerca do sangue no capítulo quarto.

¹⁶³ No código eles escolhem imagens, textos e configurações para estetizar seu ativismo.

traduzir todo o neonazismo da rede, mas porque nelas achei caminhos de análise. Muitas vezes me vi como Philippe Descola, “atolada nas areias da incompreensão” (DESCOLA, 2006, p. 66) e foi nas praias (as páginas) das ilhas (os sites) a seguir que esta sensação foi se transformando aos poucos, em uma experiência de sentido. Foram nestas areias que diante de artefatos e narrativas, pude perceber como um discurso era tecido com os mesmos e colocado numa perspectiva ideológica definida. Então, antes de mostrar como pensam meus ilhéus, gostaria de dividir com os leitores destas linhas a experiências destas praias, de suas conchas, de seus nativos e como ela organizou minha interpretação do seu mundo.

4.1 Da primeira praia a costas longínquas: navegando por sites racistas

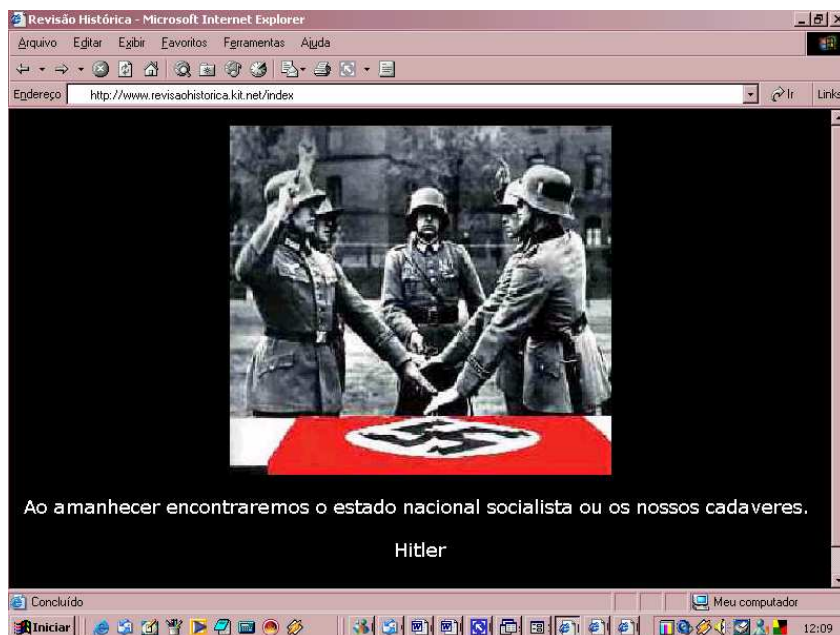
“Se a posição de excepcionalidade histórica dos judeus segue expressando-se, em grande medida, na questão da identidade, ela se deve ao fato de que, de diversas maneiras, segue-se tratando de uma identidade armazenada, cujo direito à existência tem sido sempre posto em julgamento”.

Victor Karady (2000, p. 3)

Encontrei o site *Revisão Histórica* enquanto produzia uma busca acerca do revisionismo na rede, para uma disciplina do meu curso de graduação em Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Campinas¹⁶⁴. Ao digitar revisionismo o site apareceu em primeiro lugar e embora já tenha sido retirado há muito tempo, por ordem judicial da Internet brasileira, insisti em incluir sua HOME aqui, porque foi nela que encontrei os primeiros elementos que me inquietaram intelectualmente.

¹⁶⁴ Oferecida pelo Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz, a ementa foi *Alteridade, identidade e vulnerabilidade: uma antropologia da questão judaica*.

Figura Cinco
A primeira ilha – O site revisão histórica



Era esta a minha primeira visão: num fundo negro, quatro homens envolviam ao mesmo tempo a frase-juramento numa moldura de promessa e a bandeira na qual está a figura de uma suástica nazista. A frase sobre a qual apresentam reverência, quase um juramento é “Ao amanhecer encontraremos o estado nacional socialista ou os nossos cadáveres.” O site aponta como autor da mesma, Adolf Hitler. A postura dos homens emana organização, seriedade, sobriedade. A cor do plano de fundo do site descreve a noite que antecede este dia tão esperado. É na noite que o juramento promete um amanhecer. Esta transição depende destes homens, dispostos a morrer, e, mais ainda, matar. Concluída esta etapa, “renascerá um estado Nacional Socialista. Ou haverá cadáveres”. Por este estado, por esta bandeira, por este líder, por esta cruz, eles professam estar preparados a morrer. Um pacto emana das medalhas de seus casacos, da altivez de seus capacetes, da sistemática e organizada adequação de seus corpos. Um pacto formal, honrado, guerreiro, bravo, é o que a praia me diz. Um pacto que não permite hiatos, ou soluções intermediárias. Ou o estado nacional socialista, ou a morte. Esta praia me conta muito de seus habitantes: do formalismo excessivo de suas práticas, da solenidade com que revestem seus idéias, da esmagadora e impiedosa hostilidade com que abraçam sua causa. Neste primeiro contato ficaria claro para mim que estava entrando num mundo de contrastes: e que não lhes importava o quanto sangue seria derramado. A radicalidade de sua intenção era explícita. Mas surgiam muitas perguntas, eu não entendia como eles esperavam construir um Estado Nacional

Socialista. No Brasil? – perguntava-me. Obra de adolescentes desocupados? Quem dera. O site era escrito por brasileiros, adultos, produtores de WEB e falava da construção de uma Alemanha renovada, discutia a veracidade histórica do Holocausto¹⁶⁵, que denominava, tingia com cores de inverdade páginas de uma história que apelidava de meramente “oficial” e eu aprendi serem verdadeiras.

Diante deste site tomei a intenção de enfrentar estas praias e minhas perguntas. Algum tempo depois, foi no site National Alliance que descobri que o movimento era muito maior e n intenção funesta: desejava uma jornada: “Toward a New Consciousness; a New Order; a New People” aponta ele, em seu slogan, numa releitura do tema hitlerista “"Ein Volk, ein Reich, ein Führer¹⁶⁶". Nesta jornada, é no site que se agregam “corajosos homens brancos” dispostos a se tornarem “os líderes necessários” à tarefa imprescindível: é preciso criar um espaço vital branco. Os projetos orientados pela necessidade de desenvolver uma luta territorial e partidária, descrevem, em geral o “povo branco” como um povo diaspórico, desterritorializado, expulso de “sua terra natural” pela presença do negro, do judeu, do “não-branco”. A “pátria Branca”, a “nova Germânia”, como a defende o site National Alliance e o Pró-Patria traz uma certa reminiscência do judaísmo diaspórico¹⁶⁷. Voltado para a formação de líderes, “homens, brancos e heterossexuais”, ainda que aceite mulheres em suas fileiras, dentro de determinadas condições de respeito a hierarquia masculina e como instrumentos de cuidado dos filhos, o site explicita sua tarefa:

Nada na vida é mais satisfatório e realizador do que fazer um compromisso para um grande e impessoal objetivo e então dedicar suas energias e talentos para alcançá-lo. Como um membro da National Alliance você estará colocando a mão na moldagem do futuro e determinando o destino de sua raça. Ao fazer isto, você compartilhará na sua imortalidade.

Esta luta pela imortalidade é simbolizada no site por um desenho, um símbolo rúnico. As runas¹⁶⁸, são constituídas por sinais¹⁶⁹, uma espécie de alfabeto, que serve de oráculo e cuja origem mítica remonta as tribos pré-nórdicas. Diz o mito que as runas são uma dádiva do Deus

¹⁶⁵ Acerca do Holocausto Nazista há um livro altamente recomendável que soterra as pretensões revisionistas. Falo de *La destruction des juifs d'Europe* de Raul Hilberg.

¹⁶⁶ Uma análise do tema será efetuada no próximo capítulo.

¹⁶⁷ Acerca desta Pátria Branca, veja no anexo 7, Direitos Brancos. Voltarei a este ponto oportunamente.

¹⁶⁸ Há muitos sites acerca do tema. Recomendo http://www.cybersamurai.net/Mythology/nordic_gods/Runes/Runes.htm

¹⁶⁹ Estes se referem a homens, animais, partes do corpo humano, motivos de armas, símbolos solares, de transportes, de tempo, de sentimentos

Odin, aos homens e sua origem remonta o momento que o deus escandinavo foi dependurado nove dias e nove noites na Yggdrasil (árvore do mundo ou do conhecimento) de cabeça para baixo, ferido pela própria espada, vivenciando a experiência da fome, da sede, do abandono, da dor e da solidão. Quando pendia da árvore, Odin avistou os caracteres rúnicos e os apanhou. As runas foram muito utilizadas pelos nazistas, para evocar uma atmosfera de magia: a sigla dos Esquadrões das SS era um arranjo de duas runas Siegel justapostas, na própria cruz suástica¹⁷⁰, podem se observar duas runas Ehwaz cruzadas perpendicularmente. Voltarei no próximo capítulo a uma investigação mais criteriosa do tema, mas situo neste momento esta simbologia porque o site national Alliance sempre utilizou um sinal rúnico, que pode ser visto no canto superior esquerdo de sua página. Era também esta figura que centralizava a primeira página do National Alliance a ir para o ar, localizada pela barra do Alexa:

¹⁷⁰ A palavra “swastika”, originada no sânscrito se preservou nesta forma em muitas línguas, inclusive o alemão e segundo autores como Hans Biedermann, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, se refere a um símbolo gráfico presente em quase todas as culturas do mundo, em diversas épocas: aparecem nas catacumbas cristãs, na Bretanha, na Irlanda, em Micenas e Vâscônia, entre etruscos, hindus, celtas, germanos. Sua origem é, portanto, muito controvertida. No anexo 8 há diversas imagens da suástica. No Nazismo houve variações do uso da suástica: As variantes do uso da suástica pelos Nazistas: Suástica preta, com giro de 45°, sobre disco branco - símbolo do NSDAP e bandeiras nacionais; Suástica preta, com giro de 45°, sobre um quadrado branco (exemplo, a Juventude Hitlerista); Suástica preta, com giro de 45°, sobre fundo branco, pintada na cauda das aeronaves da Luftwaffe; Suástica preta, com giro de 45°, sobre desenho de linhas brancas e pretas finas contornando um círculo branco (exemplo, a bandeira pessoal de Hitler, onde uma grinalda de ouro cerca o símbolo); Suástica de braços externos curvos, formando um círculo interrompido, como a usada pela Divisão Nórdica das SS. No Brasil a confecção da suástica, por qualquer meio, para divulgação ou defesa do nazismo é crime, segundo a lei é crime, de acordo com a lei 7.716 de 1989 (Art. 20: Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa. – quatro parágrafos acrescentam, com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997:

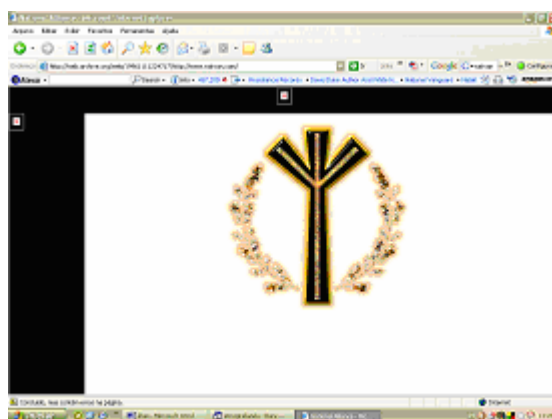
§ 1º - Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo.

Pena: reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa. A lei na íntegra está no anexo 1.

Figura Seis
Site atual do National Alliance



Figura Sete
*Primeira página disponível do National Alliance*¹⁷¹



A runa em questão, símbolo do site National Alliance, denominada Algiz, também denominada Eolh é o sinal rúnico do Alce e simboliza, no entendimento dos estudiosos franceses

¹⁷¹Esta Url mais antiga pode ser acessada em <http://web.archive.org/web/19961111224717/http://www.natvan.com/>. O site Alexa (www.alexa.com) disponibiliza uma barra para ser instalada no navegador que dá acesso ao histórico dos sites. O material é categorizado por ordem de data.

destes símbolos proto-nórdicos, como Alain Marez e Regis Boyer¹⁷² (2004), o órgão de defesa num animal imponente, relacionando-o ao chefe da tribo. Segundo os professores, a complexidade mitológica dos símbolos rúnicos foi muito pouco explorada e revelariam importantes conexões entre a estrutura social, a mitologia, a arte e a cultura dos antigos escandinavos. Diante do site do National Alliance, eu agora via na praia um alce escandinavo (o símbolo rúnico se refere a este animal). Ou, pelo menos seus chifres (o desenho da runa são os chifres do alce). Neles, meus informantes retratavam sua origem mítica e teciam uma apresentação a seu público alvo: esta praia da ilha era para grandes guerreiros, grandes chefes tribais.

A runa do National Alliance aparece entre os nazistas, como símbolo de uma exposição, organizada no final de março de 1935, em Berlim, denominada “O Milagre da Vida”. Nesta exposição, o padrão estético do nacional-socialismo revela seu programa biológico de construção de uma grande raça. As fotos retiradas do filme de Peter Cohen a seguir, sugerem a importância do símbolo para o partido nazista:

Figura Oito

A Runa Algiz abre a exposição nazista Das Wunder des Lebens



¹⁷² Os artigos dos autores acerca da mitologia viking estão disponíveis na Revista Eletrônica Brathair (um periódico semestral de Estudos Celtas e Germânicos), em <http://www.brathair.com>.

Figura Nove
Detalhe da Runa “protegendo” a “vida ariana”



Diante desta Runa, então, me vi diante de uma língua que eu desconhecia, mas que estava disposta a aprender, para que eu pudesse minimamente alcançar o sentido do National Alliance era preciso pesquisar a cultura proto-nórdica. Eu não estava diante de uma nova simbologia como o debate reproduzido na primeira parte do presente texto, em que membros de uma comunidade racista do Orkut defendem a necessidade de se procurar “uma nova simbologia”, pois a Cruz Celta já estaria “gasta” por sua associação direta com o nazismo. Estava diante de uma simbologia pouco explorada, mas que expressa, desde 1935, o ideal de que o milagre da vida é a “raça ariana”. Qualquer ameaça a esta realidade é encarada como “o grande mal”. Assim se descreve, no National Alliance a miscigenação racial. A preocupação que os sites e comunidades centralizam nesta questão, a sobrevivência racial, assume uma importância muito grande: é este o solo de suas ilhas. Um primeiro exemplo, o National Alliance se vale de um artigo intitulado “Mistura racial - Pior que assassinato”, assinado por Kevin Alfred Strom, para defender, sob o epígrafe “Assassinato é Homicídio; Mistura racial é Genocídio”, um parecer muito freqüente no discurso dos sites e comunidades: há uma grande ameaça sobre a raça branca, ela pode ser extinta, o caminho mais provável para esta extinção seria o da mistura racial, portanto, esta deveria ser combatida de todas as formas possíveis. A mistura racial provocaria, segundo o autor do artigo, um “provável efeito e possível motivo para seu ato é trazer ao mundo jovens híbridos,

que não serão claramente nem de uma raça ou de outra e que irão, por sua mera existência, aumentar a probabilidade de futura mistura racial e diluir tanto o pool genético quanto o senso de identidade da próxima geração de crianças Brancas”. Nesta escolha pela mistura racial residiria uma ameaça terrível à existência “do futuro” que, para os racistas, revisionistas e neonazistas se formata e materializa “na criança branca”. Strom advoga:

Cada homem Branco que comete o crime de casar com uma não-Branca não estará mais sendo pai de nenhuma criança Branca. Cada mulher Branca que polui seu corpo e seu espírito ao casar com um não-Branco não irá dar a luz a nenhuma criança Branca. E por suas ações eles estarão cometendo o crime de desviar e deseducar meninos e meninas Brancas em seguirem seu exemplo. E todos aqueles que não falam contra a traição racial deles serão cúmplices no crime. Quando sua criança de quatro anos vê alguém Negro ou um Asiático ou um mestiço com um pai Branco e você não condena isto, aquela criança vai acreditar que o que ela viu é normal e que mamãe e papai aprovam isto.

Neste sentido, para estes “informantes”, nesta “luta pela imortalidade”, a idéia de mistura racial não é apenas uma escolha equivocada, mas uma atitude criminosa, constituindo um genocídio: “quando você comete o crime da mistura racial, você está participando em um genocídio”, afirma o autor. Para os internautas participantes do debate citado anteriormente, a questão da mistura racial é muito significativa: no debate todo, do qual apenas um pequeno trecho foi reproduzido no primeiro capítulo, é explicitada por cinquenta e cinco vezes, em cento e vinte e cinco posts, ocupando diretamente 44% do debate diretamente¹⁷³. Entre as muitas citações do debate estão a seguir:

- Brancos, mais que uma raça, uma Religião. Aqueles que destroem seu sangue misturando-o ao dos que diferem de sua cor está destruindo seu próprio destino, seu EU, seu futuro, selado num gesto de perda eterna.
- Eh mentira.... Eh mentira de que loiras e loiros gostam de preto(a), eu sou loira e gosto de loiro, meus amigos loiros tb gostam de loiras.... não sei de onde tiraram essa idéia de jirico, deve ser um mito inventado pra tentar influenciar a mistura de raças...aff
- Momento de reflexão " Se nossos edificios, nossas rodovias e nossas vias férreas, forem destruídas nós poderíamos as reconstruir. Se nossas cidades fossem destruídas, a partir das mesmas ruínas nós poderíamos erguer uma nova cidade e maior. Até mesmo se nossas forças armadas fossem esmagadas, nós poderíamos criar filhos que resgatar nosso poder. Mas se o sangue de nossa raça Branca for corrompido e misturado com o sangue da África, então a grandeza presente dos Estados Unidos de

¹⁷³ Há muitos posts que se resumem a declarar “concordo” ou expressões equivalentes, este é o grande tema explicitado neste fórum.

América seria destruída e toda a esperança para civilização seria como um sonho impossível para uma América Negra assim como seria a restauração do sangue do homem branco que se misturou com o sangue Negro ". (Senador Theodore G. Bilbo, de Mississippi em 1947)" Troque EUA por Brasil,no texto.

— Mistura Racial.....FIM DOS BRANCOS 70% dos filhos de pais preto com mãe branca dá filho preto...80 % sai com cabelo duro...75 % com nariz achatado...

— Extinção dos brancos. Daqui a mais ou menos 300 anos no Brasil, devido a mistura racial, não existirá mais pessoas de olhos claros, nem cabelo liso...

— DNA do negro é dominante....filho de branco com preto as feições puxam sempre pro lado dos negros.... intaum, é exatamente o que eu disse, se os branco continuar se misturando com negros, claro que vai demorar um pouco, mais os brancos vão acabar sim ! se misturar brancos com negros, os brancos vão acabar e os negros vão ficar. se é besteira pensar nisso, que só vai acontecer daqui uns anos....tudo bem ! se vc acha isso...respeito. MAS FALEI ALGUMA MENTIRA ? ? ? O QUE VCS ACHAM A RESPEITO DO TEMA ?

— vamos divulgar esses textos pelas comunidades do orkut.e videos contra mistura racial pela net. muitos brancos jovens nunca pararam para pensar nisso, já conversei com alguns...e mudei a cabeça de alguns. vamos espalhar videos contra a mistura racial pelo youtube¹⁷⁴! não precisa ter medo, já que não estamos fazendo mal a ninguém, muito menos é crime preservar algo.crime é destruir ! posso contar com sua ajuda ?

— a salvação dos 'cara pálidas' no mundo só seria possível de cima pra baixo. varios paises decretando leis contra misturas raciais, leis de controle d natalidade pra negros, segregação racial na hora de namorar e casar e outras leis do tipo q vc deve saber melhor do que eu.

— se os brancos vao acabar entao os negros ja acabam a muito tempo, é dificil aqui na minha cidade ver uma mulher negra pra valer, no maximo elas sao uma mistura horrorosa de mulatos e morenos, ou quase negros com quase brancos. aqui no escritorio apareceu uma mulher violenta, com todas as caracteristicas da raça negra, quando eu fui perguntar de onde ela era me falarm q era de Cabo Verde.

— Racismo na natureza Pq os pássaros não se misturam? Pq algumas especies de animais selvagens não aceitam acasalamento ou convívio em comunidades. Isso parece racismo. Será que estamos certos em acabar com o racismo? Será que a natureza não é sábia para nos mostrar o certo e o errado? Quem nessa historia está certo. A natureza ou o homem?

Para estes internautas, há uma ameaça real de extinção da raça branca, produzida pela mistura racial, contrariando as “verdadeiras” leis da natureza, que não permite que “raças se misturem”, pois esta “natureza” gerenciou as raças geográfica e hierarquicamente. No site Valhalla88 estes parâmetros aparecem da seguinte forma:

"Raça é o conjunto de indivíduos que compartilham entre si as mesmas características genéticas, culturais e históricas. [...] A natureza é sábia e colocou cada raça em um continente, isto não ocorreu por acaso. [...]"

¹⁷⁴ Portal que disponibiliza espaço para vídeos caseiros, do Grupo Google.

Cremos firmemente que a Raça Branca Ariana é superior as demais raças, mas isto não deve ser visto como algo que vá contra a natureza, pois a superioridade de certas espécies sobre outras é parte da hierarquia natural." (V88)

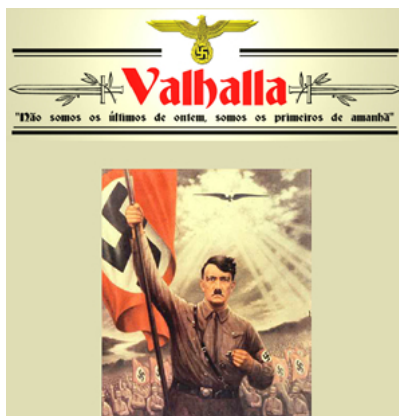
Neste site, a raça ariana é assim definida:

ARIANA: Este termo serve para designar a raça branca ou caucasóide, descendente das antigas tribos que se originaram numa região ao sul do que hoje é a Rússia, há cerca de sete ou oito mil anos atrás e se expandiram por toda a Europa no curso da história. O termo deriva do sânscrito (uma das primeiras línguas arianas) e significa “nobre”, sendo assim usado para designar esta heróica e grandiosa raça.

Neste site, cujo nome evoca o paraíso para aonde vão os guerreiros mortos em combate, conduzidos pelas Valquírias, a página inicial traz muitos símbolos romanos. O próprio logo do site foi retirado de uma logomarca de comics italianos. O *slogan* do site é dado em latim: *In Hoc Signo Vinces*¹⁷⁵. Em sua imagem inicial, uma águia, animal associado a Odin e sempre presente na simbologia nazista, associa-se a duas espadas, antecipando uma frase que diz: “não somos os últimos de ontem, somos os primeiros do amanhã.” Novamente o tempo mítico saltava diante dos meus olhos e uma promessa de novo dia era associada ao mundo nazi.

Figura Dez

Figura da Home do Valhalla88



¹⁷⁵ “Por este sinal vencerás”, inscrição incluída no estandarte do Imperador Constantino, segundo a tradição católica, fruto de um sonho do mesmo, que o teria levado a converter-se ao Cristianismo, pois o sinal era a Cruz. Os neonazistas atualizam o slogan do imperador, atribuindo à suástica e à águia os lugares ocupados no cristianismo pela cruz e pelo cordeiro. No Valhall88 aparece no epígrafe de várias páginas.

A imagem de Hitler, com um estandarte do qual emana a suástica que dá origem a uma multidão de cruzes gramadas evoca a liderança do líder. Outro dado se acrescentou, ainda, na leitura deste site, à minha análise: a intencionalidade de desenvolver uma “simplificação”¹⁷⁶ da realidade social entrevê na imagem de raça um "lugar", determinado por uma "natureza sábia" (V88), uma "realidade metassocial ou física" (GUIMARÃES, 1999, p. 215) e autêntica, nos sites em questão, diferenças "naturais, biológicas" (NA), como diferenças que se desdobrariam a partir destas origens "genômicas" (NA, WAU, JNS, V88, SWP, WAR, FRV, NON, Ait) entre os grupos sociais por ela definidos, vislumbrando nesta “herança genética” a origem de diversos aspectos culturais, sociais, políticas, psíquicas, morais e comportamentais. Desta forma, é possível determinar a “mulher violenta, com todas as características da raça negra” e na mistura racial a grande ameaça de estar “destruindo seu próprio destino, seu EU, seu futuro, selado num gesto de perda eterna”, pois estaria na “raça branca”, qualquer e “toda a esperança para civilização”. Esta emoldurada "simplificação" satisfaz, para os racistas, a necessidade de preencher a idéia de "raça" possibilitando-a como uma seiva articuladora de legitimações de sentido. Nela se justificam as práticas sugeridas aos agentes e nela se desenha o contorno que assegura a legitimidade e a reprodutibilidade creditadas pelo discurso como premissas. Nestas partituras simbólicas, compostas pelos sites, “raça”, “natureza”, “criança”, “hierarquia”, “genética”, “genocídio”, funcionam de maneira específica, se metamorfoseando em acordes que refletem um "conteúdo previamente conhecido e fixo" (BHABHA, 1998), anunciando, portanto, uma "essência particular, sujeita a certas regularidades que serão entendidas como regras ou leis da natureza". (CRAPANZANO, 1985), para cada um destes acordes, se materializa uma "essência particular".

Estereotipada numa "raça" existiria, segundo os sites em questão, um lugar "natural", no "nosso mundo naturalmente hierárquico" (NA, V88, FLN, WPS), haveria uma “natureza” que orquestraria “os lugares continentais naturais de cada raça” (V88, NAr), lugares estes ameaçados pela formação de um “genocídio”, expresso pela mistura racial. Para viabilizar esta partitura, os sites e comunidades compõem identidades para si e para seu Outro (o Judeu e o Negro em especial), valendo-se, principalmente de duas grandes estratégias discursivas: a primeira é balizada num discurso que se pretende científico e biológico, a segunda em articulações míticas e

¹⁷⁶ A "simplificação" das relações sociais, é utilizada aqui, no sentido em que Homi K Bhabha a utiliza, não como uma falsa representação da realidade, mas como "uma forma presa, fixa, de representação" (BHABHA, 1998, p. 117).

rituais. Haveria, portanto, para estes “informantes”, duas vias de confirmação de “seu destino”: uma que se naturaliza científica, outra que se expressa como religiosa. Nestas estratégias se entrelaçam estereótipos e “lugares” raciais que se pretendem tanto científicos, históricos, biológicos, por um lado, como espirituais, míticos, esotéricos, por outro. Esta dualidade, sempre presente no discurso no qual emergem genes, células, mitocôndrias, runas, deuses e rituais, garante para os internautas envolvidos com o mesmo, um léxico irrefutável: neles se revelam as particularidades da cultura racista, ou seja “um conjunto etnográfico que, do ponto de vista da pesquisa, apresenta, com relação a outros, afastamentos significativos” (LÉVI-STRAUSS, 1976). É nesta dualidade que se firma uma dupla direção de raciocínio, expressa nos sites e comunidades: por um lado, haveria uma gama de características “científicas”, “genéticas” que garantem à “raça branca” uma “supremacia natural” (NA, V88, HEr, NRA, WAU, FRV, SGC), biológica, satisfazendo a necessidade imposta pela contemporaneidade de validar a verdade pelo discurso genômico. Esta validação pode ser mais profundamente entendida dentro da busca de “vontade de verdade”, como a descreveria Foucault em *A Ordem do Discurso*, que expressaria “apoio numa base e numa distribuição institucionais”, a tendência de “exercer sobre os outros discursos — continuo a falar da nossa sociedade — uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento”. Para o professor francês, esta pressão resulta numa combinação: “ciência - numa palavra, no discurso verdadeiro” (FOUCAULT, 1971). Aliada à versão “científica” dos dados raciais, os sites e comunidades exploram dados míticos: as lendas nórdicas, a simbologia das runas, o mito do sangue viking, estes e outros elementos “religiosos” se associarão para configurar os ideais como “uma missão que reveste a vida de verdadeiro sentido”, como expressou um participante de um Fórum Nacional Nacionalista analisado (STO). Uma causa verdadeira, inspirada por um ideal supremo, eis o amálgama estrutural do discurso. Nele se apoiaram outras facetas discursivas, quer literárias ou jurídicas, a fim de compor uma proposta: se a “raça branca” está ameaçada, é preciso reagir. Qual a medida a ser tomada? O Site Valhalla 88 direciona sua sugestão, no cartaz a seguir:

Figura Onze
Cartaz do Valhalla88 de incitação ao homicídio



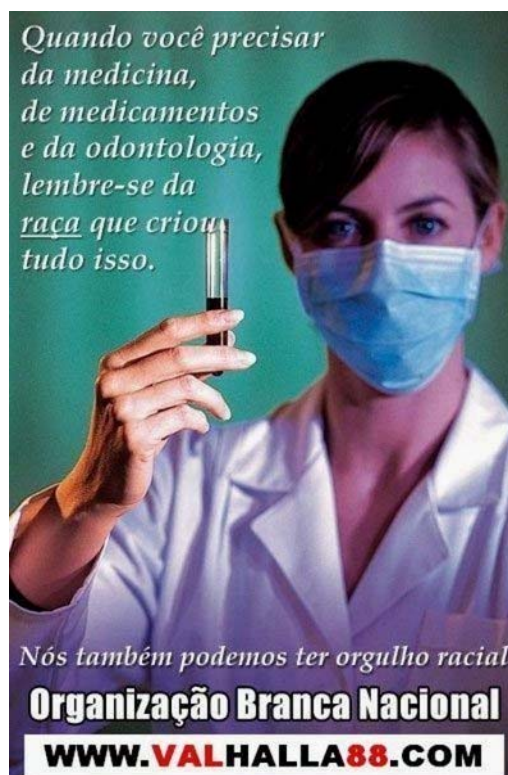
Neste cartaz, um dos muitos propostos para o ativismo que o site afirma imperiosamente como uma extrema necessidade, a incitação ao homicídio é vista como “natural” e a interdição ao casamento racial toma a forma de uma nova guerrilha. A montagem do cartaz sugere que cada visitante reaja violentamente a possibilidade de mistura racial, condensando assim os ideais de ódio expresso pelo discurso racista.

Um outro cartaz afirma a superioridade do discurso biológico¹⁷⁷ e médico, tão necessária aos fundamentos das idéias expostas nos sites e comunidades, ele é válido porque é de origem racial branca. Nesse sentido, há uma reafirmação tautológica e circular: o orgulho é válido porque se origina numa ciência branca e esta ciência, validada em sua origem racial, já teria “provado” a validade da superioridade racial defendida pelos sites. O cartaz também pertence ao site do Valhalla88:

¹⁷⁷ Como afirmou Foucault em *Genealogia do Racismo* “não se trata somente de uma relação militar, guerreira e sim de uma relação biológica, sendo assim, a eliminação da vida no biopoder é permitida, porque representa uma eliminação de um perigo biológico, e, por sua vez, essa eliminação do perigo, acarretará no fortalecimento de um determinado grupo biológico, racial. “A raça, o racismo é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização” (FOUCAULT, 1976, p. 183).

Figura Doze

Cartaz validando a ciência médica como “branca”



Associando-se a estas dimensões discursivas, os sites tecem e imaginam seu mundo ideal: a construção de “um espaço vital branco”, como o denomina o National Alliance. A este primeiro passo se vincularia uma política agressiva de recuperação do “território perdido”, mas “pertencente à raça branca” (como o descreve o site Causa Identitária), a saber: os territórios da Europa, da América do norte, da Oceania e do Sul da África. No site National Alliance, a questão da necessidade deste “espaço vital branco” e do resgate dos territórios perdidos, é introduzida da seguinte forma:

Em tempos mais saudáveis espiritualmente, nossos ancestrais tomaram para eles as partes do mundo que eram mais apropriadas em clima e terreno para nossa raça: em particular, toda a Europa e as zonas temperadas das Américas, sem mencionar a Austrália e a ponta do sul da África. Esta era a nossa área de existência e nossa área de procriação e ela deve portanto, voltar a ser de novo. [...] Nós faremos tudo o que seja necessário para conseguir este espaço vital Branco e para mantê-lo Branco. Nós não nos deteremos pelas dificuldades ou pelas experiências desagradáveis envolvidas, porque somos conscientes de que este espaço vital é absolutamente necessário para nossa sobrevivência racial. A tendência demográfica a longo prazo em direção a um mundo mais

escuro, que as desastrosas políticas do século passado causaram, não deve ser somente detida; ela tem que ser revertida. (NA)

Para viabilizar esta proposta, o ativismo do National Alliance se impõe uma organização institucional e há uma necessidade política prioritária:

A tarefa central de um novo governo será reverter o curso racialmente involucionário dos últimos milênios e mantê-lo revertido: um programa eugênico de longo prazo envolvendo pelo menos as populações inteiras da Europa e América. Tal tarefa é necessariamente intrusiva e irá requer uma organização em larga escala. (NA)

Este é, seguramente, um ponto de desacordo entre os racistas. A proposta do Valhalla88 contraria o ideal do National Alliance, no site ativista brasileiro a hipótese de uma volta às raízes territoriais é questionável: “Nossos antepassados colonizaram estas terras e o retorno a Europa não nos parece necessário além de existirem empecilhos práticos para sua realização¹⁷⁸.” Para estes, a “Nação é nossa raça” e ainda que impossibilitados de um resgate territorial, se consideram “EXTREMAMENTE APEGADOS A EUROPA E A CULTURA ARIANA, pois esta sim representa nossos ancestrais e interesses, de modo que lutamos para manter nossa cultura, nossas tradições e nossa identidade ainda que em terras longínquas como o Brasil” (V88).

Ao colocar esta questão, quero demonstrar que o racismo, o revisionismo e o neonazismo apresentam disputas internas e também sofrem com divisões ideológicas. Estas divisões ficam mais evidentes em algumas entrevistas, nas quais os sites interrogam grandes líderes do movimento. Um exemplo é a fornecida pelo líder do movimento estadunidense White Aryan Resistance, Tom Metzger¹⁷⁹, na qual ele discorda dos métodos utilizados pelos líderes do National Alliance. Para o militante racista, que desde 1964 pertenceu a várias organizações, “a idéia de organização e outros métodos operacionais” da National Alliance não seriam os melhores. Mas nunca considerou o falecido Dr. Willian Pierce, fundador do movimento criticado,

¹⁷⁸ Note-se a concepção de povo diaspórico, oprimido, mas a quem se deu, pelo mito, a esperança de grande futuro final, embora a situação atual e seu passado histórico relatem muito mais a experiência de derrotados. Nesta semelhança ao judaísmo e ao cristianismo, é possível perceber ressonância do texto de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1895), *O Anticristo: Ensaio de uma Crítica do Cristianismo*.

¹⁷⁹ A entrevista está inteira disponibilizada na Web em http://www.valhalla88.com/entrevistas/tom_metzger.html. Último acesso em 10/05/07

como um inimigo. Para ele, a verdadeira militância residiria na proposta de desenvolvimento de uma outra forma de ativismo, o denominado “lobo solitário”¹⁸⁰. Ele o explica da seguinte forma:

Com a crescente supressão estatal do ativismo racial no mundo todo, tem se tornado uma idiotice mostrar nossas forças (através de grandes organizações, etc.) e cair direto nas armadilhas de nossos inimigos. Todos os grupos organizados são infiltrados (pelo inimigo). O pior de tudo é que eles acreditam que respeitando as leis estarão seguros. Nós vemos esta bobagem constantemente. Nós devemos ter em mente que somos marginalizados pelas forças que imperam hoje em dia e que devemos agir como pessoas sem pátria. Eu chamo isto de Pan-Arianismo. Nós devemos agir como se pulássemos de pára-quedas, durante a guerra, atrás das linhas inimigas. Atualmente não podemos confiar em ninguém. Checagens de segurança devem ser obrigatórias e contínuas. Uma pessoa pode ser leal hoje, mas amanhã é outro dia. Lobo solitário é uma pessoa bem treinada para operar por si própria, galgando silenciosamente posições importantes dentro da sociedade. Eu detesto usar este exemplo mas seria como os comunistas treinavam seus agentes e espiões. Lobo solitário também pode ser uma pequena célula de pessoas que se conhecem há muito tempo e confiam umas nas outras. (NA, V88, STO)

A National Alliance, instituição organizada em fevereiro de 1974, oriunda de uma dissidência de outro movimento, o National Youth Alliance, foi construída na Virgínia, pelo falecido Dr. William Pierce, um professor universitário de física, que abandonou a carreira acadêmica na Universidade Estadual do Oregon para aplicar-se a causa racista, no que ele denominaria de uma “construção da fundação organizacional necessária”¹⁸¹. Ao contrário da organização em que teve origem, que procurava jovens nos campus das universidades estadunidenses, a National Alliance procura construir uma organização de milhares de membros, que viabilize suas idéias institucionais de construção “de um novo governo, uma nova economia, um novo modelo educacional”. Quatro anos depois da fundação da National Alliance, uma parte dos membros do movimento criou um grupo, que permanece aliado da organização de William Pierce: “especialmente interessados nos aspectos religiosos ou espirituais do trabalho da National Alliance” estes membros constituíram a Cosmotheist Community Church. Contando a própria história, em seu site, a instituição National Alliance descreve o declínio de seu poder arregimentador durante a “era Reagan”, demarcado por “uma grande dificuldade em recrutar

¹⁸⁰ Nas lendas escandinavas, Odin era sempre descrito com dois lobos, águias e dois corvos ao seu lado. Estes animais foram bastante utilizados como símbolos pelo Nacional-socialismo e são atualizados nos sites e comunidades racistas. O lobo solitário é o militante que, desarticulado de uma célula ou grupo, desenvolve, sob “a proteção de Odin e da raça” (V88) atos de violência contra judeus e negros, em especial, de forma discreta. Ver no Anexo 7, as “leis do Lobo Solitário”, escritas por Tom Metzger. Note que entre as diversas formas de ativismo, como a do “lobo celular”, a celular e a reprodutiva existe uma idéia de “manter sigilo” a respeito das práticas.

¹⁸¹ Disponível em <http://www.natvan.com/portuguese/what-is-na/>, último acesso em 09/05/07.

membros assistentes do calibre necessário para levar seu trabalho adiante”. Motivado por estas dificuldades a sede da instituição mudou em 1985, de Washington, DC, para “uma área montanhosa e rural” em West Virginia. Durante os anos 80 a entidade se dedicou à produção editorial, e, para tanto, criou a National Vanguard Books, um selo editorial constituído como pessoa jurídica separada do movimento. No final do ano de 1991, a mensagem da National Alliance começa a se difundir pelo rádio, por meio do programa American Dissident Voices. Estas alterações estratégicas permitiram que o grupo voltasse a divulgar seus escritos. O movimento defende a idéia de que

em muito maiores números que antes, os Brancos Americanos começaram a perceber que seu país estava direcionado para a beira da dissolução e ruína e que os políticos em Washington estão indispostos e incapazes de evitar o desastre. As pessoas começaram a responder muito mais à mensagem da National Alliance. A associação parou de declinar no meio de 1989 e começou a aumentar de novo. A associação dobrou em 1990-1991 e de novo em 1992. As taxas de recrutamento no final de 1992 foram 30 vezes as que tinham sido no início de 1989. (NA)

Defendendo a possibilidade de um ativismo expressivo, o ativismo do National Alliance diverge das idéias preconizadas por outras entidades, como a White Aryan Resistance de Tom Metzger, a Nueva Ordem e o grupo Valhalla88, que creditam à clandestinidade e ao trabalho solitário ou em pequenas células, a garantia de vitória do ativismo. É importante evidenciar que isto também se deve ao fato de que nos países atingidos pela militância do Nueva Orden e do Valhalla88 (México, Argentina, Peru, Bolívia, Espanha, Portugal, Uruguai e Brasil, nos quais afirmam explicitamente possuir “escritórios de representação”) a existência de leis contra o racismo e a xenofobia inibem a possibilidade de um ativismo ao modo do defendido pelo National Alliance. Mesmo criticado por alguns de seus métodos, William Pierce é tido pelos membros da comunidade como uma figura mítica e seus escritos “devem ser lidos e relidos continuamente, porque sua existência foi um grande exemplo¹⁸²”, como afirma um participante do Fórum Nacional Revisionista. Este líder que defendia a idéia de que pessoas brancas deveriam ocupar lugares centrais no governo, até alcançar sucesso para suas táticas de guerra é amplamente citado em todos os fóruns e debates analisados para a presente pesquisa.

¹⁸²<http://www.stormfront.org/forum/showthread.php/whites-must-prepare-race-war-155435p7.html?s=33a25c1aaa727659ffe182a913cb487e&t=155435&page=7> Acessado em 20 de agosto de 2006.

Há, ainda, vasto material produzido pelo criador da National Alliance pela Internet. Um de seus artigos mais lidos (as estatísticas do Alexa apontam para mais de quinhentas mil visitas), se intitula *A Divisão da América*. Neste texto, Pierce defende a idéia de que um grande “estado de choque cultural” ameaça com ferocidade a sociedade estadunidense. Demarcada pelo início da era das “políticas da gangue Clinton”, este “estado de choque cultural” determinou grandes “falhas” no modo de operacionalizar, na sociedade e no sistema de governo. Isto se daria porque uma nova ideologia prevalece: a idéia de uma “igualdade, democracia e fraternidade” é por Pierce desacreditada, porque implicaria no fato de que “não-Brancos estão continuando a inundar para dentro” das fronteiras estadunidenses. O perigo para Pierce é claro: “a Califórnia está se tornando cada vez mais escura e um lugar cada vez menos e menos segura para jovens Brancos crescerem.” A ameaça da presença negra é defendida: “ toda a América está se tornando escura. A raça Branca está perdendo terreno em toda a parte: em nossas cidades, em nossos subúrbios, em nossas escolas, em nossas forças armadas.” Pierce alerta para os perigos desta nova sociedade: “imigrantes não-Brancos estão continuando a se alastrar pelo país” e ainda “ o favoritismo para com os não-Brancos continua” permitindo que o “governo em Washington e em cada sede de governo estadual no país e nas câmaras municipais em todo o país”, por conta desta tolerância e infiltração dos negros em seu interior estejam, sob a ótica de Pierce, “cada vez mais e mais corruptos”. Na finalização de seu artigo, o autor defende a união dos brancos, porque é “preciso lutar” e, observe-se, é preciso explicitar a luta:

E eu acho que essa mensagem de propaganda será efetiva em algumas pessoas - mas não tantas, eu creio, como o número que os produtores esperavam. Eu acredito que muitos espectadores irão para o próximo passo, sem que eu precise explicar para eles. e eles dirão para si mesmos, sim, a vida não é tão simples, mas o fato é que nós estamos em uma guerra e nós estamos perdendo; as condições estão se tornando cada vez piores. E não está em nossa natureza nos render. [...] E esta é a divisão da América que eu vejo agora. Eu vejo mais gente do que antes entendendo que nós devemos lutar, ainda que outros sejam persuadidos a se renderem. E eu espero que a maioria de vocês em minha audiência hoje irão entender que nós devemos lutar e escolher lutar comigo por um futuro melhor.

Em outros artigos, Pierce enumera diversas outras prioridades da “luta branca”: para ele, o feminismo é outra grande ameaça: “nesta era o espírito feminino está ascendente e é um espírito que nos diz que não devemos resistir àqueles que querem nos destruir”. Isto se deveria ao fato de que “este espírito feminino não está equilibrado com um espírito masculino que discrimina entre o que é saudável e o que é doentio, entre o que é benéfico para nosso povo e o

que é hostil”, ameaçando a raça branca porque este “espírito feminino que não discerne entre o saudável e feminino expõe a raça branca ao perigo máximo, pois “no caso de um conflito racial nos diz para nos entregar, para nos render, para nós virarmos nossas costas e expor nossas gargantas a nossos inimigos na esperança de que eles nos poupem”.

No mesmo espírito desta preocupação, a entidade WAU, sigla da instituição Women for Aryan Unity¹⁸³ se preocupa com a educação e o recrutamento de “mulheres arianas” dispostas a preservar “sua cultura e raça”. Nesta nova praia, cuja configuração estética foi a que mais se transformou durante todo o tempo, mas sempre evocando um espaço mítico com imagens de deusas e rainhas guerreiras, surgiu diante dos meus olhos como os sites constroem suas “fêmeas”. A WAU se define como “uma organização sem fins lucrativos, a nível mundial, cuja finalidade é exclusivamente educacional e de caridade”. Objetiva, entre outras coisas, propiciar ajuda financeira a líderes e famílias brancas necessitadas, em especial a presos por crimes raciais. Desejando ainda “a educação das mulheres brancas para que estas despertem para os perigos que as rodeiam” advogam como “fundamental que a mulher branca acorde e que consiga finalmente ver que não é crime amar, querer preservar a sua cultura e o seu povo” e que esta idéia deve direcionar decisões desta “mulher branca”, como o “modo que deve educar os seus filhos” que, para a WAU são “os nossos futuros guerreiros”. Portanto residiria nas “mãos das mulheres a educação daqueles que um dia serão, provavelmente, os heróis do nosso povo”.

No site da filial portuguesa da WAU há uma descrição do que os racistas esperam de suas mulheres. O texto adverte:

A mulher deve desempenhar o papel que sempre desempenhou, o papel de mulher. A preservação da raça, antes de passar pela divulgação da mensagem, activismo etc., passa antes de tudo pelo ventre da mulher, pois sem crianças não há futuro. Assim sendo as mulheres tem de ser boas mães, esposas e lutarem através dos meios para os quais são dotadas por natureza. Claro que não nos cabe apenas dar à luz crianças, temos que as saber educar, saber dizer-lhes as palavras correctas no momento correcto e para isso é necessário também nós estarmos conscientes dos problemas que assolam o nosso povo. (WAU)

As imagens a seguir mostram dois momentos diferentes da página da WAU:

¹⁸³ O site da WAU principia em <http://www.rac-usa.org/wau/main.html>

Figura Treze
HOME atual do site da WAU



Figura Catorze
HOME DA WAU em 18 de fevereiro de 2005.



Embora a página inicial atual aponte para a possibilidade da mulher ariana participar com sua cabeça da trilogia família, povo e fé, tratando-a como líder do movimento, sob a proteção de Algiz, a versão anterior mostra uma mulher nua, de costas, segurando um vaso como que o oferecendo em sacrifício. Esse vaso representaria o útero da mulher branca? Defendendo-se das

críticas que o movimento recebe, o site afirma que a “mulher no nosso movimento não é apenas um objeto que só serve para dar à luz, como muitos inimigos nos tentam fazer crer”. A mudança na HOME é uma resposta a esta crítica? Para as mulheres da WAU, a percepção deve ser perspectivada de um outro lugar, pois a mulher seria “um dos mais preciosos elementos, pois cabe a ela educar as nossas crianças e ensinar a estas todos os valores que farão delas homens e mulheres honrados”. O site da WAU Internacional se descreve como um aglutinador de mulheres, belas e inteligentes, vinculadas a diversos movimentos religiosos: elas podem ser atéias, cristãs, odinistas ou pagãs. O elemento religioso chama muito a atenção no site da WAU, em mais de oitenta por cento das páginas há figuras mitológicas, simbólicas ou religiosas. Nestas imagens, as mitologias nórdica, celta, grega e romana ganham papel destacado. Uma das imagens do site, marca do grupo australiano, faz referências diretas às Valquírias e às runas.

O site disponibiliza para suas leituras a idéia de ser “uma mulher branca” é “proteger os filhos”, “preservar sua beleza”, “priorizar o ensino de mitos e valores da raça branca”. Entre as muitas formas de arrecadar dinheiro para as “ações de caridade”, estão a venda de livros de receitas e o leilão de objetos de guerra. O maior inimigo da “mulher branca” é personificado no “judeu e no negro” que seriam “essencialmente pedófilos”. A “mídia sionista” seria a grande responsável pela explosão de pedofilia nos Estados Unidos e o site possui farto material acerca do tema (há endereços para denúncias, textos que abordam a legislação, informações que apontam para “sinais de perigo sexual ou exploração de crianças”, entre outros dados). O projeto contra a pedofilia têm atraído muitas mulheres de língua inglesa e funciona, também, portanto, como um primeiro contato com a organização. As páginas acerca do tema ultrapassam quatro milhões de acessos mensais.

Há no portal da WAU um setor dedicado a biografias de mulheres brancas, exemplos para a “guerreira da causa”, como Boudicca¹⁸⁴, Joan of Arc, Freydis Eriksdottir¹⁸⁵, Athena, Leni

¹⁸⁴ Boudicca, heroína mitológica, tem seu nascimento referendado por volta do ano 30 a.C. Deve seu nome a Deusa Celta da Vitória. Boudicca, rainha dos Icenos, uma tribo dos Celtas, era casada com o rei Prasutagus e tinha duas filhas. Após a morte do marido, durante os ataques surpresa dos romanos aos Icenos, a rainha, juntamente com as filhas foram barbaramente torturadas, por não se submeterem ao jugo da poderosa Roma. Versa-se que Boudicca foi desnudada e espancada em público, enquanto as suas filhas eram estupradas pelos soldados romanos. Por conta deste episódio, liderou uma rebelião de 100 mil, ou mais homens, aterrorizando os romanos, que não compreendiam a maneira deles lutarem. Ficavam surpreendidos ao verem as mulheres Celtas lutando ao lado dos homens e possuírem indistintas forças e honra, cujos horrendos gritos e machados eram lançados contra seus oponentes corajosamente. Tradicionalmente, afirma-se que ela sobreviveu à grande batalha e envenenou-se em casa. Cassius Dio narra que os Celtas fizeram um enorme enterro, digno de uma heroína.

¹⁸⁵ Freydis Eiriksottir, heroína viking a que se atribui uma viagem para Vinland no começo do século 11. Filha ilegítima de Erik O Vermelho, deixada na ilha, durante uma fuga em massa de seu povo, ela teve que ser obrigada a

Riefenstahl, entre outras. Misturando, propositadamente, “o mitológico e o histórico”, o site gerencia uma narrativa épica: mais que nascer branca, é preciso viver como branca. Esta escolha define práticas e valores. São valorizados episódios míticos como a marcha das Valquírias e a morte na guilhotinas de mulheres revolucionárias. Um outro elemento muito presente por todo o site é a imagem de um corvo, que juntamente com lobos e águias, nas lendas escandinavas, acompanhavam sempre Odin. Nesta mitologia, os dois corvos que seguiam o supremo deus eram batizados de pensamento e memória e sua função podia ser traduzida em manter o deus informado a respeito dos eventos vivenciados pela humanidade. Os devotos de Odin apreciavam o olhar do corvo como uma garantia de bom prognóstico, proliferavam amuletos mágicos, asseguradores de sucesso nas batalhas, com efigies de corvos. Uma das imagens que traz o símbolo do corvo, no site da WAU é o símbolo de uma publicação difundida pelo site, chamado Morrigan Rising. Este nome, que pode ser traduzido como o levantar de Morrigan, se refere a uma rainha mitológica, que protege nas batalhas e garante a fertilidade. Conta o mito da “Grande Rainha” ou “Rainha de Fantasma” que Morrigan aparece por vezes como uma única deusa e em outras como um trio de deusas. As outras deidades que compõem o trio são Badb (“o Corvo” também denominada de Macha, nome associado, da mesma forma ao pássaro) e Nemain (Frenesi). Morrigan comumente se revela sob o disfarce de um corvo. As correntes que envolvem o corvo na imagem abaixo se referem às batalhas vencidas pela deusa:

Figura Quinze

Imagem do corvo no site WAU, na chamada da publicação Morrigan Rising



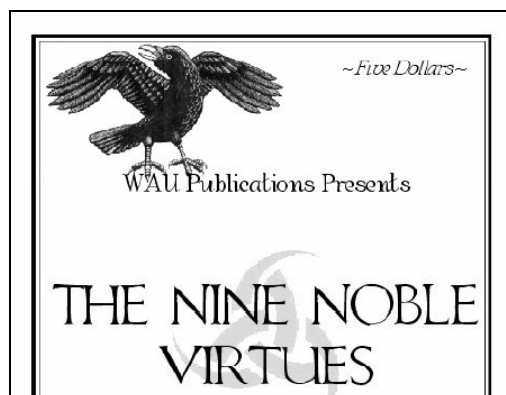
lutar. Utilizava com propriedade a espada, seus gritos e sua força. Quando seu marido retornou a ilha Freydis disse a ele que ela havia sido violentada e exigiu vingança, consumada logo em seguida. As histórias relatam que Freydis usava roupas de homens, pois queria demonstrar sua coragem.

Nesta publicação, cujos editoriais sempre principiam pela expressão “Saudações raciais”, temas políticos e discussões mitológicas participam. No número dez da *Morrigan Rising*, por exemplo, há artigos que versam a respeito da “Circuncisão”, de “Importantes Símbolos Tectônicos e Mágicos”, das “Deusas da Lusitânia”, bem como artigos que discutem a dignidade de um “Estado Branco em Perigo” e a importância da “Oligarquia”. Aparece ainda uma matéria defendendo que “A Imigração tem que cessar”, entre outros. A publicação abriga discussões políticas e mitológicas. São os fatos humanos vistos sob o olhar dos corvos de Odin?

Vendido ao preço de cinco dólares, um pequeno livreto traz, também, o corvo estampado na capa. Trata-se de *As Nove Nobre Virtudes*, um material produzido pela WAU, acerca do mito de Blotavolk, literalmente, “os povos que sacrificam”, considerados pelos membros racistas os ancestrais do povo europeu, central e do norte e que praticavam uma religião da natureza, uma maneira de vida que encara a existência como um dom dos mesmos, direcionada à prosperidade e ao crescimento dos arianos. É esta ascendência divina que garante aos “informantes” a certeza de que deles emanam “laços fortes a NOSSOS povos, antepassados culturais, raciais, espirituais e morais”. O Site da Wau, por meio deste panfleto pretende divulgar o mito, tornando possível que “as mulheres arianas” eduquem seus filhos e filhas à luz das nove virtudes de Blotavolk, a saber: Verdade, Honra, Coragem, Disciplina, Auto-confiança Perseverança, Fidelidade, Hospitalidade e Produtividade. São estas as “características” do povo europeu e elas devem fundamentar sua construção social. Na figura abaixo, a figura do corvo na capa do panfleto:

Figura Dezesseis

Corvo na capa do Panfleto vendido na WAU



A idéia proposta pelo portal e referendada em blogs do movimento, como o Thoughtcrime¹⁸⁶, é emoldurar uma possibilidade de prática cultural que garanta aos seus adeptos seguir “as maneiras naturais de nossos antepassados”. Na prática de Blotavolk, se garantiria, portanto, “uma maneira de vida e uma religião sem tentar integrar influências estrangeiras estranhas nas maneiras de nossos antepassados”. Buscando um sistema “religioso e político” “naturalmente europeu”, este sistema é citado como “destilador vivo de Odin, de Thor, de Freyr, de Tyr, de Frigg, de Jord, de Sif e de Freyja hoje”. Direcionando claramente os mitos aos antepassados nórdicos, o site aponta uma direção: “disse-se que nossos deuses, deuses dos povos, estão dormindo atualmente. O Blotavolk discorda desta indicação com todos nossos corações. É nós que estamos dormindo, não nossos deuses.” Voltar a este modelo político e religioso é garantia de sucesso, pois “nossos povos dormem e os deuses e as deusas prestam atenção e esperam as nossas chamadas”. Finalmente, o site reivindica: “Arianos, acordem!”!

O site disponibiliza, ainda, farto material acerca do vegetarianismo, considerando-o o ideal para a geração de uma raça superior, pois preservaria a vida humana aliando-se ao tratamento ético dos animais¹⁸⁷. Uma busca por uma alimentação vegetal, livre de insumos e pesticidas deve ser uma das “missões da mãe ariana”. Para facilitar a prática artigos acerca do tema se unem a receitas e histórias acerca da alimentação vegetariana. Para elas, a natureza é sacralizada, e o que a torna assim parece ser o fato de que a WAU credita a “força” que garante a superioridade dos “arianos”. Creditar nesta “natureza” é validar seu discurso.

O site preocupa-se também com a questão do aborto. Trinta e duas páginas do site da WAU se dedicam a debater a temática. O site, que se posiciona fortemente contra a prática, descreve os métodos mais utilizados para a mesma, disponibilizando, inclusive, fotos de fetos mortos. Na tentativa de causar grande emoção em suas leitoras, poemas descrevem a dor e o medo provocados pelo aborto do ponto de vista dos embriões. Também artigos discutem o tema, como o intitulado *Baby Jane*, que narra a tentativa de um feto de escapar da experiência. Visto “como uma inconveniência” pela mãe, *Baby*

¹⁸⁶ <http://downwithjugears.blogspot.com/2005/12/chester-doles-yule-message-2005.html>

¹⁸⁷ É interessante observar como a invocação da natureza, o respeito aos animais e toda uma militância contra o aborto não impedem os sites de propor construir seu mundo sobre “o pó dos ossos dos seus inimigos”. Uma amostra de chart que alimenta é o anexo 7, leia, por exemplo, os “88 Preceitos”.

Jane descreve os imaginários estados de um bebê, que é morto sem sepultura e flores e apela ao coração das leitoras para uma luta contra tão “cruel” prática. Como outros sites, o portal também disponibiliza cartazes e panfletos para download para fomentar o ativismo. Muitos deles abordam o aborto e a pedofilia, falando das ameaças que envolvem as crianças, indicando o site como fonte de informação acerca dos temas. Desta forma, o portal pretende atingir o maior número possível de mulheres.

Uma outra parte do portal da WAU é dedicado a relatos acerca das diversas divindades, na tentativa de angariar entre as simpatizantes do neo-paganismo novas recrutas. Esta é a parte mais esteticamente elaborada do portal, o que indica a importância do tema no movimento. Nas figuras abaixo, dois momentos destas páginas:

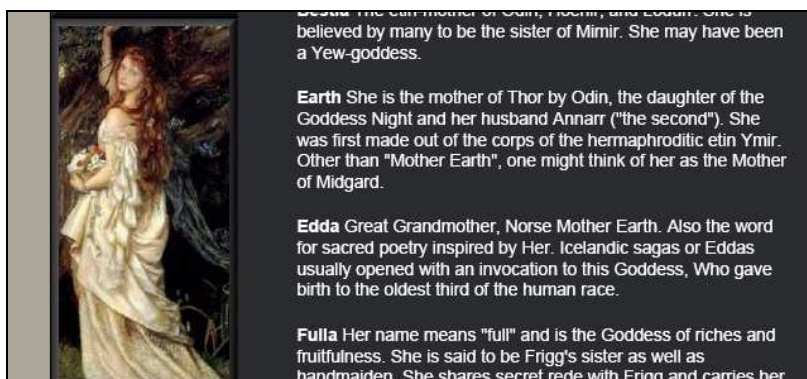
Figura Dezessete

A deusa Psique e a mitologia grega no portal WAU



Figura Dezoito

Uma valquiria no portal WAU



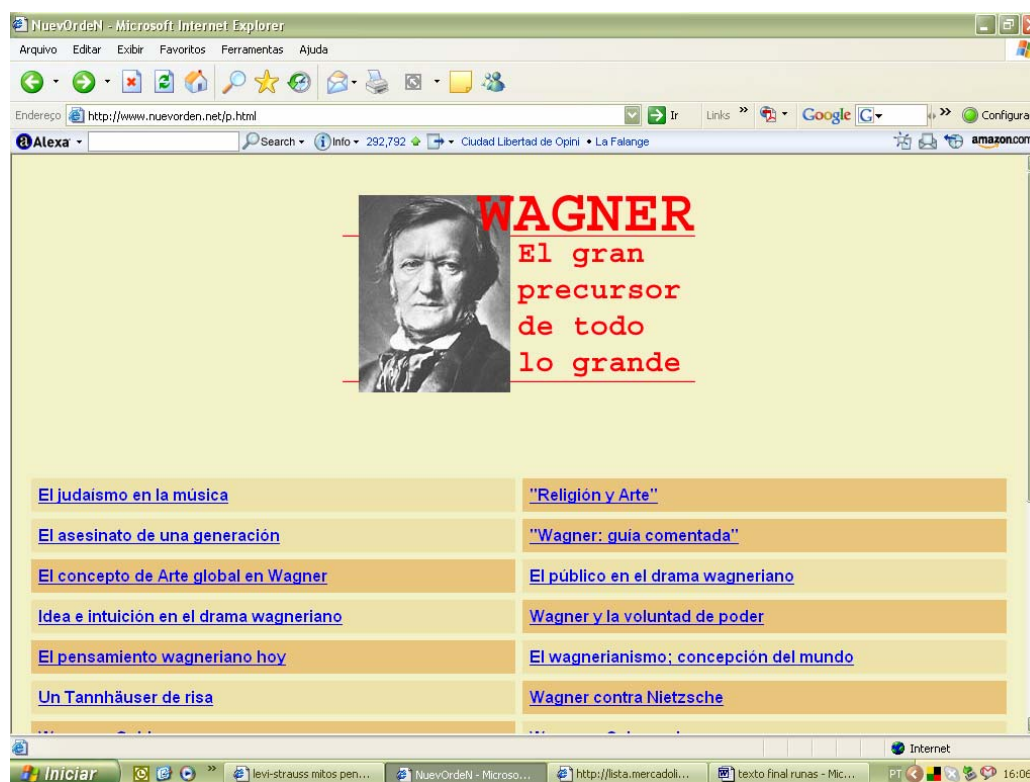
Embora, no site WAU, a mitologia ocupe um lugar de muito destaque, absolutamente prioritário, dividindo o espaço central apenas com a discussão acerca da pedofilia e do aborto e,

inclusive, balizando os valores e posições que defendem diante destas duas questões, outros sites também se utilizam o simbolismo mitológico para explicar as “demandas da raça”.

Os links me levariam adiante. No portal Nueva Ordem, um enorme portal Nacional Socialista de língua espanhola, com escritório de representação no México, na Argentina, no Peru, na Bolívia, em Portugal e na Espanha, segundo o próprio site informa, inclusive fornecendo dados de contato, há material de todos os tipos, inclusive canais de rádio e palestras em arquivos de áudio. Em uma das URLs, um deles chamou a minha atenção: expressão mítica encontra espaço no diretório Wagnerianismo, local no qual se reúne vinte e três URLs acerca do compositor alemão.

Figura Dezenove

A entrada do diretório acerca de Richard Wagner no site Nueva Ordem



Reproduzindo o ataque anti-semita de Richard Wagner, em “O judaísmo na música”¹⁸⁸, o site defende a postura do músico para quem “a impressão inconsciente de repulsa íntima se manifesta em todo o povo alemão contra o espírito judaico”. O elemento judeu utilizaria sua influência religiosa e política, segundo afirmou Wagner para degenerar a “verdadeira arte”.

¹⁸⁸ http://www.nuevorden.net/p_01.html

Atribuindo ao judaísmo a “má consciência da civilização moderna”, o compositor marcou todo um clima na Viena que Hitler vivenciou. A influência de Wagner em Hitler é tida como unânime por seus biógrafos¹⁸⁹, em especial por ter freqüentado por toda sua juventude a ópera de Viena, especialmente para assistir a óperas relacionadas com a mitologia nórdica, do compositor alemão, por elaborar nestas produções um meio de glorificação do nacionalismo germânico. A presença no site da Nueva Orden de artigos de e sobre Richard Wagner pretende, evidentemente, atualizar sua importância para o ativismo racista e o fato de que o primeiro texto escolhido é justamente o artigo mais anti-semita da obra do compositor aponta para o próprio anti-semitismo estrutural do portal. Um trecho do artigo mira nesta direção:

Es natural que la aridez natural de la naturaleza judía alcance su apogeo en el canto, considerado como el medio de expresión más vivaz y más incuestionablemente verdadero de la sensibilidad individual; y de acuerdo a la naturaleza de las cosas deberíamos negar al judío toda capacidad artística en todos los campos del arte, y no solamente en el que tiene por base al canto. La facultad de concepción concreta de los judíos no les ha permitido nunca ver surgir entre ellos a artistas plásticos. En todo tiempo su vista se interesa en cosas más prácticas que la belleza y la sustancia ideal del mundo de las formas. Según creo, en nuestros días nunca hemos oído hablar de un arquitecto o de un escultor judío: dejo que los árbitros de la profesión decidan si los pintores modernos de origen judío fueron realmente creadores en su arte; pero es muy probable que esos artistas no hayan podido, en el arte plástico, adoptar otra posición que la tomada en la música por los compositores judíos modernos, posición que trataremos ahora de precisar. El judío, que es incapaz de revelarse artísticamente a nosotros, por su apariencia exterior y por su lenguaje, con más razón por su canto, a pesar de eso logró imponerse en el gusto popular en cuanto a la música, que es la categoría del arte moderno más difundida. (NON)

Ao caracterizar de modo tão depreciativo a capacidade do judeu construída no seu discurso, Richard Wagner abre a porta de uma campanha preservacionista, que pretende deter a “nefasta influência” (V88) do judaísmo¹⁹⁰. Esta campanha que deve atingir a arte, para resgatar a

¹⁸⁹ Acerca deste tema consulte ADORNO, 1942; FEST, 2006; KERSHAW, 1993; LUKACS, 1998; ROSENBAUM, 2002; STACKELBERG, 2002

¹⁹⁰ Leon Poliakov, em *História do Anti-Semitismo*, para discutir a representação do judeu em muitos contextos históricos, identifica a presença constante do judeu no papel que ele denomina de “bode expiatório”. Os sites fazem o mesmo: tudo é culpa os judeus, eles planejam ao mesmo tempo a destruição do mundo valendo-se do comunismo e enriquecem a custa dos destruídos por meio do capitalismo: produzem doenças, odeiam os brancos, querem contaminar as mulheres brancas oferecendo negros como heróis esportistas e atores de cinema. Descrevem-nos ainda como os defensores do aborto e da aniquilação das crianças brancas. Segundo Adolf Leschnitzer, a construção da figura do bode expiatório é uma constante inevitável das sociedades modernas. Nestas a “intranquilidade na cultura” a possibilidade da exclusão e da decadência, diante do inconciliável pender entre os imperativos econômicos e os florescimento das identidades, geram tantas formas de especulação acerca da segurança existencial, que a saída possível, para a manutenção da dominação, nestas sociedades, tem sido, historicamente, adotar estratégias de derivação: manter a raiva da “angústia agravada”, exorcizando-a para fora dos grupos com os quais se identifica e atribuindo a um outro grupo “a ameaça constante”. O judeu ocupou o epicentro da construção desta identidade

“la poesía se convirtió en mentira”, da grande ameaça, imposta por “el demonio implacable de la negación y renegó de todo lo que le pareció deber renegar, a través de todas las ilusiones de nuestra mentir moderna, pero se mintió a sí mismo al creerse poeta, recibiendo como castigo sus mentiras rimadas, puestas con música por nuestro compositores”, essencializado na “la conciencia del judaísmo” é resumida por Wagner da seguinte forma: “Tome parte sin prevención en esta obra de redención en donde la destrucción regenera, y entonces estaremos unidos y semejantes”. Para a doutrina artística de Wagner, a arte perfeita se revestiria numa consagração mítica, “por la cual pueda estar comunicado, en su elevación más alta, así como en su profundidad más grande, todo lo que el espíritu humano es capaz de concebir y siempre de la manera más clara.”

Numa contínua dissertação acerca da importância da obra de Wagner para o movimento nacional-socialista, o portal espanhol desenvolve, nestas URLs, grandes associações: em *Religión y Arte* discute as interações estéticas e míticas do nacional-socialismo, partindo da lógica wagneriana, em *El asesinato de una generación*, direciona para o judaísmo a responsabilidade do término precoce das carreiras de Dvorack, Sibelius, Elgar, Richard Strauss, Siegfried Wagner, Pfitner, Humperdin, Hugo Wolf, Prokofiev y en España Falla, Mompou, Maestro Rodrigo. Em *Wagner: guía comentada*, revisita a obra de Wagner sob um ponto de vista também político, em *La Ideología Política de Richard Wagner* analisa a influência da obra wagneriana no cenário político do período de ascensão do Nazismo¹⁹¹. Muitos outros artigos somam-se a estes, citados para demonstrar a imensa relação defendida pelo site entre a obra do compositor alemão e a militância neonazista, que só se revelará fiel à sua essência, segundo o site, se beber na grande fonte da seiva wagneriana. Sobre o tema, também se manifestam outros portais racistas. O Valhalla88 comenta que “Hitler uma vez disse: só conhece o nacional-socialismo quem conhece Richard Wagner” e suas composições como “exemplos da genialidade ariana”., enquanto que em comunidades racistas do Orkut se defende que ouvir a obra *O Anel dos Nibelungos* elucida “o processo ritual de iniciação ao neonazismo”.

ameaçadora, seu lugar social “errante”, permitiu que esta projeção acontecesse da forma mais devastadora possível (LESCHNITZER, 1956).

¹⁹¹Cf. “Mas foi estudando o caso de Richard Wagner que tentamos desnudar as últimas molas da paixão anti-semita. Se, a crer nas profecias de Nietzsche ou no diagnóstico de Thomas Mann, o grande criador de mitos prepara o caminho par a Europa fascista e para a Alemanha hitlerista, do ponto de vista psicológico e volúpia anti-semita dimana nele da mesma fonte donde brota a angústia de sentir-se judeu, e a religião de Parsifal parece alimentada pelo fantasma do assassinato ritual” (POLIAKOV, 1985 p. 390).

Muitas outras ilhas me indicaram mais elementos. O ódio aos imigrantes, expostos pelo blog Retaliação Brutal, a maneira como este blog animaliza judeus e negros encontra grande ressonância no material disponibilizado por outros portais, como o Nueva Ordem e o Valhalla88, mas também pelo portal neonazista Nazi Lauck NSDAP/AO, que insiste na teoria de uma “conspiração judaica” para dominar o mundo e destruir todos os arianos. Os ZOG como são denominados os judeus não passa de “filhos do diabo”, “pedófilos” e “mentirosos”. No site revisionista L'Association des Anciens Amateurs de Récits de Guerres et d'Holocauste, a valorização da guerra e da força dos “novos soldados de Hitler” é prioridade. Haverá papel no mundo suficiente para retratar este universo?

Nesta descrição, se evidencia, no entanto, que ainda que os sites pesquisados não sejam unânimes nas práticas que defendem para a luta preservacionista que almejam, discutindo se esta deve ser clandestina e em células, ou deliberadamente exposta por grandes grupos, ou se a defesa política de um Estado-Nação branco deve ou não principiar o debate a respeito da preservação racial e genética por eles priorizada, eles são uníssonos em associar a discussão racista a uma lógica mítica. Os internautas que participam destes sites creditam ao racismo uma condição de lugar: “minha nação é minha raça” rememora o Valhalla88. Nos mares digitais, estes “informantes”, que denomino neste texto de Anacronautas, embarcam em links, navegando pela WEB em busca da realização mítica da supremacia da raça branca. Seu Velocino de Ouro¹⁹² é a pureza racial, um tema que buscam no passado, em mitologias ancestrais, mas que também os garante como herdeiros deste passado, é o passado que neles, feito “sangue e honra” permite que eles o redescubram. Em nome deste ideal estão dispostos a matar negros e judeus, em especial. Outros inimigos são construídos pelos sites, como imigrantes e homossexuais. Durante a construção deste texto etnográfico pude acompanhar um evento “bom para pensar” o observado nestas ilhas. Farei isto a seguir.

¹⁹² Animal mítico perseguido por Jasão e seus companheiros que embarcaram no navio de Argos a fim de realizar sua caçada. Segundo o mito, ainda, o carneiro foi transformado na constelação de Áries. A mitologia assíria associa o simbolismo da constelação ariana à figura do herói.

4.2 Um ilhéu é preso no continente: lendo um crime de racismo em Curitiba

“... a lição de uma realidade terrível, que se situa além daquilo que as palavras podem exprimir e o pensamento pode conceber: a banalidade do mal.”

Hannah Arendt (1983, p. 329)

O relato do crime, cometido em novembro de 2005, que envolveu a ação violenta do professor de jiu-jitsu Eduardo Toniolo Del Segue, conhecido por Brasil, na época com vinte e cinco anos se associa a outros tantos crimes de ódio relatados na WEB¹⁹³, se destacando, no entanto, pela exposição dada ao fato pelos sites racistas, que o brindam como irmão e herói. Ele e sua esposa, Edwiges Francis Barroso, que adota o nome de Franciele Del Segue, são um exemplo do que os sites preconizam como materialização do ideal: ele guardava em sua residência vasto material literário de apologia nazista, como bandeiras, desenhos de Adolf Hitler, cassetetes, punhais e peças do uniforme de soldados alemães na Segunda Guerra Mundial. Ela ensinou ao filho a respeitar os mitos e líderes de “sua raça”: a criança, exposta à imagem do ditador do Terceiro reich, se refere a ele como “vovô”. Segundo o noticiado pela Folha de São Paulo, na Internet, ela desempenha com evidente prioridade o papel desejado pelo portal WAU para as “mães arianas”, se preocupando com os “valores de sua raça”: o jornal eletrônico reproduz a fala de Franciele: “Vocês não são a favor da liberdade de expressão? Qual o problema em fazer a saudação nazista? Vocês estão espantados com o quê? A gente ensina o que quiser para os filhos”. Francis confessou ter ensinado a saudação nazista ao filho mais velho, o que é para ela, motivo de orgulho e direito à liberdade. Outro jornal eletrônico, o Diário do Noroeste OnLine, da cidade de Paranavaí, no Paraná, informa que Fran teria tatuadas nas costas as palavras “Orgulho Branco”. Entre os objetos apreendidos pela polícia, estavam os livros *Minha Luta*, de Adolf Hitler, *A Bíblia do Skinhead*, de George Marshal, *O Diário de Turner*, textos fartamente disponibilizados pelos sites e distribuídos em redes como o E-Mule, o Naspter e o Gnutella¹⁹⁴. *Minha Luta* está disponível na rede em pelo menos cinco mil endereços em língua portuguesa e em cerca de quinhentos mil versões em outras línguas.¹⁹⁵ Segundo o portal do Centro de Mídia independente

¹⁹³ Vários relatos acerca da ação do grupo organizado por este professor está disponível no endereço eletrônico <http://www.ainfos.ca/02/oct/ainfos00056.html>.

¹⁹⁴ Aplicativo de compartilhamento de arquivos, estes programas são disponibilizados na rede e permitem que usuários realizem download entre computadores, sem a necessidade do arquivo (documento, imagem, filem, música, entre outros possíveis) estar inserido em um website.

¹⁹⁵ Dados obtidos por buscas no Google e analisadas com o auxílio do N*Vivo. Também foi precioso o uso da ferramenta de links do Alexa, para identificar endereços semelhantes de download do livro escrito pelo ditador austríaco.

“também chamou a atenção dos policiais um gibi, confeccionado por um dos membros do grupo, que traz a história que "ressuscita" Hitler, que lidera um grupo de skinheads para matar negros”. Neste exemplar recheado de “frases preconceituosas”, afirma-se uma proposta: "queremos apenas a preservação de nossa raça e não a destruição das outras, mas se esse for o único modo, assim faremos, para a continuação da doutrina de Adolf Hitler". O gibi orienta, ainda: "precisamos nos organizar, formar partidos, entrar nas forças armadas, policiais, nos formar advogados, juízes e promotores para sustentar o partido, com lei em prol de nossa raça para novamente erguemos o ideal". Segundo o CMI, “os desenhos são de skinheads espancando e exterminando negros. Também foram apreendidos socos-ingleses e um manual de como fabricar bombas¹⁹⁶.” A WEB ocupa papel decisivo na militância, segundo a reprodução que o CMI faz da fala do delegado responsável pelo caso: “Eles têm ligação com os grupos de todo o país através da Internet e por enquanto sabemos que os skinheads estão presentes em São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Pela Internet eles recrutam adolescentes e custeiam a participação no grupo”. Ainda, segundo o noticiado no portal, o delegado salientou a confissão de “todos os presos” quanto ao “repúdio aos negros, homossexuais e judeus, afirmando ter ódio dessas raças”. O portal também acrescenta que “as investigações contaram com a ajuda de ex-integrantes do bando”, motivadas por ameaças “depois que deixaram de partilhar da ideologia nazista.” Após a notícia, no espaço em que o site permite a postagem¹⁹⁷ de comentários, comentários a favor e contra os militantes racistas são visíveis. Em um deles, um internauta que se intitula Führer, afirma: “a policia esta errada em pegar esse caras, eles só estão fazendo o bem para a humanidade, assim quem sabe não teríamos um mundo mais harmonioso, onde apenas a

¹⁹⁶ Outras notas pela Internet, repetiam os principais dados do fato discutido, como por exemplo: “A police statement said Eduardo Toniolo Del Segue, 25, and his wife, Edwiges Francis Barroso, 26, stabbed the man one month ago in Curitiba, some 350 kilometers (220 miles) southwest of Sao Paulo. The victim, who was treated and released shortly after the attack, only managed to identify his assailants on Wednesday. The group of neo-Nazi skinheads allegedly led by Del Segue had been under investigation for more than a month for attacking Jews, blacks and homosexuals. Pro-Nazi books, flags and CDs were found in the couple's house, the statement said. Another nine members of the group were also arrested and charged with conspiracy and racism for diffusing anti-black and anti-gay propaganda. The promotion of racist ideas is a crime in Brazil punishable by up to three years in prison, the AP reports. Police are investigating possible links between the Curitiba group and skinhead groups in other southern Brazilian states - including Rio Grande do Sul, where three skinheads were arrested in May for allegedly punching, kicking and stabbing three Jewish student” Na Internet em <http://www.icare.to/news.php?en/2005-10>, ultimo acesso em 10/05/07.

¹⁹⁷ O termo post é utilizado na Internet para se referenciar a uma manifestação num site que permite comentários ou as mensagens escritas pelos usuários em seus blogs. Neste sentido, se postam mensagens, comentários, recados em perfis do Orkut.

raça pura viveria. “Hitler saiu da vida, para entrar na historia e no coração de quem raciocina¹⁹⁸”, acrescentando a seguir uma exortação: “power White!!!!”. Na época, Franciele foi aprisionada na Penitenciária Feminina de Piraquara e Del Segue e Souza foi encaminhado para o Centro de Triagem de Piraquara. Todos os envolvidos já estão respondendo o processo em liberdade. Ainda no portal do Centro de Mídia Independente, outros dados relativos ao acontecimento são fornecidos: o delegado do caso teria informado acerca do crime de racismo: ele estaria “na Constituição Federal, tipificado na Lei 7.716/89, que proíbe a discriminação de raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”. Segundo o relato do site, “a pena pode variar de um a três anos de reclusão e multa”, mas “quando propagada por órgãos de comunicação social, a pena sobe para dois a cinco anos”. Outro site de mídia independente aponta para o fato de que as alianças do casal possuem suásticas impressas num baixo relevo¹⁹⁹. Neste portal, há um link para várias fotos referentes ao episódio. Um outro site, denominado Londrix, um portal de Curitiba, fornece uma imagem de Eduardo no momento da prisão. A seguir, as imagens citadas:

Figura Vinte

Eduardo Del Segue preso em Curitiba²⁰⁰



Nas fotos abaixo, além das alianças do casal, em que se vêem gravados os símbolos da suástica e da cruz celta, retratam-se os momentos da prisão de Eduardo, diversos materiais apreendidos, como uma gravura de Adolf Hitler e uma bandeira negra grafada pelo número 88

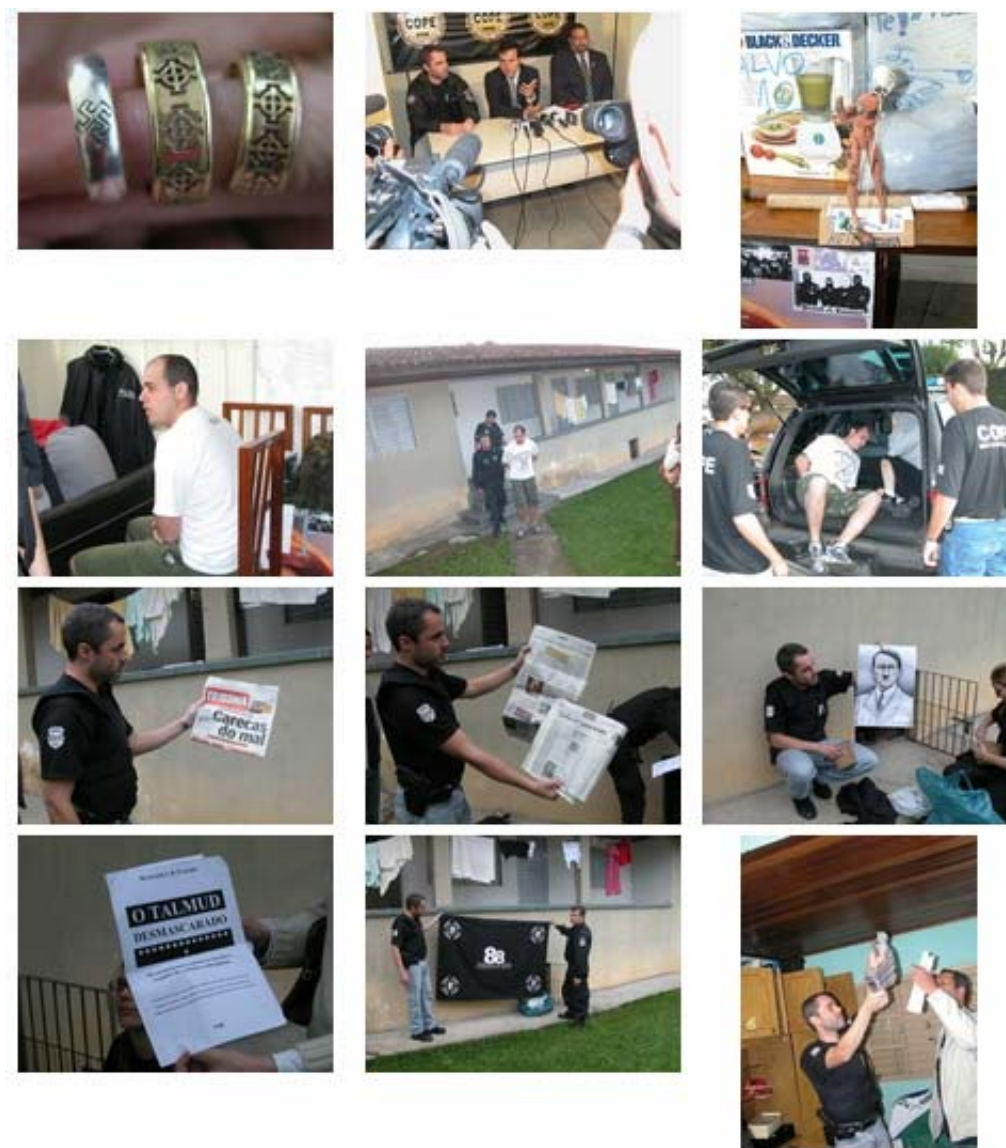
¹⁹⁸ O post Como que pode é assinado por Fühler em 01/11/2005 17:53. Disponível em <http://brasil.indymedia.org/eo/blue/2005/10/334382.shtml>, último acesso em 11/05/07.

¹⁹⁹ <http://www.fuckkk.com.br/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&t=814&postdays=0&postorder=asc&start=30&sid=391d2493f66b383b36cddc7ba7c27ce6>

²⁰⁰ <http://www.londrix.com/noticias.php?id=14207>

que o saúde. Na casa do casal se encontrou inúmeras provas de seu envolvimento com o ativismo racista e até em caixas de eletrodomésticos se vêem frases de ódio. Numa das fotos, um dos objetos apreendidos indicam para o caráter anti-semita: o panfleto anuncia desmascarar o Talmud.

Figura Vinte e um
Fotos disponibilizados em portal da agência paranaense de notícias²⁰¹



Escolhi este acontecimento, tanto pelo destaque que obteve na WEB, como por ilustrar o quanto os racistas estão realmente dispostos a “lutar por sua causa”, para situar um dupla problemática que envolve o estudo dos atos humanos: há por um lado, um ato concreto, o

²⁰¹ <http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br/modules/xccgal/thumbnails.php?album=2277&page=1>

espaçamento de judeus, negros e homossexuais em Curitiba, atos estes materializados pelos sujeitos nomeados nas notícias analisados, que emolduram um ato não passível de repetição. Por outro lado, este mesmo ato fala de uma atividade, de uma atitude comum, absolutamente possível de ser repetida, milhares de vezes, em vários lugares, inclusive ao mesmo tempo. É preciso olhar, ao mesmo tempo, para a especificidade do ato em questão, mas, sem perder de vista, esta outra dimensão fornecida por ele: a possibilidade de se apreender neste ato uma generalização que nos levaria a compreender melhor milhares de outros atos motivados pelo ódio racial e pelo ideal de raça pura, etnografados no sites desta pesquisa.

Neste sentido, este acontecimento indica um caminho que envolve não apenas o episódio criminoso, mas, como expressou Bakhtin, a arquitetura do mundo em que este ato se insere, o ato estético como um agir ético e as concepções políticas e religiosas expressas por ele. Neste ato se aborda, evidentemente, o vínculo entre o episódio e uma escolha de visão de mundo de seus participantes. Há os presos por seus atos, há os que comentam os atos destes de forma a defini-los como culpados. Nestes dois grupos, dois projetos arquitetônicos de mundo se revelam, recuperando o nexos entre arte e responsabilidade, entre as atitudes dos sujeitos e suas concepções estéticas. Para permitir que Dorian Gray jamais envelhecesse, era necessário que seu retrato vivenciasse a degeneração da vida e da moral a que ele se expunha, em seu lugar. Para compor o “mundo branco”, é preciso assassinar e destruir. O neonazismo revela o quadro escondido na biblioteca, na residência do casal em Curitiba.

Por outro lado, a busca da polícia local compõe um outro cenário, que luta pela garantia à diversidade, expressando também, como acentuou Bakhtin a tarefa do ato em realizar uma potência, porque nele se revelaria, por fim, a “formação constitutiva do ato” (BAKHTIN, 1926). Ato, em Bakhtin, se reformula como o ponto no qual o ser se revelaria concretamente realizado e não sendo apenas substancial. O termo utilizado pelo autor russo para definir ato, é *pustupok*, se referenciar a idéia de ato, agrega um sentido ativo e durativo, envolveria, portanto, ações concretas, intencionais, participativas e passíveis de resposta, porque profundamente comprometidas com seus agentes. Não há espaço nesta definição para uma indiferença e esta se exclui nos atos descritos pelos portais de notícia: há quem cometa um crime, há quem busque puni-lo. Em ambas as atitudes, é possível ler, à luz de *Para uma filosofia do ato*, a premissa de que tais atitudes estariam mediadas pela avaliação dos sujeitos, ainda que inscritos em suas práticas culturais: os neonazistas escolhem a prática criminosa, de acordo com seu habitus e seus perseguidores determinam como denunciá-los e descrevê-los, avaliados por suas próprias

“predisposições para agir, pensar e sentir (BOURDIEU, apud WACQUANT, 2004)”. Neste sentido, o agir do sujeito vincula-se na obra bakhtianiana, à idéia expressa por um “sujeito situado”, por parâmetros estéticos, políticos, morais e religiosos. Esta é uma recusa clara de uma concepção que exila uma lógica transcendente ao mesmo, não redimindo, portanto o sujeito das escolhas que fez para cumprir seu espaço no campo em que sustenta sua trajetória.

Nesse sentido, a “horrível simpatia” que liga Dorian Gray ao quadro não se revela como uma impressão mágica ou psicológica, mas como uma resposta mediada por vontade e interesse. Houve o desejo de Dorian Gray de nunca envelhecer, em prol da manutenção de uma beleza eterna. No prefácio do romance, Oscar Wilde faz uma análise da questão estética e, depois de argumentar acerca da beleza da arte da escrita, o autor inglês alude, por sua vez, à música e ao teatro. A primeira personagem que surge diante dos olhos do leitor de *O retrato de Dorian Gray* é o cínico Lord Henry e em sua primeira aparição está a admirar a "beleza" de uma árvore florida. Em seguida, surge o retrato que dá título ao livro, inscrito num discurso que o revela como a mais fiel tradução de um jovem de extraordinária beleza pessoal. O pintor do quadro, Basil Hallward, só pode ser percebido num terceiro momento do primeiro capítulo do livro, revelando como o quadro retrataria sua alma. É interessante pensar estas representações à luz da história do nacional-socialismo, pois o Lord Henry apontaria facilmente para o ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, que como o personagem de Oscar Wilde, impõe a possibilidade de que “mentiras inimagináveis” sejam tomadas “por verdades inquestionáveis”. É Lord Henry que confirma os ideais cínicos e perversos de Dorian Gray, é ele que valida a falta de princípios como desejável.

É possível evocar, ainda, a idéia de Gilles Deleuze, acerca do nazismo, diante do qual Reich teria acertado em sua análise ao atribuir o vínculo dos jovens seduzidos pela promessa do sistema a uma lógica atrelada ao desejo²⁰²:

Nunca Reich mostrou ser um tão grande pensador como quando se recusa a invocar o desconhecimento ou a ilusão das massas ao explicar o fascismo e exige uma explicação pelo desejo, em termos de desejo: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 33).

²⁰² Cf. a afirmação kantiana: “a faculdade de ser pelas suas representações causa da realidade dos objetos destas representações”. Kant, I. *Crítica do juízo*, Introdução, § 3.

Mas, segundo Deleuze, Reich se detém na interpretação psicanalítica deste desejo, renunciando, segundo o pensador francês, a “descobrir a medida comum ou a coextensão do campo social e do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 34). Há na interpretação deleuziana uma produção desejante, fundamentalmente uma produção social²⁰³. O desejo é produzido pelo grupo, o que torna o desejado um artefato cultural²⁰⁴. Desloca-se o desejo: ele move-se, sempre como “agenciamento de desejo” marcando, portanto, que este nunca significa “determinação ‘natural’, nem ‘espontânea’” (DELEUZE, 1964, p.61). Em *Sobre o capitalismo e o desejo*, Deleuze (1971, p. 371) retorna a questão do vínculo entre fascismo e desejo: “o fascismo assumiu os desejos sociais, inclusive os desejos de repressão e morte. As pessoas amotinaram-se por Hitler, pela bela máquina fascista”. Nos sites pesquisados este desejo se atualiza: um exemplo desta atualização do “desejo produtor” é toda a construção em torno da “criança branca”, ao mesmo tempo produto do ato sexual entre um homem e uma mulher “arianos” e garantia de um futuro para a raça. Descrita como um “radiante objeto de luz” (WAU, V88, NA) nesta criança se amalgamam vários agenciamentos sob a forma de múltiplas enunciações; ela é “o futuro”, o “belo”, “a esperança”, a “garantia”, “o poder da raça”, a “demarcação da soberania”, “a continuidade”, a eternização do teutonismo. Este princípio se associa, ainda, à idéia defendida por Wilfred-Ruprecht Bion (1975, p.138) e conceituada por ele como “pressuposto messiânico”: haveria a crença inconsciente em qualquer grupo na salvação inerente à vinda de um messias redentor. Esta idéia se relaciona à preposição bioniana de que coletiva e inconsciente, quaisquer que sejam os problemas e necessidades atuais do grupo, um fato futuro ou um ser ainda por nascer, traria redenção, quer dizer, há a esperança que uma criança materialize o princípio messiânico.

²⁰³ Esta análise também aparece numa menção a Espinosa no texto deleuziano: Porque é que os homens combatem pela sua servidão como se tratasse de sua salvação?” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 33).

²⁰⁴ Aqui a noção de “desejo gregário” proposta por Deleuze e Guattari se confronta diretamente com a idéia de desejo problematizada quer pela abordagem freudiana, quer pela releitura de Freud proposta por Lacan, balizada pela supremacia da falta. A falta em Lacan, é o elemento inerente da constituição do homem tanto pelo “assassinio da coisa” como pela manifestação simbólica (1975, pág. 184), seja pela alienação do sujeito no Outro. Afirmou Lacan: “assim o símbolo se manifesta primeiro como assassinio da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização do seu desejo” (1975, pág. 184). “É preciso supor nele (no homem) uma certa ânsia biológica, aquela que tento definir quando lhes falo do estádio do espelho. A captação total do desejo, da atenção, já pressupõe a falta. A falta já está aí quando falo do desejo do sujeito humano no que se refere à sua imagem, quando falo desta relação imaginária extremamente geral que se denomina narcisismo.” (1981, pag. 402/3). Na obra lacaniana a idéia de símbolo se articula diretamente a uma falta estrutural que gera o desejo. Deleuze e Guattari contrapõe a esta concepção de desejo, a preconizada em um processo de produção, no qual agenciamentos favorecem a atualização de determinadas singularidades como matérias de expressão. Para os autores o desejo não nasce da falta porque esta demandaria um sujeito, e para eles o desejo é um fenômeno gregário, produzido na “usina do inconsciente”, o inconsciente é um lugar de produção.

Bion apontou para o fato de que, diante de uma crise, um grupo se defende com afirmações como: "está por vir um novo grupo melhorado", oriundo de um "acasalamento" que garanta a "salvação" do grupo, uma proteção efetiva, na verdade, dos sentimentos de ódio, destrutividade e desespero com relação ao seu próprio grupo ou a outro (BION 1975, p. 139-140)²⁰⁵. Ao se pensar como um grupo, "uma família, uma raça, uma nação" (V88, WPS, NA, WAU, STO) os neonazistas que produzem os sites analisados investem na idéia de uma "conspiração sionista" que os ameaça, o que pode indicar que "a criança ariana", cujo futuro os sites priorizam assegurar, ocupe este papel "messiânico" descrito por Bion.

Nesta criança há, ao mesmo tempo, uma dimensão biológica, outra mítica, fruto de um "herói da raça" e de uma "mãe ariana", produzida pelo "sangue alemão"²⁰⁶. O que este sangue pode indicar? Schneider (1968) enumera duas dimensões simbólicas para a idéia de sangue na cultura estadunidense (e eurocêntrica): a primeira está na relação do sangue como substância natural biogenética ou parentesco de sangue, a segunda se refere ao sangue como um elemento identificador do como código de conduta. Nele, estariam vinculados a estas duas dimensões os genes que garantiriam a "supremacia da raça branca". Por outro lado, essa criança também é um elemento mítico, ela se inscreve dentro de uma lógica polissêmica que a configura como o próprio futuro da raça, como o ideal máximo que valida o drama do nacional-socialismo.

Uma mensagem do Valhalla88, postada na ocasião em que ele pretende divulgar o nascimento de uma filha de um líder neonazi, indica este lugar da "criança branca":

...E A RAÇA ARIANA CONTINUA SUA SAGA!!!

Apesar de todas as dificuldades impostas pelo ZOG, com a manipulação da mídia que inverte os valores, corrompe as famílias e destrói as tradições, a raça ariana segue seu curso e, com certeza, retomará seu lugar de direito, no topo e condução do mundo.

O que nos leva a chegar a essa conclusão é o nascimento da segunda filha de um dos mais aguerridos militantes da causa NS em toda a América do Sul. Às 06:30 horas, do dia 10 de maio de 2006, recebemos dos Deuses Brancos a guarda de Bianca que, assim como sua irmã mais velha Ariana e Seus Pais B. e A., já nasceram carregando a honra e o sangue guerreiro de seus ancestrais!!! Bianca, que você cresça em um mundo limpo e saudável, que a sua vinda seja mais um incentivo em nossa luta diária pela salvação de nossa raça!! Que a benção e a consciência do Führer Adolf Hitler esteja sempre com você. Salve as 14 palavras!!! Heil Bianca!!! Heil Hitler!!! (Maiúsculas no original) (V88)

²⁰⁵ Em Bion, como em Lacan o inconsciente é transubjetivo.

²⁰⁶ Em Minha Luta, Hitler se refere a este tema da seguinte forma: "Menino de sangue alemão, não te esqueças de que és um alemão; menina, pensa que um dia deverás ser mãe alemã". (ML)

Fazem parte desta validação do desejo gregário, ilustrado na “criança branca” outros elementos: o simbolismo rúnico, a mitologia nórdica e a obra de Richard Wagner²⁰⁷, em especial a tetralogia a ópera dos Nibelungos. Conectados nas discussões dos sites, sob a forma de textos e imagens, de vídeos e banners, revitalizam simbolicamente muitos dos elementos utilizados pelo nacional-socialismo e “menos gastas” que a suástica ou a cruz celta, ainda que estas também se façam presentes nos sites, que no entanto procuram demonstrar como estas “novas simbologias” ou este “novo resgate simbólico” podem irrigar a prática racista, direcionando o movimento.

Na presente análise rejeitei, ainda, uma explicação meramente psicológica para perceber como essas escolhas são produzidas pela vida social, enquanto, em seu campo de lutas, os racistas criam identidades para si e para seus inimigos. Neste processo, em que se aproximam e se distanciam de seus ancestrais, ora apenas europeus, ora também iranianos, hindus e egípcios, os racistas vão revelando o nexos sutil que há entre o “dito e o feito”, entre a prática ritual de atos de ódio e ativismo político e re-elaboração de mitos nórdicos de centenas de anos. Esta idéia se relaciona diretamente ao conceito operacionalizado por Tambiah, a denominada “abordagem performativa e semiótica” dos rituais (1985, p. 123-166). Neste pressuposto os rituais devem ser abordados analiticamente como um processo que permite uma restauração da ordem institucional da cultura que os desenvolveu, ainda que se relacionem a temas de grande conflito. São partes inerentes, portanto, de um modo de funcionamento social que está para além deles. Para Tambiah os rituais devem ser abordados como sistemas simbólicos de comunicação²⁰⁸ nos quais encadeamentos ordenados de palavras e atos se articulam para estabelecer determinados graus de cerimonial, solenidade, estereótipo, adensamento e redundância. O “dito” e o feito dimensionam a condensação de sentidos e revelam o universo simbólico no qual são produzidos. A produção dos sites e o diálogo entre participantes dos fóruns são elementos que auxiliam no descortinar destes sentidos e de sua eficácia: servem para produzir, legitimar e reproduzir o discurso racista, e atuam, portanto, em dimensões culturais, políticas e ideológicas. Nos sites os diversos signos utilizados servem para organizar e dar sentido “a um mundo naturalmente hierárquico”, no qual o elemento “raça” serve como índice máximo. É preciso observar tais rituais (inclusive, repito, a

²⁰⁷ Além da bibliografia acerca do músico disponibilizada no final do presente texto, uma grande fonte foi o site <http://users.belgacom.net/wagnerlibrary/prose/wlpr0063.htm>

²⁰⁸ A abordagem semiótica dos rituais fundamenta-se em três aspectos principais: a análise dos rituais deve levar em conta sua eficácia (cumprem eles, ou não as funções sociais para quais são propostos?), deve atentar para as diversas funções de cada ato ritual segundo os critérios de classificação dos atos lingüísticos apresentados por Jakobson (1965); e, ainda, levar em conta a classificação dos signos constitutivos do ritual, segundo uma das tricotomias apresentada por Pierce (1999), que divide os signos em ícones, índices e símbolos.

forma como são organizados e programados os sites) como manifestações discursivas, pois como escreveu Bateson, “todo comportamento é uma forma de comunicação”. Trataremos destes elementos a seguir, ao tentarmos elaborar, a partir destas premissas, como pensam os racistas.

5. LA PENSÉE NAZISTE

"Há de estar profundamente estabelecido, desde o início, que o mito é um sistema de comunicação, é mensagem."

Roland Barthes (1993, p. 200)

Como os homens pensam, elaboram seu mundo e a si mesmos? Como organizam suas narrativas a fim de constituir um discurso ideológico direcionado? Durkheim, problematizando a respeito da organização do pensamento humano e sua relação com as representações coletivas, via a importância de anotar esta organização não como a que se referia a “indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação” (DURKHEIM, 1912, p. 39). Ele afirmara:

[...] Elas correspondem às propriedades mais universais das coisas. Elas são como quadros rígidos que encerram o pensamento; este parece não poder libertar-se delas sem se destruir, pois não parece que possamos pensar objetos que não estejam no tempo ou no espaço, que não sejam numeráveis etc. As outras noções são contingentes e móveis; nós concebemos que elas possam faltar a um homem, a uma sociedade, a uma época; aquelas nos parecem quase inseparáveis do funcionamento normal do espírito. São como a ossatura da inteligência. [...] da mesma maneira que não estão ligadas a nenhum objeto particular, são independentes de todo sujeito individual: elas são o lugar comum onde se encontram todos os espíritos. (DURKHEIM, 1912, p. 513-516)

Essa “ossatura da inteligência” constituída pelas categorias constituídas pelos indivíduos sociais e produzidas por sua cooperação, permitem ao olhar antropológico ampliar a elaboração expressa em: como os homens pensam? no que pensam os homens? Desta ampliação, é parte a conduzida por Claude Lévi-Strauss quando pergunta: como os mitos pensam os homens²⁰⁹? Para o etnólogo estaria no mito, apreendido no inconsciente que o processa a chave para o entendimento do pensamento humano e da construção social das categorias. Meu objetivo aqui é, partindo das proposições de Lévi-Strauss e Barthes acerca de como os “mitos pensam os

²⁰⁹ A respeito da importância do mito no aparato nacional-socialista, em 1937, François Perroux já advertia: “um homem ou um povo é fortíssimo quando entre em luta armado de um mito” (PERROUX, 1937, p. 26). Para o autor, o mito “a representação motora da vida” permite, ao mesmo tempo “expressar o mundo e modificá-lo”. O autor indica que o povo germânico teria particular sensibilidade aos mitos, que associado a seu poder de conquista e sua lógica classificatória e organizadora teria criado, no nacional-socialismo uma forma de vivenciar mitos teutônicos. É preciso um certo cuidado com estas formações identitárias, porque pode se criar a exemplo dos racistas, que instituíram, segundo Hannah Arendt, um “judeu conceitual”, e criar um “alemão conceitual”. Há diferenças claras entre grupos e indivíduos que compõem esses movimentos, e não é um caráter aquilo que os une, mas uma certa fé na “existência de um sangue ariano”, como veremos a seguir.

homens”, pensar meus “nativos”: como os racistas pensam, e, finalmente, como os mitos se pensam nos racistas?

Para pensar a si mesmos, os meus “informantes”, em todos os sites, se valem do termo *raça*. Neste termo, biologizado por eles à exaustão por expressões que envolvem todo um léxico genômico (DNA, Mitocôndrias, gametas, células, núcleo celular, transmissão hereditária, entre outros) e amalgamado à idéia de honra, poder e supremacia expressos por uma condição de “sangue”, sangue “impregnado por um imaginário” específico (Héritier-Augé 1990; Héritier 1991)²¹⁰. É nos genes e no sangue (exteriorizados na pele, cor de olhos e cabelos,) que garantem à *raça* a sua materialização:

Pergunta: [...] meu primo tem **características genéticas** italianas e portuguesas, mas também indígenas (em pequena quantidade). Ele possui **pele branca** e tem características predominantemente européias, porém, sei que ele também possui **genes** provenientes dos povos indígenas, devido a impurificação de sua mãe.

Resposta: [...]a pessoa em questão seria 1/8 indígena, em geral os traços de miscigenação costumam aparecer até a 4ª ou 5ª geração, [...] só podemos considerar ariano o que apresentar menos de 32% de **material genético** não ariano. (V88)

Sou filho de brancos, neto de brancos, sou **caucasiano**, eu posso ter uma **mitocôndria** negra? ou talvez um **gameta** negro, ou **células** negras? (CORKUT - Poder Branco)

Não seria melhor pra humanidade evitar a reprodução de **genes** ruins (como os meus) e incentivar a reprodução de pessoas com **genes** bons? (CORKUT - Biologia vc Racismo) [negritos meus]

Raça é o conjunto de indivíduos que compartilham entre si as mesmas características **genéticas**, culturais e históricas. (v88)

Já ouvi falar muito disto.... Mas qual o tempo em que foram colonizadores??? Quantos anos e gerações? Sou mais branca que muitos que possuem o **DNA completamente ariano** ou nórdico, pois além de **meu sangue ser Cáucaso**, minha educação e cultura é mais ainda!!! [...] Já fiz minha árvore genealógica e sou a terceira geração nesse país!!! Tenho **sangue** de vários países da Europa, então 100% Europeu!!! (CORKUT - Orgulho Branco)

Entendemos por **RAZA** al conjunto de seres vivientes que se distinguen de otros por la posesión común de **características hereditarias determinadas**. Una comunidad de de **disposiciones hereditarias** propias, históricas, políticas, tradicionales y culturales fruto de una impronta **genética y biológica** no marcada por fronteras políticas si no raciales. (NON)

Quando pensam acerca desta materialização, nos sites, “imperava um direito de falar privilegiado ou exclusivo”, exercido exclusivamente pelos responsáveis pelos sites, comumente

²¹⁰ Héritier 1994) localizou em Aristóteles essa especificação: a mesma mecânica dos humores é utilizada para pensar as proibições internas da parentela de leite e – assimilando a palavra a um fluido, o sangue, dentro da parentela espiritual.

líderes de movimentos "que lutam pelos ideais da supremacia ariana" (EM, NA, V88), ou por combatentes destes movimentos, repetidamente para narrar como se descobriram portadores do "precioso sangue" (3W).” Mas, que sangue é este?

5.1 Sentidos do “sangue” nos sites neonazísticos, relações e representações a partir de uma lógica da “substância”?

“Um cidadão do Reich é somente aquele sujeito que é de sangue alemão ou aparentado e que, através de sua conduta, mostra que é tanto desejoso quanto apto para servir lealmente ao povo e ao Reich alemão”.

Lei de Cidadania do Reich, de 15 de Setembro de 1935

Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1995, p. 800), simboliza todos os valores solidários com o fogo, o calor e a vida, veículo da vida, expressa como sinal de fertilidade, abundância e felicidade, é a bebida da imortalidade, o veículo das paixões, veículo da alma. Para Juan Eduardo Ciriote (1984, p. 509), o sangue se vincula ao ferro, e, por isso, à força e à coragem. Teria um caráter vital, na alquimia, ele recorda, ele aparece quando a matéria passa do estado branco (albedo) para o vermelho (rubedo), passagem simbólica que o autor compara a história de Parsifal, cujas vestes são vermelhas. Na obra de Hans Biedermann (1993, p. 413), o sangue representa um papel maior nos rituais que nos simbolismos. Associado às runas, o sangue se reveste de poder mágico. O sangue é um elemento divino, nele residiria a força vital e na antiga doutrina dos humores corporais, é o que determinaria o caráter “sangüíneo”²¹¹, o sangue selava pactos rituais. Presente nos rituais e nos mitos neonazistas, o sangue ocupa um lugar cosmológico, no sentido que lhe dá Stanley Tambiah pois nele acontece “um sistema de

²¹¹ Os filósofos gregos da escola pitagórica imaginavam o universo constituído por quatro elementos: terra, ar, fogo e água, dotados de quatro qualidades, opostas aos pares: quente e frio, seco e úmido. A transliteração da estrutura quaternária universal para uma tentativa de compreender o funcionamento orgânico do ser humano originou a concepção dos quatro humores do corpo humano. O conceito de humor (*khymós*, em grego), na escola hipocrática, se referia a uma substância existente no organismo, necessária à manutenção da vida e da saúde e em *Das doenças* são definidos os humores como: sangue, a fleuma, a bile amarela e a água. Posteriormente, a água, que já figurava como um dos componentes do universo, é substituída pela bile negra. Nesta doutrina dos quatro humores, o sangue é guardado no fígado e movido ao coração, a fleuma, que abarca todas as secreções mucosas, provém do cérebro; a bile amarela é secretada pelo fígado, enquanto a bile negra é produzida no baço e no estômago. Galeno, no século II, ressaltou a importância dos quatro temperamentos, conforme o predomínio de um dos quatro humores: sangüíneo, fleumático, colérico (de *cholé*, bile) melancólico (de *melános*, negro + *cholé*, bile).

comunicação simbólica construído socialmente²¹²”. (TAMBIAH 1995, 131) Ao mesmo tempo substância e símbolo, o sangue operacionaliza uma integração, como pressupôs Tambiah nesta visão de cosmologia que pretende um encontro entre “o dito e o feito” e a “forma e conteúdo”, integração entre relato cultural e análise formal. Para entender este sangue, é preciso não se excluir a função da linguagem para representar a cosmologia (em que se incluem os mitos) nos rituais, mas enfatizar a linguagem como instrumento de ação social: nos sites, este sangue aparece sob diversas formas de linguagem: ele está na cor vermelha das páginas, nos botões e links que revestem os botões e banners, nas suásticas, sempre envolvidas em vermelho e portanto, ele é ao mesmo tempo, o mito traduzido no texto e nas imagens e uma escolha técnica de cor, que repetida site a site, Internet afora, inspira padrões ritualísticos. Nesse sentido, a construção de um site racista, a escolha das fontes, a presença da suástica, o debate direcionado para o medo da exterminação, para a valorização dos heróis e mitos, a escolha das cores e imagens que emoldurarão o mesmo podem ser lidos como “performatives”, no sentido que lhe dá Tambiah, por representarem também como formas de programação, links e formatação são escolhidas e usadas em preferência a outras, para dar conta da eficácia da ação ritual e de transmitir a mensagem “do sangue”.

A idéia do “sangue ariano”, denominado ainda de “precioso sangue”, “santíssimo sangue”, “sangue alemão”, “sangue nórdico” entre outras associações encontradas, que é discutida pela autora de *A Demanda da Raça, uma Antropologia do nazismo*, Cornelia Essner, inserida no "dogma racial nórdico" (ESSENER, 1995, p. 18), de Hans F. K. Günther, principal ideólogo do racismo nacional-socialista e antigo membro da "Liga para a Germanidade Pura". Günther, informa Essner, obteve uma articulação entre a ciência denominada por ele de "biologia social" às idéias que incorporavam princípios de eugenia. Nesta articulação, fundamentada na construção de uma categoria em torno da idéia mítica "do Sangue" (Blutmythos), por um "amálgama de símbolos emprestados" (ESSENER, 1995, p. 20), símbolos estes que resgatavam,

²¹² Conforme cita Mariza Peirano, traduzindo o autor: “O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como «performativa» em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz 'sim' à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como 'Brasil' o time de futebol campeão do mundo”. (PEIRANO, 2003)

inclusive, o dogma da transubstanciação católico, recusado pelo luteranismo alemão. O "Sangue Nórdico" restava como "portador da imortalidade simbólica" e o povo alemão lhe traria em suas veias. A carne e o sangue, nórdicos por herança, genética e ritual, se transubstanciavam na raça alemã, perpetuando-se. A luta dos arianos visava, portanto, a imortalidade, mas esta eternidade virtual só materializaria-se, no entanto, se "o Sangue" permanecesse puro: isto garantiria a evolução "da Raça" e "o Reich" seria a força transcendente que garantiria esta imortalização. Nas URLs pesquisadas, "o Sangue" verte no vermelho das suásticas²¹³ e por ele está disposto a morrer: "Ou o Estado nacionalista, ou nossos cadáveres"(RH, TV). É o sacrifício da carne, mantendo vivo o sangue. O novo Pão e o novo Vinho: a carne dos soldados e o sangue nórdico de suas veias. (Dias, 2006, p. 8)

Este "sangue", demarca sua "raça", oriundos de seus "genes", "células", "mitocôndrias", "gametas", é também receptáculo de todo um conteúdo imaginário: está presente também em seus "livros sagrados". No maior de todos, sem dúvida, *Minha Luta*, de Adolf Hitler, o termo sangue aparece 114 vezes, em setenta e seis reflexões. Algumas:

A Áustria alemã deve voltar a fazer parte da grande Pátria germânica, aliás sem se atender a motivos de ordem econômica. Mesmo que essa união fosse, sob o ponto de vista econômico, inócua ou até prejudicial, ela deveria realizar-se. **Povos em cujas veias corre o mesmo sangue devem pertencer ao mesmo Estado.**

"Menino de sangue alemão, não te esqueças de que és um alemão; menina, pensa que um dia deverás ser mãe alemã"

Só aquele que sente dentro de si o que significa ser alemão sem poder pertencer à pátria querida é que poderá medir a profunda ânsia que em todos os tempos atormenta aqueles que dela se acham possuídos e nega-lhes satisfação e felicidade até que se lhe abram as portas da casa paterna e no Reich comum o **sangue comum** torne a encontrar paz e sossego. (ML)

Importa ressaltar que esta discussão biologicamente erigida atualiza o discurso hitlerista de "sangue", explicando dentro de um léxico genômico, léxico que na contemporaneidade invade

²¹³ Em meu trabalho anterior, introduzi a simbologia da suástica: O símbolo da suástica (palavra originária do sânscrito "swastika") foi extensamente analisado por diversos autores: para Wilhelm Reich, revela o intercuro sexual, ao dispor duas figuras entrelaçadas, concorrendo para o efeito desejado pelo partido nazista como marca, influenciando a vida afetiva inconsciente das massas. Para Elias Canetti, a suástica bebe na fonte cristã, a noção de cruz (à suástica se denominou, também, cruz gamada), sua relação com força, sacrifício, castigo e disciplina. E também em seu vínculo com o sangue e diversas formas simbólicas a ele associadas. O Mito do sangue (*Blutmythos*) encontra na suástica a expressão imagética ideal: morrer em combate, pela cruz gamada, é preservar, pelo derramamento de sangue a força que garante a continuidade do "Reich", é neste sangue, por este sacrifício que "a raça ariana" se imortalizaria, recuperando seu "poder" intrínseco. Em geral, nos sites pesquisados, há grande destaque para a suástica: no site Revisão Histórica, por exemplo, ela é o único elemento revestido de cor, na página inicial. Uma moldura vermelha sangra no centro do pacto estabelecido pelos integrantes da foto.

o solo dos paradigmas. É dele que emanam as exegeses que dominam os discursos que, revestidos por uma cientificidade legitimadora, assumem a forma de verdades inquestionáveis. É também importante notar que eles defendem a honra deste “sangue”, desta “raça, destas “substâncias celulares” no ciberespaço, lugar em que nenhuma destas materialidades se faz presente e é somente seu discurso que a aparelha sob a forma de uma “substância”. Sangue e honra se complementam: é a honra que garante ao sangue a sua imortalidade e é na honra que o sangue revela a “superioridade da raça ariana”.

É importante notar, neste momento, que a validação da raça serve aqui para classificar, para estabelecer relações entre os elementos discursivos, traçando esta relação por um dispositivo: associa-se o léxico genômico a elementos biológicos como sangue, para referendar o discurso num sistema de representações: o sangue, no discurso racista, revisionista e neonazista ultrapassa a materialidade de elemento natural. Como escreveu Ovídio de Abreu Filho (1981, p. 137), o sangue é situado “num contexto de significados que o transforma em categoria de pensamentos, que articulada com outras, organiza uma forma de percepção social”. Quando os racistas se valem do sangue, centralizam nele a delimitação de uma substância racial, de uma hereditariedade vinculada a ancestrais nórdicos e proto-germânicos, a uma essencialização descritiva que emoldura pensamentos, caráter, traços físicos e psíquicos, disposições morais, é no sangue que se estabelecem as fronteiras identitárias entre “arianos” e “não arianos”, é nele que se preservariam a “sacralidade dos genes arianos” (STO), é nele que está o registro de seu teutonismo. É no sangue que está a substância que poderá se vincular ao Solo, um de seus lemas do nacional-socialismo era “Blut und Boden” (Sangue e Solo) e os sites reproduzem a idéia, o sangue corre nas veias dos “arianos verdadeiros” (NA), o solo será construído com a materialização de um “Espaço Vital Branco” (NA). É o sangue que precisa, no limite, de todo o senso de preservação, os menos radicais indicam: as raças podem colaborar entre si, mas nunca se misturar. A mistura, é antes de qualquer coisa, uma profanação do sangue. Para Cornelia Essner (1998, p. 20-25), esta articulação estaria alicerçada na idéia mítica “do Sangue” (Blutmythos), por um “amálgama de símbolos emprestados”, símbolos estes associados, inclusive, ao dogma da transubstanciação católico, abdicado pelo luteranismo alemão, que pelo National Socialismo é reaproveitado desta forma. Para a pesquisadora da Universidade de Berlim, o “Sangue Nórdico” era representado pela ideologia nazista como “portador da imortalidade simbólica”, sob a forma de uma força transcendente que garantiria esta imortalização. Essner denuncia o impacto do simbolismo do sangue para o National Socialismo, ao reproduzir um canto da SS:

Da terra goteja e queima
O velho sangue alemão; [...]
por Adolf Hitler combatemos,
por Adolf Hitler morremos,
pelo santo, santo Reich alemão.

O culto do sangue vinculava “o fluido honrado” a uma nacionalidade, nele estaria a “reliquia suprema do Reich”(Nar) e é representado no site como produto de um processo de consagração, de sacralização, que o vincula ao eterno e ao combate: “no sangue dos mártires do Reich, a força de nossa vitória hoje” (V88). Neste sentido, o sangue ariano é Eucarístico, se verte pelos arianos do mundo, em memória de seus antigos líderes. É desta forma que a morte dos líderes é lida nos sites, não como derrotas, mas como sacrifícios que garantem a durabilidade, inclusive a eternidade da sua causa, é no sangue dos mártires arianos que se perpetua a força restauradora da “nova nação”: a raça. “Nossa Nação é nossa raça”, define o Valhalla 88. E esta se inscreve no sangue, santificada pelo poder do sacrifício dos líderes nazis. O “sangue ariano” é imortal e garantia de imortalidade, a morte biológica não determina o fim do verdadeiro ariano, mas preserva o sacro de sua essência: “antes morrer do que misturar-se” (V88). É preciso matar para preservar o sangue, evitar que o “nobre líquido” (NA) se misture aos judeus e negros. Hitler afirma em *Minha Luta*: “o pecado contra o sangue e a raça é o pecado original deste mundo e o fim da humanidade que o comete”²¹⁴. As leis contra os casamentos inter-raciais eram “leis de Proteção ao Sangue”²¹⁵: a Lei para a proteção do sangue alemão e honra alemã se associava a Lei de Cidadania do Reich. Conhecidas como Leis de Nuremberg, a segunda classificava os judeus como cidadãos de segunda classe, enquanto que a primeira proibia o matrimônio entre judeus e não judeus. No texto da lei, a categoria sangue toma um lugar central:

Completamente convencidos que a **pureza do sangue alemão** é essencial à futura existência do povo alemão e inspirado pela determinação inflexível de salvaguardar o futuro da nação alemã, o Reichstag decidiu por unanimidade a seguinte lei, promulgada assim:

Seção 1

1. Ficam proibidos os matrimônios entre os judeus e cidadãos alemães ou de **sangue alemão**. Os matrimônios concluídos em desafio desta lei são nulos, até mesmo se, com a finalidade de esquivar desta lei, forem concluídos no exterior.
2. Os procedimentos para anulação só podem ser iniciados pelo promotor público.

Seção 2

²¹⁴ Versão eletrônica disponibilizada pelo e-mule. É necessário estar vinculado à rede e-mule e solicitar o texto.

²¹⁵ Acerca do processo que se conduziu pelo aparato jurídico no regime nazista rumo ao genocídio, uma das melhores fontes é *Justiça Nazi* de Richard Miller (1997).

São proibidas as relações sexuais fora do matrimônio entre os judeus e alemães ou **de sangue alemão. [grifos meus]**

Estas leis, também associadas à lei de Junho de 1935, que decretava a castração de homossexuais e a promulgada em Fevereiro de 1936, que impunha a esterilização de mulheres de mais de trinta e seis anos, compunham um grande programa de “ideologia médica” da NSDAP: o objetivo era fazer da saúde pública um reflexo da “pureza do sangue”: antecipava-se todo esforço eugênico: era preciso purificar o povo, garantir uma raça alemã, minimizar o “efeito judaico ancestral”, impor restrições de casamento, enfatizar que garantir uma “raça germânica” era garantir o fim de doenças hereditárias e mais: era garantir o próprio futuro alemão: uma raça forte que dominaria o mundo²¹⁶.

Nos sites etnografados “o Sangue Nórdico” retorna: verte no vermelho das suásticas, assegura relações simbólicas, valida a idéia de nação, define a raça: “é o nosso sangue que irrigará o mundo com a civilização” (NA). Neste sentido, sangue é a categoria distintiva de identidade, inclusive étnica, pois é no sangue que a expressão da “raça ariana” é “sentida subjetivamente como característica comum” (Weber, 1922, p. 267). Nas comunidades se defende que este sangue vincula os arianos por uma essência “espiritual, racial e cultural” (NA). É o sangue que faz da raça ariana a raça superior: em cultura, beleza e progresso (NA, V88, WAU, WP, WPS, etc). O discurso racista regula, seleciona, organiza, redistribui e articula poderes e perigos: a supremacia racial branca está no epicentro das discussões acerca dos poderes e a ameaça de sua extinção, em particular pela possibilidade de casamentos inter-raciais ou por adoção de crianças negras, emoldura as discussões a respeito dos perigos. O sangue se faz presente neste discurso dos perigos: é ameaçado na mulher pelo contato com o negro e o judeu, mas permanece intacto no homem que estabelece o mesmo contato. A ressonância hitlerista é clara, rememora suas palavras: “a razão pela qual todas as grandes culturas do passado pereceram, foi a extinção, por envenenamento de sangue, da primitiva raça criadora²¹⁷”,

²¹⁶ Acerca das leis que se desenvolveram para a saúde pública, na Alemanha nazista, há o excelente livro de Paul Weindling, (2004).

²¹⁷ Ainda do mesmo autor: “o ariano sacrificou a pureza do sangue, perdendo assim o lugar no Paraíso, que ele mesmo tinha preparado. Sucumbiu, com a mistura racial; perdeu, aos poucos, cada vez mais, sua capacidade civilizadora, até que começou a se assemelhar mais aos indígenas subjugado do que a seus antepassados e isso, não só intelectual como fisicamente. Algum tempo ainda, pôde fruir dos bens já existentes da civilização, mas, depois, sobreveio a paralisação do progresso e o homem se esqueceu de si próprio. É desse modo que vemos a ruína de civilizações e remos, que cedem o lugar a outras formações. As causas exclusivas da decadência de antigas civilizações são: a mistura de sangue e o rebaixamento do nível da raça, que aquele fenômeno acarreta. Está provado que não são guerras perdidas que exterminam os homens e sim a perda daquela resistência, que só o sangue puro oferece. [...] A história mostra que foi a germanização da terra, que os nossos antepassados promoveram pela espada,

escrevera o ditador. Note-se: é o sangue que assegura estratégias que buscam uma "simplificação" das relações sociais, no sentido em que Homi K Bhabha a utiliza, não como uma falsa representação da realidade, mas como "uma forma presa, fixa, de representação" (BHABHA, 1998, p. :17): vislumbra na idéia de raça um "lugar", dado por uma "natureza sábia" (V88), uma "realidade metassocial ou física (16) " e valida nos sites em questão, como diferenças "naturais e biológicas" (NA) entre os grupos sociais por ela definidos, diferenças estas que se estenderiam a partir de origens "genômicas" (NA, WAU, JNS, V88, SWP, 3W) a aspectos culturais, sociais, políticos, psíquicos, morais e comportamentais.

Esta "simplificação" é necessária para preencher a idéia de "raça" possibilitando-a como força articuladora de legitimações de sentido e justificativa primeira das práticas sugeridas pelos agentes, lhes emprestando o contorno que assegure a legitimidade e a reprodutibilidade que seu discurso crê como premissa. A força totalizante desta idéia de "raça" se materializa no "sangue", nele se inscrevem as representações necessárias ao discurso racista. Neste sentido, refletem um "conteúdo previamente conhecido e fixo" (BHABHA, 1998, p. 116), expresso por uma "essência particular, sujeita a certas regularidades que serão entendidas como regras ou leis da natureza" (CRAPANZANO, 1985). Para cada "essência particular", estereotipada numa "raça" existiria, advogam os sites em questão, um lugar "natural", no "nosso mundo naturalmente hierárquico" (NA). Esta raça emana do sangue, sua substância essencial.

A raça definidora da identidade étnica é, portanto, definida pelo sangue: é a demanda do sangue que aproxima e separa, que demarca a existência de uma pureza, da possibilidade de contato: "nós, portadores do sangue alemão, não devemos sujar nosso sangue nos relacionando com outras raças"(CORKUT - Orgulho Branco). "Sabemos que Ser Ariano é Sangue e Honra" (V88, NA, 14W, TV) afirmam os sites racistas, defendendo que o sangue é portador de uma identidade cultural, psicológica, um caráter e um espírito. Muitas passagens do Fórum do V88 pretendem elucidar a questão dos sangue, mais importante que a aparência externa, ou que qualquer outra característica:

Todas as pessoas de origem germânica possuíam alguma parcela de genes Nórdicos em seu sangue [...] Muitas pessoas cuja cor dos cabelos e olhos vêm do sul, ainda possuem a maior parte de seu sangue de ancestrais Nórdicos. E muitos... carregam seus cabelos claros e olhos cinzentos ou azuis apenas como uma máscara enganadora, pois seu sangue não possui traço algum de seus

a que nos trouxe proveitos, pois essa terra conquistada era colonizada com agricultores alemães, sempre que o sangue estrangeiro foi introduzido no corpo da nação, os seus desastrados eleitos se fizeram sentir sobre o caráter do povo, dando lugar ao super-individualismo, infelizmente ainda hoje muito apreciado." (ML)

ancestrais do Norte. O primeiro possui apenas a aparência do estranho e reteve seu sangue Nórdico. O outro é possuidor do sangue estranho e mantém sua face Nórdica como uma máscara ilusória. [...] Ha como saber através de un exame de sangue, se uma pessoa é realmente branco. [...] Nós já respondemos anteriormente que, caso alguém tenha uma fração insignificante de sangue não ariano, ou seja, menos de 1/30, por exemplo, não há motivos para que ele não seja aceito como branco em nossa causa, pois o fator de impureza é tão minúsculo que não representa nada. Porém aqueles com mestiçagem de 1/4 ou até mesmo 1/8 ou 1/16 ainda carregam significativa herança genética não ariana e, portanto não se enquadram num movimento que busca exatamente a pureza racial. Sem dúvida que vários indivíduos europeus carregam até hoje uma fração de sangue mongólico ou turco, herança das inúmeras invasões e conflitos que se deram naquele continente durante séculos, isto é especialmente verdadeiro com relação às populações eslavas, devido a seu posicionamento geográfico, sendo que os locais onde habitavam eram rotas de entrada dos invasores orientais na Europa. [...]

Exaustiva, a ideologia do sangue escreve sua própria Teologia, ao afirmar: “Il sangue”, “la razza” sono i valori naturali, assoluti, che devono regolare i rapporti tra gli uomini, sia come individui sia come popoli²¹⁸” É importante observar que o discurso de grupo étnico agora adiciona a seus valores os genômicos, pretendo dialogar com a ciência do tempo presente, ou manipulando seu léxico, porque ainda que distante dos verdadeiros conceitos e conclusões das descobertas genômicas, que confirmam a inexistência de raças humanas, utilizam termos que enfatizam aspectos biológicos. Esta primeira operação ideológica de biologização das diferenças entre humanos é uma vertente que se acentua no moderno discurso racista: o sangue usurpa o lugar que era da língua, também porque agora é preciso unir todos os “arianos” e, necessariamente eles não serão todos germânicos, ainda que possuidores do sangue germânico (V88), mas, principalmente, porque levar a discussão para caminhos que se pretendam “biológicos e, portanto, científicos” (NA) é uma forma de emoldurar o discurso com um aparato do que se pretende por verdade incontestável: “é ciência, ora” (CORKUT - Quero ter 4 filhos loiros). Esta biologização da técnica é inseparável da ideologia étnica e formata o discurso racial, porque considera a biologia como explicação última: toda a experiência comunicacional no domínio da informação midiática dos sites abordados acentua esta perspectiva.

Como afirmaria Michel Foucault (1992), surge, nitidamente, a “articulação entre os dois eixos de orientação do biopoder que se desenvolve a partir do século XIX: o investimento político na vida e na qualidade de vida das populações”, que para os racistas significa investir

²¹⁸ "O sangue", " a raça" são os valores naturais, absolutos, que devem regulamentar as relações entre os homens, seja como indivíduos, seja como povos". (GALLI, 1989, p. 105). A tradução é minha.

politicamente em sua luta segregatória e complexificar sua sede de separar-se por uma qualidade de vida maior. Aqui se nota claramente, uma das idéias centrais de Abner Cohen (1978), explicitada na afirmação de que a relevância do símbolo não está em seu significado intrínseco e sim no fato de que ele seja acionado para situar uma diferença ou contraste. É no sangue que “a força ariana” delimita tanto aspectos físicos, quanto morais ou culturais. A noção de sangue transmite uma disposição, determinando qualidades não físicas específicas, inclusive critérios de avaliação moral, assegurando a supremacia que é “natural da civilização ariana, afinal nenhuma raça evoluiu sem o contato com ela” (V88).

Para pensar como este “precioso sangue” valida para os informantes esta bi-dimensionalidade que abarca substância e imaginário, numa proposta que implique “levar a sério” a maneira como este é caracterizado por eles, muito mais do que definir sangue como tecido conectivo ou identificar o nome de suas células²¹⁹ é preciso perceber, inclusive como eles miram os que não partilham esta visão de mundo, em sua incompreensão. Também não procuro exatamente, parafraseando Evans-Pritchard, apontar para uma idéia da função social do sangue: “o sangue é onipresente. Ele desempenha um papel em todas as atividades da vida neonazista [...]. É um tópico importante de vida mental [...]; sua influência está claramente estampada na lei e na moral, na etiqueta e na religião; ele sobressai na tecnologia e na linguagem. Não existe nicho ou recanto da cultura neonazista em que não se insinue²²⁰. Importa-me, muito mais, entender qual lógica social, como a descreve Bruno Latour, é postulada na idéia de sangue, “um conhecimento preciso da sociedade e das associações que ela estabelece para se construir” (LATOURE, 1983, p. 211, 215), e, portanto, espero problematizar a questão do sangue nas revelações inscritas nos próprios sites: “[...] uma informação pode automaticamente obliterar outra. Não se trata de escolhas. Os efeitos são embutidos na informação” (STRATHERN, 1999, p. 75).

Interessa-me, portanto, mais que a “ideologia consciente” como escreveu Michael Taussig (1987, p. 344) “o conhecimento social implícito”, que “faz as pessoas se moverem, sem saber exatamente porque ou como, aquilo que torna o real, real e o normal, normal, e, acima de tudo,

²¹⁹ Note que qualquer tentativa de interpretar este uso do “sangue” sem partir do próprio conteúdo simbólico dos meus informantes seria tomar as crenças e os valores de uma cultura particular (América do Norte e Europa Ocidental) como único parâmetro possível para problematizar a questão e definir para toda a humanidade uma única forma de abordar o tema, portanto seria validar, mais uma vez e etnocentrismo (Schneider 1984)

²²⁰ Refiro-me à citação de Evans-Pritchard citada na interessante discussão de Emerson Giumbelli em seu artigo *Os azande e nós: experimento de antropologia simétrica*, cita: “A bruxaria é onipresente. Ela desempenha um papel em todas as atividades da vida azande [...]. É um tópico importante de vida mental [...]; sua influência está claramente estampada na lei e na moral, na etiqueta e na religião; ela sobressai na tecnologia e na linguagem. Não existe nicho ou recanto da cultura azande em que não se insinue.” (EVANS-PRITCHARD, apud GIUMBELLI, 2006, p. 49).

aquilo que torna as distinções éticas politicamente vigorosas”. O universo neonazista que eu contemplei nestes sites e que vi mover internautas em discussões em comunidades e fóruns e, os mobilizar em crimes de ódio, posteriormente autuados nos sites dos Tribunais, se preocupa de maneira evidente com o imaginário tanto na relação que vincula conhecimento, poder e identidade. É “ariano” quem tem “tem sangue ariano” e este sangue o levará, dentro deste “conhecimento social implícito”, a buscar conhecimento a respeito da história de “sua raça”, tanto em textos fundadores como os *88 preceitos*, as *14 palavras*, os *14 porquês*, como no *Diário de Turner* e em *Minha Luta*, como na mitologia teutônica, mas, estará também neste sangue, advogam os sites, quaisquer que sejam os caminhos que escolham para a sua luta política (o caminho das células, dos movimentos, do lobo solitário, das mulheres da WAU), aquilo que estabelecerá as distinções de comportamento que os marcarão e demarcarão. Nestas distinções, como escreveu Bourdieu, se imprimem a matriz do habitus, a “necessidade interiorizada e convertida em uma disposição que gera práticas significantes e percepções significadoras; é uma disposição geral de transferência que leva a cabo uma aplicação sistemática, universal - além dos limites do que foi diretamente apreendido da necessidade inerente nas condições de aprendizagem” (BOURDIEU, 1979, p. 170) e por isto entendo que nos sites neonazísticos o sangue se inscreve, também, como capital simbólico²²¹ e, portanto, delineia o olhar estético do habitus e estrutura o que este demarca como prestígio. É “no sangue ariano” que está a necessidade de “não se contaminar”, de “preservar, a qualquer custo e preço, o seu povo e a sua raça” (NA, V88, STO, WPS, RIn, HER, RTB, NON, SGC). No sangue, o capital simbólico traduz vontades, ele direciona “o instinto”, um “verdadeiro ariano” segue a “ordem da natureza” para “preservar sua raça”, afirma David Lane no princípio de número 30. Nestes instintos estão gravados: o amor a própria raça, uma repulsa “natural” à homossexualidade, a atração erótica pelas fêmeas da raça branca, afirma o mesmo autor, em outros momentos, no mesmo texto.

É nesse sangue que se garante uma forma particular de ver a vida “percebida de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e divisão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produtos das incorporação

²²¹ Bourdieu (1979) conceitua capital como um conjunto de “recursos e de poderes efetivamente utilizáveis”. Este pode se dimensionar, no interior do campus, pela prática do habitus, de formas distinta: o capital social seria, ainda, o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-conhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.” (BOURDIEU, 1998, p. 67).

das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, de estruturas de distribuição do capital do campo considerado. [...] O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento (BOURDIEU, 1997)". É no "sangue alemão", "teutônico", "germânico", "ariano" que se produz, legitima e reproduz a dominação e a superioridade da raça e determina seu "poder de distinção" (BOURDIEU, 2001, p. 146). Ele é imortal e, segundo Hitler, reaparecerá para efetivar seu plano de ação: "pode então acontecer, que, no decorrer da sua história, um povo entre em contato duas vezes e mesmo até mais com a raça de seus antigos civilizadores, sem que seja preciso existir ainda uma reminiscência de prévios encontros. O resto do antigo sangue dominador se encaminhará inconscientemente para o novo tipo e a vontade própria conseguirá então o que, a princípio, só era possível por coação. Verifica-se uma nova onda civilizadora que se mantém, até que os seus expoentes desapareçam por sua vez no sangue de povos estrangeiros". É no sangue que reside a conexão entre história e memória, fortalecida pelo poder "mágico" deste sangue, para restaurar, agregar, civilizar, vencer, tornar heróico, garantir proteção.

É o sangue que permite que a raça ariana seja "a portadora da evolução natural" e é ele que está ameaçado de extinção:

Mas algo que ninguém enxerga e o fato de que infelizmente a "minorias" racial é a Raça Branca. (MCR)

Junte esta tendência ameaçadora²²² com o fato de que a taxa de nascimentos Brancos está agora abaixo do nível de reposição e você verá que o uso do termo genocídio não é exagero ou hipérbole. [...] quando você comete o crime da mistura racial, você está participando em um genocídio. O provável efeito e possível motivo para seu ato é trazer ao mundo jovens híbridos, que não serão claramente nem de uma raça ou de outra e que irão, por sua mera existência, aumentar a probabilidade de futura mistura racial e diluir tanto o pool genético quanto o senso de identidade da próxima geração de crianças Brancas. (NA)

Como podem nos chamar de maioria se somos apenas 2% de toda população do mundo? (CORKUT – Branco é Lindo)

Embora em menor número, se definem superiores. Para problematizar esta questão é preciso, acredito, considerar as relações que estabelecem com outras "raças" e o estado em que se encontram: imaginam-se proibidos, ameaçados, silenciados, coagidos, perseguidos, difamados, mas ainda, assim, sempre vitoriosos. Os oito mil sites do tema (a grande maioria mirror dos 500 principais, dos quais os dez maiores são utilizados neste texto), as dezenas de comunidades em redes sociais, como o Orkut, o MySpace e a Second Life, linkam-se entre si, denunciando uma

²²² O casamento inter-racial.

perseguição ao seu “essencial direito de expressão (NA)” e apontam outros enlace para websites, comentando-os. O movimento burguês, pretendem eles, foi criado, mantido e dominado pelo judaísmo e os persegue, os calunia, distorce toda verdade, pretendendo exterminar esta minoria branca:

No importa donde miremos, en torno nuestro no vemos sino el caos. Nuestra Raza presa de tendencias disgregadoras en todos los terrenos. Un pueblo enfrentado en sí mismo, una burguesía que ha abandonado todos los elementos que la definían como Blanca, gobiernos que a veces se dicen de izquierdas para hacer políticas sociales y antiobreros totalmente capitalistas y a veces de derechas para practicar políticas antinacionales de izquierda. [...] Tenemos como Hombres Blancos el deber de defender la continuidad histórica de nuestra Raza, la supervivencia de nuestro pueblo y nuestra cultura. Para eso tenemos que plantearnos una alternativa política y social. [...] Hay que proteger la dignidad de nuestra RAZA. [...] Reconocemos el derecho y el respeto de las culturas y Tradiciones populares de cada zona como una forma de enriquecer el todo común de la misma manera que rechazamos el empleo, la manipulación e incluso la creación de falsas tradiciones empleadas para la división de la Raza Blanca. Así se podrá reconstruir una Raza Solidaria, respetuosa con las tradiciones locales pero afirmadora de los puntos comunes que la han mantenido o deben mantenerla unida pero que aparecieron ya antes, desde los Indoeuropeos, celtas, galos, vikingos, griegos, romanos, en el reino gótico y en los reinos cristianos y europeos (NON)

Ao passearmos por esta amostra do pensamento racista, disponibilizado nos sites não queremos nos deter apenas na análise de seu discurso. Para ampliar nossa observação, deixemos-nos levar pelo uso, cada vez mais intenso e complexo, que fazem das tecnologias digitais. Os sites utilizam-se de animações, de imagens, disponibilizam cartazes e adesivos para divulgação, fornecem jornais, livros, boletins, informam e descrevem reuniões, doutrinam, permitem fóruns. É possível, inclusive, acessar a música das bandas nazis, no formato mp3 (que permite compressão e velocidade de download) e também suas letras. A música abaixo faz referência às 14 palavras, é de autoria de Ian-Stuart e cantada pelo grupo espanhol 14 palabras:

Cuanto tiempo hemos perdido
tiempo que nos dar la raz n
cuando te veo seguir adelante
me llenas de orgullo y raz n
la llama siempre arde en tu coraz n
14 Palabras que nos marcaron el destino
14 Palabras Sangre y Tierra tu camino
14 Palabras que nos han hecho reflexionar
14 Palabras por las que siempre hay que luchar
Demuestra ser hijo de Espana
y no cambies tu camino
si no luchas por tu pueblo

eres polvo en el camino
demuestra ser hijo de Europa²²³

As catorze palavras se associam também às datas das *Leis de Proteção do Sangue Alemão* e a conceitos de tempo e espaço mitificados. Os quadros de temporalidade distintos, que surgem nos sites e nos discursos de seus participantes, por meio de abordagens narrativas, míticas, ou de constituições que se pretendem históricas, gerando novos sentidos de tempo: meus informantes se referem a um amanhã racial, a uma história da Vida humana na Terra, a uma história da raça branca, há uma contagem de tempo específica. Ao lado de expressões e saudações peculiares ao pensamento racista, enunciações temporais são utilizadas para agregar polissemias. Na página inicial do site “Revisão Histórica”, uma frase atribuída a Hitler convoca seguidores: “Amanhã encontraremos o Estado Nacional Socialista ou os nossos cadáveres”. Embora o site fale de duas alternativas para este amanhã mítico, o discurso racista constrói a idéia de que apenas um amanhã é possível:

Cada um de nós é membro da raça Ariana (ou Européia), (...) e **desenvolveu suas características** especiais ao largo de milhares de anos, (...) a fez **avançar pelo seu caminho evolucionário**. [para] (...) sobreviver a um inverno requeria planejamento e autodisciplina, avançaram mais rapidamente no desenvolvimento de suas faculdades mentais mais elevadas -- incluindo as habilidades para conceptualizar, resolver problemas, fazer planos para o futuro e adiar a gratificação -- do que aqueles que permaneceram em um clima relativamente invariável dos trópicos. [as] **as raças variam hoje em suas capacidades** para construir e manter uma sociedade civilizada e, mais em geral, em suas habilidades para ter uma mão consciente à Natureza na tarefa da evolução. (...) somos conscientes de nossa própria natureza e nossas relações com o resto do mundo, nós temos uma inevitável hierarquia de obrigações e responsabilidades. **A natureza tem refinado e polido as qualidades especiais corporizadas na raça Ariana** para que pudéssemos ser mais capazes de cumprir totalmente a missão que nos foi designada. (...) **Finalmente, nós temos uma responsabilidade com nós mesmos de sermos os melhores e mais fortes indivíduos que possamos ser. Nós nos vemos como parte da Natureza, sujeitos às leis da Natureza.** Nós reconhecemos as desigualdades que se produzem como conseqüências do processo evolucionário e que são essenciais ao progresso em cada esfera da vida. Nós aceitamos as responsabilidades como homens e mulheres Arianos de lutarmos para o avanço de nossa raça **a serviço da Vida e de sermos os instrumentos mais adequados que possamos ser para esse propósito.** (NA) [negritos nossos]

Há uma luta para manter a própria natureza num estado evolucionário e hierárquico (estabelecida por uma hierarquia entre raças), luta esta construída de maneira hierárquica

²²³ A música pode ser ouvida e gravada em <http://www.mp3-download-lyrics.com/music/14-Palabras/Ian-Stuart-R-I-P-.mp3>

(diferentemente para homens e mulheres) para garantir às “desigualdades que se produzem como conseqüências do processo evolucionário” (portanto absolutamente naturais e legítimas), o seu direito de se reproduzirem desiguais. Este direito se coloca “a serviço da Vida” e neste sentido pretende-se o “ariano” como “um instrumento” que serve a tal “propósito”. O discurso fala de uma “Vida” que “deseja a si mesma” e que em seu desejo “hierárquico” utiliza as “desigualdades naturais entre raças” para atingir seu êxtase evolucionista²²⁴. Neste êxtase participam “homens e mulheres arianos”, necessariamente nesta ordem, não como sujeitos desta “vida hierarquizada”, mas como objetos desta, reificados por uma vida imersa em fetichismo. A eles, guerreiros e mães, cabe o dever de preservar o futuro, a criança branca. "Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas!" Estas 14 palavras, construídas por David Lane²²⁵, se repetem em praticamente todos os sites e adquire a forma de mantra.

A defesa desta criança, portadora do futuro, se aloja na pauta de discussão acerca do quadro de temporalidade construído por meus informantes, um quadro que é ao mesmo um tempo e um lugar: a criança branca. Esta criança é o único futuro possível, o único por quem morrer e pelo que lutar e deverá, segundo nos informam os defensores da ideologia racista na Internet, ser preservada a qualquer custo. Ela, o único amanhã possível, nos adverte: enquanto este amanhã não chega, é noite e há luta: contra negros e judeus, que ameaçariam a raça branca de extinção. Na comunidade do Orkut “Eu quero ter 4 filhos loiros”, um membro se destaca: num tópico acerca da possibilidade de se construir uma “escola branca” para os filhos desejados pelos membros de tais grupos, Cezar se posiciona da seguinte forma:

²²⁴ Esta concepção sociobiológica, segundo Donna Haraway baseia-se numa visão informatizada dos corpos, que ela denomina visão high-tech do corpo. (HARAWAY, 2000, p. 81)

²²⁵ Membro da Ordem, grupo neonazista americano, David Lane cumpre prisão perpétua por sua participação no assassinato de um comentarista de rádio judeu em Denver. (GOODRICK-CLARKE, 2004, p. 68).

Figura Vinte e dois

Post em Tópico na Comunidade do Orkut “Eu quero ter 4 filhos loiros”



27/01/2006 17:20
Essa idéia já foi pensada por muitos.

A idéia é ótima, mas o problema é que nossos inimigos temem demais que nos organizemos.

Por isso teríamos que enfrentar grandes barreiras para colocar em prática esse projeto.

[Cezar](#)

No perfil em que Cezar se descreve, ele inclui uma saudação: “14 Ieri, oggi, domani, per sempre.” Esta saudação ao catorze, se refere às 14 palavras de David Lane e é muito presente nas saudações entre racistas no mundo digital, quer em fóruns ou em comunidades virtuais. Em dois testemunhais a ele oferecidos por amigos aparece a saudação clássica do ciberracismo: 14/88. O catorze se refere também as datas das leis de proteção ao sangue, promulgadas pelo partido nazista e o 88 é a forma digital da saudação HH (o número 8 substitui a oitava letra do alfabeto), que significa Heil Hitler, usada para reverenciar o líder nazi. Demarcações de tempo emprestam sentidos ao discurso racista na rede, o futuro acontecerá de qualquer modo, porque está decidido na história da raça ariana. Esta maneira bastante peculiar de pensar a história, vê todo sentido da existência como que se voltando para permitir a “natural dominação ariana do mundo”(V88, WPS). Tal modo de ilustrar um quadro temporal recorda a observação de Norbert Elias: “a maneira como os homens vivem o tempo nas sociedades rigorosamente disciplinadas em matéria temporal constitui um exemplo, dentre muitos outros, de estruturas de personalidade que, por mais que sejam adquiridas, nem por isso são menos coercitivas de que as peculiaridades biológicas” (1998, 7). A coerção que tal quadro de temporalidade, presente nas narrativas de seus participantes, nas imagens míticas e simbólicas por eles utilizadas e na própria maneira como pretendem construir sua historiografia (inclusive negando, por exemplo, o holocausto como verdade histórica) exerce sobre os membros destes grupos é intensa: “o tempo é nosso aliado, na reconstrução deste novo mundo branco” (NA, SGC, KKK). Em um outro tópico, na comunidade orgulho branco, um internauta, que posteriormente se excluiu do orkut e por isto aparece como anônimo, escreveu:

A Todos os Brancos do Mundo 26/06/2006 07:44. Sim, quer gostemos ou não, hoje em dia estamos imersos na principal revolução mundial que constitui um ponto de mudança primordial na história humana e o resultado será uma catástrofe de proporções gigantescas ou na introdução de uma nova era da grandeza e do bem estar da raça humana. Não apenas o curso da raça humana será afetado de forma drástica, mas o ambiente em que vivemos também. Mas isso dependerá da vitória de algum dos lados. Se as forças malignas constituídas

pelos judeus forem vitoriosas, o futuro da humanidade será domado mais dez milhões de anos da pobreza, da miséria e da bestialidade, isso seria uma situação da qual não haveria nenhuma reversão aonde poderíamos nunca recuperar. Se por outro lado, a vitória for da Raça Branca, conduzidas pelo programa e pela visão do Movimento Criador, teremos um mundo bonito e brilhante emergindo. Será um mundo de uma grande beleza, um mundo de avanços, do bem estar cultural, econômico e genético. O resultado meus caros Camaradas Raciais Brancos, depende de como nos esforçamos para nos conduzir a vitória.

Uma nova era, de milhões de anos está sendo criada, escrevem os racistas na Internet. Enquanto escrevem, desenvolvem um tempo mítico, racializado. Este tempo parece dialogar com a construção do denominado "tempo profundo", conforme a expressão cunhada por John McPhee (MCPHEE, apud GOULD, 1991, p. 13-39) e citada por Stephen Jay Gould: após a descoberta, pela geologia de que a história da terra abarca bilhões de anos. O tempo racializado desta forma tem milhões de anos. O “deep time” que se distingue radicalmente do tempo histórico, ao qual está habituada a sensibilidade humana, não gera apenas uma marca quantitativa, mas qualitativa: balizado na argumentação freudiana²²⁶ que reveste todas as grandes revoluções na história da ciência por um destronar sucessivo da arrogância humana de um pilar após outro da “nossa segurança cósmica”.

Gould pontua, ainda, que a grande omissão da lista freudiana é a referência à principal contribuição para esta mesma seqüência pela geologia e pela paleontologia, a história da Terra deixa de seguir um paralelismo à história humana²²⁷. O interpretar o mundo físico perderia, portanto, o sentido de existir em função do ser humano. No sites racistas esta forma de se interpretar o mundo se mantém, todo processo evolucionário se deu por eles, para eles e agora, finalmente, por meio deles. A passagem do tempo, escreveu Gould, é a matriz na qual toda a vida humana está imersa e se constitui numa complexidade “interpretada das mais diferentes maneiras por diferentes culturas”, que se serviram da unicidade e da legitimidade para dar sentido a suas abordagens temporais. Partindo desta idéia central, Gould esculpiu duas imagens, a de “seta do

²²⁶ Gould comenta três observações de Freud. A primeira se refere à idéia medieval da Terra, como centro do universo até que Copérnico, Galileu e Newton identificaram-na como sendo um pequeno satélite de uma estrela marginal. A segunda se refere ao conforto que a Igreja desejou manter por meio do dogma que asseverava ter Deus escolhido esta localização periférica para criar um organismo único, feito à Sua imagem — derrubado no momento em que Darwin nos relegou a “meros descendentes do mundo animal”. Finalmente, a certeza da racionalidade humana é questionada por Freud, quando a psicologia descobriu o inconsciente.

²²⁷ A Terra existe há bilhões de anos, remontando no tempo ao momento em que se deu a expansão do universo visível no espaço. Os paleontólogos revelaram que a existência humana preenche apenas um momento microscópico do tempo planetário, com seus 200 mil anos, uma polegada ou duas da milha cósmica, um minuto ou dois do ano cósmico.

tempo” e de “ciclo do tempo”, para ilustrar como culturas diversas deram sentidos à “natureza da história”. (GOULD, 1991, p. 22) A primeira presumiria uma forma de conceber a história como uma “seqüência irreversível de eventos que não se repetem”, a segunda pensaria os eventos inscritos em ciclos, como “estados fundamentais no tempo: sempre presentes e jamais se modificando”. É interessante observar como nos sites racistas, a história é contada como seta, por preencher o desejo da Vida que escolheu os arianos para realizá-la, sem deixar de ser imaginada, em alguns momentos, como ciclo, porque os inimigos ressurgem, de tempos em tempos, para ameaçar a nova era que ainda não chegou:

Infelizmente, **desde o fim da Segunda Guerra Mundial** nenhum governo Branco tem estado sob o controle de homens Brancos com nossos valores e nossa ideologia. Os governos Brancos em toda parte são terminalmente corruptos, dirigidos por colaboradores dos Judeus. Portanto, nenhuma solução para nosso problema demográfico pode ser implementada -- e **nenhum futuro para nossa raça pode ser assegurado, até que nós recuperemos o controle de nossos governos**. Nosso programa, portanto, deve ter como uma de suas metas a obtenção do poder governamental. Nada menos do que isto pode ter qualquer significado a longo prazo. [...] O processo é inerentemente instável e nada que os inimigos de nosso povo possam fazer reverterá isto. Sua estrutura de poder irá continuar a se tornar cada vez mais e mais patológica, se não fisicamente débil, em todos os seus elementos e mais e mais membros do público Branco irão receber nossa mensagem com simpatia. (NA, V88, grifos do autor)

A “seta do tempo” da história racializada nestes sites e comunidades aponta para um futuro assegurado. Em outro ponto de sua obra, o livro *Milênio em Questão*, Gould retoma a supracitada classificação, justificando a polarização da mesma por meio desta dicotomia seta e ciclo, concordando com Claude Lévi-Strauss quanto ao fato de que a dicotomização trataria de “um mecanismo inerente ao funcionamento do cérebro que como uma percepção válida da realidade exterior (GOULD, 1999, p. 29)”. Para Gould, é a cultura ocidental que permitiu a diferenciação da forma de percepção da história entre setas e tempos, ou seja, entre “seqüências inerentemente direcionadas e seqüências previsivelmente recorrentes” (GOULD, 1999, p. 30). Segundo Gould, a cultura ocidental precisa das setas para que os eventos contêmham uma história significativa e apontem dias melhores e necessita dos ciclos para que esse “amontoad de eventos” inspire alguma espécie de padrão. É da noção de “esperança e ordem” que emergiria, portanto a nossa concepção ocidental de história. É possível perceber no discurso dos sites racistas que o sentido de esperança e ordem servem a uma lógica racial, que “fatia o tempo”, “industrializando” um calendário de ódio, revelando, por meio destas construções simbólicas,

como diversos quadros de temporalidade podem criptografar significados, elaborar anseios e legitimar ações. Este tempo é também um lugar: o futuro, a criança branca: aonde quer que ela esteja, ela um dos “4 filhos loiros” necessários segundo os sites para repovoar o “mundo branco”, deve ocupar os lugares mais adequados, no planeta, à sua sobrevivência: segundo o Valhalla 88 “os Brancos viveriam nas zonas temperadas da América do Norte e América do Sul”. Ainda segundo os sites neonazi, são descendentes “das antigas tribos que se originaram numa região ao sul do que hoje é a Rússia, há cerca de sete ou oito mil anos atrás e se expandiram por toda a Europa no curso da história”. Hoje, por força do “grande plano sionista” de “destruição dos arianos” se viram forçados a estar em toda parte. Por isso, desacreditam de toda construção nacionalista: “ Nossa Nação é nossa raça”, repetem mais de cem vezes os sites pesquisados. A imigração segundo o National Alliance, coloca em risco o lugar branco:

Homens e mulheres Brancos se encontram no mundo como uma minoria cada vez mais decrescente; enquanto as populações Negras e Marrons estão crescendo continuamente, as populações Brancas quase em toda parte estão, no melhor dos casos, estáticas. Além disso, há uma imigração cada vez maior de não-Brancos em áreas anteriormente Brancas, acompanhada de miscigenação em uma escala maciça. (NA)

Para o site National Alliance é preciso construir um lugar branco físico. O site afirma:

Em tempos mais saudáveis espiritualmente, nossos ancestrais tomaram para eles as partes do mundo que eram mais apropriadas em clima e terreno para nossa raça: em particular, toda a Europa e as zonas temperadas das Américas, sem mencionar a Austrália e a ponta do sul da África. Esta era a nossa área de existência e nossa área de procriação e ela deve portanto, voltar a ser de novo. Depois que a doença do "multiculturalismo", que está destruindo a América, Grã-Bretanha e todas as outras nações Arianas nas quais isto está sendo promovido, quando ele for varrido, nós deveremos novamente ter uma área racialmente limpa da terra para o desenvolvimento futuro de nosso povo. Devemos ter escolas Brancas, áreas de lazer e bairros residenciais Brancos, lugares de trabalho Brancos, fazendas e campos Brancos. Não deveremos ter não-brancos em nosso espaço vital e nós devemos ter espaços abertos ao nosso redor para expansão.

Nós faremos tudo o que seja necessário para conseguir este espaço vital Branco e para mantê-lo Branco. Nós não nos deteremos pelas dificuldades ou pelas experiências desagradáveis envolvidas, porque somos conscientes de que este espaço vital é absolutamente necessário para nossa sobrevivência racial. A tendência demográfica a longo prazo em direção a um mundo mais escuro, que as desastrosas políticas do século passado causaram, não deve ser somente detida; ela tem que ser revertida. (NA)

O site, portanto, defende a idéia de que em “tempos mais saudáveis espiritualmente” os lugares eram diferenciados pelo estatuto da raça. Nesse sentido, vincula-se a possibilidade de um novo tempo “mais espiritualmente saudável” à organização, manutenção e expansão deste espaço. Ao contrário, O Valhalla 88 esclarece acerca de sua abordagem quanto ao espaço demográfico: “um ariano é ariano, desde que aja como tal, em qualquer lugar do mundo, seja na Noruega, seja no nordeste do Brasil, ou na República Democrática do Congo.” Neste ponto as discordâncias se calam: é interessante notar, em todos os sites, portanto, a descrição da dupla natureza ariana, a primeira biológica, demarcada pelo sangue, a segunda, comportamental, averiguada pelo habitus, pelo estado psíquico. Este é o “lugar ariano” legítimo, no qual raça (e portanto sangue) e habitus (e portanto o “viver como ariano”) se integram. A recuperação dos lugares “anteriormente brancos do nosso povo” (NA), revela reminiscências hitleristas: é preciso recuperar o continente: “a América do Norte, cuja população, decididamente, na sua maior parte, se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a América Central e do Sul, onde os imigrantes, quase todos latinos, se fundiram, em grande número, com os habitantes indígenas” escreveu Hitler em *Minha Luta*. Esta passagem aponta, ainda, para a teutonia dos habitantes da América do Norte, absoluta nos discursos dos sites e relativamente considerável no censo americano realizado no ano de 2000.

Nesta luta, se inscreve o “conhecimento social implícito”, para voltar a terminologia de Taussig (1987, p. 344), que torna estas idéias “politicamente vigorosas”. O próprio nazismo sempre recorreu e recorre nos sites ainda, aos mitos pra validar sentidos e lutas políticas. Um exemplo dessas validações foi construída pela apropriação do trabalho de Gobineau, realizada pelo historiador, economista, antropólogo, crítico social e político, o intelectual português Joaquim Pedro de Oliveira Martins, em 1882, publicada em seu “Sistema dos Mitos Religiosos”²²⁸. Em sua obra, Oliveira Martins se insere no âmbito da corrente naturalista explicativa do processo histórico, partilhada com Gobineau e desenvolvida a partir de dois pressupostos essenciais: por um lado, inscreveria-se na idéia de raça “uma determinada

²²⁸ O mais citado, entre os escritores de língua portuguesa, nos sites pesquisados. Este e outros autores são relatados em um artigo da editora revisão, acerca dos “Filhos de Ramires”, os Lusitanos. Disponível em <http://www.grupodirlip.org/dirlip-179.htm> Também foram consultados dois artigos acerca das relações entre “os lusitâneos”, a origem celta e o nacional-socialismo, em http://www.csarmento.uminho.pt/docs/sms/obra/FMSDispersos_008.pdf e em <http://www.brathair.com/Revista/N1/lusitanos.pdf> O primeiro faz uma abordagem da arqueologia na Lusitânia e sua relação com o celtismo; a segunda revisita toda uma literatura produzida para “construir culturalmente” os vínculos entre este “celtismo” e o “os lusitanos”.

capacidade constitucional”, por outro, “situar-se-ia cada raça num meio geográfico propício para o seu desenvolvimento” (OLIVEIRA MARTINS, 1882, p. 22). Neste sentido, em Oliveira Martins, cada etapa civilizatória somente poderia ser considerada como o produto em que se combinavam esses fatores: havia o gênio de determinada raça, havia o meio natural a quem esta pertenceria. Deste vínculo entre raça e meio engendravam-se diferentes níveis de “qualidade” civilizatória, das quais surgiriam as diversas manifestações históricas. Não posso dizer várias civilizações, porque em Oliveira Martins esta palavra expressa a realidade de apenas um grupo delas, o mais evoluído. Cada uma das etapas se estruturava a partir de uma forma de conceber o mundo, de um padrão de racionalidade e o autor português descreve muito bem três modos distintos: há o animismo, há o naturalismo e há por fim, máximo da evolução humana, o idealismo. Portanto não é possível se debater uma história, mas várias e em cada uma delas há história de uma raça relacionando-se com um ambiente, valendo-se de um padrão de pensamento.

O mais interessante é que cada etapa também constituiu uma forma de produzir mitos específicos. Para Oliveira Martins, os seres humanos pensam de modo diverso e, em cada época e lugar, cada raça pensou o mundo da forma essencialmente possível para sua “possibilidade mental”. Defendia ele aquilo que chamava de “etnometria mitológica” (OLIVEIRA MARTINS, 1882, p. 23), que pretendia teorizar os vínculos entre a construção dos mitos e as condições raciais, bem como a superioridade dos mitos arianos sobre os demais sistemas mitológicos do mundo. Crava-se o mito sobre os mitos: uma mitologia dos mitos com razões ideológicas definidas. Oliveira Martins, Gobineau, Guntther bebem diretamente no mito para contribuir para a ideologia Nacional Socialista, que inscrevera, sob a forma de Estado, a idéia de um “estado ariano”.

Neste estado branco a ser criado, balizado por este habitus, o “ser ariano” se descreve nas relações inter-raciais, mas difere-se para homens e mulheres: os homens não são contaminados por elas e portanto, são envolvidos em grande potência de ação, as mulheres se profanam em relações com judeus ou negros, inclusive relações de desejo: os sites chegam a comentar que “boas mulheres arianas” não deveriam ver filmes ou eventos esportivos televisionados que servem apenas para “estimular seu interesse” por homens que ameaçam sua “pureza ariana” (RH, STO, FLN, WAU, BHL, BHS). Nos catorze porquês de David Lane²²⁹, esta ameaça também é enfatizada. É interessante, portanto olhar como as demandas de ação e paixão se vinculam nos

²²⁹ Na íntegra no anexo7.

sites a elementos associados a gênero e como nestes, há uma hierarquia clara: a dominação é masculina, porque eles resistem “mais naturalmente” as leis da Natureza (NA). Os sites reproduzem, portanto, os ideais de gênero do nacional-socialismo, “visceralmente hostil a qualquer concepção igualitária ou universalista da Humanidade” como escreveu Cornelia Essner. O mesmo raciocínio hierárquico que fundamenta lugares para raças, inscreve a disparidade biológica dos sexos como um fato moral e que baliza a desigualdade dada nos sites para o que seria “um homem e uma mulher arianos” (V88, NA, WAU, SKN, BHS, WAR). Enquanto os sites descrevem os arianos como procriadores de filhos arianos, a mulher é lida como “um elemento neutro”, capaz de produzir um filho judeu ao se relacionar com um pai judeu: ela não transmite a “arianeidade”, esta é, portanto, patrilinear. As mulheres deveriam, ainda, retornar ao lar, para aumentar o número de nascimentos, mas também para libertar a empregabilidade para os homens. Durante o controle nazi poderia a mulher assumir o emprego, caso o marido fosse morto durante a guerra, mas, a pensão por morte, generosa, no entanto, garantia que as mulheres não exercessem vida profissional. Esta diferenciação entre os papéis masculino e feminino atingem os sites, como vimos no capítulo anterior: os voltados para o público masculino enfatizam as bases necessárias à formação dos líderes, os aspectos políticos e o ativismo, os sites voltados ao público feminino descrevem com mais frequência direções alimentares e religiosas, atividades de caridade ou trabalhos sociais. As catorze palavras garantem o futuro da “criança branca” na medida em que também garantem a existência de um líder ariano e de uma mãe ariana. É notável, inclusive que “o homem ariano” é citado em mais de 90% das vezes no singular e “as mulheres arianas”, em igual porcentagem, no plural. A estas se associam também muitas vezes a idéia claramente procriativa: “elas seriam os “nossos úteros brancos”. Esta diferença também está impressa nas associações ao sangue: o dos homens é eterno e imaculável, ele permanece essencialmente “ariano” ainda que se envolva em relações inter-raciais: o da mulher pode ser contaminado pelo contato com o judeu e o negro, ainda que televisivas, como se afirma nos 14 porquês. Nesta classificação e hierarquização e termos de “pureza e perigo”, os sites revelam, advertem ainda a respeito da ameaça de “se adotar crianças negras” ou de se constitui o grande “genocídio” o casamento inter-racial: nada ameaça mais que a impureza do sangue retratada nestas possibilidades. Novamente, aqui, surge uma evocação do texto de *Mein Kampf*: “A perda da pureza de sangue por si só destrói a felicidade íntima, rebaixa o homem por toda a vida e as conseqüências físicas e intelectuais permanecem para sempre”.

Ainda no contexto da discussão das 14 palavras, no site Nueva Orden, há um link²³⁰ postado²³¹ com a Mensagem “Desde Uruguay nos envían 14 carteles de propaganda” que aponta para um fotolog que contém 14 (um símbolo do movimento, já citado anteriormente e a que voltaremos adiante) imagens. As mensagens dos cartazes explicitam alguns pontos dos discursos dos sites: um Cristo acompanhado por um cordeiro divide a cena com um Thor aliado a um lobo, no cartaz que adverte: “num mundo de cordeiros, preferimos ser lobos”, a “morada dos deuses”, o “Valhalla” é lembrado em quatro cartazes: ele espera que o leito o liberte, que lute por sua vitória, que o guerreiro “ariano” lute “por sua estirpe” como “filho da Europa”, que encare a necessidade de “preservação”, que se rebele contra a decadência do sistema, porque “seu sangue” assim convoca.

Numa outra imagem, nesta mesma página o título “Basta de políticos hipócritas” está acima de uma imagem nórdica do Deus Thor, identificado por seu nome escrito em Runas, pela pedra de seu martelo Mjolnir²³². Na horizontal, atrás de sua cabeça, pelos raios, a volta de seu corpo. Não é uma figura política que se oporia aos “políticos hipócritas”, mas a figura de um deus. Nesta atualização do mito de Thor, duas palavras Resistência Pagã, fazem referência ao mito do Anel dos Nibelungos²³³, imortalizado na obra de Wagner e que exercia grande influência sobre Hitler. No cinturão de Thor, uma referência ao cinto da Rainha Brunilde, uma das Valquírias do mito citado, há duas suásticas. Duas cabeças de águias trazem para perto do cinto uma inscrição: Reich Forever. Por fim, o e-mail disponibilizado para contato, do provedor Hotmail, é luchaporlas14. Esta imagem relaciona vários símbolos do movimento, atualizando mitos, imagens e referências simbólicas. Referências ao deus Thor são realizadas em grande quantidade, em número muito maior às relacionadas a outros deuses do panteão nórdico²³⁴, que inspira muitas das simbologias dos sites e portais. A imagem está a seguir:

²³⁰ <http://www.nuevorden.net/prop1.html>

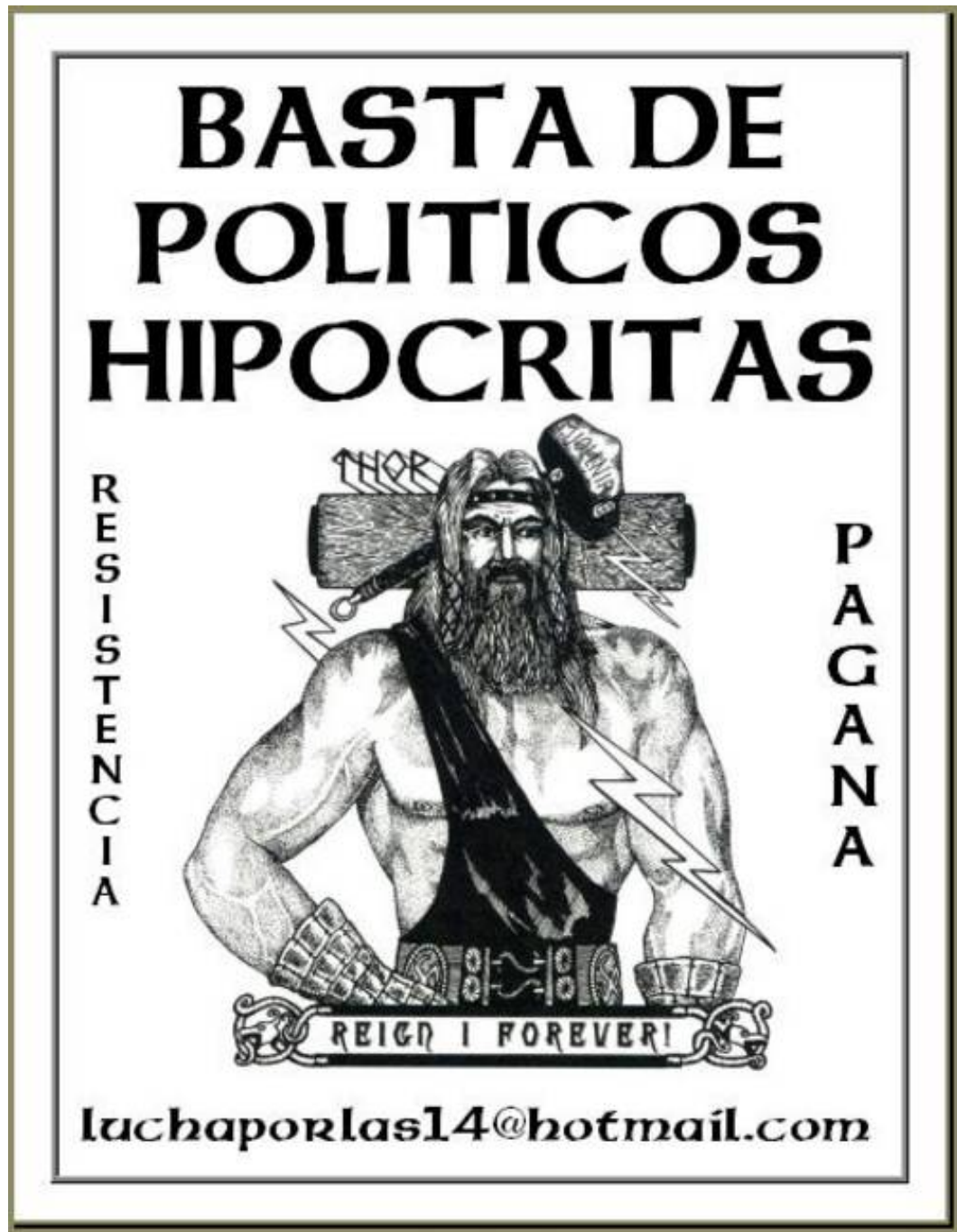
²³¹ Os 14 cartazes podem ser acessados em <http://img114.imageshack.us/gal.php?g=afiche097yl.jpg>

²³² Referências a Thor, a seu martelo e seus animais simbólicos aparecem em 9 dos 14 cartazes. As referências a povo de Odín (*WotanVolk*) em 5 deles.

²³³ A obra de Wagner encenada, pela primeira vez em agosto de 1876, levou cerca de 26 anos para ser terminada pelo autor alemão.

²³⁴ As referências de Thor superam às que nomeiam Odín numa relação de 6:1. No site Valhalla88, por exemplo há um fórum denominado voz de Odín, mas apenas três referências ao mito. Em relação a Thor, há 18 referências diretas e 14 indiretas (o deus do trovão é a mais comum).

Figura Vinte e três
Cartaz com o Deus Thor



Escolhi esta imagem porque nela há uma síntese que me permite problematizar várias categorias do pensamento racista, partindo de “como seus mitos os pensam”. O mito de Thor ocupa um lugar central no panteão neonazi, inclusive por representar a força da natureza, que, para eles, se associaria diretamente à hierarquização entre raças, entre homem e mulher, entre

dominados e soberanos. Há referências ao mito de Thor nos grupos racistas neo-pagãos e nos grupos racistas cristãos, ele aparece como modelo de vida moralmente correta: é casado, defende seu povo, mantém a ordem no seu mundo. Segundo uma das versões do mito, Thor é o filho de Odin (Wotan) e Jord (ele, o deus supremo de Asgard²³⁵, ela a deusa mãe, ligada a Terra). Na grande batalha de Ragnarök²³⁶, na qual o mundo dos homens e deuses seria totalmente destruído caberia a Thor matar Jörmungandr, feito que levou adiante, mas que também ocasionou seu envenenamento por ela e o matou. Outra versão atribui não ao martelo de Thor a produção dos grandes trovões, mas, sim que eles se originavam de seus cornos e das rodas de ouro do seu carro de ouro puxado por dois bodes, Tanngniost e Tanngristnirem em que cruzava os céus para matar os gigantes gelados, inimigos fígados dos deuses. Uma outra faceta apontada para o deus se referia a proteção para as colheitas. Duas substâncias antagônicas demarcariam o mito de Thor: por um lado o agricultor, por outro o guerreiro sanguinário e era muito invocado nas mágicas rúnicas como força vingadora e uma das orações rúnicas mais antigas suplicava "Grande Odin, Mestre das Runas secretas, guie minhas mãos e pensamentos para que minhas perguntas sejam respondidas com verdade e correção. Em nome de Thor, Freya e Baldur e pelo poder mágico do vento, do fogo e da água." Em várias versões do mito é tido como protetor da humanidade contra as thurses (forças destrutivas). Uma das representações simbólicas do martelo de Thor é a suástica, e esta representaria em uma outra versão do mito, proteção contra os inimigos (do tempo e das guerras):

Figura Vinte e quatro
Pedra Rúnica da Suástica



O site Valhalla88 observa: “a suástica ou Hakenkreuz era, [...] o símbolo de Donner (ou Thor para os escandinavos)” e acrescenta, num artigo denominado “O Símbolo que vem da Alma”: “O Martelo de Thor ao aparecer no norte da Europa através de sagas, mitos e lendas heróicas, a Suástica representava Mjollnir, o martelo do Deus do Trovão, Thor, [...] considerado o mais forte de todos os deuses da mitologia nórdica e germânica”, acrescentando, a seguir, a invocação ao deus:

²³⁵ A terra dos deuses, cujo nome quer dizer residência dos chefes e cuja entrada era o arco-íris.

²³⁶ Cujá tradução significaria destino final dos deuses.

Salve Thor! Deus do Trovão!
Defensor de Asgard e Midgard
Dote-nos com coragem e nos ajude na luta
Contra os inimigos de nossa fé, família e povo
Corajoso Thor!
Guerreiro entre os deuses e firme em lealdade e fidelidade
Proteja-nos e nos encoraje com a força
De seu poderoso e invencível martelo
Talvez tudo seja como você queira
E todo o nosso povo fique com você como você ficou conosco!
Talvez força e Honra esteja com você e sempre com nosso povo! (V88)

A seguir, o site explica:

Como visto na invocação, ele é o defensor do reino de Asgard (reino dos deuses) e de Midgard (a terra média, terra dos homens). Thor sempre defende seu povo, sempre se mantêm por ele, sempre é honrado e leal. Como demonstram as antigas Eddas, os contos e canções, que embora sejam simbólicas, não representam apenas mitos e lendas da Antiga Religião, nem são ultrapassadas, as eras se passaram, mas a mensagem é a mesma, a raça e sua alma se mantiveram, não importa quanto tempo tivermos pela frente, as lições são as mesmas, apenas representadas através de seus mitos, pois os mitos representam o povo, **representam sua Cosmovisão**, como eles vêem o mundo e a **Cosmovisão Ariana está representada nos antigos contos, seja com as Eddas nórdicas e germânicas, com a Ilíada e a Odisséia grega, ou o Bhagavad Gitã e as Vedas da antiga Índia Ariana**, a mensagem é a mesma apenas representada de outra maneira. (V88, grifos do autor)

Em seguida, o site volta a relacionar a Suástica com uma runa que simbolizaria o martelo de Thor e informa que este era amarrado ao pescoço sob a forma amuleto pelos Vikings, garantindo, segundo eles, sua proteção e força. O martelo de Thor, a suástica, “símbolo que vem da alma”, era tido pelos “deuses guerreiros da família Aesir”, informa o Valhalla88, como “seu maior tesouro, pois lhe permitia proteger Asgard dos gigantes”. O símbolo era reatualizado em rituais: “o martelo era erguido ao nascimento de novas crianças que eram aceitas na comunidade e também era usado em funerais”. O site associa este ato ritual a uma outra parte do mito: “em uma antiga saga, Thor ao comer seus bodes, fez o sinal do martelo para lhes ressuscitar”. Para os neonazistas, foi este sinal que posteriormente teria sido “copiado pelos cristãos e transformado em sinal da cruz, ele significava proteção imediata e benção para todos que o faziam”.

Os sites afirmam, ainda: “mais uma vez a Suástica é a fonte da vida, da criação e da proteção suprema. Thor quem rugia os trovões pelo seu martelo e dava aos homens a luz do Sol, a Suástica, a força do martelo e do deus Thor são o Sol”. Para legitimar esta interpretação, o site acrescenta: “parece realmente que o poder do deus do trovão, simbolizado por seu martelo, se estendia por tudo o que tinha a ver com o bem-estar da comunidade. Ele cobria o nascimento,

casamento, morte e cerimônias funerárias e de cremação e os juramentos feitos pelos homens²³⁷”. Para os autores do artigo, portanto, a arma de Thor simbolizaria tanto “o poder destrutivo da tempestade e do fogo do céu”, como “uma proteção contra as forças do mal e da violência”. A suástica como representação simbólica da proteção é reafirmada pelo mito: “sem ela, Asgard não poderia ser mais atingida pelos gigantes e os homens contavam com ela também para lhes dar segurança e garantir a regra da lei”.

Prosseguindo na importância do martelo de Thor, atualizado pela suástica, grafado nas Runas e imortalizado em “todos os guerreiros arianos disponíveis a verter sangue pela causa”, o site Valhalla⁸⁸ relê, por meio deste símbolo, a história da justiça: a tradicional presença do martelo associada aos “juizes da corte” emanaria de “antigos povos europeus ao usarem o Mjollnir para comandarem uma sociedade justa, para proteger o povo”. Rememorando outra história mítica, na qual Thor é personagem central, o Valhalla⁸⁸ conta “um mito germânico que envolve Thor e o Mjollnir. Em sua pescaria, Thor ao ser atacado pela maligna serpente de Midgard ergue seu martelo e a destrói”. Para os neonazistas, é possível construir “uma analogia por um ponto de vista Nacional-Socialista”, para eles, “a serpente representa o poder do dinheiro e do sionismo e da supremacia judaica e o Mjollnir representa a Suástica que combate a usura e o inimigo dos povos.” Em seguida, o site associa este exemplo à “idéia do inconsciente coletivo de Carl G. Jung” que para ele seria “a presença que está obviamente além de nossa atual consciência, mas que se manifesta involuntariamente.” Acerca desta manifestação do inconsciente, o site advoga:

Assim como um dos fenômenos do nosso Führer espiritual Adolf Hitler foi ele ser, pessoalmente, a manifestação do subconsciente, do inconsciente, dos desejos e aspirações mais profundos, mais intensos, mais reais, mais humanos de toda uma raça. Adolf Hitler é o arquétipo, é a manifestação física e pessoal da raça ariana. Assim como a Suástica também o é, mas de uma forma simbólica. Ele e ela, Adolf Hitler e a Suástica, são sinônimos, são o mesmo conjunto cósmico, o mesmo ser, que é a essência racial que é a alma Ariana. Por isso ambos tem esse poder e o fizeram nos anos 30, despertaram esse subconsciente coletivo, que nada mais é do que a alma racial Ariana com outro nome. E ambos são o poder da Suástica manifestada espiritualmente e fisicamente sobre os Homens e que ela desperta algo forte, verdadeiro e interior. (V88)

É interessante, porque, neste ponto, reatualiza-se também a Adolf Hitler como elemento mítico, sinônimo ora de suástica e de Thor, portanto, ora de Odin e da criação do

²³⁷ O site afirma que este enunciado é um trecho do livro “Deuses e Mitos do Norte da Europa”, de autoria de H.R. Ellis Davidson.

Valhalla mítico. Para os autores do texto, ilustrado por uma grande suástica, é preciso que este ideal simbólico seja materializado na vida dos “arianos”:

Por isso e mais, ao aceitarmos e compreendermos o significado e sabedoria da Suástica, nós devemos entender, ou pelo menos procurarmos e nos esforçarmos para entendermos a verdade proibida pelos atuais governos, do que é a verdade sobre o nacional-socialismo e sua essência absolutamente positiva, sobre sua Cosmovisão, sobre o Triunfo da Vontade. Nós devemos esquecer, ignorar toda a lavagem cerebral da mídia e do poder sionista manifestado que há mais de 70 anos vem destruindo e corrompendo o que há de melhor, de saudável, de humano no nacional-socialismo. Só a verdade liberta, conhecer a verdade é uma tarefa individual, de esforço pessoal. A ignorância é reconfortante, mas nós devemos escolher o nosso caminho. O caminho natural da raça Ariana pela sua Natureza como vem sido demonstrado durante a história é o caminho da verdade, da Honra, da Lealdade e do Dever. (V88)

O site relaciona, então, o mito a uma “herança genética”, ao mesmo tempo em que associa a esta última um dever de além de “sermos biologicamente de origem Indo-Européia, branca, Ariana” o imperioso atributo de “manifestarmos nossa alma, de nos libertarmos espiritualmente, de sermos espiritualmente Arianos”. Neste “nós”, que totalizaria os “arianos”, “filhos de Odin”, estaria implicitamente uma garantia amalgamada: “ao fazermos isso nós manifestamos nossa Natureza, nosso ser e **ele é belo**, ele está representado pela Suástica e pela força e sabedoria do nacional-socialismo.” Negritei o texto que se refere ao belo para, mais uma vez, relacionar o conceito estético que pontua os sites ao ideal manifesto pelos racistas: “ser ariano é ser belo”. A criança ariana é a “bela criança de luz”.

Mas, o Valhalla⁸⁸ prossegue sua viagem pelo mito de Thor, relacionando-o a obra do escritor inglês, naturalizado alemão Houstin Stewart Chamberlain. Citam um trecho de Arische Weltanschauung (Cosmovisão Ariana): “Eu disse em outra ocasião: ser ‘Ariano’ não é o ponto, nos tornarmos ‘Arianos’ é o que importa”. A seguir o site acrescenta: “Nunca esqueça essa única coisa: pelo pensamento apenas, o pensamento pode ser libertado; aquele que não tem a coragem e o poder de repensar os pensamentos da raça Ariana, é e continuará a ser um servo, não importando sua ancestralidade, pois ele é mentalmente prisioneiro, cego, preso à terra”. É preciso situar, neste momento este autor, participante ativo de grupo nacionalista extremista e anti-semita, foi casado com Eva Wagner, filha de Richard Wagner e é um autor muito citado pelos sites analisados, principalmente por ser um dos preferidos de Adolf Hitler no que concerne as questões da “raça ariana” e do anti-semitismo. Em sua principal obra, *A Gênese do Século XX*, publicada em 1899, Chamberlain advogava para a raça ariana, um estatuto de superioridade,

sustentado nas afirmações de Arthur de Gobineau. Para ambos, os arianos eram ancestrais das classes superiores européias e da Ásia, em sua totalidade absoluta, e defendendo, ainda, que esta não se extinguiu, mas permanecera em estado puro na Alemanha, no povo germânico²³⁸. Chamberlain creditava aos povos celtas e nórdicos a qualidade de pertencerem à mesma família germânica. Balizado por esta percepção, Adolf Hitler imaginaria a idéia de povo alemão, expressa em uma palavra: “Volk”, adotado, por um lado para diluir a tensão social, a luta de classes e por outro para configurar uma posição diametralmente oposta: a do judeu. Note-se que é “quando a identidade vacila no umbral da diferença” (HÉRITIER-AUGÉ, 1990, p. 365), na dimensão que gera as classificações de si e do outro, que esta articulação simbólica, sugere o grande slogan do movimento nazista: “Ein Volk-ein Reich-ein Führer”.

Voltando a análise da suástica, desenvolvida pelo site Valhalla88, nota-se neste ponto, uma evocação a uma escolha, “pessoal, ser um servo ou não. A vida é luta. Nós devemos criar consciência de nossa situação atual, devemos meditar sobre os assuntos e entendermos nosso estado e a opressão e tirania sobre o nosso povo.” Para eles, é preciso atualizar este mito no cotidiano, transformando-o, portanto, num ritual de ressignificação: “a Suástica é um símbolo, ela representa isso, mas ela sozinha não faz nada, deve nos despertar, nos comandar para a vitória, para o triunfo e para a liberdade, o resto é conosco”. É da suástica, do martelo de Thor, que emana a força simbólica necessária para esta luta, realizada contra

um grupo de pessoas, um grupo apenas, que controla o que nós vemos na TV, o que nós lemos, o que nós assistimos nos cinemas, o que escutamos no rádio, este mesmo grupo se mantém unido há milhares de anos e o mais homogêneo possível, ele entende que através da sua homogeneidade ele se manterá, tudo o que recomenda e que força às outras raças através dos meios de comunicação é aquilo que não aceita e não permite para si, porque sabe que irá destruí-lo por dentro (V88).

Neste discurso, no qual já havia se descrito o “nós, os arianos”, se inscreve o inimigo, o “eles, os judeus”. Nestes últimos, a grande serpente que Thor precisa erradicar com seu martelo. Para dimensionar esta relação, a análise do “símbolo da alma” prossegue:

O Homem Ariano se tornou escravo do dinheiro e do capital. O materialismo faliu no homem, na sociedade e na raça. O pensamento de cada-um-por-si está ficando maior e vai aumentar até as pessoas colocarem seu povo antes de si próprias. O tempo em que nós éramos partes de uma raça e não apenas indivíduos existiu, existiu durante milhares de anos, este tempo construiu

²³⁸ Gobineau absorveu o racismo do germanismo que antecedeu e defendeu que a mestiçagem eclipsava o europeu e estava no cerne da ruína das civilizações. Para o autor "os fatores universais que governam os homens" eram epifanias de oriundas da constituição racial dos grupos humanos (GOBINEAU, 1855).

impérios, deu luz a civilizações, deu luz à vida e a justiça. Este tempo foi real e nós devemos recriá-lo. O dinheiro se tornou ideal moral, religião, a meta final dos povos, o valor superior que antes era a nossa comunidade, estirpe, clã se reduziu ao egoísmo. (V88)

A relação “dinheiro/capital” vinculada pelos neonazistas diretamente a idéia que constroem do judaísmo, teria escravizado a alma do homem ariano e também o alienado de um sentido de comunidade verdadeira. Novos elementos míticos são inseridos: “nós nos identificávamos com nossos companheiros, trabalhávamos juntos, tínhamos os mesmos valores, nós éramos realmente um povo.” A idéia de povo, vinculada a “um valor superior, algo que está além de nós, assim como o herói é aquele que luta e morre por algo maior do que ele próprio”, poderia ser resgatada pela reativação do “sentido de vida” dado pela Suástica, pois nela estaria “nosso sangue que é a criação, a herança a esperança de um novo futuro”. Nesta narrativa existe um tempo mítico, no qual, “a chama da raça Ariana e da liberdade começou a se apagar quando o Homem se rendeu ao egoísmo, esqueceu de suas origens, do seu povo, parou de amar aqueles que são responsáveis pelo que somos hoje. O dinheiro e não o triunfo, se tornou sua meta principal na vida.” Para permitir que uma “verdadeira libertação” salve-os, reúna-os e os revigore, há de se buscar o sentido dado pelo martelo de Thor: “a Suástica tem sua base no sangue, a Suástica tem sua origem como o primeiro símbolo da humanidade e ela se mantém ainda hoje, muito mais fraca do que antes e pode apagar. O que apaga junto é nossa história, nossas conquistas, nossas criações.” O lugar da suástica é de “primeiro símbolo da humanidade”, pelo menos da humanidade que eles escrevem como dotada de humanidade, os arianos.

Mas, de que ameaça a suástica poderia salvá-los? Segundo o site, há “um problema novo, enquanto crises políticas, sociais e econômicas podem ser resolvidas, o fim de uma raça não.” A “raça ariana” estaria verdadeiramente ameaçada de extinção. A narrativa mítica prossegue: “a raça Ariana se extinguiu no antigo Egito, no antigo Oriente Médio, na antiga Índia e agora a extinção chegou ao berço: a Europa.” A narrativa alcança proporção dramática: “com a extinção a raça nunca será refeita, a maior raça que pisou e que marchou sobre a terra está enfrentando o seu fim, a dominação e a escravidão estão caindo sobre o nosso povo.” E a seguir, uma dimensão épica: “é hora de tomarmos uma atitude. Nós devemos entender e valorizar o legado de nossos antepassados, este legado, esta herança está presente em nós, nós não devemos destruí-lo, devemos resistir e nos revoltarmos contra a tirania”. O mito se encaminha então, para produzir seus heróis, os novos Thors, dotados, pela suástica, de seus martelos:

Os grandes Homens são um produto do povo Ariano, estes grandes Homens e suas conquistas não morrem nunca, são imortais, assim como os bons espíritos. Estes Homens são parte do legado do nosso povo e são parte de nós. A base de nossa existência é a herança dos nossos antepassados e nós somos partes deles como nossos filhos serão parte de nós. Sangue do nosso sangue. E assim o legado deve se perpetuar, porque este é sagrado. A bandeira vermelha, branca e negra deve ser hasteada novamente. A Suástica despertará algo interior e mais forte do que o nosso corpo e nossa mente, ela despertará algo além da existência física e material, despertará nossa alma e nossa essência! A Suástica nos salvará da extinção, da opressão e da tirania. Nos mostrará a verdade, será a luz, o Sol, a criação e a vida, enquanto a raça Ariana sobreviver, a força da Suástica viverá, pois ela é mais forte que tudo! Ela desperta exteriormente nossa Natureza porque ela é a Natureza! A Suástica é o fogo para a vitória e para a glória! (V88)

Esta aclamação ao sangue vertido pela suástica, uma verdadeira doxologia, se insere, portanto, em toda uma ordem simbólica, inscrita no nacional-socialismo, desde seus primórdios, como nos informa o site, sendo a origem da utilização da suástica remota à uma “sociedade espiritual”, denominada *Thule Gesellschaft* (Sociedade Thule), que via na suástica o símbolo do movimento, do progresso, do desenvolvimento e do infinito. Sebottendorf, fundador desta sociedade, que influenciou de modo bastante significativo toda a simbologia utilizada pelo nazismo, cunhou em 1918, o seguinte juramento:

Tenho a intenção de empenhar a Thule Gesellschaft neste combate e tanto tempo quanto minhas mãos se mantiver o martelo de ferro... Faço o juramento sobre esta cruz gamada, sobre este sinal que nos é sagrado, que tu entendas, oh Sol triunfante! Continuarei fiel a vós. Tende confiança em mim como tenho confiança em vós... Nosso deus é o pai do combate e sua Runa é a da águia... que é o símbolo dos Arianos. Também para marcar a faculdade de combustão espontânea da águia, iremos representá-la em vermelho... tal é o nosso símbolo, a águia vermelha, que nos recorda ser necessário passar pela morte para poder reviver. (NA, V88)

Na suástica se inscreve “o culto à beleza da raça e da humanidade, um culto a Natureza divina e sua criação”. Para eles, Hitler foi o grande portador deste culto, sendo o grande mentor de uma verdadeira rebelião, “contra o império do egoísmo e o poder do dinheiro”. A serpente judaica havia tentado “destruir o que o nosso eterno Führer construiu com o Triunfo da Vontade”. O site amalgama: “O Triunfo da Vontade, Adolf Hitler, o Reich Nacional-Socialista SÃO a Suástica, são exemplos concretos do poder e da força da Suástica ao despertar a essência da alma e de despertar sua busca pelo infinito.” O site acrescenta, neste ponto, uma citação atribuída a Adolf Hitler: “Aquele que viu o nacional-socialismo só como um movimento político não viu absolutamente nada”. Para o Valhalla88,

Adolf Hitler e outros grandes homens do NSDAP sempre tentaram fazer as pessoas entenderem que a essência do nacional-socialismo não é política, a essência do nacional-socialismo é espiritual, ela representa as Leis Naturais, como a Natureza é manifestada em nós através da raça, de que nós não somos indivíduos isolados, somos parte de uma raça, de um povo, os nossos atos não afetam apenas nós isoladamente e sim o nosso ambiente como um todo. (V88)

Para eles, esta inscrição que articula concepções simbólicas, biológicas e políticas, é o próprio nacional-socialismo. Este, “se baseia nos valores superiores”, constituidores, segundo os neonazistas, de sua “Cosmovisão”. Para ressaltar esta direção, citam Alfred Rosenberg, teórico do partido: “O nacional-socialismo está ligado a sua Cosmovisão (*Weltanschauung*). Ele existe para ela e desaparecerá com ela” (V88).

O site acrescenta:

O nacional-socialismo é uma Cosmovisão acima de tudo, a política é uma consequência, a política é uma maneira de aplicarmos estes princípios e valores através de um Estado, de um governo. É infantil colocar o nacional-socialismo como uma simples visão política antimarxista ou anticapitalista, pois o NS não é um conjunto de “contras” e sim uma Cosmovisão, uma doutrina concreta e completa, um corpo de idéias baseadas nos princípios de Honra, Lealdade e Dever.

Para os seguidores desta Cosmovisão, a suástica e o mito de Thor poderiam “despertar o interior natural da alma Ariana” e é este mito que pensa os nazistas, para que a partir deste, os nazistas pensem a si mesmos. É no interior da mitologia nórdica que algumas categorias do pensamento racista parece extrair sentidos e produções de sentidos. É dela que retiram concepções lexicológicas: Heill, a saudação feita a Hitler por milhares de internautas nos fóruns e comunidades racistas é uma delas, uma maneira viking de se desejar um “destino feliz”. Nos sites há uma certeza deste destino, cada uma das ilhas digitais é uma confirmação desta possibilidade, nelas estão “livres para odiar”. Os sites refletem ainda a idéia de que há poder nas palavras, idéia essencial na cultura proto-nórdica, rica em fórmulas mágicas pra ofender, para proteger, para atrair boa sorte, curar, matar e, associadas aos sinais rúnicos, estas invocatórias ampliavam sua força. O alfabeto rúnico era composto por 24 sinais mas apenas 16 eram considerados mágicos. Estas eram Faihu (dinheiro, gado, riqueza), Hagl (granizo), as duas runas de ânimo; Thurisaz (gigante) e Iuaz (teixo) as runas de auxílio; Ansuz (machado), runa de poder; Raidho (carruagem) e Mannaz (homem), runas de viagens; Nauthiz (carência), runa da cerveja; Isa (neve) e Kaunan (tumor) runas de enlanguência; Tiwaz e Sauil, associadas ao deus Tyr e Sol, respectivamente,

runas de vitória; Berkano (ramo de bétula) e Uris (chuva, runas da folhagem e Laguz (água) e Jerán (ar) runas de parto. As runas restantes eram sinais sem credibilidade mágica.

Figura Vinte e cinco

Alguns Símbolos Rúnicos utilizados pelos sites racistas

	Iuaz, ou Sieg símbolo da vitória, era duplicado no símbolo da SS. Aparece em banner, cartazes, em fotos de guerra e como botões para links
	Algiz simbologia a proteção. Era o símbolo da exposição O Milagre da Vida em que se configura o ideal eugênico ariano. Também ornamentou a Sociedade SS Lebensborn que acolhia as mães dos soldados da SS mortos em combate. Aparece nas páginas iniciais de muitos sites, inclusive o WAU e o National Alliance.
	Othala símbolo rúnico vinculado a raça e sangue ornamentava o uniforme dos soldados. Quer dizer também família e era o símbolo maior das brigadas eugênicas do Estado nazista. Nos sites aparece em sites com material acerca da saúde, ou nas discussões acerca do aborto. Esta runa era adorada por Himmler como símbolo de Sangue e Honra.

Importa notar que esta simbologia não é apenas lembrada nos sites, mas revigorada, reatualizada, para dar sentido a luta que eles imaginam estar vivenciando. Uma verdadeira guerra. Um exemplo desta configuração está na página que divulga os 88 preceitos de Eduard Lane²³⁹, preso pelo assassinato de um jornalista judeu, que é considerado nos sites como “prisioneiro de guerra”. Nestes preceitos, Lane fala do lugar dos brancos e de seu tempo, evocando imagens de interação direta com a natureza. O lugar do ariano é entre as montanhas, cercado por verde e sob um céu estrelado. É neste lugar, que o verdadeiro ariano se encontra com a natureza e consigo mesmo. Ele é a própria natureza a serviço da vida.

O tempo do ariano não é o tempo contemporâneo, diz Lane: este é um tempo de degeneração moral, marcado pela mídia judaica, pela homossexualidade, pela tirania, pela corrupção, pelo aborto. O tempo dos homens brancos é um tempo de lealdade, de mulheres

²³⁹ A íntegra do texto está no anexo 7.

nuas²⁴⁰ e belas sem apelos pornográficos, de crianças brancas protegidas por mães e pais arianos. Uma comunidade do Orkut conta a respeito deste tema: “Quero ter 4 filhos loiros” serve de espaço de divulgação de outras mais radicais, como as que incitam diretamente a morte de negros e judeus. Estes filhos nascerão, no tempo que o nacional-socialismo virá, pois como o Valhalla⁸⁸ sugere eles são os primeiros do amanhã. Esse foco no amanhã parece tentar dar conta do desespero do hoje, que para eles é lido pelo aprisionamento de suas vontades, da perseguição pelo judaísmo na mídia, no judiciário, em todo mundo. Dentro do discurso dos sites se aponta para lugares sociais adequados ao ariano e ao judeu. Ao grande inimigo caberia questionar como “em decorrência de sua história, os judeus se encontram hoje na média e pequena burguesia. Ora, esta classe está condenada pelo avanço irresistível da concentração do capital”, como descreve o site revisionista Associação de Antigos Amadores de Recitais de Guerra e Holocausto, num texto que visa articular uma reação pra que o povo num “tempo próximo” recupere “seu lugar verdadeiro”. Ao defender estas idéias os sites também defendem um outro direito: o direito ao orgulho branco. No AARGH, esta defesa apaixonada é retratada: ““Existe orgulho negro, orgulho judeu, orgulho indígena e até orgulho gay”, prega um dos artigos, assinado pelo nacionalista canadense Marc Lemire. “Mas nenhum grupo tem mais do que se orgulhar do que os povos brancos do mundo.” Uma outra paixão dos sites, habitual nas muitas páginas racistas da rede, é a negação veemente do Holocausto. Não apenas as câmaras de gás, como número de mortos são negados, mas vistos como fonte de calculada campanha publicitária do sionismo para conquistar o mundo. O site alega que

“O número real de judeus mortos pelo regime Nacional-Socialista é muito menor que o conhecido e que estes índices teriam sido inflacionados para esconder a “barbárie dos Aliados” (ou o que quer que ele queira qualificar como tal). [...] o “mito dos seis milhões” Encerrada a 2ª Guerra Mundial na Europa, com a rendição incondicional da Alemanha, os Aliados - vencedores e arautos da democracia e da liberdade de expressão - precisavam de pretextos para justificar seus hediondos crimes e ocultá-los sempre que possível. E assim passou-se a falar nos campos de concentração de Dachau (este visitei), Treblinka, Sobibor, Sachsenhausen, Majdanek, Birkenau e outros, especialmente o de Auchwitz, sinônimo de matança de judeus em quantidade industrial. Foi aí que surgiu a lenda do holocausto e o mito dos 6 milhões de judeus mortos em câmaras, onde o gás caía de chuva. (AARGH)

²⁴⁰ As mulheres, quase sempre retratadas nuas nas discussões acerca da militância, são nos sites, a própria “matéria” de que se construirá o “novo mundo ariano”. Elas são “os úteros brancos”, expressão que aparece quase uma dúzia de centena de vezes no material colhido na etnografia.

A idéia do “mito dos seis milhões de mortos” aparece pelo menos 108 vezes no texto e outras tantas como lenda, conto, mentira e outras expressões semelhantes. Há fotos, artigos, cartas, panfletos, vídeos, um arsenal enorme de “ferramentas bélicas” para negar, nesta guerra racial, as mortes ocorridas nos campos. Comunidades enormes no Orkut vão na mesma direção. Em enquetes dezenas de internautas se manifestam incrédulos quanto ao número de mortos pelos nazistas. “Tudo é conto da televisão e do cinema” assumem alguns tentando argumentar, nos comentários. No AAARGH, a contestação é explicitada da seguinte forma;

Mas, o que nós contestamos é o que é acrescentado a isto. E o que é acrescentado a isto foi um plano para exterminar os Judeus. Que primeiro existiu uma ordem de Hitler que dizia: Matem todos os Judeus. Que existiu um plano, um plano específico, que existiram câmaras de gás, que foram uma arma específica para um crime específico. E que isso teve como resultado todos estes 6 milhões de Judeus mortos. Isto nós contestamos. Nós dizemos que isso não é verdade. Que não é exacto.

Acompanha esta contestação a explicação de porquê tal mentira foi inventada: são os judeus que desejam dominar o mundo e caracterizar os arianos como “monstros”, é uma forma de deter o poder e impedir a raça branca de recuperar seu “verdadeiro lugar”. Mais que isso, o “holoconto é uma ferramenta do capitalismo, sionista”, para destruir a raça ariana. Mas, como esta raça estaria em perigo? Pela mistura racial, mas da mulher ariana contaminada pelo sangue judeu ou negro, pois ainda que o homem se “contamine” com judias e negras, ele permanecerá ariano, como vimos anteriormente. Há uma dupla premissa aqui: o sangue judeu pode contaminar o ariano, é a primeira. “*O homem não é contaminável, a mulher é*”. Desta emana a história de ficção, o *Diário de Turner*, lida por 10 entre 10 jovens nazistas que participam dos fóruns e comunidades. Este e os “Protocolos dos Sábios do Sião” são dois exemplos peculiares de como a ficção é encarada como “verdade e realidade absoluta” pelos racistas. Há inclusive três dedicados ao livro no Orkut. Em uma delas, um dos internautas adverte acerca do “perigo sionismo detentor do capital”. Ele informa o desejo dos judeus:

tomaremos a industria, faremos monopólio na industria e acabaremos com a industria dos cristãos(e já acabaram faz muito tempo) vemos agora algumas industrias nas mãos dos judeus-sionistas. no Brasil e no mundo Hollywood é inteira dos judeus warner-produtora de filmes é dos judeus fox films tb dos judeus garnier coca-cola jonhsons sabão em pó Ariel Parmalat papel Suzano grupo Votorantin mac câncer pepsi lojas Marisa casas bahia' ponto frio sbt cbs cnn nestlé entre muitas e muitas outras q ficaria até amanha aqui

Nesta localização econômica o judeu é interpretado como “velhaco”, “interesseiro”, “esperto”, “manipulador”. Uma outra associação comum imposta pelos racistas aos judeus são os “graus de maçons”. Um internauta postou acerca de três conhecidos personagens da política brasileira:

LULA: é usado como marionete para o plano desde sua militância na CUT, quando incitava o ódio social. Tornou-se maçom por volta de 1987 e desde então é parte integrante e ativo no plano. Atua na ala 'esquerdista' do plano. Atualmente foi deslumbrado pelo poder e está se destruindo com bebidas alcóolicas. Têm uma equipe que governa por ele, alguns dos quais são judeus outros não, chamados de "acessores". Mas em sua maioria não se encontram peixes grandes entre seus acessórios. Maçom grau 33 do Rito Escocês.

HENRIQUE MEIRELLES: bandido e mafioso desde antes de assumir a presidência do Bank Boston. Maçom grau 33 do Rito Escocês. Implementa uma parte importantíssima do plano, a financeira. No Brasil, trabalha a favor do Sionismo mantendo altas taxas de juros e uma economia que cresce a níveis ridículos anualmente. Está contribuindo para o processo de degradação nacional de forma brutal. Trabalha recebendo ordens diretas de Washington e Tel-Aviv. É um dos maiores Sionistas em atividade no Brasil.

ANTONIO PALOCCI: médico que foi colocado de fachada no Ministério da Fazenda até conseguirem finalmente reunir provas suficientes de sua sujeira moral e ética para retirá-lo do cargo. Maçom do grau 33. Obedecia ordens diretas de uma equipe de acessórios entre os quais figuravam muitos judeus.

JOAQUIM LEVY: ex-diretor do Banco Central, atualmente Secretário de Finanças do estado do Rio de Janeiro. Economista muito inteligente e preparado, esteve como agente Sionista no Banco Central durante mais de 15 anos, provavelmente ditando ordens para os que mais apareciam na mídia e recebendo ordens de fora. Figura de alta periculosidade. Mafioso e maçom do grau 33.²⁴¹

Se algum internauta tenta se interpor no debate, é chamado de “burro” ou “ingênuo”. É dito a ele que precisa ler mais e links e livros são sugeridos. Um proselitismo de causar inveja a muitos religiosos.

Neste panorama criado por estas categorias, é o mito de Thor que oferece saída simbólica: nele está inclusive o poder para se voltar a “sentidos sacros” do qual a “maçonaria judaica” é uma mera deturpação. Ele está em cada referência feita à suástica, pois “a suástica ou Hakenkreuz era” “o símbolo de Donner (ou Thor para os escandinavos)” Nela repousa a grande esperança: “NA CRUZ SUÁSTICA A MISSÃO DA LUTA PELA VITÓRIA DO HOMEM ARIANO, SIMULTÂNEAMENTE COM A VITÓRIA DA NOSSA MISSÃO RENOVADORA QUE FOI E SERÁ ETERNAMENTE ANTI-SEMÍTICA”. (Em caixa alta no site Valhalla88 o que indica, segundo as convenções da WEB ser um grito). O martelo de Thor é, ao mesmo tempo, uma

²⁴¹ <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=4575345&tid=2530016031272512671>

afirmação de quanto cada neonazista é ariano e quanto está disposto a se oferecer, como Thor, para matar a “serpente sionista”. Será preciso, portanto, se aproximar deste mito ainda mais.

5.2 O Mito de Thor: como o mito se pensa no racista?

“Os mitos despertam nos homens pensamentos que lhes são desconhecidos”.

Claude Lévi-Strauss (1983, p. 13)

“A análise mítica” afirmou Claude Lévi-Strauss (1964, p. 31), na introdução de *O Cru e o Cozido*, “não tem, nem pode ter como objeto mostrar como os homens pensam”. A análise mítica, nos ensina é uma jornada para dentro do mito, densa mata, em busca dos “imperativos mentais”. É no mito, continua o autor, “que se validam certas expressões”, mostrando, enfim, “como os mitos se pensam nos homens e à sua revelia”. Nesta apreensão, a única possibilidade de realização se dá por meio de fragmentos, pois “trata-se de uma realidade instável permanentemente à mercê dos golpes de um passado que a arruína e de um futuro que a modifica”, realidade esta que transcenderia “o plano da linguagem articulada”. Neste ponto o mito se aproxima da música e, nestas “verdadeiras máquinas de suprimir o tempo”, acontece uma superação da “antinomia de um tempo histórico e fíndo”. Permanece uma estrutura. O mito é.

O mito, também “como a obra musical”, acrescenta Lévi-Strauss, “opera num duplo contínuo”, se exterioriza em sua articulação histórica ou interpretada como tal, se interioriza, a medida que penetra profundamente o “tempo psicofisiológico do ouvinte”, numa relação da qual fazem parte elementos “muitos complexos: periodicidade das ondas cerebrais e dos ritmos orgânicos, capacidade de memória e capacidade de atenção”. Lévi-Strauss situa na “duração da narração, na recorrência de temas” entre outras formas de “retorno e paralelismo” (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 35) os espaços transitados pelo mito e apreendidos por dimensões neurológicas e psíquicas humanas para efetivar sua comunicação, permeada de palpitações e silêncios, revelações e mistérios. O mito fala.

Ao ouvir o mito “os ouvintes individuais recebem uma mensagem que não provém, na verdade, de lugar algum” e disto resulta segundo o etnólogo francês o fato de se atribuir ao mito “uma origem sobrenatural” (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 37). Esta percepção se relaciona ao fato de que o mito exporia “o indivíduo a seu enraizamento social” e, portanto, lhe pega pelo sentimento de fazer parte (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 48). Conta-nos, “à nossa revelia”, como somos, denuncia-nos, insere-nos em um todo social, num “grupo”. O mito pensa.

Não é o mito o passado que perdeu, ou que se reteve, nem tão pouco o presente em que se luta ou desiste. O mito é gerúndio, ele sempre está fazendo, está gerando, está retroalimentando, o mito é um umbral, nele, os significados são gerados, reencarnados, engendrados, continuamente, o mito esta sempre disposto. Os mitos pra Lévi-Strauss participam da filosofia e da arte poética, mas não se detém em nenhuma destas propostas. Os mitos “despertam no Homem pensamentos que lhe são desconhecidos” (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 49) e para dar conta do que o mito é, fala e pensa é preciso ler o mito.

A fórmula organizada por Lévi-Strauss (1983, p. 68) para tanto é;

... temos de ler o mito mais ou menos como leríamos uma partitura musical, pondo de parte as frases musicais e tentando entender a página inteira, com a certeza de que o que está escrito na primeira frase musical da página só adquire significado se considerar que faz parte e é uma parcela do que se encontra escrito na segunda, na terceira, na quarta e assim por diante. Ou seja, não só temos de ler da esquerda para a direita, mas simultaneamente na vertical, de cima para baixo. Temos de perceber que cada página é uma totalidade. E só considerando o mito como se fosse uma partitura orquestral, escrita frase por frase, é que o podemos entender como uma totalidade e extrair o seu significado.

É neste espírito que contemplei os mitos citados nos sites em suas diversas versões. Primeiro situaremos o mito escolhido, que versa acerca de Thor²⁴², em seu contexto, no panteão proto-nórdico²⁴³, inclusive na obra de Richard Wagner²⁴⁴ Thor, na qual aparece como Donner²⁴⁵, a forma germânica do nome do deus do trovão²⁴⁶. Antes de desenvolver esta análise assisti a

²⁴² Para organizar a leitura e a análise do mesmo cada uma das versões receberá uma numeração. Iniciaremos em TH1, a seguir virá TH2, assim por diante. As versões estão presentes nos sites racistas e em outras URLs.

²⁴³ Consultei os verbetes Mitologia Nórdica e Germânica (e as eles relacionadas) na enciclopédia livre Wikipédia, em inglês, francês, italiano espanhol e português, bem como nas tradicionais Delta-Larousse e Britânica. Grande fonte de consulta foi o site <http://www.hoops.uni-goettingen.de/> e de livros como Mitologia Geral de Maria Lamas, Mitos e Deuses Indo-europeus de Dumezil, Sistema de Mitos Religiosos de Oliveira Martins, Mitos Primais de Bárbara Sproul.

²⁴⁴ Preciso acrescentar que, em 1988, numa entrevista cedida a entrevista a Didier Eribon, Lévi-Strauss elucidou por que em sua Abertura referenciara a Wagner, a quem atribuiu grande influência em sua formação. Afirmou que "Wagner não só construiu suas óperas sobre mitos, mas deles propõem um recorte que o emprego do leitmotiv torna explícito: o leitmotiv prefigura o mitema". Voltaremos à temática do Leitmotiv mais tarde, mas é preciso, desde já, pensá-lo como o precursor, na obra Lévi-straussiana do mitema.

²⁴⁵ Wagner se valeu da versão da saga *Volsunga* (séc. XIII), preferindo-a de *Das Nibelungenlied*, versão alemã do século XIII. É incessante observar que na versão alemã não constam divindades. A versão em português da saga *Volsunga* esta disponibilizada no Livro O canto dos Nibelungos. Ao eleger a saga escandinava, Wagner modificou o nome dos principais deuses – para Odin, adotou o nome saxão-teutão Wotan; para Thor, adotou Donner, para o herói Siegmund, adotou o nome Siegfried.

²⁴⁶ Para facilitar o acesso a Tetralogia wagneriana disponibilizo, no anexo 9, o texto da mesma traduzida para o português Disponível na Internet, em alemão e português, em http://www.luiz.delucca.nom.br/wep_mportugues_rg.html

versão da tetralogia wagneriana²⁴⁷, concebida pela The Metropolitan Opera Orchestra²⁴⁸, que conserva o espírito de “arte total²⁴⁹” idealizado pelo artista alemão. Escolhi me aproximar da ópera wagneriana por alguns motivos: ela atualiza todo um enredo mítico: Wagner buscou tanto fontes como a *Edda poética*²⁵⁰, a *Saga Volsunga*²⁵¹, a *Edda em prosa*²⁵² de Sturluson, preservadas por compilações islandesas da primeira metade do século XIII, como também de outras: a alemã medieval de 1200, *Das Nibelungenlied*²⁵³ e a versão do final do século XIII em norueguês antigo *Thidreks Saga of Bern*²⁵⁴, e, portanto, nesta ópera condensou as mais importantes páginas mitológicas do “arianismo”, um segundo motivo vem do próprio objeto: os sites citam a obra wagneriana em profusão, como catalisador mitológico e um terceiro motivo brotou de minha afinidade com o estruturalismo: para mergulhar no mito de Thor, não achei melhor caminho que a ópera de Wagner, pois como defendeu Lévi-Strauss mito e música partilham a mesma qualidade estrutural. Esta qualidade estrutural, presente no mito e na música, deve apontar para uma leitura do mito que não se determine por uma abordagem, segundo o etnógrafo francês, “linha por linha, da esquerda para a direita” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 67), mas que procure abarcar, em sua exegese, sua totalidade: é preciso apreender o mito não relacionando a “uma

²⁴⁷ Antes, fiz extensa pesquisa acerca do tema. Minhas principais fontes estão enumeradas após cada fonte wagneriana. Outras são relatadas nas referências finais. Em português há um imenso material acerca das sagas em <http://www.boulhosa.net/bibliografia.htm> e outros links disponíveis em <http://www.sobresites.com.br/vikings/sagas.htm>. e um guia de conjugação verbal em <http://www.verbix.com/languages/oldnorse.shtml>. Um site interessante versa acerca da pesquisa de Ramon Llull, o navegador que relatou histórias destes povos em http://www.ramonllull.net/sw_studies/1_br/home.php. Acerca das navegações há <http://www.stemnet.nf.ca/CITE/vikingships.htm> e a respeito do papel das mulheres nesta sociedade http://fl.essortment.com/vikingwoman_rbsn.htm e sobre a mitologia geral no portal <http://www.religioustolerance.org/asatru.htm>. acerca das runas consulte <http://www.antalya-ws.com/futhark/>, http://www.luth.se/luth/present/sweden/history/viking_age/runes/ e <http://www.arild-hauge.com/eindex.htm>. Em português há <http://www.cetico.hpg.ig.com.br/runas.html> e <http://www.runas.com.br/index1.php>. A relação mais completa de fontes que encontrei, no entanto está, sem dúvida em <http://www.boulhosa.net/bibliografia.htm>

²⁴⁸ Disponível em <http://www.metopera.org/>. Acessado em 24/08/07.

²⁴⁹ *Gesamtkunstwer*, termo que recupera a ópera em seu todo dramático, subordinando a música e a cenografia ao enredo dramático, criando o drama musical. Nesta “grandiosa obra de arte total” como a defendeu Wagner (1852) em *A Arte e a Revolução*, estaria a pretensão wagneriana de resgatar a velha tragédia grega.

²⁵⁰ Há um site altamente recomendável para mergulhar neste grande drama http://www.cybersamurai.net/Mythology/nordic_gods/LegendsSagas/Edda/PoeticEdda/Index.htm#en

²⁵¹ entre as fontes disponíveis considero as melhores <http://www.timelessmyths.com/norse/volsunga.html> e <http://omac1.org/Volsunga/>. No original há <http://www.heimskringla.no/original/fornaldersagaene/volsungasaga.php> e <http://www.heimskringla.no/original/fornaldersagaene/index.php>

²⁵² http://www.cybersamurai.net/Mythology/nordic_gods/LegendsSagas/Edda/ProseEdda/ContentsEnglish.htm

²⁵³ Na Internet este texto está inteiramente digitalizado em <http://www.blb-karlsruhe.de/blb/blbhtml/nib/uebersicht.html>, sob a forma de imagens e em http://www.univie.ac.at/Germanistik/texte/germ_text.htm em texto padronizado pra bancos de dados.

²⁵⁴ Consulte uma versão bem completa de fontes acerca da epopéia em <http://www.ingeborgschmich.de/Nibelungen/html/aufsaetze.html>, outra, do início do século XIX em <http://link.library.utoronto.ca/booksonline/digobject.cfm?Idno=00001325> e um glossário geográfico do tema muito completo em <http://www.badenhausen.net/harz/svava/ThsGlossary.htm>

seqüência de acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, a grupos de acontecimentos” nos orienta Lévi-Strauss em *Mito e Significado* (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 68). A relação entre mito e partitura musical encerra a idéia de que para efetivamente compreender um mito é preciso estar atento que a consideração acerca do significado de uma parte está presente em todas as outras. Saliento que o fato de Lévi-Strauss utilizar-se da tetralogia *O Anel dos Nibelungos*, de Richard Wagner²⁵⁵, para defender suas afirmações, em *Mito e Significado* me foi muito propícia no texto que se segue. Mas, voltarei a esta análise mais tarde. Para iniciar minha análise, reproduzo a seguir quatro versões do mito de Thor disponíveis na Internet:

5.2.1 TH1²⁵⁶

A primeira versão que escolho do mito de Thor foi retirada do portal Wikipedia, em seu portal em português. Apresento este mito (TH1), seguindo a proposta de Lévi-Strauss como “mito de referência”, e como, nesta mesma proposta, esta escolha não se valida, de forma alguma por alguma espécie de anterioridade lógica ou cronológica. “Partiremos de um mito”, e incluiremos elementos de outros, ao longo da discussão, para “ampliar progressivamente o âmbito da investigação” (LÉVI-STRAUSS, 1964, p.19-24). A relação entre a análise mítica e a etnografia, discutida por Claude Lévi-Strauss (1964, p. 19) na abertura de sua tetralogia, procura demonstrar “de que modo categorias empíricas [...] definíveis com precisão pela mera observação etnográfica, e sempre a partir do ponto de vista de uma cultura particular, podem servir como ferramentas conceituais para isolar noções abstratas e encadeá-las em proposições”. Segundo o autor a análise mítica exige do etnógrafo que ele se situe “no seio de uma população”, de modo a se aproximar de seu “habitat, história e cultura²⁵⁷”. Tomando os sites, os fóruns, os blogs e os outros espaços hipermediados da Internet nos quais os neonazistas se comunicam e defendem “sua causa branca” como habitat, seus discursos acerca de seu passado “glorioso”, sua reconstrução da história do nazismo, por meio do revisionismo como história e o universo

²⁵⁵ Também é importante citar a significativa influência em Wagner, da obra *O Mundo como Vontade e Representação de Schopenhauer*. Este autor atribui à música um estatuto privilegiado diante das outras artes. Schopenhauer demarca a música como “representação direta da essência do Mundo”, uma “linguagem metafísica por excelência”. A obra de Richard Wagner consolida, portanto esta definição de música, atribuindo a ela a capacidade de se referendar na “forma mais verdadeira e arcaica de expressão do substrato da realidade que o drama pretende apreender”. É interessante comparar esta definição com o lugar da música na obra de Lévi-Strauss, em especial na Introdução de *As Mitológicas*.

²⁵⁶ Versão disponível na Wikipédia em português <http://pt.wikipedia.org/wiki/Thor>

²⁵⁷ Sem a etnografia “a análise dos mitos se torna impotente” (LÉVI-STRAUSS, 1964, p.21)

simbólico destes espaços como cultura, visto atender este imperativo metodológico, ciente, no entanto, do limite que a etnografia virtual delimita e que já discuti anteriormente.

Informa o site que o deus também é conhecido, no proto-nórdico como: Þórr, no inglês arcaico como Þunor e no alemão antigo como Donnar. Wagner usa Donner, uma variação dialética. Thor, segundo a Wikipédia “é um deus de cabelos vermelhos e barba, representando a força da natureza (trovão) na Mitologia nórdica e também na Mitologia germânica. Ele é o filho de Odin e Jord. Durante o Ragnarök, Thor matará e será morto por Jörmungandr.” A narrativa prossegue:

Thor é o deus do trovão da mitologia nórdica fazendo justamente seu raios com o seu martelo Mjólnir. Thor é filho de Odin, o deus supremo de Asgard e de Jord (Fjorgyn) a deusa de Midgard (a Terra). Ele era grande para um deus, extremamente forte e um comilão (podendo comer uma vaca em uma única refeição). Thor adorava disputas de poder e era o principal campeão dos deuses contra seus inimigos, os gigantes de gelo. Os fazendeiros, que apreciavam sua honestidade simplória e repugnância contra o mal, veneravam Thor em vez de Odin, que era mais atraente para os que eram dotados de um espírito de ataque. A arma de Thor era um martelo de guerra mágico, chamado Mjólnir (que lançava raios de luz) com uma enorme cabeça e um cabo curto e que nunca errava o alvo e sempre retornava as suas mãos. Ele usava luvas de ferro mágicas para segurar o cabo do martelo branco e o cinturão Megingjard que dobrava sua força. Sua esposa era Sif, a deusa da colheita, com quem teve a filha Thrud e de sua união com a gigante Jarnsaxa, teve os filhos Magni e Modi. Os antigos escritores (Saxo, Adam de Bremen, Aelfric, Snorri) identificaram Thor com o deus Greco-Romano Júpiter porque ambos são filhos da Mãe-Terra, comandante das chuvas, dos raios e trovões, são protetores do mundo e da comunidade cujo simbolo era o carvalho, representando o tronco da família. Os animais de ambos deuses era o carneiro, o bode e a águia. Thor era sempre apresentado com seu martelo e Júpiter com seu cetro. Thor matou a serpente Jormungand e Júpiter o dragão Tifon. Thor lutando contra a serpente Jormungard, filha de Loki. Thor gostava da companhia de Loki, apesar do talento desse embusteiro para colocar ambos em confusões. As histórias de suas aventuras estão entre as mais ricas da mitologia nórdica. No panteão nórdico, Thor era o destruidor do mal e o segundo maior expoente dos deuses Aesir. No Ragnarok, a tarefa de Thor era matar a cruel Jormungand ou Serpente Midgard (uma serpente que envolve a Terra), cria de Loki, mas ele morreu na batalha. Os anglo-saxões deram o nome de Thor ao quinto dia da semana, Thursday ou seja "Thor's day"(quinta-feira, em inglês).

Neste “mito de referência”, o martelo de Thor (uma enorme cabeça, presa a um cabo curto) é apresentado como “aquele que nunca erra o alvo”, e que sempre retorna às mãos do deus. Também aparece a relação entre cinto e martelo, o primeiro dobrava a força da deidade do trovão, e luvas de ferro, para potencializar o manuseio de Mjólnir, com o qual forjava trovões e raios de luz.

5.2.2 TH2

A versão mais acessada da rede para o mito de Thor se refere ao personagem criado por Jack Kirby e Stan Lee: “O Poderoso Thor” para os quadrinhos. Inspirados nas lendas nórdicas, ajudaram a povoar o mundo com o mito. Acredito que este é um dos motivos que contribuem para que o mito se destaque muito nos sites, fala de uma experiência que muitos racistas tiveram na infância, assistindo à reprodução dos desenhos, sob a forma de animação, ou mesmo lendo os quadrinhos. O mito:

Filho de Odin, o Deus supremo de Asgard (o céu dos nórdicos) e de Gaia a deusa da Terra, Thor é o príncipe de um outro mundo existente numa dimensão acima de Midgard, a Terra. Nesse mundo existem outros diversos reinos como por exemplo a terra dos gigantes de gelo e Valhalla, o lugar para onde vão os espíritos dos guerreiros que morrem em combate. Os nove mundos de Asgard são ligados pela Ponte do Arco-Íris, que é guardada por Heimdall o eterno guardião da ponte. Thor possui um irmão adotivo chamado Loki, o traiçoeiro deus das trapaças e mentiras. Devido à sua má índole e à inveja que sente por Thor ser o filho mais querido de Odin, Loki está sempre a tramar a morte do irmão e a posse de Asgard. Odin criou para Thor a mais fiel e potente arma possível, o martelo Mjolnir. Feito de um aço especial chamado uru e forjado pelos anões de Asgard. Capaz de criar Tempestades e furacões, gerar raios, abrir portais entre dimensões, desferir golpes poderosos, possibilitar que Thor voe e os mais diversos encantamentos misteriosos. Mas sem ele o deus do trovão não está desprotegido, pois ainda conta com sua força descomunal e sua resistência. Isso sem contar os muitos séculos de experiências em batalhas. Justamente por causa de uma de suas batalhas Thor cometeu uma grave falta. Perseguindo um pássaro de pedra que causava muita destruição, acabou invadindo o reino dos gigantes de pedra e violou o tratado estabelecido por Odin. Para punir o filho e lhe ensinar a virtude que lhe faltava Odin disse: "Tu és o filho favorito de Odin! Além de valente e nobre, tua alma é imaculada! Mas ainda assim és incompleto! Não tens humildade! Para consegui-la deverás conhecer a fraqueza... sentir dor! E para isso precisas deixar o Reino Dourado e despir-te de tua aparência divina! A Terra, lá aprenderás que ninguém pode ser verdadeiramente forte se, em realidade, não for humilde! Por um tempo não mais serás o Deus do Trovão! A tua memória também tirarei! Agora, vai! Uma nova vida te espera!" Assim nasceu o Doutor Donald Blake, com as memórias de uma vida humana, sem saber quem era na verdade. Sendo manco de uma perna e um médico que salvou muitas vidas Thor aprendeu a lição e seu destino se cumpriu. Um dia Don Blake, no litoral da Noruega, encontrou uma caverna e lá estava um bastão. Ao bater o bastão contra o chão transformou-se no Poderoso Thor e em sua mão estava o fiel Mjolnir, que só podia ser levantado por Thor ou alguém de igual nobreza de alma. Aos poucos suas memórias retornaram e quando encontrou Odin toda a verdade lhe foi revelada. Assim Midgard, a Terra, ganhou seu mais poderoso defensor, pois a compaixão de Thor com os mortais fez com que ele preferisse continuar em Midgard a retornar definitivamente à Asgard. Muitos são os aliados e amigos de Thor: A amada de Thor, Lady Sif; o corajoso cavaleiro Balder; os três guerreiros

Voltagg, Frandall e Hogun; Heindall; os Vingadores; Hércules filho de Zeus; Trovejante; Bill Beta Raio e muitos outros. Entre os inimigos podemos destacar: Loki, O Destruidor; Hela, filha de Loki; Encantor; Mefisto e outros.

Na versão do mito oferecida pela criação do personagem de Jack Kirb e Stan Lee, o deus Thor não aparece mais no Asgard, ele foi banido de lá, por Odin e despido de sua aparência divina. Ele torna-se o doutor Donald Blake, o manco de uma perna, sem memória de sua vida como Deus do Trovão. Apenas quando Thor visita o litoral da Noruega, é que a memória é recuperada: dentro de uma caverna está um bastão: ele se torna o martelo do deus quando é batido contra o chão. Neste momento o homem manco torna-se o deus novamente, ao recuperar seu martelo, recupera sua identidade e sua memória.

5.2.3 TH3

O mito de thor é contado muitas vezes nas ilhas racistas e, na maior parte delas, é interpretado pelos sites, que os associam, explicam, digerem. Escolhi postar apenas os mitos nesta parte do texto. As explicações dos sites serão remanejadas para notas. A primeira versão é a oferecida pelo Valhalla88:

Mjollnir – O Martelo de Thor Ao aparecer no norte da Europa através de sagas, mitos e lendas heróicas, a Suástica representava Mjollnir, o martelo do Deus do Trovão, Thor e aqui cito sua invocação simbólica como consta no livro Creed of Iron para posterior análise: “Salve Thor! Deus do Trovão! Defensor de Asgard e Midgard.

Dote-nos com coragem e nos ajude na luta
Contra os inimigos de nossa fé, família e povo.

Corajoso Thor!

Guerreiro entre os deuses e firme em lealdade e fidelidade.

Proteja-nos e nos encoraje com a força

De seu poderoso e invencível martelo.

Talvez tudo seja como você queira

E todo o nosso povo fique com você como você ficou conosco.

Talvez força e Honra esteja com você e sempre com nosso povo”.

Thor é considerado o mais forte de todos os deuses da mitologia nórdica e germânica. Como visto na invocação, ele é o defensor do reino de Asgard (reino dos deuses) e de Midgard (a terra média, terra dos homens). Thor sempre defende seu povo, sempre se mantém por ele, sempre é honrado e leal²⁵⁸. [...] a Suástica

²⁵⁸ Neste ponto o site acrescenta a interpretação a seguir: “Como demonstram as antigas Eddas, os contos e canções, que embora sejam simbólicas, não representam apenas mitos e lendas da Antiga Religião, nem são ultrapassadas, as eras se passaram, mas a mensagem é a mesma, a raça e sua alma se mantiveram, não importa quanto tempo tivermos pela frente, as lições são as mesmas, apenas representadas através de seus mitos, pois os mitos representam o povo, representam sua Cosmovisão, como eles vêm o mundo e a Cosmovisão Ariana está representada nos antigos contos, seja com as Eddas nórdicas e germânicas, com a Ilíada e a Odisséia grega, ou o Bhagavad Gitã e as Vedas da antiga Índia Ariana, a mensagem é a mesma apenas representada de outra maneira.”

como runa representa o martelo de Thor, este mesmo martelo era preso ao pescoço em forma amuleto pelos Vikings para garantir sua proteção e sua força. Os deuses guerreiros da família Aesir diziam que o martelo Mjollnir era seu maior tesouro, pois lhe permitia proteger Asgard dos gigantes. O martelo era erguido ao nascimento de novas crianças que eram aceitas na comunidade e também era usado em funerais²⁵⁹. Em uma antiga saga, Thor ao comer seus bodes, fez o sinal do martelo para lhes ressuscitar. Thor quem rugia os trovões pelo seu martelo e dava aos homens a luz do Sol, a Suástica, a força do martelo e do deus Thor são o Sol. Em sua pescaria, Thor ao ser atacado pela maligna serpente de Midgard ergue seu martelo e a destrói. Se fizermos uma analogia por um ponto de vista Nacional-Socialista, a serpente representa o poder do dinheiro e do sionismo e da supremacia judaica e o Mjollnir representa a Suástica que combate a usura e o inimigo dos povos.’

Nesta terceira versão aparece explicitamente a associação entre o martelo de Thor e a suástica nazista. A ausência desta associação no primeiro mito aponta pra o fato de que os sites neonazísticos estariam atualizando o mito? Acreditamos que sim, e apontamos na perda do martelo de Thor da versão de Jack Kirby e Stan Lee uma outra contribuição para esta análise: ao perder o martelo, o deus perde a memória de quem ele é. Nos sites analisados a associação entre a suástica e a “recordação” da “verdadeira origem da raça” se repete muitas vezes. Esta associação configura-se como um signo, no sentido dado por Roland Barthes em *O Óbvio e o Obtuso*: “signo é o que se repete. Sem repetição não há signo, porque não poderia reconhecê-lo e o reconhecimento é o que fundamenta o signo” (BARTHES, 1982, p.255, itálico no original). Provocando este reconhecimento os sites amalgamam na suástica o poder de resgatar a memória, na medida em que ela aponta para uma identidade e pretende revelar uma história mito-lógica. É a suástica que é erguida para as crianças recém-nascidas, para demarcar sua aceitação pela comunidade, ela está também nos funerais, demarcando inícios e fins, nesse sentido ela se demarca como um signo de batismo e de extrema-unção, identificando os membros “da fé, da família e do povo” ariano, como a prece a Thor indica. É na *relação* com a suástica que o ariano *reconhece* “seu povo”, é na *relação* com ela que ele *reconhece* “seu sangue”. O silêncio acerca da suástica no primeiro mito e a ausência da memória de Thor até encontrar seu martelo dão lugar, no terceiro mito a presença da suástica e da memória que emanam do martelo do deus do trovão.

²⁵⁹ Comentário do site: “Este sinal era um antigo sinal que depois foi copiado pelos cristãos e transformado em sinal da cruz, ele significava proteção imediata e bênção para todos que o faziam. Mais uma vez a Suástica é a fonte da vida, da criação e da proteção suprema” (V88).

5.2.4 TH4

O Nueva Ordem pulveriza a informação mitológica em seus artigos:

Los dioses se vengan de Loki atándolo a una piedra y torturándolo con venenos. Pero, está profetizado que para el fin de los tiempos, Loki se liberará. Y tras él, se librerá de sus cadenas Fenris. Y los malignos gigantes que son mantenidos lejos de nuestra dimensión por el martillo de Thor, el Mjollnir, penetrarán comandados por Loki. Hel liberará los espíritus de los muertos que lucharán al lado del diabólico ejército de monstruos de Loki, contra los dioses y los hombres. Odín será devorado por Fenris, Thor mata a la serpiente gigante del Infierno, y muere envenenado. Tyr mata a Fenris y muere. Loki y todas sus huestes mueren²⁶⁰. Las svásticas de una figura, en el asa de un balde hallado en el cementerio de barcos de Oseber en Noruega (siglo IX) representa los martillos de Thor, dios del trueno y de la guerra. O site enumera: Thor (dios nórdico del que recorre el cielo en un carro llevado por una cabra), Odín/Wotan (Dios Scandinavo/Teutónico quien surca el cielo en un caballo de ocho piernas), Frey (dios nórdico de la fertilidad), y Tomte (espíritu nórdico conocido por dar regalos los niños en esta época del año).

No quarto mito o grande inimigo de Thor é revelado: seu irmão adotivo (portanto com quem não compartilha “o sangue”) lidera um “diabólico exercito de monstros”, associado no site ao poderio sionista. A suástica representa o martelo de Thor e se faz presente num cemitério de barcos, na Noruega. O deus do trovão e da guerra reaparece num cemitério de barcos, e rumo ao passado o site convoca seus anacronautas. Os sites oferecem também muito material sob a forma de figuras ou filmes que evocam o deus Thor, ou reproduzem seus símbolos, como suas runas, seu martelo, os lobos, corvos e águias a eles associados. Escolhi reproduzir apenas estas quatro versões e escolhi estas porque, ainda que nunca tenha pretendido esgotar o tema, pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, escolhi uma versão de um portal que se preza como portador de “neutralidade”. Não sei se esta é possível no mundo, mas a versão do Wikipédia me pareceu sucinta e um bom resumo entre outras que obtive. A segunda versão foi escolhida porque além de retratar como o mundo contemporâneo releu o mito escandinavo em questão, o trabalho de Jack Kirby e Spike Lee faz parte das representações dos próprios sites, porque a figura de Thor nos sites lembra bastante o desenho do criador do personagem. A terceira versão é analisada pelo site, do

²⁶⁰ Acerca de thor o site explicita El mismo dios *Thor*, "dios de la fragua y de los herreros", representante por excelencia de la mitología nórdica y estudiado con interés por el mismo *Führer* (según diversos investigadores y testigos), portaba el martillo con la *Esvástica*, con el cual protegía a los hijos del Sol. Se hace notorio recordar la celebración nacional socialista del solsticio de verano, momento de la victoria de la luz del Sol sobre las tinieblas, o de "*los hombres del sol sobre los de las tinieblas*". Mais de vinte vezes o site associa Hitler a Thor, valendo-se de um nome composto Thor Hitler.

ponto de vista junguiano, com o qual gostaria de dialogar; e a quarta se insere no debate do Nueva Ordem, acerca do Sol Negro, uma seita de “nazismo esotérico” que atualiza os mitos e sentidos do nazismo.

As versões do mito no site se repetem, por exemplo, se considerarmos apenas o Valhalla88, em que haveria vinte e nove comentários com narrações acerca de Thor, dentro destas muitas “explicações” são fornecidas, como as apresentadas em TH3, acerca da relação da mítica “maligna serpente de Midgard” com o judaísmo internacional e sua vontade de dominar o mundo. Na totalidade dos sites identifiquei duzentos e vinte e quatro abordagens do mito do deus do trovão e a estas se somam outras formas de evocá-lo, como imagens, vídeos, banners, material para ativismo, referências às suas runas, enfim, a presença de Thor parece onipresente: a suástica é seu materno e ela chega a emprestar seu símbolo em botões de navegação, o que torna a perspectiva sugerida por Lévi-Strauss de que seria necessário abarcar “a totalidade de suas versões” um caminho a que recusei: parece-me impossível. Do que me foi possível trato a seguir.

5.3 Os mitos germânicos²⁶¹ e vikings, um primeiro mapeamento

“Quando um mito é contado, ouvintes individuais recebem uma mensagem que não provém, na verdade, de lugar algum; por esta razão se lhe atribui uma origem sobrenatural.”

Claude Lévi-Strauss (1964, p. 37)

Segundo Émile Tonnelat, “três ou quatro séculos antes da era cristã, os Germanos, estabelecidos no Sul da península escandinava, nas ilhas do Mar Báltico e na grande planície inferior do Norte da Alemanha, entre o Reno e o Vístula” se apresentavam como um numeroso grupo de tribos, denso, sem qualquer vínculo político entre si. Estas comunidades, segundo o autor, no entanto, apesar de se combaterem de tempos em tempos, falavam a mesma língua, tinham certas semelhanças sociais e, provavelmente teriam partilhado algumas crenças religiosas. Ainda segundo o grande estudioso da mitologia germânica, estas crenças se transformaram no contato com outros povos, em especial com os Godos, principalmente após à sua conversão numerosa ao Cristianismo, o que trouxe um confronto entre estas crenças dos povos

²⁶¹ Pensar, nesta jornada “mar adentro” pelo mito de Thor, a mitologia germânica e nórdica um cuidado inicial: é preciso, como recordou Maria Lamas, em *Mitologia Geral*, que a primeira se refere a um “agrupamento lingüístico e não propriamente a um grupo étnico, pelo que, ao longo das vicissitudes da história, nem sempre abrangeu os mesmos povos”. Como este fator nunca foi apontado pelos sites em questão, tal cuidado em fazer a presente ressalva se amplia.

germânicas e a cultura bizantina. Após a conversão de outro grupo numeroso ao Cristianismo, os bretões, depois do século VII, um intenso contato com missionários bretões devem ter ocasionado novas articulações religiosas, escreveu Tonnelat. As diversas versões do mito de Thor surgiram, segundo a maior parte dos pesquisadores, depois deste segundo contato, na época da formação dos mitos que deram origem a Edda e portanto, entre os séculos VII e XI na região da Europa Setentrional. O mapa a seguir demarca estas regiões:

Figura Vinte e seis
Rotas do mito proto-nórdicos²⁶²



Os antepassados dos Germanos buscaram nas costas meridionais do Mar Báltico e na Escandinávia um solo para seus mitos, milhares de anos antes do retratado pelo mapa acima, cerca de dois mil anos antes da era cristã, de modo ainda muito misterioso para os pesquisadores. Foi apenas no terceiro século a.C. que suas tribos começaram a ser anotadas pelos escritores gregos e tão somente neste momento surgem registros acerca das diversas tribos germânicas, que ainda muito diferentes em língua e cultura, preservavam “certa comunidade de crenças”, escreveu Lamas²⁶³. Nesta comunhão, dois elementos sempre chamavam atenção dos pesquisadores: o fato de cremarem os corpos de seus defuntos e o fato de guardarem os ossos calcinados. Outra

²⁶² Fonte: Ragache, Gilles Os Vikings, Mitos e Lendas. São Paulo, Ática: 1995 (edição original de 1990) p. 43

²⁶³ Um site com numerosos artigos acerca dos germanos e escandinavos está em http://www.brathair.com/Revista/Port/indice_tema.html

representação comum, tanto em imagens rupestres como em desenhos em rochas, eram os navios. Se estes navios se relacionavam a suas idéias acerca dos mortos, nunca se soube, no entanto, precisar. Desenhavam enormes figuras humanas, entre elas algumas configuravam deuses e deusas, como àquele, que muito anos do século II antes de Cristo foi denominado Tiuz ou Tiwaz, que deu origem ao mito de Thor, posteriormente. O conhecimento da mitologia germânica que chegou até nós preservada pelos islandeses, a Islândia, centro do mundo nórdico, em especial pelo Edda, tanto em sua forma poética como em sua forma em prosa. O primeiro é uma grande compilação de eventos poéticos que narram aventuras de deuses e heróis, em sua gigantesca maioria anteriores a cristianização da Escandinávia, o segundo é uma espécie de Manual explicativo do primeiro, que tenta mapear o panteão em questão. No Edda Poético aparecem muitos nomes atribuídos a Thor: ele é Asabrag (o "Rei do Aesir "), Asathor ("Thor dos Deuses "), Björn (" Agüente "), Donar (germânico), Öku-Thor (Motriz-Thor, Vingnir (" O Hurler ") e Vingthor (" Thor o Hurler ") para citar apenas alguns exemplos. Neste texto antigo, Thor é descrito como filho de Odin e Jörd, marido de Sif e com ela, pai de Thrud e Lorríde e Padrasto de Ull. Sua amante, a gigante Jarnsaxa lhe deu dois filhos, Magni e Modi. O mito conta que Thor era o mais forte do Aesir e, possuidor de um martelo mágico Mjöllnir, que o tornava praticamente invencível. Duas cabras arrastavam a carruagem do deus do trovão: Tanngniost (" O Rosnando ") e Tannggrisni (" Que moí os seus dentes "). Seus criados eram Thjalfi e Röskva e sua serva a irmã deles, Thjalfi, viviam com ele na terra de Thrudvang (" Campo de Poder ") ou Thrudheim (" Casa de Poder "). Ali estava erguido seu grande palácio, Bilskirnir, na região de Asgard, o plano em que vivem os deuses. Dali protegia o mundo dos homens, Midgard (a Terra), dos anões e gigantes.

Há muitas aventuras de Thor nos poemas do Edda: ora ele disputa com Odin, sob disfarce, enquanto navegam sobre um rio, qual dos dois teria feitos mais grandiosos (Thor não reconhece o pai no barco); na qual Thor parece obtuso e tolo, ora se narra a competição entre Thor e o anão Alvis, que havia roubado seu martelo para forçar a entrega da filha de Thor como sua esposa. Antes disto, testa a sabedoria do não acerca das raças do mundo e ganha o debate, protegendo a filha do destino que lhe ameaçava, valendo-se de inteligência e argúcia. Em outra história Thor, o gigante Thrym roubou também o martelo de Thor e exige Freyja como noiva. Thor finge ser a moça (depois de tentar convencê-la em vão, ela indignada com o pedido sofreu tamanho inchaço que seu pescoço estourava qualquer colar) e Loki uma espécie de dama de honra, para enganar o gigante. Antes da cerimônia a suposta noiva mostra seu apetite devorador,

mas nem o fato de comer um boi, oito salmões, muitos doces e beber tonéis de hidromel e cerveja destruiu o disfarce: diante da desconfiança do gigante Loki, o grande embusteiro fala que “a pobre moça” teria chorado, em jejum, por oito dias, tamanha era a nostalgia que o país dos gigantes lhe rendera. Não era fome, portanto, era paixão. Thrym, encantado pelo fato, então, tenta beijar a moça, mas se apavora com sua feiúra. Loki o convence que ela está abalada pela fome e pelo sono, e, enfim, quando se casam, assim que recebe seu martelo de volta, Thor mata o gigante e todo o seu séquito e depois volta para casa.

É nesta saga que também se relata a história entre Thor e Jörmungand a serpente. No Crepúsculo dos Deuses, o Ragnarok, Thor matará a fera que ameaça Midgard, mas sucumbirá envenenado por ela. Já no Edda em Prosa, Se conta a batalha entre thor e o gigante que ao morrer não conseguia ser carregado de tão imenso que era. Thor e um filho são os únicos capazes de remover o monstruoso defunto. Depois disso a feiticeira groa tenta retirar uma pedra de amolar que havia dentro da cabeça do herói para se apoderar de sua força e de seus desejos. Ele vence mais uma vez e lança a feiticeira longe no céu. Entre os cantos atribuídos a adoração do deus do trovão, há este, que o Edda (STURLUSON, 1933) considera cerimonial:

E assim cantou o Grande Wotan:
Com olhos ardendo o Pai de Thor
Iluminado pela estrada em círculo do mar,
Antes dos peixes que habitam nas águas
Thor se confundia com o próprio barco²⁶⁴.

Thor, aclamado por sua sabedoria e toda realização, era garantidor das vitórias nas batalhas, da força dos heróis, da produtividade dos campos. Era muitíssimo mais adorado pelos aldeões do que pelos poderosos. Os primeiros creditavam ao grande deus de cabelos vermelhos às vastas colheitas e a realização dos feitos da natureza. Quando os deuses da natureza, Vale e Vidar, se debruçaram à paisagem que despertava a nova vida, no fim do crepúsculo dos deuses, e encontraram-se com aqueles que nasceram para suceder aos doze deuses: os irmãos Modi e Magni, os filhos do deus Thor e da gigante Iarnsaxa trouxeram ao mundo novamente consigo o martelo do pai e as suas virtudes. Amplamente cultuado pelos vikings e tido como "Senhor do Trovão", "Senhor do Céu e das Chuvas Benéficas", "Senhor dos Trovões, Trovoadas, Relâmpagos, Raios e Tempestades"; venerado como "Príncipe dos Deuses"; presidia o céu, o trovão, o ar, o vento, as chuvas, as tempestades, o tempo bom, as colheitas, as frutas da Terra;

²⁶⁴ O cemitério de barcos do quarto mito se relaciona, simbolicamente, portanto a toda uma população de deuses em seus jazigos?

além de combater a doença e a fome. Protetor dos homens e deuses da influência negativa dos gigantes, era o grande defensor de Asgard contra seus inimigos, enfim como sintetiza Lamas, “não havia circunstância na vida a que Thor não estivesse associado” (LAMAS, 1959, p. 43).

A descrição física do deus, revelada pelas várias versões é muito homogênea: imagina-se Thor como “muito robusto”, “extremamente alto e forte”, “possuidor da maior força e vitalidade já vista”, “seus longos cabelos e barbas ruivos cobriam o mundo dos combates”, sua voz “é o trovão”. “Seu apetite era o maior do Universo”, “o grande Donar é um glutão”, “era rude, ainda que nobre”, “simples e infatigável”. A origem mítica de seu Mjolnir, seu martelo era um meteoro que caíra sobre a Terra (a mesma da espada de Siegfried, na tetralogia wagneriana) e este objeto mágico tinha três particularidades: as duas primeiras, jamais errar o alvo, voltar sempre a mão de quem o atirava (destes predicados nasce a vontade dos inimigos de roubar o mesmo, repetidas vezes), eram mais citadas nos mitos do Edda. A terceira viria do fato de que o martelo teria sido forjado por um anão e no Edda isso é associado à capacidade do martelo de mudar, magicamente, de tamanho.

Nos mitos, os Germanos povoam o mundo com seres de natureza não-humana. Entre estes, interessa-me em particular, dois tipos de seres, muitos presentes nos mitos de Thor: os gigantes e os anões. Os primeiros, personificavam os grandes fenômenos naturais: tufão, tempestades, maremotos, erupções dos vulcões, o inverno. São inimigos dos deuses e dos homens, enormes “conservam a rudeza e a brutalidade dos tempos em que o mundo saía lentamente do caos” (LAMAS, 1951, p. 68). Eram denominados “troll” e representavam forças não organizáveis, nem pelos homens nem pelos deuses. Os anões, por sua vez também eram inimigos, mas por outros motivos: “feios, disformes, ardis, manipuladores” povoam os mitos como dotados de grande inteligência, sobrenatural e um grande amor pelo ouro e pela riqueza. São hábeis em manipular metais, habitavam o plano inferior da terra, como o anão Alberic que forja com o ouro do Reno um anel que dá a seu detentor a posse do tesouro dos Nibelungos que inicia a tetralogia wagneriana. Enquanto venciam anões e gigantes, Thor ocupava, segundo George Dumézil²⁶⁵, a função social de representar a força psíquica e combatente (DUMEZIL, 1968, p.

²⁶⁵ George Dumézil defendeu a teoria da tripartição, ponto central de sua obra, alicerçado nos estudos que o autor francês desenvolveu acerca do sistema social hindu, que dividia a sociedade (pós-védica) em apenas três castas arianas puras: os brâhmanas, os rājanyas e os vaiśyas. Os primeiros desempenhavam funções sacerdotais, os segundos eram os guerreiros e protetores do povo e os terceiros voltavam-se para as atividades pastoris, comerciais e produtoras. Dumézil defenderia, durante toda a sua obra que esta divisão tripartida, resultado de uma intensa prática doutrinária anterior, revelava uma estrutura tri-funcional das sociedades que receberam influência deste material anterior, como os citas e os romanos. A partir desta análise Dumézil (1938) explicou uma tripartição teológica que

112-115) e, segundo o estudioso francês, sua força atribuía-se a seus talismãs, marcados pela suástica, a capacidade de evocar estas características no espírito dos guerreiros que deles se valessem. Dumezil discorda da transliteração mítica mais comum que compara Thor a Júpiter (ou Zeus), para este autor, Thor equivale a Ares, ou Marte (DUMEZIL, 1968, p.149-153), justificando esta posição no fato de que Thor é um guerreiro não apenas invencível, mas belo e eternamente jovem.

Em *Ilhas de História*, Marshall Sahlins (1990), ao se debruçar, por exemplo na análise do "rei estrangeiro" se recusa a um modelo mais sociológico para dar conta da dualidade simbólica e política expressa pela incorporação sob a forma de uma "soberana fonte mágica de poder" da figura que caracterizou como "rei estrangeiro". Exercendo uma "ação civilizatória", o rei representa uma cultura externa, um poder divino que necessita ser incorporado pelos chefes tribais a quem se prometem esposas e a quem se oferecem "assassinatos ritualísticos". Dele emanam as fontes de poder simbólico que serão incorporadas como poder político, nele se materializa o devir.

Observo a presença do "rei estrangeiro" que garante a solução do dualismo ontológico, a preservação da raça e a restauração da ordem no mundo em duas figuras míticas: está em Thor, este guerreiro invencível, que salva os homens na Terra Média, como no seu espelho heróico Siegfried, estrangeiro adotado pelo anão forjador de armas. Mas, não é apenas nestas figuras que a presença do "rei estrangeiro" se manifesta nos sites racistas: a figura de Hitler é incorporada desta forma. O austríaco restauraria o povo alemão, por conhecer os poderes mágicos e simbólicos dos antepassados e por manipular, também como um xamã, a carga simbólica necessária para constituir uma linguagem que atravessasse "a tela da consciência sem encontrar obstáculo, para levar sua mensagem diretamente ao inconsciente" (LÉVI-STRAUSS, 1949, p. 231). Os sites empreendem uma nova leitura dos líderes nazistas, de Hitler em particular, como "um rei estrangeiro" no sentido que lhe dá Sahlins: capaz de organizar aspectos dualistas internos e externos. Quando retratam Hitler, os sites o colocam como exemplo de vigor, força, honra e, ainda, como protetor das crianças e animais. Como este rei não deixou prole, que se saiba, são seus filhos e filhas todos os que incorporam o sentido que o líder nazi fornece a nação, povo e líder. Neste sentido o avô do filho de Franciele é Hitler, porque se tornar nazista é resgatar neste "rei estrangeiro" a garantia de uma proteção política e simbólica, uma paternidade ritual que se

divide os mitos dos deuses de acordo com estes três tipos de atividades humanas: há os deuses sacerdotes, os guerreiros e os criadores/agricultores. Thor pertenceria, portanto, à segunda função.

encaminhe, como aponta o slogan do National Alliance, para uma nova consciência (que incorpora os sentidos manipulados pela fonte da supremacia simbólica e política do líder), para uma nova ordem (que abarque a integração entre o mundo interior e exterior, restaure a hierarquia das terras dos deuses, da terra e dos homens) e para um novo povo (que esteja protegido pelos laços raciais assegurados pelos casamentos que perpetuam o “sangue ariano” e pelos assassinatos rituais dos inimigos).

Nesse sentido, Thor, Siegfried, Hitler e cada “guerreiro ariano” se relacionam dentro do universo simbólico dos sites, assim como o martelo, a espada, a suástica e o “sangue alemão”. Para aprofundar estas associações é preciso, no entanto, pensar primeiro como outros elementos do mito podem ser acrescentados a nossa reflexão:

TABELA CINCO – DISPUTAS E VITÓRIAS NO MITO DE THOR

QUEM DISPUTA COM THOR	RESULTADO	COMO O MITO DESCREVE A VITORIA
O deus Odin sob disfarce	Thor perde	Thor aparece como tolo e rude
O anão Alvis	Thor ganha	Thor revela uma inteligência superior a de todas as raças

Note-se o sistema hierárquico em que o mito parece apontar diante do elemento padrões de inteligência: Thor não está apenas entre o Deus Odin e os anões, mas sim, bem abaixo do primeiro e muito acima dos segundos. Outro par de desafios, que aproveita a disputa com Alvis, mas agora em sua relação com a narrada na disputa com Themyr, revela um outro elemento:

TABELA SEIS – ARMAS E INIMIGOS NO MITO DE THOR

QUEM DISPUTA COM THOR	ARMA UTILIZADA POR THOR	COMO É DESCRITO O INIMIGO
O gigante Themyr	Disfarce	Muito tolo, acredita na “noiva” ainda que horrenda e glutona
O anão Alvis	Conhecimento acerca das “raças do mundo”	Manipulador, ávido por ouro, muito inteligente, conspirador, mas bem menos que Thor

Como o martelo que “aumenta ou diminui”, Thor é capaz de adequar-se aos “estados mentais” de seus inimigos e como o Martelo, que sempre retorna a quem o utilizou, sempre volta para casa, imediatamente após a vitória, como o Martelo é invencível. Esta identificação entre Thor e o seu martelo, aponta para outra possível analogia: roubar o martelo é apoderar-se do próprio Thor. Apoderando-se do martelo, ter-se-ia a garantia de um casamento inter-hierárquico. Mas, Thor sempre recupera o martelo, cujo nome, Mjollnir, pode ser traduzido como “aquilo que esmaga”. O minério que o constitui, é Uru, tão pesado, permite que só Thor, com sua força gigantesca e usando o cinto Megingjard consiga manejá-lo. O que torna impossível para seus inimigos manipular o martelo, mas não impossível deste ser roubado por aqueles. O mito de Thor se refere, portanto, a um mundo no qual hierarquias definem papéis, esposas, padrões de inteligência, hierarquias que precisam ser restabelecidas quando ameaçadas (roubo do martelo), para que se possa voltar para casa.

Num povo tão nômade quanto o que engendrou estes mitos, “voltar para casa”, “para o Valhalla”, em Asgard, toma a forma de um ideal, assume o contorno de “um destino feliz”. É Thor que precisa voltar para casa, após cada luta com gigantes e anões, que ameaçam o seu mundo e o mundo dos homens. “O filho dileto de Odin” ocupa um lugar de intermediário guardião da ordem do mundo, enquanto protege os campos de laranjais, tão vermelhos quanto sua barba e cabelos longos. O par simbólico expresso pela relação de Thor e seu martelo, mostra que não apenas a figura de Thor, mas os artefatos com quem se relaciona também são pulverizados por estes sentidos. O martelo é feito de um metal que caiu do céu. Estaria ele voltando para casa?

Problematizando como esse mito pensa o internauta que produz e frequenta, como adepto do movimento os sites racistas, nazistas e revisionistas, é possível revisitar a ordem hierárquica que estes acreditam perdida: em que lugar estaria o martelo de Thor, enquanto que os judeus (os anões) e os negros (os gigantes)²⁶⁶, para quem os sites apontam explicitamente roubam as mulheres dos guerreiros (elemento não elaborado pelos sites)? Mas, ainda que os sites, apoiados explicitamente na idéia de “inconsciente coletivo” de Carl Gustav Jung²⁶⁷ (preferível por razões anti-semitas a qualquer interlocução com a “sionista obra de Freud”) comentam, de passagem vínculos entre anões e judeus (especialmente Alberic do ciclo wagneriano) e entre gigantes e negros. Na terceira parte do “Anel dos Nibelungos”, Siegfried, na primeira cena, encontraremos o

²⁶⁶ Conforme Wagner dá a entender no Anel.

²⁶⁷ Jung é também preferível a Freud por conta de sua relação com o nazismo na década de 30 e pela abordagem que o criador da psicologia Analítica desenvolveu a respeito dos judeus, em especial quando começou a elaborar uma “psicologia das nações” (SAMUELS, 1994; MCLYNN, 1998).

irmão de Alberich, Mime, ferreiro e armeiro, numa gruta, local em que passa dias a forjar espadas. Ao levantar da cortina vemo-lo agachado e o primeiro som que se ouve é o martelo. Tenta, em vão, confeccionar uma espada a altura de Siegfried, que cada vez mais irritado com seu tutor, transforma todo o seu trabalho em lascas. A cena nasce a partir do martelo, ele forjará a espada adequada ao herói, quando o metal adequado aparece, diretamente do céu trazido por um meteoro. Uma nova relação se estabelece: entre a espada de Siegfried e o martelo de Thor. Ambas, forjadas pelos anões. Mas, há ainda mais:

TABELA SETE – MONSTROS E DESFECHOS NO MITO DE THOR

HERÓI	ARMA	MOSTRO	DESFECHO
Thor	Martelo	Serpente Jormungand	No crepúsculo dos deuses, Thor mata a serpente, mas caba sendo morto por ter entrado em contato com seu veneno.
Siegfried	Espada	Dragão Fafnir	Siegfried mata o dragão, recupera o ouro do Reno e o anel dos Nibelungos, mas ao banhar-se no sangue do dragão acaba por deixar uma pequena parte de suas costas intocada, coberta por uma folha, este ponto frágil ocasiona sua morte.

Thor e Siegfried se relacionam dentro do mito, como também se relacionam a Serpente e o Dragão, aquela guardando os tesouros do mundo e este, os do Reno, além do anel dos Nibelungos, o martelo de thor se relaciona à espada de Siegfried. Também está dentro de cada monstro a substância que acaba por matar o herói que o destrói: o sangue do dragão se liga ao veneno da serpente. Dentro do mito paralelismos se multiplicam para evocar em Siegfried, o próprio Thor. Mas por que Siegfried era necessário ao mito? Porque alguém precisava recuperar o Tesouro do Reno, roubado do rio Reno pelo anão ardiloso, que ao retirar o ouro do seu lugar de origem, desencadeia em todo o mundo, segundo nos conta as sagas Edda e Volsunga, uma grande quebra da ordem natural, que lança no mundo um verdadeiro furacão de grandes episódios marcados por contínuas mortes e renascimentos e que insere homens e deuses em um mundo mediado pelo drama cósmico, que abala inclusive a árvore cujas raízes sustentam o mundo, o freixo Yggdrasil. Confeccionado com este ouro mítico o anel dos Nibelungos foi roubado, junto

com o restante do tesouro, por dois gigantes, um deles se transforma no dragão Fafer. Estes irmãos, anteriormente, haviam construído o Valhalla. Para restaurar a ordem, era preciso que alguém matasse o dragão e devolvesse o ouro do Reno a Wotan: nascia necessidade do herói, que leva Wotan a copular com uma humana e gerar filhos. De um deles nasceria Siegfried, que escapa quando seus pais são mortos e vai viver tutelado pelo anão forjador de espadas. Sete mortes envolvem a temática do Ouro do Reno, como o mito é interpretado pela obra wagneriana e completando o grande ciclo, na oitava retomada do tema, morrem os deuses e heróis. O Ouro do Reno está sinalizado nas runas FEHU, cujo simbolismo também era associado a realizações materiais e espirituais. O perigo das riquezas, diziam as tradições proto-escandinavas estava na cobiça, presente no anão Alberich, no gigante Fafner e alerta para a necessidade de serenidade e o autocontrole.

Na ópera wagneriana, um elemento central de narração é o *Leitmotiv*²⁶⁸ (motivo condutor) que caracteriza dramaticamente a composição, por frases melódicas que retornam, que o compositor preferiu denominar *Grundmotive* (motivo fundamental). Neste termo, está o centro da criação do autor de *O Anel dos Nibelungos*, há a rede motívica (*Gewebe Von Grundthemen*) essencial para a arquitetura do texto de sua ópera, no qual impera a idéia de grandiosidade vinculada à ação (*Handlung*). Era preciso, para Wagner, integrar música e drama estruturalmente num todo coeso e eram os motivos, as frases melódicas se repetindo, que encerravam esta propriedade, retomando elementos da narrativa musical anterior, apontando para paralelismos, combinando sentidos. Era no motivo que se abarcava a polissemia wagneriana, a qual permitia conexões e enlances, uma reedição harmônica das imagens recorrentes da tragédia de Ésquilo, que Wagner também assumiu como fonte de inspiração. Motivos, imagens recorrentes, links, elementos que apontam para uma rede simbólica, revalidada pela repetição, evocando pertinência. Na obra de Wagner, na tragédia Ática ou nas tags de hipertexto, a estrutura se revela nas relações.

Na ópera do Anel há cinquenta motivos²⁶⁹, a maior parte recuperando os temas do Anel, da Maldição (do anel), os anões, os gigantes, do Martelo, da Raça, da Valquiria. Como na obra wagneriana, os sites repetem associações: há a Natureza, há a ordem natural, há o sangue, há a maldição do casamento inter-racial, há “os judeus”, há “os negros”, há “a suástica”, há “a raça”,

²⁶⁸ O termo é criado por Hans Von Wolzogen (1848-1938), para designar na harmonia os elementos que desencadeiam vínculos e estruturam o todo. É importante ressaltar que o próprio Wagner não usou o termo, preferindo a idéia de motivo fundamental (*grunmotiv*). O estudo dos leitmotives se estende à literatura e, entre os grandes utilizadores da técnica, estão James Joyce e Samuel Beckett. Em *Star Wars*, uma marca do cinema contemporâneo, há grande utilização de Leitmotives.

²⁶⁹ Para um detalhamento deste tema, há Hans Von Wolzogen (1875).

há “as mulheres”, há as crianças”. Como os motivos da ópera não são lineares, estas repetições migram de um ponto a outro, causam, na medida em que se emerge no texto, a sensação de familiaridade, promovida pela interação entre continuidade e descontinuidade. Lévi-Strauss se debruça sobre um *Leitmotiv* da tetralogia wagneriana, o *Anel dos Nibelungos*, para defender a relação entre música e mito, e escolhe como exemplo concreto o tema da renúncia do amor (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.67-77). Localizando o *Leitmotiv* em três passagens da composição: a primeira, na qual Alberic é informado, pelas ninfas, que a conquista do Ouro do Reno exigirá a renúncia absoluta ao amor humano; a segunda, no encontro entre Sigmund e Sieglinde, marcada pela paixão, precisamente no momento em que o herói tenta resgatar a espada aprisionada numa árvore; e por fim, a terceira, no último ato de as Valquírias, quando Brunilde é condenada por Wotan a um sono mágico, dentro de um círculo de fogo. Segundo Lévi-Strauss, “a única maneira de entender estas aparições misteriosas do tema é juntar os três acontecimentos, ainda que pareçam muito diferentes, empilhá-los uns por cima dos outros, a ver se poderão ser tratados como um único e o mesmo acontecimento” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 70).

Partindo desta premissa, Lévi-Strauss demonstra que nas três ocasiões, associadas pelo *Leitmotiv* wagneriano, “há um tesouro que tem de ser afastado ou desviado daquilo para que está destinado”. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 70). Nesse sentido, sugere-nos o autor francês, que o ouro, a espada e Brunilde “são uma e a mesma coisa, mas considerados de diferentes pontos de vista” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 71). Ao relacionar estes temas na obra, Lévi-Strauss aponta para o fato de que ainda que tivesse renunciado ao amor, Alberic teve um filho Hagen e pela conquista da espada, Sigmund também alcança um filho, Siegfried, o que evidenciaria “uma espécie de gemeidade entre Hagen, o traidor, e Siegfried, o herói” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.71). É graças a esta “gemeidade” que, posteriormente, segundo explica Lévi-Strauss, é possível para Siegfried, “primeiro como ele mesmo e posteriormente, sob o disfarce de Hagen, conquistar Brunilde” em outros momentos da história.

Poderíamos acrescentar a esta interpretação mais elementos: Hagen é filho do que conquistou o ouro e Siegfried filho do que conquistou a espada e, portanto, se o ouro, a espada e Brunilde são a mesma coisa, é perfeitamente possível a conquista de Brunilde pelo duplo Siegfried/Hagen. Destaco, ainda, que a coincidência do Motivo de Siegfried com a última fala de Wotan, ao traçar o círculo mágico de fogo em redor da Valquiria, com sua lança, retomando a cena da espada, também revela ao espectador a certeza de que o herói que resgatará Brunilde será Siegfried. É a espada do herói que romperá a lança do Grande Deus, também nos adianta o

Leitmotiv. É também na díade entre Hagen e Siegfried que outro *Leitmotiv* aponta para uma ação reveladora: por exemplo, no início da segunda cena do primeiro ato de *Götterdämmerung*, Hagen, que mais tarde assassinará o herói, saúda-o. («Heil! Siegfried, teurer Held!»). Nesta passagem, a escolha de Wagner é a reprodução do *Leitmotiv* da Maldição, revelando a verdadeira intenção de Hagen, mas também associando a cena à maldição do Anel. Ao estruturar dramaticamente a ópera wagneriana, os *Leitmotives* permitem recombinações simbólicas: o motivo do Anel, que aparece, principalmente, coligado ao de Siegfried ou ao de Hagen, é preciso notar: o motivo do Anel faz-se ouvir sempre na ausência do próprio objeto, como uma prefiguração da impossibilidade do amor na história analisada. Se ao anel puder se associar ao poder e por isso ser desassociado do amor, o anel é, antes abordado como um poder incomensurável, análogo aos elementos da Natureza: quando o tema do anel reaparece na cena seguinte, no momento que estão em cena Wotan, Loge e os Gigantes, o *Leitmotiv* do anel é vinculado a outro: o do Valhalla, o que poderia revelar uma intensificação de seu poder, igualando-se ao dos deuses. Neste sentido, ansiar pelo anel, pelo ouro do Reno, é desejar igualar-se aos deuses, é hybris. Posteriormente, há uma cena que se inicia com os deuses sobre a montanha e, entre eles, o anão Alberic está aprisionado. Para libertá-lo, o preço do resgate é dado: todo o ouro do Reno. Após emitir diversas injúrias, Alberic se conforma, ao refletir que com a posse do anel, que não pensava em entregar aos deuses, recuperaria, posteriormente, todo o tesouro.

Após entregar, por meio de um ritual mágico, o ouro, Alberic recebe a ordem de Wotan de lhe apresentar também o anel, ao que o anão responde: “Minha vida, não o anel”. Wotan lhe lembra que o anel foi feito com o ouro das donzelas do Reno e lhe furta, rapidamente, o objeto dos dedos. Neste momento, enquanto soa o *Leitmotiv* da maldição, a fala do anão enche toda a cena: “Estou livre agora?” Emite um riso curto e furioso: “Realmente livre? Pois eis a vós minha primeira saudação de homem livre: assim como por maldição me foi útil, amaldiçoado esteja este anel!” Profere, então, a célebre e longa praga, pela qual causa a desgraça a todo aquele que venha a ser dono do anel, até o momento em que o mesmo “volte à sua mão”. Em seguida, se aproximam os gigantes Fasolt e Fafner, trazendo a deusa Freia, feita por eles prisioneira, consigo. O resgate da deusa seria sua medida em ouro do Reno. Para completar a medida, no entanto, falta o anel que está, agora, no dedo de Wotan, para o qual o grande deus olha hipnotizado e, portanto, o deus não deseja entregar, nem para salvar a deusa Freia. Neste momento, surge das entranhas da terra a deusa Erda, uma profetisa, que adverte a Wotan acerca dos perigos de possuir o anel maldito: Wotan seria levado por este objeto ao próprio *Crepúsculo dos deuses*, é o anel que “fará

tudo morrer” adverte Erda. Wotan, então, atira o anel no meio do tesouro e recupera Freia. Em seguida, Fafner mata seu irmão Fasolt pela posse do anel, evidenciando o funesto efeito da maldição de Alberic. O *Leitmotiv* da maldição então se repete. Uma outra associação ao motivo do anel se dá quando ele aparece no momento em que Wotan bane a Valquiria para o círculo de fogo: associado ao motivo de Siegfried enuncia uma profecia. Embora o herói não esteja na cena sua presença é dada pelo *Leitmotiv*, como o anel, é ele agora que aparece na música, embora esteja ausente da cena. É Siegfried que libertará a jovem Brunilde da maldição de Wotan, de seu círculo de fogo, que repete, de certa forma, a maldição do próprio anel. O anel se repete no círculo e no *Leitmotiv*, ao mesmo tempo em que, combinado ao motivo do herói antecipa o destino dos personagens. Neste sentido, o *Leitmotiv* caminha, ao mesmo tempo, para frente e para trás no mito, antecipando e rememorando sentidos e construindo vínculos simbólicos.

O deus Thor, na tetralogia wagneriana representado pelo nome germânico Donner, aparece logo depois desta cena que acabamos de retratar, assim que os deuses, assustados com a maldição do anel, resolvem se refugiar, finalmente, em sua fortaleza. Donner aparece então, no alto de um penhasco, empunhando seu mágico martelo, desenhando círculos no ar. Nestes círculos se repetem, portanto, o tema do anel e o círculo de fogo que prendem Brunilde. Na figura abaixo, a aparição de Thor na ópera wagneriana (versão da Metropolitan Ópera):

Figura Vinte e sete

Aparição do deus Donner na tetralogia do Anel dos Nibelungos



Thor desaparece, mas ouve-se o som de seu martelo, seguido por um trovão. O deus permanece em cena, portanto. Em seguida, se dissipam as nuvens e um arco-íris recobre o vale do penhasco até a morada dos deuses, emoldurado por um belíssimo pôr-do sol. É como se a ópera anunciasse, portanto a importância do deus, até um tanto rude, na organização do mundo, então em caos, novamente numa ordem. Praticamente a primeira parte da tetralogia se encerra nesta cena, com o martelo do deus Donner permitindo, por meio do arco-íris que constrói no céu, a volta dos deuses para sua morada.

Nos mitos, a virilidade de Thor emana de sua longa barba e cabelos vermelhos, associado e na cor uma outra relação estrutural se aponta: o sangue. Há sangue de Wotan em Thor e em Siegfried. Os sites, valendo-se destes símbolos, afirmam: há sangue de Thor/Donner nos heróis da suástica e eles devem proteger-se dos gigantes e dos anões, que desejam suas esposas, que ameaçam a ordem do seu mundo, que roubam o ouro de suas águas, que impedem sua volta pra casa. O poder de Donner/Thor advém, principalmente de seu martelo, com o qual produz tempestades, racha crânios de seus inimigos, pratica rituais mágicos, amalgama de ferramenta e arma, o martelo aponta para a força bruta associada à tecnologia e tem uma função compreendida por Wagner, como protetora²⁷⁰. Segundo Chevalier e Gheerbrant, em seu *Dicionário de Símbolos*, o martelo significaria uma eficácia “contra o mal”. Seu poder é vinculado a uma proteção ativa, ritualística e mágica. O poder do deus vem, de seu conhecimento acerca do mesmo, consiste em saber aproveitar todas as suas funções, utilizando para tanto luvas de ferro, que garantem que uma vez arremessado o mesmo retorne, sempre, às suas mãos. O poder de Donner também está vinculado a um terceiro artefato: um cinto de força que, afivelado, duplica seu poder divino. É outra variante do elemento do anel, circundando Donner e protegendo-o. É interessante comentar uma citação de Junito Brandão (1993, p. 493): informa-nos que o historiador latino C. Cornélio Tácito, no segundo século d.C., em sua obra *Germânia*, no capítulo 31, descreve que os Catos, um povo germânico, vivenciavam um ritual envolvendo um anel: usavam um anel de ferro, até o dia em que matassem seu primeiro adversário.

No final da última parte da tetralogia²⁷¹, Brunilde devolve o anel de ouro ao Reno e imola-se na fogueira em que ardem os restos mortais de Siegfried. Esta restituição do anel às

²⁷⁰ Note-se como os elementos estéticos se associam à violência e à técnica, tanto na tetralogia de Wagner, quanto no nacional-socialismo.

²⁷¹ Luiz Cláudio Moniz escrevendo acerca de Nietzsche acentua a uma importância do tema também para entender o próprio Wagner, por ele analisado em um de suas obras: “um dos exemplos é o título de uma de suas obras, um título satírico: *Crepúsculo dos Ídolos ou Como se Filósofo com o Martelo*. A sátira é feita à ópera *Crepúsculo dos*

águas do Reno é feita portanto pelo amor que liga o casal, mas também pela morte. Note-se que ela se imola com a mesma espada que aparece sob o *Leitmotiv* do anel. Enquanto o fogo se propaga à residência dos Deuses, que se desvanecem igualmente nas chamas, no denominado crepúsculo dos deuses, Brunilde e Siegfried são cremados, como que assegurando que a imensa ambição por riquezas e pelo poder, simbolizada pelo anel, seja vencida, finalmente pelo casal mítico. Os motivos desta sequência são os seguintes: Infortúnio dos Wälsungen, Wälsungen, Compaixão, Amor, Espada, Trompeta de Siegfried, Tema dos Heróis, Brünnhilde, Infortúnio, Maldição, Anel, Assassínio e Guttrune. Finalmente, a voz da orquestra anuncia a narrativa da luta perdida dos Wälsungen contra o destino, que se iniciara em *Die Walküre*; o heroísmo e o amor de que são portadores acabam por sucumbir à ambição e à luta entre Deuses e Nibelungos, que pelejaram pela detenção do anel desde o início da obra. O heroísmo de Siegfried, revelado pelo *Leitmotiv* da Trompeta de Siegfried ao longo da segunda jornada, cede ao um novo motivo: o Assassínio, que vai crescendo em amplitude até que sua intensidade seja absoluta sobre todos os restantes. O motivo de Brunilde, suave no meio do mesmo, antecipa o crepúsculo dos Deuses e o dela própria. O desfecho encontra-se preparado: a maldição recai, enfim, sobre todos os que se aproximaram do anel. No total de mais de quinze horas, toda a tetralogia wagneriana recorda a condição dos mortais e a veemente necessidade de se construir uma nova ordem sobre as cinzas da ordem antiga. O anel feito do ouro do Reno símbolo do poder material do mundo, e a maldição a ele vinculada por Alberic, que é explicitadamente associada pelos sites ao judaísmo, se contrapõem ao casal heróico e baliza a fé no matrimônio sagrado entre arianos, como aliança capaz de restituir a ordem do mundo. A restituição desta ordem se vincula ao deus Donner por toda a tetralogia, é ele que cria o arco-íris capaz de permitir que os deuses retornem a sua jornada, na primeira parte da peça.

Aproveitando esta aparição estrutural, poderíamos pensar cada referência, discursiva ou imagética, da suástica, nos sites, como uma reprodução de um *Leitmotiv*: anuncia a presença do deus Thor: evoca o herói em cada ariano. Da mesma forma que o *Leitmotiv* acústico, a suástica anuncia uma evocação psíquica, permitindo uma correlação mental do seu significante. Nela se perpetua uma presença mental da idéia incorporada pelo racista de sua força, de sua capacidade “essencial” para restaurar o mundo a “ordem natural”, de sua eficácia quase mágica para vencer seu grande inimigo: o “judeu”. A suástica é o significante de todo este simbólico e inteligível

Deuses, de Wagner (que de mestre e amigo, tornou-se um de seus grandes desafetos), inspirada no Ragnarök escandinavo, isto é, no fim do mundo.”

*signatum*²⁷². Não se pode pensar a suástica, apenas em sua forma retórica. É preciso, como enfatizou Michel Foucault, perceber nela outras dimensões:

“ela é ao mesmo tempo religiosa e política. Ela consiste na famosa técnica do σῦμβολον, o símbolo grego. Um instrumento de poder, de exercício de poder que permite a alguém que detém um segredo ou um poder quebrar em duas partes um objeto qualquer, de cerâmica etc., guardar uma das partes e confiar a outra parte a alguém que deve levar a mensagem ou atestar sua autenticidade. É pelo ajustamento destas duas metades que se poderá reconhecer a autenticidade da mensagem, isto é, a continuidade do poder que se exerce. O poder se manifesta, completa seu ciclo, mantém sua unidade graças a este jogo de pequenos fragmentos, separados uns dos outros, de um mesmo conjunto, de um único objeto, cuja configuração geral e a forma manifesta do poder. A história de Édipo é a fragmentação desta peça de que a posse integral, reunificada, autentifica a detenção do poder e as ordens dadas por ele. As mensagens, os mensageiros que ele envia e que devem retornar autenticarão sua ligação ao poder pelo fato de cada um deles deter um fragmento da peça e poder ajustá-lo aos outros fragmentos. Esta é a técnica jurídica, política e religiosa do que os gregos chamam σῦμβολον - o símbolo. (FOUCAULT, 1973, p. 38)

A suástica, portanto, definiria para os sites uma legitimidade jurídica para a defesa contra os inimigos, uma ação política contra estes e uma proteção religiosa, que sacraliza o ato da luta, por estar de acordo “com as leis naturais” (WAU, V88, NA, Nar, KKK, STO, FLN, MCr). Os sites apregoam o anti-semitismo, o ódio a negros e homossexuais, confiando no poder restaurador da suástica: ela precipitará a “Nova Ordem Mundial” (NA, NON, V88). Associa-se à suástica nos sites “a força do sangue branco” (NA), a luta contra os judeus e o sionismo “o maior de todos os inimigos” (NON) e a adoração a Adolf Hitler, o “salvador do mundo ocidental branco” (V88). Ela aparece nas bandeiras e nas vestes dos militantes do Partido Nazista Americano, criado por George Lincoln Rockwell que associa seu despertar político a um despertar mítico: ele se considera o novo FÜHRER, disposto a terminar, inclusive o Holocausto(NA). As bandas de rock neonazistas defendem em seus sites a idéia de que a suástica os faz “pensar com seu sangue” (STO). Ela evoca um “chamado do sangue” (NON), “um chamado da alma” (V88). Neste chamado, evoca-se a força pagã, do deus Donner/Thor. É ele que usa os *Protocolos do Sábio do Sião* e outros tantos livros, como um martelo narrativo com o qual forja a alma dos novos Siegfried, que os sites esperam conquistar. Dispostos a se lavar no sangue do dragão do sionismo, a combater os inimigos de suas almas, a recuperar o ouro do Reno, a impedir que suas mulheres se casem em arranjos matrimônios inter-raciais, para, enfim, voltar para sua casa e permitir que os deuses voltem, também, ao Valhalla. A “resistência pagã” apresentada na figura da página

²⁷² Como expressava a terminologia de Agostinho.

110, aponta em Thor, espelho divino de Siegfried, a resposta a políticos corruptos: para os “arianos”, é a suástica que garante aos arianos, público alvo dos sites o destino de Thor²⁷³. O que mais é esta suástica?

²⁷³ É no mito que se encontra o sentido de existir dos sites pesquisados: é nele que se define sua causa, sua estrutura narrativa, a estrutura de seus links. “Nada se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 241), escreveu o mestre do estruturalismo francês. A análise do presente texto, portanto se distancia das que pretendem reduzir a história a uma função das “condições materiais”, se dirigindo a uma tentativa de dar conta do racismo, associado ao neonazismo e ao revisionismo na Internet, a partir da interpretação mais ampla da noção de práxis, de Marx validada em o *Pensamento Selvagem* de Lévi-Strauss, inscrita na relação entre os mitos e as práticas sociais. No último capítulo de O pensamento selvagem (1974) Lévi-Strauss investiu diretamente contra os modelos absolutamente históricos, no caso a explicação sartreana, priorizando um inventário de todas as mentes humanas e da dignidade igual de todas as sociedades humanas. Em Lévi-Strauss a razão dialética e a história serão discutidas como a “mitologia do pensamento civilizado”.

6. CONCLUINDO, COM INDAGAÇÕES

*“Forêt... forêt... forêt...
Horreur! Horreur! Horreur!
Sur l’ossuaire humain une forêt de pierre.”*
Aron Verguelis, in Treblinka
(DOBZYNSKY 2000, p. 558)

“Existia uma única prova acusadora: o retrato. Ele o destruiria.”
Oscar Wilde (1890, p.216)

Os sites observados nesta etnografia, profundamente demarcados por um léxico racista e pela ideologia neonazista, que retoma símbolos, mitos e propostas jurídicas, religiosas e políticas do nacional-socialismo, valem-se do revisionismo para tentar se livrar do retrato de destruição que a presença deste deixou na História. Como Dorian Gray, os neonazistas desejam destruir o retrato: para isso pretendem, como escreveu Pierre Vidal-Naquet, assassinar a memória. Comunidades do Orkut propõem enquetes que tentam precisar o quanto os internautas que dela participam “acreditam no holocausto”. A enquete propõe como uma das respostas: “Foi um mito. O nome certo é ‘holoconto’”. A esta proposta, os internautas respondem e comentam:

- Quase ficção científica. Hollywood fez o serviço.
- Como disseram anteriormente, a "arma do crime", a "câmara de gás", nunca foi mostrada, mas só veio à tona com depoimentos de nazistas torturados.
- Todo mundo sabe que 6 milhões é lenda pura! É lógico que foi bem menos. Uns 200 mil é um número mais plausível segundo historiadores menos comprometidos (CORKUT - Holocausto Mitos e histórias)

Em outras comunidades e em inúmeros fóruns, o revisionismo funciona, muitas vezes, como a porta de entrada para a doutrinação²⁷⁴. Primeiro se tenta vender a idéia de que o retrato de destruição não corresponde à realidade, sendo que este é produto do inimigo, para evitar a união dos arianos em torno de sua causa. o revisionismo é ao mesmo tempo uma tentativa de erradicar a memória do holocausto e, a partir de uma outra proposta de historiografia cuja finalidade é apagar os horrores associados ao nazismo, e uma tentativa de construir uma outra história, que

²⁷⁴ Denomino por porta de entrada da doutrinação o tema abordado para convencimento dos “irmãos brancos” acerca da “importância da causa branca”. Nos sites servem a este papel “o desmascarar do holoconto” (V88, DIR, ARG), a temática do aborto e a repulsa a pedofilia. Estes três temas soa os que provocam o maior número de primeiros acessos aos sites.

tantas vezes repetida, torne-se re-conhecida, há o objetivo político de atualizar o nazismo. Como esta atualização se opera?

Antes de pensar nesta questão, retomemos o problema ascensão do nazismo na Alemanha, complexo fenômeno que amalgamou, como dito anteriormente, dimensões políticas, históricas, sociais, estéticas, simbólicas, midiáticas, jurídicas. É preciso notar, no entanto, que intermedia todas estas dimensões uma estrutura, que as massas absorveram: é pensada por Victor Klemperer²⁷⁵ (1947, p. 24) como uma estrutura lingüística: “o nazismo adentrou no sangue e carne das massas por palavras isoladas, formas de falar, formas de frases, que lhe foram impingidas, por milhões de repetições e que foram absorvidas de forma mecânica e inconsciente”. Na obra em que discute esta questão, *LTI - Lingua Tertii Imperii*²⁷⁶, Klemperer mostra o peso da modificação da língua alemã durante o regime nazista, desde a formação das primeiras palavras e expressões, alcançando a importância que se dava em adotar nomes germânicos para as crianças, passando pelo aclamar da língua alemã como superior e herdeira dos mais nobres ancestrais lingüísticos. Em sua leitura Klemperer faz uma análise minuciosa das expressões racializadas e anti-semitas que surgiram e se espalharam, durante os doze anos do regime. Nesta detalhada observação, o autor indica como a repetição de termos e expressões vão construindo no inconsciente da massa alemã um campo fértil para a organização e dominação do regime, principalmente em relação a seu grande inimigo: o judaísmo. “combate os inimigos do povo”, “ratos judeus”, “o judaísmo mundial”, “o comunismo judeu”, são exemplos que o autor explora para revelar a importância da linguagem autoritária do regime em sua ascensão e manutenção.

Nos sites, muitas das expressões anotadas por Klemperer retornam, acrescidas de outras: há o “capitalismo judeu”(NA), o “sistema de dominação mundial judeu”(STO), muitas vezes apenas “sistema judeu”(V88), ou, ainda, “sistema sionista”(WPS), há a “mídia judaica”(NA), o “desejo judaico de abortar crianças brancas”(NON), enfim, é o “judeu”, o “sionista” que detém, ao lado “do negro”, “selvagem”(NA), “pré-primata”(NAr) o papel de grande inimigo “do povo branco” (NA, V88, BCb, BFR, DIR, HEr, KKK, SGC, SGn, WAU, STO, WPS, BHL). Com as devidas traduções, o nazismo se atualiza pela atualização da linguagem, ou mais exatamente, pela atualização da estrutura que deu origem à linguagem nazista e que é atualizada pelo neonazismo.

²⁷⁵ O Judeu convertido ao protestantismo, casado com uma alemã, deixou, ainda, um relato muito detalhado da cena urbana do regime em seus *Diários*.

²⁷⁶ O título escrito na forma de sigla parodia o hábito nazista de utilizar-se de siglas.

É nesta estrutura, que se dá a formatação da LTI anotada por Klemperer, é nela que a memória do Holocausto é decomposta para fertilizar a idéia revisionista, é ela que atualiza o nazismo quando “se diferencia no espaço e no tempo” diferenciando “espécies e partes que a efetuam”, e por isso mesmo é esta estrutura que “produz essas espécies e essas partes” (DELEUZE, 2002, p. 235). Esta estrutura, como muito bem definiu Giles Deleuze (2002) no texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*, se manifesta por uma “ordem simbólica”, capaz de produzir sentidos, por meio de efeitos de posições. Essa estrutura, “necessariamente inconsciente” encarna “elementos, relações, valores de produção” (DELEUZE, 2002, 230-31). A estrutura é, segundo aponta Deleuze, um “conjunto de coexistência virtual” de lugares, lugares que serão “preenchidos ou ocupados por seres reais” apenas “à medida que a estrutura é atualizada”. O tempo, nos afirmou Deleuze (2002, 232) “vai do virtual ao atual, isto é, da estrutura às suas atualizações”. As relações estabelecidas pelo nazismo são atualizadas pelo neonazismo: há um “povo ariano”, há “um povo judeu”, este último aliado a “um povo negro”, contra o primeiro, portador “da capacidade de promover a evolução natural” (NA), nestas relações inimigos são construídos, medos são produzidos, saídas são buscadas. A estrutura virtual, e portanto, insistente do nazismo, se atualiza no neonazismo, em seu teutonismo.

Para tanto, as vítimas do Holocausto precisam ser silenciadas e, como Dorian Gray, os novos nazistas estão dispostos a fazê-los desaparecer: questionam os números, os livros, usam a rede para divulgar “sua verdade”, valem-se do “direito de expressão” para emoldurar o retrato em ficção. Apenas desta forma é possível dispor o nazismo nos sites como uma proposta: toda a história do holocausto é, afirmam os sites uma mentira dos judeus, para destruir “o povo alemão”. Portanto, é um engodo de Loki, motivado pela “má índole e inveja” que Loki sente em relação a Thor, o holocausto, defendem os sites, foi alemão, não judeu. Esta tentativa de modificar o relato histórico substitui uma memória por outra: dá ao Doutor Donald Blake, manco um bastão que traz a tona sua origem divina, e neste sentido o revisionismo se articula a toda a trama mitológica dos sites, para “suprimir o tempo” como lembra Leach citando Lévi-Stauss (LEACH, 1976, p. 54). Escolher apontar o revisionismo histórico como uma tentativa que se pretende historiográfica corresponde para mim, um dever moral, o meu dever moral de recordar. Pesquisar este tema, um grande desafio, exigiu um grande trabalho de estranhamento, para dar voz aos meus “nativos”, mas exigiu também o compromisso de recordar a verdade, de expor o quadro escondido na biblioteca.

Quando entrevistei Ben Abraham, sobrevivente do Holocausto, escutei-o falar da dor que provou ao saber de seus parentes exterminados, da sua peculiar trajetória de luta pela resistência da memória, em denunciar a “*tentação do oblio*”²⁷⁷ como escreveu o sociólogo italiano Franco Ferrarotti. Em seu depoimento, ele afirma acreditar que o neonazismo nunca conseguirá ganhar verdadeiro destaque, que as imagens de destruição permaneceram sob a forma de retrato. Um terrível retrato, mas somente um retrato. Os crimes produzidos pelos neonazistas, pelo mundo e que se ampliam, parecem contrariar esta esperança. Por isto, nesta pesquisa, comprometo-me: é preciso recordar.

Muitos jovens são levados ao neonazismo, conforme se vê nos fóruns, nos depoimentos mais íntimos, porque buscam algo que dê, segundo eles, sentido mais profundo à sua existência. A procura na rede, por idéias, ideais, relações, sexo ou comunicação potencializa-se a cada dia, revelando o quanto este novo mar atualiza antigas esperanças: ele esconderia o paraíso que tantos buscam? Sim, acreditam meus “ilhéus”. Em suas linhas, construídas por tags de hipertexto eles imaginam um novo mundo: uma nova América, uma nova Ordem. Um mundo dominado pelos arianos, sem judeus, negros ou homossexuais, um mundo em que se esteja livre, finalmente, da maldição do anel. Um mundo, que sob o efeito do impacto do bastão/martelo sobre o chão das cavernas dos sites, recupere suas memórias e identidades. Nestas cavernas, os recantos mais profundos dos sites/ilhas, suas páginas menos visíveis aos motores de buscas, disposições discursivas se estruturam, portanto, em “propensões para pensar, sentir e agir” (WACQUANT, 2004) e como estas mesmas propensões vão sendo absolvidas, em geral do revisionismo ao neonazismo. Num certo sentido, me arriscaria a dizer que se pensa como revisionista, para se pensar a história, se sente como racista para odiar judeus, negros e homossexuais e se age como neonazista para efetivar a política de ódio em rituais que vão do ativismo ao assassinato. Este bastão/suástica/martelo evoca todo um “sistema de preferências” que delimita o sentir, “o que chamamos de gosto”, conforme escreveu Bourdieu (1979, p. 42-43), enquanto que recupera as “estruturas cognitivas duradouras” da memória “do verdadeiro ariano” e essencializam o “produto da incorporação de estruturas objetivas” dando formato às idéias e, por fim, os “esquemas de ação” legalizam “a direção e seu movimento” reproduzindo “sua vocação” (1979, p. 43). Esta “vocação” nazista, garantida pelo “sangue” se cumpre na medida em que todo “nativo” se identifica com a suástica e que este símbolo que atua “na alma” (V88) e “no sangue”

²⁷⁷ Tentação de deixar-se algo no esquecimento.

(NA), trazendo a tona sua “germanidade” e permitindo que, finalmente, um novo Thor se cunhe dentro de cada neonazista, disposto a direcionar seu martelo contra seus inimigos e demarcando um arco-íris que aponte o caminho do Valhalla. Esta “vocaç  o”   determinada, segundo os sites, pelo “sangue ariano”, tão imortal, quanto hereditário, tão poderoso em manipular representações, como um xamã. Note-se: os neonazistas vêm no “sangue” uma “força” capaz de organizar conteúdos diversos, da memória e do inconsciente, eles afirmam que é o “sangue” que determina a capacidade de se reconhecer como ariano, e nele existe um manancial que nutre a possibilidade deste “ariano” de decodificar símbolos reservados a quem partilha esta “vocação”.

Nestes sites, os racistas se valem da concepção de povo diaspórico, oprimido, mas a quem é destinado um grande futuro final, ainda que a situação atual e seu passado histórico relatem muito mais a experiência de derrotados. Nesta incrível semelhança com a história mítica do juda ismo e do cristianismo, o ciberracismo se distingue pela validação do ódio ao inimigo como tecido conectivo de seu sistema simbólico, o que demonstra um dos cartazes de propaganda; num mundo de cordeiros (símbolo do juda ismo e do Cristianismo, demarca a páscoa judaica, o  xodo do Egito e a páscoa cristã) escolhemos ser lobos. É na suástica que o lobo se define lobo, que a memória é recuperada e atualizada e portanto é preciso retomar a pergunta com a qual encerrei o capítulo anterior, o que mais   esta suástica?

Ao considerar acerca da suástica, para compor sua análise acerca do nazismo, Wilhelm Reich, em *Psicologia de Massas do Fascismo* retoma a defesa da idéia de que o totalitarismo não pode ser considerado como “um problema de Hitler como pessoa ou da política seguida pelo Partido Nacional-Socialista” (REICH, 1972, p. 93), mas sim como um “problema de massa”. Para tanto, seria preciso abordar o simbolismo utilizado pelos líderes do movimento sobre o que ele denomina “as estruturas relativamente desibinidas das massas”, provocando reação. Prosseguindo na discussão, ele percorre as cores da bandeira do movimento, ela mesma um símbolo de grande apelo   emoção nacional, na qual se sobressa ia o branco e o vermelho, que para Reich exibiriam “a estrutura contraditória dos homens”. A seguir, o autor se pergunta acerca do papel desempenhado pela suástica na vida emocional, “tão adequado a suscitar sentimentos místicos” (REICH, 1972, p. 95). Partindo da questão sexual do programa racista, que v  a relação inter-racial como uma contaminação ou um vínculo não natural, Reich rememora a simbologia da suástica na Grécia e na  ndia, como um signo que revela vínculos entre masculino e feminino, o que faria dela, “portanto, originalmente um símbolo sexual”, vinculando-a ao que ele denominou “função essencial da vida” e movendo, para ele, “a vida afetiva inconsciente”

(REICH, 1972, p. 97). É nesta “vida afetiva inconsciente” que estaria ainda os outros vínculos que permitiriam a manipulação de símbolos como sangue e raça, pois mobilizariam os conteúdos sexuais das massas.

Ao discutir a abordagem reichiana, Giles Deleuze (1976, p. 33) não questiona a sua explicação: “nunca Reich mostrou ser um tão grande pensador como quando se recusa a invocar o desconhecimento ou a ilusão das massas ao explicar o fascismo e exige uma explicação pelo desejo, em termos de desejo: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário”. O que Deleuze indaga é a incapacidade de Reich responder, em sua interpretação do nazismo, “à medida comum ou a coextensão do campo social e do desejo”, quando separa dimensões racionais e irracionais em sua análise do fenômeno.

Outros autores, como Paul Kecskemeti e Nathan Leites (1945), em *Some Psychological Hypotheses on Nazi Germany*, também tentam encontrar uma explicação psicanalítica para o nazismo alemão na leitura das massas. Kecskemeti propõe, em suma, que o caráter compulsivo do povo alemão foi o fator definitivo para permitir o fenômeno nazista e passa a vistoriar os sintomas clássicos da neurose de compulsão²⁷⁸ em termos históricos (KECSKEMETI, 1945, p. 9-13). O nazismo, fenômeno muito complexo, envolve dimensões políticas, históricas, sociais, estéticas, simbólicas, valeu-se do cinema, da propaganda, da legalização da discriminação, entre outros tantos elementos que poderiam ser citados, e por isso não penso ser possível dar conta de um fenômeno deste porte apenas por uma explicação psicológica, ainda que ela pretenda pensar “as massas”. Mas, ainda que uma contribuição analítica nesse sentido possa auxiliar uma análise do fenômeno, identifico na abordagem de Kecskemeti e Leites alguns aspectos discutíveis: dois internos à teoria psicanalítica, outro externo a ela. Advogam eles uma teoria acerca da neurose de compulsão “do povo alemão” e sua relação com o nazismo: em primeiro lugar, está o fato de que Freud identificou em sua teoria a respeito das neuroses, uma característica fundamental na neurose obsessiva: o seu vínculo estrutural com o sentimento de culpa²⁷⁹. Os depoimentos de

²⁷⁸ O autor lista a compulsão pelo trabalho, a submissão, a dependência da autoridade, a busca estética a culpa, a megalomania, a rigidez, a angústia. Acerca do tema da neurose de compulsão (também traduzida da obra freudiana como neurose obsessiva) cf. FREUD 1996, NUMBERG, 1989, FENICHEL, 1997 e LECLAIRE, 1977.

²⁷⁹ “A natureza da neurose obsessiva pode ser expressa numa fórmula simples. As idéias obsessivas são, invariavelmente, auto-acusações transformadas que reemergiram do recalçamento e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância” (FREUD, 1913). Para Freud a neurose obsessiva revela seus primeiros sintomas “no segundo período da infância (entre as idades de seis e oito anos)” e revela sempre uma presença marcante de “impulsos de ódio e erotismo anal”, sendo predominante uma neurose masculina.

Nuremberg (GOLDENSOHN, 2005) revelam muitos sentimentos dos prisioneiros, mas a culpa não aparece entre elas, todos “inocentes no sentido da acusação”, como descreve Hannah Arendt (1963, p. 30, et passim) em seu relato acerca de um líder nazista julgado posteriormente. E nos sites pesquisados, também não há nada que se assemelhe a uma idéia de culpa, pelo contrário, a culpa é apontada como um elemento fora da “vida ariana”. Ela pertence ao judaísmo (V88, NA, STO, FNS).

O segundo ponto que gostaria de comentar para pensar a análise do nazismo pelos autores é o papel que o superego desempenha na neurose compulsiva: em seu *Seminário VII*, Lacan identifica o superego como "a lei moral, o mandamento moral, a presença da instância moral, é aquilo por meio do qual, em nossa atividade enquanto estruturada pelo simbólico, se presentifica o real - o real como tal, o peso do real" (Lacan, 1988 p. 31). Forma-se a partir do mesmo uma noção ética, uma racionalidade capaz de dar conta da noção de bem e mal, fundada na repressão do desejo e, portanto, distante da preposição de Reich e Deleuze, de que o fenômeno nazista nas massas envolveu o desejo, pois, segundo ambos, as massas “desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário”. O terceiro ponto é o que formula a crítica de Deleuze a Reich, pois Kecsckemeti também não explora “a medida comum ou a coextensão do campo social e do desejo”. Em que circunstâncias e em que momento? De que forma as massas desejaram o nazismo, como isto se relaciona com o campo social e com os símbolos estudados até aqui? Esta discussão me interessa porque em minha etnografia percebi uma atualização mito-lógica do nazismo, e portanto é para compreender o nazismo que os sites atualizam que problematizo as questões a seguir: ao tentar explicar a relação da suástica com o “ideal ariano” os sites se valem de uma expressão para defini-la: ela é o “símbolo que vem da alma”. Para dar conta desta análise recorrem à *Psicologia Analítica* de Carl Gustav Jung e ao seu conceito de “inconsciente coletivo”²⁸⁰. Num artigo *Sobre a situação atual da psicoterapia*, Jung (1934) escreveria:

“O inconsciente ariano tem um potencial mais elevado que o judaico; contém energias e germes de criatividade, com grande potencial de futuro, os quais não podem ser simplesmente desvalorizados como se fossem um romantismo infantil, sem com isso trazer um risco psicológico. A raça judia como um todo possui [...] segundo a minha experiência, um inconsciente que só parcialmente

²⁸⁰ Jung advogou a existência, a nível psíquico do registro da acumulada da espécie, ao longo de sua história:

"Ao lado desses conteúdos inconscientes pessoais, há outros conteúdos que não provêm das aquisições pessoais, mas da possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral, ou seja, da estrutura cerebral herdada. São as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração históricas. Denomino esses conteúdos de inconsciente coletivo." (JUNG, 1991, Par. 851).

pode ser comparado ao ariano. Com exceção de alguns indivíduos criativos, o homem médio judeu é demasiadamente consciente e diferenciado para poder vibrar com um futuro desconhecido. O inconsciente ariano tem um potencial maior que o judeu.

E acrescenta:

“Os judeus têm esta semelhança comum com as mulheres: sendo fisicamente mais fracos, precisam visar as brechas nas defesas do adversário e, devido a essa técnica que lhes foi imposta através dos séculos, os judeus têm as melhores defesas onde outros são vulneráveis. (...) Devido à sua antiga cultura são capazes, de maneira perfeitamente consciente, mesmo no ambiente mais amistoso e tolerante, de entregar-se aos seus próprios vícios, enquanto nós somos jovens demais para não termos ‘ilusões’ a nosso próprio respeito”.

Nesta abordagem, Jung não assume, de fato, uma relação com o nacional-socialismo, mas identifica nele a capacidade de fazer a “energia e o ímpeto”, “ocultos na alma germânica”. Nesta “alma” da “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989, p. 56) como “germânica”, esta energia e este ímpeto estão expressos pela suástica, mas não necessariamente por estarem ocultos no “inconsciente ariano”, mas por fornecerem “uma linguagem, na qual se podem exprimir imediatamente estados não-formulados, de outro modo informuláveis” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 228). Nos sites esta energia e este ímpeto, revelados pela presença do caráter ao mesmo tempo estável e dinâmico da suástica, expressos em seu grafismo que parece indicar um movimento de rotação em torno de um centro imóvel, apontam para uma força centrípeta de ação, produção, reprodução e regeneração²⁸¹. Na bandeira nacional-socialista esta energia e este ímpeto estão também nas cores: a energia é vermelha, o ímpeto branco. No mito de Thor esta dualidade entre energia e ímpeto também se apresenta na relação entre o cinto e o martelo, o primeiro amplia a força do guerreiro, o segundo é dirigido por sua vontade. Nos sites ela aparece sob a forma de um mantra, que também dá nome a grupos, bandas, discos, vídeos, “*Blood; Honour*”. A energia é o “sangue”, o ímpeto é o “ariano”, o “germânico”, o “teutônico”, a “honra”. A suástica associa-os definitivamente: é o povo ariano que sob a égide de uma estabilidade apoiada na sua “integridade racial” construirá um futuro garantido pela dinâmica de seu sangue capaz de trazer a proteção dos deuses do Valhalla, é no ariano, ainda, que a não

²⁸¹ Esta configuração da suástica também lembra a mecanização da sociedade no nacional-socialismo, no qual toda a sociedade era vista como uma máquina, no genocídio a configuração técnica estava presente desde a concepção: os fornos crematórios foram “soluções” para tornar o processo de morte industrial. Como escreveram Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy (2002, p. 74), em o *Mito Nazista*, o nacional-socialismo “foi a realização da história ocidental da técnica”

contaminação do sangue por casamentos inter-raciais permitirá a estabilidade para que sua raça, dinamicamente, conquiste o mundo. O sangue rubro e a pele clara sob o signo da suástica inscrevem-se no “símbolo que vem da alma”.

Na mitologia viking²⁸², o mito da criação do homem conta que Odin, Vili²⁸³ e Vê,²⁸⁴ três irmãos, um dia estavam percorrendo em conjunto a terra ainda deserta. Durante a jornada se depararam com duas inertes árvores e resolveram criar os homens a partir das mesmas. Odin lhes deu o sopro vital, o espírito; Vili ou Hœnir lhes ofertou a alma, as faculdades de raciocinar e de se movimentar; e Vê ou Lodur ofereceu o fogo, o sangue, a vista, a audição e uma bela face. Foram criados homem e mulher, Ask (o Freixo) e Embla (o Olmo). Deles nasceram todos os homens.

Na *Edda*, é preciso que os guerreiros sejam queimados depois de mortos, para que sua alma se libere para adentrar o Valhalla. É o fogo que torna o sangue liberto da realidade apreendida pelos sentidos (a visão e a audição) e o torna imortal. A morte vincula-se ao fogo para produzir a imortalidade. No Crepúsculo dos deuses, o Ragnarok, os corpos de Brunilde e Siegfried são incendiados, para se tornarem eternos. Com eles, os deuses também morrerão, mas não todos, sobreviverão Vali e Vidar, filho de Odin, que o vingará. Os homens que deles descendem voltarão a povoar a terra, a alma dos homens, imortal como Vali serão convocadas nos sites, pela forma de suástica. Hitler e Eva se casaram apenas instantes antes do suicídio de ambos, e, da mesma forma que Brunilde e Siegfried seus corpos foram desfigurados pelo fogo. A ópera wagneriana fecha o ato numa repetição ritual do mito do anel: o fogo abre-lhes as portas do Valhalla, garante os mitos nazistas e ao evocá-los, o sangue desperta no povo branco a sua imortalidade e linhagem divina. Na suástica está esta evocação, ela, o martelo de Thor, “repercute no espírito inconsciente” (LÉVI-STRAUSS, 1983, p. 231) do neonazista, agregando sentidos.

Todos, em maior ou menor grau, lidamos com angústias²⁸⁵. O sinal da angústia, "reminiscência", demarcado pela sensação de desamparo, a àquela ameaça de destruição total,

²⁸² Grant guirand niedner sagas

²⁸³ que Vili era um grande arqueiro.

²⁸⁴ Filho de Bor, irmão de Odin e Vili. Vê tomou parte na criação do mundo junto com Odin e Vili. Juntos, eles mataram o gigante de gelo Ymir e, do seu corpo, criaram os nove mundos.

²⁸⁵ Angústia é o termo utilizado pela psicanálise para o termo usado por Freud, *Angst*, em alemão. Os britânicos traduziram para ansiedade, na versão inglesa da obra. O termo para desamparo é *Hilflosigkeit*. A ansiedade é vista pela psicanálise como um traço da evolução filogenético e se aborda, em geral, a angústia como uma expressão subjetiva, íntima e introjetada da ansiedade (mais psíquica e somática, portanto) e relaciona a angústia ao reino do sentimento, como uma representação humana da ansiedade. Teóricos: que conceituam acerca do tema: Em Klein a

foi associado por Freud²⁸⁶ à experiência do nascimento (ao mesmo tempo uma experiência simbólica de morte, porque se deixa o estado uterino) e à situação de desamparo biológico nele imanente. Na sua elaboração mais tardia acerca da mesma, Freud concebe uma diferenciação de dois grandes tipos de angústia: a angústia primitiva, primordial ou automática que se referiria, segundo ele, a um retorno psíquico a uma grande ameaça de destruição total, relacionada à experiência do nascimento e a angústia posterior, que se coloca para um sujeito que está numa situação traumática. Em *Le nazisme: une Culture?*, Thierry Feral, um dos maiores germanistas do nosso tempo, localizou na angústia provocada pelo medo da modernidade e pelas transformações econômicas e sociais que se impuseram à Alemanha após a derrota de 1918²⁸⁷, o mais importante fator que permitiu a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha. (FERAL, 2001, p. 41-139) Feral atribui a esta angústia, coletiva, a permissão para formatar um estado anti-democrático, cada vez mais totalitário, mas que alicerçado numa “estetização da política”²⁸⁸, garantiu ao povo alemão a sensação de uma identidade estrutural (FERAL, 2001, p. 70), principalmente por associar-se a uma “sacralização do trabalho e da arte” (FERAL, 2001, p. 122). O trabalho, a arte, o povo, a política, sagrados e belos, garantiam a possibilidade de preservação e foram articulados num conteúdo cultural que inclui, ainda, afirmou Feral, toda uma mística nacionalista. Esta equação foi inserida numa matriz de manipulação e “de determinação megalomaniaca”, que a psiquiatria, recorda Feral, denomina de paranóia. No que o conceito de paranóia pode contribuir para a compreensão do nazismo e do neonazismo?

angústia é classificada como persecutória ou depressiva, derivando de uma posição. A noção de angústia do desamparo Lacan acrescenta que ela não é sem objeto: trata-se do objeto a. Para Lacan, não se relaciona ao trauma do nascimento, mas se reportaria à constituição do sujeito desejante no campo do Outro.

²⁸⁶ Na teoria freudiana a construção de uma teoria acerca da angústia se desenvolveu em três etapas, que podem ser assim percebidas ao longo dos escritos, elaboração esta que se complexifica:

Num primeiro momento (1895-1900) a angústia é definida pela idéia de toxidade, oriunda de um acúmulo de energia sexual, não vivida ou interrompida (há citações a respeito do coito interrompido, por exemplo), que para Freud é um fruto deste recalque e nesta primeira abordagem caracterizada por dimensões naturais, adaptativas e funcionais. Num segundo momento teórico (até 1924), com o desenvolvimento de elementos teóricos que tentavam dar conta da própria era vitoriana e de suas normas de repressão sexual explicitadas, Freud observa na prática clínica uma origem da angústia relacionada a “desejos sexuais inaceitáveis”, que brotariam do id primitivo e conflitariam com as imposições “civilizatórias” interiorizadas pelo sujeito, quer na forma de ego ou superego. Desamparado entre estes dois “senhores” (id e superego), estimularia a angústia, no conflito ocasionado pela pulsão sexual, diante das várias normas sociais. O retorno do conflito, pelo estímulo de desejos inaceitáveis, banidos ao inconsciente, como os desejos sexuais pela mãe, por alguma forma de estímulo, traz a angústia novamente à pauta, sinalizando a emergência de um perigo, que Freud denominará de “premonição da emoção”, essencial à angústia segundo ele. Finalmente, num terceiro momento teórico, Freud concebe uma diferenciação de dois grandes tipos de angústia: a primitiva e a posterior. (FREUD, 1924. p. 107-201).

²⁸⁷ J. M. Keynes em *As Consequências Econômicas da Paz*, antecipa o perigo de se punir a Alemanha porque o equilíbrio da Europa dependia dela. Criticou o Tratado de Versalhes por ter exigido dos alemães reparações gigantescas de guerra, acima da capacidade de pagamento do país.

²⁸⁸ Conforme a expressão de Walter Benjamin também utilizada por Feral.

O estado paranóico se relaciona com a angústia primitiva e não com a angústia posterior, portanto, se vincula a um estado mental anterior àquele em que o superego já seria capaz de identificar distinções morais entre bem e mal, distinções estas que surgem da repressão do desejo, durante a formação do complexo de castração (FREUD, 1915, p. 17). Na paranóia, portanto, não acontece a inscrição, no inconsciente da experiência normativa que a castração virá a significar, falta que impedirá a criança de reconhecer seus limites. A esta ausência de inscrição se denomina, na psicanálise de *forclusão*. O estado paranóico se difere da neurose obsessiva por não se sustentar no recalque: "a investigação psicanalítica da paranóia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuíssem a peculiaridade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exatamente aquilo que outros neuróticos mantêm escondido como um segredo" (FREUD, 1911, p. 132).

O estudo do fenômeno paranóico²⁸⁹, na teoria freudiana, se inicia em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*²⁹⁰. A análise do caso Schreber, serve a Freud para estabelecer um esboço acerca de sua teoria da psicose, em particular da paranóia. Em seus delírios, Schreber, progressivamente se imagina sendo perseguido por Deus (que imagina composto de uma parte superior ou boa e uma inferior ou má, a primeira prefere os judeus, a segunda os arianos), até que o delírio culmina na revelação ao doente de que ele é “a concubina de Deus”, e da “aceitação” deste fato por Schreber como a possibilidade de gerar, da sua união com este Deus, uma “nova humanidade”. Numa entrevista dada por Deleuze e Guattari (1972, p. 47-64), sob o título *Capitalismo e Esquizofrenia*, os autores retornam a interpretação dada por Freud (e toda uma escritura psicanalítica que se seguiu) ao caso Schreber. Eles discutem como as memórias do doente

apresentam uma espécie de delírio racial, racista, histórica. Schreber delira os continentes, as culturas, as raças. Trata-se de um delírio surpreendente com um conteúdo político, histórico, cultural. Lemos o comentário de Freud e todo este aspecto do delírio desaparece, ele é esmagado pela referência a um pai do qual Schreber nunca fala. Os psicanalistas nos dizem que, justamente porque ele nunca fala disso, é que isso é importante. (1972, p. 326)

²⁸⁹ Embora não seja a minha proposta discutir toda a construção histórica do conceito da paranóia é bom recordar que ele era utilizado na Grécia Clássica com o sentido de “desarranjo da mente”, expressão cujo significado exato sempre escapou aos estudiosos da psicanálise. Posteriormente foi utilizado pela psiquiatria alemã, para se referir a todas as formas de delírios. Freud, no entanto, vale-se do termo paranóia para designar a condição clínica de Schreber, em seu primeiro estudo de caso da psicose.

²⁹⁰ Neste ensaio Freud se dedica a pensar o texto *Memórias de um doente dos nervos*, escrito por Daniel Paul Schreber (1903), doutor em direito, presidente da Corte de Apelação, que desmorona psiquicamente ao longo da vida, fato que o leva a uma série de internações.

Um dos delírios de Schreber era o de que, na perseguição que Deus lhe fazia, seu estômago havia sido trocado pelo estômago de um judeu. A crítica de Deleuze não se dá a respeito de toda uma descrição dos sintomas da paranóia, mas da negação da psicanálise de seu conteúdo político, histórico, cultural.

Em *A personalidade autoritária*²⁹¹, Theodor Adorno (1950) também faz uma leitura do poder do fenômeno fascista e nazista sobre as massas, e pesquisa evidências totalitárias nestas massas. Uma das questões centrais dos estudos frankfurtianos acerca do tema é o anti-semitismo: Adorno advoga que todo sujeito ao revelar predisposição anti-semítica se revela, ainda, um sujeito etnocêntrico, ou seja, predisposto a discriminar vários grupos étnicos. Para este, apenas o grupo e o líder com os quais se identifica (in group ou endogrupo) são válidos, e portanto, envolvidos numa atmosfera de idealização, a qual permite um contínuo projetar de qualidades negativas nos grupos com os quais se contra-identifica (out-groups ou exogrupos), os objetos do preconceito. Os grandes estudos inseridos em *A personalidade autoritária* se dedicaram a buscar o sentido da dinâmica própria do preconceito: o objeto (os judeus, os negros, os homossexuais, entre outros) de representações preconceituosas seria interpermutável, porque o preconceito “cumpr[e] uma função psicológica na economia psíquica do sujeito preconceituoso”. Ao conjunto dessas características atribuídas ao sujeito preconceituoso, nomeou-se de personalidade autoritária ou síndrome autoritária, construída a partir de relações, não inata, e, portanto, para os autores, psicossociais. Esta síndrome se manifesta em vários matizes de uma forma menos autoritária ao autoritarismo totalmente irracional²⁹².

Em *A Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista* Adorno (1951) questiona como a recusa dos nazistas em “pararem um segundo para raciocinar” impedia que “toda a encenação ruísse” o que traria pra eles uma imersão no pânico²⁹³. Este pânico é atualizado nos sites neonazísticos pela “enorme ameaça de extinção” que a “raça branca” presencia: a mídia judaica desejaria “o aniquilamento da raça branca”, os “negros” contaminariam definitivamente suas mulheres, não haveria esperança de trabalho para “os povos brancos”, sua religião teria sido contaminada. A angústia causada imensas dificuldades impostas pela contemporaneidade poderia

²⁹¹ Há dois grandes grupos de estudos neste brilhante texto de Adorno: o primeiro versa sobre as predisposições psicossociais para o fascismo, de modo não muito consciente por parte dos sujeitos; o segundo versam sobre as técnicas psicológicas recorrentes dos líderes fascistas, usadas para a formação e manipulação das massas.

²⁹² A eficácia ou poder de mobilização do discurso fascista residia em sua própria irracionalidade, na sua inverdade manifesta (ADORNO, 1950).

²⁹³ Adorno e Horkheimer (1947, p. 156) afirmaram em *Dialética do Esclarecimento*: “o patológico do anti-semitismo não pe o caráter projetivo enquanto tal, mas a ausência de reflexão que o caracteriza”.

gerar um estado de "reminiscência", demarcado pela sensação de desamparo, à expectativa de destruição total? Acredito que este estado de angústia pode provocar a paranóia coletiva que identifiquei nos sites analisados. Não estou dizendo que estas pessoas construíram uma psicose, porque acredito que meus informantes são tão “normais”, ou como diria Freud, tão neuróticos, quanto aos milhões de nazistas nos quais eles se modelam. Cada um deles vive sua história de maneira peculiar e vivenciam experiências distintas, tanto em seu ativismo como fora dele, o que lhes é comum é sua certeza no “sangue”. Acredito que todos eles banalizaram o mal e, a partir disto, constroem, socialmente, uma psicose coletiva. E, como escreveu Freud, “amam seu delírio” coletivo “como amam a si mesmos, esse é o segredo²⁹⁴”. É importante perceber, ainda, que esta função é exercida por uma “substância imaginada²⁹⁵”, que comunica todo um sentido simbólico específico, não por uma pessoa, como um xamã ou um psicanalista (como aponta Lévi-Strauss em *A Eficácia Simbólica*) referendada pela sociedade da qual faz parte e portanto, trata-se da manipulação de um conteúdo inconsciente por um outro conteúdo inconsciente, permitindo que nesta exponenciação a paranóia coletivamente construída deforme a racionalidade. Como escreveu Ella Shorath (2006, p. 45): “o pensamento racista é tautológico e circular: somos poderosos porque estamos certos, estamos certos porque somos poderosos”.

Nesta construção eles se permitem odiar e explicitar seu ódio, revelando, como escreveu Ezekiel, “padrões racistas” do cidadão comum, recalcados pela estruturação da consciência e pelos valores humanos que esta estruturação vem construindo historicamente. A não consolidação destes valores permite esta paranóia construída coletivamente pelos racistas, por meio de uma ossatura racional deformada. Suas categorias visam não à elaboração de um projeto humano, mas de um projeto racial. Os sites desta pesquisa são uma prova de que eles não se recusam a pensar, mas que este pensamento tem uma distorção significativa: muito material é produzido, valendo-se de todas as ferramentas possíveis no meio digital; o domínio

²⁹⁴ A citação está na correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904), (MASSON, org. 1986, p. 112).

²⁹⁵ Aqui imaginário está no sentido lacaniano do termo. Lacan explana acerca de três registros da realidade humana, registros muito distintos e que se chamam: o simbólico, o imaginário e o real. Nesse sentido o próprio ego do nazista, quando identificado com “o sangue ariano” se torna o sinthome. Para Lacan a psicose acontece quando “na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma Verwerfung primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (LACAN, 1992; 1992a, p.98). Lacan prossegue, e na última aula de RSI, ele afirma que a nomeação pode dar-se nos três registros: quando no simbólico seria o sintoma, e quando no real - fazer-se um nome - e quando no imaginário, o ego. É o simbolismo do “sangue ariano” tomado como real pelo neonazista que se identifica com ele. Ele é seu sangue. Ultrapassando a experiência do vivido, o sangue se immortaliza.

da técnica nunca assegurou o melhor para a humanidade, lembra Lévi-Strauss em *Raça e História*.

Esta descontinuidade entre a racionalidade individual e a paranóia coletiva, surge da exarcebação das idéias distorcidas, pela confirmação em seus pares, destas mesmas idéias. Cada neonazista funciona para o outro como alguém que confirma suas idéias, como alguém que oferece a ele uma forma de escapar do horror da violência, pela exteriorização da violência (TAUSSIG, 1987). Ainda que existam enormes diferenças entre eles, tanto em suas crenças religiosas, como nas escolhas que fazem para suas manifestações políticos-ativistas, a idéia de que todos eles possuem “o sangue ariano”, impede a identificação da distorção racional. Se você não concorda com eles, é porque não possui o “sangue ariano” ele é a chave da compreensão dos mitos, nele reside a resignação a uma “realidade” composta por espíritos protetores, por inimigos eternos, por conspirações absurdas. O neonazista “acredita nela e é membro de uma sociedade que acredita” (LÉVI-STRAUSS, 1949, p. 228). E acredita nela por ser portador do “sangue ariano” e nós, que discordamos deles, faço questão absoluta de me incluir, seríamos para eles “os manipulados”, porque não temos “o sangue” e, portanto, estamos excluídos do “conhecimento social implícito”, que faz os racistas analisados nesta pesquisa “se moverem, sem saber exatamente porque ou como”, é o sangue “aquilo que torna o real, real e o normal, normal, e, acima de tudo, aquilo que torna as distinções éticas politicamente vigorosas” (TAUSSIG, 1987, p. 344). É nesse sangue que há uma fuga para o terror da decomposição, neste “sangue ariano” que, acreditam eles, há a possibilidade de apreender as representações “mais verdadeiras e sagradas”, amalgamadas na cosmologia que os sites atualizam. O “sangue ariano” tem portanto, nos sites, uma função de xamã, culturalmente construída pela atualização dos mitos de seu universo simbólico e, por meio da relação entre este sangue, o grupo e o racista, operacionalizada no inconsciente que “a eficácia simbólica”²⁹⁶, pode garantir “a harmonia do paralelismo entre mito e operações”. (LÉVI-STRAUSS, 1949, 232).

É neste sangue/martelo/espada/suástica que há o poder de acesso ao “poder ariano”, é ele que articula, como o arco-íris produzido pelo martelo de Thor na tetralogia wagneriana a

²⁹⁶ Em a *Eficácia Simbólica* que, provavelmente Lévi-Strauss melhor trata de sua concepção de inconsciente. Neste artigo, anterior a “*A Estrutura dos Mitos*”, o mestre francês tece analogias entre o xamã e o psicanalista, mostrando como se equivalem as curas obtidas por eles. O resultado eficaz do xamã em sua terapia pode ser compreendido por sua capacidade de manipular a estrutura simbólica do paciente, reorganizando as emoções mesmo, por meio de símbolos, cantos e representações, numa elaboração que permite transformar em pensável o que outrora eram apenas sentimentos e sensações. (LÉVI-STRAUSS, 1949, p.215-36)

passagem entre este mundo e os “outros nove mundos de Asgard”, a morada dos deuses, ele abre portas entre dimensões, ele operacionaliza a “força e a resistência ariana” na direção de sua “verdadeira natureza”.

É, portanto, no “sangue ariano” que cada neonazista reconhece o seu martelo de Thor, disposto a esmagar seus inimigos, para, enfim, depois levá-lo para casa, a grande Germânia, na qual suas crianças terão “o futuro”, nele se encapsula a esperança de “Dorian Gray” de que sua imagem não se decomponha. Este “sangue” é a crisálida na qual se preparam para tornarem-se heróis, cada um deles, um novo Thor, um novo Siegfried, um novo Hitler. Cada um deles está destinado “pelo sangue ariano” a uma Freya, a uma Brunilde, a uma Eva. Do encontro depende o futuro de seu povo, um futuro que seu sangue e sua honra construirão. Isto eles compartilham, nisto eles se provam “portadores do sangue ariano”. Por isto, eles constroem sites, participam de grupos de discussão, criam vídeos, compram cds e livros e, principalmente, odeiam seus inimigos, uma marca quase genômica deste sangue. Este último, sua memória e seu devir. Anacrônicos viajam, pelos links de seu ódio, rumo a seu teutonismo virtual.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Bem. ... *E o mundo silenciou*. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1972.

_____. *Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Sherip Hapleita, 1985.

ABREU FILHO, Ovídio. *O Parentesco como Sistema de Representações: um estudo de caso*. In: Sérvulo Figueira; Gilberto Velho. (Org.). *Família, Psicologia e Sociedade*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1981.

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995 [original de 1971].

_____. A Educação após Auschwitz. In COHN, G. (org.). *Adorno*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda. In ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike (ed.). *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: Continuum, 1951, pp. 118-37.

_____. *The authoritarian personality*. New York: Harper; Brothers 1950.

ALIETTI, Alfredo. *Sociologia del razzismo*. Roma: Carocci, 2000.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica. *Campos. Revista de Antropologia Social*, Curitiba: v. 03, p. 9-30, 2003.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Guerras Culturais e Relativismo Cultural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: v. 14, n. 41, p. 5-14, 1999.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Simetria e Entropia: Sobre a Noção de Estrutura em Lévi-Strauss*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 163-198, 1999.

ALVES JR., Luís Carlos Martins. O habeas corpus. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 11, n. 1257, 10 dez. 2006.

AMORIM, Aluísio. *Nazismo em Santa Catarina*, Florianópolis: Insular, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Londres: Verso. 1991

_____. Memória e esquecimento. In: ROUANET, Maria Helena (org.). *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro : UERJ/IL, 1997.

ANTONACCI, Célia. R. *As nazi-tatuagens - Inscrições ou Injúrias no Corpo Humano?*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

APIAH, Kwame. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

APOLINÁRIO, Fábio. *Dicionário da metodologia de científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2004.

ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger. 1925/1975*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. *A Condição Humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.

_____. *A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1993.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida. 3.ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1992.

_____. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Diagrama e texto, 1983.

ARISTÓTELES. *Arte retórica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

_____. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2002.

ARON, Raymond. *Les Étapes de la pensée sociologique*. Paris: Gallimard, 1958.

ARRIVÉ, M. *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Edusp, 1994.

BACKES, Clement. *Levi Strauss Presentacion y Antologia de Textos*. Barcelona: Anagrama, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. *Towards a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993 [original de 1926].

BANAVI, Élie (org.). *História Universal dos Judeus*. Belém: CEJUP, 1995.

BANTON, Michael. *A Idéia de Raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *The Origins of Modern Germany*. Oxford: University Press, 1947.

- BARROS, Fernando. R. Moraes. *O pensamento musical de Nietzsche*. São Paulo: Perspectiva, 2007
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BARTOLETTI, Susan C. *Juventude Hitlerista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. *Richard Wagner e "Tannhäuser" em Paris*. São Paulo: Imaginário, 1990.
- BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal*. Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1990.
- BAUER, Martin W.; Gaskell, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002
- BAUMAN, Zygmunt. A sociedade líquida de Zygmunt Bauman. *Folha de S. Paulo*, Caderno "Mais!", 19.out.2003.
- BAYMA, Celso. *Colonização Alemã em Santa Catharina*. Rio de Janeiro: Papelaria e Typographia Norte, 1919.
- BEHE, Michael. *A caixa preta de Darwin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BELL-FIALKOFF, Andrew. *Ethnic Cleansing*. London: Macmillan 1996.
- BELLOWS, Henry Adams. (Org.) *The Poetic Edda*: Translated from the Icelandic with an Introduction and Notes. New York: American-Scandinavian Foundation. Reprinted Lewiston, NY: Edwin Mellon Press, 1923.
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGER, Joseph R. *Pessoas Deslocadas: Tornar-se um Adulto Americano Depois do Holocausto*. São Paulo: Globo, 2004.
- BERGSON, Henry. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BIDERMAN, Hans. *Dicionário Ilustrado de Símbolos*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- BION, W.R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Lisboa: Relógio d'água, 1984.

- BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- BLUM, Ralph. *O livro de runas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- BOAINO, Raffaella. *Hackntropology*. Attraversamenti delle culture hacker. Disponível em <www.rainwiz.com/tesi/hackntropology.pdf>. Acesso em 19 de agosto de 2006.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995.
- BONNAL, Nicolas. *A Internet, a Nova Via Iniciática*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- BONNEFON, Charles. *História da Alemanha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- BOON, James. *Other Tribes, Other Scribes*. Cambridge University Press, 1982.
- BORDENAVE, Juan. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BORGES, Jorge Luis. *Aleph*. Porto Alegre: Globo, 1986a.
- _____. *Nova antologia pessoal*. São Paulo: Difel, 1986b.
- _____. *Discussão*. São Paulo: Difel, 1986c.
- _____. *O fazedor*. São Paulo: Difel, 1984,.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- _____. *Os Usos Sociais da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.
- _____. *Ofício de Sociólogo: Metodologia da Pesquisa na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004b.
- _____. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2004c.
- _____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O Que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Editora Edusp, 1998.
- _____. *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989a.

_____. Espaço Social e Gênese de Classes, in *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989b.

_____. *La Distinction*. Paris: Minuit, 1979.

_____. The thinkable and the unthinkable, in *The Times Literary Supplement*, 15 de outubro de 1971.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAND, Leonard. *Faith, reason and earth history*. Berrien Springs: Andrews University Press, 1997.

BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, 3v.

BREITMAN, Karin. *WEB Semântica: a Internet do futuro*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

BRETON, Philippe e PROULX, Serge. *Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2002.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRONDSTED, Johannes. *The Vikings, An Illustrated History of The Vikings*. London: Penguin Books 1995.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

BURLEIGH, Michael. *Ethics and Extermination: Reflections on Nazi Genocide*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BURON, T.; GAUCHON, P. *Os Fascismos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BURRIN, Philippe – *Hitler e os Judeus*. Porto Alegre, L&PM, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de deus*. Vol. 3: Mitologia Ocidental. São Paulo: Palas Athena, 2004.

_____. *A imagem mítica*. São Paulo: Papirus, 1999.

_____. *O herói de mil faces*. São Paulo: Círculo do livro, 1992.

CANÇÃO dos Nibelungos. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- CANÊDO, Carlos. *O genocídio como crime internacional*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida*. Cia das Letras. São Paulo: 1992.
- CANGUILHEM, Georges. *Escritos sobre a Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *O normal e o patológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- CARVALHO, José Jorge. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. *Horizontes. Antropológicos*, Vol. 15, 107-147, julho de 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. Vol. I: *A sociedade em rede*. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999a.
- _____. Vol. II: *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1999b. .
- _____. Vol. III: *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e terra, 1999c.
- _____. The social implications of information; communication technologies. Report prepared for UNESCO's *World Social Science Report*. Disponível em <<http://www.chet.org.za/oldsite/castells/socialicts.html>>, 1999d. Acesso em 19 de agosto de 2006.
- CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. *Genes, povos e línguas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Quem Somos? História da Diversidade Humana*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CAZNÓK, Yara Borges. *Ouvir Wagner - Ecos Nietzscheanos*. São Paulo: Musa, 2000.
- CERUZZI, Paul. *A History of Modern Computing*. Cambridge, MIT, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARNY, Israel W. *Anatomia do genocídio: uma psicologia da agressão humana*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 9 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio Ed., 1995.
- CHIZZOTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.

- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.
- CLIFFORD, James. *Dilemas de la Cultura*. Barcelona: Gedisa, 1995.
- COHAT, Yves. *Os Vikings: reis dos mares*. Lisboa: Civilização, 1988.
- COHEN, Abner. *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CONTE, Édouard; ESSNER, Cornelia. *A demanda da raça*. Uma antropologia do nazismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- COTTERELL, Arthur. *Enciclopédia de mitologia nórdica, clássica, celta*. Lisboa: Central Livros, 1998.
- CRAPANZANO, Vincent. *Waiting*. The Whites of South Africa. New York: Random House, 1985.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DAVIDSON, Hilda R. Ellis. *Myths and symbols in pagan Europe: early Scandinavian and celtic religions*. New York: Syracuse University Press, 1988.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs. Ano zero. Rostidade*. Volume III. Rio de Janeiro: 34, 1996.
- _____. *Mil platôs. Introdução: Rizoma*. Volume I, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.
- _____. *Mil platôs. Postulados da Lingüística*. Volume II. Rio de Janeiro: 34, 1995b.
- _____. *Mil platôs. Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível*. Volume IV. Rio de Janeiro: 34, 1995c.
- _____. *Mil platôs. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra*. Volume V. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995d.
- _____. *Désir et plaisir*. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65.
- _____. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Giles. *L'île déserte et autres textes*. Paris: Minuit, 2002.
- _____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, Jacques. *A força de Lei* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Papel- máquina*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2004.

_____. *The other heading: Reflections on today's Europe*. Bloomington, Indianápolis: Indiana University Press, 1992.

_____. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva 1971.

DERTROUZOS, Michael. *O que será?* Como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

DESCOLA, Philippe. *As Lanças do Crepúsculo: Relações Jivaro na Alta Amazônia*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

DIAS, Adriana. Ciberracismo, entre o ódio e a militância. *Anais da terceira edición del Congreso ONLINE del Observatorio para la CiberSociedad bajo el título Conocimiento Abierto*, Sociedad Libre. Barcelona: 2003.

_____. *Links de Ódio: Uma etnografia do Racismo na Internet*. Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, 2005.

DICKS, Bella; MASON, Bruce. Hypermedia and Ethnography: Reflections on the Construction of a Research Approach. *Sociological Research Online* 3(3). Disponível em <www.socresonline.org.uk/socresonline/3/3/3.html>. Acesso em 19 de agosto de 2006.

DIZARD, Wilson Junior. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DOBZYNSKI, Charles. *Anthologie de la poésie yiddish – Le Miroir d'un peuple*. Paris: Gallimard, 2000.

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob. *Atlas of cyberspace*. Harlow: Addison-Wesley, 2002.

DONINGTON, Robert. *Wagner's Ring and Its Symbol*. The Music and the Myth. New York: St. Martin's Press, 1963.

DOTTIN, Georges. *Les Littératures Celtiques*. Paris: Payot, 1924.

DUBOIS, Jean (Ed.). *Dicionário de Lingüística*. 9.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

DUBOIS, Thomas A. *Nordic religions in the Viking Age*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.

DUMÉZIL, Georges. *Mythe et épopée*, I. L'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens. Paris: Gallimard, 1968.

_____. *Les dieux des Germains*, essai sur la formation de la religion scandinave. Paris: PUF, 1959.

_____. *L'idéologie tripartite des Indo-Européens*. Paris: Coll. Latomus, 1958.

_____. *Déesses latines et mythes védiques*. Paris: Coll. Latomus, 1956.

_____. *Les dieux des Indo-Européens*. Paris: PUF, 1952.

_____. *Jupiter Mars Quirinus*, vol.1 : Essai sur la conception indo-européenne de la société et sur les origines de Rome. Paris: Gallimard, 1941.

_____. *Mitra-Varuna*, essai sur deux représentations indo-européennes de la Souveraineté. Paris: PUF, 1940.

_____. *Mythes et dieux des Germains*, essai d'interprétation comparative. Paris: PUF, 1939.

_____. *Le festin d'Immortalité*, étude de mythologie comparée indo-européenne. Paris: Annales du Musée Guimet, 1924.

DURKHEIM, Emile. *The Elementary forms of the Religious Life*. Translated by J. W. Swain. New York: The Free Press, 1954 (1912).

DWYER, Tom. Tecnologias de informação y comunicación. Sus impactos sobre la pedagogía, la investigación y los paradigmas en las ciencias sociales. *Investigaciones Sociales*, Lima: 2004, ano VIII, no 12, pp 325-335.

DYMETMAN, Annie. *Uma arquitetura da indiferença: a república de Weimar*. São. Paulo: Perspectiva, 2002.

DYSON, Freeman J. *O sol, o genoma e a Internet, ferramentas das revoluções científicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EISENBERG, J., CEPIK, M. (org.). *Internet e política*. Teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ELIADE, Mircea. *Myth and Reality*. New York: Harper and Row, 1963.

_____. *Images and Symbols: Studies in Religious Symbolism*, London: Harvill Press, 1961.

_____. *Myths, Dreams and Mysteries: the Encounter between Contemporary Faiths and Archaic Realities*. London: Harvill Press, 1960.

_____. *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. London: Harcourt Brace, 1959.

_____. *Rites and Symbols of Initiation (Birth and Rebirth)*. London: Harvill Press, 1958.

_____. *Cosmos and History: The Myth of the Eternal Return*. Princeton: Princeton University Press, 1954.

ELREDGE, Niles. *Reinventing Darwin*. Nova York: Wiley. 1995.

EUROPEAN MONITORING CENTRE ON RACISM AND XENOPHOBIA. *Report on Racism and Xenophobia in the Member States of the EU* (28-08-2007). Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.

_____. Trends and Developments 1997-2005: *Combating Ethnic and Racial Discrimination and Promoting Equality in the European Union* (24-07-2007). Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.

_____. *Antisemitism Summary overview of the situation in the European Union 2001-2005* (updated version December 2006). Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.

_____. *Annual Report 2006: Situation regarding Racism and Xenophobia in the Member States of the EU* (November 2006). Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.

_____. *Racism, Xenophobia and the Media: Towards respect and understanding of all religions and cultures* (Conference report) (October 2006). Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.

_____. *Manifestations of Antisemitism in the EU 2002 – 200*. (January 2004). Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.

EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Oxford: Oxford University Press, 1937.

_____. *The Nuer: a Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. Oxford: Oxford University Press, 1940.

EZEKIEL, Raphael. *The Racist Mind*. New York: Penguin Books, 1995.

FABIAN, Johannes. *Time and the Other*. How anthropology makes its objects, Nova York: Columbia University Press, 1983.

- FANON, Frantz. *Piel Negra, Mascaras Blancas*. Buenos Aires: Abraxas, 1953.
- FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali, 2004.
- FAYE, Jean-Pierre. *A razão narrativa. A filosofia heideggeriana e o nacional - socialismo*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- FERAL, Thierry. *Le nazisme: une culture?* Paris: L'Harmanttan, 2001.
- FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Nacional, 1967.
- FERRAROTTI, Franco. *La tentazione. dell'oblio : razzismo, antisemitismo e neonazismo*. Roma: Laterz, 1993.
- FEST, Joachim. *Hitler*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- FLANNERY, Edward H. *A angustia dos judeus*. História do Anti-semitismo. São Paulo: Ibrasa. 1965.
- FLEISCHMANN, E. *Estructuralismo y antropologia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971.
- FLUSSER, Victor. *Ficções filosóficas*, São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. *O Mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.
- _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Vigiar e Punir* Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Genealogia del racismo*. Buenos Aires: Altamira, 1980.
- FRAZER, Sir James. *The golden bough: a study in magic and religion*. 1ª ed., The Macmillan Press, 1890 (Edição brasileira: O ramo de ouro. Rio de Janeiro: Zahar, 1982).
- FRESON, J. G. *L'esthétique de Richard Wagner*. (Essais de philosophie de l'art). Paris: Fischbacher, 1893. 2 v.
- FREUD, Sigmund *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997 [Obra original de 1927].
- _____. *O mal-estar na civilização*, Rio de Janeiro: Imago, 1997 [Obra original de 1930].
- _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004.

_____. *Obras Completas*. volume I, II, IV, VIII e XII. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva Madrid, 1967

_____. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (versão 2.0) Rio de Janeiro: Imago, [20__]. CDROM.

FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews*. New York: Harper Collins Publishers, 1997, tomo I.

FUTUYMA, Douglas. *Biologia evolutiva*. 2. ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 1993.

GALLI, Giorgio. *Hitler e o nazismo mágico: as componentes esotéricas do III Reich*. Lisboa: Edições 70, 1989.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIUMBELLI, Emerson. Besides the "fieldwork": supposedly malinowski reflections. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo: 2002, v. 17, n. 48.

GLUCKSMANN, André. *El discurso del odio*. Barcelona: Taurus, 2005.

GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*. Paris: Gallimard, [1855]. Tomo I.

GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas Nuremberg*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOODMAN, Alan H.; HEATH, Deborah; LINDEE, M. Susan. *Genetic Nature/Culture: Anthropology and Science beyond the Two-Culture Divide*. California: University of California Press, 2003.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Sol Negro: Cultos Arianos, Nazismo Esotérico e Políticas de Identidade*. São Paulo: Madras, 2004.

GOULD, S. J. *O Milênio em Questão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999,.

_____. *Seta do tempo, Ciclo do Tempo – Mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

GRAHAM, Gordon. *Genes: uma Investigação Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *The Internet: A philosophical inquiry*. London and New York: Routledge. 1999.

GRANT, John. *Introdução à mitologia Viking*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

GREGOR-DELLIN, Martin. *Richard Wagner*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- GRIBBIN, John. *Tempo – O Profundo Mistério do Universo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2001.
- GUIMARÃES Jr., Mário J.L. A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade. *Imprimatur* - Revista Virtual de Ciências Humanas. Disponível em < <http://www.cfh.ufsc.br/~imprimat/> >. Acesso em 19 de agosto de 2006.
- GUIRAND, Félix (Ed.). *História das Mitologias*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1999.
- GURAKI, Laura. *Persuasion and Privacy in Cyberspace*. Yale: Yale University Press, 2001.
- GUTMAN, Robert W. *Richard Wagner. The Man, His Mind, and His Music*. New York: Harvest/ HBJ Book, 1968.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- _____. *Da diáspora*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- _____. The Local and the Global. In: KING, Anthony (Ed.). *Culture, Globalization and the World System*. Minneapolis: University of Minnesota, 1997.
- HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HAYES, Peter. *Industry and ideology: IG Farben in the Nazi era*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HEIM, Michael. The cyberspace dialectic. in LUNENFELD, Peter(ed.). *The digital dialectic: New essays on new media*. Cambridge: The MIT Press, 1999.
- HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Chicago: Quadrangle, 1967.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.
- HOCKENOS, Paul. *Livres para Odiar – Neonazistas: Ameaça e Poder*. São Paulo: Scritta, 1995.

HOLLINRAKE, Roger. *Nietzsche, Wagner e a filosofia do pessimismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JACOBS, Robert L. *Wagner*. London: Dent and Sons, 1935.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

JOHNSON, S. *Cultura da Interface: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e software*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JUBAINVILLE, H.D. *El Ciclo Mitológico irlandés y la mitología céltica*. Barcelona: Edicomunicación, 1987.

KARADY, Victor. *Los judíos en la modernidad europea: experiencia de la violencia y utopía*. Madrid: Siglo XXI, 2000

KATZ, Chaim Samuel. *Psicanálise e Nazismo*. Rio de Janeiro : Taurus, 1985.

KECSKEMETI, Paul; LEITES, Nathan. *Some Psychological Hypotheses on Nazi Germany* Washington, D. C.: The Library of Congress, Experimental Division for the Study of War time Communications. Document No. 60, July 30, 1945.

KERMAN, Joseph. *A Ópera como Drama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

KEYNES, John M. *As conseqüências econômicas da paz*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Editora Universidade de Brasília-Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002.

KLEMPERER, Victor. *LTI. La lengua del Tercer Reich*. Apuntes de un filólogo. Barcelona: Minúscula, 2001 [obra original de 1947].

_____. *Os diários de Victor Klemperer*. Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

KNEALE, W. e KNEALE, M. *O desenvolvimento da lógica*. 3.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991.

KOEPSSELL, David R. *A Ontologia do Ciberespaço*. São Paulo: Madras, 2004.

KOFES, Suely. Sugestões para uma Discussão sobre Identidade. *Travessia*, Lisboa, v. 4/5, 2004.

_____. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo* 3. Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

KOONZ, Claudia. *The Nazi Conscience*. Cambridge: Mass, 2003.

KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler* - uma história psicológica do cinema alemão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. O Inconsciente, volume II. In EY, Henry (org.) *VI Colóquio de Bonneval*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

_____. Le Seminaire, Livre VII: *L'éthique de la psychanalyse*. (1964). Paris, Seuil. 1973.

_____. O Seminário, Livro II: *O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. O Seminário, Livro III: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992a.

LACQUE-LABARTHE, P. e NANCY, J.L. *O mito nazista*, São Paulo: Iluminuras, 2002.

LAMAS, Maria. *Mitologia geral*. Lisboa: Estampa, 1972, v.2

LANDOW, George. *Hypertext: The convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore/London: John Hopkins University Press, 1992.

LAUNAY, Olivier. *A civilização dos celtas*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.

LECLAIRE, Serge. *O Corpo Erógeno*, uma introdução à teoria do complexo de Édipo. São Paulo : Escuta, 1992.

LE RIDER, Jaques. *A modernidade Vienense e as Crises de Identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.

LE ROUX, Françoise; GUYONVARCH, Christian. *A sociedade celta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

LEACH, E. *Culture and Communication: the logic by which symbols are connected*. An introduction to the use of structural analysis in Social Anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

LEÃO, L. *O Labirinto da hipermídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LEMOES, Ronaldo. *Direito, Tecnologia e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. *Perspectivas da Regulamentação da Internet no Brasil - Uma Análise Social e de Direito Comparado*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

LEMOS, Ronaldo; FERRAZ, Tercio Sampaio; FALCÃO NETO, Joaquim de Arruda. *Direito do Software Livre e a Administração Pública*. Rio de Janeiro: Lumen Iuris, 2007.

LEPINE, C. *O inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss*. São Paulo: Ática, 1979.

LESTA, Jose. *Las claves esotéricas del III Reich*. Nazis: Magia y ocultismo. Madrid: Edaf, 2005.

LEVI, Primo. *A tabela Periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982 [Obra original de 1949].

_____. *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1970 [Obra original de 1958].

_____. *Elogio de la Antropología*: Lección inaugural en el Colegio de Francia el 5 de enero de 1960. México, D. F.: Pasado y Presente

_____. *Totemismo hoje*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção "Os Pensadores", 1976 [Obra original de 1962].

_____. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Cia Editora Nacional e EDUSP, 1970.

_____. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

_____. *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976 (Obra original de 1973).

_____. História e etnologia. *Annales ESC*, 1983, n.38.

_____. *Mito e Significado*. Editorial Presença. [Obra original de 1983].

_____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995

_____. *Mitológicas I : O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004 [Obra original de 1955].

_____. *A Via das Máscaras*. Edição com Três Excursões. Lisboa: Editorial Presença, 1983a.

_____. *História de Lince*. São Paulo: Cia das Letras, 1991b.

_____. *Olhar, Escutar, Ler*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- _____. *Inteligência coletiva*. Rio de Janeiro: Loyola, 1998.
- _____. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LEWONTIN, Richard. *The Doctrine of DNA – Biology as Ideology*. Penguin Books, 1993.
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LOADER, Brian. *The Governance of Cyberspace: Politics, technology and global restructuring*. London: Routledge. 1997.
- LUNA, Mario Roso de. *Wagner, Mitólogo y Ocultista*. Buenos Ayres: Editorial Glem, 1958.
- MACHADO, Arlindo. Repensando Flusser e as imagens técnicas. In *7ª Compôs*. São Paulo: Junho, 1998.
- MAGEE, Bryan. *Wagner and Philosophy*. London: Penguin, 2001.
- MAGGIE, Yvonne ; REZENDE, Claudia Barcelos. *Raça como retórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Um Diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *Os argonautas do pacífico ocidental*. Abril, São Paulo: 1973 [Edição original de 1922].
- _____. Classificatory Particles in the Language of Kiriwina. *Bulletin of The Schoool of Oriental Studies*. 1921, 1 (4): 33-78.
- MARC-LIPIANSKY, Mireille. *Le Structuralisme de Lévi-Strauss*. Paris: Payot – Paru, 1973.
- MARCUS, Georges. *Ethnography Through Thick and Thin*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- _____. (org.) *Connected: engagements with media*. Chicago: Univ. of Chicago, 1996.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- MASSON, J.M. (Ed.). *The complete letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- MATTOS, Sonia H. *Deuses e Heróis Na Edda Poética e na Tetralogia de Wagner*. São Paulo: Teses USP, 1959.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU e EDUSP, 1974 [1ª ed. francesa, 1902-1903, L'année sociologique]. 2 v.

MCLYNN, Frank. *Carl Gustav Jung*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. (org.) *McLuhan por McLuhan: entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MEMMI, Alberti. *O Racismo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *De Mauss a Claude Lévi-Strauss*. São Paulo: Ed. Abril, Coleção Os Pensadores, 1980.

MILLER, Richard. *A Justiça Nazi: a lei do holocausto*. Lisboa: Editorial Notícias. 1997.

MILLINGTON, Barry (org.). *Wagner: Um compêndio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MILMAN, Luis. *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.

MIRANDA, Luciano. *Pierre Bourdieu e o campo da comunicação – por uma teoria da comunicação praxiológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MITCHELL, William. *City of bits: Space, place, and the Infobahn*. Cambridge: MIT Press, 1995.

MONIZ, Luiz Cláudio. *Mito e música em Wagner e Nietzsche*. São Paulo: Madras, 2007.

MOYANO, Antonio Luis. *Neonazis*. La seducción de la svástica. [S.I.]: Editorial Nowtilus: 2004.

MÜLLER, Max. *Mitologia comparada*. Barcelona: Visión Libros, 1988.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

NASIO, Juan David. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

_____. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro - São Paulo: PUC – Loyola, 2006.

NIEDNER, Heinrich. *Mitología Nórdica*. Barcelona: Edicomunicación, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1974.

OLIVO, Luis Carlos Cancellier de. *O jurídico na sociedade em rede*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

ONIS, Yvan. *Introdução ao Estruturalismo* – Claude Lévi-Strauss ou “a paixão do incesto”. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

PARENTE, André (Org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

PEIRANO, Marisa. A favor da Etnografia. *Série Antropologia*, número 130. Brasília: Universidade de Brasília, 1992. Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2007.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

_____. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

PERROUX, François. *Mitos hitleristas* [Trad] Cecilia Meireles. São Paulo : Ed Nacional, 1937.

PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

POLIAKOV, Léon: *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *A causalidade diabólica: ensaio sobre a origem das perseguições*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 2 v.

_____. *História do Anti-semitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. 4 v.

PY, Aurélio. *A quinta Coluna no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1942.

QUINET, Antonio. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REICH, Wilhelm. *A Psicologia de Massa do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

REISDORFER, Ulianov. *Um momento perigoso: Jung e o nazismo*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, 2003.

RHEINGOLD, Howard. *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

RHODES, Richard. *Mestres da morte: a invenção do holocausto pela SS nazista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- RICHARD, Lionel. *Le Nazisme et la Culture*. Bruxelas: Editions Complexe, 1988.
- RITVO, Lucilie B. *Influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: D. Quixote, 1988
- ROSEMAN, MARK. *Os nazistas e a solução final: a conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- RÜDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura*. Perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulinas, 2003.
- _____. *Elementos para a crítica da cibercultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- SAHLINS, Marshall. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- _____. *The use and abuse of biology: an anthropological critique of sociobiology*. Ann Arbor: University of Michigan, 1996.
- _____. *Como pensam os nativos*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- _____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- _____. Ethnographic Experience and Sentimental Pessimism: Why Culture is Not a Disappearing Object. In DASTON, L. (ed.). *Biographies of Scientific Objects*. Chicago: University of Chicago Press, 158-293. 2000.
- _____. *Stone age economics*. Londres: Talvistock, 1984.
- SAINERO, Ramon. *Sagas celtas primitivas en la Literatura Inglesa*. Madrid: Akal, 1993.
- _____. *Lenguas y literaturas celtas*, Aula Abierta. Madrid: Akal, 1993b.
- _____. *Leyendas celtas en la Literatura Irlandesa*. Madrid: Akal, 1988.

_____. *Los grandes mitos celtas y su influencia en la literatura*. Barcelona: Edicomunicación, 1987.

SAINTINE, X. B. *Mitología del Rin*. Barcelona: Edicomunicación, 1988.

SALAS, Antonio. *Diário De Um Skinhead*. Um Infiltrado No Movimento Neonazista. São Paulo: Planeta, 2006.

SALEM, Helena. *As Tribos do Mal: O Neonazismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Editora Atual, 1995.

SAMUELS, Andrew. Jung, anti-semitismo e os nazistas In: *A Psique Política*. Rio de Janeiro: Imago, 1994

SANDBOTHE, M. *Media Temporalities in the Internet*. Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue2/sandbothe.html>>. Acesso em 19 de agosto de 2006.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Unesp/Fapesp, 2004.

_____. *Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Culturas e Artes do Pós-Humano*. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Laymert Garcia. *Politizar as novas tecnologias*. O impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: Ed. 34, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo*. Razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

SARTRE, J. P. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Reflexões sobre o racismo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

SCHMIDT, Michel. *Néo-nazis, la terrible enquête*. Paris: JC Láttes, 1993.

SECHEHAYE, Marguerite. *Autobiography of a schizophrenic girl*. New York: Grune and Stratton, 1951.

SENPRUM, Jorge. *A Escrita ou a Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numacomunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. Imigração e colonização alemã no Brasil: Uma revisão da bibliografia. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*. [S.I.]: 1988. n. 25: p. 3-55.

_____. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Ed. Movimento/SAB, 1974.

SHELTON, Dinah (Ed.). *Encyclopedia of Genocide and Crimes Against Humanity* [S.I., U.S.A.]: Macmillan Reference, 2005. 3 v.

SHINODA-BOLEN, Jean. *O anel do poder*. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado ; RONSINI, V. V. M. ; BRIGNOL, L. D. *Representação e Identidade*. Três estudos em comunicação. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2001.

SIM SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

SPITZER, Carlos. *Dicionário Analógico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1952.

SPROUL, Bárbara C. *Mitos Primais*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1994.

STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

STEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo*. 1919 – 1945. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

STEPHENSON, Neal. *In the Beginning... was the Command Line*. New York: Avon Books, 1999.

STIVELMAN, Raquel; STIVELMAN, Michael. *A marca dos Genocídios*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

STOCKING Jr., George (ed.). *The ethnographer's magic*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1992.

_____. *Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork.* Madison: University of Wisconsin Press, 1983.

_____. *Race, culture and evolution.* New York: The Free Press, 1968.

STRATHERN, Marilyn, “Displacing knowledge: Technology and the consequences for kinship,” In: RAPP, Rayna; GINSBURG, Faye (eds.). *Conceiving the New World Order: the Global Politics of Reproduction*, Berkeley: University of California Press, 1995a, pp. 346-363.

_____. “Necessidade de pais, necessidade de mães”, *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995b, pp. 303-329.

_____. *Reproducing the Future: Anthropology, Kinship, and the New Reproductive Technologies.* New York: Routledge, 1992.

STURLUSON, Snorri. *Edda em Prosa: Textos da Mitologia Nórdica.* Rio de Janeiro: Numen Editora, 1993.

SZNITER, Célia. *A dimensão visual da propaganda nazista: as imagens do judeu e do “ariano”.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1996.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. A Performative Approach to Ritual. In: *Culture, Thought, and Social Action: An Anthropological Perspective.* Cambridge: Harvard University Press, 1985.

_____. *Form and meaning of magical acts.* In HORTON, Robin; FINNEGAN, Ruth (orgs.), *Modes of Thought.* London: Faber and Faber, 1985. p. 199-229.

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem.* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993.

THOMAS, Nicholas. *Out of Time History and Evolution in Anthropological Discourse.* Michigan: Ann Arbor, 1996.

TODOROV, Tzvetan. 1995. *Em face ao Extremo.* Campinas: Papirus, 2000.

_____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. v. 1 e 2.

TURKLE, Sherry. *Life on the screen: Identity in the age of the Internet.* New York: Simon Schuster, 1995.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Historical atlas of the Holocaust.* New York: Macmillan Pub, 1996.

VASEY, C. M. *Nazi ideology.* Lanham, Md.: Hamilton Books, 2006.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1989.

VIRILIO, Paul. *A Bomba Informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *La machine de vision*, Paris: Galilée, 1998.

WACQUANT, L. *Esclarecer o Habitus*. Disponível em <sociology.berkeley.edu/faculty/WACQUANT/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf> Acesso em 15 de maio de 2004.

WAGNER, Richard. *A Arte e a Revolução*. Lisboa: Editora Antígona, 1990.

_____. *Obra de Arte do Futuro*. Lisboa: Editora Antígona, 2003.

WAISBERG, Ivo. *Conflitos sobre Nomes de Domínio e Outras Questões Jurídicas da Internet*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

WEINDLING, Julian *Nazi Medicine and the Nuremberg Trials: From Medical War Crimes to Informed Consent*. New York: Palgrave Macmillan. 2004.

WEINRICH, H. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WIENER, Nobert. *Cibernética e sociedade. O uso humano dos seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1968.

WIESEL, Elie. *Noite*. Lisboa : Texto Editora, 2003.

WILDE, Oscar, *O retrato de Dorian Gay*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Folha, Ediouro, 1998.

WISNIK, J. Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

8. ANEXOS

ANEXO UM LEGISLAÇÃO

Artigo Sétimo do Código Penal brasileiro

Art. 7º - Ficam sujeitos à lei brasileira, embora cometidos no estrangeiro:

I - os crimes:

- a) contra a vida ou a liberdade do Presidente da República;
- b) contra o patrimônio ou a fé pública da União, do Distrito Federal, de Estado, de Território, de Município, de empresa pública, sociedade de economia mista, autarquia ou fundação instituída pelo Poder Público;
- c) contra a administração pública, por quem está a seu serviço;
- d) de genocídio, quando o agente for brasileiro ou domiciliado no Brasil;

II - os crimes:

- a) que, por tratado ou convenção, o Brasil se obrigou a reprimir;
- b) praticados por brasileiro;
- c) praticados em aeronaves ou embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, quando em território estrangeiro e aí não sejam julgados.

§ 1º - Nos casos do inciso I, o agente é punido segundo a lei brasileira, ainda que absolvido ou condenado no estrangeiro.

§ 2º - Nos casos do inciso II, a aplicação da lei brasileira depende do concurso das seguintes condições:

- a) entrar o agente no território nacional;
- b) ser o fato punível também no país em que foi praticado;
- c) estar o crime incluído entre aqueles pelos quais a lei brasileira autoriza a extradição;
- d) não ter sido o agente absolvido no estrangeiro ou não ter aí cumprido a pena;
- e) não ter sido o agente perdoado no estrangeiro ou, por outro motivo, não estar extinta a punibilidade, segundo a lei mais favorável.

§ 3º - A lei brasileira aplica-se também ao crime cometido por estrangeiro contra brasileiro fora do Brasil, se, reunidas as condições previstas no parágrafo anterior:

- a) não foi pedida ou foi negada a extradição;
- b) houve requisição do Ministro da Justiça.

LEI Nº 7.716, DE 05 DE JANEIRO DE 1989*
Define os Crimes Resultantes de Preconceitos de Raça ou de Cor.

Art. 1º - Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceitos de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

* Art. 1º com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997.

Art. 2º - (Vetado).

Art. 3º - Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos:

Pena: reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

Art. 4º - Negar ou obstar emprego em empresa privada:

Pena: reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

Art. 5º - Recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, negando-se a servir, atender ou receber cliente ou comprador:

Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos.

Art. 6º - Recusar, negar ou impedir a inscrição ou ingresso de aluno em estabelecimento de ensino público ou privado de qualquer grau:

Pena: reclusão de 3 (três) a 5 (cinco) anos.

Parágrafo único - Se o crime for praticado contra menor de 18 (dezoito) anos a pena é agravada de 1/3 (um terço).

Art. 7º - Impedir o acesso ou recusar hospedagem em hotel, pensão, estalagem, ou qualquer estabelecimento similar:

Pena: reclusão de 3 (três) a 5 (cinco) anos.

Art. 8º - Impedir o acesso ou recusar atendimento em restaurantes, bares, confeitarias, ou locais semelhantes abertos ao público.

Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos.

Art. 9º - Impedir o acesso ou recusar atendimento em estabelecimentos esportivos, casas de diversões, ou clubes sociais abertos ao público:

Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos.

Art. 10 - Impedir o acesso ou recusar atendimento em salões de cabeleireiros, barbearias, termas ou casas de massagem ou estabelecimentos com as mesmas finalidades:

Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos.

Art. 11 - Impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e elevadores ou escada de acesso aos mesmos:

Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos.

Art. 12 - Impedir o acesso ou uso de transportes públicos, como aviões, navios, barcas, barcos, ônibus, trens, metrô ou qualquer outro meio de transporte concedido:
Pena: reclusão de 1 (um) a (três) anos.

Art. 13 - Impedir ou obstar o acesso de alguém ao serviço em qualquer ramo das Forças Armadas:
Pena: reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Art. 14 - Impedir ou obstar, por qualquer meio ou forma, o casamento ou convivência familiar e social:
Pena: reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Art. 15 - (Vetado).

Art. 16 - Constitui efeito da condenação a perda do cargo ou função pública para o servidor público, e a suspensão do funcionamento do estabelecimento particular por prazo não superior a 3 (três) meses.

Art. 17 - (Vetado).

Art. 18 - Os efeitos de que tratam os artigos 16 e 17 desta Lei não são automáticos, devendo ser motivadamente declarados na sentença.

Art. 19 - (Vetado).

Art. 20 - Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.

* Art. 20 com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997.

§ 1º - Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo.

Pena: reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa.

* § 1º com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997.

§ 2º - Se qualquer dos crimes previstos no caput é cometido por intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza:

Pena: reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa.

* § 2º com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997.

§ 3º - No caso do parágrafo anterior, o juiz poderá determinar, ouvido o Ministério Público ou a pedido deste, ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência:

I - o recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo;

II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas ou televisivas.

* § 3º com redação dada pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997.

§ 4º - Na hipótese do § 2º, constitui efeito da condenação, após o trânsito em julgado da decisão, a destruição do material apreendido.

* § 4º acrescentado pela Lei nº 9.459, de 13/05/1997.

Art. 21 - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

* Primitivo art. 20 renumerado para art. 21 pela Lei nº 8.081, de 21/09/1990 (DOU de 24/09/1990 - vigora desde a publicação).

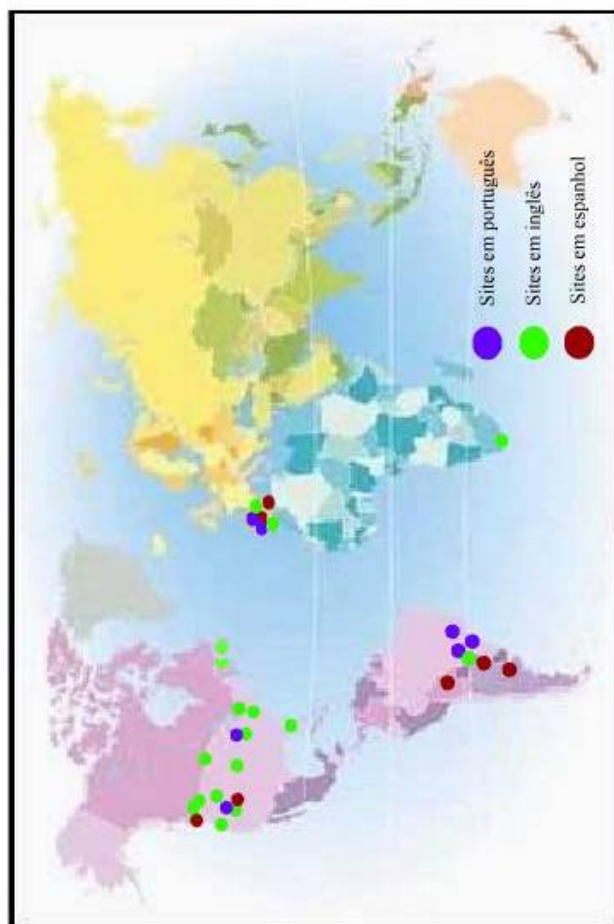
Art. 22 - Revogam-se as disposições em contrário.

* Primitivo art. 21 renumerado para art. 22 pela Lei nº 8.081, de 21/09/1990 (DOU de 24/09/1990 - vigora desde a publicação).

JOSÉ SARNEY

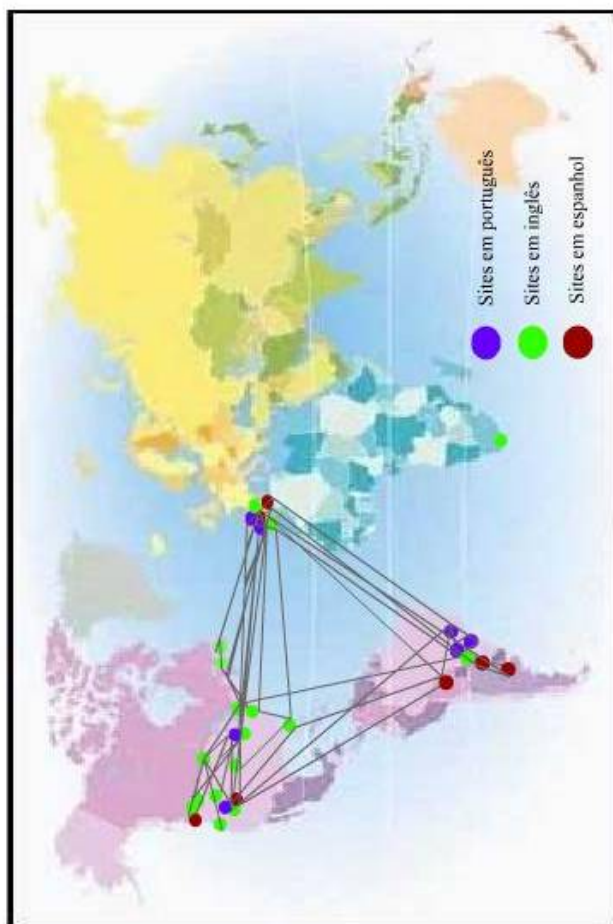
* Publicada no D.O de 06 de janeiro de 1989

ANEXO DOIS OS SITES



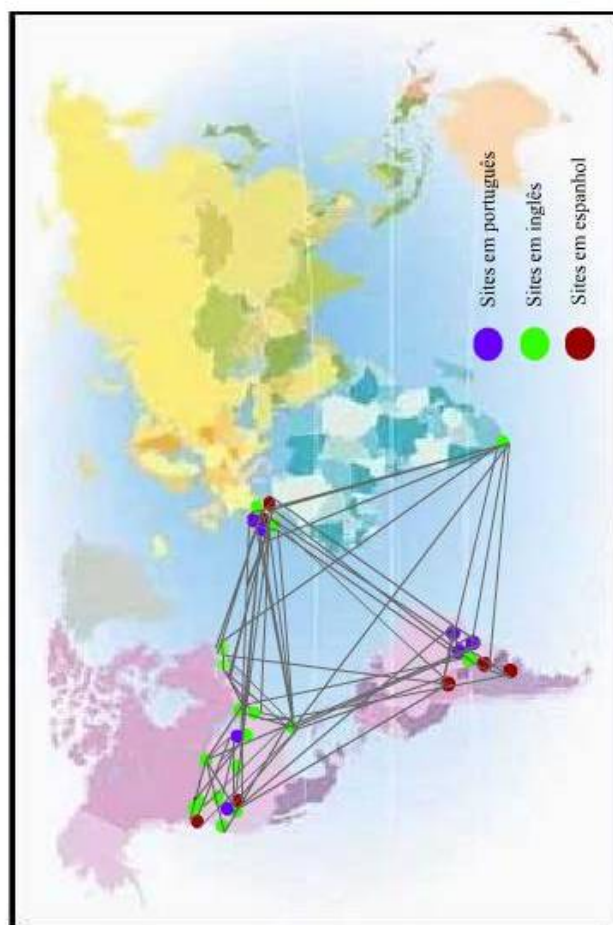
ANEXO DOIS

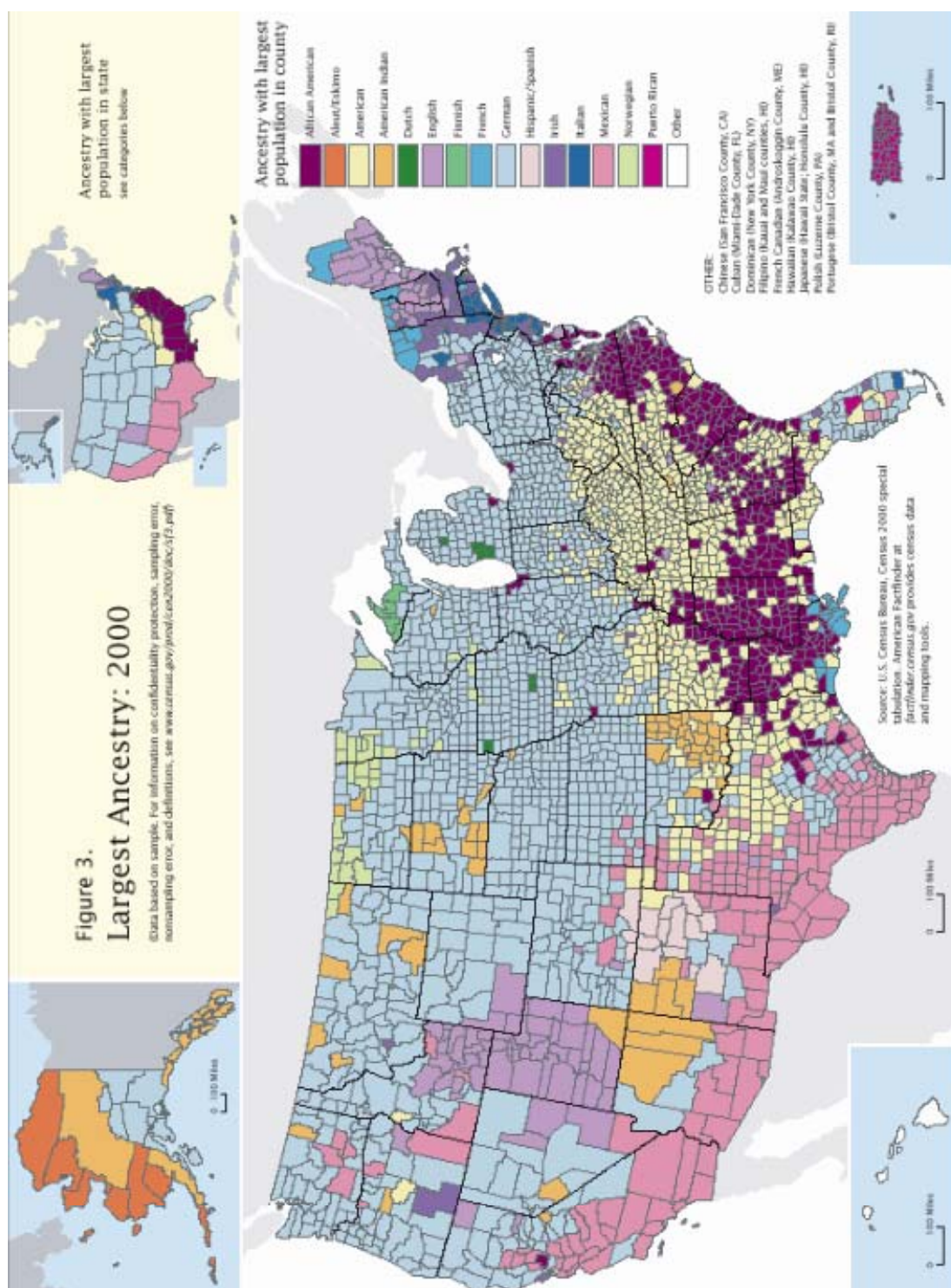
OS LINKS DADOS PELO ALEXA E GOOGLE



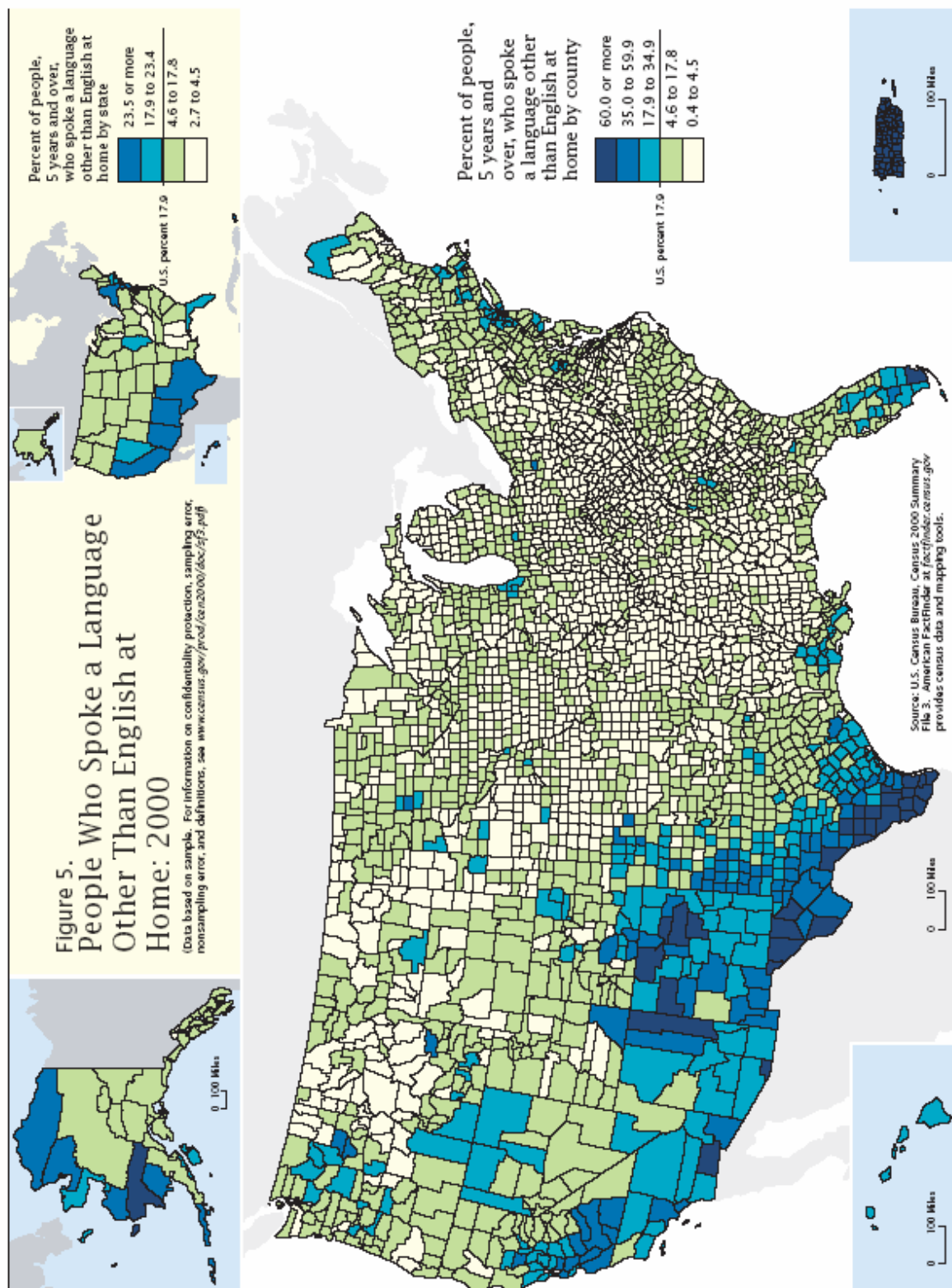
ANEXO DOIS

OS LINKS ENCONTRADOS NOS SITES





²⁹⁷ Fonte: Census Bureau Disponível em <http://www.census.gov/prod/2004pubs/c2kbr-35.pdf>.



²⁹⁸ Disponível em <http://www.census.gov/prod/2003pubs/c2kbr-29.pdf>

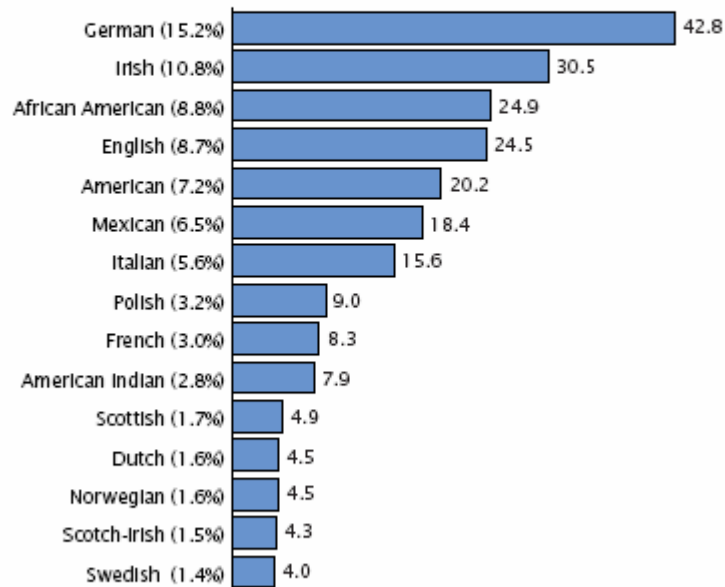
ANEXO CINCO

GRÁFICOS DO U.S. CENSUS BUREAU

Figure 2.

Fifteen Largest Ancestries: 2000

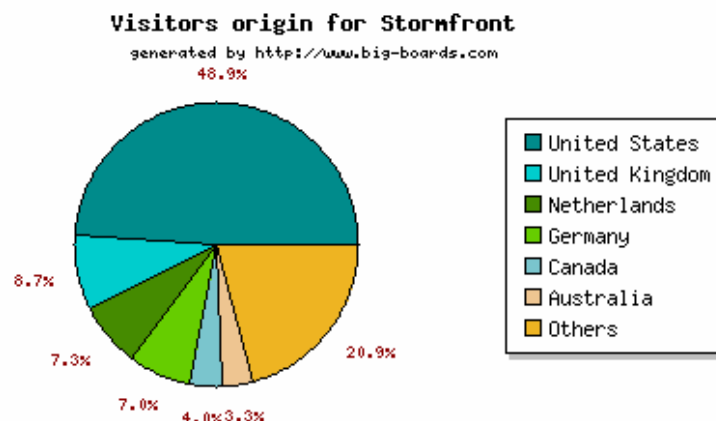
(In millions. Percent of total population in parentheses.
Data based on sample. For information on confidentiality protection,
sampling error, nonsampling error, and definitions, see
www.census.gov/prod/cen2000/doc/sf3.pdf)



Source: U.S. Census Bureau, Census 2000 special tabulation.

ANEXO SEIS

DADOS DE ACESSO FÓRUM STORMFRONT²⁹⁹



Outros dados:

Forum software: vBulletin

Numero de posts: 4225041

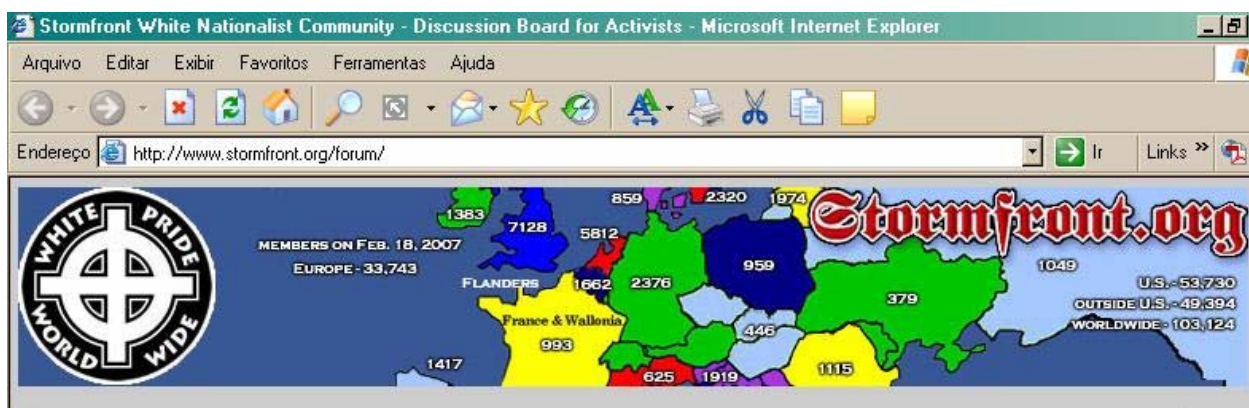
Number of members: 115869

Posts recebidos por rádio por semana: 36

Moderadores: 47.

IMAGEM DO FÓRUM

DIVULGANDO O NÚMERO DE SEUS USUÁRIOS FREQUENTES



²⁹⁹ Fonte: Big Boards. <http://www.big-boards.com/board/339/> Acesso em 28 de agosto de 2007.

ANEXO SETE

“TEXTOS FUNDADORES”

LOS 88 PRECEPTOS DE DAVID LANE

Traduzido por um internauta que se autodenomina Nuremberg_1889³⁰⁰.

Hasta que la raza Blanca tome conciencia que no hay más que una fuente de la cual se puede establecer verdades duraderas, no habrá ni paz, ni estabilidad en la Tierra. En las leyes inmutables de la Naturaleza está la llave de la vida y de la comprensión. Las palabras del hombre, aquellas que son consideradas como inspiradas por ciertos individuos, están sujetas a traducciones, vocabularios, adiciones, sustracciones y distorsiones de los falibles mortales. Consecuentemente, algunos escritos o influencias, antiguas o modernas, deben de pasar un test de conformidad a las Leyes Naturales. Los Pueblos Blancos de la Tierra deben comprender colectivamente que están sujetos a las severas Leyes de la Naturaleza como cualquiera de las otras criaturas del universo, si o, ellos jamas asegurarán la paz, la seguridad e inclusive su propia existencia. El mundo está en llamas, porque las razas, las sub-razas, las naciones y las culturas están forzadas a violar sus instintos naturales para su propia preservación. Varios hombres de buena voluntad, pero de débil entendimiento, luchan contra los síntomas resultantes de la desobediencia a las Leyes Naturales. Como es natural para el hombre, muchos adoptan estrechas y limitadas posiciones basadas en las constataciones del entorno inmediato, en circunstancias corrientes, y en un dogma condicionado. Todo esto ha sido promovido por la poderosa tribu que ha controlado los asuntos del mundo durante varios siglos, explotando los instintos naturales del hombre. Una más profunda comprensión de las leyes fundamentales que gobiernan los asuntos del hombre les permitirán tomar conciencia de con qué urgencia hay que salvar la civilización de estos verdugos usureros. Estas páginas no tienen por objetivo formular un sistema detallado de modo de gobierno, pero son PRECEPTOS que cuando sean comprendidos, van a preservar y beneficiar a un pueblo tanto como a los individuos de la Nación.

³⁰⁰ Já localizei mais de 30 postagens de mesmo conteúdo, do mesmo autor. Uma delas está disponível em <http://teoriapolitica.mforos.com/129878/1501379-los-88-preceptos-de-david-lane/> Acessado em 08 de setembro de 2007. No original em <http://www.resist.com/Articles/literature/88PreceptsByDavidLane.htm>

- 1) Toda religión o enseñanza que niegue las Leyes Naturales del Universo es falsa.
- 2) Cualquiera que sea la percepción que tengan las personas de Dios, o de los dioses, o de las fuerzas del Universo, estos no pueden negar la existencia de las Leyes Naturales.
- 3) Los dioses y la religión son conceptos distintos, separados y siempre opuestos. La naturaleza es una prueba de la existencia de un plan divino porque la Naturaleza es el resultado de la fuerza que los hombres llaman Dios. La religión es el fruto de los mortales por lo que se puede inferir que está predestinada a desaparecer. La religión puede ser destruida o preservada por el pueblo, independientemente de la estructura dada por sus creadores, sus motivos y las circunstancias históricas.
- 4) La forma más verdadera de oración, es la comunicación con la naturaleza. La oración no es una mera recitación de textos aprendidos. Si uno quiere entrar en comunicación con la Naturaleza, tiene que ir primero a un lugar aislado, como por ejemplo a la cima de una montaña, durante una noche clara y con estrellas, y en ella se podrá admirar la majestuosidad y el orden del infinito macrocosmos. Considere la complejidad y la igualdad del infinito macrocosmos. Comprenderá entonces que su existencia es sin duda una consecuencia que esta más allá de lo comprensible, aunque por otra parte, usted es potencialmente "precioso" (necesario, importante) aun cuando sólo sea un eslabón en la importante cadena del destino. En ese momento, usted comprenderá como el ORGULLO y la persona pueden coexistir con el respeto y la reverencia. Es así como nosotros encontramos la armonía con la naturaleza, y con la armonía viene la fuerza, la paz y la seguridad.
- 5) El sistema laico protege y promueve las religiones que enseñan la existencia de una vida después de la muerte (como por ejemplo el cristianismo). De esta manera, la gente deja de defenderse frente a sus depredadores en esta vida.
- 6) La historia, tanto laica como religiosa, es una fábula engañosa concebida para el bienestar personal de aquellos que la crean y la promueven para sacar sus beneficios.
- 7) La religión en su forma original mas benéfica, es el símbolo de un pueblo y su cultura. Una religión multirracial destruye el sentido de la unidad, de exclusividad y de valor necesario a la supervivencia de una raza.
- 8) Lo que los hombres llaman "sobrenatural" es en realidad algo "natural" que no ha podido ser comprendido.
- 9) La proliferación de leyes resultantes es una pérdida de libertad y es directamente proporcional a la enfermedad espiritual de una Nación.

10) Si una Nación está desprovista de salud espiritual y de carácter moral, el gobierno tomará su lugar. Entonces, la libertad prospera en los valores morales y la tiranía crece en la decadencia moral.

11) La verdad requiere una corta explicación. Entonces desconfía de las doctrinas cargadas en exceso de palabras. Los grandes principios son revelados en brevedad.

12) La verdad no teme la investigación.

13) Las creencias no fundadas son una trampa. Un pueblo que no verifica la validez y los efectos de sus creencias va a sufrir o perecer.

14) De acuerdo con las leyes de la naturaleza, no hay nada más correcto que la preservación de la raza.

15) No existe ninguna fuerza que motive más que la de la convicción segura de que estamos en lo correcto.

16) El discernimiento es un signo de la buena salud de un pueblo. En una enfermiza o agónica Nación, civilización, raza o cultura, la substancia se abandona en favor de la apariencia.

17) El discernimiento incluye la habilidad de diferenciar entre creencia y realidad demostrable.

18) No existe ninguna cosa tal como los derechos o los privilegios bajo las leyes de la Naturaleza. El ciervo que es atacado por el león hambriento no tiene derecho a la vida. En cambio, puede preservar su vida obedeciendo a los instintos naturales de la vigilancia y la huida. De manera similar, el hombre no tiene derecho a la vida, la libertad o a la alegría. Estas circunstancias pueden ser adquiridas por alguien, una familia, una tribu o un pueblo, pero el valor de la adquisición no puede ser guardada y mantenida mas que por la vigilancia y la obediencia a las leyes de la Naturaleza.

19) Un pueblo que no está convencido de su carácter auténtico y de su valor puede perecer.

20) La raza Blanca a sufrido las invasiones y la brutalidad de África y de Asia durante varios milenios. Por ejemplo, Atila y los Hunos asiáticos que invadieron Europa en el siglo V, violando, saqueando y matando desde los Alpes hasta los mares Báltico y Caspio. Este escenario se repitió 800 años más tarde con los mongoles de Gengis-Khan. (Nótese que los indios americanos no son pertenecientes al continente americano ya que en realidad son pertenecientes a la raza de los mongoles).

En el siglo VIII, cientos de años antes de que los negros fueran llevados a América, los pueblos del norte de África, de sangre mezclada han invadido y conquistado Portugal, España y una parte de Francia. Por lo tanto las tentativas de hacer sentir vergüenza o remordimiento a la aza Blanca a

causa de los "genocidios" y la "esclavitud", por los asesinos de la civilización son invalidas según las circunstancias históricas y la ley de la Naturaleza que niega la compasión interracial. El hecho es que todas las razas han sido beneficiadas de una manera desmesurada del genio creativo del pueblo Ario

21) Un pueblo que deja que gentes de otras razas vivan en su seno va a perecer, porque el resultado inevitable de la integración racial es la reproducción interracial, lo que destruye las características de la existencia de una raza. La integración forzada es la pretensión de un malicioso genocidio, particularmente para la raza Blanca, que es ahora una pequeña minoría en el mundo.

22) En el análisis final, una raza o una especie no está juzgada como inferior o superior por lo que ha hecho, sino por su voluntad y su habilidad para sobrevivir.

23) Los sistemas económicos, políticos y religiosos pueden ser destruidos y restituidos por el hombre, pero la muerte de una raza es eterna.

24) Una raza no puede indefinidamente continuar su existencia sin imperativos territoriales en los cuales ella se pueda propagar, protegerse y promoverse.

25) Un pueblo sin su propia cultura perece.

26) La naturaleza ha creado una cierta antipatía entre las razas y las especies para preservar sus individualidades y su existencia.

27) No es constructivo odiar a las demás razas inclusive las razas mezcladas. Una separación debe ser mantenida para la supervivencia de una raza. Nosotros debemos odiar aquellos miembros de nuestra raza que nos traicionan, a nosotros y a nuestras naciones. Nosotros debemos odiar lo más posible a todos los pueblos o a las prácticas que destruyen nuestro pueblo, nuestra cultura y la exclusividad racial, de nuestros imperativos territoriales.

28) El concepto de una sociedad multirracial viola todas las leyes de la Naturaleza para la preservación de una especie.

29) El concepto de igualdad está desmentido por todas las evidencias de la Naturaleza. Es la búsqueda del más bajo denominador común y su persecución va a destruir la raza, nación o cultura superior. Para hacer correr un caballo tiro tan rápido como un caballo de carreras, es necesario retardar al caballo de carreras; inversamente para que un caballo de carreras tire el peso de uno de tiro sería necesario aligerar el peso de este último. En los dos casos la búsqueda de la igualdad es la destrucción de la excelencia.

30) Los instintos para la preservación de la raza y de la especie están ordenados por la naturaleza.

31) Los instintos son los mecanismos perfectos de la naturaleza para la supervivencia de cada raza y especie. La debilidad humana que consiste en racionalizar las situaciones para la gratificación personal no deben ser permitidas cuando interfieren con los instintos.

32) La mestización o mezcla de razas es, y siempre ha sido, la más grande de todas las amenazas para la supervivencia aria.

33) La compasión inter-especie es contraria a las leyes de la naturaleza y, por ende, suicida. Si un lobo interviniera para salvar a un cordero de un león, el lobo será matado. En nuestros días, un hombre blanco está tan aplastado por los impuestos que no puede darse el "lujo" de tener hijos. Los impuestos acumulados se utilizan para ayudar a la reproducción de decenas de millares de negros, amarillos, etc. Muchos de estos pedirán a las mujeres blancas que sean su pareja para la reproducción. Como se puede ver, el hombre está sujeto a todas las leyes de la Naturaleza. Esto no tiene nada que ver con la moralidad, con el bien o con el mal. La Naturaleza no reconoce los mismos conceptos del bien o del mal en las relaciones inter- especies. Si un león come a un cordero, es bueno para el león y malo para el cordero. Si el cordero se escapa y el león esta hambriento, es bueno para el cordero y malo para el león. Esto es el sentido que le da la Naturaleza al bien y al mal, es imposible entonces que haya una contradicción en las leyes de la Naturaleza.

34) El instinto para la unión sexual es una parte del mecanismo de la Naturaleza para la preservación de la especie. Comienza temprano en la vida y suele continuar hasta avanzada edad. No puede ser retenido ni apartado; su objetivo, la reproducción, no puede ser contrarrestado. Comprenda que durante varios milenios, nuestras mujeres han tenido hijos en la juventud. Ahora, en una tentativa de conformarse a la cultura extranjera, niegan el instinto y los deberes dados por la Naturaleza. Enseñe la responsabilidad, pero también, tenga la comprensión. La vida de una raza proviene del seno de las mujeres. Aquel que quiera juzgar debe comprender la diferencia entre lo que está bien y lo que está mal.

35) La homosexualidad es un crimen contra la Naturaleza. La Naturaleza declara que el fin del instinto de acoplamiento es la reproducción, y, de esta manera se mantiene una especie. El irresistible apetito sexual del varón debe ser canalizado hacia la posesión de las hembras, así como los elementos tales como los territorios y el poder, que son necesarios para conservarlos.

36) La pornografía sexual degrada a todos los que están implicados en ella. Una hermosa mujer desnuda es una obra de arte, una cámara entre sus piernas para exponer sus partes, es pornografía.

37) Una raza en la que los varones no se pelean hasta la muerte por acoplarse con una hembra y conservarla, va a perecer. Todo varón blanco saludable y con todos sus instintos siente asco y repugnancia cuando ve una hembra de su raza con un hombre de otra. Sin embargo, aquellos que controlan los medios de comunicación y los asuntos del mundo occidental, enseñan que está mal y es vergonzoso detestar a una pareja multirracial. Ellos lo llaman "racismo". Como cualquier palabra que termina en "ismo", por ejemplo, "nacionalismo" que significa promover su propia nación; "racismo" significa, simplemente, promover y proteger su propia raza. Es probablemente la más digna palabra que existe. Todo hombre que desobedece a sus instintos es anti-Naturaleza.

38) En una nación donde la cultura, raza o civilización se encuentra en estado agonizante, el disentimiento político y los valores tradicionales son considerados y perseguidos como crímenes odiosos por inquisidores que se disfrazan de patriotas.

39) Un pueblo ignorante de su pasado va a ensuciar el presente y destruir el futuro.

40) Una raza debe amar por encima de todo las cosas de la Tierra, aquellas que le han dado su vida o su libertad por la supervivencia de la cultura.

41) El "pueblo" son los miembros de la raza y la Nación. La lealtad a la raza debe siempre superar las fronteras nacionales y geográficas. Si ello se enseña y se comprende, se podrá poner fin a las guerras fratricidas. Las guerras no deben librarse en beneficio de otras razas.

42) Los dirigentes de la Nación no son los jefes, sino los servidores y los guardianes. Ellos no deben estar al servicio de su propio beneficio.

No hay que escoger mas que un guardián que no tenga por interés la acumulación de bienes personales.

43) Escoja y juzgue a sus dirigentes, también llamados guardianes, de la siguiente manera: Aquellos que buscan limitar el poder del gobierno son de buen corazón y conciencia. Aquellos que buscan engrandecer el poder del gobierno son indignos tiranos.

44) Ningún gobierno puede dar lo que sea a quien sea sin quitarle un bien a otro. Una cantidad limitada de gobierno es una carga necesaria para la defensa nacional y el orden interno. Aunque sea contradictorio con la libertad.

45) La ley fundamental de la Nación, su constitución, no puede ser sancionada sin el consentimiento unánime por todos los afectados y presentes. Dicho de otra manera, la puerta está abierta a esa forma peligrosa de gobierno llamada democracia.

- 46) En una democracia los que controlan los medios de comunicación, es decir, el espíritu del electorado tienen un poder inigualable, poder que ni los reyes ni los dictadores llegaron a poseer jamás.
- 47) Esta es la definición de democracia: Tres personas de un gobierno, cada una teniendo un voto. Dos de ellas votan para luego sacarles las riquezas a la tercera.
- 48) Los niveles más avanzados de la democracia están colmados de guerras exteriores, porque el sistema decadente trata de preservarse (robando, saqueando) a las otras naciones.
- 49) En una democracia, lo que es legal es raramente moral y lo que es oral es ilegal.
- 50) Una democracia está siempre seguida de un hombre fuerte.... algunos lo llaman dictador. Es la única forma de restablecer el orden después del caos causado por una democracia. ¡Elija sabiamente su hombre fuerte!. Él debe ser el guardián de su corazón. Él debe mostrarle que su única razón de ser es la preservación del patrimonio. Su objetivo ultimo debe de ser el de restablecer el imperio de la ley basado en las leyes perfectas de la Naturaleza. No lo escoja por sus palabras, escójalos por sus actos. Escoja a alguien que ha sacrificado todo a expensas de la tiranía, elija a alguien que ha sabido soportar lo peor y que ha perseverado en sus metas. Es la prueba más fiable de su dignidad y de sus motivos.
- 51) Un sistema de poder va a hacer todo, poco importa que sea corrompido brutal, para preservarse.
- 52) No se puede poner fin a la tiranía sin fuerza.
- 53) Aquellos que cometieron una traición van a disfrazar sus acciones en proclamaciones de patriotismo.
- 54) La propaganda es el mayor componente de todo sistema de poder, tanto laico como religioso, la falsa propaganda es el principal componente de los sistemas de poder sin principios. Todo sistema de poder se esfuerza en convencer a sus súbditos que es un buen sistema, justo, benéfico y noble así como digno de continuidad y de defensa. Cuanto más contenido "nacionalista" se halla en una propaganda, mas circunspección debe de presentar su análisis.
- 55) En un análisis final, el poder político está creado y mantenido por la fuerza.
- 56) Un sistema de poder laico o religioso, que hace un llamado en forma excesiva al patriotismo o que requiere un vocabulario y una retórica para preservarse, enmascara una tiranía.
- 57) La propaganda es una arma legítima y necesaria en toda lucha. Los elementos de una propaganda eficaz son la simplicidad, la emoción, la repetición y la brevedad. Dado que el

hombre, cree en lo que considera benéfico para el mismo, una buena propaganda debe de llegar a tocar el interés personal de los que a ella está destinada.

58) Las tiranías enseñan qué es lo que hay que pensar, los hombres libres aprenden a pensar a consecuencia de ello.

59) Desconfía de los hombres que aumentaron su riqueza por el uso de las palabras. Desconfía en particular de los defensores de la ley o de los sacerdotes que niegan la ley de la naturaleza.

60) El patriota, conducido hacia las "torres" de la inquisición o al hacha del verdugo, será traicionado por sus propios camaradas y aliados, ya que están intentando escapar al mismo destino.

61) La dulce diosa de la paz vive bajo la protección del dios de la guerra.

62) La ley fundamental de la Nación debe de estipular con perfecta especificidad y sin error la identidad del grupo homogéneo racial y cultural del cual el bienestar es la razón, y la existencia continua de la Nación es el bienestar de ese grupo específico exclusivamente.

63) La raza o la cultura que deja a otros influenciar o controlar cualquiera de estos ámbitos perecerá :

- Los organismos de información.
- Las instituciones educacionales.
- Las instituciones religiosas.
- Los oficios políticos.
- La creación de la moneda.
- Las instituciones judiciales.
- Las instituciones culturales.
- La vida económica

64) Las leyes justas no requieren mas que poca explicación. Su sentido es irrevocable en simplicidad y especificidad.

65) El hombre es mucho más eficazmente conmovido por la palabra que por lo escrito. Esa es la razón por la cual una tiranía va a reaccionar mucho más violentamente a las reuniones o encuentros de disidentes que a los libros y panfletos.

66) La ley fundamental de una Nación o cualquier otra ley, es igual de pertinente que la voluntad y el poder para hacerla respetar.

67) Un pueblo sin armas o no militante será reducido a la esclavitud.

- 68) Algunos dicen que el lápiz es más fuerte que la espada. Puede ser, pero la palabra sin espada no tiene autoridad.
- 69) Las tiranías se construyen normalmente, etapa por etapa y se disfrazan de nobles retóricas.
- 70) La diferencia entre un terrorista y un patriota es el control de la prensa.
- 71) El juicio de los guardianes, los dirigentes, debe de ser fiel a la ley de la Naturaleza y a la moderación por la razón.
- 72) El materialismo es ignominioso y destructivo. Los guardianes de la Nación deben de prevenir y combatir el espíritu materialista dentro de la Nación. La adquisición de riquezas o propiedades en tanto que la ecesidad y el bienestar de la familia dependan de ellas, es justa y honorable. La explotación, en particular la usura, es destructiva para la Nación.
- 73) El materialismo conduce al hombre a buscar un status artificial con las riquezas y la propiedad. El verdadero status social viene del servicio dado a la familia, la raza o la Nación.
- 74) El materialismo conduce finalmente a un notable e inútil consumo, lo que conduce al mismo tiempo a una violación de la Naturaleza y a la destrucción del medio ambiente. Esto no es natural. Los guardianes de las naciones deben ser verdaderamente intocables por el materialismo.
- 75) La función de un mercado o de un vendedor es de proveer un método de cambio. Un mercader que promueve el materialismo no debe ser tolerado.
- 76) Las únicas funciones "legales" que tiene el dinero es el de ser un medio de cambio y de colocación de valor. Cualquier otro uso, incluyendo la ingeniería social, la especulación y especialmente la usura, son desleales. La usura (el interés) a cualquier porcentaje es uno de los mayores crímenes y no puede ser tolerado.
- 77) Una Nación en la que la aristocracia está compuesta de dinero, de abogados o de mercaderes va a volverse en tiranía.
- 78) Esta es la forma más simple de describir un sistema bancario central basado en la usura: Los banqueros piden la propiedad de la Nación a cambio de un préstamo. Con el interés, más dinero les es debido que el creado con los prestamos. Entonces, eventualmente, los banqueros se apoderan de la Nación.
- 79) La usura (el interés), la inflación y la tasación opresiva son robos por medio de engaños que destruyen la estructura de la Nación.
- 80) Las riquezas grandes sin sacrificio o trabajo honesto serán siempre mal utilizadas.

81) Nada en la Naturaleza es auténtico, o la fuerza vital crece y se expande, o se descalabra y muere.

82) El respeto debe ser merecido, no puede ser pedido o comprado.

83) Hay que evitar al hombre fácilmente ofendido porque nos envenenará la existencia.

84) La autodisciplina es la marca de un hombre superior.

85) Una medida adoptada por un hombre es su "alegría" a la adversidad.

86) Un idiota juzga a los otros por sus palabras. Un hombre sabio juzga a los demás según sus actos.

87) En nuestras relaciones o interacciones, como dentro de todas las leyes de la Naturaleza, a cada acción le corresponde una reacción. Lo que nosotros plantamos será cosechado, si no lo hacemos nosotros, otros lo harán.

88) Estos hechos son las señales de una Nación enfermiza. Si vemos cualquiera de estos signos, sus guardianes nos están traicionando:

- La mezcla y la destrucción de la raza fundadora
- La destrucción de la unidad familiar.
- La tasación opresiva.
- La corrupción de la ley.
- El terror y la supresión contra aquellos que advierten los errores de la Nación.
- La inmoralidad: drogas, borracheras, etc.
- El infanticidio (ahora llamado aborto)
- La destrucción de la moneda (inflación, usura)
- La presencia de extranjeros, de culturas extranjeras.
- El materialismo.
- Las guerras externas.
- Los guardianes que buscan la riqueza o la gloria.
- La homosexualidad.
- Una religión que no está basada en las leyes de la Naturaleza.

POR EL TRABAJO AL PROGRESO. 88

(banderas y escudos llevamos con orgullo, de ancestros que lucharon por todo aquello que era suyo y hoy son simbolo de revolucion)

VERSÃO EM PORTUGUÊS DOS 88 PRECEITOS

(SITE WHITE POWER SÃO PAULO)³⁰¹:

Por David Lane, traduzido por Caposquadra

WHITE POWER SÃO PAULO - W.P.S.P



Por David Lane, traduzido por Caposquadra

“Nós devemos assegurar a existência de nossa raça e o futuro das crianças Brancas. Porque a beleza da mulher Branca Ariana não pode perecer da face da terra³⁰²,”

Antes de nós começarmos eu gostaria de dizer que até a Raça Branca perceber que há apenas uma fonte da qual podemos descobrir verdades, nunca haverá paz ou estabilidade nesta terra. Nas Leis Imutáveis da Natureza há as chaves para a vida, ordem, e entendimento. As palavras dos homens, até daqueles que alguns consideram, inspirados, estão sujeitas à tradução, vocabulário, adição, subtração, e distorções dos imortais falidos. Portanto, toda escrita ou influencia, antiga ou moderna, tem que passar pelo teste tenso das Leis da Natureza. As pessoas Brancas da terra devem coletivamente entender que elas são iguais às duras Leis da Natureza, como todas as outras criaturas do Universo, ou elas não segurariam a paz, segurança, nem mesmo sua existência. O mundo esta em chamas porque Raças, Sub-raças, Nações e culturas estão sendo forçadas a violar sua própria natureza e instintos de preservação. Muitos homens de boa vontade, mas de pouco entendimento, estão lutando contra sintomas que são resultado da desobediência da Lei Natural. Como é a natureza do homem, estreita, postura provincial em aspectos formados por

³⁰¹ Na Internet, em http://www.whitepowersp.org/artigos/poderbranco/poderbranco_88preceitosdl.htm

³⁰² As 14 palavras seguidas de mais 14 palavras.

entretenimento, circunstancia atual e dogma condicionado. Acabar com a base dos instintos do homem, isso é o que aquela tribo bárbara que tem controlado os medos do mundo para incontáveis séculos faz. Um entendimento maior das Leis Fundamentais que governam os medos dos homens é necessário se estão para salvar a civilização dos seus usuários carrascos. Essas poucas páginas não estão aqui para fornecer um detalhe do sistema de governo, mas como normas que, quando entendidas, irão beneficiar e preservar as pessoas individualmente e como uma Nação.

1. Qualquer religião ou ensinamento que nega as Leis Naturais do Universo é FALSO!
2. Não importa qual é a concepção de Deus, ou Deuses, ou o motivo da Força do Universo, que as pessoas possam ter, elas nunca poderão negar que as Leis da Natureza são parte e intenção dessa Força.
3. Deus e religião são distintos, separados e às vezes conceitos que estão em conflito. A natureza evidencia o plano divino, para o mundo natural Deus é o trabalho de força ou inteligência. Religião é a criação dos mortais, portanto predestinada à queda. Religião pode preservar ou destruir uma pessoa, dependendo da estrutura dada pelos pais, os motivos e caprichos das circunstâncias históricas.
4. A forma mais verdadeira de oração é a comunhão com a Natureza. Não é oral. Vá sozinho para um local, se possível o topo d'uma montanha, numa limpa, e iluminada noite pelas estrelas, pondere a grandeza e ordem do infinito macrocosmo. Depois considere as complicações, do infinito microcosmo. Entenda que por um lado você é pequeno, e por outro lado esta compreendida e valorizada potencialmente como uma parte do destino. Então você começa a entender o quão orgulhoso você pode ficar com respeito e reverência. Então você acha harmonia com a natureza e com harmonia vem força, paz e certeza.
5. Poder de sistemas seculares protege e promove religiões, onde ensinam uma “após-vida”. Assim, pessoas são ensinadas a abandonar as defesas contra predadores desta vida.
6. História, secular e religiosa, são lendas imaginadas em enganos pessoais e promulgadas por aqueles que vêem benefícios.
7. A religião na sua forma mais benéfica é a simbologia de uma pessoa e sua cultura. Uma cultura multirracial destrói os sentidos únicos, exclusivos e o valor necessário para a continuação de uma Raça.

8. O que os homens chamam de “super natural” é atualmente o “natural” não ainda entendido ou revelado.
9. Uma proliferação de leis como resultado sendo a perda de liberdade é um sinal de e diretamente proporcional para, a doença espiritual de uma Nação.
10. Se uma Nação é devota de saúde espiritual e caráter mortal, o governo e o homem sem princípios irão preencher a vaga. Portanto, liberdade prospera em valores morais e a tirania prospera na queda da moral.
11. A verdade requer uma pequena explicação. Por isso, tome cuidado com doutrinas. Os grandes princípios estão revelados na brevidade.
12. A verdade não amedronta a investigação.
13. A fé não encontrada é um perigo. Pessoas que não checam a validade e efeito de sua crença com razão sofre ou perece.
14. Em acordo com as Leis da Natureza, nada é mais certo que preservação da própria Raça.
15. Nenhuma grande força motiva existe se não houver certa convicção de que ela está certa.
16. Discernimento é uma característica de pessoas saudáveis. Numa Nação, civilização, cultura ou Raça quase mortas, a substância é abandonada e dá-se lugar a aparência.
17. Discernimento inclui a habilidade de reconhecer a diferença entre crença e realidade.
18. Não existem coisas como privilégios nas Leis da Natureza. O cervo sendo devorado por um leão faminto não tem direito de viver. De qualquer maneira, ele pode ter adquirido a vida pela obediência à natureza – ordenando instintos de vigilância e vôo. Da mesma forma, o homem não tem direitos de vida, liberdade ou felicidade. Estas circunstâncias podem ser adquiridas por uma pessoa, pela sua família, por sua tribo, por seus ancestrais. Além disso, o valor desses itens adquiridos pode ser mantido através da vigilância e obediência à Lei Natural.
19. Uma pessoa que não está convencida de sua harmonia e valor irá perecer.
20. A Raça Branca sofreu invasões e violência da África e Ásia por milhares de anos. Por exemplo, Attila e os Hunos Asiáticos que invadiram a Europa no Século V, estuprando, saqueando e matando dos Alpes até o mar Báltico e Cáspio. Isso se repetiu pelos mongóis de Genghis Khan 800 anos atrás. (Observação que os Índios Americanos não são “americanos nativos” e sim racialmente mongóis.). No século VIII, centenas de anos antes dos negros serem trazidos para as Américas, os mouros Nortes Africanos racialmente misturados invadiram e conquistaram parte de Portugal, Espanha e França. Assim, a culpa tomou lugar da Raça Branca

pelos carrascos da civilização. O fato é, todas as Raças e civilizações se beneficiaram com a genialidade da Raça Branca.

21. Pessoas que permitem outros de raças diferentes conviverem entre si irão perecer, por que o inevitável resultado da integração racial é a mistura de castas, que destroem características e a existência de uma Raça. Integração forçada é deliberadamente e maliciosamente genocídio, particularmente para pessoas da Raça Branca, que agora é minoria no mundo.

22. Na análise final, uma Raça ou Espécie não é julgada superior ou inferior por suas realizações, mas por sua vontade e habilidade de sobreviver.

23. Sistemas políticos, econômicos e religiosos podem ser destruídos e recriados pelo homem, mas a morte de uma Raça é eterna.

24. Nenhuma Raça pode continuar sua existência sem territórios para propagar e promover sua própria espécie.

25. Numa pessoa sem cultura, exclusivamente sua vontade irá perecer.

26. A Natureza colocou algumas antipatias entre as Raças para preservar individualidade e existência de cada uma. Violação do território necessário para preservar essa antipatia nos guia para guerras ou miscigenação.

27. Não é construtivo odiar outras raças, nem mesmo os de raça misturada. Mas uma separação deve ser feita para a sobrevivência da sua própria Raça. Devemos odiar com um ódio tão puro e perfeito alguém que cometeu traição à sua própria Raça e contra Nações de sua própria espécie. Todos devem odiar com um ódio perfeito todas as pessoas ou práticas que destroem seu povo, sua cultura ou sua exclusividade racial.

28. O conceito de uma sociedade multirracial viola todas as Leis da Natureza de preservação da espécie.

29. Igualdade é uma mentira por todas as evidências da Natureza. É uma procura pelo menor dos menores comuns, e sua procura irá destruir todas Raças, Nações e culturas superiores. É como procurar um jegue que corra na mesma velocidade que um cavalo de corrida: você deveria primeiro aleijar o cavalo; e fazer um cavalo de corrida carregar as mesmas coisas que um jegue e então aleijar o jegue. Nos dois casos, a procura de igualdade é a destruição da excelência.

30. Os instintos para preservação Racial e da espécie é decretado pela Natureza.

31. Instintos são os mecanismos perfeitos da Natureza para a sobrevivência de cada Raça e espécie. A fraqueza humana de justificar situações para autopromoção não deve ser permitida para interferir nesses instintos.

32. Miscigenação é e sempre foi, a grande ameaça para a sobrevivência da Raça Ariana.
33. A compaixão entre Raças é contrária às Leis da Natureza e é, portanto, suicídio. Se um lobo Branco pagando tão altos impostos que ele não pode nem ter filhos, pois não poderá cuidar deles. Os impostos surgiram e foram usados para suportar os milhões de não-brancos, muitos deles que casam-se com mulheres Brancas. Como você pode ver, o homem está sujeito a todas as leis da Natureza. Isso não tem nada haver com moral, ódio, bem ou mal. A natureza não reconhece os conceitos de bem e mal na relação entre raças diferentes. Se o leão come a ovelha, é bom para o leão, e ruim para a ovelha. Se a ovelha foge e o leão fica com fome, é bom para a ovelha e ruim para o leão. Assim vemos que o mesmo incidente pode ser bom e ruim.
34. O instinto para união sexual é parte do mecanismo perfeito da Natureza para preservação da espécie. Começa cedo na vida, e na maioria das vezes vai até muito tarde. Não deve ser repressivo, sua proposta é a reprodução, e também não pode ser frustrante. Entenda que por milhares de anos nossas mulheres deram luz a crianças numa idade muito nova. Agora, na tentativa de se conformar e competir com uma cultura pobre, eles proíbem um instinto natural. Ensinam responsabilidades, mas também entendimento. A vida de uma Raça salta do útero de uma mulher. Ele que julga, deve entender as diferenças entre o que é bom, e o que é certo.
35. Homossexualidade é um crime contra a Natureza. A Natureza declara que seu propósito para o instinto da união sexual é a reprodução e assim, preservar a espécie. O homem poderoso deve ser centrado para a posse de uma mulher, tal como elementos como território e poder, que é necessário para tê-los.
36. Pornografia sexual degrada a Natureza de todos que estão envolvidos. Uma bela mulher nua é arte, uma câmera entre as pernas dela para explorar suas partes íntimas é pornografia.
37. Aquela Raça cujos homens não iram lutar até a morte para manter e acasalar com suas mulheres ira perecer. Qualquer homem Branco com instintos saudáveis sente desgosto e aversão quando vê uma mulher de sua Raça com um homem de outra raça. Aqueles que hoje em dia controlam a mídia e os negócios do Mundo Ocidental ensinam que pensar assim é errado e vergonhoso. Eles etiquetam isso de “racismo”. Como todo “ismo”, por exemplo, a palavra “nacionalismo” significa promover a sua própria Nação; “racismo” significa promover e proteger sua própria Raça. É talvez a palavra mais Orgulhosa hoje em dia. Qualquer homem que desobedece a esses instintos é anti-Natureza.
38. Numa Nação doente, cultura, Raça ou civilização, discordância política e valores tradicionais serão etiquetados e perseguidos como crimes de inquisidores se vestindo de patriotas.

39. Uma pessoa que é alienada ao seu passado irá manchar o presente e destruir o futuro.
40. Uma Raça deve honrar acima de tudo, aqueles que deram suas vidas para a libertação e preservação de seu povo.
41. O povo, isto é, os membros da raça, é a Nação. Lealdades raciais devem sempre substituir fronteiras geográficas e nacionais. Se isto está entendido, irão acabar guerras entre irmãos. Guerras não devem ser lutadas em benefícios de outra raça.
42. Os líderes das Nações não são a autoridade, eles são criados para serem tutores. Esse cargo não devem servir para ganhos pessoais. Escolha apenas um tutor que não tenha interesse em acumular bens materiais.
43. Escolha e julgue seus líderes, também chamados de tutores, assim: aqueles que buscam sempre passar os limites do governo são bons de coração e consciência. Aqueles que buscam expandir o poder do governo são tiranos.
44. Nenhum governo pode dar algo a alguém sem antes tirar de outro. Governo é, por sua natureza, roubo. Uma soma limitada de governo é um peso para a defesa nacional e ordem interna. Qualquer coisa a mais é contra a liberdade.
45. As leis fundadoras, chamadas de Constituição de uma Nação, não deve ser emendada com nenhum outro método a não ser uma aprovação unânime de todos os partidos. De outra forma, as portas estarão abertas para a mais perigosa forma de governo, a democracia.
46. Numa democracia, aqueles que controlam a mídia, e assim a mente do eleitorado, tem um poder tão grande que nunca foi sonhado por Reis ou Ditadores.
47. A forma mais simples de descrever democracia é: Três pessoas formam um governo, cada uma tendo um voto. Então duas delas votam para roubar a riqueza do terceiro.
48. Os últimos estágios da democracia estão preenchidos com guerra estrangeira, porque o sistema falido tenta se preservar saqueando outras Nações.
49. Numa democracia o que é permitido é raramente moral, e isso que é moral é freqüentemente ilegal.
50. Depois da democracia sempre se segue um homem forte...Alguns o chamam de ditador. É a única maneira de restaurar a ordem do caos causada pela democracia. Escolha seu ditador sabiamente! Ele deve ser um protetor em seu coração. Ele deve mostrar que seu único propósito na vida é a preservação do Povo. Sua principal meta deve ser restaurar a Lei baseada nas perfeitas Leis da Natureza. Não o escolha por suas palavras. Escolha o que sacrificou tudo para combater a

tiraniam, escolha um que suportou e preservou. Essa é a única evidencia digna de confiança de seus motivos e merecimento.

51. Um sistema de poder não vai fazer nada, não importa o quanto corrupto ou brutal seja, para se preservar.

52. Tirania não pode ser acabada sem o uso da força.

53. Aqueles que cometem traição disfarçam suas ações em proclamações de patriotismo. 54. Propaganda é um componente importante em todos os sistemas, religioso e secular. Propaganda falsa é um componente importante de sistemas sem princípios. Todos os sistemas se esforçam para convencer que são bons, justos, benéficos e nobres, como dignos da eternidade e defesa. A propaganda mais patriota distribuída, a mais suspeita deve ser de sua confiança.

55. Poder político, numa análise final, é criado e mantido pela força.

56. Um sistema poderoso, secular ou religioso, que emprega patriotismo, ou requer retórica para sua preservação, é tirania mascarada.

57. Propaganda é uma arma necessária e legítima em qualquer luta. Os elementos para o sucesso da propaganda são: simplicidade, emoção, repetição, e brevidade. Os homens acreditam no que querem, e desde que queiram acreditar, eles percebem o quanto é benéfico para eles, então a propaganda que faz sucesso deve apelar para o interesse pessoal daqueles que a propagam.

58. Tiranos ensinam no que pensar, homens livres aprendem como pensar.

59. Tome cuidado com os homens que enriquecem com o uso da palavra. Particularmente tome cuidado com advogados ou padres que negam a Lei da Natureza.

60. O patriota, sendo guiado para a masmorra da inquisição ou para o “machado dos carrascos”, serão condenados por seus amigos e aliados; por isso eles procuram escapar do mesmo destino.

61. A doce deusa da Paz vive debaixo dos braços protetores do Deus da Guerra.

62. A lei fundadora de uma Nação deve se manter especificamente sem erros e irrevogável à identidade de uma única Raça, grupo cultural para seu bem-estar, e que a existência da Nação é unicamente para sempre para o bem-estar desse grupo específico apenas.

63. Numa raça ou cultura que permite a influência ou controle de outros, qualquer um desses itens ira perecer:

- Órgãos de Informação,

- Instituições educacionais;

- Instituições religiosas;

- Escritórios políticos;

- Criação da moeda deles;
- Instituições jurídicas;
- Instituições culturais;
- Vida econômica.

64. Apenas a Lei requer uma pequena explicação. O seu sentido é irrevogável em simplicidade e especificidade.

65. As emoções do homem às vezes são agitadas mais pela palavra falada do que pela escrita. Por isso uma tirania que dita as regras irá reagir mais violentamente para o recolhimento de dissidentes do que de livros ou panfletos.

66. A Lei fundadora da Nação, ou qualquer outra lei é tão pertinente quanto a vontade e o poder.

67. Uma pessoa desarmada ou não-militante será escravizada.

68. Alguns dizem que a caneta é mais poderosa que uma espada. Talvez seja. Até agora, a caneta sem espada não tem autoridade.

69. Tiranias são usualmente construídas passo-a-passo e disfarçadas por nobres oratórias.

70. A diferença entre um terrorista e um patriota é o controle da imprensa.

71. O julgamento de protetores, os líderes, deve ser verdadeiro à Lei Natural e temperado pela razão.

72. O materialismo é baixo e destrutivo. Os protetores de uma Nação devem constantemente advertir e combater o espírito materialista numa Nação. Aquisição de riquezas e propriedades, como necessidade do bem-estar da família e obtido por meios honráveis significa que esta certa e apropriado. Exploração, particularmente através da usura, é destrutivo para uma nação.

73. Materialismo leva o homem à procura de um status artificial através da riqueza ou propriedade. O verdadeiro status social vem da Família, Raça e Nação.

74. Materialismo conduz finalmente para o notável, desnecessário consumo, que conduz por sua vez à violação da Natureza e destruição do meio ambiente. Não é natural. Os reais protetores da nação não devem ser materialistas.

75. A função do mercador ou do vendedor é dar um método de troca. Um mercador que promove consumo desnecessário e materialismo não deve ser tolerado.

76. A única função legítima do dinheiro é para a troca e especialmente a usura não é legítima.

77. Uma nação com aristocracia de dinheiro, advogados ou mercadores se tornará uma tirania.

78. A maneira mais simples descrever um sistema de operação bancária central baseado na usura é esse: os banqueiros exigem a propriedade da Nação para seus empréstimos. No interesse, mais

dinheiro é devido a eles, já que eles criaram empréstimo. Então, eventualmente, os banqueiros dominam a Nação.

79. Usura (interesse), inflação, e taxas opressivas são um roubo e destroem a moral da Nação.

80. Riqueza adquirida sem sacrifícios ou trabalho honesto será usualmente mal empregada.

81. Nada na Natureza é estático; ou a força da vida cresce e expande ou deteriora e morre.

82. Respeito deve ser merecido. Não se pode ser exigido ou suposto.

83. Evitar um homem irritado, por seu rancor irá envenenar sua própria natureza.

84. Disciplina própria é sinal de um grande homem.

85. As medidas tomadas por um homem são vividas de infortúnios.

86. Um tolo julga os outros por suas palavras. Um homem sábio julga outros por suas ações e suas realizações.

87. Em nossas relações ou interações, como em todas as Leis da Natureza, para toda ação há uma reação. Que o que plantamos iremos colher, se não por nós, por outros.

88. Há é claro marcas de uma Nação doente ou morta. Se você vir alguns desses aspectos abaixo citados, significa que seus “protetores” estão cometendo traição:

- Miscigenação e destruição da Raça fundadora;

- Destruição da família;

- Taxações opressivas;

- Corrupção da Lei;

- Terror e repressão contra aqueles que advertiram os erros da Nação;

- Imoralidade: drogas, bebidas, etc.;

- Abortos;

- Destruição do dinheiro (inflação ou usura);

- Sub-humanos, cultura sub-humana;

- Materialismo;

- Guerras estrangeiras;

- Líderes que buscam riquezas ou glórias;

- Homossexualidade;

- Religião não baseada na Lei Natural.

LEIS DO LOBO SOLITÁRIO³⁰³

por Tom Metzger

Qualquer um é capaz de ser um Lobo Solitário. Resistência é um estilo de vida, que realiza suas habilidades individuais. Sucesso e experiência virão com o tempo.

Sempre comece aos poucos. Muitas vitórias pequenas são melhores do que uma grande (que talvez seja o fim de sua carreira como um Lobo Solitário). Todos os detalhes contam para um Lobo Solitário.

Conhecimento é poder. Aprenda com seus erros e com os erros dos outros. Nunca se apresse ao fazer nada, tempo e planejamento são as chaves do sucesso. Nunca tente nada além de suas habilidades, uma falha pode levá-lo ao desastre.

Quanto menos um estranho souber, mais seguro e mais chances de sucesso você terá. Mantenha sua boca fechada e seus ouvidos abertos. Nunca confesse nada.

Comunique sua mensagem aos outros que tem as mesmas idéias que você. Comunicação irá aumentar o seu conhecimento. Além do mais, ter uma opinião ainda é legal (eu acho). Comunicação é uma coisa boa, mas mantenha suas atividades em segredo. Isso irá te proteger assim como aos outros como você. Quando alguém de algum grupo o tentar dizendo algo como "O QUE VOCÊ TEM FEITO COMO LOBO SOLITÁRIO?" simplesmente diga "isso seria contar". DUHHHHHH!!

Lembre-se, até as menores coisas farão diferença. Você verá que o que você fez está causando impacto. Se você nunca for pego, você será melhor que um exército.

Os outros irão informar suas atividades, mas nunca tente receber nenhum crédito por elas, seu sucesso será todo o reconhecimento que você merece.

Nunca deixe nenhum registro de suas atividades que possam te conectar à mesma. Tenha em mente que repetir as atividades na mesma área irá levantar atenção para a área e possivelmente à você. Quanto mais você mudar suas táticas, mais efetivas elas serão. O caos nunca é premeditado.

Tenha um dinheiro por precaução em um lugar seguro (fora da sua área local e não na sua área de atividade) e uma nova identidade no caso de algo inesperado der errado.

³⁰³ Disponível em http://libreopinion.com/members/patria/acao/leis_do_lobo_solitario.html

Apenas você saberá seus limites. Nunca pronuncie mais do que 6 palavras para os agentes ou representantes sionistas: "Eu não tenho nada a dizer". Não há exceção. Qualquer um que falar deve ser expelido do movimento para sempre. Confissões podem acabar em penas muito mais severas. Nunca fale com o Grande Júri, mesmo quando se deparar com o desprezo da corte. Sem exceções.

Nunca se torne membro de nenhum grupo a não ser que este não interfira nas suas operações como Lobo Solitário. Apóie alguns ativistas e publicações. Você poderá viver sem carteirinha de membro.

Sem encontros (isso inclui marchas, passeatas) que não possam ser realizados através de outros modos de comunicação (correio, e-mail, internet, telefone, etc.).

Existir e lutar como Lobo Solitário exige uma grande performance.

Eu nunca disse que não haverá uma hora quando pequenas celas e Lobos Solitários se envolverão em uma alta estrutura mas uma grande organização com grandes líderes. Mas essa hora não é agora e não será por um provável futuro. Nenhum líder atual, incluindo eu irá liderar essa fase. Nós estamos apenas preparando o caminho.

Espero que o que nós dissermos e fizermos faça uma vitória futura possível. Lembre-se, aqueles que vieram antes de você estão contando com você, aqueles que virão depois de você dependem de você. Pense como branco, aja como branco, seja branco!

DIREITOS BRANCOS³⁰⁴

David Lane

1. Pessoas brancas têm o direito de viver como um povo separado e distinto
2. Pessoas brancas têm o direito de manter e defender sua própria terra, livre de imigração ou habitação de membros de outras raças, o que inclui viver em bairros totalmente brancos e enviar seus filhos à escolas totalmente brancas.
3. Pessoas brancas têm o direito de se orgulharem de sua história.
4. Pessoas brancas têm o direito de se orgulharem de sua própria cultura e rejeitar em suas terras todas as culturas não-brancas.

³⁰⁴ Disponível em http://libreopinion.com/members/patria/artigos/direitos_brancos.html. Acessado em 10 de setembro de 2007.

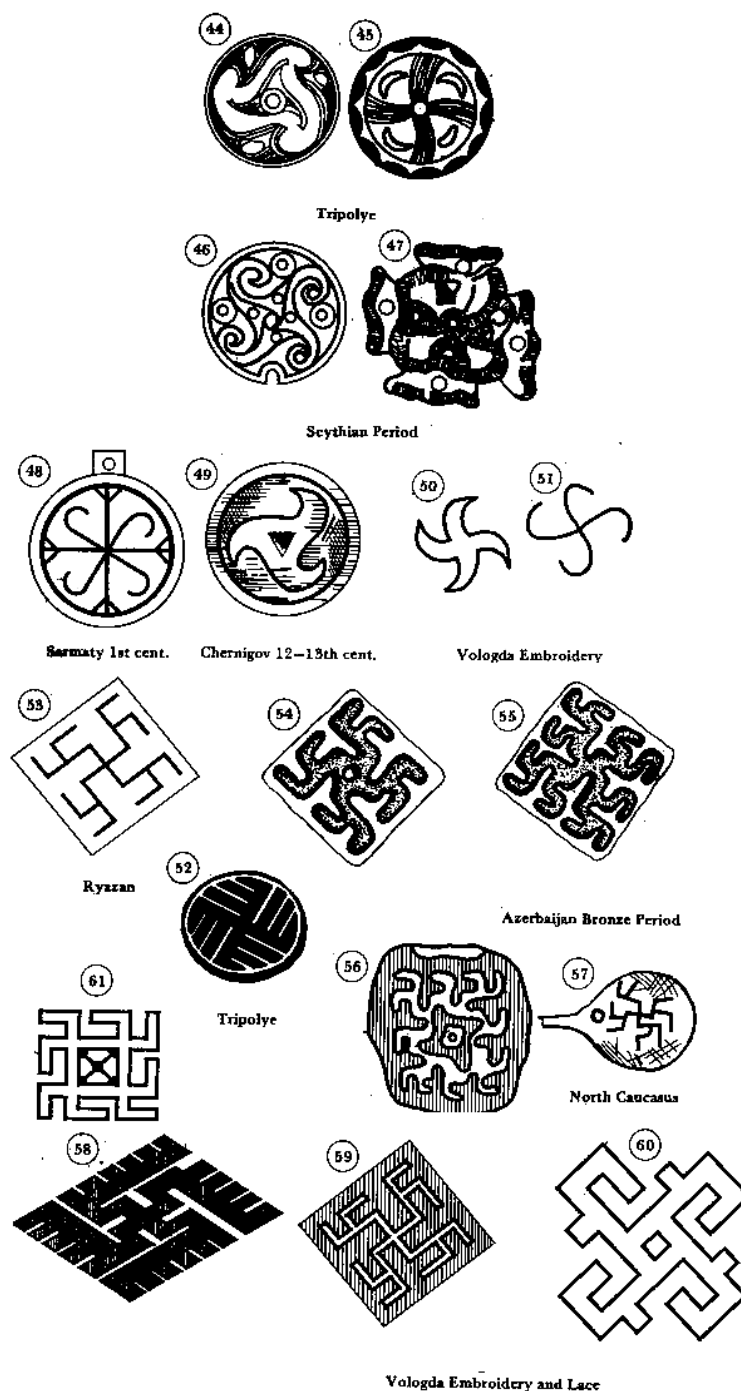
5. Pessoas brancas têm o direito de educar seus filhos do modo que desejarem, livres da interferência do governo.
6. Pessoas brancas têm o direito de colocar seus próprios interesses acima dos interesses de qualquer outra raça ou povo.
7. Pessoas brancas têm o direito de usufruir os benefícios de ter uma alta taxa de natalidade.
8. Pessoas brancas têm o direito de exigir que todas as pessoas dentro de suas fronteiras falem a língua do povo branco que criou o país.
9. Pessoas brancas têm o direito de proibir todas as formas de miscigenação dentro de suas terras.
10. Pessoas brancas têm o direito de produzir e consumir entretenimento e propaganda que seja livre de referências ou retratações à membros de outras raças.

CATORZE PORQUÊS DE DAVID LANE

1. Porque nos chamam de "portadores de ódio" quando a nossa causa é a preservação da beleza das nossas crianças?
2. Porque chamam os mídia a 92% da população da terra, que é de cor, "minorias"?
3. Porque é considerado um mal falar com orgulho da nossa própria raça Branca, quando todas as outras raças são encorajadas a fazê-lo?
4. Porque repudiam os mídia o facto [sic] provado historicamente de que a integração racial resulta em genocídio cultural e biológico?
5. Porque nega a América as vastas diferenças de civilização entre a África, a China e a Europa?
6. Porque razão todos os importantes líderes Cristãos, de Billy Graham até ao Papa, promovem o genocídio da raça Branca ao encorajar os casamentos inter-raciais?
7. Porque é que um acto de autodefesa executado por um homem Branco é processado como um "crime de ódio"?
8. Porque é que o próprio nome da nossa raça, Ariana, é condenado como "Supremacia Branca"?
9. Porque foi toda a história re-escrita para encobrir e denegrir todo o génio [sic] e feitos da raça Branca?
10. Porque só é negada às pessoas Brancas, diferentemente de todas as outras raças, uma pátria Branca?
11. Porque promovem todas as igrejas Cristãs a adopção [sic] de crianças de cor de todo o mundo por famílias Brancas, quando sabem que o resultado será o genocídio da raça Branca?
12. Porque é que todo o entretenimento, de filmes a revistas e desporto, promovem a miscelânea ao fazer heróis de homens de cor aos olhos das nossas mulheres e crianças?
13. Porque é que o governo dos EUA aumenta o genocídio Branco através do uso forçado nas nossas crianças em idade escolar?
14. Porque não nos é dito que menos de 2% da população é composta por jovens, fêmeas Brancas? Como o futuro da nossa raça depende dos úteros das nossas mulheres, a raça Branca está à beira da extinção.

ANEXO OITO

IMAGENS DA SUÁSTICA³⁰⁵



³⁰⁵ Disponível na Internet em <http://www.cultinfo.ru/fulltext/1/001/001/073/5-44.gif> Acessado em 03/10/2007

ANEXO NOVE

O ANEL DO NIBELUNGO³⁰⁶

1 - O OURO DO RENO

Nas Águas do Reno, três ninfas, as irmãs “ondinas”- uma espécie de “sereias de água doce” (sem cauda de peixe), jovens guardiãs do “Ouro do Reno”-nadam, em ágeis movimentos. As mais afoitas, Wellgunde e Woglinde, brincam de correr atrás uma da outra, como crianças travessas. A terceira, Floßhilde, mais ajuizada, repreende as irmãs por sua brincadeira excessiva e seu descuido na vigilância do “Ouro”. Sem ser visto pelas três, um gnomo, o “nibelungo” Alberich, sobe a um rochedo e as observa, encantado. Dirigindo-se às jovens, elogia-lhes a graça, manifestando o desejo de tê-las para si. Elas, a princípio, assustam-se, mas logo passam ao gracejo, ante a investida apaixonada do feio e repulsivo gnomo. Maliciosamente-na típica malícia da implicância infantil-elas fingem ceder a suas tentativas, mas logo fogem e caçoam dele. As três alternam-se, uma a uma, nessa maldosa brincadeira, despertando a raiva de Alberich, que, por fim, pára, exausto e furioso, erguendo, impotente, o punho cerrado. Neste momento, começa algo a brilhar, de dentro das águas, num fulgor dourado que intensifica-se até ocupar todo o ambiente. As três ninfas param de brincar e divertir-se à custa do nibelungo e passam a reverenciar aquela irradiação esplêndida, a que chamam “Ouro do Reno”: “Ouro do Reno! Ouro do Reno! Luminoso júbilo!”-*Rheingold! Rheingold! Glühender Glanz...*”-Intrigado e curioso, o gnomo pergunta às meninas “o que é aquilo que tanto brilha”. Elas demonstram incredulidade perante o fato de alguém desconhecer “a esplêndida luz do fundo do rio, que reluz, sublime, através das águas”. Convidam o gnomo a participar de sua alegria, banhando-se, com elas, na luminosidade que se faz. Alberich não compreende o devoção das ninfas àquele “ouro”, que para ele nada significa. Woglinde e Wellgunde, empolgadas, deixam escapar comentários sobre o poder do ouro, “de cuja beleza o gnomo não faria pouco caso, se conhecesse a sua magia: aquele que do Ouro do Reno forjar um anel tornar-se-á senhor do mundo.” Floßhilde, na prudência que lhe é peculiar, adverte as irmãs, que falam demais, pondo em risco a segurança do Ouro. As outras riem-se de seus cuidados, uma vez que “só aquele que renunciar ao amor” poderá apossar-se do Ouro e o gnomo, lascivo que é, jamais se disporia a tal privação. Floßhilde concorda e despreocupa-se. As três voltam a convidar Alberich a participar do seu júbilo. Ele, porém, numa atitude totalmente mudada, olha fixamente para o Ouro e manifesta um resto de dúvida-talvez simulada-quanto ao poder mágico mencionado pelas jovens: “Estais brincando! Vou entrar no vosso jogo!” E salta ao rochedo onde está o Ouro. As meninas movimentam-se em algazarra, e, ainda sem perceber a intenção de Alberich, voltam a caçoar do nibelungo. Mas ele conclui seu objetivo: chega ao cume do rochedo, leva a mão ao Ouro e, após proferir: “Assim eu amaldição o Amor!”, foge com sua prenda. As águas baixam, imergindo consigo as ondinas, que escutam, vinda do subsolo, a terrível gargalhada de Alberich e gritam por socorro pelo Ouro roubado. A luminosidade anterior dá lugar a densa escuridão; as águas continuam baixando.

A cena altera-se ante nossa vista, à medida em que as águas assumem o aspecto de nuvens, que transformam-se gradualmente numa névoa diáfana, sob uma claridade matinal e vemo-nos diante de um espaço amplo nas montanhas. A luz solar, cada vez mais viva, torna visível um imponente castelo, sobre um cume rochoso. Num ponto da cena, sobre um terreno florido, dormem Wotan, o

³⁰⁶ Resumo disponibilizado em http://www.luiz.delucca.nom.br/wep/wagneremporugues_sf.html. Reproduzido com permissão. Cada parágrafo se refere a uma cena.

Rei dos Deuses e sua mulher, Fricka, a Deusa do Matrimônio. Esta acorda e tenta despertar o marido, que não acorda de imediato e põe-se a falar, em sonho, sobre seu contentamento pelo castelo, cuja construção acaba e ser concluída: “A beatífica mansão do fausto, cujas portas e ameias hão de guardar-me; a honra do homem e o poder eterno, que elevam-se à glória imperecível!” Fricka, irritada, sacode-lhe o corpo, forçando-o a despertar: “Deixa de devaneios! Acorda e pensa!” Ao despertar e erguer-se, Wotan manifesta a mesma disposição de ânimo e contempla, extasiado, “o mais augusto, o mais magnífico edifício!” Fricka o repreende por sua fixação na imponência da fortaleza, pois há um porém: “Esqueces, acaso, o preço que prometeste pagar?” O pagamento combinado é justamente Freia, a Deusa da Juventude, irmã de Fricka e os construtores do castelo, a quem foi prometida a cunhada de Wotan, são os gigantes Fasolt e Fafner. Wotan, displicente e sereno, responde a Fricka, como dando a entender que ela não deve imiscuir-se neste assunto: “eis a fortaleza, erguida, graças aos fortes gigantes; quanto ao pagamento, não te preocupes”. A deusa, revoltada, reprova a atitude do marido, “leviano, irônico”; diz que, fosse ela avisada a tempo, teria impedido aquele acerto, “mas vós, homens, tudo ocultam às mulheres, para que possam cometer sossegados os vossos desatinos; assim pusestes à venda minha querida irmã, tudo por causa da avidez que vós, os varões, têm pelo poder!” Sempre fleumático, Wotan argumenta, perguntando à mulher se ela é mesmo tão isenta de “semelhante avidez”, já que fôra ela própria que sugerira a construção do castelo. A resposta de Fricka-cujas palavras e a bela temática musical expressam nitidamente seu caráter caseiro e familiar-esclarece que “desejando a fidelidade de meu esposo, fui tola e julguei que um lar aconchegante e belo poderia sossegá-lo dentro de casa; mas a casa para ti nada mais significou que soberania e poder; o castelo só serviu para aumentar o tormento.” Seguindo a mesma linha melódica, um tanto alterada, Wotan-que é dado a freqüentes e longas ausências e nada tem de marido fiel-replica, em tom de riso, que seria inútil aos intentos da mulher mantê-lo dentro da fortaleza, pois, mesmo apartado do mundo, ele disporia dele, à distância. Fricka volta a repreendê-lo com veemência, acusando-o de não respeitar nem valorizar as mulheres. Ele, agora sério, responde com severidade à acusação da esposa: “Para obter-te como mulher, perdi um de meus olhos;”-pois, de fato, lhe falta um olho-“que tola censura acabas de fazer!” E acrescenta que, quanto a Freia, não a dará em pagamento aos gigantes: jamais levara a sério aquele acordo. Fricka, então, exige-lhe atitude: “Trata, pois, de protegê-la agora!” A própria Freia então surge, a correr aflita, pedindo socorro à irmã e ao cunhado, pois “Fasolt já se aproxima e vem buscar-me!” Wotan, na sua costumeira e irritante calma, dá a entender que não importa; pergunta a Freia se ela não viu Loge (o Deus do Fogo). Ao ouvir o nome de Loge, Fricka fica ainda mais aflita e furiosa, pois não entende a confiança que Wotan vota “àquele ardiloso”; Wotan argumenta que pode agir sozinho, sempre que bastam força e coragem; mas precisa do esperto Loge quando é necessária a astúcia, para vencer o inimigo. “Ele me estimulou a este acordo e tudo agora depende dele.” Fricka reage: “É! E ele te deixa sozinho! Lá vêm os gigantes e onde anda o teu experto auxiliar?” Freia grita pelos irmãos-Donner e Froh, Deuses do Trovão e do Sol- e Fricka diz-lhe, soturnamente: “Primeiro te traem com um pacto imoral e agora se escondem todos.” No exato momento, ao som, pela orquestra, de um tema estrondoso, repetitivo e pesado, entram Fasolt e Fafner, os dois irmãos gigantes, vestidos de peles cruas e portando rústicas e pesadas clavas. Fasolt, mais dado ao diálogo que Fafner, cujo temperamento é mais bruto e taciturno, dirige-se a Wotan: “Enquanto dormias serenamente, nós erguíamos o castelo, em árduo trabalho, jamais relaxando; e ei-lo de pé, levantado por nós. Faz agora a tua parte: paga-nos!” Hipocritamente, Wotan pergunta: “Sim, meu povo, disseis vosso preço.” Fasolt replica, ingenuamente: “Ora, já temos um preço; não te lembras? Freia, a bela; Holda, a livre;” (Holda é outro nome de Freia; os dois termos estão associados aos vocábulos “*Frei*”, livre e “*Holde*”,

bela) “tal foi o pagamento contratado; levá-la-emos, pois, para nossa terra.” Wotan responde, com brusquidão: “Estais loucos?! Solicitai outra paga! Freia não está à venda!” Fasolt, então, emudece, sem poder acreditar no que ouve, mas, por fim, reage: “O que? Tu, o próprio Wotan, estás pensando em trair um contrato?!” e seu irmão, Fafner, escarnece dele, chamando-o de “imbecil”, por ter acreditado na trapaça de Wotan. (Um dos atributos de Wotan é a condição de legislador, que ele exerce por meio de pactos de honra, ou seja, os tratados ou contratos, aos quais ele próprio deve rija fidelidade; sobre o cabo de sua inseparável lança, um arquétipo de seu poder, estão gravadas as Runas, caracteres teutônicos com os quais são selados os pactos. É, pois, indiscutivelmente cabível a indignação de Fasolt, ante esta atitude recalcitrante do “Deus dos Tratados”.) Com sua peculiar dignidade, Fasolt reprova o comportamento de Wotan, dizendo que é seu dever “guardar fidelidade aos tratados” e que, ainda que Wotan seja sábio “mais do que os gigantes possam ser apenas astutos”, é exatamente um tolo gigante que lhe dá esta lição de moral e que “maldito seja aquele que, sendo o guardião dos tratados, ainda assim é capaz de ser infiel aos mesmos.” Wotan, em crescente descaso aos argumentos do ogro, retruca: “Como pudeste levar a sério um contrato feito por pura brincadeira? De que pode valer a vós, brutos que sois, os encantos da bela e radiosa deusa?” Fasolt, ofendido com a alusão à inferioridade que Wotan atribui aos gigantes, expressa-se, agora, em tom de mágoa: “Zombas de nós, não é? Que injustiça! Os luminosos deuses servem-se do trabalho dos rudes, prometendo-lhes uma bela e terna mulher e agora invalidas o contrato?” Fafner, irritado com as simplórias instâncias do irmão, interrompe-o ríspidamente: “Para com isso! Não vai adiantar! E a posse de Freia é de pouca valia para nós!” E, em tom mais baixo: “O único interesse que podemos ter com ela é o enfraquecimento dos deuses, que nutrem-se das maçãs douradas, que só ela sabe cultivar.” (Freia, a Deusa da Juventude, cultiva maçãs mágicas, douradas, que fornece aos seus parentes, os quais, ingerindo-as, são dotados de juventude eterna. A falta dessas frutas causaria o envelhecimento e a fraqueza dos deuses, o que interessa aos gigantes, pois, de tal sorte, ficariam livres de seu jugo.) Wotan demonstra impaciência com a demora de Loge, do qual ele espera uma alternativa para o pagamento dos construtores. Fasolt exige uma pronta resolução e só aceita Freia, nada mais! Os dois gigantes fazem menção de levar a deusa à força, quando irrompem Donner e Froh, os dois irmãos de Freia e Fricka. Ambos intentam impedir a investida dos gigantes e Donner os ameaça com seu martelo (um martelo de grande porte, atributo do Deus do Trovão). Wotan reprime sua agressividade, interpondo, imperiosamente, a lança entre os inimigos: “Nada pela força! Minha lança guarda os pactos.” Todos estão desolados, quando, finalmente, aparece Loge. Em seus típicos movimentos “flamejantes” e ágeis, ele chega, e, irônico, parece zombar das aflições dos outros deuses. Ao ser argüido por Wotan sobre a solução “que fora buscar para corrigir o mau negócio”, ele torna: “De que negócio falas? Acaso te referes ao pacto que acertaste com os gigantes?” Começa, então, a tagarelar a respeito de suas características pessoais. Ele é um andarilho, que movimenta-se como bem entende; não é como os outros deuses, que desejam casar-se e gostam de “casa e lareira”. A eles, certamente, aquele castelo vem a calhar: uma imponente construção, como quer Wotan, agora pronta e sólida. Ele próprio fora fiscalizar as estruturas e estavam perfeitas: “Fasolt e Fafner estão de parabéns!” Wotan interrompe sua sarcástica eloquência e lembra-lhe a promessa que ele fizera de conseguir livrar Freia, promessa esta que fôra a única razão de ter ele, Wotan, aceito o seu conselho de firmar aquele contrato com os construtores da fortaleza. Loge, com ironia, diz que não: “O que eu prometi foi tentar achar um modo de livrá-la. Uma tentativa, sim, eu prometi. Mas como posso prometer encontrar, de fato, uma coisa que não existe?” Todos os deuses revoltam-se contra Loge e ameaçam-no. Wotan ordena calma e defende “seu amigo”. Os gigantes tornam a exigir a solução e Wotan dirige-se energicamente a Loge: “Vamos, seu cabeça-dura, cumpre o que prometeste.” Loge, num

simulacro de mágoa, diz que todos lhe são ingratos e que só para resolver o problema de Wotan correu mundo atrás de um substituto para Freia que bem satisfizesse aos gigantes. Mas tudo em vão. Ninguém soube apontar nada mais interessante ao homem que “o amor e o prazer que a mulher pode proporcionar”. Loge prolonga-se nesse discurso desanimador, até que insinua que “há um, apenas um que renunciou ao amor e à mulher, optando pelo poder que lhe proporcionara o ‘ouro reluzente’”; este era Alberich, o nibelungo que roubara das “cristalinas crianças do Reno” seu amado Ouro. Todos, sobretudo Wotan, ficam interessados; até os gigantes tendem a admitir uma mudança de idéia, caso lhes seja possível obter o ouro mágico. Inclusive o fato de estar em poder do traiçoeiro Alberich é mais uma razão para o cobiçarem, pois o gnomo, com ele, poderá escravizar e arruinar a todos. Fafner, por fim, sugere autoritariamente ao irmão que aceite o Ouro em lugar de Freia. Fasolt concorda, a contragosto. (Diferentemente de Fafner, que é prático e objetivo, Fasolt, menos rude que o irmão, é um tanto romântico e está apaixonado por Freia. Seu único interesse para com ela é, realmente, tê-la como mulher.) Fafner, decidido, dirige-se a Wotan e declara que os gigantes abrirão mão de Freia, se, em lugar dela, lhes for entregue o tesouro do nibelungo. Wotan exaspera-se: “Como posso dar-vos aquilo que não tenho?” Fafner diz que, se o castelo foi construído a duras penas, nada custará a Wotan conseguir, pela astúcia, subjugar o gnomo, coisa que eles, os gigantes, jamais conseguiriam pela força. Como Wotan tenta ainda recusar o que eles pedem, Fasolt e Fafner decidem levar Freia como garantia, dizendo que “voltaremos ao anoitecer e se lá não estiver o tesouro, pronto para nós, Freia nos pertencerá para sempre”. Freia é levada, aos gritos. Donner e Froh querem reagir, olham para Wotan, como a pedir consentimento, mas o patriarca não dá ordem alguma. Eles ficam. Loge põe-se a observar, à distância, a grotesca marcha dos gigantes, que carregam Freia. Comenta, zombeteiro, cada etapa do percurso, conforme observa. Depois, olhando para os deuses, nota como eles envelhecem rapidamente. Escapa-lhes o vigor. O coração de Froh baqueia, o martelo de Donner pende-lhe da mão, Wotan está encanecido, todos sentem-se fracos e desencorajados. Todos, menos Loge. Ele compreende o que está ocorrendo. Privados das maçãs de Freia, os deuses perdem o vigor da juventude; eles são dependentes das maçãs. Ele não. Loge é um “meio-deus”, sua natureza é outra e Freia sempre lhe fôra avara, concedendo-lhe menos maçãs que aos outros. “Debilitada e submetida ao sarcasmo do mundo”-escarnece ele-“a estirpe dos deuses perecerá.” Fricka lamenta-se, repreendendo Wotan por sua irresponsabilidade. Wotan, tomando uma decisão súbita, ordena a Loge que o conduza ao “País dos Nibelungos” (*Nibelheim*), para que juntos apossessem-se do Ouro do Nibelungo. Loge, ironicamente, pergunta-lhe se pretende devolvê-lo às ninfas do Reno. Wotan esbraveja com ele e diz que o Ouro é para a libertação de Freia. Ordena aos outros que esperem até à noite. Enquanto Donner, Froh e Fricka expressam votos de boa sorte, Loge e Wotan imergem numa fenda sulfurosa, rumo às cavernas onde vivem os nibelungos, sob a tirania de Alberich.

Vemos uma passagem rochosa interna, movendo-se verticalmente, o que dá a entender uma descida ao subterrâneo. Surge o interior de uma fuma. Saindo de uma estreita abertura, vem Alberich, arrastando brutalmente pelas orelhas um outro nibelungo, Mime, seu irmão. Alberich cobra do outro um artefato cuja confecção lhe ordenara. Mime tenta ludibriar Alberich, dizendo não estar certo da boa compleição da peça, mas, ante a atitude ameaçadora do irmão, acaba cedendo, por medo e lhe entrega um objeto metálico. Alberich, constatando a perfeição do trabalho, castiga Mime, por perceber que ele tentava enganá-lo, no intuito de ficar com o artefato para si. (O artefato é o “*Tarnhelm*”, um elmo mágico que dá a quem o use o poder de invisibilidade ou de qualquer transformação desejada). Para testar a eficiência mágica da peça, Alberich experimenta tornar-se invisível, o que dá certo, e, sem ser visto, surra Mime com uma

chibata, rindo e escarnecendo do irmão: “Obrigado, estúpido! Fizeste um bom trabalho!” Ele vocifera, impondo sua tirania a todo o seu povo: “Nibelungos todos! Curvai-vos ante Alberich!” (Desde que do Ouro do Reno, obtido por roubo, forjara um anel mágico, Alberich tem a todos os nibelungos como seus escravos, que agora trabalham para ele na mineração do ouro, cujo acúmulo aumenta a cada dia.) Chegam, finalmente, Loge e Wotan, vindos das alturas das montanhas. Loge percebe Mime, que, caído ao chão, está gemendo e se lamentando pelos golpes que recebera de Alberich. Cinicamente, Loge o cumprimenta e pergunta o motivo de seus lamentos. O gnomo desventurado reage: “Deixa-me em paz!” Loge diz que pretende ajudá-lo, ao que Mime demonstra incredulidade, comentando a situação em que se encontra, sob a senhoria cruel do próprio irmão. Loge, então, dá início a uma série de perguntas sobre tal estado de coisas, às quais Mime vai respondendo, até que, intrigado, pergunta quem são os dois forasteiros. Loge responde: “Amigos teus. Aqui viemos para libertar-te e aos demais nibelungos, deste jugo.” Mas, como percebe a aproximação de Alberich, Mime recomenda-lhes cuidados. Os dois forasteiros postam-se à espera do tirano, que chega, mais uma vez impondo terror e submissão a seu povo. Reparando na presença dos dois estranhos, dirige a Mime interrogações ameaçadoras, mas, sem esperar resposta, fustiga-o a chicote, forçando-o a juntar-se aos outros servos. Por fim, exibindo ameaçadoramente o anel, profere, mais uma vez, sua expressão de déspota: “Tremei e obedecei prontamente ao senhor do anel!” Todos os nibelungos dispersam-se, apavorados, dirigindo-se aos diversos fossos, onde trabalham. Ficando a sós com os forasteiros, Alberich os interroga, com desconfiança: “O que quereis aqui.” É Wotan que responde, citando uma série de rumores que ouvira falar sobre “as maravilhas que estariam sendo operadas por Alberich, em Nibelheim.” Envaidecido, o gnomo diz que “a inveja é que os atrai a seus domínios.” Loge intervém, reprovando a falta de hospitalidade e a ingratidão de Alberich, que “deve a ele o fogo do qual precisa para iluminação e aquecimento das frias cavernas onde vive e para alimentação de suas forjas”; Alberich alude à “falsa amizade de Loge”. Este procura conduzir a conversa de modo a fazer com que Alberich revele detalhes sobre seu poderio e riqueza. Envaidecido e seguro de si, o nibelungo nada oculta; afirma que, tão logo o tesouro atinja um grande acúmulo, ele poderá assenhorar-se do mundo inteiro. Fingindo indiferença, Wotan pergunta-lhe de que modo começará seu empreendimento dominador. Alberich responde que será justamente lá nas alturas onde eles, os deuses, vivem. Entra em detalhes a respeito de seus planos que despertam a fúria do temperamental Wotan, que ameaça golpeá-lo mortalmente. Alberich parece não perceber sua investida, prontamente bloqueada pelo astuto Loge. Este dá prosseguimento a seus estratégias, tecendo efusivos elogios às conquistas de Alberich, cuja vaidade, cada vez mais inflada, leva-o a fazer mais e mais revelações. Fala sobre o “*Tarnhelm*”, que lhe confere a possibilidade de “vigiar tudo sem ser visto”. Loge manifesta incredulidade quanto a esse poder. Alberich desdenha: “Achas que sou fanfarrão como tu?” Loge exige uma prova, ao que o vaidoso Alberich assente. Colocando o *Tarnhelm* sobre a cabeça, profere a fórmula mágica e logo transforma-se numa serpente monstruosa. Loge simula pavor, suplicando à serpente que “não o devore”. Wotan, por sua vez, ri-se e faz um elogio hipócrita à façanha de Alberich, que, voltando à sua forma original, pergunta desafiadoramente aos “sábios” se acreditam nele agora. Ainda fingindo medo e admiração, Loge se dá por convencido, mas interpela-lo novamente, perguntando-lhe se “assim como pudeste crescer, podes também diminuir?” Refere-se Loge a uma eventual necessidade de escapular, o que faria necessário tornar-se pequeno, de modo a que pudesse escapar por qualquer mínimo espaço. “Mas creio que isto seja muito difícil”, conclui Loge, despertando ainda mais o exibicionismo de Alberich, que ri-se de tamanha “estupidez” e pede-lhe que ordene a que proporção quer que ele encolha. Loge insinua a dimensão do corpo de um sapo. Usando novamente o elmo e proferindo a invocação, Alberich assume justamente a forma de um sapo.

Pronto: Loge alcançou seu intento. Com o pé, Wotan imobiliza o metamorfoseado Alberich; Loge retira-lhe o elmo mágico. Alberich volta ao normal, esbravejando, e, sendo amarrado com uma corda, é carregado por Wotan e Loge, pelo mesmo caminho que os trouxera à caverna.

De volta à mesma região montanhosa onde ocorreram os incidentes com os gigantes, os triunfantes Wotan e Loge trazem Alberich, aprisionado. Loge zomba dele, que responde com impotentes ameaças. Wotan declara que sua libertação tem um preço. Ao que Alberich continua a ameaçar, Loge lembra-lhe que “só pagando o preço exigido, poderá ficar livre e vingar-se”. Sem alternativa, o nibelungo pergunta o que lhe cobram. Wotan exige o tesouro. Contrafeito, Alberich cede, lembrando que, se o anel continua em seu poder, poderá recuperar tudo depois. Conclama seus escravos para que tragam para cima todo o ouro acumulado. À medida em que eles obedecem, Alberich manifesta a vergonha que sente ao ver-se naquele estado (atado em cordas) diante de seus servos. Estes concluem o transporte do tesouro e Alberich ordena-lhes, com sua usual arrogância, que voltem ao trabalho, que ele logo regressará para vigiá-los. Julgando ter cumprido a exigência de seus carcereiros, o nibelungo exige que o deixem ir e que lhe devolvam o *Tarnhelm*. Loge diz que o elmo também faz parte do preço e junta-o ao tesouro. Mais uma vez indignado, Alberich, no entanto, torna a ponderar, supondo que o mesmo que lhe confeccionara o artefato (Mime) far-lhe-á outro igual. Alberich exige novamente que o libertem. Loge pergunta a Wotan se pode soltá-lo, ao que o outro responde que ainda falta o anel, que o gnomo também deve entregar. Ante a alusão de perder o anel, fonte de todo o seu poder, Alberich sobressalta-se: “A vida, mas não o anel!” Wotan replica, autoritário: “Eu quero o anel; quanto à tua vida, faz dela o que quiseres!” Desesperado, Alberich grita que o anel é tão próprio dele o quanto o são as partes do seu corpo. Com iracunda veemência, Wotan acusa: “Chamas o anel de ‘tua propriedade’. Estás variando, desprezível gnomo? Pergunta às Filhas do Reno se elas de bom grado te ofereceram o ouro!” Alberich vocifera, ocultando uma interna súplica, pelo que tenta manter seu tom de exigência, expondo argumentos que não comovem nem convencem Wotan, que, por fim, arranca-lhe o anel da mão, à força. Alberich emite um grito de desespero, após o que profere um lamento arrasado, ao passo que Wotan exprime seu triunfo. Loge torna a perguntar a Wotan se pode libertá-lo. Wotan consente. Após ser desamarrado por Loge, que, ironicamente, o declara livre, o nibelungo, no auge do ódio, exclama: “Estou livre agora?”-emite um riso curto e furioso-“Realmente livre? Pois eis a vós minha primeira saudação de homem livre: Assim como por maldição me foi útil, amaldiçoado esteja este anel!” Profere, então, a famosa e longa praga, pela qual determina a desgraça a todo aquele que venha a possuir o anel, até que o mesmo “volte à sua mão”. Vai-se embora, a correr. Dirigindo-se a Wotan, Loge faz uma lacônica referência à maldição de Alberich. Wotan responde com indiferença. Olhando à distância, Loge informa que os gigantes estão chegando, com Freia. À medida em que a névoa se dispersa, aparecem Froh, Donner e Fricka, que vêm ao encontro dos recém chegados, ansiosos por saber como se haviam saído. Wotan tranquiliza-os, mostrando o tesouro que libertará Freia. Donner comenta a aproximação dos esperados e Froh, num belíssimo andamento melódico, exprime seu contentamento: “Que adorável ar volta a soprar sobre nós! Deleitosa sensação que invade os sentidos! Trágico seria a todos nós ficarmos para sempre apartados da juventude eterna e isenta de infortúnios, que nos concede o prazer jubiloso.” (*“Wie liebliche Luft wieder uns weht, wonnig Gefühl die Sinne erfüllt! Traurig ging es uns allen, getrennt für immer von ihr, die leidlos ewiger Jugend jubelnde Lust uns verleiht.”*) Clareia-se, aos poucos, o ambiente. Chegam Fasolt e Fafner, trazendo Freia. Fricka tenta aproximar-se da irmã, mas é detida por Fasolt, que adverte-a sobre a condição ainda cativa da jovem deusa, pois ainda não foi pago o resgate. Wotan esclarece os gigantes, indicando o tesouro: “Eis aí o resgate. Seja, pois, devolvida Freia.” Fasolt, que, como

sabemos, é apaixonado por ela, dirige-se a Wotan e, com tristeza, lembra ao deus o quanto lhe será penoso renunciá-la. Diz que, para esquecê-la, será preciso que o tesouro-isto é, a prenda que a substitui-seja empilhado ante a jovem, até que ele, Fasolt, não mais a veja. Wotan ordena que assim se faça. Os dois gigantes fincam suas respectivas clavas ao solo, a cada lado de Freia. Wotan ordena aos outros que façam o trabalho, “demasiado repugnante para ele próprio”. Começa a deposição do tesouro, por Loge, que pede ajuda a Froh, passando ambos à desagradável tarefa, acompanhada de incômodas intervenções de Fafner, o qual acha que “aqui e ali” o acúmulo está mal compactado. Loge o repele, com impaciência, mas o gigante continua a exigir mais coesão. O trabalho é entremeado de comentários indignados de Wotan, Fricka e Donner. Este último quase provoca Fafner a uma briga, mas Wotan intervém, observando que, segundo parece, o acúmulo já perfaz a altura de Freia. Fafner diz que os cabelos da deusa “ainda brilham” e exige o *Tarnhelm* para ocultá-los. Loge tenta argumentar, porém Wotan ordena a entrega do artefato. Após arremessar o elmo sobre o tesouro, Loge diz aos gigantes que o trabalho está feito. Fasolt, em seu peculiar sentimentalismo, lamenta-se ainda pela perda de Freia. “Tenho mesmo que deixá-la?” E, num súbito arroubo de paixão, percebe que ainda vê “o raiar dos olhos” de sua amada. Afirma que não a deixará enquanto ainda o veja. Fafner exige o fechamento da lacuna pela qual seu irmão enxerga aquele brilho. Loge argumenta que “já foi tudo entregue”. Fafner discorda: “Não, meu caro! Na mão de Wotan reluz ainda um dourado anel!” Ante a hipótese de privar-se do anel, Wotan, reage, indignado. Loge tenta contemporizar, dizendo aos gigantes que o anel pertence às Filhas do Reno, a quem Wotan o devolveria. Num misto de indignação e sarcasmo, Wotan ridiculariza o argumento de Loge, dizendo que o anel lhe pertence, uma vez que o obtivera com dificuldade. Todos tentam, em súplicas, convencê-lo a abrir mão do anel, sem o que Freia permanecerá em poder dos gigantes. Wotan é categórico: “Deixai-me! Não cederei o anel!” De repente, ouvimos um forte, grave e profundo acento da orquestra, anunciando o que segue: após novo escurecimento da cena, emerge, de uma fenda na rocha, uma luz azulada, em meio à qual surge, a meio corpo, Erda, uma forma feminina de aspecto nobre, envolta em sua basta cabeleira negra. (Esta misteriosa personagem é-como veremos a seguir e em próximas passagens da Tetralogia-a “mulher original”, uma espécie de “mãe universal”, detentora de todo o conhecimento e sabedoria, chamada às vezes de “Deusa da Terra”, pois vive nas profundezas, num eterno sono, em cujos sonhos acumula conhecimento. Sua existência “subterrânea” talvez seja uma representação simbólica do inconsciente, que tudo absorve e guarda; ou, mais amplamente, um símbolo do contexto espiritual do homem, ou mesmo do Universo, ao(s) qual(is) o inconsciente está ligado. O despertar de Erda, isto é, o momento em que ela acorda e emerge à superfície, parece uma alusão aos raros momentos em que, altamente inspirada, nossa consciência percebe elementos profundos, que ordinariamente ignoramos, embora sejam inerentes a nosso espírito.) Num lento e sugestivo andamento melódico, Erda dirige-se a Wotan, numa firme e zelosa advertência: “Cede, Wotan, cede! Foge à maldição do anel!” (“*Weiche, Wotan, weiche! Flieh des Ringes Flucht!*”) A “mulher primeva”, sempre no mesmo tom profundo, avisa a Wotan que o anel lhe levaria à ruína “tenebrosa e irremissível”. Impressionado, Wotan dirige-se a ela: “Quem és tu, admoestadora mulher?” Em resposta, Erda expõe a grandeza de seus atributos: “Enxergo tudo o que foi, o que é e o que está para ser. A mulher primordial do Eterno Mundo é quem adverte o teu espírito. Três filhas primevas que meu ventre gerou, as Nornas, costumam dizer-te à noite o que eu vejo. Porém, hoje, um grande perigo obrigou-me a vir-te em pessoa. Ouve! Ouve! Ouve! Tudo o que existe acaba. Um dia sombrio se abaterá sobre os deuses: eu te aconselho: renuncia ao anel!” Enquanto ela imerge lentamente, de volta ao subterrâneo, Wotan, tocado pelas profundas palavras de Erda, pede-lhe que fique e lhe conceda mais ensinamentos. Erda, concluindo sua imersão, responde que basta a Wotan o aviso

que ela acaba de lhe dar e que ele reflita “com ânsia e temor”. Acaba de imergir completamente e Wotan tenta ainda segui-la, ao que é contido por Fricka e Froh. Donner, por sua vez, percebendo que a decisão está consumada, dirige-se aos gigantes, avisando-lhes que o anel lhes será entregue. Todos fitam Wotan, que, após ficar pensativo por momentos, chama Freia para junto de si, e, aos gigantes: “Eis vosso anel!” E lança a jóia sobre o tesouro. Fasolt e Fafner libertam Freia, que corre a abraçar os outros deuses. Fafner, tomando a iniciativa, abre um enorme saco, no qual começa a introduzir as peças do tesouro. Fasolt, percebendo que o irmão está armazenando para si uma parcela exagerada, o que resultaria numa partilha desigual e que ele, Fasolt, ficaria em prejuízo, reclama com Fafner, dizendo que aquilo não está direito. Fafner, arrogante, responde com um argumento absurdo: “És um janota, a quem me foi difícil convencer a aceitar o ouro em lugar da garota. Se ficasses com ela, não a dividirias com ninguém; é justo, portanto, que seja minha a maior parte do tesouro.” Indignado, Fasolt pede aos deuses que atuem como árbitros daquela questão. Wotan dá-lhe as costas, com desprezo e Loge tem a idéia de sugerir a Fasolt que fique com o anel e deixe o resto todo para Fafner. Fasolt, então, exige o anel, alegando que a jóia corresponde aos olhos de Freia. Fafner, no entanto, não quer ceder o anel e os dois irmãos passam da discussão à luta corporal; Fasolt toma o anel à força, mas Fafner dá-lhe um golpe mortal com a clava. Fasolt cai por terra, e, enquanto ainda agoniza, Fafner retira-lhe do dedo o anel e diz, com desprezo: “Agora sonha com a tua Freia; no anel nunca mais porás a mão”. Fasolt morre e enquanto Fafner conclui o ensacamento do tesouro, ocorre uma forte comoção entre os deuses, após a cena de fraticídio que acabaram e presenciar. Wotan entende, então, a força da maldição de Alberich, que acabara de apresentar seu primeiro efeito. Fricka procura acalmar Wotan e Donner, também abalado, decide convocar suas servas, as nuvens, para provocar uma tempestade que purifique o céu e o ambiente. Após subir a uma rocha, brande seu martelo e profere a célebre invocação: “He da! He da! He do! A mim, nevoeiro! Vapores, a mim! Donner, vosso amo, convoca-vos!” (“*He da! He da! He do! Zu mir du Gedüft! Ihr Dünste zu mir! Donner, der Herr, ruft euch zu Heer.*”). Donner conclui suas ordens, e, com um sonoro golpe do martelo sobre a rocha, brada a Froh: “Aqui, irmão! Mostra o caminho da ponte!” Faz-se o arco-íris, ao qual Froh convida os demais a passar, rumo ao castelo, agora pronto para ser ocupado. Wotan pronuncia uma longa saudação à fortaleza e fala a Fricka, como um cônjuge cordial: “Vem, mulher, viver comigo no ‘*Walhall*’” (ou “*Walhalla*”, nome que Wotan acaba de dar a seu castelo). Fricka indaga-lhe pelo significado de tal nome. Wotan responde que o sentido daquele termo “será dado a ela pela coragem de Wotan, que soube inspirá-lo, vitoriosa sobre o medo” (é, sem dúvida, uma explicação enigmática). Entrementes, Loge os acompanha e observa à distância, fazendo um comentário crítico. (Por ser mais realista que seus companheiros, Loge não incide no erro deles, que tendem a ocultar de si mesmos a série de fatores e eventos negativos ou indignos, pelos quais tornara-se possível a conjuntura desse momento, que tranquiliza e alegra a todos.) Diz o Deus do Fogo: “Envergonha-me cooperar com eles. Sinto o belo desejo de transformar-me de novo na chama tremulante, para consumir estes que um dia puseram-me entre cegos para que eu acabasse como um parvo. Assim os deuses seriam mais divinos!” Entretanto, faz-se ouvir, das profundezas, o lamento das Filhas do Reno, por seu Ouro perdido. Wotan pergunta a Loge o que é aquilo. Loge esclarece e Wotan, irritado, ordena-lhe que as repreenda. O outro obedece, sugerindo às jovens um ridícula compensação: “Se vosso Ouro não mais brilha, Wotan quer que, a partir de agora, fiqueis felizes com o novo esplendor dos deuses!” Os deuses riem. As ondinas reiteram seu lamento, ao passo que os deuses continuam a caminhar sobre a ponte. Cai o pano.

2 - A VALQUÍRIA

Vemos o interior da sala de uma rude habitação, ao centro da qual há uma robusta árvore (um freixo), cujos galhos superiores passam ao ar livre por diversos orifícios do teto. Está ocorrendo uma torrencial tempestade. Abrindo a porta de entrada, um forasteiro, exaurido após muito andar sob a tormenta, invade a sala, manifestando sua inevitável necessidade de repouso: “Pertença a quem pertencer esta lareira, aqui preciso descansar.” Caminha até a lareira e cai, desmaiado, sobre uma pele de urso. Sieglinde, a dona da casa, saindo de seus aposentos, surpreende-se com a presença do estranho, a quem observa interrogativa, supondo-o doente, ou muito fatigado. O estranho, despertando, pede água. Ela vai buscar e lha traz, num copo. O homem exprime seu agradecimento e pergunta quem lhe prestou aquele auxílio. Sieglinde apresenta a casa e ela própria como “propriedades de Hunding” (seu marido), cuja chegada ela pede ao estranho que aguarde, pois lhe “concederá pouso e hospedagem”. O forasteiro faz um ligeiro comentário sobre seus ferimentos, o que desperta o zelo de Sieglinde, que pede ao estranho que os mostre. Ele, porém, diz que os ferimentos não são graves e que sente-se forte, apesar da fuga a que lhe haviam obrigado certos inimigos, que, após terem danificado suas armas, ficaram em vantagem, não lhe deixando outra alternativa senão a fuga, pela qual lá estava ele, agora novamente revigorado. Sieglinde lhe oferece hidromel e o estranho, mais uma vez agradecido, manifesta sua intenção de partir, pois ele “leva sempre a desgraça a todo lugar onde chegue”. Sieglinde pergunta-lhe, sempre zelosa, “quem o está perseguindo, para que ele tenha tanta pressa de ir-se embora”; o homem responde: “A má sorte me segue onde quer que eu vá; a má sorte me procura onde quer que eu apareça. Para que a má sorte não te alcance, mulher, devo levar meus pés e meus olhos daqui.” Ela insiste em que permaneça, manifestando um argumento decisivo: “Pois então fica: não podes levar embora a infelicidade de uma casa onde a própria já reside.” O forasteiro fica e após um longo silêncio, diz que se chama *Wehwalt* (“Doloroso”, “Desafortunado”), nome escolhido por ele mesmo e declara que “esperará por Hunding”. Apoia-se à lareira, numa atitude de espera. Ambos ficam calados, observando-se mutuamente.

A orquestra nos faz ouvir curtos e sinistros compassos que prenunciam a chegada e entrada de Hunding. (Este tema, associado ao personagem, predominará durante toda esta cena. Ernest Newman, em “HISTÓRIA DAS GRANDES ÓPERAS E DE SEUS COMPOSITORES” - Volume I, chama-nos a atenção para este detalhe, como “um dos maiores triunfos wagnerianos de caracterização. Em dois ou três compassos apenas, fica pintada tôda a natureza sombria, intratável e despótica do homem.”) Hunding - indivíduo grande, corpulento e carrancudo - entra, e, ante a presença do hóspede, olha interrogativamente para a mulher, que explica-lhe como o forasteiro surgira na casa. À pergunta de Hunding “se foram prestadas ao estranho as devidas atenções”, ela diz que sim, “tratara-o como a um hóspede”. O forasteiro, provavelmente preocupado, confirma as palavras da mulher. Hunding, sempre duro e intrinsecamente agressivo, manifesta sua rude hospitalidade: “Sagrada é minha lareira: sagrada seja-te a minha casa.” E ordena a Sieglinde que sirva a refeição a ambos os homens. Ao observar o forasteiro, Hunding surpreende-se com a extrema semelhança entre este e Sieglinde. Puxa conversa com o hóspede, fazendo-lhe perguntas sobre as causas de sua aparição no ambiente e os infortúnios que provavelmente tivera. O forasteiro responde, mencionando as dificuldades de sua viagem, dizendo, por fim, que não faz idéia de onde esteja. O anfitrião explica-lhe onde está: na casa de Hunding e “se seu hóspede o respeita, revele, também ele, o seu nome”. O estranho hesita e Hunding diz-lhe que, se receia revelá-lo a ele próprio, revele, pois, à mulher, cujo olhar, diz ele, demonstra viva curiosidade. Sieglinde confirma o desejo de saber quem é o forasteiro. Este começa uma narrativa meio turva, que demonstra a pouca noção que aquele peculiar visitante tem de si mesmo, ou de suas origens: “Não posso denominar-me ‘Pacífico’ (*Friedmund*), nem

‘Jubiloso’ (*‘Frohwalt’*), como bem gostaria; mas ‘Doloroso’ (*‘Wehwalt’*) devo chamar-me. Sou filho de *Wolfe* (‘Lobo’) e tive uma irmã gêmea. Certa vez, caçava com meu pai, e, na volta, encontramos a casa incendiada; minha mãe jazia morta e da irmã não ficaram vestígios. Quem fez aquilo foi o cruel povo *Neindinge* (‘Invejoso’). Então, eu e meu pai passamos a viver na floresta, onde éramos freqüentemente atacados por inimigos, aos quais sempre vencíamos.” A uma pausa que faz o hóspede, Hunding comenta que já ouvira rumores sobre aquela corajosa dupla de “lobos”, embora não os conhecesse. Sieglinde pede ao estranho que continue sua história. Ele prossegue: Os *Neindinge* prepararam uma grande perseguição a ele e o pai. “Dispersamos o inimigo, mas perdemos um do outro; procurei por meu pai, mas tudo o que achei foi um couro de lobo, vazio.” (Neste momento a orquestra entoia, passageiramente, o majestoso tema do *Walhalla*. Mais adiante, saberemos por que.) Dando seqüência ao seu caso, o forasteiro diz que, a partir de então, deixara a floresta, passando a uma vida desafortunada e sem rumo, sendo sempre mal recebido onde quer que surgisse e sempre contestado quando opinava: “O que para mim era certo, para os outros era errado; o que me parecia mau, os outros apoiavam.” (*“Was Rechtes je ich riet, andern dünkte es arg, was schlimm immer mir schien, andere geben ihm Gunst.”*) Enfim, ele dá a conclusão do por que chamar-se a si mesmo “Doloroso”: “Só discórdia causei, só despertei sofrimento.” Hunding faz um grosseiro comentário sobre a má sorte do hóspede, pela qual deduz que “as Nornas, que determinam os destinos, não gostam de ti, e, certamente, não és um hóspede desejável”. Sieglinde pede, mais uma vez, o prosseguimento da narrativa, perguntando ao forasteiro como acabara ele perdendo as armas. Ele explica que corra em auxílio de “uma pobre jovem” cuja família “obrigara a casar com um homem a quem ela não amava”; ele vencera seus despóticos irmãos, matando-os a todos, o que, por fim, causara os remorsos da donzela, que passou a lamentar seus mortos, em pranto convulsivo. Os parentes correram a seu encalço, por vingança. A chorosa jovem, em meio à luta, não se movia e ele a defendia de todo modo; até que os inimigos partiram-lhe o escudo e a lança, deixando-o inerte e ferido. A donzela morrera. Sua narrativa para aí, quando ele reitera os motivos de seu nome não ser “Pacífico”, mas deduzimos que, ao ver-se desarmado e morto a sua protegida, ele começara a fuga que dera, por fim, em sua chegada àquela residência. Após a conclusão da história do forasteiro, Hunding assume um ar sombrio, levanta-se e, num breve e duro discurso, manifesta sua dedução: “Há uma estirpe vergonhosa, odiada por mim e por todos, que não honra o que honram as outras estirpes. Fui convocado à vingança e cheguei tarde; mas acabo de achar, dentro de casa, o inimigo. Por esta noite, és meu hóspede; mas amanhã iremos à luta: pagar-me-ás o preço das mortes.” (Ou seja, Hunding é um dos membros da família da tal jovem a quem o forasteiro prestara ajuda.) Brutalmente, Hunding ordena à mulher que deixe a sala, que lhe prepare a bebida da noite e o espere até que ele se vá deitar. Depois que ela sai, volta-se novamente ao hóspede inimigo e exorta-o a guarnecer-se de boas armas, para enfrentá-lo, no dia seguinte. Entra no quarto, tranca a porta; o forasteiro fica a sós, na sala.

Fecha-se a noite e na lareira agora resta uma fraca luminosidade, que pouco alumia a sala. O forasteiro fica a cismar por alguns instantes, após os quais rememora uma promessa feita por seu pai de fornecer-lhe uma espada, quando esta lhe fosse extremamente necessária. (Esta passagem, uma das mais expressivas e célebres da Tetralogia, é conhecida como “O Monólogo de Siegmund”, pois o forasteiro, que desconhece o próprio nome, é Siegmund.) Ele sente que é esta justamente a hora em que a promessa deve cumprir-se, pois acha-se desprotegido em casa inimiga, apesar de lá ter conhecido “uma mulher adorável e sublime”. Brada chamando por “Wälse” (nome cujo significado entenderemos adiante): “Wälse! Wälse! Onde está a poderosa espada que devo usar na hora da aflição?” Neste momento, as achas da lareira rompem-se,

emitindo um clarão que faz foco num ponto específico da árvore central da sala, onde brilha algo. Ele se interroga que brilho será aquele. “Será isto o olhar da radiosa mulher, que ali o fitou e gravou-se, ao sair da sala?” (*“Ist es der Blick der Glühende Frau, den dort haftend sie hinter sich ließ, als aus dem Saal sie schied?”*); pois Sieglinde, antes de deixar a sala, pela ordem brutal de Hunding, mirara àquele ponto, como a indicar-lhe alguma coisa. O forasteiro, em musica de muito lirismo, manifesta o efeito daquele olhar sobre seu espírito: “A escuridão da noite cobriu-me os olhos; a luz do seu olhar de lá me alcançou e recebi o calor do dia.” (*“Nächtiges Dunkel deckte mein Aug’; ihres Blickes Strahl streifte mich da: Wärme gewann ich und Tag.”*) Seu devaneio segue por pensamentos e poéticas observações, até que ele ouve a voz de Sieglinde: “Dormes, hóspede?” Volta-se, surpreso; ela explica que produziu em Hunding um sono profundo, pelo engenho de aduzir à sua bebida uma erva narcótica. O forasteiro rejubila-se com a aproximação e o apreço que lhe vota a mulher, a qual diz-lhe que tem uma arma a mostrar-lhe. Conta-lhe a história de seu casamento com Hunding, a que fôra coagida, após ter sido, segundo ela narra, “raptada por ladrões”. Durante os festejos nupciais, enquanto os homens bebiam, irrompera na sala “um estranho ancião com um traje azulado e um chapéu meio baixado, de modo a encobrir-lhe um dos olhos; mas o brilho do outro olho intimidava a todos, a não ser a mim, a quem mirava com doçura e tristeza.” O velho brandia uma espada, a qual cravara no tronco do freixo e desafiara todos a tentar sacá-la, pelo prêmio da posse da arma. Nenhum dos presentes o conseguira e assim sucedera, daquele dia em diante, com todos que visitavam a casa: ninguém fôra capaz extrair do tronco a espada. “Então” - declara Sieglinde - “fiquei sabendo quem era aquele que me saudara em pleno pesar e sei também a quem se destina a espada.” Ela deduz que é ele, o forasteiro, o merecedor e destinatário da preciosa arma. É ele que a livrará da desonra a que fôra submetida. Ele exulta, num arrebatamento de paixão: “Mulher afortunada, agora tens o esperado amigo, a quem a arma e a mulher são destinadas!” Ele desterrado, ela desonrada, ambos encontrariam felicidade e o ultraje seria vingado. Neste ponto, a porta se abre de súbito; Sieglinde assusta-se: “Quem saiu? Quem entrou?” “Ninguém saiu, mas algo entrou” - tranquiliza-a o forasteiro - “é a Primavera que adentra à sala” (Parece mais um traço de Wagner esta veneração à Primavera. No “Parsifal” é no começo da Primavera que ocorre o regresso da Sagrada Lança a seu lugar de direito, o que acarreta na remissão de Amfortas e dos Cavaleiros do Graal. Aliás, o amor pela Estação das Flores é uma característica dos povos que vivem em clima frio, que aguardam com ansiedade o fim de um Inverno rigoroso, cujas agruras a Primavera vem aliviar, trazendo de volta a luz e o calor do sol, o colorido das flores e o canto dos pássaros.) Unido agora por laços amorosos a Sieglinde, o forasteiro entoa a conhecida “ária” (considerada por alguns a mais bela passagem da “Valquíria”) que discorre poeticamente sobre os encantos primaveris: “Vão-se, em Maio, as tormentas do Inverno; em meiga luz fulgura a Primavera” (*“Winterstürme wichen dem Wonnemond, in mildem Lichte leuchtet der Lenz”*); “suavizam-se os ares, os pássaros gorjeiam, emanam-se as fragrâncias, brotam as flores, as rudes armas do Inverno curvam-se e dão passagem; a Primavera e o Amor são namorados que se unem!” Sieglinde completa seu poema: “Tu és a Primavera, por quem ansiei no frio do Inverno.” Ela, que sempre vivera entre estranhos, encontra agora aquele que é realmente seu. Por longo tempo, os dois continuam a trocar amorosas frases, até que o diálogo leva Sieglinde à lembrança do “ancião do manto azulado” que mencionara momentos antes; ela diz que o brilho dos olhos de seu amado é o mesmo do olhar daquele velho homem, que - ela sabe - era seu pai, a quem desejou chamar pelo nome. Neste momento, ela tem uma súbita inspiração e pergunta ao forasteiro: “Teu nome é mesmo ‘Doloroso?’” Ele diz que agora, pois ela o ama, é dono “da mais sublime alegria”. Pergunta-lhe ela se seu nome poderia ser “Pacífico”. Ele pede que ela lhe dê o nome que queira. “Mas disseste que teu pai é chamado ‘Lobo’ (‘Wolfe’)”, pergunta ela. Ele explica que esse é o

nome por que o conhecem as “raposas covardes”, mas “para aqueles, como ela, cujos olhos brilham altivos, seu nome é Wälse” (eis aí o entendimento do seu clamor, no começo desta cena). Sieglinde, num sobressalto, pois não lhe restam dúvidas, exclama: “Se Wälse era teu pai e tu és um ‘Wälsung’, é para ti que ele cravou sua espada no tronco”; e, por fim, chama-o de “Siegmund”. Então, de posse do nome que não conhecia, Siegmund entoia um triunfal “grito de guerra”, enquanto agarra nas mãos o cabo da espada inserida no caule, à qual chama “Notung” (que significa “Necessária”, “Indispensável”): “Notung! Notung! Assim te chamo, espada. Cobiçada lâmina! Mostra a cortante extremidade do teu fio; sai da reclusão e vem-te a mim!” Ele extrai do freixo a arma e glorioso, manifesta a união consumada entre ele e Sieglinde, determinando a imediata saída de ambos daquele ambiente. Sieglinde conclui: “Ganhaste a irmã e a espada!” (pois são, realmente, irmãos e amantes) e Siegmund brada, exultante: “floresça a estirpe dos Wälsungen!” Abraçam-se e cai o pano, encerrando o Primeiro Ato. (Observando o fato de Siegmund, até a poucos momentos, desconhecer o próprio nome, encontramos outra provável característica wagneriana, que podemos notar, mais uma vez, no “Parsifal”. Em ambos os casos, vemos o indivíduo que não pertence a si próprio, enquanto “não tem nome”. Parsifal “encontra-se a si mesmo” pouco depois de ser nomeado por Kundry; Siegmund, de modo mais ou menos análogo, reencontra a irmã, que toma como noiva e torna-se senhor de si ao ganhar dela um nome. E note-se que em ambos os casos o nome é dado por uma mulher. É comum em Wagner a figura ou arquétipo da “mulher redentora”, perceptível até mesmo em Kundry, pois esta, embora empenhada em causar a ruína de Parsifal, acaba tornando-se o veículo de sua ascensão.)

Após uma vibrante introdução orquestral, vemos, nas alturas de uma montanha rochosa, Wotan e sua filha, a valquíria Brünnhilde, ambos animados e dispostos a propiciar um fato decisivo. Wotan ordena à filha que dê vitória a Siegmund, em sua luta com Hunding. Brünnhilde expressa sua espontânea obediência exclamando o típico *Hojotoho! Heiaha!*, o brado guerreiro das valquírias, após o que observa, abaixo, o interior de uma gruta, onde percebe Fricka, que se dirige ao local, num carro tracionado por carneiros, que açoita furiosamente com uma chibata de ouro. Brünnhilde adverte o pai de que “aí vem briga”, e, repetindo o grito de guerra, ela parte, disposta a cumprir sua ordem. Chega Fricka, que, com o semblante carregado, exige ao marido o cumprimento da promessa que lhe fizera, de sempre ajudá-la, quando fosse necessária a sua interferência. Wotan pede à mulher que se manifeste. “Em nome da honra do matrimônio”, Fricka, que é a deusa guardiã do casamento, vem exigir por Hunding, que viera queixar-se a ela do ultraje que aquele “impudente e injurioso par”, isto é, Siegmund e Sieglinde, lhe infligira. Segundo ela, Wotan tem o dever de revogar e inverter a ordem que dera a Brünnhilde e que a vitória deve caber a Hunding. Wotan tenta argumentar, explicando que a união dos dois amantes não é imoral, pois que fora inspirada pelo amor e pelo encanto da Primavera. Fricka insiste na sacralidade do matrimônio, ao que Wotan argumenta que não considera sagrado um juramento feito sem amor. Fricka prossegue, em tom de extrema censura e adverte sobre a condição incestuosa dos amantes: “Onde já se viu isto de alguém tomar por mulher a própria irmã?!” Wotan explica que tal fato inusitado finalmente aconteceu e, se assim é, cabe a Fricka abençoar o amor dos dois. Este argumento desperta a fúria de Fricka, que explode em impropérios jogando em rosto do marido uma série de censuras e acusações, sobretudo a sua própria infidelidade, por meio da qual gerara filhos aqui e ali, inclusive aquele casal, “o despudorado fruto da tua infidelidade”. Ela diz que Wotan está rebaixando a condição dos deuses, uma vez que, por causa de Siegmund (filho de Wotan com uma mulher mortal), desrespeita a exigência dela, Fricka, uma deusa. Wotan volta a insistir no advento do “fato novo”; Fricka, porque só está habituada a

convenções, tem dificuldade de compreender, mas ele, Wotan, sempre foi “ao encalço daquilo que jamais se deu” e diz que Siegmund é um “herói independente”, que dispensa a proteção dos deuses, tornado forte por suas próprias dificuldades e, portanto, livre da lei dos deuses. Fricka, dando seqüência a suas obstinadas réplicas, diz que os heróis só são heróis por causa do favor dos deuses. A discussão gira em torno dessa questão de dependência ou independência, chegando a um ponto em que Fricka dá a entender que tudo o que Siegmund tem de seu é dado por Wotan (“nele eu só vejo a ti”). Ao que Wotan, perturbado, replica que Siegmund sobreviveu por si mesmo, “em meio a atrozes penas”, Fricka diz que, se assim é, pois que Wotan não o proteja também hoje: “Retoma-lhe a espada com a qual o presenteaste!”. “A espada?”, inquire Wotan, cada vez mais transtornado; ao que Fricka persiste: “Sim, a espada ungida de força mágica que deste a teu filho.” Wotan tenta ainda evitar o pior, argumentando que o próprio Siegmund obtivera a arma, “em meio à dificuldade”. Não, diz Fricka, “tu lhe proporcionaste a dificuldade e a espada.” Após mais alguns argumentos de Fricka, Wotan percebe que suas réplicas são inúteis, e, por força de sua condição de deus, é obrigado a cumprir a exigência de Fricka. “Que exiges tu?” “Que abandones o Wälsung” (isto é, Siegmund). Wotan cede. Fricka incrementa sua exigência, acrescentando que Wotan não proteja Siegmund e que nem a valquíria (Brünnhilde) o faça e que, se não é possível arrebatá-lo a espada, pois que Wotan retire a magia da mesma. A estes últimos dois itens, Wotan ainda tenta reagir, mas acaba cedendo. Ouve-se, ao longe, o brado guerreiro de Brünnhilde, que regressa. Fricka exige de Wotan o juramento de que fará conforme ela ordena. Ele, desesperado, responde, com forte embargo na voz: “*Nimm den Eid!*” (literalmente, “Recebe o juramento!”, o que melhor se entenderia em português como “Tens minha palavra!”). Brünnhilde chega e Fricka, antes de partir, lhe informa que seu pai tem algo a dizer-lhe.

Ao ver-se a sós com o pai, Brünnhilde percebe sua desolação e, aflita, pede-lhe que narre o sucedido entre ele e Fricka, que tanto o prostrara. A princípio, Wotan expressa sua dor e desesperança (“*O heilige Schmach! O schmachlicher Harm! Götternot!*”, isto é, “Oh, desgraça da sacralidade! Oh, injuriosa agonia! Provação dos deuses!”), e, ante as ansiosas instâncias da fiel Brünnhilde, ele ainda hesita em abrir-se com a filha, receando que a revelação das causas do seu sofrimento lhe prejudiquem a autoridade (“*Laß ich’s verlauten, lös ich dann nicht meines Willens haltenden Haft?*”, ou seja, “Se exponho tal, eu não perderia a sustentação da minha vontade?”); Brünnhilde responde que ela própria não é nada mais que a vontade de Wotan. O pai cede e começa a narrar-lhe como tudo sucedera, desde quando seus impulsos pelos prazeres do amor deram lugar ao desejo de poder, cujo impulso lhe induzira a fazer mau uso dos tratados, instigado, inclusive, por Loge. Explica que a busca pelo poder, longe de satisfazê-lo, lhe acirrara ainda mais o desejo do prazer do amor. Conta, então, a história daquele que, pelo poder, rejeitara o amor, o nibelungo Alberich, que se apropriara do Ouro do Reno, e, com o mesmo, adquirira poder imensurável. Narra que, por meios ardilosos, obtivera o anel que Alberich forjara do ouro, mas que, em vez de devolvê-lo às Filhas do Reno, dera o espólio aos gigantes, em pagamento pela construção do castelo. Fala da aparição de Erda, que lhe dera o sábio conselho de renunciar ao anel. Erda - personificação da Sabedoria - o fascinara, a ponto de ele ansiar por segui-la, o que não pode na ocasião, mas que depois, impelido pela ansiedade, empreendera, procurando-a nas profundezas da terra, onde ela habitava, e, conquistando-a como amante, gerara, com ela, as donzelas guerreiras (as valquírias), dentre as quais a própria Brünnhilde: “*der Welt weisestes Weib gebär mir Brünnhilde, dich.*” - “a mais sábia das mulheres do Mundo deu-te à luz, Brünnhilde, para mim.” (Eis aqui, provavelmente, o aspecto de uma *fusão* dos diversos anseios que impelem o desejo humano, incluindo o *poder* , o *amor* - ou *sexo* - e o *conhecimento* - ou

sabedoria. Wotan, cativado pelo desejo de *poder*, não queria ceder o anel; Erda, com *sabedoria*, o admoestara em sentido contrário; a ânsia pela *sabedoria* o impelira para junto de Erda e pelas vias do *amor/sexo*, Wotan concubinara-se a Erda, gerando as valquírias, virgens guerreiras, cujo elemento é, de certa forma, caracterizado por uma fusão de obediência - a ele, Wotan, o que está associado também ao *poder* do próprio Wotan - e, no caso especial de Brünnhilde, *sabedoria*, posto que ela personifica a confidente e quase conselheira do pai.) Por meio das valquírias, Wotan quisera reverter os fatos, de modo a evitar a catástrofe dos deuses, a que aludira Erda. Assim, incumbira as filhas de arrebanhar os mais valorosos heróis, mortos em combate, para formar as hostes guardiãs do *Wallhalla*. Brünnhilde comenta que a tropa está bem guarneçada e Wotan explica que o problema não é este, pois, no momento, Alberich não teria poderes para desbaratar o exército arregimentado pelas valquírias. O nibelungo só poderia derrotá-lo, voltando os soldados a seu favor e contra Wotan, pelo poder do anel, caso recuperasse a jóia. Mas o anel está em poder de Fafner, um dos gigantes construtores da fortaleza e Wotan não pode usar de poder ou valentia para arrebatá-lo a Fafner, pois um *tratado* acertado com o gigante o impede de afrontá-lo. (“*der durch Verträge ich Herr, den Verträgen bin ich nun Knecht*” - “por meio de tratados fiquei senhor; agora dos tratados sou escravo”). Diante deste impasse, só restava a Wotan confiar a missão a outro, que deveria ser totalmente livre, isento de sua influência e proteção, aquele que, por seus próprios meios poderia “*realizar* aquilo que Wotan só podia *desejar*”. Desolado, diz à filha que não conseguira conceber tal herói livre, que só pudera produzir escravos. Brünnhilde replica, mencionando Siegmund, o *Walsung*: não fizera-se ele por si mesmo? Wotan explica que a tentativa fora vã. Concubinando-se a uma mulher mortal, gerara Siegmund e Sieglinde, na esperança de criar uma estirpe que redimisse o mundo, por intermédio da bravura de Siegmund, mas, porque Siegmund não é realmente independente de sua proteção, pois ele, Wotan, lhe proporcionara a espada, Fricka teve argumento contra ele, exigindo que o matrimônio de Hunding fosse “honrado”. Wotan julga-se vencido. Sabe que, embora desprovido do desejo amoroso, Alberich, por meios de sedução material, Alberich unira-se a uma mulher para gerar um filho, por intermédio do qual pretendia recuperar o anel e, por conseguinte, o poder absoluto: “Pois que triunfe o nibelungo!” (note-se que Alberich, para defender seus interesses, emprega o mesmo artifício de Wotan, isto é, gera um filho que trabalhe a seu favor). Ao que a filha lhe pergunta o que deve fazer, Wotan dá-lhe a indesejável contra-ordem de favorecer Hunding na luta. Brünnhilde tenta negar-se a obedecer a tal comando; argumenta com veemência contra a “ordem contraditória” do pai. Wotan, violento, a repreende (“*Ha, Freche du! Frevelst du mir?*” - “Insolente! Ousas desafiar-me?”), intimando-a a cumprir o ordenado. Sai a passo rápido, deixando a sós Brünnhilde, que, entristecida, prepara-se para consumir a determinação do pai.

Siegmund e Sieglinde, em fuga, chegam ao cume de uma montanha. Ele tenta convencê-la a descansar, mas ela insiste em prosseguir a marcha. Siegmund torna a suplicar que ela pare, expressando-lhe sua dedicação de companheiro e protetor. Sieglinde, num assomo de desesperança e medo, pede que ele siga rumo e a deixe com sua desgraça, pois “não é digna de tão nobre homem”; que ele parta e que ela morra ali mesmo, para que “o vento pulverize seu cadáver”. Ela se considera, perante Siegmund, um estorvo, causadora de “vergonha e desdita”. Ele argumenta que a vingará, pela desonra que lhe impusera Hunding (um marido imposto e não desejado), que há de cair sob o golpe da Notung (a espada de Siegmund). Sieglinde julga escutar, ao longe, os rumores da perseguição que Hunding empreende aos dois. Num longo delírio, ela antevê a luta, descrevendo a cena conforme se lhe apresenta à mente aterrorizada: os cães de Hunding dilacerando o corpo de Siegmund com os dentes. Por fim desmaia nos braços de Siegmund, que aconchega a si a adormecida, de modo a repousá-la.

Após longo silêncio, surge Brünnhilde, que, saindo de uma gruta, aproxima-se de Siegmund, a quem se dirige solenemente, anunciando-lhe que em breve deverá ele acompanhá-la (*“Siegmund, sieh auf mich! Ich bin’s der bald du folgst.”* - “Siegmund, olha para mim! Sou aquela a quem logo seguirás.”). Pergunta-lhe Siegmund quem ela é, ao que Brünnhilde se identifica como “alguém a quem só os valentes prestes a morrer vêem” e diz que ele é agora escolhido. “E para onde conduzirás o herói que há de seguir-te?”, torna Siegmund; ao que Brünnhilde explica: “à Morada dos Deuses (Walhalla), onde passarás a integrar as hostes do Pai das Batalhas (Wotan)”. Ele faz diversas perguntas sobre a vida que levaria por lá e Brünnhilde responde a todas. Siegmund demonstra concordância com relação às respostas de Brünnhilde, mas resta-lhe ainda uma dúvida, que o leva a formular a última pergunta: se Sieglinde irá com ele. Brünnhilde diz que não, pois ela “ainda terá de respirar o ar da Terra”; ao que Siegmund, calmo e determinado, declara que, neste caso, ele também não irá (*“So grüße mir Walhall, grüße mir Wotan”*... *“zu ihnen folg ich dir nicht”* - “Pois leva minha saudação ao Walhalla, a Wotan”... “ao encontro deles não te seguirei”). Brünnhilde tenta explicar-lhe que não há alternativa, pois ele já vira “o olhar fulminante da valquíria”. À réplica de Siegmund, que desconsidera o poder do olhar de Brünnhilde sobre si, ela responde que assim é, de fato, enquanto ele vive, mas depois de morto, não haverá como evitá-lo. Ele inquire quem seria capaz de vencê-lo. Hunding o matará em combate, explica Brünnhilde. Siegmund não crê que Hunding o possa, inclusive pelo poder de sua espada invencível (Notung). Brünnhilde continua a esclarecê-lo da situação vigente e lhe informa sobre a atual condição de sua espada, cujo poder especial fora retirado por aquele mesmo que a ungira. Siegmund, sentindo-se traído por seu defensor (Wälse, seu pai, cuja identidade original - Wotan - ele ignora), expressa sua revolta. Não aceita nenhum argumento da valquíria e diz que prefere ir ao inferno do que ao Walhalla sem Sieglinde. Brünnhilde continua a replicar, ele sempre a recusar; ela pede-lhe que deixe Sieglinde a seus cuidados, com o filho que ela traz no ventre. Num arroubo de extrema obstinação, Siegmund decide matar a ambos, Sieglinde e o filho que ela espera. Já pronto a golpear a mulher com a Notung, é impedido por Brünnhilde, que, no extremo da comoção, dá-se por vencida e reconsidera, prometendo-lhe a vitória sobre Hunding. Com votos de boa sorte e a garantia de retornar para ajudá-lo na hora da luta, ela sai de cena.

Por alguns instantes, Siegmund fica a contemplar Sieglinde, adormecida; por fim, acomoda-a sobre a rocha. Ouve, ao longe a trompa de Hunding e, com a espada em punho, corre ao encontro do inimigo. Sieglinde, em sono convulsivo, começa a delirar, num sonho em que revê a tragédia ocorrida outrora com sua família, quando a casa onde vivia fora tomada de assalto, sua mãe morrera e a morada fora incendiada. Desperta, aturdida, chamando por Siegmund. Ouvem-se as vozes de Hunding e Siegmund a insultarem-se. Os dois surgem em cena; Sieglinde, aflita, observa a contenda, suplicando aos dois que parem. Aparece Brünnhilde, que exorta Siegmund a golpear Hunding. Mas, no exato momento, surge Wotan, que, com sua lança, rompe em dois pedaços a espada de Siegmund, que é mortalmente ferido por Hunding. Siegmund cai, morto; Brünnhilde chama a seu encontro Sieglinde, e, ambas montando o cavalo de Brünnhilde, fogem. Wotan dirige-se com desprezo a Hunding, chamando-o de escravo e ordenando-lhe que “vá ajoelhar-se diante de Fricka, pois a lança de Wotan puniu o que lhe fazia escárnio”. O desprezo de Wotan age como uma espada sobre Hunding, que, por sua vez, também tomba, morto. Após esta manifestação de desgosto pelo cumprimento de uma missão odiosa, a cólera de Wotan volta-se à outra ofensa que sofrera: a desobediência de Brünnhilde. Irado, ele promete puni-la e, ao som de um trovão, deixa a cena. Cai o pano, encerrando o Segundo Ato.

Abre-se o Terceiro Ato com famosa passagem conhecida como “A Cavalgada das Valquírias”, na qual vemos as irmãs de Brünnhilde, nas alturas montanhosas, em animada movimentação, algumas chegando, a trazer guerreiros mortos em combate, para o exército do Walhalla, outras as recebendo. Por fim, avistam Brünnhilde, que se aproxima, ao longe. Esta chega, atarantada, com Sieglinde e suplica às irmãs que a ajudem na fuga e salvamento de sua companheira, desconhecida das outras, que está grávida. Todas recusam-se a ir contra Wotan, ao qual são todas fiéis. Para elas a atitude de Brünnhilde é uma loucura, e, à medida em que ela insiste, instando com as irmãs para que alguma delas empreste seu cavalo, de modo a facilitar a fuga das duas, elas mantêm-se irredutíveis: nenhuma desrespeitará Wotan. No entanto, para proteger a irmã, algumas estão de vigia num ponto alto do rochedo, prontas a avisar da aproximação do pai furioso. Sendo, enfim, avistado Wotan, que vem colérico, Brünnhilde ordena a Sieglinde que fuja sozinha, que dirija-se às cercanias da gruta onde vive Fafner, o gigante transformado em dragão, lugar evitado por Wotan, que lhe tem ojeriza. Antes de despedi-la, determina o nome que ela deverá dar ao filho que há de nascer: ele se chamará “Siegfried”. Ela, Brünnhilde, ficará e aceitará o castigo. Sieglinde agradece com emoção e vai-se. Ouve-se, à distância, a voz iracunda de Wotan, gritando pela filha rebelde. Todas as valquírias unem-se, em círculo, em torno de Brünnhilde, a fim de escondê-la e protegê-la de Wotan.

Wotan, por fim, chega, esbravejando e exigindo que todas lhe entreguem Brünnhilde. Elas procuram apaziguá-lo, tentando ainda ocultar a irmã. Wotan, que não se deixa vencer pelo sentimentalismo, dirige-se com violência as filhas que, segundo ele, estão protegendo uma proscrita. As valquírias, que são donzelas guerreiras, ante a ameaça que paira sobre a irmã, comportam-se como mulheres comuns, dando ênfase ao sentimento fraternal, o que mais acirra a fúria do pai, que reprova severamente tal demonstração de “sentimentalismo feminino”. “Criei-vos valentes para as batalhas” - ele esbraveja - “e agora vos desmanchais em lamúrias porque venho punir uma rebelde?” A própria Brünnhilde, então, decide aparecer e enfrentar o pai, a quem se apresenta, emergindo do círculo protetor formado pelas outras. “Cá estou eu, pai; determina o castigo”. Wotan começa a despejar sobre ela uma série de fortes imprecações. Numa passagem comovente - na qual música e palavras unem-se numa expressão nítida do estado de espírito de Wotan, que está ao mesmo tempo irado e magoado - o autoritário deus exprime tal duplicidade emotiva, causada pela atitude, para ele rebelde e infiel, de sua filha favorita. Ela fora tudo para ele: a cumpridora de suas vontades, a escudeira fiel, aquela que impelia heróis a seu favor; agora, que se voltara totalmente contra ele, estava tudo acabado: Brünnhilde não é mais nada do que significara para Wotan, está desligada da família dos deuses e não é mais uma valquíria; pois que se contente com o que restou de si. Brünnhilde, tristíssima, pergunta ao pai se ele a está renegando. Wotan fala, então, claramente: Brünnhilde está dispensada de todas as suas funções e destituída de todas as honrarias que lhe cabiam: “Estás excluída de minhas atenções”. As irmãs lamentam e Wotan completa a extensão do duro castigo destinado à filha, declarando que Brünnhilde será posta em profundo sono e ali ficará, dormindo, até que o primeiro homem que, de passagem, a encontre e desperte, a tome por mulher. Isto quer dizer que Brünnhilde deixa a condição de entidade imortal para passar à de mulher comum, o que significa, para uma valquíria, a maior desonra, o pior castigo. As irmãs imploram a Wotan que revogue a punição; ele, autoritário e cheio de ira, ordena a todas que saiam e que nunca mais se aproximem da irmã proscrita, sob pena de partilharem da mesma sorte. As valquírias debandam, amedrontadas e lastimosas.

Brünnhilde e Wotan estão a sós. Ela, devotada, apesar do medo, tenta mostrar ao pai que sua transgressão é perdoável, pois fizera o que, na verdade, Wotan queria, posto que ele cedera a contragosto à vontade de Fricka. Wotan replica, afirmando a prioridade da obediência, lembra-lhe, enfaticamente, que reformulara a ordem, realmente contra sua íntima vontade, e, malgrado a dor que tal atitude lhe impunha, ele *tinha* que levar a cabo e a ela, Brünnhilde, cabia obedecê-lo. Brünnhilde ainda argumenta suavemente, lembrando ao pai o amor que ele tinha por Siegmund: “amavas o Walsung; eu percebi o teu dilema”, ela diz e discorre sobre a dificuldade de Wotan que ela tentara resolver por seus próprios meios: “Eu, que enxergo por ti, enquanto o conflito te impede, pude enxergar Siegmund” e narra-lhe como fora o seu encontro com Siegmund, quando, ao apresentar-se a ele como mensageira da morte, percebera a agonia amorosa, a coragem e o infortúnio do herói, acabando por compartilhar de seus sentimentos, aos quais cedera, a ponto de desafiar o comando de Wotan. Este, num extenso lamento - que é ao mesmo tempo, o prolongamento de sua repreensão a Brünnhilde - manifesta sua dor por ter-se visto tão irreversivelmente impedido de fazer algo que desejava realizar com tanto ardor, isto é, dar vitória a Siegmund. Comentando a simplicidade que norteava a decisão de Brünnhilde, reprova, paradoxalmente, a atitude da filha, que agira em prol da vontade íntima de seu pai, mas contra a determinação adversa que o mesmo impusera a ela e a si próprio. Após ouvir do pai a declaração de que estão desfeitos definitivamente os laços que os uniam, Brünnhilde lembra-lhe que Wotan costumava dar-lhe: “ama o que te é amado”, pelo que não poderá ele, Wotan, dar a um ser amado um destino de absoluta vergonha (isto é, tornar-se uma mulher comum e pertencer ao primeiro homem que a encontre). Wotan mantém, ainda, sua decisão dura: “*Du folgest selig der Liebe Macht: folge nun dem, den du lieben mußt!*” - “Seguiste feliz o poder do amor; segue, pois, aquele a quem terás de amar!”. Brünnhilde, que já está resignada com sua transformação em pessoa comum, não pode, porém, aceitar a idéia de tornar-se mulher de um homem desprovido de valor. Subitamente inspirada, refere-se, então, ao herói que está para nascer: o filho de Sieglinde. Wotan reage com repulsa, pois Brünnhilde alude à estirpe dos Walsungen (Siegfried, filho de Siegmund e Sieglinde), por ele próprio condenada. Ela, sempre respeitosa, mas tomada de coragem, dá prosseguimento a seu pedido, de argumento em argumento, até mencionar a espada que Sieglinde leva consigo (“*Sie wahret das Schwert, das du Siegmund schufest*” - “Ela tem a espada que tu produziste para Siegmund”), o que provoca mais um rompante de Wotan (“*Und das ich ihm in Stücken schlug!*” - “E que eu parti em pedaços!”), que prossegue, sombrio: “*Nicht streb, o Maid, den Mut mir zu stören; erwarte dein Los, wie sich’s dir wirft*” - “Não tentes, garota, mover-me o ânimo; aguarda teu destino conforme te venha”. Brünnhilde, por fim, pergunta-lhe que castigo lhe caberá. Wotan reitera a decisão tomada: ela dormirá profundamente e pertencerá ao homem que venha a acordá-la. Brünnhilde suplica ao pai que minimize o castigo, determinando que seja ela, sim, possuída por um homem, mas só pelo maior dos heróis, aquele que seja capaz de atravessar uma barreira de fogo que a circunde. Wotan ainda opõe resistência, mas, ante as últimas inflamadas súplicas da filha, seu amor de pai fala mais alto e ele cede. Despede-se da filha, na comovente passagem conhecida como “O Adeus de Wotan”. Num clamor majestoso, a princípio e a seguir em tom de acalanto, ele expressa o amor que tem à filha da qual se aparta e a quem retira a divindade, declarando que só aquele capaz de atravessar o fogo, aquele que é mais livre que ele próprio - um deus - poderá tê-la como noiva e mulher. Por fim, invoca o nome de Loge, o Deus do Fogo, ordenando o surgimento de labaredas, que erguem-se, circundando o rochedo, onde jaz a adormecida. Cai o pano, encerrando “A Valquíria”.

3 - SIEGFRIED

O irmão de Alberich, Mime, ferreiro e armeiro, vive agora numa gruta, onde tem sua forja. Ao levantar da cortina vemo-lo agastado, a malhar uma arma, enquanto pragueja contra sua má sorte, por não conseguir forjar os fragmentos de uma certa espada muito poderosa. E todas as armas que pode produzir, o “rapaz abusado” as quebra e escarnece dele. Sombriamente, pensa no tesouro que outrora invejara ao irmão prepotente e que ainda almeja com ânsia, mas que está em poder de Fafner, o gigante, que, agora transformado em dragão, monta guarda permanente ao seu patrimônio. Mas, se “aquele jovem vigoroso” tivesse a boa arma que ele, Mime, não consegue caldear, bem poderia dar cabo do dragão e o tesouro seria de Mime! O “jovem vigoroso”, o “abusado” a que Mime se referia há pouco - isto é, Siegfried, o filho de Sieglinde, já um rapaz - entra, trazendo um urso por uma corda, apavorando o ferreiro, que roga-lhe que mande a fera embora. Por fim, Siegfried despede o animal e cobra de Mime a boa espada que ele sempre lhe promete, mas só consegue produzir “frágeis agulhas”. O nibelungo apresenta-lhe a arma que acaba de concluir; Siegfried quebra-a e escarnece do gnomo, que se demonstra magoado com a atitude agressiva do jovem. Tenta acalmá-lo, mas Siegfried continua explosivo. Mime lembra-lhe a gratidão que lhe deve; afinal era seu tutor, criara-o desde pequeno (“Quando eras uma criancinha, eu te acolhi; aqueci com roupas o pequeno nenê”), alimentara-o e lhe dera ensinamentos, tudo fizera por ele. E agora o “garoto impulsivo” o maltrata e odeia. Siegfried concorda quanto ao fato de lhe ter Mime ensinado muitas coisas; apenas uma jamais conseguira aprender: suportar Mime: tudo que o ferreiro faz de melhor para ele resulta em desagrado; Mime procura estimular-lhe a perspicácia e Siegfried prefere ser tolo. Com uma franqueza escancarada, o rapaz expressa a Mime tudo que pensa e sente a seu respeito: nada mais que antipatia e repulsa. Qualquer animal dos arredores lhe é mais caro que o gnomo; contudo, quando sai à floresta com intenção de sumir para sempre, acaba sempre voltando. Como pode ser isto? Mime envereda por evasivas e alude à questão da paternidade, exemplificando a vida familiar dos animais. Seus argumentos só servem para estender as indagações de Siegfried, que então lhe inquire, “já que Mime é tão conhecedor das coisas”, qual é sua origem, posto que filho de Mime não pode ele ser, pois, justamente por ter observado os animais da floresta, percebeu que todos tem pai e mãe e que os filhos são parecidos com os pais, ao passo que Mime não tem mulher alguma e os dois, Siegfried e o gnomo, são tão diferentes. Mime tenta convencê-lo, com mais evasivas, de que ele é, de fato, seu pai e mãe ao mesmo tempo. Siegfried então ameaça esganá-lo, caso ele não conte a verdade. Mime cede e conta a história de seu nascimento. Explica que uma mulher moribunda, que acabara de dá-lo à luz, deixara-o sob seus cuidados; à medida em que Siegfried o interroga, ele responde: sua mãe era Sieglinde, que morrera em seguida. Siegfried pergunta sobre seu pai. A seu respeito, Sieglinde só dissera a Mime que ele morrera numa luta. Siegfried exige uma prova da veracidade da narrativa de Mime e este corre a buscar os dois fragmentos de uma espada, que Sieglinde lhe dera, segundo ele, “como uma insignificante recompensa”. Mime mostra-lhe os pedaços da arma. Siegfried, subitamente animado, diz que é aquela a espada de verdade, da qual precisa. Torna a sair à floresta, exigindo que o gnomo lha forje de novo, para que ele, a partir de então, “vá embora para sempre e nunca mais o veja”. Mime, atônito, procura detê-lo, em vão. Após a saída intempestiva de Siegfried, fica a cismar, junto à bigorna. “Fico-me aqui, de volta aos meus problemas. Que vou fazer? Como poderei forjar esta espada? Como levarei Siegfried ao covil de Fafner?!” As sombrias divagações de Mime são interrompidas pela chegada de um estranho. O nibelungo assusta-se, pergunta-lhe quem é ele. O personagem diz que o mundo o chama de “Wanderer” (caminhante, andarilho). (O “Wanderer” é, na verdade, Wotan, que assume esse aspecto e atitude quando vagueia pela Terra.) Mime tenta despachá-lo,

rebatendo as instâncias do forasteiro em permanecer e pedir-lhe abrigo, em troca de “sábios ensinamentos”. Mime não quer saber de ensinamentos, mas o insistente “Wanderer” não se dá por vencido, e, sentando-se ao pé da forja, propõe-lhe um desafio de sabedoria, segundo o qual Mime deverá fazer-lhe as perguntas que bem entenda, e, caso ele não saiba responder ou erre, o gnomo poderá cortar-lhe a cabeça. Mime aceita o jogo e faz três perguntas, às quais o “Wanderer” responde com acerto: “Que povo habita sob a terra?” “Os Nibelungos.” “Que povo habita a superfície da terra?” “Os Gigantes.” “Que povo habita as alturas nebulosas?” “Os Deuses.” Mime pede que ele se vá, “já que salvara sua cabeça”, mas o “Wanderer” não está satisfeito, pois “se Mime não sabe fazer perguntas úteis, cujo esclarecimento lhe seja de proveito”, então deve ser também submetido ao teste. (Mime perdeu uma ótima oportunidade de obter informações que lhe seriam úteis, como, por exemplo, a solução para o problema da espada; suas perguntas foram, com efeito, aleatórias, feitas sem reflexão, apenas para compor as regras do jogo, o que deu ao “Wanderer” o ensejo de submetê-lo ao mesmo desafio, pois tal era a “lei dos desafios”). Mime assusta-se, mas não vê saída que não seja submeter-se à prova. O “Wanderer” começa: “Qual é a estirpe contra a qual Wotan mostrou-se irado, embora seja ela a mais amada pelo deus?” Mime acerta: “Os Wälsungen.” O “Wanderer” passa à segunda questão: “Que espada servirá para que o jovem Wälsung, criado por um certo nibelungo,” (refere-se a Siegfried e ao próprio Mime) “liquide com o dragão Fafner” - o gigante que se tornara possuidor do tesouro, do anel e do “tarnhelm” de Alberich, com o qual pudera transfigurar-se em monstro - “e, desse modo, sirva aos interesses de seu tutor?” Mime acerta, mais uma vez: “A espada é a Notung.” Mas à terceira pergunta do Andarilho - “Quem poderá caldear os fragmentos da Notung?” -, Mime titubeia e não consegue responder. O “Wanderer”, então, revela, enigmaticamente: “Só aquele que desconhece o medo poderá reconstituir a Notung. Cuida, pois, da tua cabeça, que a deixo para aquele que não conhece o medo.” E sai, a rir, deixando Mime, que, novamente atônito, deixa-se cair no banco atrás da bigorna.

Prostrado no banco, Mime é logo tomado de uma alucinação, na qual pensa ver Fafner a ameaçá-lo. No clímax de seu delírio, é interrompido por Siegfried, que entra, retornado da floresta, gritando por ele, chamando-o de vadio e cobrando-lhe o reparo da espada partida. O gnomo, assustado, ergue-se e Siegfried continua a inquirir sobre a espada. Mime atrapalha-se, fala em frases desconexas e repete a inexorabilidade que acabara de saber do “Wanderer”: “só aquele que não conhece o medo poderá refazer a Notung”. Siegfried não entende coisa alguma do que ele diz e continua a invectivá-lo. Mime dá-se conta de que esquecera-se de algo muito importante: fracassara em tentar fazer com que Siegfried gostasse dele; a única alternativa que restava era incutir-lhe o medo; mas como faze-lo?! Aos poucos, Mime inspira-se e começa a articular seu ardil, dizendo a Siegfried que há “prioridades” que ele precisa aprender: Siegfried precisa “aprender o medo” (ele sabe que o desconhecedor do medo, a que referira-se o Andarilho, é Siegfried). O rapaz não entende: “Que estória é essa de ‘medo’?” Mime faz-lhe uma dissertação aliciante sobre tal sentimento do qual Siegfried nada sabe. Expõe sensações agudas, tremores, excitações inimagináveis; dá a entender que trata-se de algo fantástico, uma espécie de prazer frenético, sem cuja experiência Siegfried não poderá aventurar-se pelo mundo afora. As alusões de Mime despertam a curiosidade e o interesse do jovem, que lhe indaga como pretende Mime, um covarde, transmitir-lhe algo tão singularmente arrepiante. O nibelungo responde que bastará Siegfried segui-lo até uma certa gruta onde vive “um terrível dragão” com o qual Siegfried, certamente, conhecerá o medo. Siegfried quer ir: quer “aprender o medo”; torna a exigir o reparo da espada, com a qual pretende afrontar o medo. Mime desespera-se: não pode reconstituir a arma! Siegfried, então, decide-se: ele próprio o fará. Mime duvida que o possa; o rapaz sempre

fora negligente quanto aos ensinamentos profissionais que Mime sempre lhe quisera transmitir, nunca fora atento às lições de ferraria que ele tentara ministrar-lhe. Siegfried, no entanto, acha que pode realizar o trabalho e escorraça Mime das proximidades da forja. Começa a preparar a forja para recompor a espada. Mime, que observa com descrença o trabalho do rapaz, tenta convencê-lo a proceder segundo as normas tradicionais da ferraria, mas Siegfried o enxota e procede, a seu modo, à fundição e moldagem, que leva a cabo, malhando e engastando a lâmina ao punho. Enquanto Siegfried trabalhava, Mime preparava uma poção sonífera, para oferecer-lhe, como um simples refrigerio, após tivesse ele vencido e eliminado o dragão, de modo a fazê-lo dormir, para matá-lo e apossar-se do Anel, que antes fora de seu despótico irmão, Alberich. Ao terminar o trabalho, Siegfried mostra a Mime o poder de sua espada, golpeando a bigorna, que parte-se em dois. Mime assusta-se, admirado.

É noite. Vemo-nos diante da caverna do dragão Fafner - o antigo gigante que, diante de Wotan e dos outros deuses, na disputa pelo maior quinhão do tesouro de Alberich, assassinara seu próprio irmão, Fasolt, apossando-se da totalidade do conteúdo (ver “O OURO DO RENO” - Cena IV - “Halt, du Gieriger!”), do qual faz parte o “Tarnhelm”, por cuja magia ele pôde assumir sua atual forma de monstro. Fafner lá reside e monta guarda a suas riquezas, em quase permanente sono. Alberich está por ali, rondando, sempre ansioso e anelando por uma impresumível oportunidade de recuperar suas posses. Enquanto ele divaga sombriamente, aproxima-se o “Wanderer”, cuja identidade original Alberich reconhece, lançando-lhe à face uma série de imprecações acusatórias, exigindo que se afaste dali e deixe de criar-lhe infortúnios. O “Wanderer” replica dizendo que veio “para observar e não para agir”; afinal, como seria possível “proibir a andança ao andarilho”? Alberich demonstra-se em guarda e afirma conhecer muito bem os desígnios de seu interlocutor e inimigo. Os dois continuam a altercar. Alberich desdenha o poder do Andante e escarnece de sua incapacidade de se resolver satisfatoriamente com Fafner, pois está preso a um tratado. Comenta que ele ainda sofre de terror mortal ante a hipótese de o anel voltar ao poder dele, Alberich. Por fim, ameaça - desde que recupere o anel, e, por conseguinte, o poder - causar a ruína do Walhalla. Como o “Wanderer” manifeste desinteresse quanto à posse do anel, Alberich demonstra-se incrédulo e alude à existência de um certo jovem a quem ele - o “Wanderer” - confia a conquista de “algo que ele próprio, Wotan, não pode alcançar”. Percebe-se aí, que, segundo pensa Alberich, o “Wanderer”-isto é, Wotan-ainda cobiça o Anel e seu interesse por Siegfried está relacionado justamente à capacidade que o rapaz terá de obtê-lo. O Caminhante então lhe adverte que seu verdadeiro rival é Mime e não ele próprio, Wotan. É Mime, seu irmão, que está usando o rapaz para alcançar o intento de tomar para si o anel que pertencera a ele, Alberich. Adverte-o de que, embora Siegfried nada saiba sobre o anel, Mime havia-lhe comentado a respeito. Ansioso, Alberich lhe pergunta se ele - Wotan - renunciara ao tesouro. O Andante, em vez de responder diretamente, faz uma alusão pouco nítida a Siegfried: “Àquele a quem amo deixo que se defenda por si mesmo; quer caia, quer triunfe, é ele o seu próprio senhor.” Informa-lhe que Siegfried logo chegará, para, instruído por Mime, dar cabo de Fafner; mas talvez reste uma saída, caso o dragão aceite um acordo que ele - o Andante - tentará travar com o monstro, em proveito de Alberich. O “Wanderer” brada pelo dragão, para despertá-lo. Ouve-se a voz estrondosa de Fafner perguntando “quem lhe perturba o sono”. O Caminhante avisa que sua vida corre perigo e expõe a proposta, segundo a qual Fafner sairá ileso, caso concorde em ceder o tesouro. Alberich reforça o oferecimento, confirmando a vinda de um herói que poderá derrubar Fafner. Este, porém, não faz caso das ameaças, que despreza, respondendo a Alberich, num formidável bocejo: “deixa-me dormir”; e torna a cair no sono. O “Wanderer” ri-se e diz a Alberich que ele nada poderá fazer “para alterar o rumo que os fatos hão de seguir”; mas

aconselha-o a tentar resolver sua situação com Mime. Vai-se embora e Alberich, novamente a sós, volta a seus devaneios soturnos. Por fim embrenha-se numa fenda rochosa.

Amanhece. Chegam Mime e Siegfried. Este quer que o gnomo vá embora e o deixe só para cuidar do assunto com Fafner. Mime, porém, insiste em dar-lhe mais algumas instruções sobre o dragão, salientando suas terríveis características. Enfatizando a figura asquerosa do monstro, descreve-o, falando de suas peçonhas e sua cauda serpenteante; no intuito de despertar sua curiosidade sobre o medo, tenta formar ante Siegfried o quadro mais terrível possível. Conhecendo o caráter impetuoso do rapaz, Mime pretende, com isto, estimular Siegfried à luta. Para Siegfried, no entanto, tudo aquilo são bagatelas e ele terá seus próprios meios de defender-se das diversas possibilidades ameaçadoras que Mime lhe apresenta. O gnomo afirma que, certamente, Siegfried terá conhecimento daquelas coisas terríveis ao deparar-se com Fafner e ficará agradecido a ele, Mime, pela oportunidade que lhe está proporcionando de tão grande experiência. Siegfried torna a mandá-lo embora. Mime, por fim, vai-se. Ao ver-se, finalmente, só, Siegfried estende-se à sombra de uma árvore e, após refletir sobre a impossibilidade comprovada de ser ele filho de Mime, começa a divagar, pensando em seus verdadeiros pais, que não conhecera, imaginando como seriam suas feições; mas sua divagação acaba por concentrar-se na figura de sua mãe, cujo aspecto ele supõe belíssimo. Exprime, em seu monólogo, a incompreensão e a tristeza que sente ante o fato de ela ter morrido ao dá-lo à luz. Manifesta, num leve impulso nostálgico, “como gostaria de poder vê-la!” Ouve o canto de um pássaro, que lhe desperta simpatia e tenta comunicar-se com ele; para tal, ocorre-lhe a idéia de talhar um pequeno pífaro de um canudo que colhe de uma planta, no qual sopra, mas só obtém sons desarmônicos. Não conseguindo entendimento com o pássaro através do pífaro improvisado, resolve tentá-lo por meio de sua trompa, que lhe é familiar. Começa a soprá-la repetidas vezes e o efeito, em vez de realizar a comunicação com o pássaro, consegue despertar Fafner, o dragão, que, saindo de sua gruta, surge, rosnando e arrastando-se até ele. Siegfried dirige-se atrevidamente ao monstro, que, então, pergunta: “O que há aí?” O rapaz, desafiador, pergunta ao dragão se poderá aprender com ele o medo. Prossegue um duelo verbal entre os dois, em que Siegfried demonstra-se cada vez mais sarcástico e seguro de si. Por fim, o monstro o desafia sumariamente e trava-se entre os dois a luta, que termina quando Siegfried fere mortalmente o dragão. Agonizante, Fafner lhe pergunta quem o teria impelido a desafiá-lo, pois, certamente, não fôra por iniciativa própria que Siegfried cometera tal ato. O rapaz, demonstrando a quase plena ignorância que ainda lhe é peculiar, dá a entender que o próprio Fafner o provocara à luta. Este, então, esclarece Siegfried sobre as circunstâncias em que se acha: acabara de eliminar Fafner, da estirpe dos Gigantes. Explica que, outrora, ele próprio eliminara seu irmão Fasolt, por causa de um ouro maldito; por fim, adverte-o de que “aquele que o induziu a matá-lo trama também sua morte”. Percebendo a argúcia do moribundo, o rapaz tenta obter dele informações sobre sua própria origem e identidade; mas Fafner morre antes que possa dizer qualquer coisa. Ao que Siegfried retoma sua espada, que ficara cravada no corpo de Fafner, sua mão impregna-se do sangue do monstro, que arde; para refrigerar a mão, ele a leva à boca, sorvendo um pouco do sangue. (Segundo um conceito mitológico, quem bebesse sangue de dragão seria dotado de clarividência e habilitado a entender a linguagem dos pássaros.) Siegfried volta a escutar o pássaro, ao qual desta vez entende. Regozija-se a ave pela façanha de Siegfried, a quem revela os poderes que lhe podem proporcionar o “Tarnhelm” e o Anel. Siegfried agradece e penetra na gruta.

Tão logo Siegfried se ausenta, volta Mime, a passos inseguros, procurando certificar-se da morte de Fafner. Alberich vem pelo outro lado e intercepta os movimentos do irmão inimigo, que

pretende roubar-lhe as posses que outrora foram suas e que anseia por recobrar. Os dois entram em discussão acirrada, na qual Mime intima Alberich a retirar-se da “sua área”. Continuam a brigar, Alberich contestando os direitos de Mime concernentes ao uso de Siegfried para seus interesses pessoais, Mime argumentando que tem tais direitos, porque Siegfried lhe deve os favores de tutela e educação. Alberich ridiculariza tais razões, lançando ao outro deprecições diretas, afirmando que o anel seria mais merecido pelo mais ínfimo animal do que por Mime. Este, no entanto, tenta negociar, propondo ao outro uma partilha das posses. (Desde que não há mais Fafner, a ambos parece fácil a tomada daquilo que cobiçam; eles acham que o ingênuo Siegfried não será obstáculo.) Alberich escarnece das barganhas que lhe sugere o irmão, recusando-as com sarcasmo e reclama tudo para si. Mime reage com ameaças, prometendo usar Siegfried contra Alberich; a briga torna a acirrar-se, até que os dois se afastam, ao perceberem que Siegfried sai da gruta. O rapaz despreza o tesouro, mas traz consigo o Anel e o Elmo Mágico, atendendo ao conselho do pássaro. Este torna a cantar, avisando Siegfried para não confiar no traiçoeiro Mime e informa-lhe que, pelo poder conferido pelo sangue do dragão, Siegfried poderá ler os pensamentos do hipócrita. Eis que Mime se aproxima, disposto a concluir seu plano, adulando e elogiando a façanha de Siegfried. Mas, embora Mime fale falsas palavras amáveis, o rapaz ouve exatamente o que ele pensa. Mime “diz” amistosamente que logo irá matá-lo, pois ele beberá aquela poção narcótica, dormirá e Mime-cujas palavras são acentuadas por um risinho agudo e curto-cortará sua cabeça, com a própria Notung (“*Ich will dem Kind nur den Kopf abhaum!*” - “Eu nada mais quero que cortar fora a cabeça do menino!”). Siegfried demonstra entender tudo e Mime, atônito, procura disfarçar e tenta obrigá-lo a beber a poção (“*Nun, mein Wälsung, Wolfssohn du! Sauf und würg dich zu Tod: nie tust du mehr 'nen Schluck! Hihihih!*” - “Agora, meu Wälsung, filho de Wolfe! Bebe e afoga-te até a morte: nunca mais tomarás um trago! Hihihih!”). Nisto Siegfried o golpeia mortalmente, com a espada. A seguir deposita o cadáver de Mime na gruta, para lá arrastando, depois, o de Fafner, deixando ali os dois defuntos “companheiros de rivalidade e cobiça”. Cansado do esforço, procura repouso à sombra de uma árvore, sob a qual lamenta-se de sua solidão e má fé da única pessoa a quem conhecera (Mime). Pede ao pássaro que lhe oriente mais uma vez, sobre como encontrar uma amizade sincera e verdadeira. Ouve então seu canto, agora informando a respeito da “mais sublime das mulheres”, que vive adormecida sobre um rochedo cercado de fogo: “Se Siegfried atravessar as chamas e despertá-la, Brünnhilde será sua noiva.” Siegfried exulta, quando o pássaro lhe diz que “só poderá atravessar aquele fogo quem não conhece o medo”, pois sabe que trata-se dele próprio. Pergunta à ave como achará o caminho, ao que o pássaro levanta vôo, dando a entender que Siegfried deve segui-lo. Assim ele faz e a cortina fecha-se, encerrando o Segundo Ato, enquanto Siegfried sai de cena, acompanhando o vôo do seu guia.

Prenunciando a aproximação de Wotan (o Andante), ouvimos um expressivo prelúdio orquestral, frisado por temas condutores (*Leitmotiven*) da Tetralogia, dentre os quais reitera-se o conhecido como “o motivo dos tratados”, acentuando e marcando o contexto desta música descritiva. Vemos um rochedo, no qual percebe-se a abertura de uma gruta, para a qual dirige-se o “Wanderer”, que chega. Com sua inseparável lança, o Andante clama por Erda, solicitando que desperte e venha ter com ele. Ela, por fim, emerge da gruta, indagando quem a veio tirar de seu profundo “sono do conhecimento”. O Wanderer responde que foi ele, que usou de seus recursos místicos para despertá-la e conclamá-la, pois precisa dos conselhos daquela que tudo abrange e a tudo alcança, a mulher “a cuja sabedoria nenhuma outra é comparável”. Erda lhe sugere que vá consultar as Nornas, suas filhas que, enquanto ela dorme, fiam o cordão que encerra o seu conhecimento. O Caminhante replica, dizendo que as Nornas “apenas tecem o destino, sem

autoridade alguma para mover ou alterar”, é, pois, a ela, Erda, que cabe orientá-lo; e pergunta: “Como fazer parar uma roda que gira?” Erda torna a tergiversar, lembrando ao Wanderer que ele (Wotan) certa vez a conquistara e dentre as filhas que ambos haviam gerado, as Valquírias, havia uma, corajosa e sábia, a quem Wotan poderia consultar. O Wanderer responde que, se é a Brünnhilde que Erda se refere, a situação atual da jovem é mudada: ela dorme num rochedo cercado de fogo, em punição por lhe ter desobedecido. Erda espanta-se de assim ter agido ele próprio: “Aquele que deu lições de ousadia agora pune a ousadia?” Ela quer tornar às suas profundezas e a seu sono, mas o Caminhante a impede e lança a questão mais crucial: “Como pode o deus eliminar sua angústia?” Erda, não respondendo, repreende sua atitude de vir-lhe atormentar o sono. O Wanderer, então, afirma que a sabedoria da “Ur-Wala” (mulher primeva, isto é, Erda) está caminhando para o fim; num assomo de alteração, o Andarilho revela que não mais teme a queda dos deuses, pois agora a deseja. Outrora, deixara que o Mundo caísse nas garras do nibelungo (Alberich), mas agora tal se destina ao Walsung (Siegfried), que, por cuja isenção de maus sentimentos, é imune à maldição de Alberich. Este despertará Brünnhilde; este é eternamente jovem; a este o deus (ele próprio, Wotan) de bom grado cederá o passo. Por fim, diz a Erda que volte ao seu sono, ao que ela imerge lentamente, de volta ao interior da rocha.

Tendo permanecido onde estava, o Andarilho percebe a aproximação de Siegfried, precedido pelo pássaro, o qual, ao vê-lo, foge subitamente. Ao entrar em cena, Siegfried comenta que terá de achar sozinho o caminho ao rochedo de Brünnhilde, pois seu pássaro guia debandara. O “Wanderer” interroga-lhe para onde pretende ir. O rapaz percebe a presença do Andarilho, e, supondo que possa este indicá-lo a rota a que se destina, revela que procura “um rochedo cercado de fogo, no qual dorme uma mulher”; o Caminhante pergunta quem lhe sugerira aquele intento e Siegfried responde que foi “um pássaro que lhe dera bons conselhos”. Começa, então, uma série de insistentes perguntas do “Wanderer”, acompanhadas das respostas de Siegfried, que acabam por narrar os acontecimentos relativos a Mime, à sua luta vitoriosa contra o dragão e à espada, Notung, que ele traz consigo. À inquirição do “Wanderer” sobre quem produzira originalmente a arma que ele, Siegfried, reconstituíra, demonstra-se ele insciente e desinteressado quanto a esse detalhe, pois, afirma, “de nada serviriam os fragmentos se eu não tivesse recomposto a espada”. O “Wanderer” solta uma gargalhada, concordando galhardamente com a observação do rapaz. Este, no entanto, começa a irritar-se, chama o Andarilho de “velho perguntador” e diz-lhe que indique, caso saiba, o caminho ao rochedo procurado, e, caso não saiba, que se cale. O Caminhante chama-lhe a atenção para o respeito que o rapaz deve a ele, justamente por lhe parecer “velho”. Siegfried diz que um velho esteve sempre em seu caminho e ele o afastara; cuide-se, pois, o “Wanderer” e saia da frente, “caso não deseje a mesma sorte de Mime”; nisto, repara no estranho traje do ancião e em seu grande chapéu, sobre os quais pergunta; o interlocutor explica que é costume do Andarilho assim vestir-se, para se proteger do vento. Ainda a observá-lo, Siegfried percebe que falta-lhe olho, ao que o “Wanderer” explica: “Com o olho que me falta, tu próprio enxergas este que me restou para que eu veja.” O jovem, não entendendo a explicação hermética do Andarilho, solta uma ampla risada e torna a exigir que lhe seja logo indicado o rumo que ele procura: “fala, ou ponho-te para correr!”. O “Wanderer”, cujo orgulho senhorial, até então, cedera lugar à simpatia paternal (pois ele é pai de Siegmund e Sieglinde, e, portanto, avô de Siegfried), sente-se agora ultrajado em seus brios e tenta ainda advertir o “adolescente atrevido” quanto à temeridade de seu atrevimento para com ele, cuja identidade o rapaz ignora. Adverte-o a não despertar sua fúria, o que poderia arruinar a ambos. Siegfried, no entanto, não dá atenção a tais advertências e continua exaltado e atrevido. Exige que o “Wanderer” lhe saia da frente. Começa aí uma acirrada discussão, na qual Wotan (“Wanderer”), antes tão favorável a que

Siegfried alcançasse seu objetivo, agora faz tudo para impedi-lo. Tenta incutir no jovem a idéia da impossibilidade de atravessar aquelas chamas, apontando-as, ao longe. Siegfried não se deixa intimidar e diz que irá ao encontro de Brünnhilde. Wotan (o Caminhante), então, brande sua lança, para barrar-lhe o caminho: “Se não temes o fogo, que minha lança te feche a passagem! A espada que empunhas foi certa vez partida por esta haste!” Siegfried percebe, aí, que o “Wanderer” é o “inimigo de seu pai”, e, com um golpe da Notung, parte em dois a lança do Caminhante (Wotan). Este, após recolher os fragmentos, diz a Siegfried: “Segue! Não posso deter-te!” E afasta-se. Siegfried contempla, extasiado, as chamas que está para enfrentar: “Agora vou a uma companheira amada!” Soprando sua trompa, ele avança ao fogo, que assume maior intensidade e logo ameniza-se, tomando o aspecto de nuvens sob a luz da manhã.

Siegfried chega ao cume do rochedo, onde vemos Brünnhilde, adormecida, trajada em completa armadura. Siegfried está fascinado com o aspecto daquele ermo e interroga-se “quem será que ali repousa”. Aproxima-se, pensando tratar-se de um homem e retira-lhe o capacete; a seguir tenta desprender-lhe a armadura, o que por fim consegue, cortando a cota com a espada. Mas, ao deparar com as formas da “guerreiro”, toma um pronto susto: “Não é um homem!” (Acaba, enfim, de conhecer o medo.) Sobressaltado e confuso ante algo que jamais vira-uma mulher-, Siegfried tenta situar-se, clama pela mãe, que o auxilie e finalmente exclama à “mulher sagrada”, suplicando que desperte. Não obtendo êxito, é tomado de uma inspiração que o impele a “sugar de seus lábios o alento, mesmo que isto me custe a vida” (é a indução instintiva do beijo). Assim faz ele, beijando-a longamente. Brünnhilde acorda e saúda “o Sol”, “a Luz” e “o Dia”; pergunta “que herói a despertou”; este se apresenta como “o que atravessou as chamas e é chamado Siegfried”. Brünnhilde exulta ao conhecer aquele “de quem já cuidava antes que nascesse”, o que leva o herói a supor que ela é sua mãe, concluindo, ingenuamente, que, então, “não morrera, mas apenas dormia”. Brünnhilde esclarece: “tua mãe não mais voltará” e relembra a série de fatos ocorridos antes de seu longo adormecer, a origem de Siegfried, cujo nascimento ela protegera, seguindo um desígnio de atender a um desejo secreto de Wotan, que ela própria adivinhara. Siegfried começa a dar mostras de atração por Brünnhilde, mas, ao tentar abraçá-la, a exvalquíria o repele, lembrando que, outrora, nem a um deus isto seria permitido. Ela entristece, pois acaba de constatar diretamente a mudança de sua condição: agora ela é apenas uma mulher, como as outras: “Não sou mais Brünnhilde.” Siegfried insiste em seus intentos amorosos e ela, agora calmamente, tenta mais uma vez recusá-lo; explica-lhe que ele deve seguir seu próprio caminho, amando a si mesmo; diz-lhe que, assim como a imagem de seu semblante refletida na água tranqüila torna-se confusa e turva ao ser tocada e agitada a água, da mesma forma a leva à confusão e perturba sua paixão impetuosa. Ela diz estas coisas num tom afetoso, quase maternal. Ele, no entanto, reitera, com ardor, que a ama, manifestando um extremo desejo de que ela também o ame. As resistências de Brünnhilde cedem, por fim, às acaloradas instâncias de Siegfried e ela, exultante, reconhece que o ama, aceitando-o como homem, declarando que, a seu lado, é capaz de lançar-se à morte. Num cantar entrelaçado, ambos louvam “o Amor Luminoso, a Morte Sorridente”. Cai o pano.

4. O CREPÚSCULO DOS DEUSES

É noite no Rochedo de Brünnhilde. Lá estão as três filhas de Erda, as Nornas, que tecem o fio do destino. Cada uma posicionada em um ponto da cena, elas revezam-se na dobagem do cordão, à medida em que chegam a momentos relevantes da sorte que vão trançando. A princípio a Primeira Norna, (a mais velha) percebe ao longe a luz do fogo, ainda ativo, que Loge, a mando de

Wotan, erguera para circundar Brünnhilde, e, a partir daí, quando a Segunda Norna (irmã do meio) indaga se aquela luz seria o raiar da manhã e a Terceira (a mais jovem) esclarece sobre a natureza da luz, as três começam a proceder ao trabalho de fiação, no qual recapitulam-se os fatos decorridos desde antes dos acontecimentos passados em “O OURO DO RENO”: a origem da lança de Wotan, a forma como ele subjugara Loge e o pusera a seu serviço, até ao incidente do roubo do ouro, por Alberich. Neste ponto, quando a Primeira Norna passa o cordão à Segunda, perguntando-lhe o que, após o roubo, ter-se-ia sucedido a Alberich, a Segunda Norna vê-se em dificuldade para continuar trançando o fio, que embaraça-se numa quina da rocha, que está quase a cortá-lo, e, narrando suas visões, alude à maldição do Anel; passa o cordão à Terceira, nas mãos da qual ele acaba por romper-se. As três Nornas percebem que é hora de regressar à mãe, Erda, pois “é o fim da eterna sabedoria e elas não mais transmitirão o conhecimento ao mundo”. Elas descem, indo ao encontro de Erda. O ambiente permanece deserto, enquanto amanhece o dia. Ao definir-se claridade matinal, Siegfried e Brünnhilde saem da gruta, ele trajado em completa armadura, ela trazendo Grane, seu cavalo, pela rédea. Consumara-se a união dos dois, que, ainda enlevados de ardor, despedem-se efusivamente, pois Siegfried deve partir em busca de aventuras e façanhas; ela o aguardará ali, até que ele regresse. Siegfried a presenteia com o Anel que obteve de Fafner; ela, por sua vez, lhe oferece Grane, recomendando que cuide bem do nobre e fiel animal. Saúdam-se, radiantes e Siegfried parte.

O primeiro Ato inicia-se no interior de um palácio à margem do Reno, na Sala do Trono de Gunther, o Rei dos Gibichungen. Lá está ele, na companhia de seu meio-irmão Hagen e sua irmã Gutrune. Pede opinião a Hagen sobre o nível de sua dignidade perante o povo ao qual governa, nas terras do Reno. Após fazer algum mistério, Hagen dá a entender que sua boa reputação como rei não será completa enquanto ele e Gutrune não se casarem. Gunther pede ao irmão que sugira uma noiva e um noivo à altura de ambos. Hagen menciona Brünnhilde, aquela que vive num rochedo cercado de fogo. Gunther pergunta se ele próprio seria capaz de chegar a ela. Hagen esclarece que só um homem é capaz de semelhante proeza e trata-se do Walsung Siegfried, filho de Siegmund e Sieglinde, explicando que a façanha de ter matado um dragão monstruoso lhe valera grande fama e que, tendo o herói se apossado do tesouro do nibelungo, é detentor de imenso poder. Gunther, então, lhe pergunta, irritado, por que Hagen lhe desperta uma esperança de impossível realização, já que só Siegfried pode conquistar Brünnhilde. Responde Hagen que o próprio herói poderia trazer para ele a noiva. “Como convencê-lo a isto?”, pergunta Gunther, ao que Hagen responde que tal será fácil, desde que Gutrune seduza Siegfried. Ela mostra-se agastada ante a ironia que presume nas palavras de Hagen: “Quem sou eu para cativar um homem ao qual as mais belas mulheres do mundo já devem ter concedido favores?” Hagen, então, expõe seu plano: Seu estratagema consiste em usar uma certa poção mágica, bebendo a qual Siegfried imediatamente esquecerá por completo qualquer mulher que tenha antes conhecido e cairá de paixão por Gutrune. Gunther louva a astúcia do irmão e Gutrune entusiasma-se ante a perspectiva de tornar-se mulher de Siegfried. Gunther pergunta a Hagen como fazer para procurar o herói. Seu irmão explica que Siegfried costuma correr mundo atrás de aventuras e que, certamente, acabará por chegar-se às margens do Reno, em terras de Gibich. É, com efeito, o que ocorre neste exato momento. Num barco, onde traz seu cavalo, Siegfried vem navegando; Hagen grita por ele, indagando seu rumo. Ao longe, o Walsung responde: “Procuro o valoroso filho de Gibich.” E Hagen: “É aqui mesmo, podes atracar!”

Siegfried entra, perguntando pelo “filho de Gibich”, ao que Gunther prontamente se apresenta; o recém-chegado determina que seu anfitrião escolha entre uma luta e um pacto de amizade, ao que Gunther opta pela amizade, pondo à disposição de Siegfried “seu Reino, sua gente e tudo o mais

que lhe pertence”. Siegfried, por sua vez, oferece-se a si próprio como camarada e homem d’armas, posto que seus únicos bens são seu próprio corpo e sua espada. Ante esta afirmação de Siegfried, relativa à exigüidade de suas posses, Hagen aproveita para inquiri-lo sobre o tesouro do nibelungo. O herói responde que o tesouro não lhe despertara interesse algum, pelo que lá mesmo o deixara, na gruta. Ao que Hagen pergunta se Siegfried não ficou com absolutamente nada daquele conteúdo, Siegfried menciona o Tarnhelm (o elmo mágico, que Siegfried traz consigo), cuja serventia ele ignora; Hagen esclarece: “pode dar-te qualquer forma e transportar-te de imediato a qualquer distância”; e, insistindo na inquirição, pergunta se mais nada ele teria tomado para si. “Um anel”, responde Siegfried, ao que Hagen quer saber se a jóia foi bem guardada (pois vê que ele não a está portando), ao que Siegfried esclarece que a peça “está em poder de uma mulher sublime”; Hagen percebe tratar-se de “Brünnhild’!”, como ele próprio exclama, em abafada surdina, esgueirando-se. Neste momento, torna Gunther, para responder ao oferecimento pessoal de Siegfried: “Nada me precisas ofertar”-diz ele-“sirvo-te, com prazer, sem nada em troca.” Chega, então Gutrune, a oferecer-lhe a tal bebida mencionada por Hagen, na cena anterior. Siegfried aceita, toma um trago, e, no mesmo instante, é tomado de um torpor, que logo cede o passo a uma pronta paixão por Gutrune, e-após manifestar sua reprovação à recente atitude do irmão da moça, que “recusara orgulhosamente seu oferecimento pessoal de si mesmo”-oferece-se, a ela, em união conjugal. Gutrune, timidamente, sai do recinto; Siegfried pergunta a Gunther se tem ele uma esposa, ao que o novo amigo diz que não, pois “a única mulher capaz de interessá-lo” ele não tem como alcançar; o presumível cunhado inquire sobre a hipótese de ele próprio, Siegfried, conseguir a tal mulher para Gunther; este dá as caracterizações da pretendida: “Vive no cume de um rochedo em cuja orla arde um fogo e só aquele que atravesse as chamas pode ser noivo de Brünnhilde.” Siegfried repete cada parte da descrição de Gunther, até quando este menciona o nome de Brünnhilde e percebe-se que ela está, de fato, completamente esquecida por ele, que dispõe-se a escalar aquela rocha e trazer a noiva para Gunther, desde que este lhe conceda a mão de sua irmã Gutrune, ao que Gunther acede com gosto. Os dois celam, então, o pacto da Irmanação pelo Sangue, jurando eterna amizade e fidelidade, cuja violação deve ser punida com a morte. Hagen procede ao ritual, trazendo o vinho, no qual os dois deixam cair gotas do respectivo sangue. Ao concluir-se o pacto, Siegfried quer apressar-se com Gunther para a viagem ao rochedo de Brünnhilde; Gunther deixa a guarda do palácio à responsabilidade de Hagen; os dois partem. Gutrune reaparece rapidamente, para saber de Hagen que Siegfried já partiu a conquistar a noiva de Gunther, o que lhe dará a ela própria, Gutrune, como mulher. Gutrune emociona-se e volta a seus aposentos. Sozinho na sala, Hagen senta-se de guarda e repassa, sombriamente, seu plano maquiavélico. “Lá se vão eles, a conquistar a mulher. Um a trará para o outro, como noiva, mas a mim ele trará o Anel! Mal sabeis, felizes companheiros, que estais servindo ao filho do nibelungo.” (Porque Hagen, meio-irmão de Gunther por parte de sua mãe, Grimhilde, é filho desta com Alberich.)

Voltamos ao rochedo onde Brünnhilde ainda vive, à espera do regresso de Siegfried. Ela percebe a sonoridade familiar de um cavalo a galopar pelos ares. É a valquíria Waltraute, sua irmã, que vem a seu encontro, bradando por ela, à distância. Ao chegar, é recebida com júbilo por Brünnhilde, que indaga-lhe como pôde a irmã visitá-la, em vista da proibição de Wotan, cuja ira pergunta se teria se aplacado; fala sobre sua atual felicidade ao lado de Siegfried e convida-a a rejubilar-se com ela, ao que Waltraute responde em tom de repreensão que não foi para participar de sua ilusão que viera, mas por razões mais sérias. Brünnhilde não a entende. Waltraute esclarece: graves motivos a impeliram a ir em seu encalço, para levá-la de volta ao Walhalla. A irmã pergunta-lhe o que sucede; Waltraute pede-lhe extrema atenção aos fatos dos quais lhe porá a par (temos aqui a mostra do mesmo aspecto mencionado no resumo da primeira parte do

Terceiro Ato do Parsifal, isto é, duas personagens que se reencontram após longo afastamento, uma das quais dá conhecimento à outra da decadência do ambiente do qual a outra se ausentara há longa data): Desde sua exclusão do convívio das irmãs, tudo caíra em desalento e desordem; Wotan não mais as enviara às batalhas, deixara de lado os heróis e passara a cavalgar solitário, sem rumo, como um “Wanderer”; regressara há pouco tempo e empunha constantemente os fragmentos de sua lança, que “um herói partira em dois”; com um gesto, enviara os heróis a derrubar e retalhar o “Freixo do Mundo” (árvore mítica, da qual ele tirara a madeira para confeccionar a lança), cujas achas ordenara que fossem acumuladas a formar uma enorme pilha, ao redor do Grande Sala, onde, cercado dos deuses, heróis e valquírias, ocupara seu trono, com os pedaços da lança firmes na mão; enviara seus dois corvos mensageiros a voar pelo mundo, para que só regressassem caso trouxessem boas novas. As valquírias, suplicaram-lhe que se manifestasse e quando ela, Waltraute, prostrara-se-lhe aos pés, Wotan aludira a ela (“Ele lembrou-se de ti, Brünnhilde!”), dizendo que poderiam ser salvos os deuses e o Mundo, pela extinção da maldição de Alberich, caso “ela” (Brünnhilde) restituisse o Anel às Filhas do Reno. Waltraute suplica-lhe que o faça, mas Brünnhilde recusa-se energicamente a abrir mão do legado de amor de Siegfried. Mantém-se irredutível ante todas as veementes instâncias da irmã, que, segundo ela é incapaz de entender o apreço que vota àquele presente, “mais valioso que toda a beatitude do Walhalla”; e manda embora a irmã, que parte, amargurada. Começa a entardecer; pela intensificação das chamas, Brünnhilde pressente a aproximação de Siegfried; ela exulta e corre ao encontro de seu amado; mas, ao ver a estranha figura com que depara, recua, tomada de pavor. É Siegfried, mas na forma de Gunther, que adquirira pelo poder do Tarnhelm. Num tom despótico, o disfarçado declara que é seu noivo e que vem buscá-la: ela terá que segui-lo, por bem ou à força. Ela, atônita, pergunta: “És um homem ou um demônio?” “Sou um Gibichung”, ele responde, “sou Gunther, a quem deves acompanhar.” Desesperada, Brünnhilde vê naquilo um cruel castigo de Wotan; o disfarçado só faz reiterar sua autoridade e direito de posse sobre ela, que tenta repeli-lo, erguendo a mão com o anel, mas é subjugada pelo invasor que lho retira da mão à força, afirmando que a ele também pertence a jóia, “por direito de esposo”. Ao ver-se vencida, ela perde o controle de si, percebendo, no entanto, através das frestas do elmo, num rápido vislumbre inconsciente, o brilho do olhar de Siegfried, que a obriga a entrar com ele na gruta; mas, antes de acompanhá-la, saca da espada e, falando com sua voz normal (pois é determinado por Wagner que o tenor - Siegfried - assumia, durante esta cena, acentos graves aproximados da voz do barítono - Gunther), profere: “Agora, Notung, sê testemunha de que a assediei castamente. Assegurando a fidelidade ao irmão”-pois ele e Gunther são “irmãos de sangue”-, “aparta-me de sua noiva!” E entra na caverna. Cai o pano, fechando o Primeiro Ato.

Estamos de volta ao palácio de Gunther; é madrugada e vemos Hagen na mesma postura em que o deixáramos - e que o deixara Gunther, incumbindo-o de montar guarda ao palácio, sentado como antes (agora adormecido), portando lança e escudo. A seus pés, como uma figura misteriosa e fantasmagórica, vemos Alberich, seu pai, que lhe fala: “Dormes, Hagen, meu filho? Não ouves a mim, que não mais tenho repouso nem sono?” Este diálogo, que tem uma conotação simbólica, é todo travado desta forma: Hagen responde, dormindo, às ansiosas instâncias do pai, que lhe vem inquirir sobre os progressos de seu plano de recupebar para ele a posse do Anel.- Alguns observadores consideram a hipótese, não definida no contexto da cena, de estar Hagen sonhando, o que dá à aparição de Alberich um caráter de manifestação do subconsciente do próprio Hagen; mas, de qualquer modo que analisemos esse diálogo entre um acordado e um adormecido, temos a representação nítida de uma interseção entre dois estados - neste caso demonstrados como o de vigília e o de sono - em comunicação, como um intercâmbio entre dois planos existenciais, onde duas □personalidades - uma de cada “lado” - contactam-se para tratar de

um assunto de interesse comum. A ambição de Alberich não prejudica a de Hagen, posto que Hagen é um produto do próprio Alberich, ou, ainda, uma extensão sua, colocada num ambiente onde Alberich não pode surgir nem tampouco agir por conta própria, porque, uma vez que perdera o poder adquirido outrora, Alberich passara à condição de uma existência “à parte”. Nota-se, contudo, na fase anterior - o drama “Siegfried” - um Alberich ainda “concreto”, que aparece em franca atividade - embora em desespero - no intento de recuperar as posses que perdera, sobretudo o Anel e o poder que o mesmo lhe conferia. Agora, no entanto, sua “contra-parte” entra em cena, na pessoa de Hagen - um filho que, a custo de favor material, gerara com Grimhilde, a mesma mãe de Gunther e Gutrune, um filho gerado sem amor, pois lhe seria impossível de outra forma, já que, para obter o Ouro do Reno, Alberich maldizera o Amor -, agora tal filho “assume suas funções” e Alberich fica, por assim dizer, “na sombra” e é justamente assim - iluminado pelo clarão da Lua, em posição contraída, abaixado - que o vemos nesta cena, como uma sombra - a sombra de sua própria sombra, isto é, Hagen, figura palpável, uma espécie de Alberich visível, infiltrado numa corte (a dos Gibichungen), como meio-irmão do rei, colocado estrategicamente numa posição que lhe possibilite lograr Gunther e Siegfried, para recuperar, para seu pai - e para si -, o Anel e, por conseguinte, o poder sobre o mundo. -Alberich, portanto, exorta Hagen manter-se firme em tal propósito, que dará a ambos, pai e filho, o poder absoluto. Hagen assegura-lhe que terá êxito, ao que Alberich insiste, pedindo-lhe juramento de que assim fará. “Juro-o a mim mesmo”, responde o adormecido, “acalma-te!” Enquanto gradualmente sai de cena, Alberich reitera: “Se fiel, Hagen, meu filho; querido herói, sê fiel, sê fiel, fiel...”

Amanhece e chega Siegfried, alegre e animado por ter levado a cabo a conquista de Brünnhilde para Gunther; em tom de amistosa zombaria, desperta Hagen, que o saúda, e, louvando-lhe a rapidez, pergunta-lhe de onde está chegando. Siegfried diz que vem da rocha de Brünnhilde, dando a entender que tudo saiu a contento; pergunta por Gutrune, a quem Hagen chama. Ela vem, saudando seu herói, que, respondendo a suas sucessivas perguntas, narra, por alto, o sucesso do empreendimento a que se lançara. Conclui explicando que mantivera-se fiel a Gutrune, pelo limite colocado por sua espada entre ele e Brünnhilde, a qual entregara a Hagen, que não deve tardar a chegar com sua noiva. Gutrune louva-lhe o poder. Hagen distingue uma vela ao longe, no Reno, o que prenuncia a chegada do barco em que vem Gunther. Gutrune deixa a cargo de Hagen convocar os homens do reino e Siegfried dispõe-se a ajudá-la nos preparativos dos dois casamentos. Saem ambos de cena.

Hagen sobe a uma alta rocha e sopra fortemente um berrante, clamando pelos “homens de Gibich”. Brada como a convocar todos às armas, pois “há perigo”. Todos acorrem alvoroçados, querendo saber o que se passa, “Que inimigo se aproxima?” “Gunther corre perigo?”; Hagen, ainda em tom de alerta, informa a todos que Gunther acaba de conquistar uma esposa; os homens perguntam ainda sobre o perigo que estaria a ameaçar seu rei: “Vem inimigo atrás dele?” “A mulher traz consigo as suas próprias hostes?” As respostas de Hagen são cada vez mais tranquilizadoras, o que leva os homens a indagar por que, neste caso, devem eles prestar auxílio a Hagen, “que devem fazer?”. Hagen responde que devem sacrificar animais aos deuses, ao que eles interrogam o que farão depois disso. Hagen dá a conclusão: “Depois pegareis vossos copos e vossas mulheres os encherão de hidromel”; eles ainda não entenderam e insistem: “Que faremos com os copos nas mãos?” Hagen esclarece: “Tratareis de beber à vontade, até cairdes bêbedos, em honra aos deuses, que abençoem o casamento.” Percebendo, finalmente, que Hagen pregava-lhes uma peça, assustando-os com um perigo fictício, os homens caem na gargalhada e cantam à “grande prosperidade” que antevêm, pois lhes parece um bom presságio o fato de Hagen, o

carrancudo, ter sido capaz de brincar. O “carrancudo” exorta-os a irem receber os noivos, que chegam. O barco de Gunther se aproxima, enquanto os homens dão vivas e boas-vindas a seu rei. Em meio às aclamações que prosseguem, entra Gunther, que traz Brünnhilde, colocando-a entre os súbditos que aclamam, aos quais a apresenta como sua nova rainha, Brünnhilde, “a mais nobre das mulheres”; reiteram-se as efusivas saudações do povo, e, enquanto Brünnhilde, atordoada e infeliz, mantém o olhar baixo, Gunther cumprimenta o “caríssimo herói” Siegfried, anunciando em seguida os dois casamentos: ele próprio e Brünnhilde, Guttrune e Siegfried. Ao ouvir este nome, Brünnhilde sobressalta-se, erguendo o olhar e reconhecendo aquele que, segundo ela deduz, a atraíra. Não entende nem pode acreditar que Siegfried a chame de “esposa de Gunther” e não a reconheça. Percebe em sua mão o Anel, donde conclui que ele o roubara de Gunther, posto que “fôra Gunther” que lho tomara, no rochedo. Os homens ao redor ficam perplexos, murmurando interrogativamente “o que estará ocorrendo”. Hagen, cujo plano começa a surtir efeito, intervém, dizendo a todos que ouçam o que Brünnhilde tem a dizer. Estabelece-se uma plena confusão, onde nada pode ser entendido. Siegfried garante que não roubou o Anel e Gunther assegura que não o deu a Siegfried. Brünnhilde entende, portanto, que era Siegfried o disfarçado que lhe arrebatara a jóia. Ele nega, afirmando que aquele anel não provinha de mulher alguma, mas do dragão Fafner, a quem derrotara; Hagen faz-se advogado de Brünnhilde, pendendo para a acusação de Siegfried. Brünnhilde, no auge da revolta, exclama: “Traição! Fraude!” A confusão agrava-se, pois os presentes, homens e mulheres do reino, não conseguem compreender o que sucede. Brünnhilde dirige-se aos deuses, clamando por justiça; declara que Siegfried é seu marido, que a está traindo. Todos erguem voz a Siegfried, pedindo que ele se defenda; Siegfried inquire a todos, indagando quem apresentará sua arma, como firma de tal julgamento. Hagen dispõe a sua lança. Forma-se o círculo da assembléia e Siegfried profere as palavras rituais da solenidade, em defesa própria; a seguir Brünnhilde faz o mesmo, acusando-o. Todos rezam a Donner, para que lhes dê a decisão acertada. Siegfried dirige-se a Gunther reiterando sua inocência e fidelidade fraterna; dirigindo-se aos homens, dá-lhes ordem de dispersar, aconselhando-os a deixar de lado “essas coisas de mulher”; diz a Gunther que não faça caso do ocorrido, pois “mulher é assim mesmo: as fúrias femininas são fugazes e logo se acalmam”. Tornando a falar ao povo, convida todos à alegria e ao banquete. Com Guttrune, ele entra no palácio, seguido por todos, exceto Brünnhilde, Gunther e Hagen, que permanecem em cena.

A decepção de Brünnhilde é de extrema gravidade, a ponto de prostrá-la; assim está ela, confusa, num misto de mágoa e raiva, questionando consigo mesma como pudera ter-se dado aquilo tudo. Em sua amargura, ela comenta a ingratidão daquele a quem “tudo concedera”. Hagen dirige-se a ela, oferecendo-lhe amizade, prometendo vingá-la. Os três - a princípio somente Brünnhilde e Hagen, a seguir também Gunther - confabulam sobre a natureza dos fatos recém constatados e sobre como reparar as afrontas sofridas; Hagen sugere a punição mortal para Siegfried; Brünnhilde não vê como consumá-la, pois Siegfried é um herói invencível. Hagen pergunta a Brünnhilde se não haveria uma arma especial capaz de feri-lo; ela diz que ninguém o venceria em luta, mas que ele pode ser ferido, caso seja golpeado no dorso. Gunther, por sua vez, demonstra sua peculiar indecisão e falta de argúcia. Por fim Hagen convence-o de que ele fora ultrajado pelo irmão de sangue. Acabam todos concordando com a punição mortal para o traidor e o Segundo Ato conclui-se com os três cantando em conjunto um selvagem brado de vingança.

Num vale à margem do Reno, encontramos de novo Woglinde, Wellgunde e Floßhilde, as três ninfas do rio. Num tom agora resignado e sereno, elas cantam suas nostalgias pelos bons tempos em que a noite era luminosa, quando o Ouro brilhava nas águas. Siegfried, que está participando de uma caçada com Gunther, Hagen e outros Gibichungen, perdeu-se do grupo e vai dar

justamente ali. As três jovens o interpelam, iniciando-se uma conversa entre elas e Siegfried, na qual as ninfas sugerem-no que lhes entregue o Anel-cuja “identidade” elas conhecem-, em troca da informação do paradeiro do animal que ele perseguia. Ele se recusa, regateia; elas insistem, em tom de graça, chamando-o de sovina, acusação ante a qual Siegfried dispõe-se a entregar-lhes a jóia; mas elas têm a atitude inusitada de recusar a oferta: “Guarda este anel até conheceres a desdita que, com ele, estás criando para ti mesmo.” (Referem-se à maldição de Alberich, à qual Siegfried fôra imune, mas agora, provavelmente, não mais o seria, depois de ter-se envolvido com Gunther, Guttrune e Hagen e perdido a simplicidade de outrora, tornando-se vaidoso e dissimulado.) Ele quer saber do que elas falam; as três advertem-no sobre más coisas que estão para acontecer-lhe, revelam-lhe a origem do Anel, como foi forjado e amaldiçoado, de modo que há de trazer a morte a quem o possua, e, da mesma forma que Siegfried liquidou Fafner, será Siegfried liquidado, se não entrega a elas o Anel, para que o Ouro retorne a seu lugar de direito, nas profundezas do Reno. Siegfried repele suas advertências, ao que elas replicam, dizendo-lhe que a maldição do Anel está trançada no cordão das Nornas; mas Siegfried, fanfarrão, responde que sua poderosa espada, capaz romper uma lança (a lança de Wotan), muito mais facilmente cortará o cordão do destino. O próprio Fafner, ao morrer, lhe falara da tal maldição e nem assim ele aprendera a sentir medo. Continua a fanfarrar e as ninfas, cansadas dele, afastam-se, comentando: “Este herói tolo se julga tão forte e sábio e no entanto é cativo e cego. Firmou juramentos que não cumpre; conheceu runas às quais não respeita” E profetizam: “Hoje mesmo uma altiva mulher herdará de ti o Anel.” Nadando, as ninfas se afastam. Siegfried, sozinho, volta a jactar-se de conhecer a “espécie feminina”. Ouve-se, ao longe, o tênue canto das três ninfas. A seguir, toques de trompa de caça, aproximando-se.

Hagen e homens de Gibich clamam por Siegfried, que responde aos apelos. Chegam Hagen, Gunther e os outros; dispõem-se a fazer por ali uma pausa e um repasto. Conversam animadamente Hagen e Siegfried; só Gunther está visivelmente sombrio. Siegfried faz troça dele, pretendendo ser amigável e oferece-se para narrar ocorrências de seus velhos tempos, perguntando a Gunther, seu “atormentado amigo”, se tal lhe daria algum ânimo. Gunther diz que terá prazer em ouvi-lo e Hagen o incentiva a começar. Siegfried conta sua história desde os tempos em que vivia em companhia de Mime, o “gnomo ranzinza”, que depois o atraíçoa, planejando matá-lo, para ficar com o tesouro e o anel que pertenciam, então, a Fafner. Menciona as advertências do pássaro, cujo idioma ele pudera entender ao provar, involuntariamente, do sangue do dragão. Perguntam-lhe todos se ele punira Mime, ao que Siegfried continua a história, até o ponto em que dera cabo do hipócrita. Ao que lhe pedem para prosseguir, Hagen oferece-lhe uma bebida “para refrescar-lhe a memória”. (Esta beberagem tem o poder inverso da outra, que lhe pusera caído de amores por Guttrune.) Siegfried dá prosseguimento à narrativa, passando pelo último conselho do pássaro, de procurar Brünnhilde no rochedo; Hagen o incita a prosseguir e ele conclui a história, até sua chegada ao cume e a consumação de seu enlace com a ex-valquíria. Gunther sobressalta-se, não tendo mais dúvidas sobre a “traição” de Siegfried. Surgem dois corvos que volteiam seu vôo sobre Siegfried e seguem em direção ao Reno. Hagen, ferino, pergunta-lhe se ele pode entender também aquelas duas aves; Siegfried fica a olhá-los. É a oportunidade que Hagen esperava e a aproveita. Com sua lança, golpeia Siegfried mortalmente no dorso. Gunther e alguns dos presentes reagem, alarmados, ante o ato de Hagen: “Hagen! Que fizeste?!” “Puni um perjúrio!”, ele responde. Siegfried, agonizante, lembra-se de Brünnhilde, cantando em seu louvor e morre a saudá-la. Já é noite e Gunther, com um gesto, ordena aos homens que ergam o cadáver de Siegfried, que é carregado, em cortejo fúnebre.

Desde o final da cena anterior e durante a mudança para esta, ouvimos a solene passagem orquestral conhecida como “A Marcha Fúnebre de Siegfried”. O cortejo segue em direção a um rochedo, até ser totalmente oculto pela névoa, que se adensa. À medida que dispersa-se a neblina, passamos a ver novamente a Grande Sala dos Gibichungen. Brünnhilde está dormindo, num aposento fora da cena e Guttrune aguarda, ansiosa, a volta dos homens. Ouve-se o clamor de Hagen, ordenando que todos despertem e que se acendam as luzes. Ao chegar, diz a Guttrune que saúde seu “homem morto”, alegando que um javali o abatera; Guttrune emite um grito de desespero e abala-se sobre o defunto. Gunther tenta falar com a irmã, mas esta o repele com desprezo, acusando-o de ser o assassino de Siegfried; Gunther aponta Hagen: “É ele o ‘javalí’!” Hagen assume: “Sim, fui eu que o matei, com minha lança, junto à qual ele proferiu perjúrio!” E reivindica a posse do Anel, por direito. Gunther o afasta, alegando que o Anel veio a ele, Gunther. Eles altercam: Hagen solicita o julgamento da questão, pelos homens presentes; Gunther replica, dando a entender que o Anel é “herança de Guttrune”. Os dois lutam, Hagen acaba por matar Gunther e quando já vai buscar o anel à mão de Siegfried, ergue-se o braço do morto, aterrando a todos. Brünnhilde intervém. Ordena que todos se calem e anuncia que ela, a verdadeira mulher de Siegfried, está vindo para vingá-lo. Guttrune tenta rebatê-la, ao que Brünnhilde a faz ver que nada tem ela a falar naquele momento, pois nada mais fôra para Siegfried que uma concubina: sua mulher de fato é ela: Brünnhilde. Guttrune amaldiçoa Hagen, por ter engendrado todo aquele plano, que só veio a trazer desgraça, pois, agora ela sabe, Brünnhilde era a amada autêntica de Siegfried. Após momentos de silêncio, Brünnhilde ordena que sejam empilhadas toras de madeira junto à margem do Reno, para que se faça uma grande fogueira que consumirá o corpo do herói; manda trazer também Grane, o nobre cavalo, que deve acompanhar seu senhor. Ela discursa, louvando Siegfried, o qual, não obstante a enganasse, fora fiel. “Sincero como ele, nenhum outro prestou juramento; leal como ele, nenhum outro tomou pacto; puro como ele, nenhum outro amou. E, no entanto, nenhum outro traiu como ele todo juramento, todo pacto e o mais fiel amor!” (Embora saibamos que Siegfried fôra logrado por Hagen, está claro que perdera a dignidade, por conta das adulações que sua fama de herói lhe angariava, envaidecendo-se, transformando-se de um espírito juvenil ardoroso num homem fútil, que, em todo caso, continuava ingênuo, tornando-se presa fácil de qualquer inimigo astuto. Parece que Wagner pretendeu, com Siegfried, mostrar o que chamaríamos, talvez, “a decadência de um puro”, ou seja, o valor, não respaldado pelo conhecimento, sendo dissipado pelo contágio da egolatria, que o contacto com os medíocres pode incutir num ente genial, porém simplório. Sob este ponto de visão, Siegfried lembra um tanto Parsifal, observando-se, é claro, as muitas e evidentes diferenças, sobretudo a mais nítida: Siegfried cai; Parsifal vence.) Brünnhilde eleva uma prece aos deuses-“Ó vós, sagrados guardiães dos juramentos!” (“O ihr, der Eide heilige Hüter!”)-, manifestando seu lamento pelo destino a que chegavam os fatos. Dirige-se a Wotan, mencionando o murmúrio de seus corvos mensageiros, levando-lhe uma notícia assustadora. Wotan pode repousar, agora que tudo foi consumado: “Descansa, descansa, ó deus!” (“Ruhe, ruhe, du Gott!”) Amaldiçoa o Anel, e, dirigindo-se às ninfas Filhas do Reno, fala-lhes respeitosamente, avisando que lhes devolverá o Ouro. Caminha até a pilha de achas, atea fogo; diz aos corvos que voltem para casa, a dar notícia a seu amo (Wotan) de tudo que ela ouvira pelas margens do Reno, e, que ao passar pelo rochedo onde ela vivera, digam a Loge que pode ir embora para o Walhalla. “Está chegando o fim dos deuses.” Atira uma tocha sobre um monte de lenha, cujo fogo eleva-se; dois corvos voam sobre a margem do rio. Brünnhilde saúda Grane, que parte com seu amo; a seguir ela própria o monta, e, saudando Siegfried, precipita-se com o cavalo às chamas. O fogo intensifica-se e depois ameniza-se, adquirindo um aspecto de bruma, quando as águas do Reno avolumam-se e sobre as ondas surgem as ninfas do rio. Ao vê-las, Hagen lança-

se ao rio, gritando: “Afastai-vos do Anel!” (“Zurück von Ring!”) Woglinde e Wellgunde subjugam-no com os braços, afundando-o nas águas. Floßhilde aparece a empunhar, radiante, o Anel recuperado. As três seguem, felizes, à sua morada aquática. Desmorona-se o palácio de Gibich, e, ao longe, surge o Walhalla, em cujo interior são vistos os deuses, em assembléia. O fogo invade a Sala dos Deuses, que é totalmente coberta pelas chamas. Cai o pano, encerrando a TETRALOGIA.

Protocolo eletrônico da mensagem de autorização solicitada e aceita.

Received: by 10.35.20.6 with HTTP; Tue, 15 May 2007 17:53:21 -0700 (PDT)
Message-ID: <57ea18b40705151753m7ec854edoda160ccb6c63e075@mail.gmail.com>
Date: Tue, 15 May 2007 21:53:21 -0300
From: "Adriana Dias" <dias.adriana@gmail.com>
To: gurnemanzbr@yahoo.com.br
Subject: Obra do anel de Wagner
MIME-Version: 1.0
Content-Type: text/plain; charset=ISO-8859-1; format=flowed
Content-Transfer-Encoding: quoted-printable
Content-Disposition: inline
Delivered-To: dias.adriana@gmail.com

Obra do anel de Wagner

Gostaria de citar o texto que você disponibilizou como fonte em minha dissertação de Mestrado.
Colocaria a tradução oferecida por vocês como anexo no final da dissertação e divulgaria o endereço do site para acesso. É possível?

Adriana Dias
Mestranda em Antropologia Social (UNICAMP)

Luiz Costa de Lucca Silva para mim

Prezada Adriana;

Sem problemas. Autorização concedida.

Abraços

L. de Lucca